

CONEXÕES ET ATRAVÉS DE OLHOS ALIENÍGENAS



Wesley H. Bateman, Telepata da Federação
WESLEY H. BATEMAN - 3101 BROADWAY - LAS VEGAS, NV 89115

Índice

<i>Introdução</i>	3
<i>SHARMARIE - UM MARCIANO</i>	4
<i>TROME - UM SATURNIANO</i>	20
<i>CHURMAY - UMA VENUSIANA</i>	39
<i>THALER - UM NETUNIANO</i>	54
<i>JAFFER BEN-ROB DA TERRA</i>	69
<i>NISOR DE MOOR</i>	91
<i>TIXER-CHOCK DE GRACYEA</i>	112
<i>DOY, UMA MULHER DE MALDEC</i>	144
<i>Comentários Finais</i>	169
<i>Comentários do “montador” deste livro</i>	170

Introdução

Este artigo e os que estão planejados para vir depois dele relatarão as visões pessoais de muitos tipos diferentes de extraterrestres com respeito ao estado do sistema solar local e ao estado da Terra. Além disso, cada indivíduo descreverá a si próprio e como sua cultura em particular se relaciona com o universo em geral, e como seu povo, como cultura, deseja ver as condições universais para a vida humana no futuro.

Pelo menos um membro de cada uma das culturas a seguir, nativas do sistema solar, concordaram em fornecer suas visões nesta série: Vênus, Marte, Maldek, Júpiter (radiar Relt), Saturno (radiar Sumer) e Netuno (radiar Trake). Os seres de Urano (radiar Hamp) respeitosamente declinaram participar. Além disso, uma pessoa fisicamente nativa da Terra, que vive atualmente fora do planeta, participará. Finalmente, uma pessoa que não pertence a este sistema solar descreverá a si mesma, a versão geral da Federação de como são as coisas, e quais são as esperanças dessa instituição para o futuro.

Pedi para esses extraterrestres que contassem algumas passagens mais interessantes de qualquer uma de suas vidas passadas, e em especial das vidas que possam ter vivido no planeta Terra. Também solicitei que descrevessem sua vida presente e que depois descrevessem seu governo, sua economia e religião. Depois que esses assuntos forem tratados, será a vez dos temas mencionados anteriormente.

Como as descrições desses extraterrestres serão transcritas por escrito quando for conveniente para todas as partes envolvidas, é difícil prever em que ordem elas serão concluídas para publicação.

SHARMARIE - UM MARCIANO

“Somos o produto de milhões de anos de vidas. O que sabemos daqueles tempos determina quais emoções misturamos com nossos pensamentos e energiza os símbolos de nossos sonhos. Nossas experiências pessoais de vidas passadas fazem com que sejamos diferentes assim como os flocos de neve são diferentes uns dos outros. Devo então dizer isto: como você solicitou as visões de muitos seres, pode contar que ouvirá a mesma melodia quando eles cantarem sua canção, embora as letras de algumas nem sempre rimem com as que são entoadas por outras vozes do coro.

Sou Sangelbo de Temcain.”

Em minha primeira vida humana, meus pais eram pastores da tribo nômade Shem. Minha mãe, Scenra, era a única companheira de alma de meu pai, Ari-lionent, embora o costume do El do meu mundo seja de uma a sete companheiras de alma para cada homem. Meu pai foi morto durante um embate com a tribo habitante das montanhas de meu mundo, a qual chamávamos naquela época de Burrs. Minha mãe tornou-se, assim, uma viúva muito jovem, com cerca de 23 anos terrestres. Sua beleza física e estado civil atraíram a atenção de um dos vários senhores da guerra (Bar-Rexes) com os quais tínhamos de lutar naqueles dias. Minha mãe acabou por se tornar parte da família daquele canalha, e me deram à irmã de meu pai, Tee-robra, para ser criado em meio a seus quatorze filhos. Tia Tee-robra não era fisicamente atraente e não tinha companheiro permanente, mas conhecia e ensinava os métodos de tecelagem e fabricação de tendas finas, bem como as artes da guerra a seus filhos e a muitas outras pessoas que a procuravam.

Nossas perambulações eram governadas pela relva que crescia às margens dos cursos de água alimentados pelo derretimento sazonal das calotas polares e pelas pesadas nevascas de inverno que caíam nas montanhas.

Era necessário cerca de três meses terrestres para conduzir nossos rebanhos de carneiros (quase duas vezes maiores do que qualquer raça encontrada na Terra hoje), cabras, burros e camelos (do tipo dromedário, de uma corcova) para os pontos de travessia que nos permitiam transpor os cursos de água e inverter a direção em que viajávamos. Os que fossem pegos atravessando cursos de água fora do ponto autorizado pelo Bar-Rex local podiam esperar a morte ou a escravidão pelo resto da vida.

Duas vezes por ano, as viagens para o sul de minha tribo nos levavam a uma dessas pontes autorizadas que atravessava um curso de água; a que estávamos atravessando era a hi, ou fortaleza, do Bar-Rex que era o protetor de minha mãe naquela época. Tivemos de batalhar contra outro Bar-Rex no fim de nossa viagem para o sul. Nessas ocasiões, a tribo pagava taxas, e os homens jovens eram considerados possíveis candidatos ao serviço militar. Nem sei quantas vezes a influência de minha mãe me salvou de ser selecionado quando cruzei a hi do norte.

Como nasci quando a tribo estava viajando para o sul, usei um cordão de contas vermelhas no pescoço até a idade de mais ou menos cinco anos terrestres; a partir de então, as contas foram substituídas por urna tatuagem no ombro direito representando um círculo com um ponto em sua circunferência, indicando o ponto em nosso itinerário de viagem no qual eu nasci. A criança que nascesse durante uma viagem para o norte usava contas brancas até a idade de cinco anos e então recebia o mesmo tipo de tatuagem no ombro esquerdo. Por acordo mútuo, o Bar-Rex da hi do sul poderia reivindicar somente quem tivesse tatuagem no ombro direito para executar qualquer forma de serviço físico, enquanto o Bar-Rex do norte podia reivindicar apenas os que tivessem tatuagem no ombro esquerdo.

A hi do norte era um ponto onde se reuniam seis vias fluviais, ao passo que na hi do sul se juntavam apenas três vias fluviais. Isso significava que o Bar-Rex da hi do norte tinha seis tribos sob seu poder. Ele era um velho guerreiro rude que andava no meio do povo, trocando histórias obscenas. Eu gostava dele e de seu filho mais velho, que ele chamava de seu “chicote,” e tinha inveja de quem usava contas brancas, pois algum dia estaria a seu serviço.

Afastei-me da tribo durante dois anos e fiquei algum tempo nas colinas, evitando as patrulhas militares do sul e visitando de vez em quando as jovens das tribos Burr. Os Burrs pagavam tributos a inúmeros Bar-Rexes na forma de cereais, frutas e artigos manufaturados de metal. Isso os livrava do serviço militar, mas não impedia que seus jovens roubassem os rebanhos da tribo Shem quando lhes dava na cabeça. Meu pai foi morto numa dessas incursões dos Burrs.

As patrulhas militares descobriram, por intermédio dos pais contrariados de várias de minhas namoradas, que havia um Shem desgarrado andando no meio deles de vez em quando. Não dá para confiar no silêncio de uma Burr. Voltei para a tribo e em virtude da intercessão de minha mãe, escapei de qualquer castigo devido à minha ausência de mais de dois anos.

Minha mãe deu à luz uma filha do Cap-tonelarber, o Bar-Rex da hi do sul, uma verdadeira princesa que foi chamada de Wren-Shanna. Tempos depois, eu e Wren-Shanna nos tornamos grandes amigos, e recentemente, em nossa vida atual, visitamos o local do primeiro nascimento dela. Vestidos com roupas protetoras, ficamos entre as antigas ruínas quase irreconhecíveis da fortaleza do pai de Wren-Shanna. Enquanto uma tempestade de areia violenta rugia a nosso redor, recordamo-nos das coisas boas daquele tempo.

Minha mãe conseguiu, com seu sacrifício, que eu desfrutasse várias temporadas preciosas, que gastei sob a tutela de So-Socrey, um curandeiro tribal de grande sabedoria. Era um bom amigo de tia Tee-robra e provavelmente a única pessoa no universo que conseguia beber mais do que ela. Foi com ele que me escondi nas colinas até finalmente voltar para a tribo durante a jornada para o sul. Foi também ele quem me ensinou os valores medicinais das plantas e o que sabia dos métodos dos elohins, como orar pedindo sua assistência mágica e quando era conveniente fazê-lo. Certa vez, So-Socrey testou meu conhecimento do que me ensinara me descendo num poço cheio de cobras venenosas para colher bulbos de uma planta do tipo do cactus. Consegui levar os bulbos e sobrevivi, tornando-me uno com a realidade das serpentes em seu nível de vida universal. Depois ele fez um chá dos bulbos e o tomou. Então, ficou muito alterado e passou a fazer uma demonstração de como conseguia urinar na cor que bem quisesse. Quando ele produziu uma corrente infinita de fogo, percebi que ainda tinha muito a aprender. Atualmente, consigo duplicar as mudanças de cores (amarelo é fácil), mas nunca encontrei a coragem necessária para tentar duplicar o rio infinito de fogo de meu mentor.

Chegou o dia em que o Tane (o supervisor militar) do Bar-Rex e dois de seus novos recrutas começaram a me procurar durante uma travessia da hi. Ele deveria ter trazido todo seu exército. Coloquei em prática os ensinamentos de tia Tee-robra e de So-Socrey e estropeiei fisicamente meus indesejáveis futuros amos. Depois de vários dias sendo perseguido por toda a região da hi, acabei por ser vencido pelo número - e por um apelo de minha mãe para me entregar e parar de ferir outros perseguidores que, em alguns casos, haviam sido meus companheiros de brincadeiras em outros tempos.

Eu era considerado um solitário e fazia muito poucos amigos. Era também considerado um pouco louco e perigoso. Fui incumbido de juntar-me a uma patrulha de camelos que viajava para o norte para ficar de olho nos rebanhos que atravessavam o curso de água na direção sul, rumo à hi de meu amo. Foi durante essa época que alguns de meus camaradas de armas e eu aprendemos com um velho veterano a nadar. Ansiávamos pela comida, pelas histórias contadas ao redor da fogueira do acampamento e pela companhia feminina que o outro lado da via fluvial nos oferecia de bom grado.

A Terra, quando ficava mais próxima de Marte, parecia um pouco maior do que uma lua cheia avistada da Terra. Quando sua órbita se aproximava mais de Marte, o planeta Vênus parecia ter um quinto do tamanho da Lua vista pelo mesmo ângulo. Os radiars, que naquela época funcionavam plenamente, conhecidos de vocês como os planetas Júpiter, Saturno, Urano e Netuno refulgiam no céu noturno. Sob as estrelas e a luz derramada pelos corpos planetários de nosso sistema solar, os membros da patrulha sentavam-se em nosso acampamento e especulavam sobre a existência de alguma forma de vida em outro lugar do universo. (Não consigo deixar de contar uma mentirinha e dizer que tínhamos certeza de que a Terra era habitada por homenzinhos verdes e mulheres púrpuras gigantes.) Alguns de meus camaradas enumeravam antigas lendas e histórias e se recordavam de sangrentas escaramuças com soldados de outras fortalezas que haviam se aventurado a ir longe demais em nosso território, ou quando uma patrulha de nossa hi natal entrou na jurisdição de outro Bar-Rex. Havia também narrativas de guerras de grandes proporções acontecidas entre os Bar-Rexes, e que haviam determinado o atual status dos vários senhores.

Entre as histórias, havia uma que falava da existência de misteriosos gigantes com máscaras prateadas, vestidos de púrpura que velejavam, em trenós para areia, nas areias vítreas que se iniciavam a muitos quilômetros das estradas cobertas de relva. Mesmo os mais corajosos Bar-Rexes temiam um encontro com esses gigantes que se dizia viver nas vertentes da montanha sagrada chamada Darren. (Essa montanha vulcânica é chamada Monte Olimpo pelos habitantes da Terra atual.) A representação dessa montanha com dois raios ao fundo é o emblema que identifica nossas espaçonaves e outras coisas que necessitam de tal identificação.

RANCER-CARR, O ZONE-REX

Desde tempos muito antigos, uma pessoa muito especial ocasionalmente se manifesta com grande autoridade espiritual, que alguns Bar-Rexes obedecem de boa vontade e outros são forçados a obedecer. Tal pessoa se chama

um Zone-Rex.

Em minha primeira vida, essa pessoa, na forma de um jovem que era filho de um mineiro de cobre Shem (profissão exercida com licença especial) recebeu ordens dos gigantes de máscara prateada de governar e guiar espiritualmente todos os que viviam sobre nosso mundo. Esse homem vive hoje e tem o nome de Rancer-Carr. Nunca encontrei ou vi Rancer-Carr em minha primeira vida. Mal sabia eu em minha primeira vida que formaríamos um relacionamento nesta vida atual, pois em Marte vivi apenas aquela primeira vida. Cada vida depois dessa (e houve muitas) foram passadas nos confins da Barreira de Frequência do planeta Terra. Embora atualmente Marte seja inóspito à vida sem a utilização de equipamentos artificiais de sustentação de vida, fico muito feliz em poder visitar meu mundo natal sempre que posso.

Minha vida mudou depois que ganhei de presente de minha mãe uma bela armadura de couro de cor vermelho-sangue. Ela me rendeu um número considerável de comentários invejosos e zombarias de alguns de meus camaradas, então decidi não usá-la na presença deles. Eu vestiria a armadura quando voltasse para a fortaleza, assim minha mãe ficaria contente. Uma vez, dei por falta de minha armadura e fiquei furioso. Procurei o homem que eu suspeitava ter roubado minha propriedade e lutamos até que ele acabou morrendo. Só mais tarde descobri que ele tinha tirado a armadura para me pregar uma peça. Fui colocado a ferros, aprisionado e depois sentenciado à morte.

Certa manhã, fui levado à presença do Bar-Rex e de minha mãe. Também faziam parte do grupo três estranhos homens de cabelos brancos vestindo roupas idênticas feitas não de lã, e sim de um material com um tipo de trama que eu nunca vira. As palavras que eles disseram uns aos outros soavam estranhas. Um se aproximou de mim e tocou minha testa com uma vara cintilante e tudo ficou preto.

Despertei com uma grande dor de cabeça, em meio a centenas de personagens esquisitos que, para mim, pareciam na maior parte serem pequenos como crianças. Eu não conseguia entender o que estavam falando e em alguns casos eles não conseguiam entender uns aos outros. Parecíamos estar em uma caverna em meio a caixas de metal, e as paredes emitiam uma suave luz estranha. Os homens de cabelos brancos nos deram água e uma comida que eu nunca provara. Depois de certo tempo, aprendi a gostar da comida e ficava esperando que fosse distribuída.

Pouco a pouco, passou a haver comunicação entre os diferentes tipos de “baixotes,” e consegui entender o fato de que ninguém sabia onde estávamos ou o que estava nos acontecendo. Perdemos a noção do tempo.

MEU AMIGO 63-92

De vez em quando, eu reparava num homem, mais alto do que os baixotes mas não tão alto quanto eu, andando no meio da multidão. Ele usava uma veste branca de lã esfarrapada e manchada e carregava uma cabaça negra com estranhos símbolos brancos grosseiramente pintados. Descobri mais tarde que esses símbolos representavam os números 63-92.

Sentado apoiado numa parede, sentia-me triste e ansiava por estar novamente com as pessoas de minha tribo. Coloquei as mãos no rosto para esconder minhas emoções dos que estavam ao meu redor e chorei. Enquanto chorava, senti alguém tocar o alto de minha cabeça e dizer o meu nome. Olhei para cima e vi diante de mim o homem que, daquele momento em diante, eu chamaria apenas de 63-92. Ele me estendeu a cabaça, da qual nada bebi além de ar. Embora seus lábios não se movessem, ouvi-o dizer: “Que gosto você quer que tenha?” Lembrei-me de uma bebida alcoólica suave muito popular em meu mundo natal e imediatamente minha boca começou a se encher magicamente dela, até que engoli o líquido, então a manifestação cessou.

Coloquei as pontas dos dedos nos olhos para saudar esse mago da mesma forma que saudaria alguém como meu professor So-Socrey. Perguntei como ele sabia meu nome e como conseguia falar comigo sem mexer os lábios. Ele replicou: “Os Els sabem os nomes de todos, e foram eles que me contaram seu nome. Falo com você em sua mente. Comunicar-se desse modo é uma capacidade que você acabará por adquirir depois de chegar a seu destino. Não é assim tão difícil se comunicar dessa forma. Algumas das pessoas que estão agora a seu redor, que você chama de baixotes, podem se comunicar facilmente dessa maneira umas com as outras.”

Perguntei fisicamente: “Quem são os Els? Quando serei libertado de meu encarceramento para poder viajar ao destino do qual você fala?” 63-92 repeliu minhas perguntas com um gesto e foi-se embora, desaparecendo na multidão.

Em certo momento durante minha prisão, as paredes de meu cárcere começaram a zumbir e a produzir um som agudo que nos sobressaltava e despertava os que estivessem dormindo naquela hora. Uma das paredes começou a se deslocar e se dobrou dos dois lados, formando uma abertura pela qual eu conseguia ver um panorama maravilhoso. Construções altas e objetos prateados cintilavam à luz do Sol e pareciam flutuar como penas ao vento ou se deslocar rapidamente pelo céu. Pode-se dizer que testemunhei o que foi para mim, na época, um céu repleto de UFOs. Parados numa rampa inclinada para baixo, havia vários daqueles homens de cabelos brancos fazendo-nos sinais para sairmos. Enquanto descia pela rampa, voltei-me para olhar o lugar onde estivera preso. Parecia uma

grande casa circular (maior do que qualquer casa que eu já vira), coberta por listas horizontais de cores alternadas: vermelho, branco e negro. Por inúmeras janelas circulares pude ver homens de cabelos brancos olhando para o que era obviamente seu mundo natal.

De repente, 63-92 estava na minha frente. Ele me instruiu mentalmente a não ir para a esquerda com os outros, e em vez disso ir para a direita e ignorar quem tentasse me dizer outra coisa. Meu instrutor então desapareceu diante de meus olhos.

Ao virar para a direita, entrei num mercado cheio de bancas e vendedores de todos os tipos possíveis (a maioria vendia verduras). Fui atraído na direção de um vendedor de flores que desprendiam um aroma maravilhoso que está além de minha capacidade de descrição. A meu redor vi outras pessoas trocando um tipo de dinheiro para fazer suas compras. Embora eu não tivesse esse dinheiro, o vendedor me deu uma grande flor amarela e me enxotou de sua barraca com um sorriso. Em cada banca ou loja, davam-me até aquilo pelo qual eu sentia apenas um ligeiro interesse mental, então me orientavam a ir embora. Logo fiquei sobrecarregado com meus presentes e me sentei, colocando-os em volta de mim. Em pouco tempo, as pessoas vinham a mim e apontavam para um ou mais de meus artigos, entregando-me vários discos-dinheiro de várias cores (como as fichas plásticas para jogar pôquer). Esses discos me fizeram muito bem: ninguém os tirava de mim, e sim preferiam me dar o que eu bem quisesse sem eu ter de pagar. Que mundo!

Minhas viagens acabaram por me levar a uma padaria grande que vendia pães, bolos e tortas de tipos que nenhum Bar-Rex do meu mundo natal poderia ordenar que fosse colocado diante dele. Na padaria serviam mulheres e meninas agradáveis e roliças que me orientaram, com gestos das mãos, a me sentar no chão num canto (todas as cadeiras eram pequenas demais para eu me sentar). Elas me trouxeram tudo o que eu desejava, até que não consegui comer mais nada. Uma senhora elegantemente vestida usando anéis cintilantes desceu as escadas e mentalmente me pediu para que me fosse. Não discuti com ela.

A noite parecia não chegar nunca nesse mundo. Houve um breve período de crepúsculo de aproximadamente 29 horas terrestres, seguido de um clareamento gradual do céu. Experimentei me queimar de Sol pela primeira vez na vida. Um vendedor de rua, vendo isso, deu-me um vidro grande de loção. Pensei que eu devia beber a coisa, até que meu benfeitor meneou a cabeça fazendo o movimento universal que representa não, fazendo uma mímica de como eu deveria aplicar topicamente a loção na pele. Também ganhei um chapéu de abas largas.

Durante o terceiro crepúsculo depois de minha chegada ao planeta Nodia, instalei-me num local onde todos pareciam estar comemorando. Podia-se comprar bebidas que causavam euforia, mas meu copo era enchido continuamente sem eu pagar nada.

Vi dois homens (não nodianos) serem assassinados. Os corpos dos mortos tiveram suas roupas e outros pertences tirados e foram levados para outro lugar. Logo depois, um grupo de homens e mulheres se aproximou de mim (não eram deste mundo) e mentalmente me ofereceram uma grande soma de dinheiro para eu matar o assassino, que estava sentado a uma mesa perto dali e continuava a beber corno se não tivesse feito nada de errado. Mentalmente recusei e também recusei a oferta de protegê-los contra qualquer futura injúria física que os homens violentos que também residiam no planeta pudessem lhes causar.

Despertei do torpor causado pela bebida, encontrando-me novamente encarcerado num poço coberto por grades de metal. Meus inúmeros companheiros de cela formavam um grupo deplorável de vários tipos de outros mundos. Seus gemidos, gritos, lamentos e conversas altas eram ensurdecadores. O lugar fedia, e percebi que provavelmente eu era um dos que mais contribuía para o mau cheiro.

As grades que cobriam o poço foram levantadas e o lugar aos poucos ficou silencioso. Parados à beira do poço, olhando para seu conteúdo humano, havia três homens de cabelos brancos e várias pessoas de outro mundo acompanhando-os. Um dos homens de cabelos brancos era jovem (da minha idade, uns 19 anos terrestres). O jovem de cabelos brancos (nodiano) vestia uma camisa bege lisa e larga e calças da mesma cor caindo frouxas até os tornozelos. De pé a seu lado, para minha surpresa, havia outro marciano com uma criatura parecida com um macaco no ombro. O marciano falou comigo no idioma de minha tribo:

“Aquele ao lado do qual estou oferece a você a liberdade se você o servir para o resto de sua vida e aceitá-lo como seu único deus.” Pensei mentalmente, esse camarada é mesmo um bobo convencido. Também cogitei mentir para conseguir minha liberdade. O cabeça-branca jovem me chamou em voz alta em meu idioma nativo: “Você não está muito enganado a respeito de quanto me julgo importante. Venha se unir a nós, marciano. Sou Reyatis Cre’ator.”

Abaixaram uma escada e eu subi por ela para a luz do sol-estrela Sost, e para o início de uma vida nova e muito emocionante. Trocaram dinheiro com um grupo de carcereiros e meus companheiros de cela subiram a escada e se dispersaram em direções diferentes.

Sem dizer outra palavra, o marciano nos deixou. A medida que andávamos, o aroma de pão quente enchia o ar. Logo chegamos a um de meus lugares preferidos do planeta Nodia: a padaria onde, em outro tempo, eu fora generosamente alimentado. Não entramos na padaria, em vez disso, fomos para os fundos do prédio e subimos uma

escada comprida até o quinto e último andar. Atrás de uma porta lisa havia quartos grandes decorados com mobília e obras de arte lindas de se ver. Esses alojamentos eram ocupados por poucos nodianos e vários tipos de pessoas de outros mundos. Havia elevadores que iam até o subsolo, onde havia corredores e quartos intermináveis cheios de nodianos fazendo uma coisa ou outra com uma mão enquanto comiam um pedaço de pão quente com a outra.

Todos pareciam receber ordens de um homem ruivo de pele clara chamado Rick-Charkels e sua companheira Orja. Deram-me um colchão de palha e Rick-Charkels me disse que eu deveria dormir em uma das sacadas. Depois de eu relutantemente tomar banho, deram-me roupas novas que eram uma réplica perfeita daquela que estivera vestindo desde minha chegada no planeta Nodia. Certa manhã, encontrei nos pés do meu colchão a armadura vermelha que fora responsável por meu exílio neste lugar de maravilhas e perigos sutis.

Raramente permitiam que eu entrasse nos alojamentos e apenas o fazia para chegar às escadas que levavam para a rua. Saía de meu alojamento para acompanhar Rick-Charkels, Orja e sua equipe de cozinha quando faziam suas compras. Meu objetivo e o da equipe era carregar o saque. Uso o termo “saque” porque os vendedores não aceitavam pagamento pelos seus produtos e mercadorias, e respondiam como se estivessem ofendidos se oferecessem pagamento.

Comecei a aprender com facilidade o idioma nodiano, mas descobri que sua forma de comunicação telepática era frustrante devido a minha falta de conhecimento de tantos assuntos que exigiam pensamento abstrato.

Certa vez, ao crepúsculo, fui visitado por Rhore, o Marciano, que falara comigo no dia em que fui libertado do poço por meu benfeitor nodiano. No início, Rhore tinha acesso aos meus aposentos atravessando os telhados dos edifícios adjacentes e pulando na sacada de uma distância considerável. Nas visitas posteriores, usou uma escada como ponte, guardando-a no telhado vizinho até precisar dela.

Rhore era shem, embora não pertencesse a meu grupo. Ele calculou que estava no planeta Nodia havia quase onze anos terrestres. Era livre para ir e vir como bem entendesse e decidiu viver a cerca de 56 quilômetros, numa floresta povoada por inúmeros tipos diferentes de animais. Ele se locomovia numa motoneta que voava a aproximadamente um metro e meio do chão, mas não alcançava a altura dos telhados.

Certa vez, Rhore apontou uma estrela brilhante no céu, que era, na verdade, o sol que proporcionava luz e calor a nosso mundo natal. Ele me disse que seriam necessários cerca de 16 dias para o “barco estelar” nodiano chegar a nosso mundo natal. Disse que um dia gostaria de visitar Marte para arranjar uma companheira ou duas, mas não para viver lá permanentemente. Fiquei consternado com sua afirmação e perguntei-lhe por que se sentia assim. Ele disse: “Por que viver entre os ignorantes quando se pode viver entre os sábios?”

Muitas vezes, ao cair da noite, eu subia na garupa da motoneta de Rhore e viajávamos para seu lar na floresta e para outros locais de grande beleza natural. Também visitávamos os lugares onde os barcos estelares eram construídos e onde existiam colônias de trabalhadores de outros mundos. Essas excursões e infundáveis conversas com Rhore me ajudaram a entender melhor meu novo lar e me incutiram o forte desejo de aprender o possível sobre tudo o que estivesse a meu alcance.

Com Rhore fiquei sabendo que meu benfeitor, Reyatis Cre’ator, era na realidade um tipo diferente de Bar-Rex. O mistério dos vendedores generosos foi esclarecido quando Rhore explicou que eles eram, na verdade, sócios de negócios de Cre’ator. Todo o sistema dos empreendimentos comerciais de Cre’ator mantinha-se coeso pelo que se poderia chamar o princípio do Chefão: ele fazia a seus sócios ofertas irrecusáveis. Cre’ator, por vários motivos compreensíveis, mantinha uma imagem pública muito discreta. Já em sua juventude, ele tivera cinco filhos: dois meninos e duas meninas com uma mulher que vivia em outro planeta no mesmo sistema solar, e uma filha com uma bela nodiana que também estava ausente da casa durante o primeiro ano, mais ou menos, de meu serviço. No dia em que ela chegou com a filha ruiva (nodianos ruivos são muito raros), minha vida deu outra reviravolta importante.

Fui incumbido, juntamente com um número considerável de guarda-costas, de acompanhá-la às compras que, de vez em quando, estendiam-se por todo o mundo e também pelos planetas próximos. Ela se esquivava da segurança, aventurando-se em lugares que faziam seus guardas nodianos mais corajosos se encolher. No início, minha tarefa parecia se resumir em carregar sua filha nas costas ou nos ombros sempre que a criança me chutasse as pernas. Com o passar do tempo, descobri que eu poderia delegar essa tarefa a qualquer um dos outros guardas do séquito. Logo depois, percebi que eu era o comandante deles. Foi uma revelação espantosa. Eu fora eleito para o cargo por meus companheiros soldados numa votação secreta.

Embora a Senhora Cre’ator ignorasse a segurança, mostrava-se muito interessada em vestir seus guardas com uniformes escandalosamente coloridos e em encharcá-los com perfumes caros. Esta última prática foi interrompida quando os “espers” (os que vasculham mentalmente os arredores à procura de perigos ocultos) se queixaram que o cheiro estava interferindo em sua capacidade de desempenhar sua função.

Recebi uma sala espaçosa nos alojamentos localizados sobre a padaria. Rhore tinha permissão de me visitar, contanto que tomasse banho e vestisse roupas limpas. No começo de nossas relações, Rhore disse-me que ele havia sido trazido para Nodia por mulheres que encontrara no deserto marciano colhendo os mesmos bulbos de cactos

inebriantes que meu primeiro professor, So-Socrey, tinha em tal alta conta. Uma das mulheres perguntou a Rohre se ele queria viajar com ela para mundos distantes onde ela venderia o estoque de cactos. Ele aceitou sem hesitar sua oferta. O nome da mulher era Martera, mas era em geral conhecida como Bandeira Cereja, pois desfraldava uma bandeira com uma cereja vermelha bordada sempre que aterrissava num mundo e montava uma loja.

Numa visita a Nodia, Bandeira Cereja, devido a circunstâncias legais imprevistas, julgou necessário partir do planeta às pressas, deixando Rhore para trás. Ele nunca mais a viu. Foi adotado e sustentado, como eu, pela ilustre Casa de Cre'ator.

Rhore instruiu-me no uso de ROMs mentais que me ajudaram a preencher rapidamente minha mente com conhecimentos e experiências que, usando-se qualquer outro método, levariam uma eternidade para adquirir. Havia um suprimento inesgotável desse material mentalmente registrado e eu o absorvia em todos os momentos livres, quando do não estava a serviço da Senhora Cre'ator.

Um dia, fui acordado do sono por um poderoso comando mental de Reyatis Cre'ator dizendo-me para ir ao grande salão do conselho. Nunca estivera lá. Ao chegar, encontrei uma cadeira vazia com meu nome gravado no encosto de couro.

OS SENHORES DO PLANEJAMENTO

Essa sala de conselho estava preenchida, a sua maioria, por homens e mulheres chamado por Cre'ator de seus Senhores do Planejamento. Esse corpo de idealizadores, ou conselheiros, cresceu com o passar dos anos até lotar um auditório e então atingiu números que atualmente ultrapassam minha capacidade de compreensão. Originalmente, os Senhores do Planejamento eram mais ou menos trinta.

As reuniões se prolongavam por dias, sendo interrompidas somente quando Cre'ator fazia uni pausa. Muitas vezes, visitantes importantes com pareciam a essas reuniões diárias; entre eles estavam Carlus Domphey, Trare Vonner (cunhado de Cre'ator) e Adolfo Blaclotter, bem como outros dignitários. Vonner e Domphey estavam no mesmo negócio interestelar lucrativo que Cre'ator e a princípio, foram considerados concorrentes cordiais. Essas relações tornaram-se muito hostis em certo período, até que a formação da Federação restaurou (sob ameaça do uso da força e outros métodos uma paz duradoura entre eles, que perdura até hoje.

A Senhora Cre'ator nunca comparecia às reuniões do conselho, mas sua filha sim, às vezes acompanhada de seu meio-irmão Dray-Fost, cujo cabelos negríssimos e olhos negros (características físicas de sua mãe de outro planeta) faziam com que se destacasse em meio aos nodianos de cabelos brancos. Eu, por mim, desejava viver o bastante para ver aquelas duas crianças crescer e juntas assumirem o controle da administração da Casa de Cre'ator, como fizeram por ocasião da morte do pai. Sua administração de primeira vida dos bens dessa hoje grande casa comercial teve uni importante papel cooperativo no rápido desenvolvimento da Federação.

Pouco antes da fundação da Federação, as reuniões do conselho contavam com a participação de meu velho amigo 63-92 e de um nodiano magricela chamado Linc-Core, dono de uma longa barba que lhe chegava até os joelhos. Linc-Core tinha a mesma capacidade de desaparecer que eu vira demonstrada por 63-92 no meu primeiro dia em Nodia. Os dois não faziam comentários verbais, mas falavam telepaticamente com Cre'ator de uma forma que provocava a formação de grande número de expressões emocionais em seu rosto. Era óbvio que o estavam forçando a tomar decisões muito difíceis.

Certa manhã, um homem apresentado à reunião como o meio-irmão de Cre'ator, Opatel, chegou com outro homem identificado por Opatel como Sant, do planeta Maldek. Sant era fisicamente belo, com cabelos dourados e olhos cor de violeta. Não disse nada durante a reunião, mas de vez em quando ficava vesgo e mexia a ponta da língua rapidamente contra o centro do lábio superior. Não se tratava de um tique nervoso, e sim de uma indicação de que estava se concentrando profundamente no assunto em discussão. Sua presença parecia incomodar todos, exceto Opatel. No encerramento da reunião, Sant aproximou-se de mim sorrindo, e falou-me perfeitamente em meu idioma pátrio. Disse-me que éramos vizinhos planetários, pois seu mundo natal de Maldek orbitava o mesmo sol que o meu mundo natal. Nada mais disse e foi-se embora, deixando-me sem fala.

Passaram-se quase vinte anos, no decorrer dos quais a Federação foi estabelecida e a forma de economia foi modificada diversas vezes até que Adolfo Blaclotter idealizou o sistema utilizado hoje. As casas de comércio de Cre'ator, Vonner e Domphey se expandiam, entrando em um sistema solar por vez até que cada uma finalmente dispunha de um posto avançado em todos os sistemas solares da Via Láctea (como é denominada na Terra), como também em várias galáxias vizinhas.

O assunto de abertura de uma das reuniões diárias do conselho dizia respeito ao relatório segundo o qual o planeta Maldek havia explodido em pedaços. O relatório continuava dizendo que tudo parecia bem com os outros planetas do sistema. Recordo que apenas um dos Senhores do Planejamento perguntou: "O que causou essa catástrofe?" Como não recebesse resposta, ele e os outros puseram de lado o assunto e continuaram com a ordem do dia.

Nos vários anos que se seguiram, viajei com Reyatis Cre'ator e outros funcionários da casa de comércio para inúmeros sistemas estelares diferentes, alguns localizados em outras galáxias. Achei as variadas culturas por nós visitadas mentalmente estimulantes e educativas, mas Cre'ator estava cansado até as profundezas da alma. Estava entediado e passava a maior parte do tempo na presença de Linc-Core, que ele podia de alguma forma convocar quando bem quisesse.

Vários dias depois do retorno a Nodia, Opatel chegou e narrou em primeira mão a explosão de Maldek, observada por ele da Terra. Ele acrescentou que os radiars e planetas do sistema estavam lentamente entrando em novas órbitas e poderiam mesmo no final seguir em espiral até seu fim, colidindo com o sol.

Cre'ator perguntou o que a Federação estava fazendo em relação a essa possibilidade, se é que estava fazendo algo. Opatel disse que apenas a Terra parecia estar mantendo sua órbita natural, então os que quisessem ir embora dos outros mundos do sistema estavam sendo levados à Terra por segurança.

Opatel disse-me pessoalmente que meu planeta natal, Marte, estava em perigo e que a Federação estava considerando colocar em órbita a seu redor duas luas artificiais para estabilizar sua órbita solar. Ele também disse que um grande número de meus patrícios marcianos estavam sendo transferidos para a Terra e para um planeta chamado Mollora em outro sistema solar.

Opatel nos contou que ele estava voltando para a Terra e que a Senhora Cre'ator desejava viajar com ele, retornando a Nodia depois de uma breve visita. Ele garantiu a Cre'ator que não havia perigo sério iminente. Depois de certa relutância, Cre'ator cedeu ao pedido pessoal direto de sua mulher para viajar à Terra com Opatel, sob a condição de que eu, Sharmarie, a acompanhasse. Aguardei com ansiedade a viagem e tinha esperança de ver fisicamente e conseguir falar com alguém do mundo natal que conhecera em minha juventude.

NA TERRA COM A SENHORA CRE'ATOR

Quando chegamos à Terra, fomos recebidos como hóspedes do governador maldequiano da Terra, Her-Rood. Ele não aparentava pesar pelo fato de seu mundo natal estar agora girando ao redor sol na forma de pedacinhos. Desde a destruição de seu planeta, ocupava seu tempo abrigando uma orgia incessante em sua magnífica propriedade, localizada na região da Terra conhecida agora como sul da Venezuela.

Passei os primeiros seis dias na Terra procurando marcianos. Consegui encontrar alguns shens e burrs, que me disseram que mais de cem mil pessoas do meu povo haviam deixado a Terra com o Zone-Rex Rancer-Carr havia cerca de três semanas e ido para um planeta chamado Mollora. Também me disseram que havia milhares de marcianos reunidos em algum lugar da Terra, aguardando meios de transporte que lhes permitissem fazer a mesma viagem. Não sabiam me dizer em que local da Terra estava esse grupo.

A Terra estava repleta de mercados de escravos e a violência corria solta. Para me afastar da loucura, decidi voltar para a festa, encontrar alguém que estivesse meio sóbrio e ainda de pé e fazer-lhe perguntas. Nunca quis tanto sair de um lugar como quis sair do planeta Terra. Sentia intensamente que alguma coisa ia dar muito errado.

Então, chegou o dia em que o céu ficou repleto de nuvens muito escuras acompanhadas de trovões e raios. Em questão de dias a frequência dos trovões e raios aumentou, até que não havia mais silêncio. Era ensurdecedor. A chuva caía torrencialmente, batendo nos telhados das construções com tanta força que algumas das estruturas rachavam e resvalavam de suas fundações, sendo carregadas com grandes ondas de lama.

Procurei e encontrei a Senhora Cre'ator quando começou a tempestade, mas não consegui localizar Opatel. Quando alcançamos o local onde nossa espaçonave fora deixada, esta sumira.

Juntamente com vários outros convidados da festa, adquirimos um carro aéreo pilotado por um homem que mantinha o carro no ar e voando concentrando mentalmente sua força vital através de um cérebro de cão, separado do corpo, mas ainda vivo. Sua energia durou menos do que um dia. Cerca de dez minutos depois de ele aterrissar a nave no topo de uma montanha, caiu no sono e depois morreu. Como o carro estivesse sendo sacudido com violência pelo vento, girando rapidamente na lama, resolvi que a Senhora Cre'ator e eu devíamos sair do carro e procurar outro tipo de abrigo. Pouco depois, vimos o carro deslizar sobre um despenhadeiro e desaparecer de nossa vista. Naquela hora, desejei que tivéssemos ficado no carro e encontrado nossa morte quando ele se precipitou despenhadeiro abaixo.

Havíamos andado uma curta distância, quando vimos no céu a espaçonave que nos trouxera a Nodia. Estava obviamente tentando nos alcançar, e seus esforços nos deram esperança. Mas, a cada raio, a nave balançava e girava. Várias vezes parecia ter sido realmente atingida por raios. Então, de repente, desapareceu, para nunca mais ser vista.

A Senhora Cre'ator caminhou para a beira do penhasco. Claro que eu sabia que ela planejava, com um salto fatal, pôr fim à própria vida. Então, o barulho dos trovões e da chuva cessou e uma voz chamou meu nome. Virei-me e vi 63-92 de pé um pouco acima de mim, envolto numa aura de luz branca.

Ele disse com suavidade: “Não permita que ela tire a própria vida.” Repliquei: “O que devo fazer?” Ele

respondeu minha pergunta dizendo:

“Não posso lhe dizer o que fazer, mas pelo bem da alma da Senhora Cre’ ator, não a deixe tirar a própria vida.”

Procurei minha arma e tirei-a do estojo no meu cinto. Quando ergui a arma, pensei, estou prestes a matá-la, ela, que jurei proteger do mal. Quando atirei, o corpo dela se curvou e se elevou do solo. Os braços se mexeram várias vezes como as asas de um pássaro, então o corpo desapareceu sobre a beirada do penhasco. O som do trovão e da chuva recomeçou quando ergui a arma em direção à minha têmpora. Disparei a arma várias vezes, mas nada aconteceu, então, atirei-a o mais longe que pude e andei até a beira do penhasco, não para pular, e sim para procurar o corpo da Senhora Cre’ ator. Não conseguia enxergar a base do penhasco, mesmo com a luz dos raios. Enquanto andava, dei por mim entoando uma oração marciana pelos mortos que aprendera há muitos anos.

Depois de vagar vários dias, fiquei muito fraco e caí de bruços na lama. A lama logo começou a me cobrir e fiquei preso. Adormeci e sonhei com coisas agradáveis que tinham ocorrido ao longo de minha vida. Meu corpo desvinculou-se do campo vital universal e morreu, deixando minha alma à disposição da vontade dos elohins.

A vida que acabei de descrever durou um pouco mais de 72 anos terrestres. Foi somente em minha encarnação atual que descobri as agruras da primeira vida e das vidas posteriores (reorporificações) de muitas das pessoas com as quais interagi naquela primeira vida.

Quero que entendam que minha associação de 53 anos com a casa de comércio de Cre’ ator e minhas inúmeras viagens galácticas, patrocinadas por essa organização, levaram-me a entrar em contato com culturas e pessoas que muito impressionaram meu espírito com os costumes dos seres humanos brilhantes e sagrados, bem como os costumes de seres humanos sombrios e sinistros. Encontrei o amor com mulheres de muitos mundos, mas só vim a ser pai nesta vida que estou experienciando atualmente.

Toda vida é importante no Plano Mestre do Criador do Tudo Que É. Se isso não fosse verdade, não haveria vida alguma.

VIDAS SOBRE O PLANETA TERRA

Nós, do “estado mental irrestrito aberto,” (não sujeitos à Barreira de Frequência do planeta Terra) somos capazes de recordar todas as vidas que já experienciamos. Para nós cada vida constitui, na verdade, uma parte de uma única vida contínua, sem as interrupções das descorporificações. Embora isso seja verdade para uma pessoa que vive no estado mental aberto, não é o caso para os que vivem no “estado mental fechado” existente na Terra hoje e que prevaleceu no planeta por centenas de milhares de séculos.

Eu fiz uma comparação dos dois tipos de estados mentais para que vocês entendam que toda e cada vida por mim experienciada na Terra desde que o planeta foi submetido à nociva Barreira de Frequência foi vivida, em grande parte, sob as mesmas condições mentalmente restritivas (com pouquíssimas exceções) às quais está sujeita hoje uma pessoa da Terra. Portanto, cada vida que vivi na Terra (e foram centenas) se iniciou e se encerrou comigo ignorando o fato de que já vivera e certamente viveria repetidas vezes na forma física humana.

Das centenas de vidas por mim vividas na Terra no passado, várias (cerca de cinco) se destacam. Descreverei essas vidas resumidamente na ordem em que ocorreram. Algumas delas separaram-se por milhares de anos e variaram em duração de 14 a 534 anos.

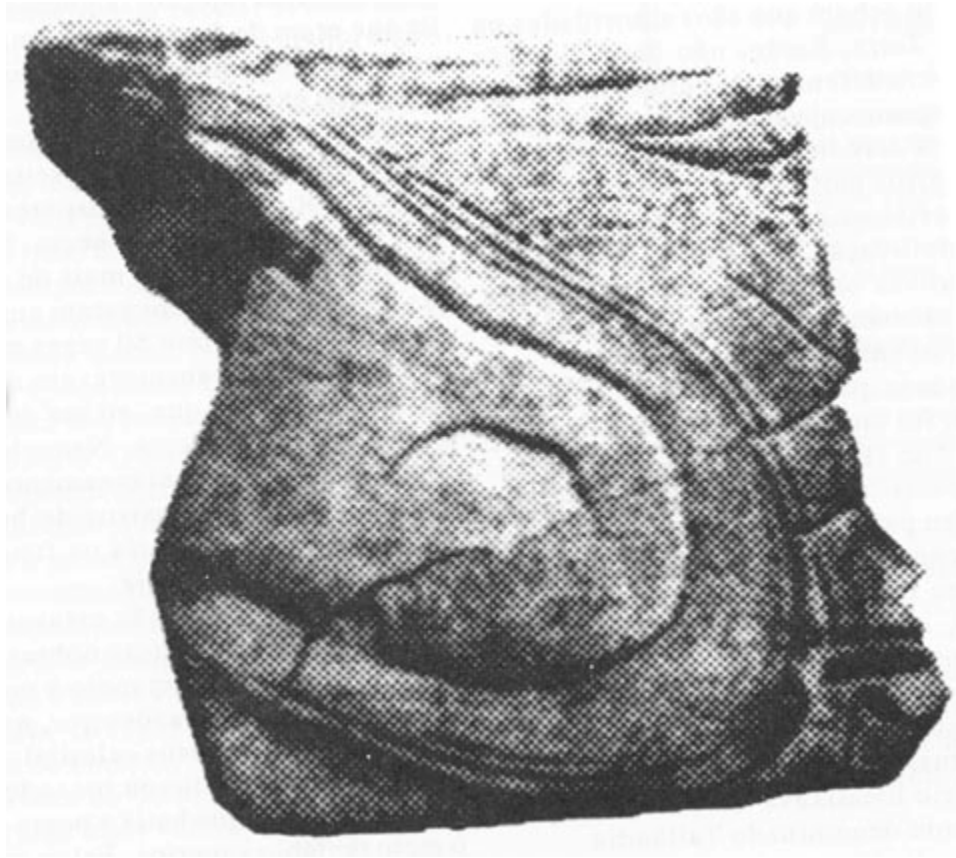


Figura 6.6 Pedaco de sola de sapato encontrado em rocha do Triássico em Nevada. O Triássico data de 213 a 248 milhões de anos passados.

O PRÍNCIPE

Foi há tanto tempo, no passado, que especificar uma data exata colocaria em dúvida a sua e a minha credibilidade nas mentes dos que são considerados (ou acham que são) autoridades na pré-história da Terra. Então, não darei a vocês nada que precisem defender ou perder seu tempo discutindo com gente cujas mentes estão fechadas e determinadas a acreditar o contrário. Garanto-lhes que, por vários motivos, é impossível identificar registros físicos de qualquer tipo relativos a esta antiga civilização, a menos que se considerem como provas os parafusos para metais e objetos feitos à máquina encontrados em depósitos de carvão antracito.

O nome de meu pai era Agrathrone. Minha mãe, Merthran, foi uma de suas centenas de mulheres. Fui o 670 de 182 filhos. Tinha praticamente o dobro de meias-irmãs e duas irmãs. Fui chamado Urais. Meu pai era mais do que imperador; era venerado como um deus por seus súditos. Como eu era seu filho, era também considerado uma divindade, assim como todas as suas mulheres e os outros filhos.

Naquela época, o reino de meu pai cobria quase um terço da superfície da Terra, mas ele tinha planos de governar cada centímetro quadrado. A capital do império localizava-se na região norte do país atualmente denominado Tailândia.

Meu pai tinha aliados secretos (deuses) que, de vez em quando, faziam visitas descendo em ovos prateados que vinham dos céus. Desde quando era bem criança, eu temia sua chegada, assim como todos na casa real. Eles traziam injeções imunizantes e comprimidos que éramos obrigados a tomar.

Vários dias depois de tomar as injeções, o pessoal da casa ficava preso de medo, pois às vezes um ou mais de nós morria em consequência de uma reação violenta. Caso morresse uma criança, sua mãe em geral também morria. Se uma criança morresse e a mãe não, ela era executada imediatamente. Para meu pai e os deuses celestiais, essas mortes significavam simplesmente que os que morriam tinham uma constituição biológica inferior, incompatível com seus planos de produzir uma raça, biologicamente, superior totalmente resistente a qualquer tipo

de infecção ou doença.

Eu estava no final da adolescência, quando descobri que havia um plano de, mais cedo ou mais tarde, infectar e matar todos os outros seres humanos do planeta com armas biológicas que não prejudicariam as pessoas do império que houvessem sido, biologicamente, selecionadas como superiores (só para começar) e tivessem recebido as imunizações ao longo de vários anos. Quando as pessoas sobreviviam a uma injeção, é claro que se sentiam aliviadas, mas a cada vez que sobreviviam a uma injeção, também começavam a sentir que eram de fato cada vez mais superiores aos outros seres humanos não-imunizados. Eu não era nenhuma exceção.

Os deuses celestiais estavam sempre vestidos com roupas protetoras e espreitavam para o mundo interior de elmos transparentes que lhes envolviam totalmente as cabeças. Suas visitas semi-anuais nunca duravam mais de umas poucas horas. Certo dia, eles chegaram em mais de 30 ovos prateados no mínimo 50 vezes maiores do que os que eu já vira. Transportavam uma carga de veículos e máquinas que, ao ser desembarcada, cobriu centenas de acres. Naquele dia, o império de Agrathrone, instantaneamente, passou de uma sociedade movida a carros-de-boi para um nível técnico que assombraria os físicos mais imaginativos da Terra de hoje.

Meus irmãos e irmãs estavam reunidos com outros membros de casas nobres, então um deus celestial caminhou em meio a nossas fileiras fazendo seleções por razões que, naquela hora, não nos eram claras. O deus celestial, que ficou diante de mim e me selecionou tocando meu peito, era um belo homem que batia a ponta da língua contra o meio do lábio superior. Falou-me mentalmente, dizendo: “Você vai se dar muito bem, marciano. Sim, vai se dar muito bem.” Não sabia o significado do nome pelo qual ele me chamou (a denominação “marciano” é usada apenas para corresponder às referências do leitor). Foi embora rindo, deixando-me com uma dor de cabeça latejante.

Aqueles dentre nós que haviam sido selecionados (tanto homens como mulheres) foram indicados para veículos que, segundo nos disseram, podiam voar pelo ar. Tinham formato cilíndrico, com cerca de 11 metros de comprimento e diâmetro de aproximadamente 3,6 metros e exterior verde-oliva. Deram-nos manuais de operação escritos em nosso idioma nativo. A instrução no capítulo final do manual era: “Quando tiver certeza de que consegue operar o veículo, faça-o.”

Não fui o primeiro de meu grupo a tentar voar. Foi engraçado observar um de meus irmãos ou irmãs se elevar do solo alguns metros e trombar com os veículos de um ou mais dos outros novatos. Ao aterrissarem eles discutiam e se acusavam de serem os causadores da colisão.

Quando tentei voar pela primeira vez, foi fácil; era como se sempre houvesse sabido. Meus sonhos, daquele momento em diante, ficaram repletos de vôos na garupa de motonetas voadoras ou em aeronaves cheias de gente de cabelos brancos.

Eu gostava da emoção de voar e me aventurava a centenas de quilômetros da capital às mais altas e baixas altitudes permitidas pelo regulador automático de altitude. Muitas vezes, desejei ser capaz de me elevar a altitudes cada vez maiores até alcançar a terra dos deuses celestiais. As vezes, levava comigo um menino (no início da adolescência) nos meus vôos práticos. Na época, pensei que ele fosse meu filho natural. (Só na minha vida atual vim descobrir que o menino era, na verdade, filho da primeira de minhas três mulheres e um de meus irmãos mais novos. Não faz diferença, amava-o naquela época como o amo agora.)

Meus vôos nunca nos levavam para muito longe de minha base natal. O motivo era que os vilarejos e cidades estavam cheios de gente não-imunizada de casta inferior que não podiam fornecer nem a mim nem a meus passageiros a comida e as acomodações condizentes com nossa tão nobre posição. Era interessante ver as expressões espantadas em seus rostos camponeses quando voávamos lentamente e passávamos a apenas alguns metros sobre suas cabeças. Alguns chegavam mesmo a morrer de choque.

Foi na primavera de meu segundo ano como piloto que um irmão mais velho, de nome Jasaul, e eu fomos convocados por meu pai. Ele e seus conselheiros estavam seriamente preocupados com um boato que chegara à corte. Ouviram dizer que Mokaben, governador de uma província distante, ocasionalmente fora visto tremendo. Ordenaram-nos que voássemos até a província para descobrir se isso era verdade. Se fosse, devíamos executar Mokaben e substituí-lo por Jasaul como governador daquela terra. Jasaul era um homem atarracado com um rosto redondo, que ele gostava de esconder por trás de uma barba grosseira e áspera. Não sabia pilotar carros aéreos. Era por essa razão, é óbvio, que precisavam de meus serviços. Jasaul era muito inteligente, fascinava a todos com seus conhecimentos.

Saímos da capital de nosso pai com uma frota de oito carros aéreos. Alguns desses carros levavam alimentos especiais e outros estavam abarrotados de serviçais.

A viagem durou cerca de dois dias e meio (perdemo-nos várias vezes), e chegamos na terra de Toray à noite. O ponto de referência que identificava nosso local de aterrissagem era uma grande pirâmide cujos lados de calcário branco muito bem polido refletiam, brilhando, a luz de uma lua quase cheia.

Havia lâmpadas elétricas acesas abaixo de nós, e conseguíamos ver no solo muitos homens fazendo-nos sinais frenéticos para que nos afastássemos da estrutura resplandecente. Nem todos os pilotos de nossa esquadrilha

entenderam a mensagem a tempo. Suas naves, primeiro oscilaram de maneira instável, a seguir caíram na relva alta que crescia às margens do rio vizinho. Perdemos quatro carros aéreos dessa maneira, e todos os seus ocupantes morreram.

Como vocês já devem ter percebido, a terra que naquela época chamávamos Toray incluía a região conhecida hoje como Egito. A pirâmide e o rio eram, naturalmente, o que vocês denominam respectivamente de Grande Pirâmide de Gizé e o rio Nilo, que ainda hoje existem nessa terra.

Quando nos encontramos com Mokaben, ele não se esforçou para ocultar o fato de que seus tremores duravam até dez minutos, aproximadamente. Ele não tinha dúvidas sobre a razão de estarmos ali. Disse-nos que, nos 143 anos em que governara a terra de Toray, tivera de executar muita gente que contraía a doença dos tremores. Jasaul e eu comparamos o registro de imunização de Mokaben com os nossos próprios e observamos que eram idênticos. Em sua opinião, a doença era causada por algum efeito gerado pela Grande Pirâmide. Mokaben reivindicou seu direito, na qualidade de nobre, de tirar a própria vida, e concedemos seu pedido. Ele acrescentou que, de qualquer forma, era um homem condenado, pois enfurecera os deuses celestiais ao não impedir o roubo (cinco dias antes de nossa chegada) do cume de cristal da Grande Pirâmide.

Naquela noite, fui apresentado a outro dos prodígios dos deuses celestiais. Jasaul mostrou-me uma caixa que lhe permitia conversar com nosso pai como se ele estivesse presente na mesma sala (tratava-se, de fato, de um rádio transmissor e receptor). Meu pai instruiu Jasaul a conservar o corpo de Mokaben, pois os deuses celestiais desejavam examiná-lo (fazer uma autópsia). Jasaul solicitou e obteve permissão para mudar a sede de governo de Toray o mais longe possível da Grande Pirâmide.

Vários dias depois, saí de Toray a caminho de casa acompanhado de dois dos carros aéreos restantes. Jasaul ficou com um dos carros e um piloto. Um dos carros aéreos de minha esquadilha levava a múmia e os órgãos removidos cirurgicamente de Mokaben.

Os dois terços restantes da superfície da Terra eram governados por centenas de diferentes reis que eram aliados a doze imperadores que, por sua vez, mantinham forte aliança entre si. Depois de muitas décadas de guerras primitivas (levadas a cabo com espadas, lanças, arcos e flechas) entre esses imperadores e meu pai, a situação estava num impasse. Esse estado de coisas era algo que meu pai e seus amigos deuses celestiais definitivamente planejavam modificar; esta era a base de seu plano diabólico. Vencer fisicamente o outro povo da Terra não fazia parte do programa dos deuses celestiais, pois não tinham necessidade alguma daqueles que consideravam racialmente (biologicamente) inferiores.

Aproximadamente dois anos depois de Jasaul se tornar governador de Toray, meu pai começou a enviar carros aéreos em missões que os levavam a sobrevoar as terras de seus adversários. Tratava-se de missões de treinamento destinadas a familiarizar os pilotos com os pontos geográficos sobre os quais um dia eles lançariam suas bombas biológicas. As populações dessas terras nada podiam fazer além de brandir os punhos na direção de nossos carros aéreos que, normalmente, jogavam dejetos humanos nelas, simulando um bombardeamento. Foi no decorrer desses exercícios de treinamento, que recebi uma mensagem de Jasaul dizendo-me para ir visitá-lo com mais seis de meus irmãos mais velhos, de quem deu os nomes. Não tivemos dificuldades para receber permissão de nosso pai para fazer uma visita de uma ou duas semanas a Jasaul.

Depois de vários dias bebendo vinho e nos banquetando, Jasaul pediu para falar em particular comigo. A história por ele contada foi, a princípio, desconcertante. Contou-me sobre os outros deuses celestiais que o haviam visitado e o convenceram de que o plano de nosso pai de destruir os não- imunizados da Terra estava errado e atrairia sobre nós não apenas a ira deles, como também a ira do poder divino que criara o próprio mundo. Acreditei nele, assim como quatro de meus seis irmãos. Os dois, que julgaram que deveríamos permanecer leais a nosso pai, não se reuniram a nós para o desjejum na manhã seguinte.

Os deuses celestiais de Jasaul propuseram que retornássemos a nosso lar com um aparelho que, uma vez ativado em meio ao arsenal de bombas biológicas, iria secretamente neutralizá-las. Quatro dias depois, esse aparelho foi colocado, cumprindo muito bem sua tarefa. Quando chegou o dia de serem usadas, cerca de sete meses depois, as bombas foram carregadas nos carros aéreos.

Mas ao serem lançadas, simplesmente preenchiam os céus com tufos iridescentes de fumaça que brilhavam à luz do sol. Meu pai e seus deuses celestiais ficaram furiosos e se apressaram a produzir mais bombas (um trabalho obviamente demorado, mesmo para os deuses.)

O estranho desaparecimento dos dois irmãos que não retornaram conosco de Toray, e o comportamento estranho, carregado de culpa exibido por vários de meus irmãos conspiradores (que àquela altura estavam sendo mentalmente torturados pelos deuses celestiais para confessar) logo revelaram quem entre nós era responsável pela sabotagem. Tínhamos previsto que seríamos descobertos, assim fugimos juntos em carros aéreos para a terra que vocês conhecem agora como Japão (naquela época ligada ao continente que vocês denominam Ásia). Mais tarde, Jasaul juntou-se a nós. Nossos três carros aéreos, por um motivo que desconhecíamos, mais tarde pararam de

funcionar e, ao longo dos vários anos que se seguiram, gradualmente se desintegraram até se tomarem montes irreconhecíveis de metal em pó.

Finalmente, recebemos a notícia de que nosso pai e seu império já não existiam. O fim de seu reinado ocorreu imediatamente depois que os dois tipos de deuses celestiais antagônicos batalharam entre si em algum local dos céus a grande distância do planeta. Tornou-se impossível operar as máquinas de guerra e os carros aéreos de nosso pai, e ele foi atacado de surpresa pelas forças aliadas dos outros doze imperadores.

Posteriormente, fomos visitados por um representante do imperador em cujo território estávamos vivendo. Disseram-nos que não temêssemos, que mal algum nos atingiria, pois éramos considerados grandes heróis que estavam sob a proteção dos deuses celestiais benevolentes.

Vivi até os 534 anos de idade e morri serena-mente enquanto dormia.

Alguns séculos depois, a Barreira de Frequência mudou drasticamente para pior e os povos da Terra ficaram mais uma vez sujeitos a graus consideráveis de deterioração biológica.

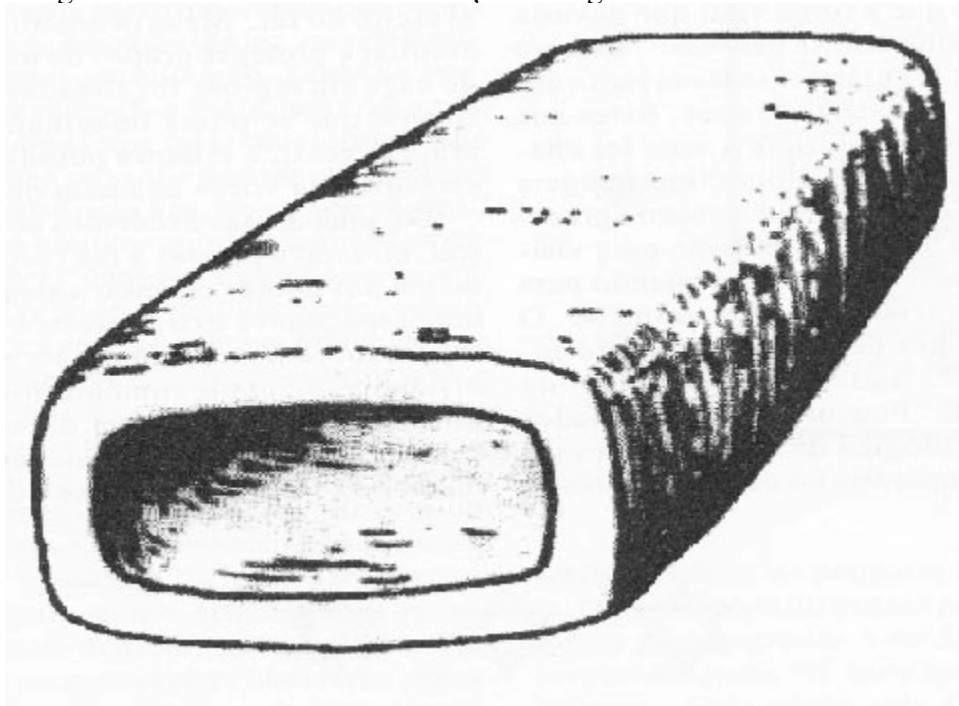


Figura 6.7. Tubo metálico encontrado em Saint-Jean de Livet, França, em um leito de greda de 65 milhões de anos.

MAIS UMA ERA DOURADA

Há aproximadamente 29 mil anos, o local que eu chamava de lar se estendia dois mil quilômetros ao sul do lugar que vocês chamam agora de Flórida. Outra parte do reino prolongava-se cerca de mil e trezentos quilômetros ao sul da península Ibérica (Portugal e Espanha). Denominávamos as partes da terra separadas pelo oceano de Fe-Atlan e Ro-Atlan, respectivamente (ou seja, Atlan do Norte e Atlan do Sul). Uma parte do sul da Inglaterra, na época, ainda se ligava ao continente da Europa. Hoje, na Terra existem lendas sobre esse reino. Vocês chamam o reino que é tema dessas lendas de Atlântida. Tínhamos colônias nas terras por vocês chamadas de Egito, Bretanha e Finlândia.

O restante do mundo era nossa reserva de caça, repleta de animais e tipos subumanos remanescentes do último período de trevas causado pela então imprevisível Barreira de Frequência. Esses subumanos eram o que vocês denominam agora povos pré-Neanderthal, Neanderthal e Cro-Magnon. Meu povo tinha um vínculo biológico com este último. Os Cro-Magnons podiam ser treinados e eram utilizados para trabalho escravo, principalmente nas minas de Ro-Atlan situadas no norte longínquo.

Nós, do povo atlaneano, não precisávamos do auxílio de extraterrestres ou de deuses celestiais (que sabíamos existir) para desenvolver uma altíssima tecnologia que incluía espaçonaves, rádios sem fio, televisão, computadores, energia nuclear e inúmeras outras formas de tecnologia que utilizavam cristais especialmente cultivados e energia psíquica humana transmitida através dos níveis superiores do campo vital universal. A telepatia mental era empregada com facilidade, mas era praticada de maneira sábia e não irrestritamente, de modo

que a força vital que deveria ser gasta nesse trabalho não se perdesse. Mesmo assim, os sacerdotes regularmente travavam conversas mentais com os extraterrestres. Estes nos disseram que se mantinham fiéis a uma lei chamada Diretriz Primeira que proibia a interferência no desenvolvimento natural de uma cultura planetária. Eles realmente pediam permissão para visitar a superfície do planeta de vez em quando para colher amostras de várias plantas e animais. O sacerdote concedia-lhes permissão para fazê-lo.

Nasci cerca de 723 anos depois do início da chamada Era Dourada. Poucos foram abençoados com a capacidade biológica de se adaptar a essa pequena calmaria temporária no curso da Barreira de Frequência ou dela se beneficiar. Meu nome era então Socrantor, o jovem, nascido de Rosey (minha mãe) e Socrantor, o velho (meu pai). Eu tinha um irmão mais novo chamado Macrantor.

A moeda de Atlan consistia em gemas e cristais preciosos sintéticos que podiam ser produzidos por meio de processos secretos conhecidos apenas pelo rei e pelos sacerdotes. O acúmulo de riquezas era a meta de todos os atlaneanos.

Meu pai era capitão de um navio para pesca oceânica que também caçava animais de pêlo como lontras e focas. A riqueza que adquiriu permitiu que ele comprasse para meu irmão uma posição no sacerdócio e para mim um posto inferior no exército do rei. Meus primeiros deveres incluíam escoltar e proteger grupos de nobres em excursões de caça em regiões localizadas em qualquer continente que se possa imaginar. O animal caçado era, em geral, a criatura peluda parecida com um elefante que vocês chamam de mastodonte.

Em uma dessas excursões de caça na Ásia Central, eu estava prestes a me recolher à noite quando um dos nobres chamou a atenção do grupo para uma espaçonave extraterrestre, que passou lenta-mente sobre nossas cabeças e aterrissou a pouca distância. Fizemos comentários sobre o tamanho imenso do veículo, e um de nós disse: “Vamos dormir. Eles não vão nos incomodar e não vamos incomodá-los.” Outro disse que queria que nós, atlaneanos, tivéssemos tal veículo para podermos viajar pelo espaço e visitar outros mundos. Outro nobre garantiu-lhe que algum dia teríamos.

Do interior de minha tenda, vi uma luz branca suave girando na parte superior da nave alienígena. Seu ritmo pulsante prendeu minha atenção. Ela passou a pulsar rapidamente até que me senti entrando num estado de consciência que não conseguia evitar, mesmo com toda minha força de vontade reunida. Ouvi então uma voz falar comigo telepaticamente: “Sharmarie, então você está aí, velho amigo. Talvez não se lembre de mim agora, mas nós nos conhecemos em tempos passados. Sou Reyatis Cre’ator. Quem me dera levar você conosco quando partirmos, mas não tenho o sinal positivo de orientação divina autorizando-me a fazê-lo. Lamento muito isso. Tente se lembrar deste contato mental, e tente lembrar-se de mim. Talvez possamos nos falar mentalmente no futuro. Tenho muito para lhe contar. A Senhora Cre’ator está de volta para nós, do estado aberto.”

Lembrei-me do contato mental daquela noite, mas não me lembrei daquele que chamava a si mesmo Reyatis Cre’ator. Naquela noite, sonhei com espaçonaves e gente de cabelos brancos, bem como com carros aéreos, injeções doloridas e deuses celestiais que usavam elmos e batiam a ponta da língua no centro do lábio superior.

Durante cerca de doze anos depois daquela noite, tudo deu certo em minha vida. Recebi um posto mais graduado na hierarquia militar e casei com uma mulher chamada Toriata. Não tivemos filhos. Então, algum gênio atlaneano propôs a idéia de perfurar dois orifícios enviesados na Terra, utilizando várias detonações nucleares sucessivas. Um desses orifícios foi iniciado no Iraque, e o outro no Peru. Ele calculara que, se conseguisse atingir o magma do planeta, poderia obter um dos ingredientes usados pelos extraterrestres para propulsionar suas espaçonaves, permitindo ao povo das duas Atlans viajar pelas estrelas. A energia extraída do âmago seria armazenada em grandes cristais abrigados no subsolo tanto de Fe-Atlan como de Ro-Atlan. Não era nada fácil ignorar os terremotos, os maremotos e erupções vulcânicas provocados por essas explosões nucleares, tampouco a maneira maluca de sentir e agir que os povos das duas Atlans passaram a exibir. O gênio perdeu o controle de seu projeto, e seu transmissor continuou a enviar a energia do âmago para os cristais armazenados. As duas Atlans e seus povos literalmente vibravam em imensas nuvens de poeira e cinzas vulcânicas, que cobriam a Terra e impediam que o sol a aquecesse, provocando assim, o início da primeira Era Glacial da Terra.

O oceano cobriu outras partes da terra que não foram desintegradas e as duas Atlans desapareceram. Eu tinha 52 anos quando essa catástrofe ocorreu e tirou minha vida. Onde fica a Atlântida? A resposta: em toda parte.

SOLDADO DE ESPARTA

Meu nome era Rembelyan. Nasci no ano de 462 a.C., filho de Menneva e Artaclean, respectivamente minha mãe e meu pai. O local era a cidade-estado da antiga Grécia chamada à época, como agora, de Esparta. Tinha três irmãs. Quando tinha oito anos, fui tirado de meus pais (com seu consentimento espontâneo) para viver com outros meninos de minha idade em quartéis do estado, onde treinávamos para ser soldados.

Fomos treinados, em primeiro lugar, no manejo das fundas, usadas contra qualquer adversário que houvesse sobrevivido às flechas de nossos arqueiros de longo alcance e estivesse chegando muito perto. Na verdade, nos

postávamos logo atrás dos arqueiros de curto alcance, arremessando nossas pedras sobre suas cabeças, então corríamos feito loucos para a retaguarda de nossos próprios atiradores de dardos e lanceiros que avançavam. Um sábio general propôs que os atiradores de dardos que estivessem avançando poderiam carregar com eles aljavas de flechas que deviam ser entregues a qualquer arqueiro que passasse correndo e as apanhasse. Nunca conseguimos que os atiradores de dardos carregassem bolsas de pedras para nós, fundeiros. Antes de fazer dez anos, eu já experimentara a guerra muitas vezes. Quando tinha 14 anos, era perito em dardos e aos 19, era considerado ótimo espadachim. Para conseguir chegar aos 19 anos nessa profissão era preciso ser ótimo matador e não se deixar matar.

Eu gostava de cavalos e mulheres. As mulheres dos vencidos eram sempre parte do pagamento do soldado vitorioso. Os cavalos capturados pertenciam ao estado e eram cavalgados apenas pelos superiores. Os cavalos tinham de receber alimentos, água, de ser tratados e selados. Naquele tempo, as selas espartanas não tinham estribo, até que, certo dia, um de nossos arqueiros abateu um cavaleiro cita (povo nômade do norte da Europa e Ásia, hoje) e capturou sua montaria, que estava com uma sela com uma dessas invenções maravilhosas. Por que eu não pensara nisso? Como disse, apenas os homens de altos postos andavam a cavalo.

Esparta não dispunha de cavalaria porque o soldado comum passava por maus bocados para ficar montado nas bestas, quando elas começavam a galopar. O uso do estribo permitiu a formação da primeira cavalaria espartana. Fui selecionado como membro desse ilustre grupo que, a princípio, tinha 30 homens e, com o tempo, deu origem a nove grupos de 360 homens cada um. Aprendi a montar muito bem e acabei incumbido de ensinar os outros a lutar montados nos animais, bem como quando lutar e como desmontar de um cavalo ferido, evitando assim, ficar preso debaixo dele quando ele caísse.

No ano 432 a.C., iniciou-se o que ficou historicamente conhecido como a Guerra do Peloponeso, entre Esparta e a cidade-estado de Atenas. Eu tinha por volta de 30 anos na época. Aquela altura, os atenienses contavam com uma cavalaria de tamanho considerável, bem como com selas com estribos. Descobri em minha vida atual que a guerra durou 27 anos, terminando com a derrota dos atenienses pelos espartanos que, assim, obtiveram a hegemonia na Grécia. Fui morto na primeira batalha dessa guerra, montado num cavalo, pelas flechas provenientes de meus próprios arqueiros (creio que isso se denomina fogo amigo). O chefe dos arqueiros não calculou muito bem o ângulo de fogo e, naquele dia, mandou muitos bons cavaleiros espartanos numa jornada para a terra além do rio Estige (na mitologia grega, o rio que percorre a região infernal).

SOLDADO DE ROMA

Eu era Granius, nascido de um homem livre de nome Robarius e de sua mulher escrava Sheila. Foi em 236 a.C. O local era a vila agrícola de Utherium, situada a cerca de 112 quilômetros ao norte de Roma. Quando eu tinha uns oito anos, meu pai me pôs a serviço, por cinco anos, de um construtor de estradas, seu amigo. Eu não era tratado como escravo, e sim mais como um filho que precisava muito receber educação. Educação que adquiri, em especial quando se tratava de projetar e construir pontes. Essa arte fugia à capacidade de meu tutor Drancusus, então ele sempre precisava que viessem de Roma engenheiros construtores de pontes especiais para cuidar de qualquer problema com pontes com o qual pudesse se defrontar no decorrer da construção da estrada (em geral estradas na direção norte e sul, sempre ao norte de Roma).

Os engenheiros construtores de pontes eram homens muito eruditos que falavam um dialeto de difícil compreensão para mim no começo. Aprendi com rapidez seu falar e eles logo me empregaram para berrar suas ordens aos escravos. Vários dos pedreiros já tinham trabalhado com eles em outros serviços e conseguiam compreender o que estavam dizendo. Enquanto prestava diligente assistência aos engenheiros de pontes, aprendi a ler seus projetos e fui aceito como parte de sua bagagem, por assim dizer. Quando acabaram meus cinco anos de serviço, fui para casa e descobri que minha mãe morrera e meu pai estava muito doente. Ele morreu cerca de dois meses depois. Fui embora antes de ser vendido pelo estado como apenas mais um escravo da casa (eu não era marcado). Voltei para o grupo de construção de estradas e reassumi minha antiga posição de tradutor para os engenheiros de pontes.

Certo dia, o engenheiro-chefe veio e me disse que o exército precisava de projetores e construtores de pontes. Disse que me arranjaría esse serviço, mas o problema era que eu tinha de ficar 25 anos no exército.

Entreí no exército e me deram treinamento de soldado combatente. Estudei a construção de todos os tipos de pontes que podiam ser construídas às pressas e, facilmente, desmontadas para ser transportadas com rapidez para a dianteira das tropas em marcha ou o mais próximo possível da frente de batalha. (Tratava-se de uma tarefa e tanto.)

Em 216 a.C., eu tinha mais ou menos 20 anos e comandava uma pequena equipe de engenheiros do exército, cerca de 75 escravos e os 40 soldados que os vigiavam. Tínhamos aproximadamente 15 carroças puxadas por cavalos que levavam nossas ferramentas para a construção de pontes. Estávamos indo para o norte sob o comando de Quintus Fabius Maximus Verrucosus ao encontro do exército do general cartaginês conhecido como Aníbal.

Nosso exército travou combate com o dele e deteve seu avanço. Lutamos e, então, retiramo-nos estrategicamente para o sul rumo a depósitos de alimentos e esconderijos de armas que construíramos e estabelecêramos em nosso caminho para o norte. Destruíamos com fogo ou desmontávamos nossas pontes à medida que nos retirávamos. Mas Aníbal também sabia construir pontes com bastante rapidez.

Havia chovido durante vários dias e foi necessário abandonar minhas carroças e forçar os escravos a carregar as ferramentas. O exército já tinha se deslocado mais para o sul. Demorei muito para tomar a decisão de deixar as carroças e fomos atacados por grandes levadas de cartagineses. Meus guardas escravos fugiam ou se rendiam na hora. Passaram-me um laço no pescoço e me puxaram atrás de um cavalo. Fiquei segurando a corda com as mãos até que meu corpo bateu em pedras e troncos de árvores, forçando-me a soltá-la. Ouvi os ossos de meu pescoço se quebrarem, então tudo ficou escuro. O que aprendi dessa vida foi:

não se demore para queimar suas pontes, principalmente se os cartagineses estiverem no seu encalço.

O ANASAZI

A época foi por volta de 789. O lugar em que nasci era uma habitação nas rochas dos Anasazi, cujos restos encontram-se na parte norte do que é atualmente o Arizona (Desfiladeiro de Chelly). Meu nome era Moytensa. Tinha dois irmãos mais novos de nome Rocree e Rocreenal. (Sim, sei que é como se dissesse: “Sou Larry. Este é meu irmão Darryl e este meu outro irmão Darryl.”) Meus pais eram fazendeiros, assim como cerca

de 95% dos membros de nossa tribo. O restante eram caçadores que percorriam grandes distâncias, ficando ausentes durante os meses mais quentes e retornando um pouco antes do início do inverno.

Essa vida foi breve, mas relembro-a aqui para esclarecer algumas questões relacionadas aos anasazi: O que foi feito deles? Por que desapareceram de seus povoados? Viraram canibais?

Na primavera de meu décimo segundo aniversário, a terra foi assolada por gafanhotos que vieram do México e devoraram nossas plantações. O número de gafanhotos aumentou a ponto de, ao serem vistos das montanhas mais altas, parecerem um oceano vivo. Aqueles de nós que conseguiram, foram para o norte, seguidos de perto por essa praga movediça. Os doentes e velhos ficaram para trás, e sim, comeram os que morreram de causas naturais.

Os animais de caça dirigiam-se mais rapidamente do que nós para o norte, noroeste e nordeste. As tribos do norte seguiram a caça, sem saber do horror que avançava em sua direção.

A certa altura de nossas viagens, sentei-me ao lado da trilha e desmaiei, vindo a morrer de fome, embora meu estômago estivesse cheio de gafanhotos assados. Eles continham alguma substância que nos envenenou. Alguns membros de nossa tribo foram mortos ou escravizados pelas tribos do norte, enquanto alguns foram recebidos com bondade, tendo permissão de reunir-se a essas tribos como irmãos e irmãs.

MINHA VIDA ATUAL

Nesta vida, meu nome é outra vez Sharmarie que, em meu idioma marciano nativo significa “uma parte pequenina mas muito importante de algo muito grande” (ou, como minhas três companheiras de alma, Quandray, Rekitta e Ogalabon diriam, “uma parte grande de uma coisa pequenina e sem importância”; as mulheres realmente parecem ser todas iguais, seja lá de que mundo venham). Tenho dois filhos gêmeos com minha companheira Quandray; seus nomes são Benner e Trocker. Trocker nasceu segurando o pé do irmão, e os videntes consideram esse fato um grande presságio espiritual. Os gêmeos não tiveram vidas humanas passadas e estão atualmente com cerca de nove anos terrestres.

Nasci nesta vida há aproximadamente 315 anos terrestres, filho da mulher que foi minha mãe na minha primeira vida e de um excelente homem chamado Booke-Tasser. Booke-Tasser, que também é pai de minha irmã Wren-Shanna nesta vida, é um daqueles que em meu mundo seriam denominados Pai Ta. Seriam necessárias muitas páginas para explicar esse tipo de pai. Então, vamos deixar para lá até uma outra ocasião.

Desta vez, meu local de nascimento foi o segundo planeta do sol Cardovan, denominado Mollora. Essa estrela é a terceira em brilho das sete estrelas por vocês denominadas as Plêiades. O nome Cardovan significa em nosso idioma “Estrela de Carr.” Não se trata do nome que lhe foi dado pelos naturais de Mollora ou de outros planetas deste sistema.

Nós a chamamos de Estrela de Carr porque o Zone-Rex marciano Rancer-Carr trouxe, com o auxílio da Federação, centenas de milhares de marcianos para este sistema solar depois da destruição de Maldek para que eles pudessem sobreviver. Como sabem, Marte se mudou para uma órbita muito mais distante do sol do que sua órbita original, o que o tornou inabitável para qualquer forma de vida.

Desde meu 22 ano desta vida, fui treinado para ocupar a posição de Monitor Zero do meu povo. Equivale mais ou menos a ser vice-presidente ou segundo em comando do zone-rex. Atualmente moro, na maior parte do tempo, em uma das bases subterrâneas da Federação na Terra livres da Barreira de Freqüência.

Nesta vida, visitei muitas vezes o planeta Nodia e encontrei Reyatis e a Senhora Cre'ator. Certa vez, ela me perguntou se eu tinha aprendido a atirar direito. Ela disse, com bom humor, que eu não a acertara naquela noite chuvosa na Terra tantos anos atrás.

Quanto aos costumes espirituais marcianos, veneramos o Criador Supremo de Tudo Que É e o El de nosso próprio mundo, que sabemos aguardar ansiosamente o tempo em que nós, seus filhos espirituais, mais uma vez andaremos pelas estradas relvadas restauradas.

Nunca retornaremos à vida de pastores nômades. Expressando de maneira simples, recordo a letra de uma melodia terrestre: “Como vai segurá-los lá na fazenda depois de terem visto Patee?”

Nós, marcianos do presente, somos sofisticados demais em relação aos costumes do maravilhoso universo e prometemos juntar nossa energia a todo e qualquer um que se oponha às forças das trevas.

Quanto à Terra, tem sido um refúgio para milhões de almas vindas de seus mundos vizinhos que precisavam desesperadamente de um lugar para permanecer.

Quanto ao futuro, é meu desejo pessoal que a realidade Crística de fato se manifeste no plano do nível molar de realidade e barre qualquer necessidade de guerra entre a Federação e os seres do lado sombrio no final da Barreira de Frequência.

Se não for esse o caso, procurem os defensores da Federação pontilhando os céus nestes últimos dias. E lembrem-se, a nave marciana terá a marca do símbolo da montanha com dois raios ao fundo. Não quero que vocês atirem pedras nos mocinhos.

Seja como for, vamos acabar com isso de uma vez por todas - quero mesmo ir para casa.

Sou Sharmarie.

TROME - UM SATURNIANO

“Não sou como eles, mas vivi entre eles. Quando vim para cá pela primeira vez, eles não desconheciam as artes da guerra, mas agora aboliram totalmente a prática da guerra que possuíam quando sua raça era jovem. Sua tradição não está fundada na covardia, pois eles correrão todos os outros tipos de perigo físico se, agindo assim, os propósitos espirituais dos elohins forem universalmente desenvolvidos. Os habitantes do radiar Sumer [o nome do estado aberto para o corpo planetário que chamamos de Saturno 1 não tentam modificar os costumes dos outros, sendo anfitriões gentis e dispostos para os que são motivados como eu — para oferecer forte oposição aos que imporiam seu mal sobre todos nós.

“Sou Abdonell de Nodia, a serviço do Controle do Arco de Harpa Negra da Federação do radiar Sumer.”

Estou contente por ter sido convidado a contribuir com seu projeto contando algumas de minhas recordações de minhas vidas passadas. Estou muito honrado por estar entre os seres do estado aberto que estão fazendo o mesmo, como o grande marciano senhor Sharmarie. Se quiserem, chamem-me de saturniano, mas não saturnino, pois não me encaixo nessa definição, que em seu idioma significa ser melancólico ou sombrio, ou apresentar tendência a ser amargo ou sardônico. Sim, entendo e sei falar muitos dos idiomas da Terra atual, bem como várias línguas que não são mais faladas há milhares de anos.

SUMER (SATURNO) E OMURAY (TITÃ)

Nasci primeiro no corpo planetário que vocês conhecem por Titã, a maior das doze luas do planeta Saturno (radiar Sumer). Não chamávamos Titã de mundo naquela época, nem o fazemos hoje, preferimos, sim, denominá-lo planetóide.

Para que vocês possam compreender melhor como minha espécie viveu durante minha primeira vida, acredito que seria apropriado descrever como os planetóides do sistema radiar Sumer originalmente interagiam com o âmago do sistema, ou seja, com o próprio radiar.

Como vocês sabem, o radiar Sumer, bem como os outros três radiar deste sistema solar, não estão funcionando normalmente, como faziam antes da destruição do planeta Maldek. Para que um radiar funcione de maneira adequada, ele deve emitir sua energia de sustentação de vida em pulsações. Originalmente, a duração da pulsação de energia do radiar Sumer era de cerca de 36 horas terrestres. Isso significa que ele levava aproximadamente 18 horas para atingir sua produção máxima de energia (igual à energia solar que atinge o continente norte-americano num dia em finais de abril). Durante a segunda metade do ciclo de pulsação, as emissões de energia do radiar gradualmente decresceram para cerca de 30% do máximo. Como a atmosfera e a superfície de Omuray retinham uma quantidade considerável da energia que recebiam durante a emissão máxima, a temperatura do planeta não variava muito além de cerca de -10°C . Outros planetóides do sistema apresentavam variação de temperatura entre cerca de -14°C e cerca de -8°C .

O aumento e o declínio do ciclo de pulsação podia ser fisicamente observado a partir de qualquer planetóide do sistema. A superfície do âmago do radiar [Sumer ou Saturno] era circundada por doze faixas cor-de-rosa (seis de cada lado do equador) que se deslocavam em direção ao equador do radiar até alcançarem cerca de 19,5 ao norte e ao sul do equador, onde se fundiam ao atingir a máxima emissão e retrocediam rumo aos pólos dos eixos do corpo na fase de declínio do ciclo de pulsação. Como as faixas de energia se deslocavam a uma velocidade precisa nas duas direções, podia-se medir o tempo com base em seu movimento. No ponto máximo de sua pulsação de energia, o radiar resplandecia com um branco brilhante, ao passo que no ponto mínimo produzia uma luz branca suave com leve matiz azul esverdeado. Um vestígio desse ciclo de pulsação original fica evidente pelas transmissões de onda de rádio periódicas que atualmente emanam do âmago do radiar a cada 10,66 horas terrestres aproximadamente (cerca de um terço do tempo, ou três vezes mais rápido do que o ciclo de pulsação original).

Quando Omuray (ou qualquer outro planetóide do sistema) se colocava em sua órbita entre o Sol central e o âmago do radiar, recebia luz e energia das duas fontes. Somente quando a órbita do planetóide o levava para trás do radiar (com o radiar situado entre o planetóide e o Sol central), Omuray experienciava o que vocês considerariam noite. A duração dessa noite era determinada pela velocidade rotatória do planetóide ao redor de seu eixo polar,

que era cerca de 40 horas terrestres (ou seja, a duração do dia omuraiano). A parte que não estivesse voltada para o radiar durante tal posição orbital ficava na escuridão, o que permitia aos habitantes do mundo ver claramente as estrelas da galáxia, bem como a luz refletida dos outros planetas e emitidas pelos demais radiars que formavam nosso sistema solar. A órbita de Omuray desenhava, originalmente, um círculo quase perfeito ao redor do radiar, e o planeta levava praticamente 180 dias terrestres (um ano omuraiano) para completar a rotação ao redor do radiar. Atualmente, Omuray leva apenas 16 dias terrestres para orbitar o radiar em mau funcionamento. O planetóide atualmente situa-se a cerca de 1.221.231 quilômetros do centro do âmago do radiar, proporcionando-lhe uma velocidade orbital de cerca de 240 mil quilômetros por dia terrestre. Originalmente, a órbita de Omuray ao redor do radiar era mais distante e sua velocidade orbital era bem menor.

Omuray (Titã) é o segundo maior planetóide do radiar Relt (Júpiter), conhecido por vocês como Ganimedes. Omuray ainda possui uma atmosfera considerável, cerca de 1,6 vez mais densa do que a atmosfera terrestre atual. A temperatura na superfície atualmente é de aproximadamente 1430 C. Esse fato, é lógico, torna o mundo totalmente inabitável para qualquer tipo de vida. Omuray tem diâmetro de cerca de 5.140 quilômetros, proporcionando-lhe uma área de aproximadamente 83.007.907 quilômetros quadrados, um pouco mais do que um sexto do tamanho da Terra.

MINHA PRIMEIRA VIDA

Em minha primeira vida, o radiar Sumer não tinha anéis, e Omuray possuía uma população humana de aproximadamente 992 mil pessoas. O mundo era governado por um conselho democraticamente eleito de nove homens e nove mulheres. Esse conselho filiava-se telepaticamente a seis conselhos semelhantes localizados em outros seis planetóides de radiars. Esse Grande Conselho era chamado, às vezes, de Conselho das Sete Luzes.

Os membros do conselho, denominados “Babs”, ficavam qualificados a servir se tivessem a rara capacidade de olhar para a face do radiar e fisicamente perceber imagens e visões na forma de cenários que se desenrolavam na face do orbe flamejante. Essas imagens e cenários eram produzidos pelo Senhor Deus El do sistema, que utilizava esse método para transmitir instruções aos sete conselhos e, por intermédio deles, ao povo dos planetóides do sistema.

A profissão vitalícia de cada omuraiano lhe era designada no nascimento pelo conselho de Babs. Determinaram que eu fosse biólogo, profissão que atualmente ainda exerço em nome da Federação. Como o radiar Sumer não está funcionando normalmente, o Conselho das Sete Luzes está impossibilitado, hoje em dia, de receber as instruções sagradas do El de Sumer, então, em vez disso, ele conta com as luzes de orientação divina proporcionadas pelos habitantes de qualquer mundo que consigam perceber a vontade do Criador do Tudo Que É.

Em minha primeira vida, nós de Omuray, não necessitávamos de oxigênio para viver, e sim respirávamos nitrogênio que, naquela época, possuía todas as características físicas que o oxigênio tem na Terra hoje. Isto é, devido à relação de interação que a atmosfera omuraiana tinha com a forma única de luz emitida pelo radiar, o nitrogênio foi quimicamente alterado para atuar como o oxigênio atua na Terra. Nossa água era composta por dois átomos de hidrogênio e um átomo de nitrogênio. O hidrogênio é o único elemento que não se altera quimicamente em presença de vários tipos de luz ou de qualquer outra forma de energia eletromagnética. Essas variações químicas também se deviam a distância orbital original que o sistema radiar Sumer tinha em relação ao Sol. Para compreender totalmente esses aspectos, seriam necessários conhecimentos mais amplos sobre os campos de pressão do sistema solar, assunto que está fora do alcance desta comunicação.

A força do campo gravitacional omuraiano variava segundo sua posição orbital em relação ao âmago do radiar. Em certas posições orbitais, o campo magnético do radiar era mais forte e a força do campo gravitacional de Omuray crescia proporcionalmente. Em outros pontos da órbita do planetóide, o campo magnético do radiar era menos intenso e a força do campo gravitacional de Omuray tornava-se correspondentemente mais fraca. Em Omuray, quem pesasse cerca de 72,5 quilos no período em que o campo gravitacional estava mais forte, pesava cerca de 69,8 quilos quando ele estava mais fraco. (Essas variações da força gravitacional eram semelhantes às que ocorrem atualmente na lua da Terra quando ela se aproxima ou se afasta de áreas mais fortes e mais fracas do campo magnético da Terra.)

Nas épocas de gravidade fraca, gotas de chuva maiores caíam lentamente na forma de lentes convexas e a velocidade dos ventos aumentava ligeiramente. Na época de força gravitacional mínima, as condições de refração de luz da atmosfera omuraiana se modificavam. Era nessas épocas que os Babs olhavam para o radiar para receber as instruções divinas do El.

Nessa primeira vida meu nome era Trome, filho de meu pai Bulon e mãe Sencreta. E a vontade do El de Sumer que, quando a mulher dá à luz uma criança, ela se torne biologicamente incapaz de dar à luz qualquer outra. Os homens podem ter no máximo três filhos, tornando-se também biologicamente incapazes de se reproduzir depois

disso. (É por essa razão que a contagem de esperma está se reduzindo em muitos tipos de pessoas na Terra atualmente — em especial nas que têm ADN de tipos sumerianos.)

Meu pai era um engenheiro civil respeitadíssimo especializado em hidráulica, mas passava a maior parte do tempo estudando o assunto em vez de trabalhar fisicamente nele. Enquanto aguardava ser convocado pelos Babs para trabalhar num projeto hidráulico, ele era um dos muitos administradores de várias centenas de pomares produtores de frutas. Meu primeiro emprego foi fazendo uma colheita de frutas muito semelhantes ao que vocês chamam de abacate. Os encarregados individuais de vários grupos de árvores competiam para ver quem conseguia produzir mais frutas na época da colheita.

Nossa sociedade era o que se poderia chamar comunista (não tínhamos moeda), sendo todos os alimentos distribuídos igualmente pelos Babs. O estado fabricava e tinha a propriedade de outros produtos. Éramos um povo obcecado por aprender e por esportes competitivos.

A capacidade de se comunicar por telepatia era biologicamente (inerentemente) limitada aos que estivessem próximos um ao outro em termos físicos. Apenas os Babs tinham capacidade de se comunicar mentalmente com quem bem quisessem. Lembrem-se de que, embora houvesse centenas de Babs, somente dezoito poderiam ocupar cargos governamentais ao mesmo tempo.

Cada casa dispunha de um rádio, televisão, computador e telefone celular, mas nos transportávamos principalmente em navios fluviais e trens elétricos. Éramos capazes de construir aeronaves e automóveis como vocês os conhecem, mas o El nos proibia de fazê-lo. Usávamos animais de tração e armas de metal leve nas épocas de colheita.

Desejávamos visitar os outros planetóides de nosso sistema radiar, bem como os demais planetas do sistema solar, mas o desenvolvimento da tecnologia necessária foi muito lento em minha primeira vida. Viagens de foguetes que se iniciam e terminam em um planetóide móvel são muito diferentes e apresentam uma série de problemas inteiramente diferentes daqueles com os quais os cientistas que projetam foguetes de mundos maiores (planetas que orbitam um sol central) teriam de se haver.

Minha mãe ensinou-me, a partir da idade de três anos terrestres, a ler, escrever e operar computadores e, então, passei para outras professoras de nossa cidade para que me ensinassem religião básica, história, arte e refinamentos sociais (aprendi a dançar, cantar, a fazer penteados e a desenhar roupas). A partir de mais ou menos treze anos terrestres, meus professores passaram a ser homens.

Concentrando-me nos temas de biologia e botânica, aprendi a enxertar um tipo de árvore em outra e pesquisei métodos de polinização artificial. Especializei-me na criação de híbridos vegetais e fertilizantes.

Omurray tinha um número considerável de formas de vida animal, tais como insetos e pássaros, bem como algumas formas de animais que seriam familiares a alguém vindo da Terra, como vacas (mais parecidas com búfalos pigmeus), porcos (também de uma variedade pequena), elefantes (pigmeus em comparação aos da Terra) e muitas outras formas de animais de pasto. Nós, habitantes de Omurray, tínhamos permissão do El para matar e comer diversos tipos de animais seis vezes por ano (uma revolução por todo o radiar). Embora fosse admissível, matar e devorar animais não eram práticas comuns em qualquer época do ano, mas selecionar para abate animais entre os rebanhos seis vezes por ano era uma necessidade.

O celibato era praticado até que os homens e mulheres tivessem pelo menos quatorze anos terrestres. A partir daí, as relações sexuais eram permitidas caso as duas pessoas comprometidas concordassem mutuamente. Gravidez constituía casamento, e esperava-se fidelidade recíproca daquela hora em diante. As viúvas e viúvos eram livres para fazer o que quisessem. Era muito raro um homem conseguir fecundar duas ou mais mulheres ao mesmo tempo (antes de se casar com qualquer uma delas), tornando-se, assim, um dos que tinham a felicidade (ou infelicidade) de ter mais de uma mulher.

Juntamente com meus estudos de biologia e botânica, fui treinado em atletismo, tornando-me um corredor e alpinista de rochas muito bom. Era considerado ótimo nesses esportes, mas não consegui tornar-me o campeão que meu pai sonhara.

Eu gostava de luta romana, em especial contra adversários do sexo feminino. Devo admitir que perdi mais lutas do que ganhei. As mulheres omuráianas são muitas belas, mas também bem duronas. Essas lutas realmente ajudaram a preparar-me para a vida de casado, que iniciei aos dezessete anos terrestres com uma mulher chamada Graforet. Dessa união nasceu uma menina que chamamos de Stenee, como a avó materna de minha mulher. Graforet era apicultora e especialista na produção de tipos raros de mel. Suas colméias ficavam próximo à nossa casa, e suas moradoras me detestavam e me atacavam a menos que Graforet as chamasse de volta por meio de um comando mental. Fui picado tantas vezes que fiquei imune ao veneno das abelhas, tornando-me assim, contra minha vontade, objeto dos inúmeros projetos de pesquisas biológicas de Graforet e de seus colegas.

Quando eu tinha mais ou menos 38 anos terrestres, Stenee casou-se e eu recebi uma grande honra dos Babs por ter desenvolvido um fertilizante fotossensível que, uma vez espalhado, durava mais que 53 anos terrestres, sendo

liberado com o tempo (ativado a partir de um estado de latência) por certas emissões de raios. Essa honra é equivalente a ganhar o Prêmio Nobel da Terra. Eu não sabia naquela época, mas minha fama correu o universo, e minha fórmula de fertilizante atraiu o interesse de pessoas vindas de um sistema solar totalmente diferente. Essas pessoas chamavam a si mesmas de nodianos.

Os nodianos chegaram em Omuray na véspera do aniversário de Graforet e imediatamente entraram em contato com o conselho de Babs. Fui convocado para comparecer diante do conselho, e lá, pela primeira vez, pus os olhos em seres humanos vindos de outro mundo.

Ofereceram-nos coisas importantes pela fórmula do fertilizante, mas aceitamos um número ilimitado de viagens pelo espaço, de modo a visitar e conhecer pessoas dos demais planetóides de nosso sistema solar, de planetas de nosso sistema solar e as pessoas que agora sabíamos viviam em outros sistemas solares por todo o universo.

Para que esse tipo de viagem estivesse a nosso dispor quando decidíssemos partir, por assim dizer, os Babs permitiram que os nodianos estabelecessem uma base (com cerca de 2.590 quilômetros quadrados) em Omuray. Tornei-me uma espécie de atração turística. (Foi nessa época que conheci Abdonell, o embaixador nodiano que prefaciou este artigo, e sua mãe Taina-Soy, sua constante companhia e conselheira.)

Acompanhei o conselho de Babs em nossa primeira viagem espacial aos outros seis planetóides habitados por seres humanos do sistema solar Sumer. Descobrimos que os então cinco planetóides remanescentes eram habitados somente por vida animal e vegetal de espécies semelhantes às encontradas nos sete planetóides habitados por seres humanos. Os outros corpos parecidos com planetóides que agora circundam o sistema solar Sumer (cerca de oito de tamanho considerável) e o sistema de anéis são pedaços autênticos do planeta Maldek e porções de sua agora congelada atmosfera.

Nós, que respiramos nitrogênio em Omuray, adaptamo-nos com facilidade à atmosfera nodiana rad que preenchia o interior de suas espaçonaves. Era e ainda é necessário respirar ar rad, pois quando nos afastamos das várias formas de influências físicas de um sistema solar, o átomo de nitrogênio pode modificar suas características químicas várias vezes e, no caso dos habitantes de Omuray, não mais nos seria útil como oxidante. O ar rad exalado é o mesmo que inicialmente contivera qualquer outro tipo de oxidante antes de ser inalado. Ou seja, o ar exalado é, em sua maior parte, dióxido de carbono, mas no caso de ar rad, vários dos assim chamados gases nobres como neônio, argônio, criptônio, etc. (que entram na fórmula rad) temporariamente se ligam à molécula de dióxido de carbono, e então se decompõem ao entrar na massa de ar não respirado. Quem respira oxigênio tem muita dificuldade em se adaptar diretamente a uma atmosfera rad (a interação poderia ser explosiva). Por esse motivo, uma pessoa que tem utilizado oxigênio como oxidante deve, primeiro, respirar outros gases oxidantes (como nitrogênio) com um teor químico de oxigênio antes de se adaptar ao ar rad. Essas adaptações de respiração não foram problema para aqueles de nós que vieram de qualquer planetóide de Sumer, pois todos respiramos nitrogênio.

Os nodianos levaram o conselho Bab e alguns outros habitantes de Omuray a visitar os outros planetóides de nosso sistema solar, acabando por ceder a cada um dos sete conselhos Bab uma espaçonave com capacidade para até 40 pessoas. No início, essas naves eram sempre pilotadas por nodianos, vitronianos, regalianos e os mudos alperianos, todos nativos de mundos localizados no sistema solar natal nodiano. Com o correr do tempo, foram treinados sumerianos para operar esses veículos. Como os planetas que vocês chamam de Vênus, Terra e Maldek eram mundos onde se respirava oxigênio (Marte não era), não fizemos viagens espaciais a esses mundos, pois os nodianos não nos transmitiram a tecnologia de como converter respiração rad em respiração de oxigênio. (Recusaram-nos esse processo em razão do que é agora denominado Diretriz Primeira.)

Nós, dos planetóides Sumer, capazes agora de encarar fisicamente uns aos outros, descobrimos que tínhamos muito em comum, com exceção (em alguns casos) do idioma e da história. A maioria das línguas faladas nos planetóides Sumer eram iguais à falada em Omuray (agora chamada Sumer básico). Nos demais idiomas do sistema, eram usadas apenas 10% a 43% das palavras do Sumer Básico, e os adjetivos precediam os substantivos (ao contrário do Sumer básico).

Quatro dos sete planetóides haviam experienciado guerra, e certos grupos desses mundos nutriam ressentimentos uns contra os outros, ignorando totalmente a autoridade divina de seu conselho Bab particular. Posteriormente, esses inimigos levaram consigo suas rixas quando foram forçados a imigrar para a Terra devido à destruição de Maldek.

Depois que foi possível o contato físico entre nós, habitantes dos vários planetóides Sumer, o Grande Conselho de Babs recebeu uma comunicação do El do sistema, dando permissão aos povos do sistema para realizar casamentos entre si. Desses casamentos (mistura de ADN) se originaram grandes sumerianos. O Grande Conselho de Babs colocou os outros cinco planetóides do sistema sob seu controle coletivo e os colonizou com gente de todos os planetóides do sistema.

Esses colonizadores tinham de lutar com algo contra o qual nunca tiveram de lutar: predadores. Enquanto o

homem abatia os rebanhos de animais nos outros sete planetóides, várias formas de gatos carnívoros desempenhavam essa função nos outros cinco mundos do sistema.

Tanto meu pai quanto eu, juntamente com outros especialistas em nossos respectivos campos, fomos incumbidos pelo Grande Conselho de Babs de desenvolver esses mundos e torná-los vantajosamente produtivos. Alguns dos colonizadores mostravam uma atitude hostil, o que não tornava as coisas muito fáceis para aqueles de nós que haviam vivido nossas primeiras vidas em paz. Eram freqüentes assassinatos e batalhas entre diversas facções. Alguns não gostavam dos costumes das pessoas que não eram nativas de seu planetóide em particular. Os costumes das pessoas hostis tornaram-se contagiosos, e muitos que conheciam apenas os costumes da paz adotaram a violência, primeiro para se defenderem e depois como meio de impor sua vontade aos outros.

O Grande Conselho de Babs formou unidades militares sumerianas para controlar as hostilidades nas colônias. A Federação Nodiana não ofereceu e nem prestou qualquer forma de assistência nesses assuntos, novamente invocando a Diretriz Primeira.

Certo dia, uma espaçonave apresentando a insígnia da casa de comércio nodiana de Domphey, aterrissou na base da Federação em Omuray. Entre os nodianos havia inúmeras pessoas louras e delicadas vindas do planeta que vocês chamam Vênus (elas denominavam seu mundo Wayda).

Os venusianos trouxeram com eles equipamentos que permitiriam que uma pessoa que respirasse rad passasse a respirar oxigênio. Instalaram os equipamentos em nossas sete espaçonaves (reduzindo o limite de passageiros de cada nave de 40 para 31). Disseram-nos que presentear esses equipamentos não mais violava a Diretriz Primeira. Os venusianos e a maioria de nós, dos planetóides Sumer, demo-nos muito bem. Partilhávamos o desejo comum de compreender e aprender tudo o que conseguíssemos.

Era o 53 ano de minha primeira vida e, certo dia, estava fazendo uma refeição com vários amigos, dois dos quais eram mulheres venusianas. Aproximava-se a época em que as faixas de energia do radiar iniciavam seu ciclo minguante. De repente, todos nos sentimos muito mal e fracos. O movimento antes previsível das faixas do radiar cessou por cerca de vinte minutos, então elas se deslocaram rapidamente para sua posição normal naquela hora do dia. Em seu ponto normal de retrocesso, as faixas de energia cresciam e minguavam por outro período de tempo, então corrigiam sua posição repetidamente. Essa atividade de interrupção e de correção continuou por cerca de noventa horas terrestres e, então, voltou ao normal.

Os Babs anunciaram que esse fenômeno fora causado pela explosão de Maldek. Meus amigos e eu ficamos imaginando como uma coisa daquela poderia ter acontecido.

Aproximadamente oitenta naves da Federação partiram de Omuray para inspecionar as condições físicas dos demais mundos do sistema solar, retornando depois a seu mundo natal. A maioria dessas naves nunca retornou. As tripulações das naves que conseguiram voltar contaram que inúmeros pedaços do malfadado planeta se deslocavam a velocidades muito altas em todas as direções imagináveis, e correntes de energia produziam forças muito erráticas; assim, qualquer tentativa de atravessá-los era impossível. Depressões, fendas e marcas de fogo no casco das espaçonaves da Federação confirmavam suas histórias aterradoras.

Pouco tempo depois (cerca de dois meses e meio terrestres) Omuray de repente ganhou uma companhia na forma de um grande veículo espacial da Federação (nave-mãe) chamado Commiva, que se deslocava constantemente. Essa nave tinha um diâmetro de cerca de 6,9 quilômetros (minúscula, se comparada às naves-mães atuais). Quatro espaçonaves vindas dessa nave-mãe, de um tipo que eu nunca vira, aterrissaram na base praticamente deserta da Federação. Entre as centenas de passageiros que elas levavam havia um homem chamado Tasper-Kane. Era um nodiano muito velho que relatou aos Babs as apreensões da Federação quanto ao futuro, muito provavelmente desastroso, dos planetas e dos radiares do sistema solar. Quando ele disse que talvez fosse necessário deslocar populações inteiras dos planetóides Sumer para novos lares em outras partes do universo, o omuraiano comum zombou. Afinal, exceto pelo fato de que o planeta Maldek ser agora representado por fragmentos de rocha e uma grande nuvem de gás e poeira, tudo nos planetóides Sumer estava perfeitamente normal.

Os Babs fitaram a face do radiar durante dias, buscando as instruções do El. Quando a mensagem divina afinal chegou, dizia em essência: “Diga ao povo para começar a arrumar suas coisas.”

Fui designado para o grupo de planejamento de Tasper-Kane, e teve início o que parecia ser uma tarefa impossível. Não se tratava apenas do deslocamento do povo de um planeta para o outro, como também todos os tipos de vegetal e animal que respirassem nitrogênio (inclusive todas as formas de micróbios) tinham de ser preparados para o transporte para que fossem preservados. Concluiu-se que, depois que os exemplares mais fortes de cada espécie fossem selecionados para transporte, todos os demais de sua espécie em particular seriam deixados para trás para perecer.

Embora tivesse consciência dos perigos que a esperavam, uma minoria do povo dos planetóides Sumer preferiu não se preparar para a imigração, e sim escolheu morrer com seu mundo particular quando chegasse a hora. Outros

acontecimentos impediram a partida de um grande número de imigrantes dispostos a ir embora. Aqueles que acabaram por sair dos planetóides agonizantes aos poucos somaram 3,8 milhões.

Todo o planejamento da preparação e do transporte foi realizado a bordo da Commiva. Foi lá que, pela primeira vez, entrei em contato físico com pessoas nativas da Terra, de Marte, do radiar Relt (Júpiter) e do radiar Trake (Netuno). A bordo da Commiva, havia gente de centenas de mundos fora do sistema solar local. A princípio, as coisas estavam muito caóticas e era muito frustrante para nós lidar com a tarefa e, para a maioria de nós, com as diferenças extremas existentes entre nossas várias culturas e personalidades individuais. Alguns logo se enfureciam e outros simplesmente sentavam-se e choravam um pouco e então voltavam imediatamente ao trabalho.

Cerca de três anos terrestres após a destruição de Maldek, pequenos pedaços do planeta começaram a entrar em órbita ao redor do radiar Sumer. Alguns desses pedaços se transformaram em meteoros que riscavam os céus e vaporizavam. Alguns deles realmente colidiam com a superfície dos mundos, deixando crateras de impacto relativamente pequenas. A Federação nos avisou que esses pequenos fragmentos eram um portento, pois previa-se que grandes pedaços do planeta Maldek acabariam por cair na superfície dos planetóides, causando, assim, efeitos catastróficos, inclusive considerável perda de vidas. O prazo para se começar a imigração em massa diminuía.

O destino principal dos imigrantes humanos dos planetóides Sumer era o planeta Terra. As espécies vegetais e animais, tanto nas formas vivas como de embriões em animação suspensa, deviam ser depositadas num mundo de atmosfera de nitrogênio localizado em um sistema solar remoto. O nome desse mundo é Simcarris.

A Terra foi selecionada por duas razões principais: (1) parecia ser o único planeta do sistema solar que estava mantendo sua órbita original; (2) a luz do Sol central era composta de energia espectral mais adequada à biologia de seus habitantes nativos do que a luz de um sol diferente.

Quase 600 sumerianos e 65 de meus parentes consanguíneos (inclusive Graforet) passaram pelo processo indispensável que os transformou de seres que respiram nitrogênio em seres que

NOTAS

(1) Nos últimos anos, Richard Hoagland, autor de *The Monuments of Mars*, e vários de seus colegas extrapolaram as dimensões da pirâmide D & M de cinco lados localizada na planície de Sidônia no planeta Marte e acreditam que seja uma mensagem extraterrestre intencional relativa à importância da geometria tetraédrica. Eles inscreveram um tetraedro de quatro lados dentro de uma esfera e descobriram que os quatro cantos da base do tetraedro tocariam a superfície da esfera em pontos localizados à cerca de 19,5 ao norte e ao sul do equador de uma esfera ou planeta. O grupo de Hoagland percebeu que tanto os vulcões havaianos como a antiga cidade pré-colombiana de Teotihuacán se localizam em dois dos pontos tetraédricos de 19,5 do globo. Foram também os primeiros a reconhecer que o gigantesco vulcão marciano, Monte Olimpo, situa-se em tal ponto tetraédrico em Marte, e a Grande Mancha Vermelha de Jupiter localiza-se em cerca de 19,5 ao sul do equador desse radiar. Hoagland chama os pontos 19,5 do globo de "fontes de energia."

(2) Em sua descrição da função do radiar Sumer, Trome chamou-me a atenção para os seguintes fatos:

a. As fontes de energia de todos os planetas variam entre 19,4920224569 e 19,570353825 a norte e sul de seu equador.

b. A matemática Ra afirma que os vários comprimentos de onda espectrais dos elementos são sinônimos dos graus de um círculo red pi. Um grau de red pi é igual a 0,008726646 unidades (red pi é igual a 3,141592592).

c. Os comprimentos de ondas da primeira e da segunda linhas espectrais visíveis de hidrogênio são, respectivamente, 6561 angstroms Ra red e 4860 angstroms Ra red. A distância entre essas duas linhas é de 1701 angstroms Ra red.

Voltando aos primeiros pontos fontes de energia de Trome numa esfera (19,4920224569), descobrimos que quando esse valor é multiplicado por um grau de red pi, o resultado é 0,1 701 (1/10.000 da distância existente entre os comprimentos de onda da primeira e da segunda linhas espectrais visíveis de hidrogênio). Quando o segundo valor de Trome de 19,570353825 graus é considerado da seguinte maneira:

$19,570353825 = 4,423839263$ e $4,423839263 = 2,103292482$ e $2,103292482 = 1,450273244$ e $1,450273244 = 1,20472911$ e $1,20472911 = 1,097393690$, chegamos a um resultado muito importante. O número 1,097393690 é conhecido na física quântica como a constante de Rydberg para o elemento hidrogênio. É usado em equações simples para determinação matemática dos valores das linhas espectrais do hidrogênio desde o infravermelho profundo até o ultravioleta. O recíproco desse número é 0,91125. No sistema de medida Ra, o peso de um elétron é de 9,1125 gramas 10

“. Uma unidade de peso chamada qdt pesado, que pesava 9,1125 gramas, era usada na antiga Suméria e no Egito pré-histórico para se pesar ouro e prata. O volume da arca da assim chamada Câmara do Rei da Grande Pirâmide de Gizé contém um número par dessas unidades de qdt pesado.

Desde que Trome transmitiu-me esses dados, minha pesquisa matemática sobre Ra (em especial na área da gravidade) teve um avanço de mais de 100%.

respiram a atmosfera saturada de oxigênio da Terra. Deixei de respirar ar rad, que estivera respirando na Commiva, e passei a respirar oxigênio. Depois desse tipo de conversão, foi necessário ser vacinado para prevenir as doenças da Terra, bem como aquelas introduzidas por imigrantes de outros mundos. Quando isso foi concluído, saímos de Omuray em uma espaçonave da Federação que possuía atmosfera interior de ar da Terra. Chegamos à Terra no momento exato em que o Sol se erguia no horizonte.

Nossa tarefa era estabelecer um posto para o recebimento dos que chegassem a partir daquele momento dos planetóides Sumer. Ficava no que vocês chamam de Iraque. Uma descrição das providências que tínhamos de tomar para receber e sustentar 3,8 milhões de pessoas, mesmo com a ajuda da Federação, ultrapassaria o número de páginas que vocês reservaram a este texto. Basicamente, a produção e a conservação de alimentos constituíam uma prioridade, pois as bactérias da Terra faziam com que se estragassem com facilidade. Abrigos e vestimentas também eram importantes, porque, pela primeira vez em suas vidas, os habitantes dos planetóides Sumer estavam expostos às mudanças de estações. As temperaturas de inverno na Terra eram quase intoleráveis, e muitos morreram devido a elas. Muitos dos vivos buscaram o calor das piras fúnebres dos mortos. A maioria das pessoas que possuíam treinamento médico foram mantidas nos planetóides. Descobrimos que a razão disso eram as chuvas freqüentes de grandes quantidades de meteoros maldequianos sobre os mundos, provocando grande número de mortes e ferimentos. Primeiro, apenas os saudáveis vieram para a Terra, então, os que conseguiam andar vieram cambaleando juntamente com o pessoal médico, e por fim aqueles que, embora gravemente feridos, conseguiram tolerar o processo de conversão para oxigênio. Com esse último grupo veio o pessoal médico que sobrevivera aos bombardeios de meteoros.

Uma coisa boa era que as sete espaçonaves que nos foram originalmente cedidas pela Federação forneciam mais do que o suficiente de energia elétrica. O uso dessa energia ajudou muitíssimo a maioria de nós a sobreviver, mas também causou inveja em algumas das pessoas vindas de outros mundos que não dispunham de fontes de energia elétrica. Partilhamos essa energia com nossos vizinhos até que capacidade de fornecimento das sete espaçonaves se esgotou. Essa política de boa vizinhança protegeu nossas fronteiras de invasores por vários anos.

Tasper-Kane deslocou seu grupo de planeja-dores para a Terra e me reuni a ele. Enquanto meu povo lutava para se adaptar e sobreviver na Terra, nós, do grupo, viajavamos pela superfície da Terra e visitávamos os líderes dos povos que foram, em certa época, nativos dos planetas Vênus e Marte, bem como aqueles vindos dos planetóides dos ríades Relt (Júpiter) e Trake (Netuno). Havia milhões dessas culturas transplantadas que sofriam os mesmos problemas de adaptação e sobrevivência — e, em alguns casos, lutavam contra mais problemas do que nós, do sistema Sumer. O propósito desses contatos era instituir uma cooperativa para o benefício mútuo de todas as culturas. Os recursos da Federação estavam sobrecarregados no limite. Era cada vez mais difícil para seus membros fornecer transporte e provisões variadas para milhões de pessoas à medida que as diversas populações cresciam em virtude de nascimentos e da chegada de cada vez mais gente proveniente de seus mundos particulares.

A maioria dos nativos da Terra (mas nem todos) se ressentia de nossa interferência e escolhia seguir as imposições contraproduzidas de seus mestres maldequianos. Muitos maldequianos haviam sobrevivido à destruição de seu planeta, pois se encontravam na Terra ou em outro lugar quando se deu o calamitoso acontecimento. Os maldequianos não demonstravam pesar visível pelo fato de terem destruído seu próprio planeta, ou pelo fato de serem responsáveis pelos sofrimentos e tristezas de tanta gente. Chegaram ao ponto de exigir tributo material daqueles de nós que éramos forçados a viver em seu meio. Acabaram por extorquir de nós várias formas de pagamento, ameaçando-nos e usando a força militar. Quando invadiram fisicamente nossa terra adotiva, a Federação foi forçada a remover as sete espaçonaves produtoras de energia elétrica para impedir que elas caíssem em mãos maldequianas. O que deveria ser uma medida temporária acabou tornando-se uma situação permanente. Muitas de nossas ferramentas tornaram-se inúteis, então recorremos a métodos mais primitivos. Algo que realmente aprendemos a fazer foi lutar. Aceitamos prontamente a tutela de nossos amigos marcianos na arte da guerra. Os maldequianos não desejavam nos destruir, queriam, sim, subjugar-nos. Um escravo morto era-lhes inútil.

Tasper-Kane e seu primeiro assistente Abdonell sugeriram que tomássemos entre nós os que originalmente haviam vindo do planeta Vênus (Wayda). Essas pobres almas realmente não sabiam como lidar com o ambiente da Terra e os beligerantes maldequianos. Quando esse arranjo foi feito, o 1,1 milhão original de venusianos que haviam vindo para a Terra reduzira-se a cerca de 390 mil.

No 28º ano terrestre depois do desaparecimento do planeta Maldek, povos de todas as raças passaram a se queixar que as coisas não tinham o sabor e o cheiro de antes. As abelhas de Graforet não se reproduziam e suas colméias ficaram desertas. Outros tipos de animais desenvolveram comportamentos muito estranhos. Os ânimos se exaltavam, principalmente na fase de lua cheia e de lua nova. Esses acontecimentos incitaram a Federação a tomar medidas preventivas e começar a reunir plantas e animais terrestres para colocá-los em outros lugares e a buscar no universo portos seguros para os quais eles poderiam deslocar as populações humanas do atual mundo que as abrigava. Os marcianos foram os primeiros, juntamente com inúmeros dos Filhos nativos da Terra, a ir embora da Terra rumo a um novo lar planetário que orbitava uma das sete estrelas que vocês chamam de Plêiades. Era chamada naquela época, como agora, Carrdovan, e o mundo era Mollora.

Ajudei na catalogação e reunião da flora e da fauna da Terra, como já fizera com os tipos semelhantes de formas de vida dos planetóides Sumer, só que dessa vez não os acompanhei a seu destino final. Eu não queria ficar nem

um minuto longe de meu povo e de minha família. Também desejava permanecer na Terra e fazer o que pudesse para prepará-los e aos venusianos para outro deslocamento a algum local indeterminado aonde esperávamos e rezávamos para poder viver em paz. Os poderes dos Babs estavam perdidos e eles eram incapazes de nos orientar como faziam no passado. Derramamento de sangue e escravidão (tanto físicos como psíquicos) predominavam na Terra.

Cerca de trinta anos haviam se passado desde que minha família e eu deixáramos nosso mundo natal, e eu estava agora com 89 anos terrestres. Alguns anos antes, um grande número de marcianos e um número comparativamente menor de venusianos e os habitantes de Sumer haviam saído da Terra para serem colocados em outro lugar. A maioria dos mundos aos quais os sumerianos tinham ido aceitavam apenas um pequeno número de pessoas. Portanto, muitas pessoas de Marte, Vênus e Sumer não puderam sair da Terra no decorrer daquela vida.

Os maldequianos agora dispunham de aeronaves com as quais podiam impor suas ordens sobre as pessoas de outros mundos. Todos acabaram por aceitar o fato de que os maldequianos tinham o controle total — até a Federação. A Federação continuou procurando locais biologicamente adequados para onde poderia nos transportar e, às escondidas, nos fornecia produtos pelas costas de nossos governantes maldequianos. Continuou fazendo isso até a época das Grandes Catástrofes. O início desses acontecimentos terríveis foi descrito pelo marciano Senhor Sharmarie quando narrou sua primeira vida. Não posso melhorar sua descrição, posso apenas acrescentar que, no terceiro dia depois do início das chuvas torrenciais, eu e minha mulher Graforet, encolhidos em nossa casa de tijolos de barro, morremos quando ela desmoronou em cima de nós.

ENQUANTO ISSO

As calamidades geológicas que se iniciaram na Terra depois de minha primeira vida continuaram intermitentemente em graus variados de intensidade durante cerca de 1750 anos. E, embora esses acontecimentos desastrosos não cessassem por completo, eles realmente se nivelaram a ponto de os terremotos ocorrerem com menos frequência e raramente excederem a magnitude de 6,2 em sua escala Richter de medida. A vida humana, animal e vegetal sobrevivente experimentara um desenvolvimento drástico. Os seres humanos foram reduzidos a alturas que ficavam entre 26,4cm e 1,39 m. Seus corpos eram cobertos por pêlos. Sua capacidade de pensar e raciocinar era muito prejudicada pelos efeitos intensos da Barreira de Frequência então predominante. Os seres humanos daquela época sobreviviam mais ou menos por meio de instintos semelhantes aos que são atribuídos hoje aos animais selvagens. A duração média de vida era de aproximadamente dezenove anos. Essa época da história é denominada, pelos seres do estado aberto, o “primeiro platô de equilíbrio geológico.”

Como a Barreira de Frequência é mentalmente prejudicial a todos os tipos de seres humanos, a Federação e todos os que conseguiam viajar pelo espaço passavam ao largo do planeta Terra e também do sistema solar local.

Nesse meio tempo, a Federação se expandiu para vários outros sistemas solares, alguns dos quais se localizavam em outras galáxias. Com o correr do tempo, os problemas e considerações seculares da Federação, relacionados com as diversas culturas humanas do universo, tornaram-se secundários em relação ao que se consideravam questões espirituais muito importantes. Por muitas razões, essas novas prioridades levaram o planeta Terra de volta à cena. Foi desenvolvida uma nova tecnologia que permitiu às espaçonaves da Federação e suas tripulações operar por períodos curtos de tempo dentro do campo de influência da Barreira de Frequência. Estudos preliminares da situação geológica da Terra indicaram que em alguma época desconhecida, o planeta se curaria de sua doença da Barreira de Frequência, e que algum dia chegaria a hora em que ela e seus efeitos mentais danosos deixariam de existir por completo.

Desde pouco depois do início do primeiro platô de equilíbrio geológico até hoje, a Federação vem monitorando o progresso da Barreira de Frequência e as mudanças biológicas nas diversas formas de vida do planeta.

Minha última vida na Terra foi há mais de oito mil anos. Desde então, vivi duas vidas dentro do ilimitado estado mental aberto (não afetado pela Barreira de Frequência da Terra). Eu estava e ainda estou a serviço da Federação, envolvido no estudo dos efeitos da Barreira de Frequência sobre a vida vegetal e animal, e com a reintrodução final dos tipos da fauna e flora existentes anteriormente à Barreira de Frequência, que atualmente se encontram de alguma forma preservados nos cofres do armazém biológico da Federação ou que vivem em inúmeras reservas de caça situadas em vários pontos do universo. As localizações dessas reservas são altamente confidenciais.

Atualmente, tenho 2108 anos terrestres de idade, mas fisicamente não me dariam mais de 35. Se não fosse pela Barreira de Frequência, eu poderia andar livremente na rua de uma cidade da Terra (exceto talvez no Oriente) sem atrair nenhuma curiosidade ou atenção.

Compreendo que vocês queiram que eu narre os acontecimentos e experiências de pelo menos quatro das vidas que vivi na Terra desde minha primeira vida. Muitas delas foram um tanto semelhantes, em especial as mais recentes. Mesmo assim, as vidas mais recentes devem ajudar a esclarecer certas questões atualmente existentes em

relação às antigas civilizações da Suméria e da Babilônia.

OS DACKEYS

Cerca de 632 mil anos depois do início do primeiro platô de equilíbrio geológico, nasci na região montanhosa da terra que é hoje a Turquia. O nome de meu pai era Tasido e o de minha mãe era Masyna. Morávamos em um povoado de casas de pedra com mais cerca de 450 pessoas. Chamávamos a nós mesmos de os dackeys.

Disseram-me, quando eu era muito jovem, que eu era bisneto de um deus. Fui também informado que minha bisavó tivera relações com um deus que ela encontrara certo final de tarde, enquanto cuidava do rebanho de cabras de seu pai. Sua narrativa terminava com a descrição de seu amante divino entrando no corpo de um pássaro prateado e voando para o céu. A experiência de minha bisavó era aceita como verdade, pois inúmeras outras jovens de seu tempo e de nosso povoado também reivindicavam a mesma experiência. De fato, houve muitas discussões entre mulheres de todas as idades quanto a de quem era a vez de cuidar dos rebanhos.

Nossa religião e nossas crenças espirituais, desde que nos lembrávamos, eram influenciadas por lendas de encontros com seres vindos do céu. Acreditávamos em reencarnação (vida física na forma humana após a morte) e, que em alguma vida futura ganharíamos, praticando boas ações e amando uns aos outros, o direito de viver entre os deuses em suas moradas celestiais.

Até mais ou menos a idade de dez anos, eu nunca vira um deus nem os pássaros prateados nos quais eles voavam para lá e para cá. Naquela época, observei, juntamente com muitas outras pessoas, um objeto prateado em forma de ovo sobrevoar nosso povoado. Muitos de meus amigos de brincadeiras também reivindicavam descendência divina, e inventávamos jogos imaginários nos quais possuíamos poderes divinos que nos permitiam voar e realizar façanhas milagrosas. Outros garotos usavam sua descendência divina (indicada pelos nossos cabelos e barbas negros, sedosos e ondulados) para inspirar o interesse romântico nas jovens.

Os campos que circundavam nosso povoado estavam repletos de muitos tipos de vida animal, em especial uma espécie parecida com o atual canguru. Também vagueavam por ali bandos de humanos que chamávamos os zains. Esse povo era muito primitivo e se comunicava por meio de grunhidos e gestos de mão. Não conhecia o fogo e, na verdade, fugia dele, gritando e escondendo os olhos. Lembro-me de certa vez, quando um zain que havia sido muito machucado por um animal predador veio a nosso povoado em busca de ajuda, que demos prontamente. Enquanto seus ferimentos estavam sendo tratados, uma mulher, obviamente sua companheira, movia-se impaciente nos limites do povoado, lamentando-se tristemente. Incapazes de salvar a vida do zain, deixamos seu corpo a vários quilômetros do povoado. A mulher zain sentou-se ao lado do corpo durante vários dias e então foi-se embora. Naquela noite, o corpo desapareceu.

Sugeriram que os deuses talvez viessem morar entre nós se lhes construíssemos um lugar adequado para viver. Esse pensamento nos inspirou a construir o que pode ter sido o primeiro templo ou igreja construído na Terra depois do início da Barreira de Frequência. Paredes simples de pedras não serviriam, então foram cortadas pedras em blocos e meticulosamente adornadas. A construção levou cerca de oito anos para ser concluída.

Bem no topo da estrutura piramidal ficava uma câmara onde os deuses poderiam, com privacidade, ter relações com qualquer jovem que escolhessem dentre um grupo selecionado de nossas mais belas mulheres. Cada uma das mulheres desse grupo (uma de cada vez) ao pôr-do-sol subiria as escadas até a câmara superior do templo e lá permaneceria até o alvorecer. Por muitos anos, nenhuma delas contou ter se encontrado de que maneira fosse com um deus durante sua vigília noturna.

Certa manhã, uma mulher chamada Darrie desceu as escadas do templo, aninhando nos braços uma bela esfera de cristal. Sem dizer uma palavra, entregou a esfera ao irmão de meu pai, Bellarbus, e então partiu para as montanhas, para nunca mais ser vista. Supusemos que ela fora embora para se reunir fisicamente aos deuses.

Meu tio Bellarbus sentava-se nos degraus do templo entre outros homens e mulheres do povoado e fitava o interior da bola de cristal. Ele nos informou que, ao fazer isso, conseguia ouvir e ver os deuses. Ninguém duvidava de que ele tivesse essa capacidade, pois conseguia prever com muitas horas de antecedência quando os deuses sobrevoariam o povoado em seus ovos prateados. Ele nos disse que os deuses estavam satisfeitos por termos construído o templo, e nos incentivou a continuar a construção como fora planejado. As escadas do templo eram esvaziadas ao pôr-do-sol para que outra sacerdotisa pudesse subir à câmara superior na esperança de se encontrar com um deus.

Descobri depois que meu tio Bellarbus foi, numa vida anterior, um dos Babs que buscavam orientação divina fitando a superfície da esfera reluzente [Saturno] que era e ainda é o radiar Sumer.

Nos anos seguintes, todos os habitantes do povoado tiveram a oportunidade, em seu aniversário, de perscrutar o interior da bola de cristal, e alguns

narraram uma experiência espiritual ao fazer isso. Todas as minhas tentativas de olhar dentro do cristal em

busca de uma visão acabaram por mostrar sua transparência clara se tornando azul e se enfumaçando. Como todos conseguiram enxergar essas mudanças físicas na bola, tornei-me objeto de muitas brincadeiras. A esfera de cristal acabou por ser guardada na câmara superior do templo à noite. Assentava num altar nas mãos em forma de concha finamente esculpidas representando as mãos da mulher Darrie, que trouxera originalmente essa dádiva dos deuses ao povo.

Aos 17 anos casei-me com uma garota chamada Soogee, e seguimos acrescentando duas meninas e um menino à crescente população de dackeys. O índice de natalidade tornou-se bem alto — mesmo nossos rebanhos de vários tipos de animais domesticados apresentavam um crescimento extraordinário. Mas observamos que os bandos de zains se reduziam em tamanho.

Certa manhã, tio Bellarbus convocou todo o povo ao templo e informou-nos que os deuses nos instruíram a abandonar nosso povoado muito confortável e nos mudarmos para o sul. Disseram-nos que devíamos fazer isso para nos esquivar de grande um bando de gente assassina que logo nos atacaria vindo do leste.

Três dias depois, queimamos nossas casas (mas não o templo) e iniciamos nossa jornada rumo a uma nova terra cuja localização somente os deuses conheciam. Viajávamos com lentidão, pois nossa velocidade era imposta pelas necessidades de água e alimentos de nossos rebanhos — itens que se tornavam cada vez mais difíceis de encontrar a cada passo que dávamos em direção ao sul. O relevo era acidentado e a terra passava de cobertura esparsa de relva a deserto estéril. Contávamos inteiramente com chuvas ocasionais para nos fornecer a água para nossas necessidades. A chuva tão necessária parecia ocorrer quando os ovos prateados dos deuses pairavam nos céus acima de nosso grupo sedento.

Depois de cerca de seis meses de viagem, água e pastagem outra vez se tornaram abundantes e um de nossos grupos avançados retornou e nos disse ter observado, de uma colina elevada, um grupo de edificações a distância. Tio Bellarbus consultou a esfera de cristal e informou que as edificações que estavam adiante eram nosso destino final. Embora estivéssemos exultantes, aproximamo-nos da cidade murada com certa cautela. Antes de chegarmos a seus portões, encontramos muitos tipos diferentes de pessoas que moravam em tendas, até algumas parecidas com zains. Falavam-nos em uma profusão de idiomas que não compreendíamos. Essas pessoas nos olhavam com curiosidade, mas sem medo. Um grupo de homens altos, vestindo armaduras leves e carregando lanças veio a nosso encontro. Nunca havíamos visto nada parecido com eles e ficamos imaginando porque se vestiam de forma tão desconfortável. Eu estava no meio de um pequeno grupo de nosso bando que fora autorizado a entrar na cidade e escoltado até uma grande casa (palácio) situada no centro da cidade.

Fomos levados à presença do comandante supremo da cidade e das pastagens que a circundavam. O rei Rabbersinus era um homem gentil e sábio. Disse-nos que o nome da cidade era Knoore. Depois de certo tempo, aprendemos a falar o idioma da cidade e fomos convidados a fixar residência, juntamente com nossos grandes rebanhos, na área que quiséssemos fora dos muros da cidade.

Contamos ao rei sobre os perigosos invasores vindos do nordeste que poderiam ocupar sua terra. Ficou apreensivo com essa possível ameaça, mas nos disse que no passado vários grupos hostis haviam tentado sem êxito subjugar Knoore. Era por essa razão que ele tinha a seu serviço um número não muito grande de soldados.

Descobrimos, por meio de diversas fontes, que os ancestrais do rei Rabbersinus haviam chegado à região cerca de 200 anos antes de nós, encontrando as ruínas de uma cidade deserta. Posteriormente, reconstruíram a cidade e admitiram a presença de outros povos nômades que, com o passar dos anos surgiram, em busca de refúgio e proteção.

Rabbersinus escutou nossas alegações de que descendíamos dos deuses e nossas histórias de como construíramos um templo e adquiríamos nossa esfera de cristal. Ele vira ovos prateados sobrevoando sua cidade no passado e se pusera a pensar sobre eles. Sabia que tinham origem divina, mas não fazia idéia de que razões teriam para se revelar dessa forma a mortais. Depois que tio Bellarbus profetizou vários acontecimentos futuros que se realizaram, ele e o rei tornaram-se inseparáveis e um novo templo, mais grandioso do que o que construíramos em nossa terra natal, foi iniciado.

O mais velho dos sete filhos de Rabbersinus, de nome Kalt-Rapanine, era o líder de um grupo de homens que passavam o tempo estudando os mistérios da vida. Esse grupo deu origem a coisas como a escrita, o papel, as roupas de algodão e a roda. Eles fundaram escolas que ensinavam medicina e arte. Kalt-Rapanine tinha grande admiração pelas mãos de rocha esculpida de Darrie que ainda seguravam a esfera de cristal, nosso elo com os deuses. Ele reuniu todos os que haviam visto Darrie antes de sua partida e obteve deles sua descrição física. A partir de suas lembranças muito nítidas, Rabbersinus criou uma linda estatua em tamanho natural da senhora, que se tornou o objeto de unidade espiritual para todos os povos do reino de Knoore. Kalt-Rapanine, a exemplo do pai, era um bom homem. Fico feliz em saber que, em uma de suas vidas posteriores, ele atingiu o Pensamento Infinito e que sua alma eterna se reuniu à consciência divina do Criador de Tudo Que É.

Ao Longo de um período de vários anos, a cidade de Knoore espalhou-se para além dos limites de seus muros.

Não se pensava em construir muros de proteção, pois os antes temidos invasores do leste nunca mais foram vistos, tampouco deles se ouviu falar novamente. De vez em quando, os deuses sobrevoavam Knoore em seus ovos prateados, e as centenas de tipos de povos do reino os louvavam aos gritos, aos quais os deuses respondiam com movimentos de vaivém e com o piscar de luzes coloridas brilhantes. No novo reino, como em nosso antigo lar, foi dada a cada pessoa a oportunidade, em seu aniversário, de olhar dentro da esfera, e diariamente formavam-se filas em frente ao templo.

Antes do nascer do sol, certa manhã, o rei Rabbersinus e tio Bellarbus convocaram seus respectivos povos a se reunir no templo e nos deram suas bênçãos. O rei deu o cetro de comando a Kalt-Rapanine, que relutou muito em aceitá-Lo. O par de idosos se comportava como crianças agitadas. Beijaram a esfera de cristal diversas vezes e, então, foram sentar-se em meditação silenciosa no canto do templo. Quando os primeiros raios do Sol dançaram na superfície da esfera de cristal, eles se levantaram como num transe e nos deixaram sem dizer palavra. Dos muros da cidade original, observamos os dois andando pelo mercado e então rumo aos limites das construções externas. Num movimento lento de descida, um ovo prateado dos deuses aterrissou na Terra diante deles. Na lateral da nave apareceu uma porta. Essa porta emoldurava o corpo de uma bela mulher com os braços abertos num gesto de boas-vindas. Envergava uma bela vestimenta diáfana azul. A meu redor, ouvi inúmeras pessoas do grupo murmurar: “Darrie — é Darrie.” Pelos nossos rostos corriam lágrimas de alegria enquanto a nave que levava nossos amados rei e sumo sacerdote se elevava no céu e desaparecia na direção do Sol nascente. A partir daquele dia, toda a gente de Knoore esperava e sonhava que algum dia os deuses viriam e a levariam a seu lar celestial que existia em algum lugar acima das nuvens. Nos anos que se seguiram, considerava-se que qualquer pessoa que desaparecesse nos campos sem deixar vestígio possivelmente teria sido levada ao paraíso pelos deuses.

Kalt-Rapanine não se interessava pelos deveres tediosos de um rei, preferindo estudar com seus grupos de eruditos. Ele proclamou que entregaria seu título a quem pudesse realmente entrar em contato com os deuses por intermédio da esfera de cristal. Essa capacidade divina foi logo demonstrada por Marqua, uma adolescente com uma perna ligeiramente defeituosa. Ela narrou a Kalt-Rapanine um procedimento cirúrgico que os deuses haviam lhe contado para restituir sua perna à condição normal. Esse procedimento foi realizado com sucesso sem anestesia enquanto Marqua fitava o interior da esfera de cristal e orientava o trabalho dos médicos. Ela reinou como rainha e suma sacerdotisa por muito tempo e se casou com um bisneto de meu sangue. Vivi até a idade de aproximadamente 204 anos, morrendo tranqüilamente enquanto dormia.

Descobri posteriormente que, quase 850 anos depois de minha morte naquela vida, o reino pacífico de Knoore foi arrasado por invasores vindos do leste e mais tarde reduzido a ruínas por terremotos poderosos. A Barreira de Freqüência uma vez mais tornou-se drasticamente prejudicial e a Terra e os que viviam nela sofreram mutações biológicas e se precipitaram nas trevas da ignorância.

UMA VEZ MAIS, ENQUANTO ISSO

Mais tarde, descobri que os que vieram para a Terra nos assim chamados ovos prateados não eram realmente deuses, e sim seres dos planetóides Sumer que nunca haviam nascido nem morrido dentro dos limites da Barreira de Freqüência da Terra. Seu propósito de fecundar certas mulheres da Terra não se baseava em algum desejo lascivo, mas em vez disso, no desejo de introduzir no sangue dos descendentes de Sumer que viviam no planeta formas de ADN sumeriano mais fortes que, segundo esperavam, fortaleceriam seus parentes ligados à Terra contra quaisquer futuros efeitos biológicos nocivos que pudessem ocorrer provenientes da Barreira de Freqüência.

“E os filhos de Deus acharam belas as filhas da Terra, e de sua união se originaram grandes homens célebres.” Os seres do radiar Sumer não constituíram a única cultura de fora do mundo a tentar fortalecer o ADN de seus parentes terrestres. Centenas de outras culturas empregaram métodos similares para fazer o mesmo, inclusive os maldequianos.

Os maldequianos imaginaram a criação de uma raça superior que conseguirá subjugar o planeta a partir de dentro e impor-lhe suas regras depois que a Barreira de Freqüência desaparecer. Algumas dessas culturas ainda são muito ativas em seus vários programas de fortalecimento de ADN.

Os seres dos planetóides Sumer também incluem em suas atividades a preservação e fortalecimento do ADN das formas de vidas vegetais e animais da Terra. O antigo conhecimento dessas atividades de preservação animal deu origem à história de Noé e sua Arca. A história foi alterada várias vezes para se adaptar às referências daqueles que conseguiam entender melhor o uso de uma arca para salvar os animais do que o de uma espaçonave que os levava a pastagens em mundos diferentes.

Durante vários milhares de anos, tive um bom número de vidas curtas. Em muitas dessas vidas, fui membro de tribos caçadoras-apanhadoras, com freqüência morrendo na infância — e em alguns raros casos, por ter sobrevivido milagrosamente a doenças e outras adversidades ambientais, atingindo a madura idade de 20 anos ou mais.

Tive vidas nas assim chamadas eras douradas e nas eras das trevas antes de eu nascer, da mesma maneira que o marciano Senhor Sharmarie em uma de suas vidas, no reino das duas Atlans —ou seja, o local que agora se denomina Atlântida.

O COLONO

Eu era conhecido como Mac-Densel. Meu pai se chamava Varman-Den e minha mãe Rita-Messa. Fui o terceiro de quatro filhos homens. Para situar a estrutura de tempo, o reino, composto das terras de Fe-Atlan e Ro-Atlan, fora fundado aproximadamente 135 anos antes de meu nascimento, e cerca de 120 anos se passariam antes de o Senhor Sharmarie, de Marte, nascer na vida que ele descreveu num texto anterior.

Desde a idade de quatro anos, ensinaram-me, juntamente com outras crianças, a ler e a escrever numa escola pública. Quando concluímos esse curso de aprendizado, deram-nos uma lista de assuntos considerados valiosos pelo Estado. Para aprender mais sobre esses assuntos, era necessário visitar as muitas bibliotecas que se espalhavam pela terra. Era por meio desse método que a juventude dos atlaneanos se instruía. Pobres do que diziam em voz alta: “Não entendi.” A resposta de um pai ou de alguém mais velho, sem dúvida, seria: “Vá para a biblioteca e não volte antes de realmente entender.”

Para visitar uma biblioteca, a pessoa devia se banhar e vestir roupas limpas. Grupos de estudo formados de jovens homens e mulheres com os mesmos interesses se reuniam quando e onde pudessem. Essas reuniões eram também um modo de nos sociabilizarmos. Quando o estudante sentia-se confiante a respeito do que sabia e podia pagar a taxa para fazer um exame oficial, ele solicitava ao Estado ser submetido a um exame. Caso passasse no exame (como aconteceu comigo, depois de várias tentativas), tinha a oportunidade de freqüentar aulas ministradas por uma pessoa considerada mestre em uma matéria em particular. A dificuldade aqui era que tinha-se de pagar uma taxa anual considerável ao mestre. Aulas desse tipo ficavam repletas de pessoas de todas as idades. Quem se formava estava, daí por diante, qualificado a exercer uma profissão específica. A vida amena, tranqüila dos sacerdotes era a mais procurada, seguida por empregos junto ao governo na função de alto funcionário burocrático e, a seguir, oficial do exército ou da marinha. Médicos, cientistas e engenheiros constituíam classes de elite que exigiam anos de caros estudos.

Eu tinha jeito com as palavras e conseguia escrever ditados, mesmo que fossem ditos à velocidade da luz. Então, estudei para ser escriba e historiador. Assombrava meu mestre e outras pessoas com minha capacidade de escrever seus pensamentos antes que conseguissem mesmo emitir uma palavra. Sei agora que estava recebendo telepaticamente seus pensamentos.

Para ganhar dinheiro para pagar meus estudos eu trabalhava, como muitos, escavando canais e em outros tipos de projetos de construção patrocinados pelo Estado. Meu pai passou toda a vida como diretor-assistente de uma grande serraria que fornecia madeira para a construção de navios para a marinha de Atlan. Quando concluí meus estudos superiores, os sacerdotes me procuraram (achavam que minha capacidade de ler os pensamentos fosse uma dádiva dos deuses). O governo e os militares também foram atrás de meus serviços. Aceitei um cargo na marinha porque, na verdade, eu gostava de mandar nos outros.

Em meu 240 ano daquela vida, embarquei num grande veleiro que era também propelido por galés acorrentados a seus remos. No convés havia várias centenas a mais de escravos, a maioria dos quais eram considerados criminosos pouco perigosos ou simplesmente tipos Cro-Magnon de humanos que desafortunadamente foram capturados em alguma rede de escravos de Ro-Atlan.

O destino de nossa viagem era a terra de Ser, onde devíamos fundar uma colônia e um posto avançado militar. A terra de Ser teve diversos nomes ao longo dos anos, como Mir e Tosh — e atualmente chama-se Egito.

O que é hoje o Mar Mediterrâneo tinha naquela época dois terços de seu tamanho atual. Navegamos por esse mar e chegamos à foz do rio conhecido hoje como Nilo. Fomos recebidos por um pequeno grupo de nossos soldados que pareciam ter passado por um inferno. Tinham ferimentos leves nos braços e pernas. A princípio, pensamos que sua condição se devesse a batalhas travadas com os nativos locais. Logo nos contaram que os ferimentos eram provocados de milhares de macacos que, por alguma razão ainda desconhecida, atacavam as pessoas em certas fases da lua. Fomos aos acampamentos da unidade avançada e pusemos os escravos a trabalhar desbastando a folhagem espessa de modo que pudéssemos ampliar o local para a construção de habitações para nós, recém-chegados.

A terra de Ser era coberta por uma floresta tropical espessa que se estendia por várias centenas de quilômetros a leste e oeste do grande rio. Parecia estar sempre chovendo. A ferrugem e o bolor eram também problemas com os quais tínhamos de lutar.

O principal oficial da unidade avançada deu-nos informações breves sobre os dois tipos de povos nativos da região. Um tipo era alto e louro e o outro era ainda mais alto, com pele negra. Viviam originalmente separados uns

dos outros e sob uma trégua muito débil. Desde a chegada da unidade avançada, guerreiros de ambos os grupos tinham sido vistos investigando juntos, sob um comando único, as fronteiras do campo atlâniano.

Uma das primeiras incumbências que nos deram antes de sairmos de Fe-Atlan foi tentar encontrar inúmeras das pirâmides construídas pelos deuses em alguma época do passado remoto. Certa manhã, nós, juntamente com um grupo de sacerdotes, soldados e centenas de escravos usados para abrir caminho pela floresta, iniciamos nossa busca dessas estruturas sagradas.

Depois de vários dias e milhares de picadas de insetos, saímos da floresta e encontramos uma estrada pavimentada de cerca de 23 metros de largura. Ficamos espantados ao nos depararmos com essa construção do passado distante e a utilizamos para prosseguir em nossa missão. Após algumas horas caminhando na estrada, demos com um grupo de guerreiros negros que primeiro bloquearam nosso caminho e a seguir marcharam em fileiras organizadas diante de nós. Dois desses acompanhantes negros despiram as roupas e o equipamento militar e se puseram a correr.

Mais tarde, fomos alertados pelo som de tambores e trombetas. Um grupo grande de pessoas vestindo roupas de todas as cores se aproximava de nós. Numa liteira coberta sentava-se uma mulher belíssima que, ficamos sabendo depois, era a princesa Rytoon. Logo descobrimos por que ela não temia por sua segurança: as florestas dos dois lados da estrada estavam repletas de seus guerreiros. Tentei ler seus pensamentos, mas ela percebeu de imediato que estava sendo mentalmente sondada. Como se houvesse sido treinada para fazê-lo, bloqueou minhas tentativas.

Por meio de gestos manuais, ordenaram-nos que seguissemos o cortejo pela estrada até que chegamos a uma cidade formada por centenas de casebres de barro cobertos de sapé e uma edificação grande construída em excelente alvenaria. As paredes externas dessa edificação estavam cobertas de imagens entalhadas de animais e gente, bem como por imagens de criaturas com características animais e humanas combinadas.

Entramos nessa construção e encontramos sentada num trono uma mulher de proporções gigantescas. Pesava cerca de 300 quilos. A princesa Rytoon mostrou-me à sua mãe, a rainha Sonoora. Logo senti meus pensamentos sendo sondados pela rainha. Respondi pensando que viéramos em paz à procura das Grandes Pirâmides. Fiquei um pouco abalado pelo fato de a rainha conseguir se comunicar telepaticamente comigo. Eu acreditava ser a única pessoa da Terra com essa capacidade.

A rainha me dirigiu várias perguntas mentais enquanto indicava o teto coberto de estrelas pintadas. Ela perguntou: Relt? Maldek? Nodia? Sumer? Respondi que eu era do reino das duas Atlans. Ela replicou: “Não, não; seu espírito veio de Sumer. Conheço o seu tipo.” O nome Sumer causou-me uma emoção fortíssima que fez meu corpo experimentar uma onda de energia quente e agradável. Ela então perguntou se queríamos comprar cadáveres humanos ou animais. Quando eu lhe disse que não desejávamos tal coisa, deu de ombros e disse: “Não faz mal, seu povo que vive acima das nuvens comprará tudo o que tenho.”

A rainha não conseguia se levantar de seu trono, então instruiu a princesa Rytoon a nos levar a um pátio cercado repleto do que parecia ser sucata. Ao tocar alguns desses estranhos objetos, eles acendiam e às vezes produziam sons. O guardador da sucata disse, por meio de sinais, que eu poderia ter um ou mais desses objetos se lhe desse algo em troca. Eu estava atraído por uma pequena esfera de cristal que ficava azul e enfumaçada quando eu fitava seu interior. Sentia-me maravilhosamente bem, mas não tinha idéia do motivo. O guardador aceitou em troca um medalhão de ouro com o retrato de um antigo rei das duas Atlans. Disseram-nos que os estranhos objetos vinham da região onde se situavam as Grandes Pirâmides e do povo do céu que os trocava por cadáveres.

Em outro edifício havia inúmeros cadáveres de pessoas e de animais que tinham passado por vários estágios de mumificação. O corpo, quando estava completamente preparado e embrulhado, era colocado num recipiente metálico que tinha um compartimento nos pés onde eram colocados os órgãos internos do morto.

Ficamos com o povo da rainha Sonoora durante várias semanas, nas quais estudamos os estranhos objetos de sua sucata. Devo confessar que nunca descobrimos o que eram ou que utilidade teriam. Em minha vida presente, uso aparelhos semelhantes para preparar comida e observar as atividades vivas de micróbios.

Meus pensamentos entediavam a rainha, e ela passava praticamente todo o tempo em comunicação mental fechando negócios de troca de mais cadáveres por sucata com os seres dos mundos distantes do céu que ela chamava de Sumer e Nodia.

Fomos avisados de que o local onde se situavam as Grandes Pirâmides era controlado pelos louros, que não eram dignos de confiança. Além disso, informaram-nos que os louros há pouco tempo tinham feito acordo com o povo do céu para também fornecer-lhe cadáveres. Dizia-se que os louros não esperavam a morte natural e às vezes recorriam à guerra contra povos que viviam mais ao sul, chegando a lançar mão de assassinatos de sua própria espécie para inteirar suas remessas de corpos. O índice de suicídios cresceu entre nossos escravos quando começaram a acreditar que, se seus corpos fossem preservados e enviados ao Paraíso, suas almas estariam livres para seguir e residir entre os deuses.

Com uma escolta considerável de guerreiros da rainha Sonoora, bem como de nossas próprias tropas de

soldados, uma vez mais prosseguimos para o sul. Depois de uma marcha de cerca de uma hora e meia, chegamos a uma pequena estrada que nos levou para logo acima dos topos das árvores. Abaixo podíamos ver as águas azuis do rio Nilo e à nossa frente víamos três pirâmides brancas brilhantes. Passamos por sentinelas louros que fizeram gestos obscenos para os membros de nossa escolta, e até se dirigiram de maneira amistosa a várias pessoas do grupo, chamando-as pelo nome. Ouviram-se risadas vindas das sentinelas louras bem como de seus visitantes negros.

O platô sobre o qual ficavam as pirâmides estava completamente coberto de tendas multicoloridas. Entre as patas da Grande Esfinge havia uma plataforma onde estavam sentados vários homens. Enquanto esses homens sentavam-se no seco sob um pálio, estávamos de pé diante deles numa chuva torrencial.

O chefe das pessoas sobre a plataforma, o rei de todos os louros, era um homem de nome Braymark. Um dos membros de nossa escolta nos disse que Braymark, que parecia ter cerca de 35 anos, tinha, na verdade, mais de mil anos e era filho de um deus. Com sua força mental, Braymark fez com que todos caíssemos de joelhos diante dele, colocando nossos rostos na lama. Depois de cerca de cinco minutos, ele esgotara toda sua reserva de energia demonstrando seus poderes de deus. Quando mentalmente sondei seu pensamento, ele ficou alarmado com o fato de eu conseguir fazê-lo e por um momento ficou muito assustado. Rapidamente recobrou a calma e proclamou a todos que estavam a seu redor que eu era um deus irmão. Fui convidado a reunir-me a ele e seus conselheiros na plataforma. Braymark mais tarde confessou que não tinha mil anos de idade, e sim, na verdade, quase 800. Ele era obcecado por sexo e afirmava que foi por meio do ato sexual que conseguira seus poderes divinos. Disse que eu poderia escolher qualquer uma das mulheres de seu harém, e como era jovem, fiquei muito tentado, e muitas vezes aceitei sua oferta. Descobri que Braymark de fato estava certo sobre o ato sexual ser uma das várias maneiras de adquirir energia que permitia a certos homens ou mulheres fazer coisas com suas mentes que, de outra forma, poderiam ser feitas apenas pelos deuses.

Naquela época, Braymark estava num dilema. O povo de seu pai, que chamava a si mesmos de maldequianos, competia pelos corpos dos mortos com outro grupo de deuses que voavam em veículos negros em forma de disco marcados com um triângulo prateado. Este último grupo ofereceu a Braymark tesouros, ao passo que o povo de seu pai contava com os corpos sem pagamento. Braymark disse que os maldequianos detestavam os seres que voavam nos discos negros por diversas razões — uma delas era que em alguma época do passado eles haviam roubado a pedra de topo da Grande Pirâmide.

Certa noite, reuni-me a Braymark e a um grupo de seus seguidores quando eles secretamente tiravam vários carregamentos de corpos do platô e os levavam para a margem do rio, onde colocaram os recipientes em balsas. De dentro da água surgiu uma nave negra em forma de disco que, por meio de cordas, puxou as balsas para o local onde o veículo parecia flutuar. Por meio de cordas amarradas no outro extremo das balsas, Braymark as puxou de volta para a praia juntamente com caixas e mais caixas cheias de pedras preciosas e várias caixas de doces. Enquanto retornávamos ao topo do platô, Braymark ofereceu-me um pedaço de um doce deliciosíssimo, comentando: “O que o povo de meu pai não souber, não irá magoá-lo, não é?”

Cerca de dois dias depois, mais ou menos ao meio-dia, Braymark e seus conselheiros sentaram-se na plataforma entre as patas da Grande Esfinge. Felizmente, eu ainda não me reunira a eles. Estava a caminho quando vi no céu um clarão de sol refletindo o revestimento prateado de uma espaçonave triangular. A nave desceu bem baixo e pairou sobre a plataforma. Então, enquanto Braymark e seus conselheiros acenavam amigavelmente, outro clarão na forma de uma linha de luz cor de laranja brilhante saiu de dentro da veículo, e a plataforma e seus ocupantes foram instantaneamente reduzidos a uma pilha de cinzas fumegantes. A seguir, a nave circulou o platô, atirando pedaços de metal. Em um dos pedaços havia um triângulo prateado.

Meu grupo rapidamente saiu da área das pirâmides e retornou ao nosso acampamento perto da foz do rio. Enviei um relatório ao rei das duas Atlans contando o que aprendera sobre a terra de Ser e o que vira acontecer naquele dia horrível à sombra das Grandes Pirâmides. Com a chegada do navio seguinte, recebi ordens de voltar à minha terra natal.

Fui elevado à classe de nobre e passei a servir o rei na função de embaixador mental junto aos extraterrestres. Por intermédio de minhas comunicações mentais com os extraterrestres, fiquei sabendo da destruição de Maldek e de todos os problemas que acabaram por ocorrer com os planetas e rádiores do sistema solar. Disseram-me que minha essência psíquica era nativa do planetóide Omuray, que faz parte do sistema radiar Sumer. Nessa época, consegui telepaticamente um acordo entre a Federação e o rei das duas Atlans. Esse acordo permitiu que a Federação, sem conflitos, colhesse ocasionalmente espécimes de formas de vida animal e vegetal nos limites do reino.

Certa noite de verão, quando tinha 83 anos, sentado na varanda de minha casa com minha mulher de 49 anos, Milly-Anet e meu filho único, Mont-Bester, de 22 anos de idade, a pedido deles comecei a contar, como já fizera muitas vezes, as histórias de minha juventude na terra de Ser. (A história melhorava a cada vez que eu a contava.)

Quando cheguei na parte em que troquei o medalhão pela pequena esfera de cristal, tive desejo de segurá-la mais uma vez nas mãos. Mandeí MontBeste entrar na casa e pegar a esfera e a segurei até terminar minha história. Sentia-me cansado e pedi que me deixassem sozinho um pouco. Fiquei algum tempo fitando o interior da névoa azul que preenchia a esfera. Então, de repente, a névoa começou a clarear e, ao mesmo tempo, a imagem de uma bela jovem começou a se formar dentro dela. Enquanto eu olhava para esse ser radiante na esfera, ouvi uma voz suave dizer: “É hora, Trome de Sumer, é hora.” Adormeci e minha alma saiu outra vez para nadar no rio do tempo.

POR QUE ELES FIZERAM AQUILO?

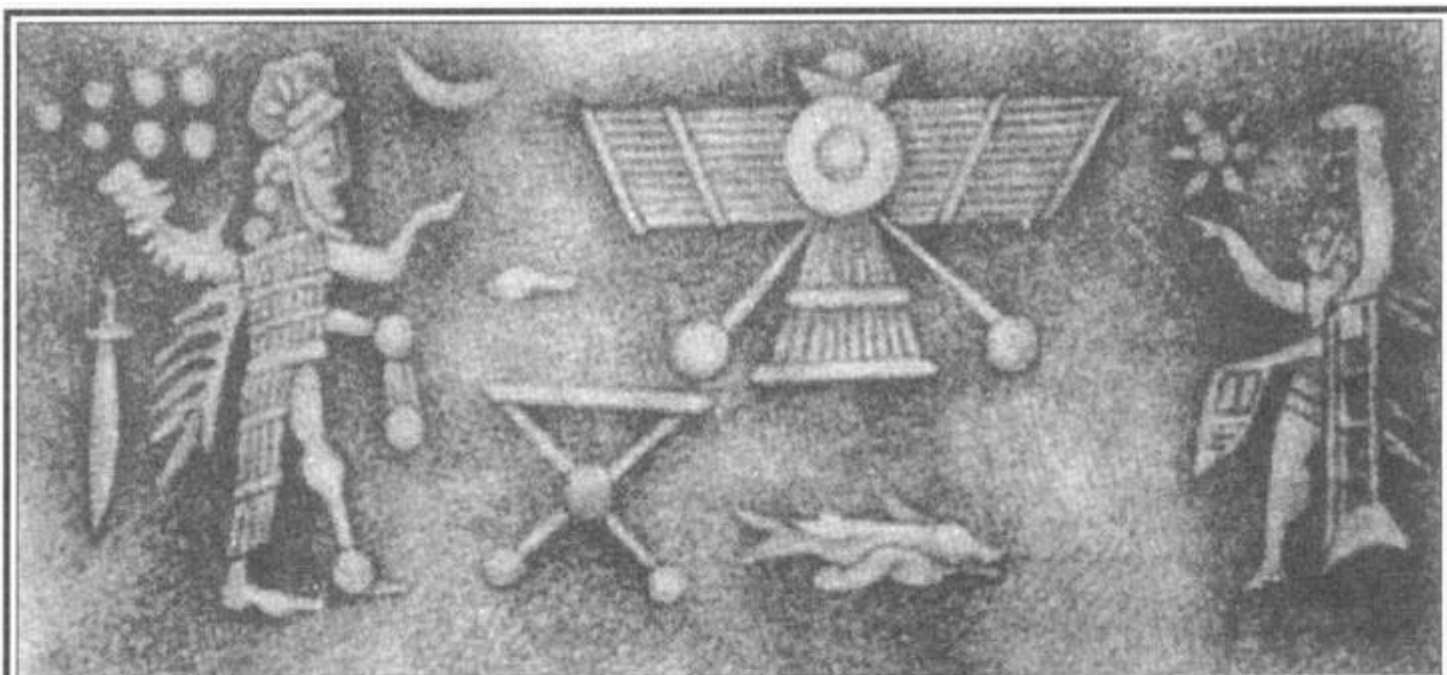
Era e ainda é difícil tirar seres vivos de dentro da Barreira de Frequência. Os seres humanos que são de repente apresentados ao estado mental aberto ilimitado, em geral, ficam totalmente loucos. Quanto mais se volta no tempo, mais pode-se contar com que isso aconteça. A Barreira de Frequência atualmente está fraca o bastante para permitir que certas pessoas, tanto do estado mental fechado como do aberto, entrem e saiam da Barreira após breve período de intensa preparação (condicionamento biológico).

Como os seres humanos vivos ficavam loucos e normalmente morriam em consequência de atividade cerebral bioelétrica incontrolável (semelhante à epilepsia), era impraticável levar pessoas vivas da Barreira de Frequência ao estado aberto, onde elas, com certeza, teriam uma morte cruel e dolorosa.

Na época de vida que acabei de descrever, os que viviam no estado aberto haviam desenvolvido métodos que tornaram viável fazer a autópsia de cadáveres de um terrestre e estudar os efeitos biológicos da Barreira de Frequência durante a vida da pessoa. Esses estudos eram conduzidos tanto para prever o índice de diminuição da Barreira de Frequência como para determinar que padrões de ADN eram mais adequados para tolerar seus efeitos no futuro. Também fazia parte do programa um híbrido humano feito por meio da engenharia genética que fosse capaz de tolerar os efeitos da Barreira de Frequência. Os motivos de se criar tal híbrido são em número tão grande que não é possível descrevê-los.

Seria possível perguntar: “Por que os maldequianos e seus aliados do espaço aberto simplesmente não pegavam seres humanos vivos da Terra? Afinal, eles não se preocupariam com o fato de que os abduzidos morreriam.” A razão pela qual não fizeram isso foi porque eram necessárias inúmeras espécimes e eles próprios não poderiam funcionar fisicamente na Barreira de Frequência sem sofrer efeitos prejudiciais. Essa situação tornava necessário que os dois grupos contrários contassem com a ajuda de agentes vivendo na Terra (em número adequado ao grau então predominante da Barreira de Frequência) para agir em seu nome e colher espécimes para eles.

Posteriormente, foram desenvolvidos métodos de tirar coisas vivas da Barreira de Frequência em estado de animação suspensa, estudá-las, modificá-las biologicamente e depois devolvê-las à Terra. Esse método foi primeiramente empregado em torno de 12.000 a.C. num lugar agora denominado Suméria.



Esta ilustração apresenta a reprodução das figuras encontradas em um cilindro de barro originalmente fabricado da antiga terra da Suméria. A interpretação de Trome dessas figuras é a seguinte:

1. No canto superior esquerdo há sete esferas representando os planetóides do radiar Sumer, antes habitados por seres humanos. Sua configuração triangular também simboliza a unidade sob a autoridade do Conselho das Sete Luzes.
2. Abaixo das sete esferas há uma espada com a ponta virada para baixo. Trata-se de um sinal de que os seres das Sete Luzes desejam que a guerra seja abolida e que o povo da Suméria viva em paz.
3. A lua crescente à direita das sete esferas indica que as esferas, como a Lua, localizam-se nos céus.
4. A representação da forma humana à esquerda representa um ser que veio das sete esferas. Uma das asas nas costas desse ser aponta o grupo de esferas, indicando o lugar de onde ele voou (de onde veio).
5. Um braço e uma mão desse ser angélico mostram um gesto protetor sobre um peixinho que vai em sua direção. Na outra mão há um recipiente no qual ele colocará o peixe vivo para ser transportado.
6. Esse ser tem pés grandes e a perna não exibe músculos na canela. Essas características fazem um contraste marcante com o grande músculo da canela e os pés pequenos da figura que está bem à direita. Isso indica que o ser angélico (alado)

veio de um lugar em que a força da gravidade não é tão intensa como na Terra. A esfera que cobre parcialmente um de seus pés representa o mundo do qual ele veio ou no qual já andou e que fez com que a perna se desenvolvesse fisicamente dessa maneira. Um pé colocado na frente do outro é a maneira pela qual o escriba do cilindro descreve o ato de andar.

7. A mesa (altar) abaixo do peixe indica que a criatura é uma oferenda aos deuses e foi transportada até eles em um veículo alado [centro, à direita] mostrado com o trem de aterrissagem quase tocando a mesa. O veículo alado é, obviamente, a maneira de o escriba sumeriano descrever uma espaçonave.

8. Abaixo da espaçonave há um golfinho adulto nadando em direção à figura bem à direita. O golfinho representa um dos muitos tipos de formas de vida animal biologicamente condicionadas pelos deuses a tolerar a Barreira de Frequência e que foram reintroduzidas na Terra depois de serem deixadas, por uma espaçonave, nas florestas e oceanos do planeta. O fato de os habitantes da Terra não presenciarem as reintroduções acontecerem fisicamente é sugerido pelo golfinho saindo nadando de baixo da mesa.

9. A figura bem à direita mostra com uma das mãos a espaçonave localizada diretamente sob o sol e, com a outra mão, segura uma lista escrita. Os sete raios do sol representam seis anos solares, que era a prazo futuro em que os sumerianos podiam esperar o retorno da espaçonave para recolher as formas animais que constavam na lista.

SUMÉRIA

Meu nome era Bello, e nasci em aproximadamente 10.000 a.C. numa família de mercadores e agiotas ricos. Simplesmente, meu pai Serakus e seu irmão Shavmenus eram agiotas. O nome de minha mãe era Qutata. Morávamos numa propriedade ao norte da capital do reino da Suméria, que era denominada Bangur. Era nessa cidade que meu pai e seu irmão mantinham seu negócio.

Durante mais de 500 anos antes de meu nascimento, os sacerdotes da Suméria interagiam com os deuses oferecendo-lhes sacrifícios, tanto de vivos como de mortos. Suméria foi o nome dado pelos próprios deuses ao reino.

Fui educado juntamente com um irmão mais velho por professores particulares. Minha mãe morreu no parto em

que deu uma filha a meu pai. Em seu pesar, ele deu a criança aos sacerdotes para ser sacrificada aos deuses de maneira que eles tratassem bem da alma de minha mãe. Minha irmã escapou da morte ao ser adotada e criada por uma sacerdotisa do deus com cabeça de bode conhecido como Sitshay. Posteriormente, minha irmã casou-se com um homem que se tornou rei da Suméria e, durante mais de 112 anos governou sozinha a terra, enquanto ele vivia, naquele período, com os deuses.

Quando eu tinha por volta de 19 anos, meu pai recebeu como pagamento de um empréstimo uma grande vinha. As videiras mal produziam frutos porque o sal, que se infiltrara até a camada superior do solo, tinha saturado a terra. Pedi a meu pai para me dar a vinha e ele deu. Eu tinha a idéia irresistível de que realmente conseguiria restaurar a produção abundante do vinhedo.

Comecei com um pequeno grupo de escravos e mandei que limpassem (sem custos) os estábulos dos cavalos dos ricos e recolhessem esterco nas ruas de Bangur. A partir do esterco, produzi um fertilizante composto que usei posterior-mente. Mandei então cavar valas de cerca de 90 centímetros de profundidade entre as vinhas. Tive muito cuidado para não danificar as raízes, O conteúdo das valas foi removido do local e substituído por uma combinação de solo arável e do fertilizante que eu criara com antecedência, O solo rico foi trazido por carroças puxadas por cavalos de uma distância de mais de 30 quilômetros. Preciso dizer que já na próxima colheita as uvas estavam bem grandes e doces? Os vinhos das vinhas de Bello tornaram-se os mais desejados, e meus baús de dinheiro transbordavam.

Pediram-me que doasse dinheiro ao templo, o que fiz, ganhando com esse gesto uma cadeira na câmara interna do templo. Depois de várias visitas aos sacerdotes, fui aceito numa sociedade secreta. Eles informavam aos membros da sociedade os propósitos dos deuses celestiais ao interagir com eles. Fiquei muito entusiasmado com o que aprendi e compareci a todas as reuniões da sociedade. Certa noite, acompanhados pelo sumo-sacerdote de Rail, deus das tempestades, membros da sociedade se reuniram no gramado da propriedade de meu pai. Acima de nós giravam quatro esferas flamejantes que, ao se aproximarem por cima das nossas cabeças, assumiram a forma de ovos prateados que refletiam a luz de uma Lua cheia. Depois de pairar por mais de 15 minutos, essas “carruagens dos deuses” rapidamente voaram para fora do alcance da vista. Descobrimos que os sacerdotes de Rail acreditavam na existência desse deus das tempestades tanto quanto acreditavam que poderiam saltar alto o suficiente e tocar a Lua. Esse truque foi perpetrado em crentes ignorantes pelos chamados sacerdotes de Rail apenas para conseguir seu apoio material para as verdadeiras atividades ocultas.

Havia templos dedicados a deuses de tudo o que se possa imaginar. Esses edifícios estavam, em sua maioria, agrupados no que se chamava o conjunto dos templos; apenas o Templo de Rail possuía uma câmara superior que continha uma grande cama. Num pedestal próximo pousava um par de mãos em forma de concha fundidas em ouro sólido. As mãos vazias eram continuamente banhadas pela água de uma fonte.

Os sacerdotes nos disseram que esses objetos eram simplesmente simbólicos e serviam para lembrá-los de que, no passado remotíssimo, os deuses vieram à Terra para ter relações com as filhas dos homens. A cama fora fornecida caso algum dia os deuses desejassem retomar essa prática.

Certa noite, nossa sociedade foi visitada por Cyrus-Orbey, à época rei da Suméria. Nós, obviamente, caímos de joelhos e curvamos nossas cabeças na presença de sua majestade. O rei sabia por que fora solicitado a vir ao templo de Rail, mas nós, da sociedade, não sabíamos. Seguimos o rei e vários sacerdotes a uma câmara situada abaixo do templo. Era um lugar no qual eu nunca estivera. Nessa câmara havia uma caixa de pedra grande o bastante para comportar um homem. Sem dizer palavra, o rei sentou-se em um sofá de pelúcia enquanto os sacerdotes punham um líquido azul numa taça de vinho que o rei segurava na mão. Pelo aroma, reconheci que viera de minha vinícola e senti-me orgulhoso.

Depois de beber o conteúdo da taça, o rei reclinou-se no sofá. Logo caiu em sono profundo, parecendo morto. Seu corpo foi colocado na caixa de pedra, que foi então coberta por uma tampa de pedra. Na tampa havia gravados sete círculos agrupados de maneira a formar um triângulo. A caixa foi então amarrada com cordas confeccionadas com os cabelos trançados dos sacerdotes e sacerdotisas do templo que haviam morrido a serviço do templo.

Antes de irmos embora, foi removida uma pedra do chão, mostrando um lance de degraus que terminavam na escuridão. A porta da câmara foi fechada e selada. Pediram a cada um de nós que imprimisse nossas marcas individuais na argila macia, que endureceria, transformando-se no selo.

Dezoito dias depois, o selo foi quebrado e as cordas de cabelos que envolviam a caixa de pedra desamarradas. Quando a tampa foi retirada, descobrimos que o corpo do rei desaparecera. Nos 284 anos que vivi naquela época, testemunhei muitas aberturas da caixa de pedra, apenas para encontrá-la esvaziada de seu recente conteúdo real.

Também testemunhei o retorno de vários desses reis. Em geral, certo dia apareciam na câmara subterrânea ou entravam na cidade vindos de algum ponto remoto no campo. Pareciam saber tudo que ocorrera no reino da Suméria enquanto estavam longe vivendo com os deuses, mas não conseguiam se lembrar do que haviam feito em sua ausência. Posteriormente, descobri que alguns desses reis passaram centenas de anos com os deuses antes de

voltarem à Terra. Nunca retornavam à Terra seguindo a ordem em que haviam ido embora. O rei Cyrus-Orbey retornou durante minha vida. Um dia, entrou na cidade de Bangur, conduzindo um grande urso branco de olhos azuis. Com o tempo, o número de reis que voltavam tornou-se bem grande. Muitos tinham ido viver com os deuses centenas de anos antes de eu nascer naquela vida. Esses grupos de reis, por motivos particulares, chamavam a si mesmos de Babs. Depois do declínio da civilização sumeriana, cerca de dois mil anos após minha morte, os descendentes desse grupo de reis fundaram o Império Babilônico e uma vez mais retomaram os contatos secretos com os deuses.

Não só os reis eram colocados (enquanto estavam em estado de estupor) na caixa de pedra; às vezes animais jovens que jamais tinham cruzado eram trancados nela. Em várias ocasiões, a caixa era preenchida com água e diferentes tipos de peixes vivos (ou suas ovas) eram acrescentados à água e, desse modo, esses animais eram enviados a pastagens verdejantes e oceanos azuis situados em alguma parte dos céus.

As terras aráveis da Suméria tornaram-se estéreis devido, principalmente, à infiltração de sal na camada superior do solo. A má nutrição levou a pestes. O reino estava constantemente em guerra para invadir as terras vizinhas que pudessem fornecer alimentos a seu povo. Os deuses recomendavam que o reino, juntamente com todo o povo, migrasse para uma terra distante ao sul (um lugar atualmente chamado Quênia). A população em geral estava confusa quanto a qual (ou quais) dos vários deuses loucos que ela venerava estava lhe ordenando que abandonasse suas posses materiais e viajasse para uma terra estranha. Era cada vez mais difícil para os sacerdotes de Rail se comunicar mentalmente com os deuses. Ninguém sabia mais que animais os deuses desejavam nem quando colocá-los na caixa de pedra.

Os sacerdotes recorreram ao sacrifício de animais e à cremação de seus corpos em altares na esperança de que a fumaça dos sacrifícios alcançasse os deuses e ainda encerrasse a essência do animal que os deuses queriam. Foi uma tentativa vã de manter os deuses felizes.

As uvas de minha vinha tornaram-se pequenas e azedas e eu carecia de ambição para restaurar sua alta qualidade. Finalmente, a Suméria foi arrasada por invasores. A propriedade de meu pai transformou-se no quartel-general de um dos generais invasores. Antes de ele passar a fio de espada os habitantes da casa, tentei salvar nossas vidas contando a ele a história dos deuses celestiais. Ele me concedeu cerca de duas horas de seu tempo e então ofereceu-me um copo do vinho que trouxera de sua terra natal. Não pude deixar de lhe dizer que o gosto era horrível. Isso o enfureceu, então mandou um de seus soldados cortar-me a garganta.

MINHA VIDA ATUAL

Como disse anteriormente, tenho atualmente 2108 anos terrestres de idade. Vivo com Graforet, a mulher de minha primeira vida em Omuray. Nosso lar se chama Simcarris, o oitavo planeta da estrela que vocês denominam Thurbal, situada na constelação de Draco (o Dragão). Durante toda esta vida e a que a precedeu, tenho estado envolvido com o projeto da Federação de monitoramento dos efeitos cada vez menores da Barreira de Frequência sobre as diversas formas de vida do planeta Terra. Minha última vida e a atual não foram memoráveis. Consegui observar os grandes e benéficos efeitos espirituais que a realidade Crística, que ainda se manifesta, teve sobre o povo do planeta Terra.

Também observei muitas das perversidades que aconteceram no planeta, iniciadas e incentivadas pelos que praticam os costumes do lado sombrio da realidade. Uma atividade perversa recente que talvez ainda esteja fresca nas mentes de muitos que lêem estas palavras foi criada e realizada na Alemanha do final da década de 1930 por um grupo que se auto-intitulava nazista. Seu objetivo de preservação de uma raça superior e do extermínio dos que consideravam povos inferiores foi, na verdade, um plano das forças sombrias, que eles tentaram reciclar várias vezes de muitas formas erráticas.

Certas pessoas da Terra queriam que vocês acreditassem que o Holocausto não aconteceu realmente. Com pesar, afirmo que ele ocorreu. É possível que a fumaça que se elevou daqueles cujos corpos foram queimados nos fornos nazistas naquela época tenha tido um aroma doce para os seres do lado sombrio, mas somente fortaleceu a determinação da Federação de Mundos de se opor a cada um de seus projetos malignos, onde quer que estejam em andamento no vasto universo. Se vocês encontrarem alguém que duvide de que gente da Terra mataria hoje outras pessoas devido a suas diferenças raciais ou religiosas, convidem-no a fazer uma visita aos túmulos coletivos que podem ser encontrados na terra denominada Bósnia.

Enquanto me comunico com vocês, olho por uma janela a neve caindo. Minha casa fica numa região montanhosa remota com relevo semelhante ao encontrado no país da Terra chamado Suíça. Há várias horas, aterrissou perto daqui uma nave que me levará com Graforet à nave-mãe da Federação, Regalus, que atualmente orbita o radiar Sumer (Saturno). A primeira etapa de nossa viagem durará cerca de dois dias terrestres. Seis dias depois, juntamente com outras pessoas, aterrissaremos num lugar situado na região sudoeste da China. Depois de

aterrissar, nos encontraremos com representantes do governo chinês para contar-lhes as apreensões da Federação a respeito das atitudes belicosas tomadas pela China em relação a seus vizinhos. Como já lhes disse, realmente gosto de dizer às pessoas o que elas devem fazer de vez em quando!

A data deste escrito é 25 de março de 1996. Então, se por acaso vocês estiverem no sudoeste da China em 2 de abril de 1996, fiquem de olhos abertos para ver um ovo prateado voando a baixa altitude e acenem para mim. Uma coisa que aprendi nas minhas duas últimas vidas foi: é melhor ser considerado um deus celestial do que adorador de deus celestial.

Permitam-me agradecer-lhes a gentil atenção que dispensaram às minhas palavras. Que o elohim os abençoe com boa saúde e prosperidade.

Sou Trome de Omuray.

CHURMAY - UMA VENUSIANA

“Eles são como as mais frágeis flores em forma humana. Suas canções e palavras de amor expressam mais realidade sobre a grande emoção do que qualquer canção ou palavra por mim ouvida ou sentida, oferecida com o máximo de sinceridade por habitantes de qualquer outro mundo. Tenho certeza de que o Criador de Tudo Que É de vez em quando pede silêncio e roga que um habitante de Wayda (Vênus) cante uma canção de amor. Que a bondade espiritual dos habitantes de Wayda seja um exemplo para todos nós.

Sou Tinsel de Nodia.”

Saibam que falo apenas como uma mulher de Wayda cujas vidas passadas foram sempre influenciadas pelos costumes espirituais de meu El. Ele incutiu esses costumes em minha alma muito antes de eu enxergar através dos olhos físicos as muitas realidades que compõem a criação.

É verdade que apenas o Criador de Tudo Que É tem conhecimento do número total de mundos que existem para prover as necessidades da vida de homens, mulheres e de seus filhos. Nos mundos sobre os quais possuo algum conhecimento pessoal, o papel da mulher raras vezes se repete de forma exata. Há mundos situados além de nosso sistema solar nos quais as mulheres governam totalmente. Nos quadros da Federação e das casas de comércio, existem mulheres que estão em pé de igualdade com os Senhores de Planejamento e que comandam as manobras de espaçonaves-mães imensas. O que em certas sociedades poderia parecer falta de igualdade para as mulheres em seu relacionamento com os homens não seria de maneira alguma considerado assim pelas mulheres dessa mesma sociedade.

Existem várias razões para a existência desse estado de espírito. Pode ser a vontade do Senhor Deus El daquele mundo que as mulheres atuem dessa maneira na vida. Essas razões divinas podem variar e ser tão numerosas como os grãos de areia de uma praia. Além disso, em alguns mundos a essência psíquica da metade feminina de um par de almas gêmeas pode se subdividir em até sete partes. Eu mesma sou uma de duas dessas subdivisões psíquicas. Em virtude dessas subdivisões, pode haver em tais sociedades (como na cultura marciana) até sete mulheres para cada homem. Se esse mundo for governado por uma democracia na qual todos têm direito a voto, as coisas parecem ir muito bem.

Eu jamais conseguiria descrever os vários tipos de relacionamento entre mulheres e homens nos incontáveis mundos habitados que preenchem o universo. Na verdade, é o amor que homens e mulheres sentem uns pelos outros e o cuidado terno que dedicam a seus filhos que realmente agrada o Elohim. Recordo-me de ter ouvido uma vez: “Deve ser primavera: até as amazonas estão fazendo vestidos de noiva de seus estandartes de guerra.” O amor de homens e mulheres uns pelo outros pode realmente modificar para melhor os costumes radicais de uma ou das duas partes.

Falei sobre essas coisas para enfatizar que toda vida por mim vivida desde a destruição de Maldek até minha vida atual foi passada na Terra, dentro de sua horrível Barreira de Frequência. Durante essas vidas, na maioria das vezes fui mulheres de beleza considerável, mulheres com algum talento notável e mulheres cheias da sabedoria que chega com a idade e que, em certo ponto, foram capazes de mudar o curso da história da Terra.

Sempre me coloquei entre as que observavam as decisões e os atos de reis trazendo sofrimento para as pessoas que eles governavam. Infelizmente, posso dizer que, na maioria dos casos, o conselho prudente da mulher mais sábia daqueles tempos não era ouvido nem mesmo pelos homens da família dela, muito menos por um rei.

Lembrem-se, ao longo do passado, a Terra foi ocupada por homens e mulheres cuja essência psíquica e estrutura de ADN tiveram origem em outros mundos. Todos os costumes inerentes desses vários grupos de alguma forma influenciaram a vida de todos. A princípio, os costumes dos outros eram confusos e, para alguns, bem risíveis. Afinal, os homens acabaram por incorporar a seu modo de vida e às suas leis os costumes de um grupo, o que nem sempre era justo para os outros. Então, na falsa crença de que estavam servindo poderes divinos superiores, faziam coisas que não fariam em seu planeta natal, pois isso iria contra sua natureza.

Ao lerem sobre estas vidas que selecionei para contar, por favor não pensem que me arrependo de ter vivido qualquer delas, pois agora utilizo-me de minhas recordações e experiências daqueles tempos para melhor servir o

Elohim e o Criador de Tudo Que É. Digo-lhes com muita humildade que os grandes senhores da Federação e das casas de comércio me conhecem pelo nome e pedem sinceramente meus conselhos.

WAYDA

Passei os primeiros treze anos terrestres de minha primeira vida com meu pai Rosolan, minha mãe Becripta e Alysye, segunda esposa de meu pai. Eu tinha um meio irmão chamado Juliopo e duas irmãs, Sacriba e Loctensa, todos mais novos que eu.

Morávamos numa aldeia de pescadores às margens de um lago que chamávamos Lago Samm. Nossas casas, com vários andares, eram construídas tanto de pedras quanto de madeira e eram dispostas nas colinas terraçadas que circundavam o lago. Além dessas colinas havia colinas ainda mais elevadas, cobertas por florestas. Havia tanta abundância de peixes que dois barcos pescando uma vez por semana conseguiam cobrir as necessidades totais de nossa aldeia. O peixe a mais era conservado e afinal comercializado em troca de artigos manufaturados como tecido e couro. Meu pai, como a maioria na cidade, tinha duas profissões. Era pescador e sapateiro.

Alguns dos terraços atrás de nossas casas eram usados para o cultivo de verduras. Em outras áreas, nas terras mais baixas de Wayda, outros habitantes de nosso mundo cultivavam grãos e criavam rebanhos de animais. Grande parte da paisagem relvada e coberta de florestas de Wayda ficava para animais selvagens como gazelas, avestruzes, leões, leopardos e outros que podem ser encontrados hoje na savana africana da Terra. As temperaturas das áreas de Wayda onde moravam humanos (naquela época) variavam entre cerca de 14° C e 27° C. Durante o inverno, caía uma neve fina nas montanhas mais altas do planeta.

Nós, habitantes do planeta Wayda, venerávamos a divina consciência e ordem (El) existente em todos os objetos, animados e inanimados, de nosso planeta. Nossos pais nos ensinaram a orar na privacidade a esse grande espírito. Uma vez por ano, a aldeia se reunia ao nascer do Sol e orava junto por cerca de uma hora, a seguir dançava, cantava e se banquetava em conjunto pelo restante daquele dia e mais dois dias.

Os homens de nossa aldeia construíram várias cabanas de madeira das montanhas altas nas quais os habitantes da cidade poderiam, mediante uma reserva feita com antecedência, passar as férias no inverno. Antes de completar dez anos de idade, eu já havia ido para as altas montanhas duas vezes e adorava tanto a caminhada da viagem como o sorvete que fazíamos com a neve. Nós, garotas, andávamos de trenó e observávamos e ríamos quando meu pai e Juliopo tentavam esquiar.

Os jovens do planeta eram ensinados a ler e escrever por seus pais. Nossa aldeia trocava peixes por livros de todos os assuntos concebíveis. Esses livros vinham de uma cidade de aproximadamente 800 mil habitantes chamada Ansomore, situada a mais de 1.600 quilômetros de nossa cidade. Uma vez, meu pai e minha mãe foram visitar essa cidade e ficaram longe pelo que me pareceu um tempo considerável. Quando voltaram, nos repetiram inúmeras vezes a história de sua viagem e os lugares que tinham visto na cidade.

Ansomore era, na verdade, a sede do governo mundial de Wayda. Cada aldeia tinha um representante eleito que falava em seu nome em todos os tipos de assuntos governamentais. Esses representantes tinham mandatos de dois ou quatro anos de duração, dependendo, respectivamente, de se o homem ou a mulher eleito nascera no período de inverno/primavera ou no de outono/inverno do ano waydiano.

De vez em quando, mensageiros a cavalo ou mercadores com carroças chegavam a nossa aldeia provenientes de Ansomore com avisos públicos que eram lidos em voz alta pelo líder da aldeia. Esses avisos continham principalmente assuntos sobre os quais governo queria que os habitantes da aldeia discutissem e votassem. Reuniões políticas eram realizadas a aproximadamente cada dois meses. Avisos posteriores traziam os resultados, que aldeias haviam votado sim ou não numa questão em particular. Nada era resolvido a menos que fosse contado o voto de cada aldeia. Lembro-me de que uma aldeia chamada Ordover raramente enviava seu voto relativo a questão alguma ao governo, e foi devido a sua falta de votação que muitas coisas ficaram em suspenso por até centenas de anos. Meu pai, como seu pai antes dele, dizia: “O que acontece com a gente de Ordover? Alguém de nossa aldeia deveria ir ter uma conversa com eles.” Essa afirmação era normalmente seguida da procura do lugar num mapa. Ordover se localizava a cerca de 3.000 quilômetros de nossa aldeia, mas sua aldeia vizinha mais próxima, Iberlotin, ficava a aproximadamente 83 quilômetros. Esse fato inspirava meu pai a fazer sua pergunta seguinte: “Por que alguém de Iberlotin não vai a Ordover e tem uma conversa com eles?” Chega de política.

Os avisos às vezes continham notícias e histórias descrevendo acontecimentos passados em algum ponto do planeta. Eu gostava muito de ouvir ou pessoalmente ler essas histórias.

Certo dia, chegou um aviso que informava de modo bem sucinto que uma espaçonave contendo pessoas de outro mundo aterrissara próximo a Ansomore e entrara em contato com o governo central de Wayda. Perguntei a meu pai se ele sabia que havia gente capaz de voar como pássaros vivendo em outros mundos. Ele respondeu que ele e outras pessoas desconfiavam que seres inteligentes viviam no grande globo que chamávamos Teen (Terra),

pelo qual Wayda periodicamente passava durante sua órbita mais rápida ao redor do sol central. Ele disse que se pensava que o satélite visível de Teen (que naquela época possuía atmosfera), Luna, também continha alguma forma de vida. Acreditava-se também que vida inteligente habitava nossa própria lua, Oote, que orbitava Wayda a cada 17,5 dias waydianos e tinha atmosfera. No passado, haviam sido observadas luzes intermitentes na forma de pontos e traços vindas da superfície de Oote, mas ninguém conseguira decifrar seu significado, e elas acabaram por cessar. Meu pai disse que ele acreditava que os visitantes vinham de Teen ou de Oote, mas aguardaria um futuro aviso que, ele tinha certeza, nos informaria o verdadeiro mundo de origem dos visitantes. Acrescentou que fosse de onde fosse que viessem os viajantes espaciais, ele estava contente por eles terem escolhido Wayda para visitar.

Um aviso posterior afirmava que o povo das estrelas viera de um planeta localizado na órbita de um sol distante e que queria visitar cada uma das aldeias de Wayda, solicitando uma resposta do povo de cada aldeia dizendo se estaria ou não receptivo a tal visita. Surpresa, surpresa: até o povo de Ordover imediatamente respondeu que sim.

Várias semanas depois, pelo meio da manhã, uma grande espaçonave negra pousou nas águas do Lago Samm. Em diversos pontos de sua fuselagem havia triângulos prateados com uma barra adicional logo abaixo da base de cada um. Esse triângulo prateado de base dupla ficou-nos conhecido como a insígnia da Casa de Comércio Nodiana de Domphey.

Uma nave pequena saiu voando da nave maior e aterrissou na praça da cidade. Houve gritos contidos e risadas nervosas quando uma porta se abriu na lateral do veículo e quatro sorridentes homens de cabelos brancos, mais altos do que meu pai no mínimo uma cabeça, saíram. A princípio pensei que os cabelos brancos eram consequência de velhice, mas depois de olhar seus rostos, concluí que dois deles eram apenas uns poucos meses mais velhos do que eu. Eram pessoas belas, e acho que me apaixonei por todos os quatro. Todos correram para eles. Então, de dentro do veículo saiu Hocrolon, nosso representante da aldeia eleito para o governo central de Wayda.

Foram trazidas várias cadeiras para a praça, e os visitantes primeiro sentaram-se nelas enquanto nós, da aldeia, sentávamo-nos sobre as pedras do calçamento, formando um círculo a seu redor. Três dos visitantes não gostaram disso e se juntaram a nós no chão. Um dos visitantes de cabelos brancos mais velhos apontou várias vezes suas costas, como se pedisse nossa permissão para sentar-se numa cadeira. Todos nós agitamos os dois braços no ar, que era a maneira waydiana de dizer “sim, claro.”

Um dos visitantes mais jovens falou-nos perfeitamente em nosso idioma nativo. De vez em quando olhava para seus amigos em busca de alguma expressão de aprovação.

O porta-voz dos visitantes nos disse que vinham de um planeta que eles denominavam Nodia e que pessoalmente representavam um líder nodiano que chamavam Carlus Domphey. Ele também nos disse que o Senhor Domphey deles queria nossa permissão para trazer a Wayda várias pessoas para plantar, cuidar e colher um certo tipo de grão que não era nativo de Wayda. Dizia-se que o solo de nosso mundo era bem adequado a uma produção consideravelmente abundante de tal lavoura. Em troca do direito de plantar e colher esse grão em nosso mundo, eles nos dariam inúmeras coisas que mal podíamos avaliar. O nodiano falou e respondeu perguntas até o pôr-do-sol, concluindo que eles nos exibiriam e explicariam suas mercadorias para troca no dia seguinte. Poucos de nós dormiram naquela noite.

Ao amanhecer, a praça da cidade começou a ficar cheia de produtos que eram trazidos, viagem após viagem, da grande espaçonave, que parecia flutuar na superfície do Lago Samm. A praça logo tomou a aparência de um bazar ou, como vocês dizem agora na Terra, de uma feira de barganhas. Atrás de cada grupo de produtos havia um waydiano de Ansomore treinado e um sócio ou sócia nodiana que explicava e demonstrava as diversas maravilhas. Em essência, os produtos eram os equivalentes nodianos de usinas elétricas, rádios sem fios, câmeras fotográficas e máquinas copiadoras de documentos. Os produtos mais estimulantes de todos eram os gravadores e tocadores de ROM mentais e os incontáveis ROMs mentais educacionais contendo assuntos referentes a numerosas culturas de fora do mundo. A partir dos assuntos desses ROMs mentais nós, de Wayda, aprendemos sobre a existência e os modos de vida de milhares de culturas alienígenas com as quais a Casa de Comércio de Domphey possuía alguma forma de ligação. Por último mas não menos importante, os nodianos concordaram em ensinar qualquer um (depois de um curso preliminar de estudo com ROM) a pilotar carros aéreos, pois eles tencionavam dar um para cada aldeia. Os nodianos disseram que esses carros aéreos seriam entregues depois, e assim foi. Claro, concordamos em permitir que esses nodianos cultivassem certas terras, sob a condição de que não pusessem em risco ou perturbassem de maneira alguma a vida selvagem animal que vivia naquelas áreas.

Nossa biblioteca de ROMs mentais forneceu-nos orientações de como usar nossas recém-adquiridas usinas elétricas, os rádios e câmeras. Eles também confirmaram a existência de outras culturas humanas em nosso sistema solar local, inclusive o povo de Teen (Terra) e de nossa lua, Oote.

Depois da introdução do método rápido de aprendizado com base no ROM mental, Wayda nunca mais foi o mesmo. Domphey fornecia ônibus aéreos que nos propiciavam meios para visitar qualquer aldeia de Wayda. Claro, meu pai foi a Ordover para entregar pessoalmente suas queixas há muito alimentadas. Ao chegar, encontrou três

construções vazias e um bilhete pregado numa porta dizendo: “Fomos para Ansomore.”

As famílias lavradoras de Domphey vinham de inúmeros mundos e eram muito amistosas a nós de Wayda. Os que vieram dos planetóides Sumer nos pareceram muito sábios nos métodos de cultivar coisas. O povo da lua waydiana Oote se parecia com o povo de Wayda, só que de estatura um pouco mais baixa. No princípio, não falavam o idioma do mundo-mãe, mas logo aprenderam.

Os habitantes de Oote chamavam a si mesmos de Whars e nos informaram que haviam adquirido o conhecimento da eletricidade e do rádio sem fios

há centenas de anos, e que os nodianos haviam respondido às mensagens de rádio que eles estiveram transmitindo no espaço por mais de sete décadas. Como nós do mundo-mãe não dispúnhamos dessa tecnologia naquela época, logicamente nem fazíamos idéia de que eles estavam fazendo isso.

Sete anos após a chegada dos nodianos a Wayda, não havia praticamente um homem, mulher ou adolescente que não fosse especialista em alguma área altamente técnica. Quanto a mim, sai de casa aos treze anos de idade para freqüentar e morar numa escola técnica na cidade de Dankmis, que crescia rapidamente, situada a cerca de 500 quilômetros de minha aldeia natal. Eu gostava de trabalhar com óptica e trabalhei na produção das lentes magnéticas gigantes que foram usadas de alguma forma nos sistemas de propulsão das espaçonaves nodianas maiores (naves-mãe). Nós, de Wayda, adorávamos aprender.

Eu tinha toda liberdade para visitar a grande nave-mãe de Domphey que de tempos em tempos entrava em órbita ao redor de Wayda, mas devido à dificuldade de passar minha respiração de oxigênio para a atmosfera rad, abstei-me de fazer tal visita. Visitava minha família pelo menos duas vezes por mês. Minhas irmãs também estudavam longe e meu irmão Juliopo voara para as estrelas numa espaçonave de Domphey. Aguardava-se sua volta para daí a um pouco mais de um ano waydiano.

Numa de minhas visitas em casa, minha irmã Sacriba demonstrou um aparelho que conservava flores e as fundia em tecido. Logo todos os presentes estavam usando lindos chapéus de sua criação. Pelo meio da tarde, nós da família resolvemos dar um passeio pela aldeia e até a margem do lago. Parávamos de vez em quando para conversar com outras pessoas que encontrávamos. Ao chegar às margens do lago, reunimo-nos a outros grupos que sentavam-se às mesas enquanto seus filhos patinhavam na água. Alguns desses grupos tinham entre si gente de fora do mundo vindas das fazendas nas terras baixas para aproveitar o dia junto ao lago. Menos de uma hora depois de nossa chegada, o vento começou a soprar com tanta força que virou as mesas e tirou-nos nossos lindos chapéus das cabeças. Nunca havíamos experimentado um vento assim. Todos que estavam no lago pegaram suas crianças e foram em direção à aldeia do modo que puderam. A cena era de confusão, enquanto tentávamos avançar com dificuldade em meio a bandos de pássaros aquáticos que flutuavam a nossos pés, em busca de refúgio dos ventos secos e quentes que acabaram por alcançar velocidades de furacão.

Nós e outros nos abrigamos no primeiro lugar disponível, uma casinha. Fechamos rapidamente as persianas das janelas enquanto objetos transportados pelo ar deslocando-se a alta velocidade bateram na construção, fazendo considerável barulho. Quando eu fechava as persianas, testemunhei dois carros aéreos caindo nas águas revoltas do Lago Samm.

O vento continuou soprando com grande força durante toda a noite. Pouco falávamos; e a noite insone foi passada pela maioria em prece silenciosa. O vento gradualmente abrandou na manhã seguinte e pelo meio-dia cessou por completo. O mundo foi tomado de um silêncio sobrenatural e as pessoas foram tomadas de apreensão e medo de que os ventos tremendos começassem outra vez.

Quando saímos de nosso abrigo quase destelhado, ficamos horrorizados com a destruição que contemplamos. Entre as ruínas da aldeia estavam os cadáveres de vários de nossos amigos e vizinhos. Nos dias que se seguiram, moviamo-nos lentamente, como em transe. Embora o sepultamento dos mortos sempre tivesse sido nossa prática no passado, colocamos de lado o costume e cremamos os corpos dos que haviam perecido na noite fatal. Do convés de todos os barcos pesqueiros que ainda flutuavam, espalhamos suas cinzas nas águas do lago Samm e oramos para que suas almas encontrassem paz.

Transmissões de rádio logo nos informaram que outras áreas de Wayda também estavam passando por ventos muito intensos, semelhantes aos que tínhamos experimentado. Fomos orientados a nos defender como pudéssemos até que socorro pudesse nos alcançar. Nos dias que se seguiram, experimentamos uma série de tremores de terra fracos que em alguns casos derrubaram a maioria das construções deixadas estruturalmente precárias pelo grande vendaval.

Finalmente ficamos sabendo que nossa capital Ansomore estava completamente destruída. Esse mesmo comunicado radiofônico nos informou que as terríveis calamidades que experimentamos eram consequência da explosão do planeta Maldek. Nossa família ficou ainda mais triste ao saber do destino de Ansomore, pois minha irmã Loctensa freqüentava a escola nessa cidade. Nunca mais vimos Loctensa naquela vida.

Abortos e nascimentos prematuros entre as formas de vida humana e animal tornaram-se comuns.

No ano seguinte, a Casa de Comércio de Domphey estabeleceu várias bases em Wayda. Depois de serem estabelecidas, essas bases foram transferidas a outra organização de fora do mundo que ficou conhecida como Federação.

Chegou-nos a nós, de Wayda, a princípio na forma de boatos depois oficialmente confirmados, que nosso mundo achava-se em grande perigo e que a Federação estava fazendo planos de evacuar toda a população do planeta para o mundo que chamávamos Teen (Terra). Foi realizado um recenseamento entre os que poderiam responder e descobriu-se que mais de 600 mil pessoas de Wayda e muita vida animal haviam morrido como resultado direto da destruição de Maldek. Afinal chegou o dia em que nossa família foi levada num vôo de nossa aldeia até uma das bases da Federação. Ela foi embarcada numa espaçonave superlotada que chegou à Terra onze horas depois.

Nosso novo lar era o lugar que vocês atualmente chamam de Argentina. Esse local não era ocupado exclusivamente por nós de Wayda. Era habitado de forma intensa por muitos tipos de habitantes de fora do mundo que, em alguns casos, tinham costumes beligerantes e violentos. As mulheres de nosso mundo eram abordadas continuamente em busca de favores sexuais e nossos homens eram atacados fisicamente numa tentativa de intimidação. Quando os alimentos se tornaram escassos, os que tinham sob seu controle suprimentos de comida aumentaram suas exigências sobre nós, bem como sobre outros tipos de imigrantes de fora do mundo. Vários tipos de imigrantes revidaram, mas os que nunca haviam experienciado os costumes dos que seguem o lado sombrio da vida não sabiam o que fazer quanto àquela situação. Infelizmente, alguns de nós acabaram por se submeter.

Muita gente de Wayda morreu de doenças sexualmente transmissíveis ou sucumbiu antes de dar à uma criança gerada por um ou outro tipo de alienígena. Muitos de nós morreram de fome.

Vários meses após nossa chegada à Terra, vi pela primeira vez um maldequiano. De fato, vi cinco deles — três mulheres e dois homens que vieram à nossa aldeia feita de habitações provisórias. Com eles havia várias pessoas nativas da Terra. Residiam em bonitas tendas brancas erguidas para eles numa colina vizinha.

Correu a notícia pelas aldeias que os chamados Radiantes buscavam entre nós quem tivesse uma habilidade ou talento em particular. Frágeis e famintos, meu pai e minha mãe imploraram que eu e minha irmã Sacriba oferecêssemos nossos serviços a essa gente na esperança de que pudéssemos assegurar um meio de sobrevivência. Durante várias semanas sentei-me em meio a muitas outras pessoas no sopé da colina na qual ficavam as tendas maldequianas, aguardando que meu nome fosse chamado por um alto-falante. Num dia quente, meu nome foi chamado e me coloquei numa fila de diversos tipos de gente, a cerca de dez metros da tenda mais próxima.

Depois de várias horas, os que ainda estavam de pé foram inspecionados por uma mulher maldequiana que era transportada numa liteira dourada cravejada de pedras preciosas. Um homem terrestre pintou um símbolo branco em minha testa. Mais tarde, juntamente com outras pessoas com o mesmo símbolo, embarquei numa carroça grande puxada por dois elefantes. Naquela noite, deram-nos comida e caímos no sono de cansaço. No dia seguinte, aqueles de nós que conseguiam se comunicar entre si tentaram se conhecer. A maioria de nós se perguntava se veria outra vez a família e os amigos.

Oito dias depois, chegamos a uma propriedade imensa cercada por belos gramados e jardins. As árvores estavam cheias de pássaros de cores brilhantes. Fomos levados a um pequeno lago e nos mandaram tomar banho, homens e mulheres juntos. Foi constrangedor para algumas pessoas vindas de mundos cuja moral desaprovava tais atividades. As roupas que estivéramos usando ao chegar desapareceram. Depois nos dividimos em dois grupos, um de homens e outro de mulheres. Fomos levados a dormitórios separados e alimentados duas vezes por dia por mulheres terrestres que cobriam os rostos com véus quando estavam na presença de homens. Descobri que eu era agora propriedade de uma viúva maldequiana de grande beleza chamada Jorhisa, cujo irmão Her-rod era considerado um deus até por seus companheiros maldequianos.

Afinal fui levada por dois homens terrestres vestidos elegantemente a uma sala grande para encontrar a Senhora Jorhisa e várias outras pessoas da mesma raça planetária que ela. Além disso, estavam presentes muitas pessoas de aparência bastante estranha, provenientes de mundos localizados em sistemas solares distantes. Todos escutaram em silêncio enquanto eu era questionada em voz alta por um homem waydiano que traduzia minhas palavras faladas para o idioma musical dos maldequianos. Suas perguntas visavam, basicamente, descobrir tudo que eu sabia sobre a Federação, a Casa de Comércio de Domphey e a natureza dos que chamavam a si de nodianos. Também me perguntou sobre as lentes do sistema de propulsão de espaçonaves que eu ajudara a construir em Wayda. Quando minhas respostas se tornaram muito técnicas, a Senhora Jorhisa ficou entediada e disse para pôr de lado o assunto.

Mais tarde, fui interrogada sobre esses mesmos assuntos por um maldequiano chamado Vormass, que se comunicava comigo por meio do pensamento. Ele começou dizendo em meu idioma falado que, se eu tentasse mentir para ele de qualquer forma, ele me mataria instantaneamente. Às vezes, ele se enfurecia quando eu não conseguia responder sinceramente uma de suas perguntas mentais ou quando percebia que ele já sabia as respostas

e estava perguntando somente para confirmar algo que ficara sabendo de outra pessoa.

Jorhisa achava que estava abaixo dela falar diretamente com uma pessoa inferior e transmitia seus desejos e instruções para pessoas como eu por intermédio de alguns homens terrestres bem-nascidos que atuavam como seus encarregados. A Senhora Jorhisa tinha paixão por música e jogos de azar. Meu talento para o canto chegou a seu conhecimento e fui chamada em várias ocasiões para cantar para ela e seus convidados enquanto jogavam. Nunca realmente contei quantas vezes fui perdida e recuperada pela Senhora Jorhisa devido a apostas. Jogo simples de azar como os jogados com cartas que vocês talvez conheçam não interessavam os que possuíam a capacidade mental de identificar cada carta e sua localização no baralho antes de serem distribuídas. O jogo mais apreciado por minha senhora maldequiana se chamava Sombras. Era um jogo que envolvia um altíssimo grau de concentração mental e capacidade telepática. O desenrolar e término do jogo eram exibidos numa parede branca na forma de imagens holográficas caleidoscópicas de cores com as sombras correspondentes das imagens. Devo confessar que ainda não sei o que realmente determinava quem vencia ou perdia nesse jogo.

Certo dia, fui informada por um encarregado que a Senhora Jorhisa queria que eu fosse treinada para cantar mentalmente, como era o costume de seu povo. Meu professor era um homem de olhos amarelos chamado Trowfor, de origem mista, terrestre e maldequiano. Na época, achei que certamente não existia uma pessoa mais desprezível em todo o universo. Seu método de ensino incluía longos períodos de privação de sono, comidas de gosto horrível e drogas para supostamente expandir a mente.

Quando me apresentei pela primeira vez utilizando minha nova capacidade de cantar mentalmente, cantei como se estivesse num estado de sonho. Os efeitos dessa música no sistema nervoso de quem era capaz de escutar mentalmente a música eram muito estimulantes sexualmente, chegando ao ponto de produzir orgasmos em homens e mulheres. Como eu não conseguia cantar sem tomar drogas, e sempre existia a possibilidade de eu ser chamada para me apresentar para a Senhora Jorhisa e seus amigos a qualquer hora do dia ou da noite, eu ficava num estado contínuo de torpor induzido por drogas. Minha saúde começou a decair e eu estava literalmente definhando. Quanto mais minha força vital declinava, mais exigiam de mim. Minha morte não surpreenderia ninguém - e mais duas mulheres de Wayda estavam sendo treinadas por Trowfor para me substituir depois que eu morresse.

Certa fim de tarde, sentei-me num canto escuro da sala longe da vista da Senhora Jorhisa e de seus convidados (minha aparência física agora ofendia a senhora). Entre seus convidados havia três que eu nunca vira: um maldequiano de nome Sant, um homem terrestre bem-nascido chamado Tarm e um homem chamado Opatel Cre'ator, que percebi ser nodiano. Os três sempre venciam a Senhora Jorhisa em seus jogos de Sombras de altas apostas. Fui informada de que o terrestre Tarm me ganhara, sem me ver, bem como a vários tipos de animais de criação. Quando os três homens vieram me pegar, ordenaram que eu fosse colocada numa liteira e levada a um carro aéreo. Durante um curto vôo, injetaram-me substâncias químicas neutralizantes que me iniciaram na recuperação de meu vício em drogas. Pouco antes de Sant e Opatel partirem da casa de Tarm, o nodiano bonito veio ao pé de meu leito e colocou um envelope selado sobre meu peito. Sorriu e saiu sem dizer uma palavra. Quando abri o envelope, encontrei um retrato recente de meu irmão Juliopo.

Fiquei aos cuidados carinhosos do tio de Tarm, Bey-Cannor, que era médico e cerca de 20 anos mais velho que eu. Depois de me recuperar, ajudei Bey-Cannor com seu trabalho, e posterior-mente nos casamos. Devido aos danos produzidos em meu corpo pelas drogas da Senhora Jorhisa, fiquei estéril.

Passamos a maior parte do restante de nossas vidas colhendo vários tipos de plantas e formulando medicamentos a partir de seus derivados benéficos correspondentes. Descobrimos que certos remédios que tinham sido úteis certa época não apresentavam desempenho tão bom, ou não tinham efeito algum, um ano depois. Outras fórmulas que se pensava serem inúteis às vezes de repente atuavam de maneiras milagrosas.

Fui à aldeia na qual vira pela última vez meu pai, minha mãe, minha irmã Sacriba e minha madrastra Alysyebe, mas não os encontrei. De fato, encontrei apenas uns poucos sobreviventes waydianos. Fiquei sabendo que muitas pessoas de meu mundo foram viver entre a gente dos planetóides Sumer numa terra remota a leste. Bey-Cannor prometeu que assim que encontrássemos um meio de transporte para o local onde meu povo vivia agora, iríamos para lá. Foi uma promessa sincera, mas nunca houve meios de materializá-la.

Aproximadamente um ano antes do início das Grandes Catástrofes na Terra, meu irmão Juliopo chegou a nossa casa vestindo um uniforme da Federação. Depois da alegria de nosso reencontro se aquietar, ele me contou que nosso pai morrera, mas ele levava minha mãe e sua mãe Alysyebe embora da Terra e as conduziu a um mundo chamado Drucall em outro sistema solar. Ele nos contou que o Planeta Wayda era tão quente agora que nenhuma vida conseguia sobreviver nele. Seus esforços para localizar nossa irmã Sacriba foram totalmente em vão. Ele se ofereceu para levar Bey-Cannor e eu embora da Terra, mas meu marido desejava permanecer em seu mundo natal e eu o amava demais para deixá-lo.

Certo dia, estávamos na selva procurando certas plantas quando o céu se encheu de nuvens escuras e uma chuva torrencial começou a cair, acompanhada de trovões e relâmpagos incessantes. Nosso pequeno grupo de doze

catadores de plantas nunca saiu da selva. Morremos em consequência dos vapores produzidos pela chuva extremamente quente que caía sobre a vegetação há muito morta sob nossos pés. Os vapores encheram nossos pulmões e adormecemos, morrendo rapidamente. [O marido de Jorhisa estava em Maldek quando este explodiu - W.B.]

VIDA, VIDA, VIDA SOB AS ESTRELAS ETERNAS

Eu, assim como os que falaram antes de mim e os que ainda estão por falar, experienciei muitas vidas no planeta Terra, tanto em ignorância como, em alguns casos, com certo grau de iluminação quanto ao propósito da vida humana no Plano mestre do Criador de Tudo Que E.

Não escolhi falar de vidas que foram influenciadas por condições primitivas e pela ignorância supersticiosa, tampouco escolhi os breves períodos em que vivi nos quais as pessoas da Terra eram capazes de transmitir seus pensamentos umas às outras e às pessoas que viviam em outros mundos.

Minha seleção das cinco vidas que ainda tenho para contar foi feita com o intuito de fazer a relação entre algumas de minhas experiências de vidas passadas e certas pessoas daquela mesma época cuja fama sobreviveu até os dias de hoje.

IMHOTEP

As autoridades da Terra situariam a época da qual falarei em algum ponto entre os anos de 2686 e 2613 a.C., embora o período tenha se iniciado cerca de 650 anos antes disso.

Meu nome era Naya, a terceira das doze crianças nascidas para minha mãe Sybra e meu pai Harcar. Vivíamos no que era então (e ainda é) o delta fértil do rio Nilo. Quando era criança, eu ficava pendurada, numa cesta feita de fibras de papiro, no teto de nossa casa de tijolos de barro. Depois de aprender a andar, ficava amarrada com uma corda de papiro num poste na frente de nossa casa enquanto minha mãe se ocupava de seus afazeres que incluíam cozinhar, assar pão, tecer e fazer cerveja. Ela era ajudada pelas viúvas dos dois irmãos mais velhos de meu pai, mortos em batalhas contra invasores que entraram em nossa terra vindos do oeste. As cunhadas de meu pai trouxeram cada uma dois filhos para nossa casa. Quando nasci, dois desses meninos já tinham idade para ajudar meu pai em seu trabalho de fabricar adagas, espadas e, de vez em quando, jóias de metal fino. Meu irmão mais velho, Yalput, também ajudava meu pai quando não estava pescando e caçando aves ao longo da margem do rio.

Minhas primeiras recordações daquela vida consistem em minha mãe sempre bradando aos deuses para transformar um de meus irmãos em tartaruga para que parassem de me provocar e puxar minha corda até eu cair. Amarrada num poste próximo havia um cão que ficava fora do meu alcance. Certo dia, o cão roeu sua corda até arrebatá-la e saiu correndo para o rio, retornando depois com meu irmão Yalput. No dia seguinte, também cortei mastigando minha corda e cambaleei até o rio à procura de Yalput. Minha excursão acabou quando entrei na água e atolei na lama. Agarrei-me às hastes de papiro enquanto crocodilos chegavam tão perto que eu conseguia tocá-los. (Passei algum tempo acariciando o focinho de um crocodilo enorme.) Passaram-se várias horas até meu pai me encontrar. Meu escamoso companheiro silvou para ele algumas vezes e foi embora nadando devagar. Foi então que me puseram o nome de Naya, amada de Sobek, o deus-crocodilo. Meu pai jurou que nunca mais comeria carne de crocodilo. Ele fez para mim um bracelete de cobre com a forma de Sobek. Quando cresci, o bracelete não passava mais na minha mão, então, passei a usá-lo pendurado num cordão.

A vida de uma garota pré-adolescente naquela época era passada em sua maior parte em brincadeiras, mas com o decorrer do tempo fui convocada para ajudar as mulheres da casa em suas tarefas e também para auxiliar meu pai ficando sentada diante de um bloco chato de pedra e golpeando pedaços de ouro de formatos estranhos para transformá-los em folhas de ouro. Meu pai comercializava essas folhas de ouro com os carpinteiros reais do rei Zoser, que as usavam para revestir os móveis de madeira que haviam fabricado. Em troca, meu pai recebia pequenas quantidades de prata e cobre, dois metais que ele acreditava serem muito mais valiosos. Claro, os carpinteiros forneciam ouro não refinado a meu pai. Ele se recusava a refiná-lo na presença deles. Seu segredo era utilizar um fole para criar as grandes temperaturas necessárias para fundir o metal. Quando os carpinteiros estavam bem longe da área, ele montava seus foles de couro e tachas de cobre. Sua versão posterior do fole dispunha de uma saída que consistia na imagem em cobre de um crocodilo. Antes de começar a fundir o ouro, ele primeiro se voltava para o rio e gritava: “Sobek, é hora de trabalharmos!”

As meninas ganhavam bonecas feitas por suas mães e os meninos eram livres para perseguir uns aos outros com varinhas. Dessa maneira, logo aprendiam a desviar os golpes de qualquer atacante. Com 14 anos, meu irmão Yalput tinha mais cicatrizes no corpo do que qualquer veterano sobrevivente das recentes guerras ocidentais. O

único brinquedo que Yalput teve (se podemos chamar de brinquedo) foi um barco feito de fibras de papiro de cerca de 90 cm de comprimento. Embora o tivesse construído quando tinha menos de dez anos de idade, ele posteriormente o puxava entre as hastes de papiro por uma linha amarrada na cintura. Ele usava esse vaso flutuante para carregar a pesca do dia.

O sexo em idade precoce era permitido, contanto que não fosse um ato incestuoso. Isso é o contrário do que se acredita agora fossem os hábitos sexuais do povo daquela época e local. Muito mais tarde, essas práticas imorais tornaram-se flagrantes.

Certa manhã, pouco antes da aurora, fomos despertados por vozes altas. Essas vozes pertenciam a uma tropa de soldados que estavam procurando recrutas para o exército do Surac (rei). Eles vieram no meio da noite para assegurar que os rapazes em idade de lutar ainda estariam dormindo e não se escondendo deles entre a vegetação do rio.

Apenas Yalput foi recrutado. Ele estava feliz com a coisa toda. Minha mãe chorou e pediu bradando aos deuses que protegessem seu filho do mal. Meu pai foi para sua oficina e voltou com uma espada de cobre muito afiada em forma de foice que fizera para Yalput, prevendo esse acontecimento.

Muitos meses depois, Yalput gravemente ferido chegou em casa nos braços de vários camaradas seus, que também estavam um tanto feridos. Yalput tinha vários cortes profundos e várias cabeças de flecha de sílex ainda cravadas em seu corpo. Meu pai saiu em busca de um médico. Voltou para casa com um velho sacerdote de Amon muito cansado, que ele encontrou cuidando de outros soldados feridos que haviam conseguido voltar a suas casas pelo delta. Ele olhou para meu irmão e seus amigos gemendo e pediu uma taça de cerveja, que tomou, caindo em seguida no sono. Ninguém tentou acordar o velho sacerdote, pois tínhamos esperança de que ele tivesse um sonho no qual o deus Amon lhe diria o que fazer para salvar as vidas de Yalput e seus amigos.

Quando o sacerdote acordou, depois de algumas horas, ergueu-se e entoou algumas rezas, tomou uma jarra de cerveja como pagamento por seus serviços e nos deixou dizendo: “Os destino desses jovens repousa agora nas mãos dos deuses.” Minha mãe atirou uma taça de barro nele. Ele não deu atenção pois a taça não o acertou, atingiu a porta de madeira e se espatifou.

Na tarde do dia seguinte, o cão começou a latir. Olhamos para fora pela porta e vimos dois homens, um alto e vestido como nobre, o outro bem mais baixo, muito magro e com a pele escura, vestindo apenas um saiote de couro. As cabeças do dois estavam raspadas à moda dos sacerdotes de Amon. O homem mais baixo acariciava com ternura o cão. Perguntamos aos estranhos o que queriam. Responderam: “Não há homens feridos aqui? Sabber, o sacerdote de Amon, não lhes disse que as vidas deles estavam nas mãos dos deuses?” Enquanto eles falavam, minha mãe começou a se armar com vários utensílios domésticos que podiam ser atirados. Meu pai a conteve com palavras de cautela.

O homem baixo nos pediu para ficar do lado de fora da casa e rezar para os deuses enquanto ele e seu companheiro alto e musculoso entravam na casa e fechavam a porta. Vinte minutos depois eles saíram. O homem baixo deu a minha mãe uma taça de barro que continha as cabeças de flecha que estavam no corpo de Yalput. Ele caiu de joelhos quando viu que a taça perfeita era a mesma que ela quebrara em vários pedaços quando a jogara no velho sacerdote. Os dois estranhos pediram para ficar a sós no quintal e nos disseram para ir ficar à cabeceira de Yalput. Encontramos Yalput e seus camaradas despertados e conversando. Seus ferimentos, antes abertos, estavam fechados agora. Mais barulho fez com que olhássemos de novo o quintal. A área estava se enchendo de soldados e sacerdotes que estavam de quatro diante de nossos visitantes mágicos. O homem mais baixo chamou minha mãe e lhe deu um cântaro com um unguento cor-de-rosa, instruindo-a a passá-lo nas feridas daqueles que ele entregara a seus cuidados. Ouvi um soldado de joelhos chamar minha mãe que estava de pé: “Ajoelhe-se, mulher, diante de Zoser, Rei do Alto e do Baixo Egito, e de seu companheiro sagrado Imhotep, bem-amado do deus Amon.” Depois de um instante de choque e confusão, ela caiu de joelhos.

Quando o rei, seus soldados e sacerdotes partiram no lombo de camelos, permanecemos de joelhos com nossas cabeças abaixadas, aguardando que nosso pai nos dissesse quando fosse seguro nos erguermos. Quando ele nos disse para nos levantarmos, imediatamente caímos no chão outra vez, pois diante de nós, sentado sozinho na beirada de nosso poço de água e oferecendo a nosso cão sedento suas mãos em forma de taça cheias de água, estava o homem chamado Imhotep, o bem-amado do deus Amon.

Imhotep chamou meu pai pelo nome suavemente, então disse: “Hacar, venha a mim e traga consigo sua filha que você chamou Naya.” Quando começamos a rastejar lentamente até ele, ele disse mais alto:

“Venham a mim andando.”

Pedi a meu pai que se sentasse perto dele na beirada do poço e a mim que me sentasse a seus pés. Afagou minha cabeça e disse: “Então, esta é Naya, a bem-amada de Sobek, o deus-crocodilo.” Riu e disse:

“Pensei que você fosse coberta de escamas verdes.” Riu novamente quando apalpei meus braços e olhei sob minha túnica para ver se lá havia escamas verdes.

Imhotep não ordenou a meu pai, antes perguntou-lhe com voz suave se ele poderia ir para o sul com ele para fazer ferramentas de metal para cortar pedras. Ele disse a meu pai que estava planejando construir uma mastaba (tumba retangular) de pedra que um dia aguardaria e protegeria o corpo de seu amigo, o rei Zoser. Sem hesitar, meu pai concordou em partir imediatamente.

Imhotep se ergueu e disse: “Não, vá dentro de seis dias para o ponto no rio ao sul onde os barcos de coletores de impostos ficam atracados. Traga seus foles e Naya. Nós, que somos amados pelos deuses, devemos partilhar nossa grande sabedoria uns com os outros.”

Imhotep então disse: “Creio que me deve uma caneca de cerveja.” Corri para a casa e voltei com uma caneca cheia da melhor cerveja de minha mãe. Então observamos Imhotep partindo rumo ao sul para se reunir a Sabber, o velho sacerdote de Amon. Imhotep deu a caneca de cerveja ao velho. Continuamos a observá-los até perdê-los de vista.

Em poucos dias, as feridas de Yalput sararam, sem deixar cicatrizes. Mesmo as cicatrizes que ele adquirira em suas brincadeiras infantis de guerra desapareceram. Minha mãe colocou a taça de bano, ainda com as cabeças de flecha, numa banquetinha de madeira no canto do maior cômodo de nossa casa e orava diante dela três vezes por dia pelo resto da vida.

Na manhã do sexto dia depois daquele dia de milagres, meu pai e eu abraçamos todos de nossa casa e iniciamos nossa jornada para o sul. Meu pai carregava um grande fardo nas costas contendo seus foles e pedras de fazer fogo e eu carregava uma cesta de junco com queijo, pão, cebolas e cerveja. Pouco antes de nossa partida, minha mãe disse-nos entre as lágrimas:

“Se encontrarem outros deuses, digam-lhes que nos, nessa casa, sempre fizemos de tudo para servi-los.”

Cerca de uma hora e meia depois, meu pai e eu chegamos ao local onde os coletores de impostos abicavam seus barcos. Lá encontramos, balançando-se suavemente ao ritmo das ondas do rio, um belo navio pintado de vermelho e preto. Uma prancha ia do navio até um pouco antes da margem, o que tornou necessário que caminhássemos dentro da água alguns metros para embarcar no vaso.

Fomos recebidos e saudados por um homem vestido de linho branco fino. Ele perguntou a meu pai se ele era Hacar e se eu era Naya, amada de Sobek, o deus-crocodilo. Meu pai respondeu que sim. Na mesma hora o homem avisou outro que estava na proa do navio: “São eles. Com as bênçãos dos deuses, navegamos rumo ao sul.” O homem na proa gritou ordens, e tripulantes com varas empurraram o grande navio para longe da praia, dentro da correnteza na direção norte da mãe de todos os rios. Quando nos afastamos da margem, foram estendidos remos e uma vela branca com a brilhante imagem verde e negra de Sobek foi desfraldada, imediatamente se enfunando com o vento que nos levaria a novas aventuras.

Éramos os únicos passageiros, e passamos aquela noite ouvindo os cânticos e canções ritmados dos remadores. Naquela noite, aconteceu algo estranho. Um grande globo de luz se ergueu da água diante de nosso barco e desapareceu a alta velocidade no céu, deixando todos que o viram estupefatos.

Fui despertada pelo som da tripulação do navio descendo a prancha para fazer suas necessidades, se banhar e tomar o desjejum. Seu nobre mestre estava na popa do navio agachado sobre um pequeno braseiro, fazendo o que vocês chamam de tortilhas. Ele nos convidou para nos reunirmos a ele depois de fazermos a necessária visita à praia.

Do alto da prancha, contemplei um panorama do qual nunca me esquecerei. Na colina plana diante de nós, iluminadas pelos primeiros raios do alvorecer, estavam o que a princípio pareciam ser mais três colinas com picos agudos. Duas dessas colinas agudas eram brancas, e a maior das três era vermelha. Um remador que estava na prancha nos esperando descer, para que pudesse ir a bordo, viu o olhar de assombro em meu rosto e apontou para os objetos, proclamando com autoridade: “Essas são as grandes rens (pirâmides) construídas há muito tempo pelos deuses.” Meu pai disse que ouvira falar dessas “montanhas dos deuses” e que ele me contara e aos outros de minha família sobre elas várias vezes. Recordei-me de que quando ele nos contou sobre essas coisas, eu imaginara que fossem muito distantes de nossa casa, num lugar onde somente os deuses tinham permissão de ir. Na época pensei: terei permissão de ver essas coisas sagradas por ser a bem-amada de Sobek?

À medida que o Sol se erguia cada vez mais no céu, consegui perceber que a maior das rens não era totalmente vermelha, possuindo milhares de símbolos vermelhos pintados que cobriam seus lados. [Nota: esses símbolos não estavam originalmente na Grande Pirâmide, e sim antes do desaparecimento das duas Atlans (Atlântida). Fui informado que foram pintados na estrutura durante uma das chamadas Eras Douradas ocorridas antes da fundação daquele antigo reino. - W.B.]

No meio da tarde do dia seguinte, nosso navio novamente embicou. Vários outros barcos (não tão grandes como o nosso) estavam atracados, e as tripulações desses vasos descarregavam cargas que eram arrumadas por outros trabalhadores nas costas de mais de uma centena de camelos. Meu pai e eu relutantemente montamos num camelo; era a primeira vez para nós dois. Seguramos firme nos arreios e um no outro enquanto um

homem caminhava na frente conduzindo o animal. Depois de entrarmos numa fila única de camelos, ouvimos o soar de tambores, e nossa caravana começou sua jornada para o oeste. Por cima do ombro, dei uma última olhada no belo navio que nos trouxera a este lugar.

Viajamos até o cair da noite e fomos convidados a nos sentarmos junto a uma das muitas fogueiras do acampamento e comer uma ceia de peixe assado com abóbora cozida e cebolas. Alguns dos homens que estavam ao pé da fogueira sabiam que meu pai era fabricante de espadas e o trataram com grande respeito. Vi seus olhos se encherem de orgulho quando anunciou, batendo no peito, que o conhecimento de metais não era sua única dádiva dos deuses, que para ele sua maior dádiva estava aqui entre o grupo na forma de sua filha Naya, amada de Sobek, o deus-crocodilo. Sua declaração foi seguida por sussurros e um número considerável de “oohs” e “aahs”.

Como tinha a palavra, por assim dizer, meu pai contou ao grupo do globo de luz que víamos se erguendo do Nilo na primeira noite de nossa jornada. Todo reagiram, como haviam feito a suas declarações anteriores, mas ficaram sentados como que aturdidos. Um homem se arriscou a dizer: “Apenas os deuses e Imhotep sabem o que era isso.”

Papai então contou toda a visita de Imhotep a nossa casa e o convite que nos fizera para vir trabalhar para ele fabricando ferramentas de metal. O grupo escutou em silêncio enquanto meu pai repetia inúmeras vezes a história. Um dos homens pediu a meu pai permissão para contar uma história sobre Imhotep que ele ouvira há pouco tempo. Seu pedido fez meu pai sentir-se muito importante, e fiquei feliz por ele. Meu pai concedeu sua permissão enquanto uma mulher colocava um fardo de peles de carneiro para nós dois nos sentarmos como convidados de honra, podendo, assim, ser vistos com mais facilidade pelos que estavam sentados mais afastados do centro do grupo.

O homem então começou sua impressionante história. “Ouvi dizer que quando Imhotep nasceu, era como qualquer outra criança, mas ainda muito jovem, os deuses vieram à Terra e o levaram embora. Muitos anos se passaram e, no terceiro ano do reinado do Rei Zoser, Imhotep voltou da morada dos deuses. Seu pai e sua mãe se lembraram dele e se rejubilaram ao vê-lo novamente. Ele lhes disse que os deuses tinham lhe concedido muito conhecimento e o haviam enviado para casa com uma mensagem para o rei. Enquanto Imhotep estava com os deuses, sua pele escureceu muito, e se alguém ousasse olhar para sua nuca, veria os símbolos azul escuros que alguns pensavam dar-lhe poderes divinos.

Quando Imhotep compareceu diante de Zoser, o rei estava de muito mau humor, pois dentes infeccionados o afligiam, já tendo perdido vários deles, sendo quase impossível comer. Se não fosse pela aparência estranha de Imhotep, o rei certamente mandaria bater nele ou até mesmo matá-lo por ousar insistir em uma audiência real. Imhotep pediu para ser deixado a sós com o rei. Quando a corte voltou, encontrou o governante de muito bom humor seus dentes estragados não o estavam incomodando mais, e em uma semana nasceu-lhe outra denteição completa.” O narrador disse então que nada mais tinha a nos contar.

Todos sabiam que, daquela hora em diante, o rei Zoser e Imhotep quase nunca se separavam. Imhotep disse a Zoser que ele não podia fazer e não faria sua magia sob o comando do rei. A princípio, isso perturbou o rei, mas ele depois aceitou as condições de Imhotep que apequenavam seu ego, conferindo-lhe os títulos de Primeiro da Casa Real e Grão-Vizir.

Ao alvorecer, montamos outra vez em nossos camelos e, enquanto prosseguíamos, comemos pedaços de bolo de tâmaras. Antes do meio-dia chegamos a uma área nivelada do solo chamada naquela época o “local do trabalho divino,” hoje chamada Saqqara. Ao chegarmos, o lugar estava ocupado por cerca de 2500 pessoas, e centenas mais chegaram diariamente por pelo menos uma semana. Nossa caravana foi recebida por um jovem escriba de nascimento nobre cujo escravo chamava nossos nomes repetidas vezes. Quando nos identificamos, o escriba cruzou os braços sobre o peito e curvou-se como se faz diante de um sacerdote ou nobre. Retribuímos sua saudação.

Fomos levados à única construção de pedra que existia na área, situada atrás de várias colunas. As ruínas de várias outras construções a circundavam. O escriba nos disse que essas estruturas haviam sido construídas no passado muito remoto pelos deuses. Disse-nos também que ali era o lar de Imhotep e nos pediu para esperar. O interior estava vazio, exceto por Sabber, o velho sacerdote de Amon, que dormia profundamente roncando alto.

Algum tempo depois, o escriba voltou com dois homens que identificou como Subto e Brugrey. Esses homens providenciariam nossa alimentação e abrigo e ajudariam meu pai com seu trabalho. O escriba deu a cada um de nós um rolo de papiro, que devíamos mostrar a qualquer um dos vários encarregados para obter sua cooperação ou auxílio. Não sabíamos ler os hieróglifos nos rolos, mas o que quer que dissessem fazia com que os que sabiam lê-los atendessem com bastante rapidez nossos pedidos.

Meus pai pôs nossos ajudantes a trabalhar a construção de uma casinha de tijolos de barro para nós. Bastou agitar um de nossos rolos para que os tijolos, postes e o telhado de folhas de coqueiro fossem armados em menos de uma hora no local por nós escolhido. Com esses materiais de construção chegaram mais trabalhadores. Ao cair

da noite, sentamo-nos junto ao fogo aceso em nosso novo lar totalmente terminado. No dia seguinte, tapetes, cestas e utensílios de cozinha começaram a se acumular diante de nossa porta.

Aproveitando o ensejo. Subto e Brugrey também mandaram construir um abrigo para eles. Logo se reuniram a eles suas mulheres e vários filhos. As mulheres de suas casas cozinhavam nossa comida e lavavam nossas roupas finas de linho, que encontráramos na soleira de nossa porta. Quando meu pai vestia suas belas roupas (o que era raro), era sinal de que não iria trabalhar naquele dia.

Meu pai achou de qualidade inferior os detalhes e a feitura de muitas das jóias usadas pelos escribas e nobres. Ele tinha certeza de que conseguiria fabricar peças bem melhores. Preenchia todo seu tempo livre desenhando e fazendo figuras de barro das quais esperava algum dia fazer moldes. Quando nossa casa ficou cheia de suas criações, ele foi forçado a colocá-las em um poço revestido de argamassa coberto por pranchas de madeira localizado atrás de nossa casa (uma antiga versão egípcia do armário embutido). Menciono esse fato porque uma de minhas esperanças é novamente visitar a Terra quando a Barreira de Frequência desaparecer e recuperar esses tesouros, que sei ainda existirem no lugar em que meu pai originalmente os guardou.

Passaram-se vários meses e a construção da mastaba (tumba) do rei foi afinal iniciada. Meu pai trabalhava em sua forja desde o alvorecer até tarde da noite, produzindo talhadeiras e serras. Numa tarde chuvosa, quando estava sentada conversando com Tunertha, mulher de Subto, sob o telhado que se estendia em frente à nossa casa, o velho Sabber, sacerdote de Amon, veio cambaleando pelo caminho. Usando gestos e palavras ininteligíveis, consegui passar seu recado — que Imhotep queria que meu pai e eu fôssemos a sua casa para uma importante reunião. Pintados no chão da casa de Imhotep estavam os projetos de um ataúde de metal capaz de comportar um corpo humano. Ele queria que meu pai fabricasse doze deles. A seguir, pediu que eu e minhas servas tecêssemos doze barcos de papiro com tampa que comportassem os ataúdes e que pudessem ser vedados com piche para tomá-los à prova d'água. Descobrimos depois que esses barcos para ataúdes levariam Nilo abaixo doze ancestrais mumificados do rei até deuses que os aguardavam, que os levariam para um além-vida num grande globo de luz.

A história dos “barcos dos mortos” de Imhotep foi transmitida de geração a geração. As pessoas de épocas posteriores colocavam seus mortos, seus doentes graves e seus filhos famintos (em tempos de fome) em barcos de junco, na esperança de que os deuses os tirassem do rio, levando-os para um lugar onde pudessem viver novamente. Está escrito que Moisés, amado do El da Terra, foi colocado no Nilo dessa forma para salvá-lo de ser morto por ordem de um rei.

Cada ataúde e barco de junco que meu pai entregava na casa de Imhotep já tinha desaparecido quando o seguinte era entregue. Embora Imhotep não pedisse mais ataúdes de metal, sua demanda de barcos de junco de vários tamanhos continuou. A área ao redor de sua casa ficou coberta de pilhas deles, um em cima do outro. Nas proas meu pai colocava figuras de metal de animais tais como o íbis, o gato, o morcego e o touro. Dentro da casa havia um número considerável de sacerdotes de Amon sempre às voltas com a mumificação desses mesmos tipos de criaturas, que eram por fim lançadas à deriva no Nilo na primeira noite de lua cheia.

Nos três anos em nos ocupamos dos projetos especiais de Imhotep, a construção da mastaba do rei Zoser e do átrio de Heb-sed foi concluída, e o rei corria pelo átrio realizando os rituais destinados a renovar sua força física e confirmar seu direito divino de dominar o Alto e Baixo Egito até a data do próximo jubileu de Heb-sed. Nessa mesma época, minha mãe, quatro de minhas irmãs mais novas e nosso velhíssimo cão vieram morar conosco. Minha mãe também trouxe sua taça sagrada cheia de cabeças de flechas e mais tarde tomou-se líder de um grande grupo de adoradores

da taça. Nosso cão desapareceu durante vários dias e, quando o vi de novo, estava companhia de Imhotep e do velho sacerdote Sabber. Mal se podia reconhecer o velho cão; corria de lá para cá e brincava como um filhote e nunca mais voltou para nossa casa.

O tempo se passou e a casa de meus pais ganhou mais cinco crianças. Casei-me com um vidreiro de minha idade trazido a mim certa manhã e apresentado por Imhotep. Depois de dizer que achava que deveríamos nos casar, Imhotep deixou o rapaz de pé em frente de nossa casa, descansando numa perna e depois na outra. Seu nome era Keerey e meu pai imediatamente passou a chamá-lo de Filho. Os dois mais tarde colaboraram na produção de jóias de vidro e metal.

Nos anos que se seguiram, Imhotep ampliou a mastaba do Rei Zoser até transformá-la numa pirâmide de degraus com seis níveis. Três dias depois de a última pedra de revestimento de calcário ser colocada na pirâmide, o rei morreu. Perguntei por que o rei foi enterrado na pirâmide em vez de lançado no rio como seus doze ancestrais. O velho sacerdote Sabber me disse que os deuses viriam mais tarde buscar o corpo do rei. Depois do enterro de Zoser, Imhotep e Sabber desapareceram para nunca mais serem vistos.

Tive três filhos — dois meninos e uma menina. Exceto por Yalput, toda nossa família veio do delta para morar conosco. Ganhávamos a vida vendendo jóias de vidro e metal aos turistas que vinham ver a pirâmide. Acima de nossa porta havia uma placa de madeira com a imagem de um crocodilo e hieróglifos que diziam: “Neste local

moram o pai e o marido de Naya, amada de Sobek, o deus-crocodilo.” Vivi até os 68 anos e meu corpo foi mumificado. Em razão de meu status “sagrado,” meu corpo foi colocado numa câmara inferior da pirâmide do Rei Zoser, pois os que sobreviveram a mim tinham esperança de que os deuses o levassem juntamente com o corpo do rei para o céu. Os corpos de meu pai e de minha mãe também foram mumificados e enterrados entre os modelos de formas de barro de meu pai no poço atrás de sua morada.

AMENHOTEP III E AMENHOTEP IV

As pessoas com conhecimento do assunto estão corretas ao situar o reinado de Amenhotep III entre os anos de 1417 e 1379 a. C. Foi durante o governo desse grande rei que nasci outra vez na terra do Egito. Meu nome era Ymet. Minha mãe se chamava Nansa e meu pai, Farneen, era um soldado que foi morto alguns meses antes de meu nascimento. Tinha um irmão mais velho chamado Tobet.

Vivi a maior parte de minha juventude na companhia do segundo marido de minha mãe, Kelneto. Meu padrasto era um capataz que passava seus dias batendo no lombo dos escravos que carregavam cestos de cascalho, retirado dos penhascos rochosos do lugar agora denominado Vale dos Reis, para longe dos locais onde ficavam as tumbas requintadas. À noite Kelneto bebia muito e batia em minha mãe, em meu irmão e em mim.

Meu irmão e eu compartilhávamos o desejo de que os nubios um dia invadissem nossa terra e fizessem nosso padrasto em pedacinhos. Meu irmão Tobet mais tarde o estrangulou até a morte, certa noite depois de ele desmaiar de tanto beber. Meu irmão foi preso por esse crime e sentenciado a trabalhar pelo resto da vida nas minas de cobre ao sul.

Minha mãe relutantemente exerceu o que se denomina agora a profissão mais velha do mundo, e eu arranjei emprego de cozinheira dos pedreiros e artistas que construía e decoravam as tumbas.

Ao meio-dia eu levava comida para os artesãos que estavam trabalhando nas tumbas. Certo dia, um artista pediu-me para misturar um pouco de tinta para ele, o que fiz. Ele foi comigo até a cozinha do campo e disse ao encarregado que eu trabalharia com ele daquele dia em diante. A partir daquele dia, ele me chamava de Arco-íris por causa das diversas cores que me manchavam as roupas e partes do corpo no final do dia. Eu tinha permissão para entrar em partes da tumba que eram mantidas secretas para os outros. Algumas dessas câmaras ocultas ainda não foram localizadas pelos especialistas da Terra chamados arqueólogos.

Depois de muitos anos, meu irmão Tobet chegou a nossa casa tarde da noite. Estava acompanhado por mais quatro homens que tinham escapado com ele da escravidão nas minas do sul. Quando souberam que eu tinha conhecimento de algumas das câmaras ocultas das tumbas reais, rapidamente fizeram um plano (que me incluía) para roubar de uma das tumbas todo o ouro e jóias que conseguissem carregar. A tumba escolhida por eles foi a de Amenhotep II. Meu irmão e seus companheiros despacharam aos deuses as almas de dois velhos soldados que dormiam na entrada do vale. Na escuridão, ouvíamos os escravos roncando e falando no sonho em suas barracas.

Ao chegarmos à tumba, tivemos a surpresa de encontrar vários jovens nobres já atarefados roubando o lugar. Depois que facas e espadas foram desembainhadas, um dos nobres começou a rir, e depois da troca de algumas palavras, nosso bando ganhou mais quatro membros. Mostrei a meus cúmplices a sala oculta por trás de uma parede de estuque, que eles derrubaram golpeando-a e chutando-a com punhos e pés. A sala não era a câmara sepulcral (localizada, na verdade, vários metros abaixo) e sim uma sala pequena de depósito cheia de milhares de pequenas estatuetas de ouro maciço do rei e dos deuses. Pilhamos com calma o lugar e ainda assim saímos do vale protegidos pela escuridão. Quando passamos pelos corpos dos guardas, um dos nobres disse: “Vocês os mataram? Enviamos a eles uma garrafa de vinho com remédio para dormir por um escravo e conseguimos passar bem na frente deles.” Seguimos os nobres até uma colina até o lugar em que tinham parado suas carruagens puxadas por cavalos. Puseram sua parte do saque em seus carros e se despediram. Meu irmão e seus amigos encheram um saco grande com ouro e me deram, então se despediram e desapareceram dentro da noite. Fui para casa e enterrei meus ganhos ilícitos no chão de terra de nosso casebre.

No dia seguinte, quando me apresentei para o trabalho, o lugar estava repleto de sacerdotes e soldados. Meu mestre me contou que a tumba fora roubada à noite, mas que não haviam mexido no corpo do rei. Ao longo de todo aquele dia e durante vários dias a seguir, pensei no saco de deuses de ouro sob minha casa. Permitam-me introduzir um pouco de humor nesta altura, fico muito feliz por eles não tirarem impressões digitais naquele tempo. Sei que devo ter tocado ou tentado erguer cada um dos objetos daquela sala.

Aprendi com meu mestre, que se chamava Rort, os significados dos hieróglifos que ele pintara nas paredes das tumbas. Posteriormente, ele permitiu que eu pintasse a arte nas paredes enquanto ele observava sentado, ou dormia depois de uma noite de bebedeira. Afinal, comecei a passar minhas noites na casa de um colega artista de nome Merelre. Nunca nos separamos naquela vida e tivemos quatro filhos: três meninos e uma menina. Nossa casa se localizava a cerca de 90 metros da tumba de Amenhotep II. Eu tinha medo de trazer meus deuses de ouro de volta

ao vale, onde o fantasma do rei poderia vê-los, então não os enterrei sob minha casa. Em vez disso, enterrei-os de novo na encosta da colina logo abaixo da entrada do vale.

Quando Amenhotep III morreu, seu cortejo funerário tinha milhares de pessoas. O cortejo entrou no vale acompanhado pelo som de tambores, pratos e sinos, O ataúde do rei era de ouro maciço e sua mobília funerária foi colocada na tumba sob o olhar vigilante da agora viúva rainha Tiye. Sentada em sua liteira coberta, ela segurava um menino pequeno, conhecido depois como Tutancâmon. Embora a rainha fosse bem idosa, dizia que a criança era filha dela e de Amenhotep III.

Sentado em outra liteira estava o filho dela, agora Rei do Egito; chamava-se Amenhotep IV. Nosso novo rei era muito esquisito fisicamente. Ele carregava as coroas do Alto e Baixo Egito num busto em tamanho natural de si mesmo pousado num mastro dourado. Ele agia assim porque se colocasse as coroas na cabeça, não seria capaz de manter para cima seu rosto muito grande e alongado. Quando o vi pela primeira vez, ele vestia um manto branco esvoaçante que lhe cobria todo o corpo.

Quando Amenhotep IV se tornou Faraó (que significa “aquele que vive na casa grande”) recusou-se a ter qualquer relação com seu irmão um pouco mais novo, Príncipe Smenkhkare. Esse irmão depois juntou-se aos inimigos do faraó, que acabaram por derrotá-lo. Em seu primeiro ano de reinado, Amenhotep IV casou-se com a bela Nefertite, filha da irmã de sua mãe. Tiveram seis filhas e três filhos.

Todos sabiam que Amenhotep IV era hermafrodita (tinha os dois sexos). Corriam boatos de que conseguia amamentar os próprios filhos. O povo acreditava que isso era verdade e estava totalmente convencido de que as chamadas anormalidades físicas do faraó eram, na realidade, dádivas dos deuses que o tornavam mais divino do que qualquer rei que o antecederam.

[Nota: como o leitor deve saber, Amenhotep IV aboliu o culto dos inúmeros deuses do Egito, declarando que apenas um único deus, Aton (personificado pelo disco solar), seria venerado na terra. Seriam necessárias centenas de páginas para descrever os problemas acarretados por essa conduta. Amenhotep IV mudou seu nome para Akhenaton (“aquele que serve a Aton”) e transferiu a capital do Egito de Tebas para um lugar onde construiu uma cidade inteiramente nova que ele planejou chamada Aktaton, que significa “horizonte de Aton.” O local onde essa cidade se localiza chama-se atualmente Tell-el-Amarna. - W. B.]

Akhenaton convocou todos os tipos de artesãos a ir para o local de sua nova cidade e trabalhar para ele. Meu marido Merelre era membro de uma corporação que jurara obediência ao faraó e ignorava a possível ira dos deuses de antigamente e de seus sacerdotes desempregados, muito faladores e descontentes. Por pouco tempo, o templo de Amon em Tebas permaneceu em funcionamento, até a morte da rainha Tiye. O Príncipe Smenkhkare a princípio desafiou a exigência de Akhenaton de que o templo fosse convertido num local de culto a Aton, mas sob ameaça de morte Smenkhkare saiu de Tebas, vivendo por algum tempo no exílio no delta.

Antes de ir embora do Vale dos Reis, confessei meu crime do roubo da tumba a meu marido. Desenterramos o tesouro dourado e o escondemos em meio a nossos pertences. Fizemos nossa viagem para Aktaton em companhia de centenas de pessoas. Nossa rota era quente, poeirenta e marcada, de vez em quando, pela necessidade de evitar carruagens rápidas e estafetas a cavalo do faraó tanto vindo como indo para a nova capital.

Meu marido e eu nos tomamos especialistas no novo estilo de arte concebida pelo faraó. Atualmente, esse tipo de arte é denominado estilo Amarna.

À medida que a cidade de Aktaton crescia, o faraó se descuidava do reino e, depois de várias rebeliões, foi perdida uma grande porção das terras ocupadas pelo Egito ao leste. Para impedir que as fronteiras do reino encolhessem ainda mais, Akhenaton encarregou do controle total do exército e de muitos dos assuntos de estado um certo Horemheb. Mal sabia que ao fazer isso, favorecia os sacerdotes e seu irmão exilado, o Príncipe Smenkhkare.

A rainha Nefertite ficou muito decepcionada com o marido e suas infundáveis idéias radicais, partindo por longos períodos para morar com seus filhos em Tebas. A aparência física do faraó tomou-se mais grosseira e ele ficou praticamente cego de tanto fitar o Sol durante longos, períodos de tempo, em busca de alguma mensagem divina de seu deus.

Meu marido e eu tiramos pedaços de alguns de nossos deuses de ouro e compramos cavalos, que criávamos e vendíamos aos agentes compradores do exército do general Horemheb. Nossas terras aumentaram consideravelmente, bem como nosso número de servos e escravos. Nossa casa ostentava a marca do deus Aton sobre a porta. (Esse ato de colocar esse emblema da proteção do rei em nossa casa seria lamentado depois.)

Certo dia, o rei e vários de seus sacerdotes foram aprisionados por Horemheb numa tumba que estava sendo construída para o rei. Akhenaton e seus sacerdotes não voltaram ao palácio naquela noite. Os soldados de Horemheb lançaram-se a uma orgia de assassinatos que durou dias. Quando vieram a nossa casa, marcada com o emblema de Aton, tentamos primeiro lhes oferecer propinas usando o que restara de nossos deuses de ouro. Depois de ver os ídolos, o capitão acrescentou a acusação de roubo de tumbas à de heresia e ordenou que todos da casa

fossem passados à espada, inclusive sua humilde narradora.

Fiquei sabendo depois que o príncipe Smenkhkare subiu ao trono por um período muito breve sendo então sucedido por seu irmão mais novo Tutancâmon. O reinado de Tutancâmon foi seguido pelo de seu velhíssimo tio Aye, alto sacerdote de Amon que depois entregou o trono a Horemheb que, por sua vez, legou o reino a um de seus generais, que ficou conhecido como Ramsés I.

Depois da época de Smenkhkare, os templos de Aton foram outra vez convertidos para servir aos antigos deuses, e o nome Akhenaton foi retirado de todos os monumentos. Dali em diante, referiam-se a ele como o Grande Inimigo. Até sua morte, a rainha Nefertite fez parte da casa de Aye. Duas de suas filhas chegaram a se tornar rainhas do Egito ao se casarem com Tutancâmon e Ramsés I.

[Nota: em razão das longas descrições de Churmay das três vidas que acabamos de apresentar e do fato de o espaço ser limitado, as três vidas restantes por ela selecionadas serão apresentados na forma mais resumida possível, mencionando apenas os destaques que ambos concordamos seriam de interesse para você, leitor. - W. B.]

A GRANDE MURALHA DA CHINA

O ano era aproximadamente 222 a.C. Meu nome era Ting-Sue, caçula de seis filhos. Aos onze anos, casei-me com um homem chamado Key Shi. Dei à luz o primeiro de meus três filhos com a idade de treze anos.

Era a época em que o grande guerreiro e imperador Shih Huang-ti governava a terra. Esse imperador decidiu ligar os muros existentes nas províncias numa muralha contínua que atravessaria toda a extensão do império. Embora sua intenção fosse empregar a muralha para deter invasores, seu objetivo básico era controlar e taxar todo comércio que passasse por qualquer um dos portões estrategicamente localizados.

Durante muitos anos, trabalhei com meu marido e meus filhos como cortadora autônoma em pedreiras. Usávamos cunhas de madeira embebidas em água para soltar blocos do corpo de pedra principal.

Meu marido primeiro fazia um orifício na pedra com um buril e um de nossos filhos ou eu inseríamos as cunhas de madeira e derramávamos água sobre elas. Quando a madeira inchava, os blocos de pedra quebravam em pedaços de tamanhos que poderiam ser carregados para nossa carroça puxada por um boi. Uma carroça cheia entregue no local da construção nos rendia o suprimento de um mês de arroz e vegetais. Às vezes, nossa entrega de pedra era feita em um local de construção próximo e às vezes num bem distante.

Achávamos que tínhamos sorte por não estarmos entre os milhares de escravos forçados a realizar o trabalho físico na muralha. Também nos considerávamos ricos, pois possuíamos nosso próprio boi e carroça.

Os meses de inverno e de primavera eram difíceis para nós, pois as neves frias de inverno e as chuvas da primavera muitas vezes faziam com que nossa carroça atolasse na lama. Certa noite, durante pesadas chuvas de primavera, nossa carroça atolou no lamaçal. Quando procurávamos abrigo sob uma saliência rochosa, apareceu uma luz no céu. Gradualmente ficou cada vez maior, a seguir pairou sobre nossa carroça por cerca de cinco minutos, e então voou para fora de nossa vista. Minha família ficou apavorada. Só eu tive a intuição de que, na verdade, nada havia a temer. No dia seguinte, encontramos nossa carroça no chão seco. O solo pelo qual viajaríamos também estava seco por uma boa distância. Quando contamos nossa história a outras pessoas, pensaram que estávamos loucos, então logo aprendemos a falar do incidente apenas entre nós.

Vivi até cerca de 38 anos e morri de ataque cardíaco enquanto tentava tirar nosso velhíssimo boi de um lamaçal.

CLOVIS

A época foi por volta de 478. Seu nome era Cio-vis, o primeiro rei de várias tribos chamadas francas. Ele era tio de minha mãe pelo lado materno, mas isso não fazia diferença ele na verdade nem sabia que ela existia.

Meu nome era Dora e tinha dois irmãos mais velhos. Meu pai, Ambis, era um importante soldado que lutara com Clovis durante suas muitas batalhas vitoriosas contra os romanos e outros chefes tribais francos que não morriam de amores por ele.

O rei Clovis casou-se com uma princesa real da Borgonha e se converteu à sua fé cristã, assim como minha mãe e eu. Nunca tive tanta certeza de nada em minha vida como tive quando aceitei pela primeira vez Jesus Cristo como meu senhor e salvador.

Criei meus quatro filhos na fé cristã e morri de velhice nos braços de meu marido, Bormen.

Quando retornei ao estado aberto e comecei a viver minha vida atual, descobri o desejo universal de a realidade Cristica se manifestar totalmente no nível molar de percepção. Estou agora cheia de alegria e esperança de que a energia espiritual que despendi na veneração amorosa do Cristo durante outras vidas que passei na Terra se somará coletivamente à de outras pessoas para tomar esta realidade maravilhosa acessível a todos nós do universo.

SALADIN, O MAGNÍFICO

Meu nome era Taydeena, filha de Shabdar e de sua mulher Nadja. Não tive irmãos nem irmãs. Era o ano de 1188, e o líder islâmico Saladin, o Magnífico tivera êxito em repelir da cidade de Jerusalém o exército cristão da Segunda Cruzada. Eu, juntamente com outras pessoas de minha família de ex-mercadores de lã, fui recrutada para trabalhar na construção e reconstrução dos muros defensivos da cidade (meu trabalho preferido). Um ano

depois, aqueles persistentes cristãos uma vez mais chegaram aos portões de nossa cidade sob o comando de Ricardo I da Inglaterra (Ricardo Coração de Leão).

Durante minhas várias viagens carregando água para os trabalhadores da muralha, o próprio Saladin veio inspecionar nosso progresso. Acompanhava-o um jovem oficial chamado Soidulah. Depois de me ver, esse homem disse algumas palavras a seu chefe, e depois só me lembro de fazer parte de um harém muito pequeno composto de outras duas garotas e de mim. Com o passar dos anos, chegamos a dez.

Saladin conseguiu repelir os cruzados outra vez e a seguir assumiu o firme controle da terra do Egito. Soldulah foi indicado para um posto muito alto de oficial e enviado para desempenhar deveres administrativos na cidade de Alexandria.

Certa noite, quando nosso navio se aproximava da foz do Nilo, antes de costear as margens e de navegar rumo a Alexandria, vimos um globo de luz se erguer do rio e voar para o céu estrelado. Convencemo-nos de que o globo de luz era um sinal e uma benção de Alá.

Oito anos depois, Soldulah morreu de repente. Antes de informar alguém, minhas irmãs do harém e eu dividimos seu dinheiro e outros pertences e fugimos em diferentes direções para dentro da noite. Sem saber onde eu realmente me encontrava, fui para o sul de barco.

Durante essa viagem, passei pelas grandes pirâmides de Gizé e experimentei aquela sensação que vocês chamam de déjà vu. Fixei-me numa pequena comunidade grega cristã próximo de Luxor e acabei por casar-me com um homem chamado Callrus. Minha parte da fortuna de Soldulah nos propiciou um início de vida. Vivi até a idade de 83 anos e novamente morri de causas naturais na terra do Egito. (Não acreditem na história do marciano Senhor Sharmarie segundo a qual fui comida por um crocodilo.)

CONCLUSÃO

Atualmente moro, como tenho feito há 187 anos, no oitavo planeta da estrela chamada Thurbal. O planeta é Simcarris, o mesmo mundo no qual moram Trome de Sumer e sua família.

Novamente moro com meus pais waydianos originais, bem como com minhas duas irmãs e meus irmãos daquela primeira vida. Todos nós deste mundo estamos comprometidos com a preservação da vida animal e vegetal de nosso sistema solar natal e com o monitoramento das transformações biológicas que ocorrem continuamente nas diversas formas de vida terrestres.

Corno mencionei os ataúdes de metal em cuja fabricação para Inhotep já estive envolvida, acrescentarei que um homem de Sumer disse saber onde um deles está atualmente guardado e providenciará que me seja entregue.

Sou Churmay de Wayda.

THALER - UM NETUNIANO

Testemunhei os atos de seus santos magos, que eles chamam de Skates. Meus sentidos foram todas as vezes, subjugados por suas poderosas ilusões. Os seres do grande Trake aceleram o espírito por meio de sua aparência física, sabedoria, coragem e fortitude. Certamente, qualquer um perderia tempo debatendo com eles uma questão sobre a qual eles tivessem uma visão contrária.

Caso vocês ousem empreender tarefa tão insensata, aviso-os, não olhem em seus olhos.

Sou Hazyder de Delk.

Meu primeiro nascimento humano deu-se no planetóide que vocês chamam de Tritão, o maior satélite de Netuno. Chamávamos o lugar de Mern. Respirávamos nitrogênio, assim como os habitantes dos sistemas radiars de Sumer (Saturno) e Relt (Júpiter).

Trome, do radiar Sumer, descreveu muito bem a função dos sistemas radiars. Portanto, pouco há a dizer, exceto que o radiar Trake, que fornecia luz e energia a meu povo, funcionava de forma bem semelhante ao radiar natal de Trome.

Alguns planetóides de outros radiars deste sistema solar são bastante grandes em comparação a Mern. Mern tem diâmetro de cerca de 2.720 quilômetros e superfície ligeiramente menor que 233 milhões de quilômetros quadrados. Isso o torna um pouco menor que o satélite da Terra, a Lua. Antes da destruição de Maldek, o radiar Trake possuía dois outros planetóides de tamanho considerável. Eles foram ejetados do sistema Trake após a tragédia e agora orbitam o sol central como Plutão e seu satélite Charon. Dois outros planetóides de Trake assumiram órbitas além de Plutão e Charon, sendo chamados agora, como eram originalmente, Banlon e Nylo. Outro planetóide que se despreendeu de seu radiar de origem para orbitar o sol central é o mundo que vocês conhecem por Mercúrio, o qual, antes da destruição de Maldek, orbitava o radiar Relt (Júpiter).

Na época de meu primeiro nascimento, o radiar Trake não possuía anéis. O corpo orbitante que vocês chamam Proteu, com diâmetro de cerca de 386 quilômetros, é um pedaço de Maldek que entrou em órbita ao redor do radiar Trake há aproximadamente 322 mil anos.

O planetóide Trake, que chamamos Bove (Charon), tinha a maior população humana, cerca de 4 milhões e 350 mil pessoas. Mern, por outro lado, tinha aproximadamente 238 mil habitantes. O número total de traquianos em todos os planetóides do sistema naquela época era de quase 10 milhões. Há mais de 187 milhões de traquianos corporificados hoje, vivendo na Terra e em outras partes do universo. Se o radiar Trake e todos os seus onze planetóides originais voltassem ao estado em que se encontravam anteriormente à destruição de Maldek, a superfície dos planetóides do sistema nunca conseguiria suportar o número atual de traquianos, nem os milhões mais que assumirão forma humana no futuro. Mesmo cidades subterrâneas não seriam uma solução adequada. Talvez seja o desejo verdadeiro do elohim que o destino de todos nós, do radiar Trake e possivelmente os humanos de todos os outros mundos, seja no final se espalhar por todo o universo e interagir de forma pacífica uns com os outros. Se isso for verdade, que assim seja, embora eu pessoalmente ache difícil conviver com os costumes e atitudes de alguns habitantes muito afáveis de outros mundos. Ainda assim, são as diferenças existentes entre os povos de todos os tipos que ensinarão às pessoas como tolerar e respeitar os direitos espirituais dos outros de agir como bem quiserem (ou deverem) de acordo com o Plano Mestre do Criador de Tudo Que É. Digo-lhes isto: nunca tolerarei os que praticam os costumes do lado sombrio da realidade.

Nós, de Trake, acreditamos ter sido programados por nosso El progenitor antes de nossa existência humana para ser o que vocês chamariam ciganos cósmicos. Essa crença é fisicamente apoiada pelo fato de sermos um raro tipo de humanos que não apresenta dificuldade alguma para passar da respiração de nitrogênio aos mais exóticos tipos de atmosferas encontradas em alguns outros mundos. Podemos passar a respirar oxigênio sem dar uma tossida ao atravessar os vários estágios do processo.

Em minha primeira vida humana meu nome era Thaler, filho único de meu pai Framer e minha mãe Ibolue. Poucas famílias de Mern têm mais de um filho.

Todos os planetóides Trake eram governados por um único corpo de pessoas que chamávamos de Skates. Enquanto os Babs integrantes do Conselho das Sete Luzes outrora governaram o povo do radiar Sumer por meio de contato telepático interplanetário uns com os outros e buscavam orientação espiritual de seu El fitando a face de

seu radiar, os Skates de nosso sistema empregavam métodos totalmente diferentes para estabelecer contato uns com os outros e receber instruções divinas do El de Trake. Para que os leitores compreendam os métodos dos Skates, faz-se necessário que eu explique o que é realmente um Skate e como uma pessoa torna-se membro desse grupo singular.

Os Skates são mestres de ilusão que possuem uma hierarquia baseada no grau de realidade que conseguem imprimir a uma ilusão e em quantos observadores são capazes de convencer ao mesmo tempo. A posição de um Skate na hierarquia é identificada por um anel colorido que aparece naturalmente num dedo (ou dedos) quando ele progressivamente atinge níveis superiores em sua arte. Doze anéis nos dedos da mão esquerda é considerado a posição mais elevada.

Os iniciados Skates provenientes dos planetóides do radiar Trake que atingiram o conhecimento básico exigido para buscar níveis mais elevados de realização possuem símbolos tatuados fisicamente na nuca que identificam seu professor.

A manifestação natural dos anéis de poder de macro nível (1 a 1 2) constitui uma forma universal de identificação que indica que a pessoa portadora dos anéis tem a capacidade de mentalmente atingir e tirar poder (até certo grau limitado e em horários específicos) do macro nível do campo vital universal (CVU). Como deve ser de conhecimento do leitor, o macro nível de percepção no CVU é o plano dimensional no qual o Elohim interage. O marciano Senhor Sharmarie é conhecido por apresentar dois anéis de poder de macro nível e seu professor So-Socrey (quando corporificado) tem quatro. Rick Charkels, da Casa de Comércio de Cre'ator, é conhecido por exibir sete anéis de macro nível. (Antes de ir em frente, deixem-me dizer-lhes que, embora eu tenha várias tatuagens pequenas nos braços e no rosto, não tenho anéis de poder de macro nível.)

Os Skates do radiar Trake acabam por cobrir o corpo todo com tatuagens que os auxiliam tanto a atingir níveis mais elevados de macro poder como a produzir suas ilusões realistas. De vez em quando, tatuagens se manifestam no corpo de um Skate da mesma maneira que os anéis de macro poder como descrito anteriormente.

A compulsão de muitos dos que vivem hoje na Terra de ser tatuados (até mesmo de forma bem artística) tem sua fonte básica no instinto psíquico (possivelmente instilado numa vida anterior) de ser espiritualmente favorecido pelo Elohim.

Mesmo os que praticam os costumes do lado sombrio da realidade usam tatuagens simbólicas para solicitar e adquirir poderes do macro nível. O símbolo, não a pessoa, é o meio. Os integrantes das SS nazista tinham as letras "SS" tatuadas no lado de dentro dos braços esquerdos de forma estilizada, representando também um raio.

Em minha primeira vida humana, as crianças dos planetóides do radiar Trake eram educadas verbalmente na leitura, escrita, matemática e história por Skates de nível secundário, cabendo a educação espiritual e religiosa aos pais da criança. Depois de absorver os elementos básicos dessas matérias, as crianças recebiam dos Skates mestres educação superior nessas mesmas matérias.

Os Skates mestres empregavam a ilusão para criar experiências e situações para forçar os alunos a utilizar cada parcela de conhecimento e testar o limite de sua percepção mental.

Com a idade de cerca de seis anos terrestres eu já tinha visitado todos os planetóides do sistema radiar Trake sem nunca ter me afastado mais do que cinco quilômetros do local onde nasci em meu mundo natal de Mern. Realizei todas as minhas explorações fora do meu mundo na maioria das vezes pedalando uma bicicleta imaginária ou caminhando em estradas ilusórias que, na verdade, existiam em mundos reais. De fato, se alguém caminhasse fisicamente por uma dessas mesmas estradas (quando elas existiam), veria que cada detalhe minúsculo era idêntico à ilusão gerada experienciada daquele local. Como todos os habitantes dos planetóides de Trake (por intermédio dessas experiências ilusórias) sabiam tudo sobre todas as características físicas de cada planetóide (inclusive dos povoados e cidades ali localizados), era como se cada pessoa em todo o sistema pertencesse, na verdade, a uma única população vivendo em um único mundo.

Afinal, a época de educação ilusória terminava, e esperava-se que os formandos usassem seus conhecimentos e experiências para arrumar um emprego e ganhar a vida. As experiências educacionais ilusórias eram-lhes negadas dali em diante e eles eram incentivados a desenvolver seus próprios poderes de Skate sempre e como pudessem. Os artistas da tatuagem estavam sempre muito ocupados gravando símbolos mágicos na nova geração de clientes. Muitos buscavam os Skates mestres para solicitar aprendizado.

As ilusões não podem ser registradas e tocadas repetidas vezes como ROMs mentais, por muito tempo usados com propósitos educacionais em alguns mundos. Nas culturas avançadas amplamente disseminadas, como dos nodianos, a tecnologia para produzir e tocar repetidas vezes ROMs mentais existia centenas de anos antes da fundação da Federação.

Qualquer cena com o acompanhamento de qualquer tipo de emoções pode ser registrada, editada e posteriormente transmitida por meio de certos planos de micro nível do FUB (frequências ultra baixas) a vários receptores humanos que estejam mentalmente em sintonia com a frequência de transmissão na qual os

componentes dos ROMs estão sendo irradiados.

O Skate mestre da mais alta hierarquia de cada planetóide do sistema é automaticamente considerado o supremo líder do mundo. Ele ou ela dariam a última palavra em qualquer questão secular espiritual, jurídica ou de outra natureza.

Em minha primeira vida, todos os planetóides Trake possuíam vida vegetal e animal. Os povos de dois dos planetóides se alimentavam de peixes, mas os povos dos outros nove mundos eram vegetarianos que também consumiam produtos derivados do leite. Havia abundância de frutas e tínhamos uma variedade de alimentos do tipo tubérculos semelhantes a batatas, mandioca e amendoins. Os animais se reproduziam mais ou menos a cada dois anos terrestres e a maioria das espécies nunca vivia mais de quatro anos na natureza. Obtínhamos leite de quatro tipos de animais ligeiramente diferentes, semelhantes ao que vocês chamam de cabras. A maioria dos mundos de Trake dispunha de uma variedade de espécies diferentes de aves, mas nenhuma era maior do que um pardal. Não tínhamos insetos. Nossas roupas eram feitas de certos tipos de fibras obtidas, em sua maior parte, da casca de árvores. As peles e os ossos de animais também eram usados. Todos os planetóides tinham grandes jazidas de ferro, cobre, prata e estanho. Combinávamos estanho e cobre, obtendo bronze.

Os dois mundos cujos povos comiam peixes falavam línguas diferentes. Esses mundos eram em sua maior parte, cobertos por desertos. O povo vivia em áreas irrigadas por gêiseres, ativados regularmente por efeitos gravitacionais gerados pelo radiar. Sob a superfície desses mundos havia grandes cavernas e lagos nos quais se desenvolviam peixes entre plantas aquáticas e formas menores de vida aquática. Os Skates desses dois mundos eram muito poderosos. Chamávamos os habitantes desses mundos de “andarilhos” pois o único meio de percorrerem seus mundos arenosos era andando. Nós, dos outros mundos, claro, construíamos estradas e usávamos bicicletas.

Tínhamos conhecimento da eletricidade e da eletrônica, mas não conseguíamos mentalmente tolerar o ruído eletromagnético gerado por aparelhos como a televisão. Qualquer tipo de instrumento eletrônico que usássemos para conduzir um experimento científico tinha primeiro de ser muito bem protegido para que suas emissões não deixassem seus usuários loucos varridos.

Com a idade de mais ou menos 18 anos terrestres, fui contratado por uma mulher Skate de altíssima hierarquia que era também arquiteta e empreiteira. Ela era paga por seus serviços em notas revestidas por um belo mas raro material encontrado em quantidades limitadas em todos os planetóides do sistema Trake. Após ser separado de outros materiais, em seu estado refinado brilhava com se estivesse pegando fogo quando atingido pela luz.

Esse material, que chamávamos *crare*, foi fisicamente formado ao mesmo tempo em que os próprios planetóides foram criados. O *crare* podia ser fundido e modelado. Em essência, o *crare* era para meu povo o que o ouro tem sido para os terráqueos há vários séculos.

O nome de minha patroa era Raind. Usando seus poderes de ilusão, ela podia projetar e construir um edifício no local escolhido em minutos. Seus clientes podiam andar pela estrutura imaginária e descrever seus desejos, após o que ela modificava sua ilusão para ilustrar como esses desejos seriam na realidade. Quando todos estivessem satisfeitos com a ilusão, ela desaparecia. Cerca de duas horas depois, o plano projetado por ela por meio da ilusão era ilustrado no papel. Minha tarefa era construir e instalar fisicamente as janelas exigidas pelas plantas da construção.

Eu passava bastante tempo lendo e comparecendo a concertos de música. Tons musicais muito agudos, além do alcance de audição dos habitantes da Terra hoje, eram apreciados pelas pessoas de minha idade. Os traquianos mais velhos consideravam essa forma de música um barulho sem sentido. Hoje eu concordaria com eles.

Era costume as mulheres pedirem os homens em casamento e meus amigos e eu ansiávamos por ser pedidos. Certa tarde, enquanto eu instalava uma janela, a sobrinha de minha patroa espiou pelo vidro do outro lado e sorriu para mim. Três meses depois, casamo-nos num belo jardim ilusório fornecido pela mente de sua tia Raind. O nome de minha mulher era Balis. Posteriormente, ela estudou muitos anos sob a tutela da tia para se tornar Skate. Fui elevado à mais elevada posição da companhia: tornei-me telhador.

Era costume os homens se reunirem a cada nove dias em praças e casas de chá para conversar em particular uns com os outros ou pedir a palavra para falar com todos os que estivessem reunidos. Foi durante uma dessas reuniões que se deu um acontecimento que, sem dúvida, tem relação ao motivo pelo qual estou me comunicando com vocês e não com alguma outra pessoa de meu sistema de origem. O acontecimento foi a primeira aterrissagem de uma espaçonave de outro mundo, e fui a primeira pessoa de meu mundo a travar uma conversa razoavelmente inteligente com seus ocupantes. Dois outros habitantes de meu mundo entraram em contato com os visitantes antes de mim, mas o que aconteceu entre eles poderia ser usado como tema para o que vocês chamariam de ópera cômica.

MORRIS DE NODIA

Certo dia um velho amigo chamado Picer, muito agitado, entrou correndo na praça gritando que na estrada, a cerca de três quilômetros, havia homens muito altos e estranhos vestidos de forma ainda mais estranha. Ele também disse que os vira “sair de uma coisa metálica circular grande.” Todos os que ouviram sua história começaram a rir, pensando que ele fora vítima de um trote ilusório de algum Skate. Ele insistiu que o que vira era real e não uma ilusão. Acrescentou que um dos estranhos pediu a ele mentalmente que os levasse a autoridade política (ou seja “Leve-me a seu líder”). O estado emocional de Picer logo começou a convencer muitos de nós de que ele havia realmente se deparado com algo fora do comum.

Um Skate de um anel do grupo disse: “Leve-me ao local onde você teve essa experiência e eu lhe direi se o que viu foi real ou uma ilusão.”

Nosso grupo, de cerca de 50 pessoas, montou nas bicicletas e seguiu Picer e o Skate estrada abaixo. Quando chegamos a nosso destino, as coisas realmente estavam como Picer contara. Lá estava a grande coisa prateada circular e três homens altos de cabelos brancos de pé ao lado dela com os braços erguidos, como a dizer: “Nós nos rendemos.” O Skate imediatamente afirmou que esses homens não eram uma ilusão, e todos ficaram muito quietos. O Skate gritou para que todos ficassem para trás, porque havia agora luzes vermelhas piscando em vários pontos na borda da coisa de metal.

O Skate projetou uma ilusão que a princípio assustou os visitantes. Os integrantes do grupo que conseguiram vê-la também tiveram um sobressalto. A ilusão era a besta mais feia e feroz que o Skate conseguiu conjurar. De onde ele tirou a idéia dessa besta ilusória estava além da compreensão de todos nós, pois não existia nada parecido com aquilo na realidade de qualquer dos planetóides Trake. Depois de mais ou menos um minuto, os estranhos caminharam até a imagem da besta e passaram a golpeá-la com um chapéu. Os outros dois estranhos começaram a gingar em volta da imagem. Quando o Skate percebeu que já não estava enganando ninguém, sua criatura imaginária progressivamente encolheu e desvaneceu. Os estranhos começaram a rir e todos os presentes se juntaram a eles.

Na época, eu não sabia o que tomou conta de mim, fazendo-me andar até os estranhos e estender minhas mãos vazias. Eles não me apertaram as mãos, e sim cada um deles tocou as palmas nas minhas. Um dos integrantes do grupo falou-me em meu idioma nativo, perguntando meu nome. Respondi, e então ele disse que seu nome era Morris.

Morris falou com um de seus companheiros em sua língua nativa e o homem entrou no veículo prateado. As desagradáveis luzes vermelhas foram apagadas e uma parte relativamente grande do casco da nave dividiu-se em dois, separando-se e revelando seu interior. Sentamo-nos na abertura da nave com os pés tocando o solo.

Morris pediu-me que chamasse meus amigos para que ele pudesse nos falar a todos. Quando o grupo se aproximou, vi o Skate e vários outros homens pedalando suas bicicletas o mais rápido que podiam em direção à nossa cidade.

Morris nos disse que ele vinha de um mundo que ele chamava Nodia, situado num sistema solar muito distante. Quando perguntei se ele havia percorrido todo aquele caminho na nave em que estávamos sentados, respondeu que não. Disse-nos, então, que ele e sua pequena nave haviam sido trazidos para nosso mundo numa espaçonave muito maior, localizada além das órbitas de qualquer dos planetóides Trake.

Quando o assunto passou a comércio universal, perguntei a Morris o que tínhamos em Mern ou em qualquer dos demais planetóides Trake que interessava a ele e seu povo. Antes de ele responder minha primeira pergunta, também lhe perguntei se o que os interessava eram nossas jazidas de crare. Fiquei surpreso ao ouvi-lo dizer que o crare podia ser encontrado em grande quantidade em vários mundos remotos por ele visitados. Ele disse-me, então, que era no povo do sistema radiar de Trake que seu empregador, a Casa de Comércio de Cre’ator, estava realmente interessado. Essa casa de comércio acreditava que a capacidade de nossos Skates de reproduzir ilusões pudesse ser muito valiosa quando a casa de comércio entrasse em contato pela primeira vez com raças não-telepáticas, bem como para confundir os inimigos da casa de comércio em encontros militares hostis. Fiquei confuso ao tomar conhecimento de que os povos de outros mundo às vezes se matavam. Descobri que na realidade havia perigos que poderiam causar morte acidental, mas a idéia de que uma pessoa quisesse ou pudesse matar outra era muito perturbadora.

Chamei a atenção de Morris para o fato de que o número de Skates existente, em comparação ao número de traquianos que não tinham poderes Skate, era muito pequeno. Ele me disse que sabia que o que eu dissera era verdade, mas tinha certeza de que a base das capacidades psíquicas Skate estava presente em todos os traquianos nativos. Ele acrescentou que, embora não se esperasse que todos nós desenvolvêssemos o poder Skate para produzir ilusão, ele tinha certeza, assim como seus patrões, de que poderíamos ser treinados para nos tornar excelentes telepatas e espers, dois tipos de pessoas das quais uma casa de comércio em desenvolvimento tinha

grande necessidade.

MUDANÇA PARA VITRON

Quase um ano depois, minha mulher Balis e eu embarcamos num pequeno foguete nodiano que nos levou a uma nave-mãe de forma cilíndrica de aproximadamente três quilômetros de comprimento. Expiramos nossa última golfada de nitrogênio e inspiramos nossa golfada seguinte de ar rad sem nem mesmo nos aperceber de que fizéramos a mudança. A bordo da nave-mãe, entramos em contato com algumas pessoas do radiar Relt (Júpiter) e algumas do radiar Sumer (Saturno). A comandante da nave não era nodiana, tampouco era do sistema solar de origem dos nodianos. Seu nome era Nella-Vo, e vinha de um mundo chamado Orkintu, que fazia parte de um sistema solar cujo centro era um sol chamado Tagmer. Nella-Vo tinha três filhos pré-adolescentes que a seguiam silenciosamente por toda parte. (Acho que eram meninos, mas era muito difícil para mim ou Balis dizer.)

A tripulação da nave-mãe era composta de pessoas de centenas de mundos diferentes. Seus vários tamanhos e diferentes colorações de olhos e pele fizeram-nos sentir como se estivéssemos possivelmente entre seres imaginários, experienciando, na verdade, algum tipo de ilusão fantástica. A nave-mãe era chamada pelo nome nodiano de Shalope, que, traduzido para a linguagem falada, significa “acalanto.” Sempre achei esse nome muito apropriado a uma nave-mãe.

A Shalope permaneceu em nosso sistema solar por cerca de oito dias terrestres. Depois de sair de nosso sistema solar, paramos em mais dois sistemas solares antes de chegar a nosso destino final. Vitron, um planetóide enorme que era o único a orbitar o radiar Ampt. O radiar Ampt por sua vez orbitava o sol Sost. O terceiro planeta desse sistema solar era chamado Nodia.

O planetóide Vitron tem uma superfície aproximadamente 30 vezes maior que a da Terra. Como o campo magnético que envolve o radiar Ampt é comparativamente fraco, a força gravitacional de Vitron é apenas ligeiramente mais intensa que a da Terra. Por exemplo, o planeta Nodia tem uma superfície cerca de 26 vezes maior que a da Terra, mas como também possui um campo magnético fraco, pouca energia magnética polariza com a força nuclear fraca gerada pela massa do planeta. Portanto, a atração gravitacional de Nodia é mais fraca do que a da Terra, sendo comparável à atração gravitacional atual de Marte.

Grande parte da superfície de Vitron era naquela época, com ainda hoje, dedicada à agricultura. (Dizem de maneira jocosa que se poderia realmente viver dentro da casca de uma melancia vitroniana.) Recebemos um apartamento no que era chamado complexo Cre’ator e achamos a vida entre os vitronianos muito agradável. Os vitronianos se parecem muito com os nodianos. Têm pele ligeiramente mais clara e olhos mais escuros. Quando perguntamos sobre o planeta Nodia, um vitroniano replicou: “Vocês não iam querer ir para lá. Os nodianos são simpáticos, mas coisas loucas e imprevisíveis estão sempre acontecendo por lá. Tem muita gente de outros mundos.”

Balis e eu recebemos cada um uma versão nodiana de um cartão de crédito, que nos permitia comprar apenas comida e roupas. Moradia e transporte para todos os locais do mundo eram gratuitos. Passamos mais de um ano terrestre aprendendo tudo que podíamos usando ROMs mentais, o método nodiano de auto-ensino. Descobrimos que as experiências proporcionadas por ROMs mentais eram semelhantes ao aprendizado realizado por meio de ilusão, exceto que aqui podíamos absorver em minutos anos de experiências, enquanto nos encontrávamos em profundo estado hipnótico. As ilusões requerem tempo real para completar seu curso e impressionam nossos sentidos enquanto nos encontramos totalmente despertos.

Afinal o complexo Cre’ator começou a ficar repleto de traquianos. Disseram-me que não havia praticamente ninguém ainda vivendo em nossos mundos natais. Usando um termo do século 19 terrestre, todos queriam “ver o elefante.”

Por cerca de mais dois anos, Balis e eu treinamos para nos tornar telepatas, e nos tornamos muito bons nisso. Foi por essa época que um novo grupo de traquianos chegou ao complexo em Vitron. Seus integrantes trouxeram consigo o testemunho ocular da destruição do planeta Maldek. Também nos contaram da ocorrência de migrações em massa de populações humanas dos planetas e planetóides do sistema solar. Quando perguntei onde estavam indo todos, um dos recém-chegados respondeu: “Na verdade, a toda parte, mas principal mente para a Terra.” Os planetóides traquianos estavam quase totalmente desertos de traquianos, a maioria dos quais havia sido empregada por uma casa de comércio nodiana ou pela recém-formada Federação.

Por ironia, os planetóides praticamente vazios foram os últimos a sentir os efeitos prejudiciais causados pela destruição de Maldek, então a Casa de Cre’ator e a Federação usaram os armazéns de Trake e as áreas de baldeações para estocar suprimentos que elas acabariam por transportar para a Terra para ajudar hordas de refugiados.

Enquanto isso acontecia, espécimes da vida vegetal e animal dos planetóides Trake eram colocados por grupos

de sumerianos (saturnianos) e levados para serem preservados em portos seguros localizados fora de seu sistema solar natal.

OS ESPIÕES

Certo dia, nós, traquianos que estávamos estudando para telepatas, fomos solicitados a nos reunir no grande auditório que era parte do complexo Cre'ator. Quando Balis e eu chegamos, o local estava lotado com mais ou menos mil traquianos.

Falou-nos um nodiano chamado Ostrocan. Contou-nos as condições lastimáveis existentes na Terra e como os maldequianos que sobreviveram à destruição de seu mundo haviam assumido o controle total do planeta e estavam tornando as coisas ainda piores para os vários tipos de imigrantes.

Ostrocan pediu, então, voluntários para ir à Terra e manter a Casa de Comércio de Cre'ator e a Federação telepaticamente informadas das condições sempre variáveis do planeta e de qualquer dado sobre os maldequianos e suas atividades.

Todos que estavam no auditório se ofereceram como voluntários. Fomos divididos em dois grupos. Um grupo iria para a Terra e colheriam informações e o outro grupo se espalharia pelos mundos de sistemas solares vizinhos. Este último grupo receberia telepaticamente informações enviadas pelas pessoas designadas para a Terra, passando-as para Nodia. Depois de discutir um pouco, convenci minha mulher Balis a permanecer com os telepatas receptores, deixando-me ir para a Terra.

Nos dois dias seguintes, ambos os grupos se familiarizaram por meio de ROMs mentais com tudo o que se sabia sobre os maldequianos, a Terra e os imigrantes. Quando achávamos que aprendêramos tudo o que podíamos sobre esses assuntos, fomos informados de que precisávamos absorver informações sobre centenas de tipos diferentes de seres de outros mundos (de outros sistemas solares) que viviam na Terra e passaram a servir os maldequianos antes de eles explodirem seu mundo natal.

Depois de converter nossa respiração para oxigênio, sob a proteção da noite, 40 telepatas traquianos embarcaram numa nave rumo à Terra. Nosso local de aterrissagem foi na área hoje chamada Argentina. Antes de sair da nave foi-me dado o que vocês chamariam revólver. Eu aprendera, nos ROMs mentais, como ele funcionava e como usá-lo, mas nunca segurara um nas mãos.

Fomos recebidos por um grupo de homens em sua maioria marcianos. O líder era um nodiano convincentemente disfarçado de marciano até mesmo no corte de cabelo de estilo mohawk [moicano] (indígena norte-americano habitante do Vale do Rio Mohawk, Nova York), considerado um emblema de honra entre os guerreiros marcianos. Ele teria enganado qualquer um se não fosse pelas raízes brancas de seu penacho pintado de preto. Os marcianos o chamavam Coate-Grol (o Gato Sol).

JAQUETA VERDE E PRÍNCIPE BRONE

Nós, recém-chegados, dividimo-nos em cinco grupos de oito. Cada grupo saiu do local de aterrissagem a intervalos de meia hora, liderados por um guia designado para o grupo por Coate-Grol. O grupo em que eu estava era liderado pelo subcomandante de Coate-Grol, um jovem marciano muito bem apessoado chamado Jaqueta Verde, pois vestia uma bonita jaqueta de couro dessa cor.

A noite estava fria, e falávamos baixo enquanto esperávamos nossa vez de partir. Jaqueta Verde sentou-se separado do grupo e parecia falar consigo mesmo, usando duas vozes diferentes. O mistério foi desvendado quando ele se ergueu e se voltou para liderar o caminho. Amarrada às suas costas havia uma cadeirinha com um anão marciano sentado. Descobrimos depois que o nome do homenzinho era príncipe Brone e que ele era um dos filhos de um antigo bar-rex (senhor da guerra) marciano.

Depois de cerca de três horas de caminhada rumo ao brilho no horizonte, chegamos ao alto de uma montanha. No vale abaixo, até onde alcançava a vista, vimos milhares de fogueiras. De cada cabana de barro pela qual passávamos vinha o som de tosse. Muitos dos marcianos estavam encontrando dificuldade em respirar o ar com oxigênio de seu novo lar e quando dormiam era ainda pior.

Afinal chegamos a uma cabana circular de vime e barro grande o bastante para comportar cerca de 35 pessoas. O príncipe Brone foi retirado do ombro do amigo, ainda em sua cadeira. Jaqueta Verde então o ajudou a subir numa rede e o cobriu com um cobertor. Menciono esse fato porque a amizade carinhosa entre esses dois homens aqueceu-me o coração.

Coate-Grol entrou na cabana e pediu que entregássemos a ele nossos revólveres, o que fizemos imediatamente. Ele sorriu quando viu a maneira desajeitada como nós, traquianos, manejavamos as armas. Disse-nos, então, que as armas estavam sendo guardadas porque elas talvez não fossem necessárias por algum tempo ainda. Ele então

mostrou a cabana, dizendo: “Por enquanto vamos contar com isto.” Das paredes pendiam arcos e aljavas de flechas, e enfiadas no chão de terra havia varias espadas de folha larga de fabricação marciana. Ele acrescentou: “Iremos a lugares que nos colocarão em contato com os maldequianos, então não seria bom ser visto carregando armas sofisticadas. Os maldequianos conhecem esses tipos de armas e provavelmente possuem arsenais com suas próprias versões. O líder deles nunca precisou desses tipos de armas para controlar os nativos da Terra porque um simples olhar de desagrado de um dos assim chamados Radiantes basta para fazer os terráqueos pularem. Os líderes maldequianos não liberam essas armas nem mesmo a seus soldados de elite, chamados krates, pois não descartam a possibilidade de que em algum ponto de suas fileiras exista um velhaco ambicioso pronto para arrebatar seu poder e experimentar a emoção de fazer as coisas a seu modo.” Coate-Grol então disse a um marciano troncudo que estava a seu lado: “Vá pegar nossa arma secreta.”

Depois de alguns minutos, o marciano voltou com outro homem vestido no estilo dos terráqueos nativos. Usava um turbante cuja extremidade lhe cobria o rosto. Trazia os braços cruzados no meio do corpo, mãos enfiadas nas mangas. Quando tirou a mão esquerda, vimos que cada dedo era marcado por um anel de macro poder. Era um Skate traquiano.

Nos vários meses seguintes, integrei o grupo de traquianos que acompanhou Coate-Grol e sua equipe em incursões noturnas às montanhas dos arredores para receber a nave da Federação. Minha tarefa era me comunicar telepaticamente com as tripulações desses veículos e manter a mesma forma de comunicação com um telepata traquiano localizado em nosso acampamento distante. Descarregávamos caixas compostas principalmente de cápsulas alimentares altamente nutritivas e medicamentos. De vez em quando, uma nave trazia passageiros que se juntavam a nós ou simplesmente desapareciam silenciosos dentro da noite. As vezes (mas raramente), descarregávamos caixas contendo vários tipos de armas.

Afinal, chegou o dia em que Coate-Grol disse a cerca de 15 integrantes do grupo, inclusive Durdler, o Skate, que iríamos para uma cidade situada a aproximadamente 144 quilômetros do campo marciano. Fiquei muito satisfeito ao ouvir isso, pois a vida no campo era emocionalmente intolerável para mim e outros de minha espécie. Havia muita doença e era-nos difícil suportar o mau cheiro de corpos humanos queimando. Coate-Grol nos falou da viagem enquanto príncipe Brone, de pé num banco atrás dele, pintava de negro as raízes de seus cabelos. Saímos no dia seguinte ao amanhecer.

À medida que caminhávamos rumo ao norte, o céu ficou nublado e cinzento. Nosso caminho nos levou a uma estrada na qual periodicamente encontrávamos outros viajantes. Tropas de terráqueos a cavalo e carregando espadas e arcos passavam galopando por nós nas duas direções. As vezes, uma dessas tropas parava e nos examinava, mas depois de ver as espadas de folha larga presas às costas de meus companheiros marcianos de aspecto feroz, normalmente iam embora sem comentários. Enquanto eles se afastavam, príncipe Brone, nas costas de Jaqueta Verde, fazia gestos obscenos na direção deles, grunhindo como um porco.

Várias vezes nos deparamos com até quatro corpos humanos estendidos à beira da estrada, alguns com flechas encravadas. À medida que nos aproximávamos da cidade, passamos pelos cadáveres de pessoas que foram submetidas ao método de execução favorito dos maldequianos: crucificação. Encontramos uma mulher crucificada que ainda estava viva e sofrendo muita dor. Jaqueta Verde desfechou uma flecha em seu coração, aliviando seu sofrimento. Conto-lhes esses horrores para que saibam realmente como eram as coisas na Terra naqueles dias sombrios.

UM ENCONTRO COM OS MALDEQUIANOS

Ao anoitecer, entramos numa cidade populosa com ruas de pedras arredondadas iluminadas por tochas. Quase que imediatamente pus pela primeira vez os olhos num maldequiano, sentado numa sacada que dava para a rua na qual estávamos. Príncipe Brone acenou para ele e ele retribuiu. Nosso príncipe grunhiu baixinho feito um porco.

Os sons da cidade eram uma combinação de risadas, discussões violentas e gritos pesarosos. As pessoas faziam tudo o que se podia imaginar. Era um hospício. Entramos no pátio de uma casa completamente queimada e de lá tiramos à força vários invasores de outros mundos. Pusmo-nos à vontade ao redor do fogo que eles haviam acendido. De vez em quando, ao longo de toda a noite, éramos visitados por gente que queria nos vender algo ou que queria nos fazer algum tipo de proposta. Pouco antes do alvorecer, uma pessoa veio a nós vendendo pão.

Trocamos com ela três flechas por seis pães. Coate-Grol não permitiu que comêssemos o pão, em vez disso guardando-o em sua mochila.

Nosso líder nos disse que chegara a hora de partir, pois conseguíramos o que viéramos buscar. Sua afirmação me confundiu. Disse-nos, então, que desejava dar uma olhada numa base militar maldequiana localizada vários quilômetros ao norte. Um dos integrantes do grupo me disse que quando eles viram pela primeira vez a base, há vários meses, era pequena e ainda estava em construção. Evitamos as estradas, seguindo um caminho nas colinas

onduladas. Pelo meio da manhã, paramos ao lado de um riacho e fizemos uma infusão de gosto muito amargo chamada de chá pelos marcyanos. Coate-Grol tomou o pão de sua mochila e começou a parti-lo em pedaços que ele distribuía a seu esfomeado grupo. De um dos pães ele pegou um pequeno recipiente de metal. Nele havia uma mensagem que ele leu, passando-a em seguida a mim, dizendo:

“Para Nodia.” Telepaticamente transmiti a mensagem a um telepata traquiano em Vitron, que mentalmente a retransmitiu a Nodia.

A mensagem dizia: “Os maldequianos iniciaram um programa de fecundação de todas as mulheres saudáveis que vivem na Terra, não importa de que mundo tenham vindo. Estão oferecendo alimentos e abrigo a qualquer mulher que consinta ser engravidada por um maldequiano do sexo masculino ou por meio de inseminação artificial. Quando a criança nascer e for entregue para ser criada pelos poderes maldequianos governantes, a mulher receberá algum tipo de recompensa material. As mulheres que não concordarem em aceitar a oferta acabam por ser capturadas e forçadas a dar à luz crianças mestiças maldequianas contra sua vontade.”

Várias centenas de milhões de maldequianos morreram quando seu planeta explodiu, mas cerca de dez milhões deles sobreviveram porque estavam na Terra à época do acontecimento. Sabendo que o pai determina a origem da essência psíquica da criança (planeta natal do pai), os maldequianos idealizaram seu plano de recorporificar aqueles de sua espécie que haviam perdido a vida quando da destruição de seu mundo. Queriam fazer isso o mais rápido possível.

Naquela tarde, deitamo-nos de bruços, observando milhares de tendas brancas do outro lado da planície. Ao lado de um tenda enorme havia um carro aéreo. Num poste ao lado da tenda, tremulava uma bandeira branca exibindo as imagens de duas cobras douradas, uma de frente para a outra. Coate-Grol sussurrou: “Nós e nosso povo podemos estar em apuros. Aquela bandeira é o emblema de Sharber o Roanner.” Sharber e Roanner eram irmãos gêmeos maldequianos que por acaso eram generais krates muito cruéis.

Nossas observações da agora imensa base militar maldequiana foram interrompidas quando fomos descobertos por uma patrulha de fronteira krates composta de 12 homens. Vestiam armaduras e elmos revestidos de ouro.

Durdler, o Skate, projetou a ilusão de 24 krates brandindo suas espadas e encarando nossos atacantes. Os krates reais gritaram com nossos krates ilusórios: “O que vocês estão fazendo?” Depois de ouvir a frase algumas vezes, Durdler modificou sua ilusão, fazendo os krates imaginários responderem gritando aos reais: “O que vocês estão fazendo?” Na confusão, saímos correndo da área o mais rápido que pudemos. Durdler disse que tínhamos cerca de meia hora antes de sua ilusão desaparecer. Sempre desejei ter visto as caras dos krates reais quando isso aconteceu.

Evitamos a cidade na viagem de volta a nosso acampamento. No caminho de volta, pouco fizemos além de enviar patrulhas telepáticas. Queríamos evitar um ataque surpresa ao nosso acampamento por parte das forças de Sharber e Roanner, das quais escapáramos. Nodia foi informado telepaticamente de nossas expectativas.

Novo dias depois, o céu acima de nosso acampamento encheu-se de espaçonaves da Federação de todo tamanho e aparência. Centenas delas aterrissaram na planície e nas encostas das montanhas ao redor. Milhares de soldados da Federação, chamados dartargas, assumiram posições defensivas ao norte do acampamento. A medida que o faziam, passei a respirar mais aliviado.

Foi estabelecido um posto de comando no centro do acampamento e nós, do grupo de Coate-Grol, fomos os primeiros a visitá-lo e a conversar com o comandante supremo da operação. O comandante era um nodiano chamado Pen-Dronell, que também tinha o título de Segundo Senhor de Planejamento da Casa de Comércio de Cre’ator.

Pen-Dronell disse-nos que não estava lá para lutar com os maldequianos, mas que lutaria se fosse forçado a fazê-lo. Seu propósito verdadeiro ao vir à Terra era evacuar o maior número possível de marcyanos. Alguns seriam levados imediatamente para outros mundos e outros seriam levados para terras no leste, permanecendo na Terra até que pudessem se tomadas providências para levá-los a planetas cujos povos nativos os acolhessem. Ele acrescentou que talvez levasse algum tempo para providenciar isso.

Cumprindo ordens, Coate-Grol voltou a Nodia com Pen-Dronell e Jaqueta Verde assumiu a liderança de nosso grupo reduzido. O acampamento parecia uma cidade fantasma. A primeira declaração de Jaqueta Verde a nós como líder foi “Vamos embora deste lugar, os maldequianos que fiquem com essas choças.” Príncipe Bronc acrescentou: “Vamos atacar os maldequianos, oink, oink.”

Jaqueta Verde coçou a cabeça e fingiu estar tomando uma grande decisão. Então disse: “Já sei! Os maldequianos estão no norte - acho que é melhor irmos para o sul.”

Quando estávamos a caminho de algum destino indefinido no sul, o tempo esfriou, então mudamos de direção rumo ao oeste por algum tempo e então fomos para o norte. Em nossa viagem, deparamo-nos com grupos dispersos de pessoas de outros mundos, algumas das quais nos contaram que na primavera seguinte tentariam cultivar a terra. De todas as pessoas que encontramos, as mais patéticas eram os gracianos, trazidos a Terra pelos maldequianos para fornecer os conhecimentos e a tecnologia usados na construção das três grandes pirâmides localizadas a

milhares de quilômetros ao leste. Como vocês sabem, a maior dessas pirâmides teve um importante papel na destruição do planeta Maldek.

Foi durante nossa permanência com um grupo de grácianos que os céus começaram a ficar negros e uma chuva interminável passou a cair. Não havia nada que pudéssemos fazer quanto a isso. Informei telepaticamente Nodia das condições extremas de tempo predominantes na Terra. Foi meu último contato. Perecemos devido às chuvas e porque não conseguimos encontrar alimentos.

NOTAS

1 - O radiar Trake é o nome nativo do corpo planetário que chamamos Netuno. A Federação o chama de radiar Crobet.

2. Veja “Através de Olhos Alienígena,” Parte 2.

3. Em “Através de Olhos Alienígenas,” Parte 3, o venusiano Churmay mencionou que Imhotep, o Grão-Vizir do antigo faraó egípcio Zoser, tinha símbolos azuis escuros na nuca.

4. Para obter informações a respeito do marciano Sharmarie, de So-Socrey e Rick Charkles, veja “Através de Olhos Alienígenas,” Parte 1.

5. Imagens tatuadas geraram a lembrança de algumas das vidas passadas do “homem ilustrado,” na história de Ray Bradbury de mesmo nome. Bradbury utilizou um tema semelhante num trecho de TI, *Martian Chronicles*. Numa recente biografia televisiva de sua vida, Bradbury explicou como se instruiu sozinho indo a bibliotecas, onde passou horas incontáveis lendo. De acordo com o saturniano Trome (“Através de Olhos Alienígenas,” Pano 2), a juventude da Atlântida, em uma de suas vidas passadas naquele reino, era autodidata, frequentando bibliotecas estatais. Parece-me que os escritos de Bradbury eram baseados mais nessas experiências em vidas anteriores do que numa imaginação fértil.

Durante uma conversa telefônica, em 1964, entre o produtor televisivo Gene Roddenberry e eu, mencionei a capacidade dos Skates traquianos de produzir ilusões realistas. Subsequentemente, vários dos episódios de *Jornada nas Estrelas* original adotaram a idéia de ilusões geradas. Lembro-me disso no episódio intitulado “Shore Leave,” no qual o capitão Kirk luta com um tigre ilusório que ele acreditava real.

6. De acordo com Thaler, técnica avançada de ensino Skate é semelhante às imagens holográficas e cenários fictícios produzidos por computador na série televisiva “*Jornada nas Estrelas: A Próxima Geração*.” A diferença é que as imagens e cenários ilusórios são produzidos pela mente de um mestre Skate e não por um programa de computador. Seria difícil, para não dizer impossível, um computador estimular em alguém as sensações reais de ser escoiceado na cabeça por um cavalo ou picado por uma cobra venenosa, mas seria necessário um esforço mínimo para um Skate afetar mentalmente os nervos adequados no corpo de uma pessoa, dando mais realismo a uma experiência ilusória.

7. Veja no número 32 (setembro/95) da revista AMALUZ o artigo “Mestres de ROM.” Atualmente, existe um dispositivo que projeta opticamente uma ilusão e também parece explicar como as espaçonaves extraterrestres às vezes parecem surgir e desaparecer instantaneamente. O dispositivo consiste de duas tigelas de alumínio encaixadas pelas bordas. A tigela superior tem um orifício circular do tamanho de uma moeda no centro. A parte interna da tigela apresenta linhas finas gravadas por computador. Quando um objeto como uma moeda é colocada no centro da tigela inferior e a tigela superior é adequadamente colocada sobre a tigela inferior, uma imagem projetada da moeda parecerá flutuar no ar acima do orifício na tigela superior. A imagem é tão real que as pessoas tentam pegar a moeda, acreditando ser real, ficando boquiabertas quando seus dedos a atravessam. Trata-se, claro, de uma ilusão de óptica.

As propriedades ópticas da atmosfera do planeta podem desempenhar a mesma função das duas tigelas. Quando essas propriedades ópticas naturais da atmosfera se somam aos efeitos eletromagnéticos do campo de força de propulsão de uma espaçonave extraterrestre, a imagem da espaçonave real pode ser refletida para fora da ionosfera e dar a impressão de estar a milhares de quilômetros do local onde a nave está realmente operando. Se a moeda for deslocada do centro da tigela inferior, sua imagem projetada desaparecerá. Então, se uma espaçonave se deslocar nem que seja ligeiramente do local a partir do qual sua imagem está sendo projetada, essa imagem, observada talvez a muitos quilômetros de distância, instantaneamente desaparece da vista. O dispositivo das duas tigelas podia ser comprado dez anos atrás por cerca de \$45 nas lojas de presentes do Museu Espacial e da Frota Aérea Reuben em San Diego, Califórnia.

8. Thaler atribui ao príncipe Brone a autoria da piada reciclada por W.C. Fields em tempos modernos usando crianças. A versão do príncipe Brone era: “Gosto de maldequianos. mas depende de como forem cozidos.”

SHALLO-BAIN E TRELBA-SYE

Milhares de anos antes da vida experienciada pelo marciano Senhor Sharmarie no império de Agrathrone, eu também nasci numa época de uma assim chamada Era Dourada. A população do planeta Terra era sempre pequena porque essa era estava em declínio e as coisas estavam revertendo lentamente ao que eram em várias épocas anteriores quando a Barreira de Frequência estava no auge.

Naquela vida meu nome era Brace. Nasci na remota e reclusa cidade que chamávamos ShalloBain, situada na área hoje denominada Tibete. A cidade fora construída em épocas anteriores à Barreira de Frequência, sendo recuperada, restaurada e ampliada ao longo de um período de várias centenas de anos por meus (naquela época) ancestrais biológicos. Não tínhamos idéia de quem originalmente construía e vivera na cidade, mas sabíamos que fora fundada numa época muito antiga.

Escavações realizadas na cidade anteriormente ao meu nascimento revelaram vários objetos que muito influenciaram o desenvolvimento de nossa cultura. Entre os itens mais importantes havia quatro carros aéreos movidos à energia cerebral canina inoperáveis e mapas do relevo primitivo do planeta, que se modificara drasticamente. Foram encontradas muitas outras coisas que influenciaram o modo como vivíamos e pensávamos, mas uma descrição delas seria muito extensa para relatarmos neste texto.

Os carros aéreos e o idioma escrito dos fundadores originais da cidade foram objeto de estudo por mais de cem anos. Depois de entendermos o sistema de propulsão dos carros aéreos, ainda não conseguíamos fazê-los funcionar porque não tínhamos cães, e mesmo que tivéssemos, não dispúnhamos da habilidade cirúrgica ou de conhecimentos de bioquímica para manter vivo o cérebro de um animal.

Posteriormente a meu nascimento naquela vida, foi desenvolvido um método alternativo de propulsão para os carros aéreos que empregava um cristal especialmente cultivado como substituto do cérebro de cão. Esse avanço em relação ao projeto original permitiu-nos voar e explorar o planeta. Como eu era uma das pessoas chamadas “olhos brilhantes”, fui escolhido para operar um dos veículos restaurados. (O termo “olhos brilhantes” era dado às pessoas que ainda conseguiam se comunicar telepaticamente em certo grau ou usar poderes telecinéticos limitados - deslocar objetos fisicamente pela força da vontade.) Muitos de nós, que possuíam essas assim chamadas habilidades extra-sensoriais a maior parte de suas vidas, estavam, por alguma razão desconhecida, perdendo-as a uma velocidade alarmante. Devido às névoas e cinzas vulcânicas que bloqueavam a luz do sol, nossas plantações começaram a minguar e os animais domesticados que usávamos como alimento também pararam de se reproduzir.

A área hoje chamada Tibete era montanhosa naquela época, mas não apresentava as altitudes atuais, conseqüência de mudanças geológicas acontecidas ao longo das eras. De fato, a região atual não era nem mesmo situada na mesma latitude. Vou contar-lhes um pouco mais a esse respeito depois.

Como nossos meios de sobrevivência estavam desaparecendo, nossos líderes decidiram que devíamos sair pelo mundo de carro aéreo em busca de locais (se houvesse) que não estivessem sujeitos a condições tão rigorosas, procurando, também, outros povos que pudessem ter resolvido os problemas. Antes de iniciarmos nossa busca, consultamos os mapas antigos à procura de prováveis locais.

Antes de me alistar na Força Aérea de Shallo-Bain, trabalhei com meu pai e outro irmão na fabricação de móveis e urnas funerárias de cerâmica. Era casado com uma mulher chamada Shrenala e tinha dois filhos (uma menina e um menino). Minha mãe morrera e a mente de minha mulher ficava vagueando; ela apresentava mudanças de humor extremas e repentinas. Esse estado, causado pela Barreira de Frequência, afetou muitas jovens da cidade na época.

Deixei meus filhos e minha mulher mentalmente perturbada aos cuidados de meu pai e de meu irmão e sai de Shallo-Bain numa manhã quente de verão. Havia mais nove a bordo do carro aéreo, e voamos rumo ao leste, inseridos entre camadas superiores de cinzas vulcânicas e uma névoa pesada que cobria a terra, tornando impossível ver o que se passava abaixo.

Voamos cerca de dez horas por dia e aterrissamos na névoa densa para descansar um pouco. Essa manobra era muito rápida e perigosa, pois era necessário entrar na névoa e procurar visualmente uma clareira, ao mesmo tempo tomando cuidado com árvores e montanhas. Uma colisão com esses obstáculos obviamente teria encerrado de repente nossa viagem. O relevo naquela época era tal que tínhamos de sobrevoar apenas pequenas extensões de água.

Depois de cerca de cinco dias de viagem, passamos a sentir diminuição da energia psíquica (força vital) necessária para impelir nosso carro aéreo. Vários de meus companheiros começaram a vaguear mentalmente. Um deles adormeceu por mais de doze horas e então morreu. Babbor, nosso navegador, perdeu a capacidade de falar e nos passava seus cálculos por escrito.

No sexto dia, chegamos a um rio largo, que seguimos para o norte. Tínhamos certeza de que em algum lugar às margens desse rio ficava a antiga cidade subterrânea de Trelba-Sye. Felizmente, a névoa no solo era fina, mas o

brilho do sol era bloqueado por um teto espesso de cinzas vulcânicas.

Na tarde daquele dia, localizamos um grupo de cerca de 70 seres humanos reunido à margem leste do rio. Mais adiante, a leste, vimos imagens de homens e mulheres esculpidas na face rochosa do penhasco. Esses entalhes pareciam se estender por quilômetros. Aterrissamos próximo a esse grupo que, obviamente, fora atraído àquele local pelos peixes mortos lançados à praia. Quando nos viram, correram amedrontados.

Também pegamos alguns peixes mortos, que comemos antes de iniciar nossa busca a uma entrada para a cidade de Trelba-Sye. Deixamos Babbor com o carro aéreo e o restante da tripulação, com oito pessoas, subiu ao topo do penhasco.

Na manhã do dia seguinte, encontramos uma abertura, conseqüência de um terremoto, no topo do penhasco. Procuramos e encontramos materiais com os quais podíamos fazer tochas e então descemos pela abertura. Quando havíamos percorrido cerca de 12 metros, atingimos uma ampla saliência, onde podíamos nos postar e ter uma visão da vasta área abaixo de nós. Até onde conseguíamos enxergar, havia construções e ruas cheias de todo tipo de objetos estranhos. Percebemos que a saliência na qual estávamos era, na verdade, parte de um telhado desabado. Pulamos no piso do andar superior da estrutura e atingimos o nível da rua por uma escada de pedra.

Em nossa exploração limitada de Trelha-Sye, nos deparamos com muitos tipos de construções e com o que já fora as moradias dos habitantes originais da cidade. Também encontramos vários carros aéreos inoperáveis e um veículo circular, do qual um dos três trens de aterrissagem esféricos estava a vários metros. O veículo emitia um zunido baixo e era quente ao toque. Não encontramos a entrada da nave e estávamos exaustos demais para procurar muito tempo sua porta de entrada. Os corpos dos habitantes originais há muito tinham virado pó, assim como a maior parte de sua mobília e roupas. De vez em quando, encontrávamos uma jóia de metal finamente fabricada, e havia muitas imagens esculpidas de pessoas e animais por toda parte.

Encontramos uma pequena fonte de água murmurante e acampamos junto dela por vários dias, enquanto tentávamos planejar o que fazer a seguir. Tínhamos plena consciência do fato de que nenhum de nós tinha energia psíquica suficiente para propelir nosso carro aéreo de volta a Shallo-Bain. Escolhemos dois de nós para voltar à margem do rio para pegar mais peixes mortos, pois estávamos sem comida alguma. Mas nossos provedores de alimentos jamais retornaram.

Um dia depois de nosso grupo se dividir, a cidade sofreu os efeitos de um grande cataclismo. Várias das construções desmoronaram a nosso redor e grandes quantidades de água inundaram rapidamente a cidade. De todas as direções vinha um barulho ensurdecedor parecido com um grito humano agudo. Debatí-me nas águas revoltas da enchente até me afogar.

Descobri depois que o acontecimento geológico que encerrou aquela vida física em particular foi a repentina rotação de mais de 3000 quilômetros para o norte da crosta terrestre. As posições dos pólos geográficos e magnéticos do planeta não se modificaram, mas uma grande pressão causou o deslizamento da crosta sobre sua camada subjacente liquefeita, que atuou como lubrificante.

Tenho conhecimento de que você [Wesley, o autor] e outras pessoas visitaram o local onde ficava TrelbaSye em várias ocasiões e fotografaram algumas características exteriores da cidade que ainda são reconhecíveis. Caso recebam uma luz afirmativa de orientação divina para entrar no lugar, estejam preparados para cavar muito, pois sei que eras de inundações encheram o local desde o solo até o teto de areia muito grosseira.

STOC E OS HOMENS MACACOS GIGANTES

Há aproximadamente nove milhões de anos, as pessoas conheciam realidades invisíveis que em muito ultrapassavam sua imaginação e que não podiam ser descritas em palavras. Era uma época em que os talismãs e cânticos mágicos de pessoas especiais conseguiam fazer com que certos tipos de animais (até os predadores ferozes) parassem imediatamente. O sopro do caçador psíquico, quando inalado pelo animal, ou uma palavra mágica sussurrada em seu ouvido, fazia com que as feras adormecessem e morressem tranqüilamente. Como esses mesmos poderes (contra os quais não havia defesa) podiam ser dirigidos contra humanos, não havia guerra entre os portadores desses poderes únicos. Tive a felicidade de nascer numa grande tribo, cujos líderes possuíam tais poderes. Meu nome era então Stoc.

Havia também muitas outras espécies (grupos) que não possuíam os poderes mágicos do meu povo. A mistura bem-sucedida das diferentes espécies humanóides era impossível. Alguns grupos tinham populações que chegavam a centenas de milhares. Mais de 90% das espécies humanóides existentes não tinham esses poderes e, portanto, matavam ocasionalmente, e em alguns casos comiam, integrantes de outros grupos, embora houvesse abundância de animais comestíveis.

A aparência dos vários grupos de humanóides variava. A maioria dos grupos poderia ser confundida hoje com

chimpanzés, gorilas e macacos, mas posso garantir-lhes que sua capacidade de pensar e raciocinar ultrapassava a de seus representantes físicos atuais. Vi arte produzida por uma criatura humanóide de aparência semelhante a um chimpanzé atual que causaria inveja a um mestre. Naquele tempo, a Terra poderia ser chamada de Planeta dos Macacos.

De fato, havia uma espécie de macaco da Terra antiga que nunca reevoluiu fisicamente, mas sua capacidade natural ultrapassa a de seus ancestrais genéticos, surgidos em um dos planetóides do radiar Relt (Júpiter). Sua atual capacidade mental excepcional permite-lhes perceber o macro nível do campo vital universal (reino do elohim). São afetuosamente denominados macro macacos (da tradução inglesa), podendo ter filhos com os habitantes do radiar Relt, mas raramente o fazem.

Entre as centenas de espécies humanóides que viviam na Terra naquela época, havia cerca de seis com aparência semelhante à dos seres humanos que vivem hoje no planeta. Minha espécie (em pequeno número) era uma delas; poderíamos andar nas ruas de qualquer cidade da Terra sem chamar atenção. Não nos casávamos, e as mulheres e crianças eram sustentadas pela comunidade. De fato, em nossa sociedade mulheres e homens partilhavam igualmente todas as coisas.

Em virtude dos poderes psíquicos de nossos líderes, as outras espécies humanóides nos evitavam, deixando-nos perambular em paz pelos bosques e planícies do planeta. Era como se o mundo pertencesse apenas a nós. O clima era muito ameno em todas as quatro estações. A aldeia de minha tribo se localizava no que hoje seria chamado norte da Alemanha.

Escolhi falar desta vida em particular não apenas para descrever os vários tipos de humanóides que coexistiam na época, mas também para narrar um acontecimento raro que poucas pessoas de qualquer outra época na Terra já experienciaram - e esperamos que ninguém experiencie no Futuro.

O acontecimento se deu certo dia, quando um grupo de 14 pessoas de minha tribo saiu para pescar próximo à nossa aldeia. Eu era um dos quatro homens do grupo; havia cinco mulheres e cinco crianças. Nenhum de nós possuía poderes excepcionais, mas isso não tinha importância, pois os seres de outras espécies não sabiam disso, e nossa própria aparência faria com que corressem e se escondessem. Durante nossa excursão passamos o tempo cantando e fazendo coro.

De repente, fomos envoltos por um odor terrível que queimava nossas gargantas e pulmões. A causa de nosso extremo desconforto eram rolos de fumaça amarela que saíam do bosque e eram trazidos pelo vento em nossa direção. Corremos tossindo e sufocando em meio a inúmeros outros tipos de humanóides e animais até chegar a um local acima do vento. Os homens de nosso grupo, depois de um período de recuperação, decidiram descobrir o que causava a fumaça, que agora desaparecera.

Com cuidado, entramos no bosque pelo lado oposto. Paramos quando ouvimos vozes altas falando um idioma desconhecido. Então, destemidamente rumamos em direção às vozes, deparando-nos no caminho com várias árvores de troncos grossos arrancadas. Mais próximo da fonte das vozes, encontramos árvores com troncos enegrecidos pelo fogo e ainda esfumaçando. Vimos, então, algo totalmente inesperado.

Preso entre duas grandes árvores por seu rebordo circular havia um grande disco de metal lançando uma substância candente de um tubo que circundava sua parte inferior. Usávamos metal, mas nunca víramos nada daquele tamanho feito dele. O disco tinha um diâmetro de cerca de 7,5 metros. O material candente que gotejava do tubo quebrado parecia estar derretendo o tubo e outras partes do disco com as quais entrava em contato. Até o solo em que caía brilhava vermelho, transformando-se em fogo líquido. O calor era extremo.

Ouvimos várias vozes nervosas nos chamando e, então, vimos um homem de cerca de 2,4 metros fazendo sinais para que nos afastássemos do disco, e três outros igualmente altos nos disseram, por meio de gestos, para ir em sua direção, o que fizemos correndo o mais rápido que pudemos. Quando os alcançamos, nossas sandálias estavam em fogo e alguns de nós tínhamos sérias queimaduras nos pés.

Aqueles de nós que estavam feridos foram fisicamente carregados pelos gigantes de volta às nossas mulheres e crianças que estavam nos esperando. No caminho, passamos por muitos animais e humanóides mortos e moribundos.

Os próprios gigantes estavam um tanto feridos e sua estranha vestimenta estava rasgada e chamuscada. Mais dois de sua espécie (um era mulher), muito feridos também, saíram do bosque para se reunir a nós. Esses dois gigantes eram, na verdade, parte da tripulação de um segundo disco avariado que meu grupo não vira.

Um dos gigantes apontou para o céu e gritou para os outros. Planando acima do bosque do qual saíramos havia outro disco de tamanho considerável. O gigante que parecia ser o líder gritou e fez gestos para todos nos escondermos entre as rochas e as plantas. De nossos esconderijos, observamos os clarões de luz brilhante-laranja provenientes da parte inferior do disco voador, seguidos de duas grandes explosões que iluminaram o solo abaixo dele. Depois de desintegrar a nave avariada que estava no bosque, o disco voador subiu voando para fora da vista a uma velocidade fantástica.

Vários outros gigantes tinham lágrimas correndo pelo rosto. Um deles veio a mim, pegou meus ombros com força e olhou-me nos olhos. Ouvi-o falar-me telepaticamente, em meio a grande tristeza. De alguma forma eu sabia que ele estava falando telepaticamente comigo, e experienciei o que vocês denominam déjà vu (uma sensação de já ter feito algo parecido).

O gigante me disse que lamentava muito informar que todos os integrantes de meu grupo estariam mortos em cerca de dez dias, porque inaláramos as emanções da fumaça amarela. Ele também me disse que ele e seus amigos logo morreriam, pois estavam sofrendo os efeitos drásticos da mutação biológica. Chamou-me de traquiano e pediu que eu cremasse seus corpos depois que ele e seus companheiros morressem - isso se eu ainda fosse fisicamente capaz de executar a tarefa. Concordei em fazer o que pudesse. Ele me disse que sua capacidade de comunicar-se telepaticamente em breve desapareceria e, por essa razão, estava se despedindo de mim enquanto conseguia.

Na manhã seguinte, alguns integrantes de meu grupo pareciam ter sido queimados pelo sol, e começaram a vomitar. Os gigantes cambaleavam, os rostos inchados. O crescimento de pelo facial parecia ter se acelerado; até a mulher do grupo apresentava barba curta no rosto e na testa. Ela sentia uma dor extrema, pois começara a menstruar de forma anormal. As mulheres de meu grupo tentaram ajudá-la e confortá-la.

No segundo dia, os gigantes estavam grotescos. Tinham tirado suas roupas desconfortáveis, revelando o crescimento considerável dos pelos do corpo. Em minha opinião, pareciam vários dos tipos humanóides inteligentes maiores que eu vira no passado na Terra. No terceiro dia, os gigantes começaram a morrer. No quarto dia, cremamos todos os seus corpos juntamente com as roupas.

Embora o cheiro dos humanóides e animais em decomposição estivesse forte a nosso redor, não nos esforçamos para retornar a nossa aldeia. Ficamos desvairados. A medida que minha vida se escoava, o cheiro de carne humana queimada trouxe a lembrança que há muito dormia em minha alma: em minha mente, vi um jovem alto de jaqueta verde carregando nas costas um homenzinho que brandia seus punhos raivosamente aos céus.

INVOLUÇÃO, REEVOLUÇÃO, A SEGUIR INVOLUÇÃO

Devido ao declínio e ao fortalecimento da intensidade da Barreira de Frequência, os humanos e todas as outras formas de vida do planeta Terra reevoluíram e involuíram milhares de vezes desde a explosão do planeta Maldek. Algumas espécies involuíram a formas que seriam totalmente irreconhecíveis se comparadas às formas originais a princípio criadas pelo elohim.

Um exemplo que posso citar é o do animal que vocês chamam cavalo. O cavalo pré-Barreira de Frequência era muito parecido com os atuais cavalos da Terra, exceto que as criaturas originais eram cerca de duas vezes mais inteligentes. Os efeitos severos da Barreira de Frequência fizeram com que os cavalos originais involuísem a uma criatura do tamanho aproximado de um cão grande. Posteriormente, condições mais favoráveis da Barreira de Frequência permitiram maior expressão ao código de ADN antes reprimido do animal. Ou seja, gerações sucessivas passaram a assumir a aparência da forma mais antiga e natural dos animais.

Devido à involução, as aves ficaram parecidas com lagartos (alguns bem grandes) e, então, em virtude da reevolução voaram para os céus novamente na forma de aves.

O feto humano passa por vários estágios de desenvolvimento. Em determinado estágio o feto se assemelha a um peixe. Em certo ponto da história da Barreira de Frequência, alguns fetos humanos nunca se desenvolviam além desse estágio, sendo levados a termo nessa forma. Desses humanos em forma de peixe se originaram os inteligentes golfinhos (ver ilustração da página 40 na AMALUZ 44 – aliás a imagem da história de Trome de saturno).

A Barreira de Frequência involuiu e reevoluiu certos insetos e cepas de bactérias. Alguns artrópodes, como o escorpião, possuem intimidade aos efeitos da Barreira de Frequência. As assim chamadas novas cepas de bactérias e vírus são, na verdade, os produtos biológicos de mudanças na Barreira. Mesmo mudanças benignas podem produzir novas formas de bactérias fatais.

A Barreira de Frequência é responsável pela existência de elementos radiativos na Terra. A pulsação da Barreira provoca a instabilidade de certos átomos. A decomposição elemental ou molecular gerada pela Barreira de Frequência, em conjunto com bactérias vorazes (que vieram e se foram), deixou muito poucas provas das inúmeras culturas humanas pré-históricas no assim chamado registro fóssil. Se fosse possível fazer escavações suficientemente profundas nos locais certos, seria possível encontrar provas na forma de objetos fabricados pelo homem, e talvez alguns corpos ou partes muito bem conservadas de corpos humanos daquele tempo. Pelas mesmas razões, muitos outros tipos de formas de vida não existem em forma de registro fóssil.

É interessante que ainda perdurem vários objetos anteriores à Barreira de Frequência, insepultos pelo tempo e à disposição de quem quiser ver, na forma das grandes pirâmides de Gizé e outras estruturas localizadas noutras

partes da superfície do planeta.

TAMOS E CLEÓPATRA VII

Era o ano 72 a.C. e nasci na cidade cio Alexandria, Egito, de pais gregos. O nome de minha mãe era Bemiss e de meu pai, Atroios. Fui seu filho único e meu nome era Tamos.

Meus pais adolescentes haviam imigrado para Alexandria vindos de Atenas, Grécia. em 75 a.C. Os dois sabiam ler e escrever grego, e meu pai atuava como representante de seu pai ateniense em todos os assuntos comerciais. Passei meus primeiros anos acompanhando meu pai por Alexandria realizando compras de grãos e inspecionando os navios cargueiros à cata de vazamentos. Uma carga de trigo encharcada de água salgada não seria bem recebida por meu avô, que eu nunca conhecera. Durante algum tempo, meus pais enriqueceram, até que mercadores romanos com mais ouro passaram a competir pelos cereais egípcios. Os negócios pioraram quando o filho ilegítimo de Ptolomeu IX, Ptolomeu Auletes, tentou derrubar o então governante, Ptolomeu XI. Subornando os romanos com cereais, comprou-lhes o apoio militar e, assim, assumiu o controle do reino em 59 a.C. Posteriormente, o excedente da produção de cereais do Egito era totalmente enviado a Roma ou aos depósitos que o distribuíam às legiões famintas que estavam ocupadas na conquista e escravização do restante do mundo conhecido.

Como não havia trigo suficiente para embarcar para a Grécia nem para fazer um pão, meu avô largou seu ouro e sua lã e despachou a meu pai várias cargas de vinho grego para comercialização. Nossa família e nossos amigos ficaram 15 anos bebendo esse vinho todo porque os romanos proibiram a venda de vinho, pregos, vidro e cerâmica gregos. A lã grega era outra história, mas meu avô podia vendê-la diretamente aos romanos em Atenas sem custos de transporte. Meus pais se defrontaram com a decisão de retornar à Grécia, ou encontrar algum outro meio de subsistência no Egito.

Meu pai acabou por se empregar como ministro do comércio de segundo escalão de Ptolomeu XII. Sua capacidade de falar grego, latim, egípcio, persa e hebreu logo o alçou ao posto de Primeiro Ministro Suplente do Comércio. Essa posição vinha logo abaixo do Supremo Ministro de Comércio Koffraf, parente do rei. Como ele não sabia a diferença entre um grão de trigo e um grão de areia, deu a meu pai plena autoridade em todos os assuntos referentes a comércio e remessas. (Podem ter certeza de que algumas remessas de cereais destinadas a Roma chegaram mais leves depois de os navios pararem alguns dias na Grécia para reparos de emergência).

Meus pais venderam sua casa e foram morar no anexo real. Eu gostava disso e passava muito tempo nos estábulos reais, onde aprendi sobre cavalos e carruagens e também a praguejar como um legionário romano. (Aliás, aprendi a praguejar em diversos idiomas.)

Havia mais deuses para venerar do que eu conseguia lembrar. Meus pais preferiam Hermes (Mercúrio para os romanos) porque se pensava que ele era tanto o deus da cura como do comércio. De vez em quando, nos reuníamos e sacrificávamos algum pobre animal a ele.

O rei Ptolomeu tinha vários filhos. Entre eles, havia uma menina três anos mais nova do que eu. Seu nome era Cleópatra (nascida em 69 a.C.). Seu nome era o mesmo de uma das seis rainhas egípcias.

Quando seu pai se tornou rei, ela tinha dez anos de idade e eu treze. Cleópatra era mais alta do que a maioria das meninas e tinha uma estrutura larga. Na juventude, passava muito tempo com as outras crianças do anexo real (como eu), participando de jogos e fazendo todo tipo de traquinagem. Ela era muito divertida e gostava de rir. As vezes, contudo, fazia brincadeiras cruéis, algumas fatais, com servos e escravos indefesos como ordenar a um servo que a desagradara que trouxesse de volta uma pele de cabra cheia de ar que ela atirara num lago repleto de crocodilos. Ele não conseguiu voltar à terra seca.

É verdade que, quando se tornou adulta, ficou excepcionalmente bonita. No final da adolescência, já não fraternizava com os companheiros de infância. Estava sempre acompanhada por um erudito grego de nome Cyrol, que cuidava de sua educação e também incutia nela o desejo pelo poder Supremo.

É de conhecimento geral que ela se casou com vários de seus irmãos e os matou e se tornou amante dos romanos Júlio César e Marco Antônio. Teve filhos desses dois homens.

Na época do reinado e das aventuras amorosas de Cleópatra, visitei com meu pai e minha mãe as cidades de Roma e Atenas, onde encontrei pela primeira vez meus afetuosos avós. Enquanto estava em Roma, meu pai atuou como representante de seu pai na construção de alguns navios para a marinha romana. Nossa viagem à Grécia visava inteirar meu avô do negócio. Tanto Roma como Atenas eram muito agradáveis de se visita!-, mas das duas cidades eu gostava mais de Atenas. Eu gostava de meus avós e passei muitas horas felizes escutando suas histórias de casos de família e suas opiniões sobre o mundo. Meu avô pediu-me para ir à grande biblioteca de Alexandria (como eu fizera muitas vezes no passado) e copiar para ele tudo o que pudesse encontrar a respeito das religiões dos hebreus e do povo da terra chamada Índia. Não cheguei a concluir esse trabalho extenso antes de sua morte.

Enquanto estava na Grécia, casei-me com um moça chamada Marcela (metade grega, metade italiana). Ela voltou conosco para o Egito, onde me deu duas filhas. Posteriormente, retornamos à Grécia para tocar o negócio de construção naval da família.

No final de agosto do ano 31 a.C., eu tinha 41 anos de idade e estava navegando para a ilha de Chipre no comando de três galés, duas das quais haviam sido lançadas recentemente do estaleiro de minha família localizado em Actio, na região sudoeste da Grécia. O objetivo de minha viagem era entregar, mediante pagamento, as duas novas galés ao governador romano da ilha.

Quando chegamos a Chipre, o porto estava praticamente sem navios, O governador me disse que não poderia pagar-me pelos navios, tampouco dispunha de marinheiros para tripulá-los. Sugeri que eu navegasse de volta rumo a Actio na esperança de encontrar uma frota romana maior operando em águas vizinhas. Ele me disse que o almirante romano Agripa com certeza me pagaria pelos navios. Minhas tripulações estavam muito descontentes, pois a maioria contava que a viagem de volta acarretaria menos trabalho, pois com apenas um navio para tripular, poderiam abreviar o tempo que cada um passaria nos remos.

Em nossa viagem de volta, um de nossos vigias localizou as velas de centenas de navios. Nós, é claro, pensamos que fossem os navios da frota de Agripa, então navegamos naquela direção. A noite caiu e, ao alvorecer, descobrimos que cometêramos um erro terrível. Estávamos, na verdade, a cerca de 45 metros da frota egípcia de Cleópatra e Marco Antônio, que estava a caminho para fazer batalha à frota romana. Fomos capturados e acorrentados aos remos de nossos próprios navios e forçados a obedecer as ordens de nossos novos senhores egípcios. Supliquei a um oficial naval egípcio para falar com a Rainha Cleópatra. Tinha esperança de invocar nossa amizade de criança para ganhar nossa liberdade. Ela respondeu: “Bem, Tamos, você merece ficar acorrentado a um remo de um navio que você construiu para os romanos - ou os estava trazendo a mim como presente? Seja como for, quando ganharmos esta batalha, libertarei você e seus homens. É melhor remar direito.”

Como conta a história, a batalha de Actio ocorreu em 2 de setembro de 31 a.C. O resultado dessa batalha foi o aniquilamento total da frota egípcia pelos romanos. O fato de estarmos em galés de modelo romano prolongou um pouco nossas vidas, mas quando os romanos perceberam que nossa galé estava sob controle egípcio, atacaram-nos sem piedade. Morri acorrentado a meu remo quando nosso navio afundou no Mediterrâneo.

Vivi outra vida no período de sua história conhecida, mas uma narrativa dessa vida seria de pouco interesse. Atualmente, resido no planeta Nodia, onde sirvo a Casa de Comércio de Cre'ator na função de telepata.

Espero ter contribuído com conhecimentos adicionais de como eram as coisas na Terra em tempos remotos.

Sou Thaler de Mern, nascido primeiro na luz do radiar Trake.

JAFFER BEN-ROB DA TERRA

“Antes que o povo de meu mundo os apunhalasse com o garfo da ilusão, o elohim tocou suas harpas de fogo e cantou a beleza de seu mundo e de sua devoção ao plano divino do Criador de Tudo Aquilo Que É. Que o véu que fizemos cair sobre suas mentes seja em breve erguido e tirado de vocês para sempre pelo vento que está agora se elevando das profundezas da eternidade.

Sou Tob-Vennit de Maldek.”

Quando nasci pela primeira vez em vida humana, o evento deu-se no povoado agrícola de Tigrillet, localizado, naquela época, na terra agora coberta pelo Oceano Atlântico. Meu povoado de nascimento (se não estivesse submerso) estaria mais próximo atualmente de Portugal. Meu nome - Jaffer - foi-me dado por minha mãe, Marle, a segunda das quatro mulheres de meu pai. O nome de meu pai era Rob Ben-Rob. Eu tinha quatro irmãos, três meio-irmãos e seis meio-irmãs. Naquele tempo as mulheres da Terra superavam em número os homens numa proporção de cinco para um.

Espaçonaves maldequianas aterrissaram pela primeira vez na Terra cerca de 310 anos antes de meu primeiro nascimento. Durante minha adolescência, uma família composta de quatro maldequianos mudou-se para uma vila localizada numa montanha ao norte de nosso povoado. Chamavam a si mesmos de ornas, nome que se aplicava aos maldequianos nascidos na Terra, mas educados em Maldek. Um maldequiano nascido na Terra que nunca visitara Maldek (chamado de toibe) era considerado por sua gente um tanto incompleto como pessoa. Os ornas sempre se despediam dos toibes com a afirmação: "Que você visite logo Maldek."

A família de ornas maldequianos que morava próximo de nosso povoado vivia regidamente. Empregavam doze pessoas de nosso povoado como criados domésticos, pagando-as muito bem. Tinham (dois carros aéreos usados individualmente pelo marido (Cro-Swain) e pela mulher (Debettine) com frequência para percorrer o interior e comparecer a "reuniões de negócios" em locais remotos. Esse casal maldequiano tinha um filho adolescente chamado Sou-Dalf e uma filha adolescente chamada Valneri. [Os nomes masculinos maldequianos são hifenizados e o segundo nome é escrito com maiúscula na maturidade. Os nomes femininos não são hifenizados. - W.B.] Nunca vi nenhum maldequiano executando qualquer tipo de trabalho físico, mas se exercitavam constantemente. Sou-Dalf e Valneri corriam quilômetros todos os dias, chovesse ou fizesse sol, atravessando o povoado no caminho de ida e volta a seu lar luxuoso.

Meu pai não era fazendeiro, como a maioria de seus cinco irmãos, e sim um dos dois magistrados provinciais. Era também chefe suplente de nossa força policial de seis homens. Sua jurisdição cobria mais de 777 quilômetros quadrados.

Fui educado no que vocês chamam de escola pública até a idade de 14 anos, e então ensinaram-me uma variedade de matérias profissionalizantes numa escola local. Os cursos educativos selecionados para mim por meu pai incluíam direito e ciência militar. Nunca concluí nenhum desses cursos pelo fato de abandonar meus estudos para servir de acompanhante muito bem pago para Sou-Dalf, o maldequiano. Meu longo relacionamento com Sou-Dalf foi o motivo de ser procurado, na qualidade de ser do espaço aberto, para narrar-lhes algumas das vidas passadas por mim experienciadas na Terra.

Minha associação com Sou-Dalf começou no dia em que fui chamado para fora da aula por meu pai e levado à vila maldequiana. Meu pai me disse que recebera um convite escrito de Cro-Swain solicitando que ele fosse à vila e que ele e a esposa ficariam contentes se me levasse com ele.

Naquela tarde, jantamos com Cro-Swain e sua mulher Debettine, seus filhos não estavam presentes. Cro-Swain nos disse que desejava me empregar como acompanhante de seu filho, enfatizando que não seria considerado um criado, e sim que meu papel seria simplesmente conversar com Sou-Dalf e ser amigo dele, por assim dizer. Como extra por meu serviço, me ensinariam o idioma maldequiano e eu viajaria, dentro de mais ou menos seis meses com toda a família ao planeta Maldek. Quando ele nos disse quanto dinheiro receberia (anualmente), meu pai e eu quase entramos em choque. A quantia era maior do que o que meu tio mais rico, Kanius, conseguia ganhar em dois anos na agricultura. Concordamos imediatamente com a oferta de Cro-Swain. Disseram-me para voltar à vila em dois dias, trazendo nada além da roupa do corpo. Fiz como me instruíram.

ACOMPANHANTE DE SOUL-DALF

Deram-me um belo quarto com uma sacada com vista para nosso povoado. De vez em quando, eu ficava na sacada olhando por entre as árvores para, talvez, ver num relance um familiar, mas isso raramente acontecia. Enquanto estava na vila, eu era proibido de visitar minha família por qualquer razão. Toda minha atenção deveria ser dispensada a Sou-Dalf e a mais ninguém. No começo, isso não foi fácil. Ele não me disse uma palavra por cerca de duas semanas, agindo como se eu não estivesse lá. Exceto quando dormíamos, eu não ficava a mais de dez passos dele.

Sou-Dalf nunca fazia as refeições com sua família e parecia estar evitando os pais. Falava apenas com a irmã e com um simm alto e magricela chamado Rubdus, que nos fornecia, a ele e a mim, as roupas limpas que usaríamos no dia. Descobri depois que nosso guarda-roupa e cardápio diários eram selecionados pela mãe invisível de Sou-Dalf.

A vila tinha um ótimo estábulo para cavalos, mas Sou-Dalf nunca os cavalgava. Sua irmã Valneri nunca chegava perto dos animais porque eles se assustavam como se estivessem na presença de uma cascavel e, se estivessem soltos, disparavam. Valneri era uma menina lindíssima e secretamente apaixonei-me por ela. Normalmente estava acompanhada por um ganso maldequiano branco, que ela às vezes levava numa correia. O ganso, três vezes maior do que qualquer um da Terra atual, atacava qualquer coisa ao comando de Valneri. De vez em quando, o bico e os pés do ganso apareciam pintados de cor diferente, adornado com ouro ou outro material decorativo como esmeraldas em pó. Eu sempre ficava curioso para ver como estaria o ganso da próxima vez..

Certa tarde, eu estava andando no terreno da vila com Sou-Dalf e Rubdus, o pajem simm, quando demos com Valneri e seu ganso de estimação. O simm disse-me para esperar enquanto Sou-Dalf tinha uma conversa particular com a irmã. De repente, Sou-Dalf, Valneri e o ganso vieram correndo até mim, empurrando-me para cima das costas do simm que estava de quatro atrás de mim. Depois que recobrei o fôlego, dei com o grande ganso pousado no meu peito olhando-me ameaçadoramente nos olhos e Sou-Dalf, Valneri e Rubdus riam histericamente. Eu fora vítima de uma armadilha maldequiana há muito planejada. A falta de comunicação de Sou-Dalf comigo fora parte de uma brincadeira cuidadosamente planejada. Descobri que ele decidira por um fim na brincadeira porque não queria explicar seu comportamento silencioso para comigo aos avós maternos e paternos e um tio, que estavam vindo para a vila naquela noite.

Depois de ser mostrado aos parentes visitantes de Sou-Dalf fui dispensado. Passei o resto da noite conversando com Rubdus e os demais simms. Mandaram os criados provenientes de nosso povoado passar a noite em casa, sendo os maldequianos servidos por criados especiais trazidos pelos visitantes. Ocasionalmente, um jovem maldequiano uniformizado dava uma olhada para ver se estávamos cuidando de nossa própria vida.

Foi a primeira vez que falei com um simm. Havia uma barreira de idiomas, pois apenas um grupo seletivo de simms tinha permissão de aprender e falar a língua da Terra. Tive sorte de Rubdus ser um desses poucos. Os simms não eram telepáticos. Nós, da Terra, naquele tempo conseguíamos nos comunicar telepaticamente, mas nos faltava a conhecimento de como fazê-lo da forma correta. Era uma prática estenuante, assim, muito poucos a tentavam, exceto numa emergência.

Rubdus tinha cerca de 38 anos terrestres. Contou-me que estava a serviço de Cro-Swain e Debettine há quase três anos. Aprendera seu ofício durante sua permanência em Maldek, dois anos antes. Antes, vivera em seu mundo natal chamado Simm. Tudo o que pôde contar-me foi que Simm era um planeta localizado num sistema solar remoto e orbitava um sol/estrela chamado Druma. Contou-me que o quarto planeta daquele sistema era habitado por um povo que chamava a si mesmo de graciano. Os gracianos tinham espaçonaves e haviam apresentado os maldequianos a seu povo. Os maldequianos gostavam do senso de lealdade dos simms e os empregaram como criados e funcionários subalternos. Os simms não eram um povo primitivo, e sim moravam em grandes cidades e já usavam a eletricidade quando foram visitados pela primeira vez pelos gracianos. Apenas certas áreas da Terra, inclusive nosso povoado de Tigrillet, dispunham de força hidrelétrica.

Perguntei a Rubdus sobre as condições em Maldek. Ele sussurrou em meu ouvido: "É um ótimo lugar para se viver desde que se seja maldequiano." Pôs o dedo nos lábios e tremeu um pouco. Sei agora que se arrependeu de dizer-me aquilo, temendo as conseqüências. Rubdus disse que ele tinha um contrato de trabalho de dez anos com os maldequianos, ainda faltavam cinco anos para poder ser devolvido à sua família em Simm. Ele disse que não fora selecionado por Cro-Swain, e sim cedido para servir a família pelo supremo governante de Maldek, Mic-Corru. Maldek era, na verdade, governado por Mic-Corru, três príncipes sem parentesco (Tra-Vain, Hol-Canter e Serc-Rhis) e Mishaymu, uma princesa com sangue de Mic-Corru. Seu marido era uma pessoa muito poderosa tanto em seu mundo natal, como em outros. [Nota: ouvi o nome do marido de Mishaymu muitas vezes em comunicações passadas, mas por alguma razão, um bloqueio mental me impede de recebê-lo telepaticamente

agora ou lembrá-lo de memória. - W.B.]

Nos meses que se seguiram àquela visita noturna dos avós de Sou-Dalf, um grande edifício de estilo maldequiano foi erguido nos fundos da vila. Tratava-se de um quartel luxuoso que posteriormente foi ocupado por 24 krates maldequianos. Seu comandante, Sake-Kover, morava na vila. Os krates eram novos na Terra e passavam a maior parte do tempo sendo secretamente instruídos sobre sabe-se lá o que, na absoluta privacidade de seus aposentos. Eles também foram ensinados a montar cavalos. Quando Sou-Dalf e eu por acaso encontrávamos um krates, ele saudava Sou-Dalf, mas me lançava um olhar que poderia congelar água.

Sou-Dalf e eu conversávamos sobre muitas coisas. Seu assunto predileto eram as mulheres da Terra e quaisquer experiências que eu pudesse ter tido com elas. Não falava das mulheres maldequianas de modo algum. Sem ter qualquer experiência sexual naquela época, eu inventava histórias para agradá-lo. Ele sabia que eu estava mentindo, mas não se importava. Sou-Dalf se recusava a discutir o que quer que tivesse natureza espiritual ou religiosa.

Falou-me dos povos de outros mundos que sua família conhecera ao viajar a bordo de uma espaçonave graciana. Quando descrevia o que sabia sobre os povos desses outros mundos, falava deles em termos depreciativos. Referia-se com insultos ao modo de vida deles. Divertia-se com seus próprios diálogos e queria que eu risse com ele sempre que descrevia uma prática de outro mundo que ele achava estúpida. Com o conhecimento que tinha na época, achei que ele devia estar certo, e ria. Quando perguntei por que esses povos não eram ensinados de maneira diferente nos costumes dos maldequianos, ficou muito sério. Disse-me que eles não foram criados para ser mais do que eram. Algum dia, eles preencheriam seu lugar de direito no universo servindo o povo de Maldek e, talvez, várias outras raças dominantes que governariam o universo com eles. Deu a entender que considerava a nós, da Terra, uma das assim chamadas raças dominantes. Sei agora que ele estava mentindo.

Carros aéreos transportando dignitários maldequianos vinham e iam da vila diariamente. Dois novos carros aéreos foram entregues para uso dos krates. Nunca vi os krates usarem essas naves. Elas permaneciam estacionadas ao lado do quartel, sendo continuamente lavadas e polidas pelos simms.

Muitas vezes vi Valneri acompanhada por um jovem oficial krates chamado Mills-Bant. Eu era muito ciumento. Tanto Valneri como Sou-Dalf sabiam disso. Tiravam um prazer perverso de minha dor emocional e também da dos outros.

Por meio de rumores (por intermédio de Rubdus), descobri que os krates estavam presentes devido a uma situação surgida em função de algumas espaçonaves estranhas que haviam sido localizadas nas proximidades da Terra. Havia mais de dez desses veículos pintados com listras horizontais vermelhas, brancas e pretas. Eram maiores e mais rápidas do que as 20 naves gracianas usadas pelos maldequianos. Além disso, sabia-se que os UFOs (não consegui resistir) eram operados por pessoas telepáticas e que também tinham a capacidade de ésser (ver mentalmente coisas a uma grande distância). Os maldequianos estavam apreensivos porque esses recém-chegados até então haviam ignorado Maldek, parecendo mais interessados em entrar em contato com o povo de Wayda (Vênus), Marte, e os planetóides dos quatro sistemas radiais [Júpiter, Saturno, Netuno e Urano].

Pensei imediatamente que se esses viajantes espaciais tinham as habilidades descritas por Rubdus, deviam ser uma das raças dominantes que, segundo Sou-Dalf, deviam se unir aos maldequianos (e a nós da Terra) para governar a vasta população de retardados e imbecis do universo. O fato de os maldequianos acharem melhor desconfiar dos novos visitantes, preparando-se para uma possível guerra me fez pensar bastante. Os maldequianos, tanto em Maldek como na Terra, tornaram-se ainda mais paranóicos quando foram localizadas espaçonaves maiores no sistema solar. Essas naves eram pintadas de preto e não tinham marcas.

Nossa tropa de krates se revezava a cada duas semanas, exceto Sake-Kover, o comandante, e o pretendente de Valneri, Mills-Bant. Os krates eram levados a algum outro local onde podiam relaxar e desfrutar a companhia feminina.

A viagem proposta a Maldek (parte de meu bônus) foi adiada indefinidamente. As escolas do povoado estavam fechadas e a maioria dos jovens eram recrutados para uma milícia que foi comandada por pouquíssimo tempo por meu pai. Posteriormente, a milícia foi assumida por um krates do posto mais baixo. (Descobri depois que o tempo de um oficial maldequiano não devia ser desperdiçado no treinamento desses tolos.)

Certo dia, um carro aéreo aterrissou no gramado frontal da vila. Em sua fuselagem havia a figura de uma serpente coberta de plumagem de cores brilhantes. Rubdus e sua gente correram para a nave antes que vários krates, que corriam atrás deles, conseguissem impedi-los. Quando os ocupantes do carro saíram, pode-se ver que eram homens altos vestidos com penas e jóias. Esses três homens eram gracianos. Um deles levou Rubdus para o carro aéreo e os outros dois ficaram do lado de fora, fitando os krates. Os krates fizeram uma saudação e recuaram.

Depois de cerca de 15 minutos, emergiu do carro um choroso Rubdus, acompanhado pelo graciano. Quando se reuniu ao grupo de simms seus companheiros, teve de passar pelos krates. Um deles bateu na cabeça de Rubdus com um bastão, derrubando-o no chão. Um graciano veio em seu socorro, colocando-se entre o simm caído e os

krates. Os krates ficaram imóveis por um momento e então foram embora.

Descobri depois que Rubdus pedira em prantos aos gracianos que falassem com os maldequianos em nome de sua gente e dele, pedindo sua liberação do contrato. Se naquele tempo eu soubesse o que sei agora, esse pedido feito a um graciano naquela época teria com certeza sido negado. Sua filosofia era: "trato é trato."

Os gracianos, ficaram na vila por cerca de uma semana, durante a qual tiveram permissão de se encontrar com Rubdus e seu povo. Seja o que for que disseram aos simms, os sorrisos voltaram a seus rostos e os simms assobiavam enquanto trabalhavam e não havia maldequianos por perto. O real propósito da viagem dos gracianos foi para discutir um projeto de construção que coordenariam para os maldequianos.

UMA VISITA A MIR (EGITO)

Quando chegou a hora dos gracianos irem embora, Sou-Dalf me disse que iríamos com eles. Era a primeira vez que voava num carro aéreo. Nossa primeira parada foi na terra de Mir (Egito). A viagem de Tigrillet à terra de Mir demorou cerca de duas horas e meia. Lá, nos encontramos com vários outros gracianos e maldequianos. Estavam morando em tendas às margens do rio atualmente chamado Nilo. Com "tendas" quero dizer edificações temporárias de material à prova d'água que apresentavam todos os equipamentos concebíveis para o conforto humano. Havia uma grande tenda que abrigava um grupo de lindas mulheres, muitas das quais vinham de outros mundos, sendo de raças que eu nunca vira. Essas mulheres estavam ali exclusivamente para agradar os maldequianos. Os gracianos recebiam os cuidados de mulheres de sua própria espécie que eram, definitivamente, suas companheiras escolhidas para toda a vida.

Passamos a noite lá e fomos acordados por um simm que nos disse estar acontecendo algo de que devíamos estar cientes. Sou-Dalf e eu, enrolados em cobertores, saímos de nossa tenda e nos juntamos à multidão que olhava para o céu. Refletindo a luz de um sol que acabara de nascer, uma espaçonave circular negra pairava acima de nossas cabeças.

UMA BREVE ATERRISSAGEM NODIANA

Um graciano saiu da multidão e andou em direção ao veículo que, àquela altura, aterrissara no topo da planície na qual as pirâmides seriam posteriormente construídas. Ele primeiro colocou as duas mãos na cabeça e a seguir as cruzou sobre o coração em saudação. Depois de um minuto, continuou a andar na direção da nave aterrissada. Abriu-se uma porta em sua fuselagem e dois homens de pele marrom com cabelos brancos como a neve saíram. Um dos homens começou a avançar para encontrar o emissário graciano. Eles se falaram (telepaticamente) por cerca de cinco minutos, então apertaram as mãos e se separaram. O homem de cabelos brancos voltou ao seu veículo, que instantaneamente voou para o oeste, perdendo-se de nossa vista em segundos. O graciano retornou àqueles de nós que esperavam para saber o que fora dito nesse encontro.

O graciano sorriu e nos disse que o estranho lhe dissera que eram comerciantes de um mundo chamado Nodia, localizado num distante sistema solar/estelar por eles chamado sistema Sost. O estranho lhe dissera que outros de sua espécie já tinham feito contato com o governante maldequiano geral da Terra, Her-Rood, em seu quartel general principal (situado então no que é atualmente chamado sul da Venezuela). O homem de cabelos brancos dissera que ele e sua tripulação foram atraídos à nossa aglomeração ao avistarem nossas excelentes construções e pensaram em parar para dizer olá a todos ali. Depois que o graciano disse ao estranho que tal encontro não seria oportuno naquela hora, pois eles estavam para começar o trabalho num projeto de construção, o estranho disse que entendia e não nos incomodaria mais.

Naquela noite, Sou-Dalf não dormiu na tenda que nos fora designada. Não o vi até o meio-dia do outro dia. Disse-me que passara a noite com várias mulheres de outros mundos estando, portanto, louco para se tornar especialista em tudo o que se refere a sexo. Foi a primeira vez que o vi expressar verdadeiros sentimentos humanos. Ele estava feliz e eu frustrado. Ele sabia disso, o que o fez mais feliz ainda. Queria que ele descrevesse suas experiências com as mulheres, mas ele não queria. Durante nossa permanência de dez dias em Mir, ele nunca mais visitou as mulheres. Ele queria, mas foi verbalmente impedido por uma maldequiana idosa que parecia tomar conta das mulheres e de suas atividades. Para afastar a tentação, de modo que os homens dessem toda sua atenção ao projeto à frente, as mulheres saíram da área no oitavo dia de nossa estada em Mir.

Gastamos os dois dias restantes perambulando pela área, tanto na planície como abaixo dela. Os gracianos faziam cálculos e registravam suas observações eletronicamente em aparelhos semelhantes a gravadores. Os gracianos se separavam dos maldequianos pela manhã e à noite para fazer suas preces. Tarde da noite, eles se sentavam fora de suas tendas e conversavam números, fumando seus charutos. Não se importavam com quem aparecesse por ali e ficasse escutando. Fiz isso uma vez, então fui embora porque não conseguia entender o que

estavam falando. Havia alguns simms e um grupo de pequenos sujeitos negros que pareciam acompanhar sua conversa e até mesmo participar dela. Tentei fumar naquela noite, mas não consegui. O graciano que me dera o charuto o pegou e o apagou sob o pé. Rindo-se, deu-me outro e disse para experimentar mais tarde. Guardei-o no bolso de minha camisa.

Mais tarde, caminhei sozinho para o sul ao longo das margens em direção ao brilho distante de várias fogueiras. O som de meus passos fez com que hipopótamos e crocodilos assustados se refugiassem nas águas do rio. Não consegui enxergar esses animais, mas ouvi o barulho que fizeram na água ao tentarem escapar de mim. À medida que andava, pus o charuto na boca, mas como não tive como acendê-lo, joguei-o no rio.

VISITA A UMA TRIBO DA TERRA

Depois de andar uma hora, dei com uma tribo de gente da Terra assando peixe em fogueiras ao ar livre. Falavam um dialeto ligeiramente diferente do meu, mas consegui entendê-los razoavelmente bem. Estavam curiosos pelo que estava acontecendo rio abaixo e por quem éramos. Disse a eles que alguns de nós estavam lá para construir algo, mas eu não sabia o que, nem sabia que função teria quando concluído. Lamentaram minha ignorância e me perguntaram por que estava lá. Contei-lhes do meu emprego de acompanhante de Sou-Dalf e, por alguma razão desconhecida, contei a vários jovens suas recentes atividades sexuais. Ao ouvir isso, um dos homens me perguntou se eu já estivera com uma mulher. Confessei que não.

Estava para ir embora quando um homem mais velho veio sentar-se a meu lado. Disse-me que recentemente recebera uma garota virgem órfã em sua casa. Disse que podia dizer pelas minhas roupas e maneiras que eu era rico e de alta posição. Disse-me que me daria essa garota para ser minha criada se eu promettesse cuidar dela e tratá-la bem.

Depois de considerar o que Sou-Dalf e seus pais poderiam dizer sobre eu ter uma criada, agradei ao homem a oferta, mas recusei. Ele me disse para esperar e pensar mais no assunto depois de ver a garota. Garantiu-me que ela era muito bonita e digna de ser a consorte de um príncipe. Acrescentou que um profeta (astrólogo) lhe dissera que a garota deveria ser mantida virgem até que um estranho de um lugar distante viesse e a levasse embora com ele. Ele confessou que tentar mantê-la virgem estava cada vez mais difícil, pois sua beleza atraía muito o interesse dos jovens. Como nunca encontrara nenhum homem de outra terra, estava convencido de que esse homem da profecia devia ser eu. Acrescentou que se eu levasse a garota, ambos certamente cairíamos nas graças do elohim.

ALFORA

O nome da garota era Alfora, e era uma beleza de 14 anos. Tinha medo de mim, mas conseguimos entabular uma conversa enquanto voltávamos a meu acampamento. Fiquei sentado às margens do rio até o alvorecer enquanto ela dormia, usando seus pertences embrulhados como travesseiro. Passei a noite tentando pensar no que diria a Sou-Dalf. Ele estava sentado na frente de uma tenda quando fui ter com ele, Alfora atrás de mim. Primeiro pareceu severo e então começou a sorrir, dizendo: "Vejo que arranjou um bichinho. Leve-a a Mestvuker, o médico graciano, para ser vacinada. Não vamos retornar a Tigrillet; vamos partir para Maldek em algumas horas."

Durante aquelas poucas horas, evitei Sou-Dalf o quanto pude, mas ele me encontrou. Disse-me: "Não se preocupe, Jaffer. Não vou lhe causar problemas, nem ao seu bichinho camponês. Apenas a ensine a se comportar na presença dos meus pais e ela quase nem será notada." Concordei em ensinar Alfora a ser obediente e educada com todos os seus superiores.

Dez minutos depois de nossa conversa, uma espaçonave graciana prateada de forma triangular aterrissou na planície. Uma hora depois, com Sou-Dalf, eu e uma Alfora muito assustada e confusa a bordo, a espaçonave graciana se ergueu para os céus e foi em direção a sua próxima parada, o planeta Maldek.

A VIAGEM A MALDEK

O interior da nave graciana não tinha materiais metálicos nem fabricados pelo homem, era, sim, decorada por diferentes tipos de madeira natural. Muitos dos instrumentos usados na operação da nave eram embutidos em gabinetes entalhados com imagens de animais e gente em detalhes primorosos. Os assoalhos acarpetados apresentavam padrões tridimensionais que faziam com que sentíssemos às vezes que, ao dar mais um passo, tropeçaríamos num vazio interminável. Depois de certo tempo, a mente se acostumava com essas ilusões, proporcionando-nos uma sensação emocionante de arrojo ao desafiar essa autêntica "realidade virtual."

Alfora e eu recebemos um pequeno quarto de dormir particular com banheiro. Tínhamos permissão de ir sozinhos praticamente para onde bem quiséssemos na nave. Os gracianos preferiam que entrássemos em algumas

áreas da nave apenas se estivéssemos acompanhados por alguém da tripulação. Descobrimos que havia mais de 70 pessoas a bordo da espaçonave, mas apenas um pequeno número desses passageiros tinha Maldek como destino final. Os maldequianos que estavam a bordo se isolavam, e raras vezes vi Sou-Dalf durante a viagem.

Fazíamos nossas refeições com vários gracianos e inúmeras pessoas pequenas de pele negra que sorriam um bocado, mas cujo idioma eu não conseguia entender. A comida era servida em bufê. Os gracianos eram muito amistosos e nos fizeram sentir bem-vindos. Tentei fumar seus charutos, mas nunca consegui me acostumar a eles. Até as mulheres gracianas davam baforadas nessas coisas, usando piteiras para charuto decoradas com jóias de vários comprimentos.

Tive permissão de visitar a área de controle do veículo, a partir da qual três jovens gracianos operavam a nave. Um deles parecia não ter mais de dez anos terrestres. Os demais pareciam estar na adolescência. Meu acompanhante graciano mais velho me disse que a nave não aterrissaria em Maldek, e sim que viajaria para sua base de origem em Gracyea depois que nosso grupo desembarcasse.

Nas primeiras horas de nosso vôo, uma graciana tomou Alfora sob sua proteção e se desapareceu por bastante tempo. Quando vi Alfora novamente, ela fora banhada e vestia um belo traje emplumado de estilo graciano. Sou-Dalf olhou para Alfora de uma forma que me fez ficar com muita raiva. A senhora graciana me disse que a maneira de proteger Alfora de Sou-Dalf era eu me casar com ela por meio de uma cerimônia graciana, pois naquela época os maldequianos respeitavam os costumes gracianos. Segui seu conselho e me casei com Alfora em menos de uma hora. Ficamos juntos pelo resto de nossas vidas. Ela foi minha única mulher, como é atualmente. Enquanto conto minha história desses primeiros tempos, ela está sentada perto de mim, ocasionalmente me lembrando para não esquecer de lhe contar isto ou aquilo sobre nossa primeira vida juntos.

TRÊS ANOS EM MALDEK

Como me informaram anteriormente, a espaçonave graciana não aterrissou em Maldek. O grupo de Sou-Dalf, que incluía Alfora e a mim, foi transportado por um ônibus espacial maldequiano para a atmosfera do planeta, a seguir para um complexo de edifícios e palácios magníficos. Aterrissamos numa grande plataforma de pedra localizada na frente de um dos mais belos edifícios que eu já vira. Tinha colunas de alabastro com mais de 240 metros de altura. Partes do edifício pareciam suspensas no ar. O aroma do lugar era maravilhoso, embora indescritível. Árvores e jardins floridos circundavam o lugar. (Seriam necessárias muitas páginas para descrever o lindo planeta de Maldek e sua magnífica arquitetura.) O planeta e suas construções eram deslumbrantes para qualquer pessoa de outro mundo, mas os maldequianos tratavam essas maravilhas de uma forma indiferente e insensível. Todas as edificações haviam sido construídas no passado remoto de acordo com algum plano mestre. Nunca vi nada ser construído; era como se tudo o que quisessem ou viessem a querer já estivesse lá, construído por seus laboriosos ancestrais.

Ao aterrissarmos fomos conduzidos ao palácio. Os assoalhos do primeiro salão nobre em que entramos parecia um profundo oceano verde-amarelado claro com tetos da cor do céu de mais de 2,40 metros de altura. Era silencioso e vazio. Andamos até chegar a uma esteira rolante na qual subimos. A esteira rolante tinha cerca de 5,5 metros de largura e nos deslocou silenciosamente por panoramas esculpidos coloridos com tintas que continham pedras preciosas em pó fundidas a altas temperaturas nas esculturas. Nossa excursão durou cerca de dez minutos e fomos recepcionados por um krate aparentemente desarmado vestindo túnica branca e sandálias de ouro. Ao redor de cada um dos braços, ele trazia enroladas peças na forma de cobras douradas. As cabeças dessas cobras se ligavam aos dedos indicadores. Descobri depois que essas cobras eram, na verdade, armas da guarda do palácio. Podiam ser ativadas com a contração de um dedo, injetando um veneno de ação rápida no corpo de uma pessoa de outro mundo, matando-a instantaneamente. O veneno não tinha efeito sobre os maldequianos.

Fomos escoltados pelo krate ao longo de outro corredor grandioso até uma sala repleta de diferentes tipos de pessoas de outros mundos e de vários maldequianos com ar muito preocupado. Embora a sala estivesse lotada, estava muito silenciosa; todos falavam sussurrando. Havia música suave vindo de uma fonte desconhecida.

Disseram a Alfora e a mim para esperar nessa sala e Sou-Dalf foi para outro lugar com o krate. Descobrimos que as pessoas que esperavam nessa sala estavam ali ou porque houvessem sido convocadas ou porque tinham uma razão pessoal para entrar em contato com o órgão governante maldequiano. Os maldequianos de aspecto preocupado eram alguns dos que haviam sido convocados. Simms andavam pela sala carregando bandejas de bebidas refrescantes de frutas.

Depois de esperar cerca de quatro horas, uma simm elegantemente vestida se aproximou de nós chamando-me pelo nome e me pediu para ir com ela. Alfora e eu a seguimos até um elevador que nos levou para cima a uma daquelas partes do palácio que pareciam suspensas no ar. Nessa plataforma aberta, havia um pequeno carro aéreo com um simm no controle.

A simm, chamada Orbeleen, entrou no carro conosco. Logo nos aproximamos de um complexo de edifícios que se estendia por quilômetros. Os edifícios tinham vários andares e sua arquitetura poderia somente ter sido copiada da memória de alguém que já visitara um lugar construído pelos deuses (elohim). Não consegui compreender como esses lugares poderiam ter sido construídos ou projetados por seres humanos. Então entendi porque um orna maldequiano dizia a um toibe esperar que o toibe visitasse Maldek logo.

Durante várias vidas desde então, visitei outros mundos, até o planeta Nodia, cujo povo posteriormente se tornou o mais implacável adversário dos maldequianos e que já tinham ultrapassado os maldequianos em todas as formas de tecnologia na época de minha primeira vida. Os dois mundos não poderiam ser mais diferentes. As construções nodianas eram grandiosas, mas até hoje são continuamente modificadas, pois os nodianos estão sempre alertas a melhoramentos. Os primeiros nodianos eram uma gente arrogante, mas sua cultura se abrandou com o passar dos anos. Eles possuem senso de humor, mas podem ficar instantaneamente sérios. Atualmente, os nodianos e alguns maldequianos "reformados" se dão bem uns com os outros.

Depois de descermos numa plataforma de aterrissagem rodeada por lindas árvores e plantas em flor, fomos levados a uma casa cujo telhado pontiagudo ficava ao nível do chão e era constantemente banhado por duas cachoeiras iguais. Entramos na casa por uma porta tipo alçapão de cristal vermelho localizada no telhado entre as cachoeiras, a seguir descemos um lance de escada. Era uma casa de diferentes níveis, contendo oito dormitórios espaçosos. O maior dos quartos dava para um despenhadeiro com uma queda de cerca de 180 metros. A única saída dessa mansão era por onde entráramos. Fiquei muitas horas sentado diante de uma janela na grande sala de estar, olhando as belas construções e panorama de Maldek abaixo. Enquanto estava sentado lá contemplei meu futuro e o de Alfora. Fiquei imaginando o que minha família acharia de minha mulher, que nunca haviam visto.

Orbeleen apresentou-nos à nossa equipe de três criados simms, duas jovens e um homem bem mais velho. Levou algum tempo para Alfora entender o que um criado realmente era. Foi uma revelação para uma menina que, há menos de duas semanas, vivia num casebre às margens de um rio a cozinhar peixe numa fogueira.

Os armários estavam repletos de todos os tipos de roupas guardadas em envoltórios transparentes. Algumas eram chamadas de roupas formais por Orbeleen, que disse que nos avisaria quando nos vestir com esses trajes. Antes de nos deixar naquele dia, disse-nos que qualquer pedido que tivéssemos deveria ser transmitido a ela por intermédio do velho simm, Tarnbero.

As outras casas e apartamentos dessa área especial estavam ocupados exclusivamente por pessoas de outros mundos. Gradualmente, conhecemos muitos dos habitantes do complexo. Nós os visitávamos em suas casas e descobrimos que também eram servidos por simms que respondiam diretamente a Orbeleen. O local em que residiam, como o nosso, tinha apenas uma saída e entrada comuns.

Durante os três anos terrestres que passamos em Maldek, nunca saímos do complexo. Nossa vida social girava em torno de reuniões com grupos de outros mundos nas quais partilhávamos informações sobre nossas culturas de origem. Ficamos sabendo da existência de rádio, televisão, fotografia, procedimentos médicos avançados e práticas religiosas. Eu ficava pensando porque os maldequianos não tinham, ou não utilizavam, o conhecimento desses sábios de outros mundos. De fato, nenhum maldequiano jamais compareceu a qualquer desses encontros. Para nós, era como se não existissem maldequianos vivendo em Maldek.

Minha interação com os vários tipos de pessoas de outros mundos no complexo proporcionou-me uma cultura em línguas que eu não poderia ter adquirido em outra parte. A necessidade de saber sobre o que nós, dos diferentes mundos, falávamos tornava necessário aprender rapidamente a linguagem uns dos outros. Minhas habilidades adquiridas em línguas acabaram por ser utilizadas na fase seguinte de minha vida, que se iniciou quando voltei à Terra.

Durante nossa permanência em Maldek, vi apenas três maldequianos. Escoltavam pelo complexo o novo embaixador nodiano designado para Maldek e Terra - Opatel Cre'ator. Naquele dia, ele estava acompanhado por seis homens de sua raça vestidos de uniformes pretos e por seu criado gigante, Corbalslate. O maldequiano conhecido apenas pelo nome simples de Sant foi designado seu intérprete.

Descobri que naquele dia estavam mostrando as acomodações a Opatel e sua equipe. Descobri também que ele recusara o mais opulento palácio do complexo destinado a pessoas de outros mundos. Recusou também vários outros palácios grandiosos fora do complexo. (Sei agora que ele não era o tipo de homem que gostava de entrar e sair por uma única porta.)

Providenciaram para ele uma clareira na montanha próxima ao complexo. Na montanha, ele estacionou uma grande espaçonave circular negra. Em sua fuselagem havia a insígnia da casa de comércio de Cre'ator, um triângulo prateado com um duplo lado esquerdo. Opatel e seus nodianos se abrigaram dentro da nave, a partir da qual também conduziam seus assuntos diplomáticos. Quando as obrigações diplomáticas de Opatel o levavam para a Terra, lá se ia ele com armas e bagagens, por assim dizer.

No período em que permaneci em Maldek, vi duas vezes a nave de Opatel partir e voltar à sua base na montanha

próxima. Nunca pus os olhos em Opatel outra vez enquanto permaneci em Maldek. Cerca de três anos e meio depois, vi-o novamente duas vezes, uma vez em suas funções oficiais na colocação do cume de astrastone na Grande Pirâmide de Mir e outra vez quando conversamos em particular certa noite às margens do Nilo.

No período em que permaneci em Maldek, desfrutamos encontros, conversas e o compartilhamento de conhecimentos com várias pessoas de outros mundos no complexo. Cheguei mesmo a gostar e a admirar os cryberantes, grupo de pessoas que, a princípio, era muito reservado, tentando impressionar todos com o fato de saberem as respostas aos maiores segredos do universo. Por alguma razão que ainda tenho de descobrir,

os maldequianos tinham um pouco mais de respeito pelos cryberantes (que eram ótimos telepatas) do que por qualquer outra raça do universo.

Os cryberantes eram de um planeta que orbitava um sistema solar/estelar localizado na constelação de Lira. Com o passar do tempo, um número considerável de cryberantes foram levados à Terra e empregados pelos maldequianos para esculpir a estátua atualmente chamada Esfinge, sob a qual havia várias câmaras secretas. Sei agora que quando as câmaras foram concluídas, os cryberantes que as construíram foram mortos para impedir que revelassem as localizações das câmaras e suas vias de acesso. Havia outras câmaras não-ocultas sob a Esfinge, e foi em algumas delas que Ruke de Parn e sua família se esconderam quando os krates massacraram todos os envolvidos na construção das pirâmides. (Como sabem, os krates culpavam os construtores das pirâmides pela destruição de seu planeta natal, Maldek.)

Alfora passava grande parte de seu tempo cuidando do jardim, e suas flores eram abundantes e belíssimas. Durante nossa permanência em Maldek, Alfora ficou grávida. Descobri depois que sua condição apressou nossa partida do planeta, pois os maldequianos não desejavam o nascimento de nenhum filho de pessoas de outros mundos em seu mundo natal, se pudessem evitá-lo. Na verdade, durante minha primeira vida, nunca vi uma criança maldequiana com menos de cerca de 12 anos.

O planeta Maldek tinha quatro estações como a Terra, mas cada estação era mais longa pelo fato de Maldek descrever órbita maior ao redor do Sol. Mesmo assim, as atividades de jardinagem de Alfora se estendiam pelo ano todo, pois o clima do complexo era controlado. Durante o inverno, toda a área do complexo era coberta por um campo de força de projeto graciano. Eu gostava dos invernos maldequianos, pois eram uma experiência visual muito bonita. Quando a neve branca que caía entrava em contato com o campo de força, tornava-se num azul luminoso, e então verde. Os fios verdes d'água desciam pela superfície externa do campo em forma de domo, aquecendo-se no percurso. Depois de atingir certa temperatura perto da parte inferior do campo, a água se evaporava formando um jorro de luz amarela e vermelha.

Fomos avisados com dois dias de antecedência por Orbeleen que sairíamos de Maldek para a Terra. Chegamos a nosso ponto de partida à noite e encontramos esperando uma grande espaçonave triangular que não era um veículo graciano, e sim de modelo maldequiano. Os operadores da nave e passageiros eram maldequianos, exceto por Alfora e eu.

A bordo, encontramos-nos novamente com Sou-Dalf que não víamos há três anos. Ele agora vestia o uniforme dos oficiais krates. Sou-Dalf deu pouca atenção a Alfora e a mim, sendo visto na maioria das vezes em companhia de outro oficial krates de posto igual ao seu, cujo nome era Serp-Ponder. (Sou forçado a dizer que, se já houve um maldequiano que passei a admirar, foi Serp-Ponder. Se não fosse por ele, teria sido morto naquela primeira vida e meu corpo jogado na montanha de corpos dos cryberantes mortos para guardar os segredos da Esfinge.)

Quando saímos de Maldek, a única coisa que levamos foi o que trouxéramos e cerca de cem pacotes de sementes de flores. Essas sementes se perderam durante o vôo e nunca mais foram encontradas.

DE VOLTA À TERRA

Nosso vôo de Maldek para a Terra foi bem sossegado. Alfora e eu nos afastamos dos outros e preparávamos nossa própria comida em nossa área de convivência de um cômodo. Fomos deixados a cerca de 4,8 quilômetros de meu povoado natal de Tigrillet sem nem mesmo um até logo. Ficamos no campo aberto com nossos pertences enquanto a nave maldequiana se ergueu, saindo da nossa vista. Confuso, fiquei pensando se deveria ir para a casa dos meus pais ou para a vila dos maldequianos Cro-Swain e Debettine. Decidi ir para a casa de minha família e apresentar minha mulher. Começamos a andar em direção povoado quando o Sol descia no poente. À medida que andávamos, escutávamos os sons dos pássaros noturnos. Os sons das matas a nosso redor fizeram sentir-nos bem por voltar uma vez mais à Terra.

Quando entramos no povoado, encontramos-lo às escuras, embora a vila na montanha estivesse feericamente iluminada, estando agora circundada por diversos outros edifícios de vários andares. Enquanto andávamos pelas ruas desertas, ouvimos alguém cantando e dedilhando um violão. A melodia era uma antiga canção folclórica da Terra, mas a letra fora mudada e traduzida para o idioma de Maldek. Chegando à porta da casa de minha família,

encontrei uma bolsa de bolotas (fruto do carvalho) pendurada na aldrava da porta. Era sinal de que os donos da casa não estavam. Alfora e eu passamos a noite ali. Pelo número de velas queimadas, consegui deduzir que a força elétrica para o povoado estava desligada há bastante tempo.

Na manhã seguinte, andamos em direção à praça do povoado e encontramos as pessoas às voltas com seus afazeres como se tudo estivesse perfeitamente normal. A prefeitura estava vazia exceto por dois krates entretidos num jogo semelhante ao xadrez. Não dissemos nada a eles. Depois de nos informarmos um pouco, descobrimos que minha família agora morava com o irmão mais velho de meu pai, Kanius. A fazenda de tio Kanius ficava a cerca de 19 quilômetros do povoado. A medida que andávamos em direção à fazenda, passamos pela pequena usina de força. A estrada de acesso à usina estava guardada por dois jovens terráqueos sem uniforme que pareciam tão ignóbeis quanto os krates. Lançaram-nos um olhar frio, mas conseguiram dar um sorrisinho quando eu disse olá em maldequiano.

Mais ou menos na metade de nossa viagem, passou por nós uma carruagem puxada por seis cavalos. Seu único passageiro era Deybal Ben-Volar, que já fora chefe de polícia de nosso povoado (meu pai fora seu chefe suplente). Reconheceu-me e pediu-nos para ir com ele, pois estava a caminho de um encontro com meu pai e tio Kanius. Durante a viagem para a fazenda, fez-me perguntas intermináveis sobre minha visita a Maldek. Ficou muito decepcionado ao saber que, durante nossa permanência, ficáramos isolados no complexo destinado às pessoas de outros mundos, pois eu pouco lhe podia contar sobre Maldek ou seu povo nativo. Senti que o amigo de meu pai queria dizer-me algo, mas se conteve, pois ainda não tinha certeza se podia confiar em mim.

Alfora e eu fomos alegremente recebidos por minha família. Estavam nos esperando, pois naquela manhã uma arca com moedas de ouro fora entregue para mim ali por um simm. O dinheiro fora mandado por Cro-Swain em pagamento por meus serviços de acompanhante de Sou-Dalf. Tio Kanius estava espumando de raiva e me aconselhou a guardar um pouco do que ganhara para pagar o imposto que os maldequianos estavam cobrando sobre crianças recém-nascidas. Apenas as crianças cujos pais pagassem tal imposto seriam ensinadas a ler e escrever e teriam permissão de freqüentar a escola. O imposto poderia ser pago a qualquer tempo da vida da criança (juntamente com os juros acumulados).

O PLANO MALDEQUIANO DE CONTROLE

Descobri que durante minha ausência as coisas haviam mudado drasticamente na Terra. Alegando que os nodianos representavam um grande perigo para a Terra e seu povo, os maldequianos declararam lei marcial. Suspenderam as atividades de governo do Conselho de Anciãos da Terra e dizia-se que os templos seriam fechados aos que não pudessem comprar um passe. Centenas de milhares de krates e mercenários de outros mundos tinham sido trazidos para a Terra. Os assim chamados impostos seriam usados para sustentar os “protetores”. Apenas as instalações maldequianas dispunham de energia elétrica.

Qualquer pessoa da Terra que entrasse em contato ou tratasse com alguém de outro mundo que não constasse da lista maldequiana de amigos seria imediatamente preso, e depois, publicamente executado. Uma das coisas que realmente enfureciam meu tio era que os maldequianos queriam que ele tocasse sua fazenda com trabalho escravo. Os escravos eram gente que havia violado alguma regra maldequiana ou que não tinha meios de pagar alguma multa ou imposto ridículo. Meu pai me disse que mais da metade das pessoas que ele conhecera desde menino eram agora escravas dos maldequianos. Dizia-se também que quando a ameaça nodiana passasse, essa gente estaria livre para seguir com suas vidas como antes. Os maldequianos proclamavam que eram medidas de emergência implementadas apenas para fazer frente ao perigo incerto.

Sei agora que esses atos cruéis eram, na verdade, um programa de 315 anos maldequiano para controlar totalmente a Terra e escravizar seus habitantes nativos. A presença de nodianos no sistema solar fez com que desistissem de seu plano em favor de um controle gradual, acelerando-o antes que os nodianos tivessem chance de descobrir e contar o segredo a nós ou a outros povos deste sistema solar, que os maldequianos planejavam derrotar no futuro. Uma semana depois de minha chegada à fazenda, aterrissou um carro aéreo trazendo o simm Rubdus. Trouxe-me uma mensagem de Cro-Swain, que era agora o ditador militar maldequiano da região. A mensagem, escrita no alfabeto maldequiano (que ele sabia que eu podia entender agora) oferecia-me um emprego de tradutor na terra de Mir (Egito). Eu seria pago muito bem por meus serviços e seria dispensado do pagamento de qualquer imposto sobre meu filho que estava para nascer. A oferta de Cro-Swain foi um dos assuntos da reunião mais tarde naquela noite.

LUTADORES PELA LIBERDADE DA TERRA

Naquela reunião estavam Deybal Ben-Volar, tio Kanius, meu pai, dois homens que já tinham sido chefes de

polícia do povoado e eu. Ninguém no grupo estava engolindo a história forjada maldequiana de que os nodianos iriam invadir a Terra. Sabia-se que a usina de força era operacional, embora os maldequianos afirmassem haver sido sabotada por agentes nodianos. Também discutimos o fato de que a escassez de certos tipos de alimentos, remédios e outros materiais era também coisa dos maldequianos. Tínhamos certeza de que esses "problemas" haviam sido inventados para manter a população do planeta desnorteada, confusa e apreensiva à medida que os maldequianos secretamente apertavam o laço no nosso pescoço. No encerramento da reunião, todos concordaram que devíamos resistir aos maldequianos mesmo que fosse à força. Esperávamos que ainda houvesse tempo para espalhar as notícias em todo o mundo e descobrir algum meio de mais uma vez nos governar a nós mesmos. Meu pai sugeriu que tentássemos entrar em contato com os nodianos e pedíssemos seu auxílio para derrotar nossos governantes maldequianos. Todos sabíamos que quem fosse pego fazendo tal contato seria morto, mas concordamos que se devia correr o risco.

Eu era o único do grupo que já vira um nodiano e, como eu poderia entrar em contato com nodianos na terra de Mir e confidencialmente relatar nossa situação a eles, decidiu-se que eu aceitaria a oferta de emprego de Cro-Swain. A única coisa que consegui pensar na hora foi que Alfora poderia visitar sua terra de nascimento e estar com as pessoas que foram seus amigos de infância. Ela estava feliz porque nosso filho nasceria em Mir. Tio Kanius enviou um mensageiro a Cro-Swain com minha aceitação de sua oferta de emprego. Na tarde seguinte, o simm Rubdus chegou de carro aéreo para apanhar Alfora e eu. Fomos levados ao campo onde fomos deixados pela espaçonave maldequiana vários dias antes. Lá encontramos esperando um carro aéreo maior. O operador dessa nave era maldequiano e seus passageiros eram uma combinação de gente da Terra e de cryberantes.

Durante o tempo em que passamos com Rubdus, ele mencionou que ainda tinha cerca de dois anos para cumprir de seu contrato de serviço de dez anos com Cro-Swain, e estava achando muito difícil tolerar a presença e as atitudes cruéis de milhares de krates que agora ocupavam os novos edifícios ao redor da vila. Foi a última vez que vi Rubdus. Fiquei sabendo depois que, ao retornar à vila depois de concluir uma tarefa para Cro-Swain, ele se matara, mergulhando com seu carro aéreo carregado de bombas em um dos quartéis dos krates. Seu ato matou várias centenas de krates, mas em represália todos os simm num raio de 160 quilômetros foram publicamente crucificados. (Descobri também que a carga de explosivos que Rubdus descarregou nos krates naquele dia foi secretamente feita e embarcada em seu carro aéreo por meu pai e meu tio Kanius.)

Quando chegamos a Mir, fomos abrigados ao noroeste da planície (agora chamada Gizé) em meio a um grupo de cerca de 200 cryberantes e 100 pessoas da Terra. A área de moradia graciana e simm ficava a norte de nós e os trabalhadores dos planetóides Relt e de outros locais moravam a leste da planície, próximo do rio. Os maldequianos, quando afinal chegaram em grandes números, moravam bem ao norte nas praias do Mar Mediterrâneo (bem menor do que hoje em dia). Um grupo de cerca de 30 krates acabou por ocupar moradias construídas próximo a um afloramento rochoso que mais tarde seria esculpido na forma da Esfinge original.

Cerca de 24 quilômetros a leste da planície havia um grande povoado de povo nativo da Terra. Era chamado Pankamerry, e seu líder era Cark Ben-Zobey. Todos os negócios que os gracianos tinham com fornecedores de alimentos e outros mercadores eram conduzidos nesse povoado, pois os mercadores eram proibidos de entrar na área das pirâmides. Todas as espaçonaves gracianas tinham o povoado de Pankamerry como local de aterrissagem e de saída da Terra para onde quer que fosse. Como eu e dois assistentes simms fomos incumbidos de prover as necessidades dos cryberantes, de tempos em tempos eu ia aos depósitos de alimentos e visitava minha própria gente.

Eu sabia que se visse um nodiano nunca deveria ser visto falando com ele, então idealizei um plano para recrutar a ajuda de um graciano ou de um cryberante para que notificassem telepaticamente qualquer nodiano de que eu desejava encontrá-lo secretamente. O difícil era encontrar um graciano ou cryberante que eu tivesse certeza que não me entregaria aos krates. Das duas culturas telepáticas, provavelmente um graciano seria mais confiável. Passei muitas noites escutando os gracianos a matraquear números uns com os outros, fingindo entender o que diziam e gostar de seus charutos. Meu verdadeiro objetivo era escolher entre eles um graciano que pudesse, em meu nome, entrar telepaticamente em contato com qualquer nodiano que pudesse ou não aparecer na área.

Ao final de um período de cerca de um mês, minha procura por um conspirador telepático chegou ao fim quando fui abordado por um graciano idoso chamado Ponalix. Perguntou-me sem rodeios o que eu queria. Disse que se tornara óbvio a ele e a muitos de sua espécie que eu estava sempre num estado de muita agitação sempre que ia ver suas reuniões noturnas. Por amizade, ele pensou em me dizer que eu estava sem saber irradiando um sinal emocional de perigo que poderia ser detectado pelos krates. Conteí a Ponalix meu plano de entrar em contato com quaisquer nodianos que viessem para a área. Sem hesitação, concordou em ajudar-me se eu me acalmasse e não entrasse em contato com ele até que me enviasse uma mensagem. Concordei e fui para casa dormir.

Certa tarde, Alfora e eu embarcamos numa barcaça vazia que deveria ser rebocada por carro aéreo rio acima até uma pedreira, onde seria carregada com pedras cortadas para as pirâmides. Alfora tinha certeza de que daria à luz

ao nosso filho muito em breve e queria ficar com as mulheres de sua própria tribo. Da barcaça, podíamos esquadrihar as margens do rio à procura de sua gente, nômades que subiam e desciam o rio pescando e caçando. O carro aéreo deslocou-se lentamente até que perdemos de vista a planície, depois do que o cabo se afrouxou à medida que o carro se deslocava sobre a barca, abaixando-se a cerca de 90 centímetros de nossas cabeças. A porta da nave se abriu e Ponalix pulou na barcaça. O carro aéreo retomou então sua operação de reboque. Ponalix nos disse que encontraríamos o povo de Alfora a cerca de 18 quilômetros mais ao sul e que deveríamos ficar com ele até que entrassem novamente em contato conosco. Ele me disse que providenciara que meu supervisor graciano imediato me concedesse uma licença por tempo indeterminado (mais longa do que a licença de quatro dias que eu arranjava).

O povo de Alfora nos acolheu calorosamente. Mill, o homem que tomara Alfora aos cuidados e proteção de sua família depois dela ficar órfã, estava exultante em nos ver e ficou encantado quando lhe contamos de nossa viagem a Maldek. Ele se lembrou de que já fazia mais de três anos desde que nos vira pela última vez, e ficou pensando, agora que a construção na planície havia afinal se iniciado, quanto tempo levaria para a conclusão. Eu disse a ele que eu tinha ouvido dizer que levaria cerca de dois anos e quatro meses.

Três dias depois de se reunir à sua gente, Alfora deu à luz a uma menina que chamou de Barla. Na noite seguinte, enquanto eu estava sentado conversando com Mill, um adolescente veio ter comigo e deu-me um charuto. Disse-me que o tinha recebido de um homem rio abaixo. Disse-me que o homem falara com ele com um sotaque estranho e lhe dissera para me dizer para encontrá-lo às margens do rio. A noite estava escura quando segui o menino ao local para onde o instruíram a me levar. Primeiro, vi um pequeno barco ancorado perto da praia. Continha quatro pessoas, e eu conseguia apenas distinguir suas silhuetas. Então, sobressaltei-me com a voz baixa de um homem que se dirigiu a mim chamando-me pelo nome. Voltei-me e me deparei com um homem alto vestido de negro, seu capuz adornado com um cordão prateado. Ele disse: "É um prazer conhecê-lo, Jaffer. Sou Opatel Cre'ator. Creio que você tem um sério problema maldequiano. Como posso ajudá-lo?"

Opatel pacientemente escutou-me descrever como nós, da Terra, estávamos sendo metodicamente derrotados e escravizados pelos maldequianos. Depois que pedi auxílio militar dos nodianos para derrotar os maldequianos, ele começou a falar: "Jaffer, você é, na verdade, um representante de um grupo entre muitos do povo da Terra que secretamente vieram a nós com o mesmo pedido. Acredite-me, se estivesse em seu lugar, estaria fazendo exatamente a mesma coisa". "Antes de mais nada, nossa opinião é que seu povo não está sendo derrotado, e sim de fato já está derrotado. Em segundo lugar, nossa tecnologia deu a vocês a falsa impressão de que somos capazes de fornecer a vocês auxílio militar superior. Vocês devem entender que nossas espaçonaves, em razão de seu número esmagador, poderiam destruir a pequena frota espacial maldequiana, mas o que se conseguiria com isso? Ainda restariam milhões de maldequianos na Terra. O que querem que façamos? Conduzir uma guerra terrestre em escala planetária contra eles quando mais de 95% de seu próprio povo não se opõe a seu governo? Além disso, seria impossível convencer os que controlam os vários poderes militares de Nodia a intervir violentamente de forma individual ou coletiva nos assuntos políticos de um planeta de outro sistema solar. Afinal, os maldequianos não lhes causaram problemas."

À medida que escutava Opatel falar, rolavam-me lágrimas pelo rosto. Minhas esperanças e expectativas foram totalmente destruídas. Ele colocou a mão em meu ombro e continuou: "Nem tudo está perdido, meu amigo. Meu meio-irmão mais novo, Rayatis, é o principal diretor de uma casa de comércio nodiana em franca expansão, e discuti com ele os costumes e métodos dos maldequianos várias vezes. Rayatis acredita que, embora os maldequianos não sejam atualmente uma ameaça para nós de Nodia, eles acabarão por se tornar. Portanto, idealizamos um plano de grande alcance para lidar com eles. Primeiro, enviamos um emissário ao mundo natal graciano para estabelecer relações diplomáticas. Usaremos todos os meios que temos disponíveis para convencer os gracianos a não fornecer nem vender mais sua tecnologia avançada aos maldequianos. Temos esperança de que iremos conseguir. Rayatis não se oporá aos esforços das outras duas grandes casas de comércio nodianas para estabelecer bases em Marte, Vênus ou quaisquer planetóides dos quatro rades. É a atitude mais sensata a se tomar, pois se a guerra acabar irrompendo entre nodianos e maldequianos, essas casas de comércio, que em outras circunstâncias competem entre si, se reunirão à casa de comércio de Rayatis para coletivamente proteger seus próprios interesses. A primeira fase do plano é manter os maldequianos sob controle em seu sistema solar natal e reduzir seu poder".

Opatel não acalentava falsas idéias de que os maldequianos se submeteriam a essas medidas nodianas. A questão era quanto tempo levaria para eles contra-atacarem? Só o tempo diria. Enquanto isso, ele concordou em secretamente fornecer a qualquer grupo da Terra o que pudesse para ajudá-lo a minar o governo maldequiano. Avisou que caberia a esses grupos convencer os outros nativos do planeta a rejeitar os costumes dos maldequianos e se juntar ao movimento de resistência, que tinha como meta suprema restituir seus direitos e sua liberdade. Havia muitíssimos elementos complexos relativos ao plano que Opatel e eu discutimos naquela noite às margens do Nilo,

demais para esta narrativa. Mesmo assim, contarei duas informações que recebi naquela noite, pois sei que descrevê-las colocará na melhor perspectiva para o leitor a situação como um todo daquela época.

CONSTRUÇÃO DE MARTE, NOTÍCIAS DE OUTROS CONQUISTADORES

Opatel me disse que enquanto conversávamos, uma equipe graciana de construção, com o apoio de trabalhadores dos planetóides Relt, estava construindo uma grande pirâmide e outras estruturas no planeta Marte. Não se sabia quem estava financiando essa construção, mas ele desconfiava que os maldequianos estivessem por trás. Ele me disse ter sido informado que as pirâmides de Mir e de Marte estavam sendo construídas com as finalidades de curar enfermidades humanas físicas e prolongar a vida. Opatel estava convencido de que as estruturas não estavam sendo construídas com esse fim, mas admitiu ainda não ter descoberto o verdadeiro propósito dos maldequianos. Os gracianos, por outro lado, também pareciam estar no escuro, mas foram invadidos por um tipo de euforia espiritual por eles experimentada sempre que estavam construindo algo cuja forma expressasse os números sagrados que descreviam toda a realidade existente no universo.

Opatel também me informou que as explorações espaciais nodianas os colocaram em contato com muitas raças de outros mundos que apresentavam a mesma atitude superior dos maldequianos em relação a pessoas não-nativas de seus mundos. Algumas dessas "raças superiores" tinham de um modo ou de outro assumido o controle de sistemas solares inteiros, governando com rudeza seus habitantes humanos. Opatel explicou que atualmente estava além dos recursos físicos dos nodianos e de seus aliados encarregar-se diretamente dessas culturas. Acrescentou saber também que chegaria o dia em que algo teria de ser feito por alguém para impedir a união dos povos do lado sombrio numa força conquistadora única que no futuro poderia se espalhar como uma doença e possivelmente dominar todo o universo.

Disse também que se fosse verdade que nós, como humanos, recorporificaríamos depois da morte e viveríamos varias vezes em épocas futuras, seria muito desagradável nascer numa vida futura como escravos dos seres do lado sombrio. Tomou fôlego e disse: “Poderia prosseguir sem parar com todas as formas de especulação sobre o futuro e sobre o que se pode e não se pode fazer e o que acabará sendo necessário fazer em relação aos seres do lado sombrio. Mas tais especulações não ajudarão tirar você e seu povo de sua atual situação. Lidemos com o que sabemos e descubramos o que pudermos sobre os planos reais dos maldequianos, a seguir façamos o que for preciso para impedí-los de fazer coisas ainda piores ao seu mundo”.

Antes de ir embora, Opatel me disse para esperar ser procurado por um homem que seria reconhecido por sua capacidade de impedir a seu bel prazer que sua forma física projetasse sombra. Perguntei a Opatel como o homem conseguia fazer isso. Ele replicou: “Não sei mesmo com certeza, mas acho que ele absorve a energia da luz solar para sua essência interpsíquica”. Opatel então entrou na água e foi até o barco que o esperava. Escutei o ronronar baixo do motor elétrico e observei o barco deslocando-se corrente acima e desaparecendo da vista dentro da escuridão.

Quando a Esfinge foi concluída, tomaram-se providencias para que os cryberantes e os que trabalhavam de perto com eles saíssem da terra de Mir. Como eu era um dos que trabalhavam com os cryberantes, minha família e eu estávamos na lista dos que deveriam partir. Reunimo-nos certa manhã para começar a nossa viagem a pé para o norte até a costa do Mediterrâneo, onde, nos disseram, seríamos transportados para nossos respectivos lares em outras regiões da Terra ou levados a portos onde as pessoas do grupo vindas de outros mundos seriam transportadas a seus mundos natais de espaçonave. Fiquei surpreso ao descobrir que Sou-Dalf e Serp-Ponder, juntamente com cerca de 50 krates de postos inferiores, iriam nos escoltar.

FUGA DA MORTE CERTA

Quando saímos, fiquei de olho num homem que não projetava sombra. No caminho passamos por Serp-Ponder, que se postava altivamente numa colina rochosa e parecia estar nos contando ou nos inspecionando à medida que passávamos. Quando me viu, chamou-me pelo nome e fez sinal para que fosse com ele. Desceu da colina e foi até Alfora, que carregava nossa filha Barla. Olhou o bebê e tocou-o suavemente na testa. Enquanto fazia isso, sussurrou: “Pegue sua mulher e sua filha e vá para Pankamerry. Se querem salvar suas vidas, não vão com Sou-Dalf e os cryberantes. Os cryberantes e todos os que estiverem com eles serão mortos antes de chegarem às praias do mar”.

Pedi então que o seguíssemos, o que fizemos. Levou-nos para trás da colina, passando os guardas krates de perímetro. Deu-me um cantil de água e disse: “Volte daqui a alguns dias e reuna-se ao grupo de gente da Terra que vive ao norte do acampamento graciano. De lá vocês acabarão por ser levados com segurança de Mir para sua terra

natal”. Agradei rapidamente. Sem dizer outra palavra, voltou-se e retornou correndo à sua posição no topo da colina.

A estrada para Pankamerry seguia em meio a uma luxuriante floresta verdejante que existia naquela época. Estávamos andando nessa estrada havia mais de uma hora, quando demos com um homenzinho vestindo calças amarelas sujas e sem camisa, e que parecia estar discutindo com uma árvore num idioma desconhecido. Às vezes batia na árvore com um objeto de metal, que depois vimos tratar-se ser de uma flauta. Quando nos viu, interrompeu seus acessos de cólera e atos violentos e ternamente acariciou a árvore como se confortasse uma criança. Quando o homem foi para o meio da estrada, imediatamente notei que nem ele nem a árvore projetavam sombra, embora nós e todos os outros objetos a nosso redor o fizessem. Sorriu-nos, fez sinal para a árvore e disse perfeitamente em meu idioma materno: “Às vezes é necessário mostrar a elas quem é que manda”. Perguntei seu nome e ele me disse que era simplesmente chamado Aquele Que Não Projeta Sombra .

Enquanto andávamos, ele me disse que eu poderia confiar em Cark Ben-Zobey, o líder da cidade de Pankamerry, ou em qualquer um que ele dissesse que se podia confiar. Aquele que Não Projeta Sombra conhecia meu povoado natal e o movimento de resistência liderado por meu pai, tio Kanius e Beybal Ben-Volar. Disse-me que atualmente eles estavam se escondendo dos maldequianos, que os descobriram depois que Rubdus jogara seu carro aéreo nos quartéis krates. Aconselhou-nos a permanecer em Pankamerry até que Cark Ben-Zobey, tivesse certeza de que era seguro retornarmos ao local de construção da pirâmide. Disse que Opatel Cre'ator e seu irmão Rayatis mandavam suas lembranças e garantias de que tudo estava se encaminhando de acordo com o plano para auxiliar os terráqueos que estavam preparados para resistir ao governo maldequiano, e que seriam feitos todos os esforços possíveis para me manter informado do progresso do plano. Aquele que Não Projeta Sombra entregou, então, a Alfora uma caixinha, dizendo-lhe que era um presente do senhor Opatel. A caixa continha um pequeno triângulo prateado com um duplo lado esquerdo (a insígnia da casa de comércio de Cre'ator). Alfora sensatamente guardou escondido esse tesouro pelo resto daquela vida.

Passamos os dias em Pankamerry como hóspedes de Cark Ben-Zobey, suas duas mulheres e três filhos adultos solteiros. Aquele que Não Projeta Sombra nos visitou diversas vezes, informando-nos sobre o que ouvira de Nodia e o que descobrira sobre as atividades dos maldequianos locais. Foi durante sua primeira visita que ele confirmou que os krates, sob a comando de Sou-Dalf, mataram os desavisados cryberantes e jogaram os corpos no Mediterrâneo. Ficamos com Cark Ben-Zobey e sua família por cerca de nove dias e voltamos à planície. Escolhemos entre as muitas casas vazias abandonadas por seus ocupantes anteriores, que tinham retornado a seus locais de origem ou tinham dado aquele passeio fatal ao norte com Sou-Dalf e seus krates.

No dia em que o cume da Grande Pirâmide de Mir foi colocado em seu lugar, Alfora e eu estávamos entre um grupo de espectadores postados a vários milhares de metros a oeste da estrutura. Entre nós e a pirâmide havia primeiro uma linha de krates e a seguir o muro que fora construído ao redor da pirâmide. No topo desse muro, em cada um de seus cantos, havia um krate, que por algum tempo estiveram ocupados expulsando os trabalhadores dos planetóides Relt de cima do muro, onde estavam empoleirados para ter uma visão melhor dos acontecimentos.

Descobri que as pessoas dos planetóides Relt não foram selecionadas pelos grácianos apenas em razão de seu tamanho e força, e sim também devido à energia psíquica por eles emitida naturalmente que se polarizavam com as frequências de sintonia usadas pelos stofas grácianos para levitar os blocos maciços de pedra. Se uma pessoa como eu tivesse tentado deslocar ou mesmo tocar um bloco levitado, o processo teria se rompido, fazendo com que a pedra se espatifasse no chão.

Uma hora antes do cume ser colocado no lugar, uma espaçonave negra, marcada com um triângulo prateado com um duplo lado esquerdo, aterrissou numa clareira atrás de nós. Da nave saiu Opatel Cre'ator e várias outras pessoas de sua raça. Atravessaram diretamente a multidão em direção à pirâmide. Opatel passou a cerca de 30 centímetros de mim e de Alfora e me olhou diretamente nos olhos. Fez uma expressão facial que facilmente interpretei como: “sei o que os maldequianos estão planejando”. Opatel e seu grupo foram recepcionados por uma tropa de 12 krates carregando uma bandeira branca com a figura de duas cobras douradas uma de frente para a outra. Essa escolta ficou com Opatel durante as cerimônias e durante cada segundo posteriormente até que ele depois entrou em sua nave e voou embora.

O DIA DA DESTRUÇÃO

A época do solstício de verão era feriado mundial na Terra há centenas de anos. A tribo de Alfora também observava o dia e as práticas religiosas inerentes a ele. Saímos na noite anterior para passar o dia rio acima com Mill e sua família. No dia do solstício, fizemos um banquete, demos banho em Barla no rio e orgulhosamente observamos enquanto uma anciã santa da tribo abençoou nossa filha com talismãs e amuletos para garantir uma vida longa e fértil. Mais tarde a mesma sacerdotisa, num transe fraco, informou a tribo reunida que estava

recebendo sensações poderosas de que haveria um acontecimento trágico muito em breve. Disse-nos que nossas vidas nunca mais seriam as mesmas. Mill me disse que devíamos levar muito à sério as sensações espirituais da mulher santa, pois fora ela que lhe dissera anos atrás para abrigar Alfora até que ela fosse levada embora por um estranho de uma terra distante.

Menos de uma hora depois, a Terra tremeu violentamente e ondas vindas do Nilo engolfaram nosso acampamento. Corremos até atingir um terreno mais elevado. De nossa nova localização, observamos centenas de animais e pássaros ribeirinhos correndo e voando em todas as direções. Seus gritos eram ensurdecedores. Ao norte vimos um pilar de fogo vermelho projetando-se no céu azul, que rapidamente se tornava negro. Então viu-se um clarão brilhante de luz branca no céu, e um grande número de pássaros caiu na Terra e no rio. O rio ficou vermelho de sangue enquanto os pássaros eram devorados por crocodilos e outros predadores anfíbios.

O pilar de fogo estava diminuindo quando nós e a tribo partimos para o noroeste em direção à cidade de Pankamerry. No caminho, outras tribos que tinham o mesmo destino se juntaram a nós. Havia em nós um sentimento de que o mundo estava chegando ao fim. O céu era de um cinza escuro e lúgubre. Relampejava continuamente, mas não choveu.

Estávamos muito cansados e assustados e nos sentamos com outras pessoas para repousar. Nessa hora, ouvi chamarem meu nome. Respondi, gritando mais alto que o estrondo dos trovões. Pouco tempo depois, reuniu-se a nós Aquele que Não Projeta Sombra, que nos disse que os maldequianos tinham feito em pedaços seu planeta natal. Admito que na hora fiquei contente ao ouvir isso, mas também fiquei pensando se os nodianos teriam algo a ver com a destruição de Maldek. Enquanto eu estava à beira de um ataque de alegria histórica, fui atraído pelos soluços de minha mulher Alfora. Fui consolá-la, dizendo: “Não chore, os maldequianos mereceram o que aconteceu com eles”. Ela respondeu: “Não é pelos maldequianos que me sinto triste. Estou triste por causa de minhas plantas e lindas flores que deixei para trás em Maldek quando voltamos para casa na Terra. Você acha que o elohim poderia tê-las salvo da destruição?”. Não sabia o que dizer a ela. Consolei-a dizendo que eu a ajudaria a plantar um jardim florido quando conseguíssemos voltar para nosso povoado natal e minha família.

Quando chegamos a Pankamerry, o local estava muito cheio de gente da Terra e de todo tipo de gente de outros mundos. Havia cerca de seis grácianos ali aguardando a chegada da espaçonave que os levaria da Terra, transportando-os para algum outro porto cósmico no espaço. O dia seguinte foi aquele no qual os krates iniciaram seu espetáculo de violência, matando todos na planície que tivessem a mais ligeira relação com a construção das pirâmides. Chegou-nos a notícia em Pankamerry dessas atrocidades e um aviso de que os krates estavam vindo lentamente em nossa direção.

Alguns dos homens da cidade se armaram. Outros de nós decidiram se embrenhar na espessa floresta tropical ao sul. Exatamente no momento em que tomamos nossa decisão de nos deslocar para o sul, a esperada, mas muito atrasada, espaçonave gráciana aterrissou a alguns quilômetros a oeste da cidade. Depois de entrar em contato com a tripulação da nave, fomos aceitos a bordo juntamente com Cark Ben-Zobey e sua família. Os grácianos nos levaram para o nordeste sobre o Mediterrâneo para uma terra que agora faz parte do Iraque. Disseram-nos que retornariam para nos pegar depois de acabarem de pegar os grácianos extraviados e os tirar do perigo. Essa nave nunca retornou.

CONSEQÜÊNCIAS

Passamos vários anos no que era então uma região remota da Terra. Não tínhamos desejo de nos mudar desse autêntico santuário. Conosco havia vários dos povos dos planetóides Relt e algumas pessoas da Terra. De vez em quando alguém contava ter avistado um carro aéreo maldequiano, mas não era freqüente. Certa noite, três grandes luzes sobrevoaram nosso acampamento. Essas luzes desceram no alto de uma colina localizada a cerca de 4,8 quilômetros ao sul. Eu, claro, reconheci nas luzes algum tipo de espaçonave. Debatesmos se devíamos ou não investigar quem estava no controle dessas naves. Alguns de nós homens decidimos ir dar uma olhada na nave sem sermos vistos. Esperávamos que os veículos fossem grácianos ou nodianos e não lotados de krates furiosos. A nave, afinal, era um transportador nodiano proveniente dos planetóides do radiar moribundo Sumer. Estava lá para deixar vários milhares de sumerianos na Terra. Conhecemos o líder dos sumerianos, um homem chamado Trome. [Veja as narrativas de algumas das primeiras vidas de Trome passadas na Terra em "Através de Olhos Alienígenas, Parte 2" da revista AMALUZ de agosto de 1996. - W.B.]

Minha relação com Trome e seu povo foi muito amistosa, existindo até o dia de hoje. Nos meses imediatamente seguintes, centenas de milhares de sumerianos chegaram a Terra em espaçonaves nodianas. Fui convidado a me reunir a um conselho consultivo liderado pelos nodianos Tasper-Kane e seu assistente Abdonel.

A vida com os sumerianos era mais fácil do que fora nos últimos anos. Uma das principais razões era que os sumerianos tinham capacidade de gerar eletricidade. Durante pelo menos dois anos viajei pela Terra com o

conselho num carro aéreo nodiano. Sempre que podia, atuava como intérprete. Uma de nossa viagens nos levou ao meu povoado natal de Tigrillet. Descobri que meu pai e minha mãe ainda estavam vivos, mas que tio Kanius morrera de causas naturais. A vila dos maldequianos e suas construções externas tinham sido totalmente queimadas. Alguns diziam que por alguma razão desconhecida elas foram queimadas pelos próprios maldequianos.

Em uma ocasião visitamos a cidade fantasma de Miradol, encontrando-a totalmente desprovida de vida humana. Naquela mesma viagem, voamos para o sul até a capital do governador geral maldequiano, Her-Rood. O lugar estava repleto de krates e muitos tipos de sobreviventes de outros mundos. Um deles, residente no palácio de Her-Rood, era o embaixador nodiano na Terra. Opatel Cre'ator.

Durante a primeira tarde no palácio, os integrantes de nosso conselho se encontraram com Opatel e resumiram para ele nossas conquistas e planos futuros. Ele, por sua vez, nos disse que as coisas deviam se tornar péssimas na Terra. Os maldequianos sobreviventes tencionavam continuar a governar o povo da Terra, mas isso não era o pior que se esperava. Cientistas nodianos previam que a Terra estava à beira de algumas calamidades geológicas, mas a questão era em que ponto do futuro. O encontro se encerrou com Opatel instruindo o conselho a iniciar a elaboração de planos para tirar o maior número possível de pessoas de outros mundos e de pessoas da Terra do planeta. Disse que estavam sendo tomadas providências em alguns outros sistemas solares para receber toda e qualquer pessoa que fatalmente deixasse o malfadado mundo.

Foram necessários anos para tomar as providências das quais falou Opatel. Eu próprio reuni milhares de pessoas da Terra e as acompanhei a um sistema solar/estelar na constelação das Plêiades, onde foram instaladas juntamente com milhares de marcianos. O planeta (onde estou agora) Mollara é um pouquinho maior do que a Terra, sendo habitado por gente nativa de pele clara de cerca de 1,52 metro de altura. Sempre foram anfitriões bondosos e dispostos. Visitei Mollara oito vezes, cada vez transportando milhares de imigrantes da Terra.

Atualmente, descendentes desses imigrantes e pessoas recorporificadas daquela primeira vida participam do estudo da decrescente Barreira de Freqüência. Lembrem-se, para muitas das pessoas que atualmente vivem em Mollara, bem como para mim, a Terra é realmente nosso mundo natal.

A medida que seguia a movimentação para tirar as pessoas da Terra, os nodianos se mantinham em contato diplomático estreito com os maldequianos que viviam no planeta. Os nodianos nunca perderam as esperanças de que os maldequianos de alguma forma se abrandassem e vivessem em paz com as outras raças do planeta. Mas os maldequianos levaram adiante seu programa de subjugo das outras raças até aquele dia falídico em que as grandes chuvas começaram a cair e o mundo era constantemente sacudido por violentos terremotos.

Pouco antes daquele dia terrível, Alfora, Barla e eu partíramos de carro aéreo em busca de meu pai e minha mãe. Nós e o piloto de nosso carro aéreo (um sumeriano chamado Asentel) os encontramos morando numa casinha nos limites do que antes era a fazenda de tio Kanius. Estávamos felizes por estarmos juntos mais uma vez e passamos horas contando uns aos outros as experiências que vivêramos enquanto ficamos separados uns dos outros.

Depois da refeição, Alfora nos trouxe, aos homens, uma bolsa de charutos gracianos que guardara de nossa época em Mir. Alguns dos charutos, que ela carregara em uma bolsa de pano, estavam tortos, quebrados ou reduzidos a pó. Ela os esparramou na mesa diante ele nós. Algo capturou a luz de uma vela próxima, e eu o tirei do monte de tabaco. Era um pequeno triângulo prateado com um duplo lado esquerdo, a mesma jóia que Aquele que Não projeta Sombra deu a Alfora no dia em que o krates maldequiano Serp-Ponder nos salvou da morte, mandando-nos para a segurança de Pankamerry.

Meu pai acendeu um dos charutos, inalando a fumaça como se os tivesse fumado a vida toda. Ele disse: "Se vivesse tempo suficiente, poderia realmente aprender a apreciar estas coisas." Acabara de terminar sua frase quando a Terra abaixo de nós sacudiu com tal força que o telhado começou a ruir. Conseguimos sair da casa e entrar no carro aéreo, nos apertando no veículo e sentando uns nos colos dos outros.

Asentel levou o carro aéreo a cerca ele 1200 metros, onde havia menos turbulência do que acima e abaixo. Dentro de alguns minutos o carro foi atingido por relâmpagos. O primeiro matou nosso piloto Asentel e o segundo e terceiro raios mataram os que restavam de nós.

Bem, aí estão alguns dos destaques de minha primeira vida na Terra. Vivi muitas vidas no planeta desde então .

JAFFER HOJE

Nasci nesta vida atual no planeta Mollara. Atualmente, ocupo o cargo de conselheiro chefe de comércio da Casa de Cre'ator no planeta Simm. Ainda tenho de encontrar o Rubdus recorporificado que, depois de renascer em seu planeta natal de Simm, tornou-se adulto e saiu de seu mundo natal como empregado de um grupo de gracianos várias anos antes de eu vir para cá e dar início à minha tarefa atual.

Antes ele encerrar esta comunicação, responderei sua múltipla pergunta, ou seja, há quanto tempo foi construída

a Grande Pirâmide ou, em outras palavras, há quanto tempo Maldek explodiu? A resposta única é 252 milhões de anos atrás (acrescentem ou tirem alguns anos). Pensem nisso por um momento. Muitos de vocês, leitores, estão preparados para aceitar (ou acreditar piamente) que eles viveram há milhares de anos em lugares como Atlântida e o que é agora considerado o Egito antigo.

Considerem que os que vivem hoje e viveram antes como atlantes ou egípcios também animaram (em vidos anteriores a essas épocas) formas humanas de vida modificadas pela Barreira de Freqüência conhecidas como Australopithecus afarensis (datado de quatro a cinco milhões de anos atrás) e Australopithecus africanus (datado de 3,5 a 2,5 milhões de anos atrás). A seguir, temos as formas pré-históricas de humanos que sofreram mutação em decorrência da Barreira de Freqüência conhecidas como Homo habilus, Australopithecus robustus e Homo erectus. Acredita-se que esses últimos tipos de humanos modificados tenham vivido há cerca de dois milhões e trezentos mil anos atrás. Acredita-se que os primeiros tipos humanos Neanderthal tenham vivido há cerca de 130 mil anos.

Por mais distantes que esses tempos possam parecer, acreditem-me, são na verdade bem recentes quando comparados ao tempo total (cerca de 11 bilhões de anos) vivido pelos humanos em planetas espalhados por todo o universo. Uma pessoa na Terra hoje poderia dizer: “Não quero morrer. Quero viver para sempre.” Se não fosse pela presença da Barreira de Freqüência, a pessoa dona desse desejo se lembraria de todas as vidas já vividas no passado e não teria lembrança dos breves períodos chamados morte. Entendam, estamos vivendo para sempre, exceto que o início de meu para sempre, bem como o início do para sempre ele muitos dos que estão lendo estas palavras, começou há cerca de 252 milhões de anos - ou talvez até mesmo muito antes disso.

Durante o grande espaço de tempo que se passou desde aquela minha primeira vida, a espécie humana universal avançou um milhão de vezes multiplicado a um milhão multiplicado a um milhão, tanto tecnicamente como em compreensão dos níveis superiores do campo vital universal. Fico feliz em dizer que essas coisas inspiram os desejos dos que querem seguir o caminho do plano mestre do Criador de Tudo O Que É. Fico triste em dizer que os seres do lado sombrio da vida usavam (e atualmente usam) o conhecimento e as grandes conquistas da espécie humana para seguir com sua meta diabólica de conquista universal.

Deixo-os com isto: não existem deuses risonhos que se divertem com as tristezas da humanidade. Ignorem os que falam por eles ou fingem manifestar tais coisas. Também julgo necessário dizer isso: os seres do estado aberto de consciência, inclusive eu mesmo, não são criaturas fugidias residindo em níveis superiores do campo vital universal, nem viemos de alguns universo paralelo, esvoaçando para lá e para cá no tempo. Este é o último bocado de força vital que gastaremos respondendo a tal besteira. Cortem-nos, e nos ferimos e sangramos como vocês. Neguem-nos exatamente as mesmas coisas que sustentam sua vida e morreremos.

Aqueles que pensam que não temos direito algum de corrigir suas falsidades e fantasias de modo que nossos testemunhos oculares tenham uma chance justa nas mentes dos que buscam a verdade, aviso-os, não nos façam seus inimigos, pois humilhamos muitos que quiseram bancar deus. Enfim...

Sou Jaffer Ben-Rob da Terra (Sarus).

“Estava lá quando o fogo da primeira estrela da criação produziu luz e seu criador a abençoou.

Sim, pois no início dos tempos você era uno com o Criador De Tudo O Que É e será novamente.

Sou Styler de Peckrant.”

Antes de prosseguir com minhas recordações de vidas passadas experienciadas na Terra, falarei brevemente de minha vida atual. Como contei anteriormente, sou atualmente o advogado chefe de comércio da casa de comércio nodiana de Cre'ator para o povo do planeta Simm. Meus deveres são, em sua maior parte, diplomáticos, pois mercadorias

entram e saem deste mundo a cada 43 dos anos terrestres, aproximadamente. Chefiou uma equipe de seis: um vitroniano, dois alperianos e três simms. O vitroniano e os alperianos são nativos do sistema Sost, o sistema solar natal dos nodianos.

Quanto mais nos distanciamos do sistema Sost, menos nodianos e outros nativos de Sost encontramos estabelecidos na casa de comércio nodiana, ou em cargos na Federação. Os sistemas solares mais próximos do sistema Sost foram, claro, os primeiros a ser visitados pelos nodianos. Portanto, o povo desses sistemas eram apresentados mais cedo à tecnologia nodiana e estavam também entre os primeiríssimos a receber ofertas de associação com a Federação.

Logicamente, pode-se dizer que existe apenas certo número de nodianos para atender a todos, e eles não podem estar fisicamente em todos as partes ao mesmo tempo. Atualmente, os Senhores de Planejamento não-nodianos de casas de comércio superam em número os nodianos nos mesmos cargos na proporção de vários milhares para um. Muitos dos Senhores de Planejamento não-nodianos baseados em diferentes partes do universo nunca puseram os olhos num nodiano físico.

Em seu planeta natal, cerca de 80% dos nodianos (de uma população de cerca de dois bilhões) estão totalmente envolvidos em atividades na casa de comércio ou na Federação. No entanto, esses nodianos representam apenas cerca de 25% dos seres de outros mundos que vivem em Nodia que ocupam os mesmos cargos. As casas de comércio e a Federação contam com um incontável número de Senhores de Planejamento, com todo o seu conhecimento e recursos individuais, para telepaticamente fazer com que as atividades se desenvolvam de forma mais tranqüila e diplomática humanamente possível. Pode-se comparar esse sistema a uma Internet mental, só que nesse caso os cérebros humanos substituem o computador e as informações são armazenadas em ROMs mentais, não no que vocês chamam de CD-ROMs. Como vêem, a atual tecnologia da Terra está se desenvolvendo naturalmente nesse sentido.

Minha filha Barla de minha primeira vida (e desta vida também) vive no planeta Mollora; é casada com um homem de nossa raça e tem três filhos. Alfora (seu marido) nunca perdeu sua paixão pelo cultivo de coisas. Ela passará os próximos quatro meses simms (com cerca de 36 anos terrestres cada um) em suas estufas, pois o inverno, trazendo neve e chuva à nossa localização planetária, começará muito em breve.

Acrescentarei também que a maioria das pessoas da Federação ignoram o fato de que o planeta Maldek explodiu. A maioria dos que têm conhecimento disso não conseguiriam lhes dizer quando ele se destruiu, nem onde se localizava. Devido ao interesse atual da Federação e do Lado Sombrio na Terra, cada vez mais gente de outros mundos procuram saber o que podem sobre Maldek e a Terra. Estão especialmente interessados nas novas realidades espirituais que estão se manifestando na Terra. Sinto-me orgulhoso pelo fato de que a mais elevada forma de consciência espiritual decretou que meu mundo natal de Sarus (Terra) será o lugar onde essas novas realidades espirituais entrarão no plano de existência tridimensional.

Atualmente, tenho 108 anos terrestres de idade. Todas as minhas outras vidas ocorridas antes de minha vida atual se passaram na Terra durante épocas em que os seres humanos e outras formas de vida do planeta estavam em estágio de involução ou evolução. A vida anterior à minha vida atual se encerrou na América no ano de 1862, quando eu tinha 22 anos de idade.

Posso recordar inúmeras vidas primitivas nas quais testemunhei luzes estranhas atravessando o céu e mesmo épocas em que nós, de raciocínio limitado, pensávamos que essas coisas eram as cabanas voadoras dos deuses criadores do vento, da chuva, do trovão e dos relâmpagos. Nunca vivera durante uma época em que a Barreira de Frequência estivesse fraca o bastante para permitir aos seres humanos do planeta se comunicarem telepaticamente uns com os outros ou com extraterrestres. De fato, houve muito poucas eras douradas como aquelas experienciadas e descritas pelo marciano Senhor Sharmarie, Trome, do radiar Sumer, e Thaler, do radiar Trake. Em vez de relatar a vocês (como muitos outros talvez fizessem) como era assustadora e miserável uma vida primitiva com poderes limitados de raciocínio, contarei a vocês algumas de minhas vidas terrestres passadas em culturas que vocês poderiam reconhecer, culturas que poderiam ser descritas (até certo ponto com exatidão) nos registros escritos históricos da Terra.

Sendo um psíquico nativo da Terra, existe sempre uma grande possibilidade de que depois de minha próxima morte eu possa outra vez nascer na Terra. Se eu renascer na Terra em alguma época futura, esperemos que a Barreira de Frequência tenha se dispersado totalmente e os seres do Lado Sombrio da vida tenham perdido o interesse no povo e nos recursos do planeta.

MOSH, DA IDADE DO FERRO

O nome de minha mãe era Derme e o meu era Mosh. Nunca conheci, nem encontrei meu pai. Nasci cerca de 723 a.C. na região que fica agora no centro-norte da Polônia. Minha mãe me teve com a idade de 12 anos. Ela ficara órfã dois anos antes de meu nascimento, quando seus pais morreram em consequência de um inverno muito rigoroso. Até que minha mãe daquela vida morresse com a idade de 16 anos, eu e ela morávamos com uma mulher idosa chamada Merp.

Quando uma mulher solteira daquela época morria deixando filhos muito novos, as crianças eram em geral sufocadas e enterradas com a mãe. Merp impediu que eu tivesse esse destino. Eu me chamava Mosh porque esta foi uma das primeiras palavras que aprendi a falar e a dizia constantemente. Em nossa língua, "mosh" significava "comer". Merp e eu sobrevivemos cultivando de uma pequena horta e pescando no lago próximo. As vezes, pescadores e caçadores de nosso povoado de 30 famílias nos forneciam peixes e coelhos como pagamento pelo

conserto de suas redes de pesca ou pela confecção, torcendo vários materiais, de linhas e cordões. As peles de animais eram usadas para nos manter aquecidos no inverno. Tínhamos sorte de ter uma casa de madeira de um cômodo que fora construída pelo marido de Merp, que morreu antes de eu nascer. Seu casaco de peles me cobria nas longas noites de inverno e eu o usava quando fiquei grande o bastante.

Com a idade de oito anos, alguns homens sem filhos do povoado me procuraram para ajudá-los com suas armadilhas para animais e a pescar e caçar. Merp não aceitou imediatamente suas ofertas de me empregar, sabendo que quando eu crescesse e ficasse maior poderia cuidar de mim mesmo e sustentá-la, ou exigir maior pagamento de qualquer futuro empregador. Sua estratégia sensata deu certo; nossos suprimentos de alimentos cresceram quando alguns dos homens do povoado passaram a usar comida para influenciar Merp em sua competição por meus serviços. É engraçado recordar que mesmo depois de eu estar grande o suficiente para começar a caçar e pescar sozinho, a cesta de comida de Merp, que ela mantinha do lado de fora, na entrada de nossa casa, era, por força do hábito, enchida de vez em quando por um caçador de coelhos de passagem.

Quando atingi a idade de 13 anos, Merp ficou muito doente e morreu. Fiquei na casa. Passava a maior parte de meu tempo livre na companhia dos homens do povoado, falando sobre caça e pesca.

Certo dia, depois de voltar de uma excursão de caça infrutífera, meus três companheiros e eu encontramos o povoado repleto de estranhos. Traziam armas que depois descobri serem feitas de ferro. Nós, do povoado, tínhamos conhecimento do metal, mas não conseguíamos enxergar o uso prático dele. Nossos anzóis de pesca, pontas de flechas, pontas de lanças e os machados eram feitos de pedra, osso, chifre e pederneira.

O líder dos estranhos se chamava Torge. Estávamos todos boquiabertos pelo fato de alguns estranhos andarem no lombo de cavalos. Eu tinha matado cavalos selvagens muitas vezes com flechas e depois os comido, mas nunca pensara em capturá-los e sair por aí no seu lombo.

Torge e seus homens não falavam nosso idioma, mas depois de algumas horas conseguiram transmitir com gestos de mão que queriam que todos do nosso povoado arrumassem suas coisas e fossem embora com eles. Foram necessários vários dias para nos convencer de que corríamos algum tipo de perigo e que deveríamos nos juntar a eles para nos defendermos mutuamente. Apenas quatro famílias e eu concordamos em ir com Torge. Na época, pensei que sempre poderia voltar se as coisas não corressem a meu gosto. Torge e seus homens estavam muito aborrecidos por não terem transmitido a urgência de sua mensagem a mais gente de meu povo. Eles resmungavam e balançavam a cabeça decepcionados.

Depois de uma semana de viagem na direção norte, chegamos à terra de Torge e seu povo. O lugar era uma cidade fortificada com mais de cem casas e edifícios de troncos. As fortificações (muros) eram construídas de troncos de madeira. No interior dos muros havia rampas feitas de barro e pedras. As ruas da cidade eram construídas de troncos, sendo os espaços entre eles preenchidos com barro e pedras. Logo depois de minha chegada em Bratel, descobri por que as ruas tinham sido construídas com troncos. O povo de Torge tinha carros puxados por cavalos-era a primeira vez que via uma roda, algumas partes das quais eram feitas de ferro. Para toda parte que eu olhava, via algo feito, seja em parte, seja totalmente de ferro, tais como utensílios de cozinha, dobradiças de portas e armas. Calculei que cheguei em Bratel no outono do ano de 707 a.c. , quando tinha cerca de 16 anos. Tinha de encontrar meu próprio abrigo. Depois de andar pela cidade um pouco, cheguei a uma área em que vários homens trabalhavam numa fornalha. Foi com esses homens que encontrei um lugar para morar e trabalhar durante muitos anos durante aquela vida.

Fui empregado primeiro para escavar e carregar minério de ferro em carroças, a seguir levava a carga de volta para a fornalha, onde o minério era derretido e confeccionado em toda sorte de objetos. Os que trabalhavam com ferro eram pagos com casa, comida e roupas por Torge e seu pai Nort, que era considerado o chefe da cidade. O ferro e objetos feitos de ferro eram considerados sinal de riqueza. Também derretíamos cobre e latão, criando uma liga de bronze razoavelmente boa.

Descobri que Torge e seu pai procuravam mais gente para se reunir a eles para fazer frente à ameaça de invasores bem armados vindos do sul e ajudar a proteger sua fortaleza. Com o passar do tempo, gente de outras regiões vieram para Bratel, e ela cresceu para mais de 600 casas. A maioria dessas novas casas eram construídas fora dos muros defensivos da cidade. A reconstrução dos muros da cidade de forma a proteger esses novos moradores estava sempre nos planos, mas devido à extensão do trabalho e ao material necessário, a tarefa nunca foi totalmente realizada.

Um ano depois de eu ter começado a trabalhar na fornalha em Bratel, tomei um esposa de 13 anos chamada Sata. O preço que paguei ao pai dela foi um porco, dois cães, uma panela de ferro (com cabo) e uma pá de ferro. Foi um dos melhores negócios que fiz em toda aquela vida. Tivemos dois filhos, que chamamos Ethbo e Rish.

Torge e o pai Nort faziam um bom negócio com a fabricação e comercialização de artigos de cobre e bronze na forma de jóias e imagens de animais, considerados detentores de poderes mágicos. Certo dia, um homem de maneiras muito estranhas, que chegara recentemente, trouxe à fornalha um minério muito salpicado de um metal

amarelo brilhante. Conseguimos separar o metal (que vocês chamam ouro) do minério (ouro elementar tem um ponto de fusão de 1063° C). Chamamos o metal brilhante de tur. O homem nos mostrou o local onde encontrara o ouro; ficava bem próximo de nossa maior jazida de cobre. Esse homem disse que seu nome era Arbel e que era de uma terra distante ao sudeste, sendo um refugiado da guerra que assolava sua terra natal e fora causada pela dispersão do povo e o recuo dos exércitos, que batalhavam na terra que vocês agora chamam de Assíria. A guerra durou mais de uma década.

Fiquei sabendo muitas coisas de Arbel. Primeiro, ele era assírio por parte de pai, mas o povo de sua mãe viera de uma terra bem ao sul. Ele chamava o lugar "onde o mundo começa." Sei agora que o lugar é atualmente chamado Egito. Arbel disse que se lembrava das histórias da mãe sobre belas construções e montanhas de pedra existentes no local de nascimento dos pais dela.

Arbel também nos contou que em sua terra natal, e em muitas terras das quais ouvira falar, tur (ouro) era muito valioso e se uma pessoa tivesse bastante dele poderia usar roupas refinadas e nunca mais ter de caçar e pescar para si mesmo. Ele também nos disse que os governantes de algumas terras usavam anéis e braceletes de ouro e também anéis nas cabeças. Disse que alguns dos anéis de cabeça eram adornados com pedras coloridas que brilhavam muito à luz do Sol, pedras que eram também muito valiosas para o povo dele. Perguntou-me se eu já vira tais pedras perto da cidade de Bratel. Quando respondi que não, ele disse: "Mosh, algum dia você e eu devemos procurar algumas. Podemos levá-las à minha terra natal, vendê-las e usar anéis de ouro em nossas cabeças." Todos riram. Arbel aparecia todo dia e ficávamos sentados enfeitados na fornalha enquanto ele contava as histórias e lendas de seu povo. Falou-nos de um tempo em que a Terra foi coberta de água e um homem salvou sua família e todos as espécies de animais colocando-os num grande barco até que a água baixasse.

As histórias que mais me interessavam e fascinavam eram as dos deuses dos céus que tinham visitado seu povo no passado distante e ainda ocasionalmente sobrevoavam sua terra natal. Quando nos contou que os deuses do céus voavam em grandes casas de metal maiores do que toda a cidade de Bratel, seus ouvintes ficaram céticos sobre se ele estava dizendo a verdade.

O chefe de nosso grupo, Ock, depois de ouvir sobre as casa de metal voadoras dos deuses do céu, falou: "Se existem essas casas de metal que voam pelo céu como aves, então devem ser feitas de ferro macho." Ock raramente dizia algo, mas quando o fazia, os que trabalhavam com ele prestavam muita atenção. "Perguntei: "Como pode ser isso? Se colocamos ferro na água, ele afunda, não paira no ar." Ock, com ar muito sábio, respondeu: "Há duas formas de ferro. Um tipo que é fêmea e outro que é macho. O tipo de ferro macho anda sozinho e a uma certa distância se liga ao tipo de ferro fêmea. Nós, que trabalhamos aqui na fornalha trabalhamos somente com ferro fêmea. Esperem aqui que vou em casa pegar um pouco de ferro macho. Vocês vão ver que eu sei e posso provar que o que disse é verdade."

Menos de 20 minutos depois, Ock voltou com uma pequena bolsa de couro de cabra. Esvaziou o conteúdo da bolsa no chão à nossa frente. Havia dois pedaços de ferro que pareciam estar ligados (um dos pedaços estava magnetizado). Cada um de nós tentou separar os dois pedaços. Conseguimos, mas nos divertimos vendo os dois de reunirem. (Lembrem-se, estávamos num grupo de homens e então ríamos e fazíamos comentários sexuais que achávamos muito engraçados.) Pegamos vários pedacinhos de ferro fêmea e os dispusemos ao redor do ferro macho para ver se o pedaço de ferro macho gostava de um pedaço de ferro fêmea mais do que dos outros. No final da demonstração de Ock todos acreditávamos na existência dos deuses do céu de Arbel e concordávamos totalmente que eles voavam pelo céu em casas feitas de ferro macho. Ock nos disse que descobrira esse pedaço de ferro macho há muitos anos, antes de vir morar em Bratel. Daquele dia em diante, não se passou um dia sem que alguém aparecesse e pedisse para Ock mostrar dois pedaços de ferro fazendo amor. Ele acabou por fazer com que Arbel recebesse os barulhentos visitantes e lhes contasse a história dos amantes de ferro e também que os amantes de ferro estavam dormindo e não acordariam durante vários meses.

Arbel veio ter comigo com um plano de reunir o máximo de ouro refinado que pudéssemos (pelo menos uma carroça grande), ir para sua terra natal e viver vidas maravilhosas e despreocupadas dali por diante. Quando ele incluiu a possibilidade de que pudéssemos ver ou encontrar os deuses dos céus, concordei com seu plano. Também concordamos que precisaríamos de montanhas de ouro, uma carroça e alguns cavalos. Planejamos viver da terra durante nossa viagem. Sabíamos que talvez levássemos muito tempo para nos preparar para a viagem. Daquele dia em diante, nunca paramos de falar sobre a viagem, o que faríamos e como viveríamos quando chegássemos a nosso destino.

Uma coisa em que Arbel pensou foi ensinar tanto minha mulher Sara como eu a falar seu idioma nativo. Surpreendi Arbel várias vezes ao usar palavras assírias que ele nunca me ensinara. Eu, de algum modo, conhecia essas palavras e seus significados. Era como se eu falasse assírio minha vida toda.

Toda vez em que eu falava com alguém sobre os deuses do céu, ficava muito agitado. Sonhava com eles vindo e me levando para a terra de pirâmides gigantes. Nesses sonhos eu subia pelas laterais brancas polidas das pirâmides

e escorregava nelas repetidas vezes para os braços de pessoinhas negras risonhas.

A mente fértil de Arbel nunca parava de planejar. Ele apresentou os deuses de sua terra natal ao povo de Bratel para criar um novo mercado para ídolos e amuletos mágicos. Quem quisesse um de seus leões ou touros alados com cabeça de homem ou mulher podia comprar um por certa quantidade de ouro. Minha mulher Sata fazia esses objetos de barro cozido e meus filhos a ajudavam a pintá-los.

Ock achava que éramos tolos. Ele conhecia bem ouro e como fundi-lo e moldá-lo em jóias e coisas assim. Aprendera isso na juventude ao aprender o ofício de metalurgia em sua terra natal (que eu acredito ser agora chamada Bulgária). Ele admitia que o metal era bom de se olhar, mas inútil quando comparado com ferro e bronze. Torge e seu pai Nort compartilhavam os sentimentos de Ock e, no início, não atrapalhavam nossa atividade extra. Seus sentimentos acabaram por se modificar.

Arbel ensinou várias pessoas a garimpar os riachos à procura de ouro, usando bateias de ferro e tigelas rasas de barro que, a princípio, ele fornecia de graça e, posteriormente, cobrava. À medida que os garimpeiros de ouro se tornavam peritos, cada vez mais o ouro se tornava parte das vidas do povo de Bratel, e ele começou a usá-lo como moeda. Quando chegou a um ponto em que a pessoa podia trocar com seu vizinho uma pequena quantidade de ouro (na forma de um anel de ouro) por um objeto mais pesado de ferro ou bronze, as coisas começaram a ficar pretas, por assim dizer. Nort e Torge começaram a ficar muito bravos quando perceberam que sua riqueza (na forma de ferro e bronze) e seu negócio de fabricação de artigos feitos desses materiais estavam se desvalorizando, tornando-se menos lucrativos. Para evitar a ruína total, proibiram Ock de fundir qualquer minério que contivesse ouro. Mas isso não o tirou de circulação. Com o tempo, ocorreu a Nort e Torge que era Arbel e eu que originalmente incutíamos o desejo do ouro em lugar do ferro na cabeça do povo da cidade.

Certa tarde de inverno, Nort e um Torge armado de espada vieram à fornalha. Torge gritou conosco, brandindo sua espada no ar. Sentei-me num canto com a cabeça abaixada, esperando por um golpe fatal. Arbel caiu de joelhos diante deles e rezou alto para seus deuses. Depois de certo tempo, Arbel ergueu as mãos e falou rapidamente. Suas palavras fizeram Torge parar de gritar e de brandir sua arma. Arbel permaneceu sentado no chão e falou suavemente aos dois beligerantes, que agora pareciam estar escutando-o atenciosamente. Arbel chamou meu nome e fez sinal para que eu me juntasse ao círculo.

Uma vez mais, os costumes da terra natal de Arbel se mostraram úteis, e nesse caso impediram que Arbel e eu fôssemos feitos em pedaços. Ele apresentou Nort e Torge ao conceito de impostos. Ele simplesmente observou que todos os adultos poderiam ser taxados como se fazia em sua terra natal. Ele também disse para que para tornar o ferro outra vez mais valioso do que o ouro, as pessoas deveriam pagar seu imposto com certo peso de ferro refinado, ou em ouro com duas vezes o peso do ferro. Esse procedimento acabaria por exaurir o suprimento limitado de ouro em circulação e qualquer quantidade que ainda restasse nos riachos das redondezas.

Para forçar as pessoas a pagar os impostos, seriam avisadas de que se deixassem de fazê-lo, seriam expulsas da cidade para o campo para perecer. O inverno era mais propício para falar ao povo da cidade sobre impostos e a penalidade por não pagá-los.

Arbel convenceu Nort e Torge que quando todo o ouro estivesse fora de circulação e no tesouro, ele e eu iríamos embarcar o metal inútil em uma carroça e levá-lo para longe para um lugar onde nunca mais seria um problema para eles. Nort e Torge eram homens sensatos daquela época, mas não (como vocês diriam) cientistas espaciais. Certamente não eram páreo mental para Arbel. Estavam desesperados, então concordaram em encarregar Arbel e a mim do recolhimento dos impostos do povo de Bratel. Pela força das armas acabamos por recolher tributo para eles de povoados localizados a mais de 160 quilômetros de sua capital, que estava cada vez maior. Nunca fui com Arbel em suas incursões no campo. Arbel, o sonhador de muita grandiosidade, tornou-se impiedoso e implacável em sua busca de ouro.

Dentro de cerca de seis anos, todo o ouro que fora encontrado em mais de 20.700 quilômetros quadrados ao redor da cidade de Bratel estava no tesouro de Nort e Torge. Durante esse período, Nort morreu e Torge adquiriu gosto pelo ouro e por artigos feitos dele. Arbel viu que seu plano de levar o ouro que recolhêramos para sua terra natal se transformar em pó.

Torge tinha uma irmã viúva de nome Olma, que tinha um filho chamado Retvo. Tanto Olma como Retvo moravam com Torge e sua mulher Carma. O casal nunca tivera filhos que atingissem a puberdade. Retvo cresceu aos cuidados de Arbel e o acompanhava em muitas de suas campanhas militares e missões de recolhimento de impostos. Certa manhã, a cidade recebeu a notícia de que Torge morrera à noite e que Retvo era agora o cabeça da cidade.

Três dias depois Arbel, minha família e eu supervisionamos o carregamento de três carroças grandes (com cerca de 3,6 metros de comprimento) com cerca de 75% do ouro do tesouro da cidade. Cada uma dessas carroças era puxada por seis cavalos. Três outras carroças puxadas cada uma por dois cavalos levavam comida e outras necessidades. Arbel planejava bem nossa partida, pois era verão e não tínhamos de lutar com a lama. Calculamos

que levaríamos entre dois e três anos e meio para chegar à terra natal de Arbel. Conosco foram 15 homens (guardas) juntamente com suas mulheres e vários filhos.

Viajando para o sul, chegamos ao povoado em que nasci. Fora incendiado totalmente pelo coletores de impostos de Arbel há vários anos. Foi então que percebi quantas pessoas tinham sofrido e morrido para encher nossas três carroças de ouro. Tínhamos de evitar os povoados visitados pelas tropas de Arbel no passado para que os moradores sobreviventes não se vingassem de nosso pequeno grupo.

Por mais de um ano, durante nossa jornada, fomos perseguidos por três arqueiros invisíveis que atiravam três flechas ao mesmo tempo em nosso grupo quando estávamos nos deslocando ou acampados. Esses ataques podiam ocorrer diariamente ou com intervalos de até quatro dias. Às vezes alguém de nosso grupo, um cavalo ou gado era morto ou ferido pelas flechas vindas do nada.

Logo aprendemos a comer ou queimar nosso gado de modo que nossos inimigos não pudessem comer suas carcaças. Muitas vezes, nos entrenhamos nas florestas para procurar e confrontar os fantasmas, mas nunca encontramos o menor vestígio deles.

Os cavalos andavam às vezes em fila indiana em trilhas estreitas. Isso às vezes fazia com que as cordas que puxavam as carroças roçassem em seus flancos, provocando feridas que acabavam por aleijá-los. Acabamos por nos arrear às carroças. Mantínhamo-nos atentos à procura de cavalos selvagens para substituir os que perdíamos devido a dificuldades ou flechas. Como não conseguisse capturar nenhum, Arbel sugeriu que pilhássemos os povoados para obter cavalos e suprimentos, levando humanos cativos como escravos. Foi o que fizemos, e nossas carroças de ouro se deslocaram para o sudeste. Depois que nossas fileiras aumentaram de tamanho, as flechas misteriosas concentraram sua pontaria nos cavalos e gado restantes, e naqueles de nós que estiveram espreitando havia meses.

De repente, os ataques cessaram temporariamente por cerca de seis semanas. Nossos adversários tinham se deslocado bem à frente de nós para cavar e ocultar poços na trilha e preparar avalanches de pedras que poderiam provocar quando estivéssemos em posição vulnerável. As avalanches eram indiscriminadas e mataram muitos dos que escravizáramos. Meu filho mais novo Rish foi morto por pedras que caíram. Minha mulher estava emocionalmente devastada e desapareceu do grupo com meu filho mais velho Ethbo. Arbel tentou me consolar dizendo que minha parte do ouro me compraria mil mulheres em sua terra natal. Não aceitei de modo algum essa tentativa de consolo. Os batedores que enviávamos para procurar poços e outros perigos normalmente nunca voltavam. Ninguém queria a tarefa de batedor.

Quando chegávamos a um rio aprendêramos a explorar a área para determinar se realmente estávamos atravessando o rio ou sem saber nos colocando entre dois braços, o que, claro, significava que teríamos de cruzar o rio duas vezes. Nos rios tínhamos de descarregar e carregar o ouro em nossas costas. Isso levou à decisão de carregar os cavalos e escravos com o ouro e abandonar os carroças. Para fazer esse plano funcionar, precisávamos de mais cavalos e/ou escravos. Quando o inverno chegou, construímos vários abrigos de troncos. Não tínhamos comida para dar aos cavalos, então os comemos e então comemos os escravos. Na primavera seguinte, restavam cinco de nós vivos (todos homens). Dormíamos separados e bem armados, por razões muito óbvias.

Certa manhã clara de primavera, estávamos sentados em nossa pequena montanha de ouro quando veio uma flecha de lugar nenhum e entrou na garganta de Arbel, matando-o instantaneamente. Mais duas flechas incandescentes puseram fogo nos telhados de nossas moradias. Da floresta veio o grito: "Tenny, por Tenny." Esse grito foi seguido de risadas. Uma das vozes era de uma mulher.

Os quatro de nós que restaram se separaram e seguiram seu próprio caminho. Fui em direção à cidade na qual se iniciara nossa jornada de terror, a cidade de Bratel. Deixamos para trás a montanha de ouro. Cheguei a Bratel no outono do ano seguinte. Encontrei minha mulher Sata e filho Ethbo morando com a família de sua irmã. O governante de Bratel ainda era Retvo, a única pessoa que ficara triste ao saber da morte de Arbel. Retvo também estava morrendo de alguma enfermidade desconhecida.

Minha mulher ficou feliz ao me ver e me contou a história de sua viagem de volta a Bratel. Dois dias depois de deixar nosso malfadado grupo, ela e meu filho encontraram os três arqueiros fantasmas, o marido idoso, mulher e filho. O filho da mulher Tenny fora morto durante uma das incursões de coleta de impostos de Arbel. Agiram exclusivamente por vingança. A parte seguinte da história dela me impressionou, mas sua mera presença em Bratel corroborou totalmente sua narrativa.

Depois que se separaram dos arqueiros, viajaram para o norte, procurando os marcos familiares pelo quais passáramos durante nossa excursão ao sul. Certa noite, enquanto dormia, alguém veio até eles silenciosamente e a acordou cutucando-a com o pé. Acordou e viu um homem gigantesco acima dela. Ela disse que o homem falava assírio e lhe disse para não temê-lo. Disse a ela e a meu filho para terem paciência e esperarem com ele um pouco. Ela me disse que o estranho vestia algo que lhe cobria a cabeça e o rosto, de quando em quando na região de seu rosto obscurecido, um pequeno anel de luz pulsava azul e então púrpura por um ou dois segundos. Cerca de 20

minutos depois, um objeto brilhante como uma estrela apareceu no céu. Esse objeto desceu e aterrissou nas florestas próximas. Momentaneamente, produziu uma luz brilhante como o dia, que diminuiu gradualmente até se tornar apenas um brilho suave. Depois ela se lembra de ter acordado a cerca de 500 metros de Bratel. Tanto ela como nosso filho estavam vestindo sapatos e roupas coloridas novas de tecido muito leve. Ambos estávamos convencidos de que ela e meu filho tinham encontrado os deuses do céu de Arbel, que os trouxera de volta ao Tarde sua infância.

Ock acolheu-me de volta para trabalhar na fornalha e, com o passar dos anos, pediu-me para lhe contar nossa viagem para o sul com as três carroças de ouro. À certa altura, superei minha vergonha e lhe contei do canibalismo. Perguntou-me se comêramos Arbel. Quando respondi que não, ele disse: "Ótimo, a carne dele teria envenenado seus corpos, como suas palavras envenenaram sua mente."

Irrompeu um incêndio entre as casas que ficavam do lado de fora da fortificação original da cidade. Era verão e muitos de nós fomos em auxílio das pessoas cujas casas estavam queimando. Entrei numa casa que ainda não estava totalmente engolfada pelas chamas para ajudar uma mulher a retirar alguns de seus pertences. Uma estrutura mais alta próxima da casa desabou, caindo sobre a casa na qual eu estava. O impacto fez com que um ídolo de um deus assírio caísse de uma prateleira, atingindo-me na cabeça. Tonto, caí no chão. Todos pensaram que eu havia saído da casa antes de ela também pegar fogo. Enquanto estava lá estirado sangrando e tentando respirar, percebi que o ídolo que me atingira era feito de ouro e representava o deus assírio do fogo. Nem mesmo tentei gritar por socorro. Morri intoxicado pela fumaça. Tinha cerca de 35 anos de idade.

NISOR DE MOOR

Por trás do véu de caos existe ainda outro e outro desse tipo. Seja sincero, não lisonjeie e nem amaldiçoe falsamente o divino, e posso, então, garantir-lhes que uma vez na vida lhes será oferecida uma oportunidade de saber tudo o que existe para saber e, assim, trazer a vocês a paz espiritual. Se vocês estiverem desconfortáveis dentro da vestimenta de peregrinação (como a maior parte de sua raça), tenham paciência e esperem, pois foi profetizado: os grandes mistérios serão revelados a todos no dia em que o sumo sacerdote de Ra chegará ao meio-dia e gritará:

“Venham todos, aprendam e conheçam, pois Ísis está sem véu.”

-Sou Benagabra de Delment

Sou Nisor de Moor, Senhor de Planejamento 862 da casa de comércio de Magail (divisão da casa de comércio nodiana de Domphey). Meu mundo natal de Moor é o nono planeta do Sol/Estrelas e que não possui sistemas radiars. Depois de várias mudanças em curso, uma viagem a partir de meu sistema estelar natal ao sistema estelar no qual vocês moram levaria cerca de 12,3 dias terrestres pelo veículo de viagens espaciais mais moderno.

Fui escolhido para narrar minhas experiências da primeira vida e dos acontecimentos de várias vidas que passei na Terra no passado, pois fui um dos primeiros emissários da casa de comércio de Domphey a visitar o planeta Vênus (Wayda). E, também, fui um dos que falaram a Churmey e sua gente nas praias do Lago Sann há muitos anos. Estava, também, entre os que foram empregados, depois da destruição de Maldek, para ajudar a deslocar todos de Wayda (Vênus) para a Terra.

Na minha primeira vida passei uma temporada com vários engenheiros grácianos que, com a ajuda de trabalhadores do planetóide Parn (do radiar Relt), construíram a pirâmide de cinco lados e esculpiram a imenso rosto de pedra no local que vocês chamam Cidônia, localizado no planeta que vocês denominam Marte. Posteriormente, naquela mesma vida após a destruição de Maldek, fui alguém desprovido de bens materiais, pobre como vocês denominam, na Terra e trabalhei para o governador maldequiano Her-Rood até cair no seu desagrado. Quando as coisas transpiraram, saí da Terra várias vezes em naves nodianas, e em minha última volta ao planeta continuei como sempre fora e permaneci lá até minha morte.

MOOR

Eu fui o quinto filho nascido do meu pai Tramesent e mãe Ticaree. Nós, de nosso mundo, praticávamos o casamento em clã. Ou seja, todo homem e toda mulher do clã eram considerados casados uns com os outros, mas as relações sexuais eram determinadas por faixa etária. As mulheres não tinham relações pela primeira vez, até que pelo menos seis das mulheres mais velhas do clã dessem permissão. As jovens ficariam, então, livres para escolher seu primeiro homem entre os machos do clã que estivesse na sua faixa etária. Daí por diante, os relacionamentos monogâmicos para o resto da vida poderiam ser estabelecidos por um homem ou mulher, caso quisessem. Os preparativos para a união eram um pouco mais complicados do que eu descrevi, mas pode-se dizer que, inicialmente, as coisas eram controladas por mensageiros ou casamenteiros. Uniões fora do clã eram proibidas.

Praticávamos várias formas de religião, geralmente baseadas em orações dirigidas a nossos ancestrais falecidos, quando pedíamos que falassem em nosso favor às autoridades espirituais que acreditávamos terem criado nosso mundo e também o universo.

Cerca de 45 anos terrestres, antes do início de minha primeira vida, Moor foi devastado por guerras contínuas. Os múltiplos conflitos eram causados por uma seca duradoura causada por poluição industrial da atmosfera mundial. Para se obter água tínhamos que passar pelo controle dos militares. A falta de água necessária para as plantações e o gado resultou em fome e morte de centenas de milhões de pessoas. As árvores secavam numa proporção alarmante. O mundo estava cheio de edificações em ruínas e mananciais bélicos. As guerras haviam parado, pois ninguém tinha mais forças para lutar, e o controle populacional era rigorosamente imposto. A população de Moor acabou se reduzindo para cerca de 200 mil habitantes. A água disponível (de fontes subterrâneas) era encontrada em apenas quatro áreas, e cada uma tinha capacidade para abastecer a necessidade de 50 mil pessoas. Com a escassez da água, que estava se tornando cada vez mais rara, todas as formas de vida não durariam mais do que 15 anos terrestres.

O que restara de meu clã (os shrives) morava perto de uma das fontes de água localizada no hemisfério sul do

mundo. Na época da qual falo, meu pai tinha cerca de oito anos terrestres e minha mãe cerca de cinco.

Meu pai contou-me que certo dia, logo antes do alvorecer, ele e sua família ficaram assustados com várias explosões. No primeiro momento, pensou-se que a guerra irromperia novamente. A distância, era possível se ver nuvens que, a princípio, pareciam com fumaça branca. Deduziu-se, então, que um depósito de munição subterrâneo esquecido havia explodido. A fumaça densa continuou subindo em direção ao céu durante todo o dia e, também, nos dias posteriores.

No décimo quarto dia caiu uma tempestade inesperada. Foi muito breve, não dando tempo para recolher muito da água, antes que evaporasse. Nos 15 dias que se seguiram, choveu três vezes mais. A chuva se tornava, progressiva-mente, mais pesada e duradoura. O reservatório subterrâneo subiu, aproximadamente, seis milímetros. As colunas de fumaça, agora, mais pareciam hastes sólidas que giravam em seus eixos verticais numa velocidade muito alta.

Uma expedição foi enviada para o local do fenômeno. O grupo relatou, via rádio bidirecional, que as hastes de fumaça pareciam chaminés transparentes que saíam de uma cúpula de vidro negro. A cúpula tinha um diâmetro de aproximadamente 457 metros e tinha cerca de 45 metros de altura na parte central. Ninguém se atrevia chegar perto dela, então os integrantes da expedição resolveram ficar observando-a por um dia e uma noite. Retornaram com uma inexplicável sensação de alegria, debaixo de uma prolongada chuva que caía sobre eles.

Teorias e boatos se espalharam, rapidamente, por toda a população sobre o que seria a tal cúpula e quem era o responsável por sua presença. A teoria predominante era de que a cúpula seria o produto de uma intervenção divina e estaria repleta de espíritos de nosso ancestrais. Essa teoria foi motivo de burburinho para os habitantes da cidade. De repente ouviram um zumbido estranho. Era de uma aeronave voando lentamente, um tipo que vocês descreveriam como biplano da Primeira Guerra Mundial. Era pintada com listras negras, vermelhas e brancas. Voou em círculos e, até mesmo, realizou algumas demonstrações de acrobacias antes de partir. As pessoas ficaram completamente confusas.

Alguns dias depois, uma espaçonave grande em forma de disco, pintada da mesma maneira que o biplano, voou silenciosamente por ali, despejando no terreno o que depois mostrou ser uma variedade de sementes. A água da chuva que caiu mais tarde tinha gosto diferente, e as pessoas que a tomaram sentiram mais vitalidade física. As plantas que estavam estéreis começaram a brotar relva, grãos e flores.

Leitos de água, que antes não passavam de correntes secas, passaram a servir de canais de água, direcionando-a para as depressões e transformando-a em poças e, por fim, em lagos. Os insetos foram as primeiras formas de vida animal que ressurgiram do estado de inanição em que se encontravam. No dia em que as hastes de fumaça desapareceram, um grupo de nossa gente que estava acampada perto da cúpula, rezando para nossos ancestrais, testemunharam a cúpula mudar de negra para transparente, permitindo assim, que eles vissem seu interior. A cúpula era ocupada por muitos tipos diferentes de homens e mulheres, estranhamente vestidos, e com altura variando de 1,20 a 2,40 metros. A altura média de um homem de Moor era de cerca de 2,10 metros. Nenhum dos estanhos parecia ser mooriano, fosse vivo ou morto.

Um dos estranhos que pareciam atravessar paredes sólidas da cúpula falou com a multidão em seu idioma nativo, usando um dispositivo eletrônico de amplificação (a cúpula era na verdade um campo de energia e não era realmente sólida). Ele lhes garantiu que nada tinham a temer e os convidou a entrar na cúpula. Naquele momento, quando a hesitante multidão precisou de alguém realmente corajoso para aceitar o convite do estranho, não havia nenhum que se candidatasse, estavam entretidos com música folclórica mooriana, e mesmo sendo interrompida, ocasionalmente, por uma repetidos convites, parecia que ninguém se encorajou.

Duas mulheres idosas (Fogtra e Ermtay) caminharam, heroicamente, na direção da cúpula e entraram nela e, conseqüentemente, nos livros de história moorianos, como as primeiras de nossa raça a ter contato com seres de outros mundos.

O grupo de estranhos era composto de mais de trinta tipos diferentes de raças extraterrestres. Descobriu-se, também, que suas atividades recentes no planeta Moor eram patrocinadas pelas casas de comércio do grupo do planeta Nodia. O sistema solar de Sost, no qual está o planeta Nodia, é identificável como uma estrela de brilho médio quando comparada com as outras estrelas, podendo ser vista nos céus, à noite, de meu mundo natal (mesmo em combinação com a luz do radiação Ampta, que também faz parte do sistema Sost). O líder dos estranhos seres era um homem chamado Rig-Nastbin, cujo pai e mãe eram, respectivamente, nodiano e vitroniano.

Lembrem-se, porém, de que naquela época as casa de comércio de Cre'ator, Vonner e Domphey ainda não estavam formadas e a Federação ainda não existia. Não havia nenhuma diretoria que estivesse em vigor.

A meta desses seres estranhos de vir para Moor e recuperar o planeta das condições em que se encontrava, naquele momento, não foi esclarecido. Nenhum mooriano realmente estava se importando com o objetivo real da vinda deles; estavam gratos demais por terem sido salvos da morte para questionar seus salvadores. Felizmente, os motivos desses seres estranhos eram benignos.

O período que se seguiu, imediatamente, à chegada desses seres estranhos foi denominado de Tempo de

Restauração. Habitantes de outros mundos passaram a visitar Moor, tais como os altamente espirituais Belps, que vinham de um segundo planeta menor do sistema. Trouxeram consigo os conhecimentos da vivência universal e a adoração dos elohim. Durante centenas de anos terrestres que se transcorreram, e com a chegada de mais e mais habitantes novos de outros lugares e cada um com sua maneira de viver, o povo de Moor foi se tornando minoria em seu próprio mundo.

Cada um dos clãs que habitavam Moor recebeu autonomia para dirigir uma indústria, que os seres estranhos os ajudaram a iniciar. Sempre que alguma outra indústria tinha possibilidade de se montada, por dois ou mais integrantes das indústrias originais, os clãs que realizavam a nova empresa dividiam os lucros por igual. Os seres estranhos podiam trabalhar para um dão mooriano, mas não possuíam propriedade alguma em quaisquer empreendimentos comerciais moorianos. À medida que a população de Moor crescia, o número de seres estranhos diminuía, pois eram mandados de volta a seus respectivos mundos natais pelas normas da Federação (depois da fundação desta organização). Hoje, os moorianos definitivamente superam em número os seres estranhos, que atualmente ainda moram em Moor. Qualquer ser estranho que habite em Moor hoje são funcionários da Federação ou da casa de comércio de Domphey.

Gradualmente, a recém-fundada Casa de Domphey encampou as várias atividades dos seres estranhos e firmou contratos com os diversos clãs que produziam independentemente. Em troca, Domphey forneceu a especialização e tecnologia avançadíssima para a reconstrução de cidades deste planeta. As velhas cidades não foram restauradas, e sim deixadas virar poeira. Foram construídos povoados e cidades, novos bem projetados, para os milhares de habitantes de Moor e, que com o tempo, cresceram demasiado para acomodar milhões deles, como hoje.

Nasci cerca de 20 anos depois do início do período de restauração. O clã shrive (ao qual eu pertencia) controlava todas as formas de transporte terrestre e aquático. O transporte aéreo permaneceu sob controle da casa de comércio de Domphey por cerca de 20 anos terrestres, antes que o setor fosse igualmente dividido entre todos os clãs.

A casa de comércio queria ter certeza de que não existia ressentimentos entre qualquer um dos clãs, por causa de guerras passadas. Não queriam ver nenhum clã, que ainda tivesse algum ressentimento e propenso à vingança, jogando bombas em qualquer outro clã.

Quando a casa de comércio dividiu as indústrias de construção de espaçonaves ou de transporte aéreo entre os clãs, fez de tal maneira que qualquer um seria capaz de fechar a indústria do outro, caso não produzisse ou cooperasse.

Quando eu estava com 14 anos de idade, a Casa de Domphey enviou para todos os clãs um comunicado, que aceitaria homens qualificados e mulheres de nossa raça para serem treinados a viajar pelo espaço e, conseqüentemente, entrar em contato com raças de outros mundos em nome da organização de comércio. Os diretores escolhidos de meu clã providenciaram, rapidamente, vários homens e várias mulheres de minha faixa etária para que fossem testados. Passei no exame escrito e esperei, praticamente, um ano mooriano (cerca de 409 dias terrestres e de cerca de 28 horas terrestres cada um), para que me comunicassem que eu fora contratado pela Casa de Domphey.

Minha contratação tinha uma condição: que eu me casasse com uma mulher de minha própria raça e que ela me acompanhasse de maneira que fossemos treinados como uma equipe. Os diretores do clã, levaram bastante tempo para encontrar uma jovem que me aceitasse como marido.

Finalmente apareceu uma garota, que também passara no teste Domphey e estava às voltas com o mesmo problema em encontrar um marido, relutantemente aceitou tornar-se minha mulher. No início, não nos suportávamos, mas depois nos apaixonamos profundamente, depois de passarmos um tempo considerável apoiando, emocionalmente, um ao outro quando fizemos a jornada para um futuro desconhecido. Três semanas terrestres mais ou menos depois de Ivatcala, esse era o seu nome, concordou em ser minha mulher, vestimo-nos com nossos uniformes cinza claros, fornecidos pela casa de comércio, e subimos uma rampa com mais seis casais para uma espaçonave de Domphey. Cada recrutado carregava uma mala pessoal. Pelo que me lembro, Ivatcala correu rapidamente na frente de todos nós, para reivindicar a honra de ser a primeira de nós todos a subir na espaçonave, deixando-me com a minha mala e a dela.

A nave estelar elevou-se lentamente no começo, dando-nos uma visão de nosso mundo de um ponto privilegiado que nunca tivéramos antes. Num instante, Moor se transformou num ponto brilhante de cerca do tamanho da cabeça de um alfinete, e o sol de nosso sistema ficou do tamanho de uma noz, transformando-se num pequeno ponto de luz, que desapareceu entre as milhões de estrelas que preenchiam nosso campo de visão. De repente, as estrelas desapareceram e nos encontramos perscrutando um vazio infinitamente negro.

Nos primeiro minutos, ficamos assustados e nos sentindo, imensamente, sozinhos. Ivatcala agarrou, fortemente, minha mão e suas unhas da outra mão penetraram na manga de minha túnica que se enterraram, profundamente, no meu braço. De repente, o espaço ao redor da nave estava repleto de estrelas.

Cerca de vinte minutos depois, a espaçonave orbitou ao redor de um planeta fazendo mais de trinta voltas em

torno de um eixo, cada uma durando cerca de duas horas. Havia passado cerca de quarenta minutos terrestres do ponto de partida até a hora em que a espaçonave retornou, iniciando sua órbita normal.

De repente, fomos conduzidos por um por um colega mooriano pequeno que nunca conhecêramos antes. Levou-nos à presença de uma mulher alta e magra, que não tinha nem um fio de cabelo na cabeça. Usava uma vestimenta simples verde escura, adornado por um cinto desenhado com pássaros dourados com olhos de pedras verdes brilhantes. O nome da mulher era Fan. Conforme ia falando, com os olhos fechados, sua cabeça se voltava na direção de cada um de nós e, gentilmente, nos dando as boas-vindas, individualmente, nos chamando pelo nome. Ela sempre antecedia um nome da pessoa primeiro declarando sua raça, por exemplo: “Mooriano Nisor, mooriana Ivatcala.”

Percebi que Fan tinha apenas quatro dedos em cada mão. Em todos os dedos havia anéis com pedras grandes e brilhantes. Nunca tínhamos visto tais pedras antes e seu brilho era deslumbrante. Depois de nos dar as boas-vindas, perguntou-nos se estávamos prontos para uma surpresa. Ninguém respondeu. Colocou as mãos cheias de jóias na frente dos olhos e, lentamente, abaixou as mãos, abrindo-os e, para nossa surpresa, a cor de seus olhos era amarelo vivo. Nós, de Moor, tínhamos olhos azuis, castanhos, cinzas ou negros — o fato é que, em nosso mundo, a cor dos cabelos e dos olhos da pessoa podiam ser úteis para identificar o clã de uma pessoa.

Fan nos comunicou que seria nossa instrutora. Depois ela nos disse que viera de um mundo chamado Ath. O sistema estelar onde Ath existia era conhecido como sistema Mel. Descobrimos com o tempo, que Fan era considerada uma pessoa muito importante pelos diretores da casa de comércio de Domphey, assim como sua filha Frate, que na época ocupava o cargo de oitava Senhora de Planejamento da casa de comércio.

Fan tinha poderes telepáticos excepcionalmente aguçados. Nós, de Moor, conhecíamos a habilidade da comunicação telepática, esta habilidade sempre existira em nós, mas nunca fomos capazes de praticar a arte com muito sucesso. Durante o Tempo da Restauração, em Moor, era muito frustrante ficar observando os diversos seres estranhos, que lá se encontravam, se comunicando telepaticamente uns com os outros, e com outros de mundos diferentes que estavam localizados distante do universo. Quando Fan deu por terminada sua missão conosco, nós, de Moor, fomos considerados os melhores telepatas da casa de comércio de Domphey. Aquele treinamento da primeira vida me foi extremamente útil em muitas das minhas vidas e ainda serve nesta atual vida. (Como estou me saindo?)

O planeta para onde nos dirigimos, depois de nosso primeiro vôo espacial de Moor, era chamado Vass por seus habitantes. Tratava-se de um mundo, superiormente, desenvolvido em comparação com Moor, mesmo antes das guerras mundiais, mesmo depois que foi restaurado.

O alto desenvolvimento de Vass se deve, totalmente, à engenhosidade de seu povo e o respeito que eles têm uns pelos outros e às forças da espiritualidade superiores que existiam no universo. Eles eram, naquela época e agora, fantásticos na resolução de muitos problemas complexos que poderiam surgir em relação a qualquer assunto, por mais complicado que parecesse. Carlos Domphey reconhecia, prontamente um bom aliado, quando encontrava com um, como os aliados do planeta Vass.

Ao aterrissarmos em Vass, fomos informados de que seríamos alojados em um complexo de edifícios (como as universidades que conhecemos na Terra), no qual aprenderíamos nossas profissões futuras. Ficamos surpresos ao descobrir que o Senhor Domphey e sua mulher Anta, também moravam lá e não em seu mundo natal de Nodia. (Não era tão surpreendente depois que descobrimos que Nodia ficava a apenas três horas de viagem por vôo espacial de Vass.)

Descobrimos muito sobre como realizar contato inicial com os habitantes de outros mundos. Os mundos, que apresentavam alguma forma de viabilidade econômica, eram isolados das listas de milhares de mundos não tão promissores. Os mundos faziam parte das listas de contatos pois eram acessíveis para a base planetária Domphey de operações. Havia apenas cerca de dezoito dessas bases existentes naquela primeira vida. Atualmente, o número dessas bases é astronômico. Existem mais de dez milhões de bases Domphey de operações, somente, nesta galáxia, e o mesmo número em cerca de 250 milhões a mais em outras galáxias.

[Nisor divertiu-se com minha tentativa de compreender a vastidão do atual sistema econômico de Domphey e acrescentou o seguinte - W.B.] Não era minha intenção embasbacá-lo como fiz, mas há o mesmo número dessas bases de operações administradas pelas casas de Cre'ator, Vonner e milhões de outras casa de comércio, cujos nomes não seriam reconhecidos.

Foi a localização de meu mundo atual de Moor, e o fato de que formaríamos uma boa base de operações econômicas, que fizeram com que os seres estranhos comerciantes se esforçassem para restaurar o planeta para que tivessem condições habitáveis. Os únicos visitantes (os que fizeram o primeiro contato com meu povo) eram denominados povos da segunda fase. Vários anos de estudos secretos de primeira fase de nossa raça precederam sua chegada. E os da segunda fase não faziam parte da Casa de Domphey, eram sim contratados como autônomos especializados para tais operações, mas que, às vezes, eram muito perigosas e em alguns casos fatais.

Para eliminar os intermediários e acelerar as operações de segunda fase, os diretores da casa de comércio

decidiram, eles mesmos, acabar com sua própria equipe de segundas fases. Ivatcala e eu estávamos entre os primeiros a ser treinados pela Casa de Domphey para cuidar das situações e problemas de contato com os que eram de segunda fase.

Ivatcala e eu fomos alojados, em um de vários apartamentos de quatro cômodos, acima das diversas salas de aulas, laboratórios e um auditório. Abaixo dessas instalações, havia diversas câmaras e cubículos de estudo de ROM. Todos nós, os que foram treinados, fazíamos nossas refeições em uma sala de jantar semelhante a um restaurante da Terra.

Três dias depois de nossa chegada em Vass, fomos levados a bordo de um carro aéreo, com Fan nos controles. Depois de um curto vôo, aterrissamos no gramado de uma casa composta de três cúpulas brancas. Duas dessas cúpulas tinha o tamanho igual, e a terceira cúpula tinha cerca de trinta metros de diâmetro, cerca de duas vezes maior que as outras duas cúpulas menores.

Quando saímos do carro aéreo para o gramado, a grama sob nosso pés, embora natural, parecia esponja de borracha. Uma das cúpulas menores se dividia em duas e se separava, mostrando um interior elegante com uma bela decoração. Fan nos informou, previamente, de nosso convite para a casa de Carlos Domphey e nos instruíra a nos comportarmos da melhor forma possível. Fan gostava de nos surpreender, mas nesse caso resolveu que era melhor nos preparar, para não nos surpreendermos com algo que pudéssemos fazer de inconveniente.

Podia-se ver sentados dois nodianos em um grande sofá, pois a visibilidade nos permitia isto, por ser cúpula transparente. Além da cúpula havia vários terraços cobertos de plantas, abaixo dos quais havia uma grande piscina onde estavam cerca de 30 crianças nadando. Eram cuidadas por três lindas nodianas e várias mulheres igualmente belas de nosso mundo anfitrião de Vass. Os nodianos estavam rindo enquanto observavam as crianças brincando. Quando chegamos a três metros se voltaram, para nós, sorrindo. O único que falava nosso idioma, com um sotaque acentuado, era Carlos Domphey, fundador e primeiro Senhor de Planejamento da Casa de Domphey. Olhou-nos com uma certa arrogância e disse: “Nisor, deixe-me ver sua manga.” Pegou meu braço e correu o dedo por cima dos três pequenos orifícios que as unhas de Ivatcala haviam feito quando nossa espaçonave passou entre as lentes solares e tivemos a experiência, assustadora, de olhar para o vazio infinito. Pediu-me para tirar minha túnica e dá-la ao outro nodiano que estava a seu lado silencioso. O segundo homem foi depois identificado como Treno Domphey, o irmão do primeiro Senhor. Treno pegou um objeto que parecia um furador de gelo e perfurou a túnica várias vezes. Depois de examinar, nenhum dos orifícios pode ser encontrado, exceto os feitos pelas unhas de Ivatcala. O Senhor Domphey balançou cabeça e se dirigiu a Ivatcala, depois fez uma grande reverência de respeito. “Minha jovem, o único modo de esses orifícios poderem ter sido feitos por suas unhas seria se, o ato fosse acompanhado por uma emissão de energia vril de macronível que você obteve do reino dos elohim. Você é uma pessoa muito excepcional. Se desejar, trarei a você os que puderem ser úteis em ajudá-la mais a desenvolver sua capacidade de percepção nesses reinos superiores do campo vital universal. Não farei isso para usar você e sua capacidade extremamente sagrada, pois você é digna de mais riqueza do que eu tenho ou terei se eu viver mil anos.” Ele se curvou outra vez. Então deu um Sorriso largo e disse: “Vamos nadar.”

Quando estávamos para sair da área, voltei-me para observar Treno Domphey que mais uma vez tentara produzir orifícios em minha túnica. Quando me viu observando, ele deu uma risada sem graça e jogou a vestimenta para o alto jogando-a por trás de minhas costas. Saímos da sala pelas escadas que levavam para baixo da cúpula para uma área, na qual nós vestimos o que vocês chamariam de calções de banho. Essas peças eram fornecidas por causa de nossa modéstia mooriana; os nodianos normalmente nadavam nus.

Durante o restante da tarde (cerca de cinco horas terrestres) recebemos aulas, de natação pois nenhum de nós nunca aprendera a nadar. Senhor Domphey nadava em círculos a nosso redor e brincava com as crianças. Ele, relutantemente, nos deixou quando duas nodianas apareceram no terraço superior e começaram a descer em direção à piscina. Eram as Senhoras Domphey e Cre’ator, esta última mulher do concorrente amistoso de Senhor Domphey, Rayatis Cre’ator. As belezas nodianas pararam num dos terraços e não foram à beira da piscina. Com elas havia um homem alto, de pele bronzeada e cabelos negros como carvão e, também havia uma criança nodiana engatinhando. Veio à beira da piscina e atirou a criança nua na água. Enquanto a menina voava pelo ar, teve tempo para gritar: “Vou contar para a mamãeee.” Sharmarie [narrador da Parte 1 desta série], o gigante vermelho de saia de couro, uma vez satisfeito de a criança ter chegado à superfície e estar nadando como um peixe, voltou-se e foi embora. A fada da água nodiana o chamou: “Sharmarie, para onde está indo?” Ele replicou:

“Pegar uma pedra grande para você segurar nela.” Depois ele entrou na piscina e conduziu corridas de natação para as crianças. Quando o sol se pôs, o marciano sentou-se no mais inferior dos terraços, embalando a pequena nodiana que dormia em seus braços. Uma babá nodiana pegou dele a criança. Depois disso, um nodiano que estivera, pacientemente, esperando deu a Sharmarie suas sandálias, blusa e par de pistolas de prata, que ele colocou no cinto ao redor de seu peito. Ele e o nodiano seguiram a babá e a criança para o terraço superior e, então, desapareceram dentro da cúpula.

Fizemos uma deliciosa refeição de frutos do mar e voltamos pra casa num carro aéreo, cantando enquanto

voávamos, e tomamos banho de luz das luas gêmeas de Vass.

Ivatcala recebeu visitas de pessoas que a princípio pensamos ser as mais estranhas do universo. Algumas vieram e se foram sem dizer palavra. Outras estudaram minha mulher com respeitosa admiração. Ivatcala acabou por se irritar com seus visitantes incontáveis e disse a Fan que não queria conhecer mais nenhum deles. Fan pediu que ela conhecesse apenas mais um deles, então Ivatcala concordou com relutância. Certa noite, depois de um dia de aulas, entramos em nosso apartamento e encontramos um homenzinho vestido com um roupão desmantelado e sujo sentado no chão. De um cordão ao redor de seu pescoço pendia uma medalhão com os números 63-92 pintados, grosseiramente, de um lado. O estranho pediu que não falássemos. Olhou para minha mulher e disse: “Espere, sagrada mulher, até que você se torne bem mais velha e tenha adquirido maior sabedoria antes de procurar entender os mistérios dos elohim. Saberá que chegou a hora, quando num momento de silêncio ouvir o som de um sino de cristal e, então, o som de uma harpa substituindo o som de um trovão depois de um relâmpago.”

Ele então pediu três taças para beber algo, que encheu de sua cabaça com um líquido que parecia ouro derretido. A bebida parecia conhaque de pêssego. Ele colocou a cabaça numa mesa e murmurou uma oração num idioma que Ivatcala e eu não compreendemos. Ele desapareceu, e notamos que deixara sua cabaça para trás. Então, a voz suave, sem corpo de 63-92 chegou a nossos ouvidos de todas as direções: “esqueci minha cabaça.” A cabaça pareceu se derreter como gelo num vapor ascendente que desapareceu diante de nossos olhos. Ficamos estupefatos, pois nunca presenciáramos algo tão mágico (e raramente o fizemos nas vidas que se seguiam).

Depois de treinarmos para usar a telepatia e aprender tudo que pudemos sobre segunda fase, idealizamos planos baseados em dados fornecidos por primeiras fases fictícias referentes a várias culturas imaginárias. Desempenhamos vários cenários nos quais fizemos o máximo para responder a emergências repentinas. Depois de nosso período de treinamento, que durou cerca de dois anos terrestres, dissemos adeus a Fan, que estava visivelmente orgulhosa de nós quando estávamos a bordo de uma pequena espaçonave que partia para o planeta Nodia. As palavras finais de Fan foram: “Não tentem a segunda fase das crianças nodianas.”

Fizemos uma breve estada em Nodia. Aventurando-nos para fora de nossa área de convivência no complexo Domphey que era confuso. Todos pareciam estar vivendo à beira e sob a tensão de alguma urgência extrema. A paz de Vass foi muito proveitosa. Havia muitas áreas no planeta controladas por outras casas de comércio nas quais não tínhamos permissão de entrar. Gente de outros mundos ultrapassavam em número os nodianos em cerca de 150 para 1. O nodiano médio não gostava do fato de suas vidas pessoais serem, constantemente, perturbadas pela presença de tantos seres estranhos, com modos de vida e costumes que, em alguns casos, eram chocantes. O nodiano nativo tinha pouco de bom a dizer sobre as casas de comércio ou qualquer pessoa que trabalhava para elas. Mas isso foi naquela época. Hoje eu preferiria Nodia a qualquer outro mundo que conheço.

Depois de uma viagem ao planetóide de Vitron, que orbitava o radiar Ampt que, por sua vez, girava ao redor do sol/estrela Sost, embarcamos numa espaçonave rumo ao sistema solar/estelar com quatro rades gigantes e quatro planetas interiores atualmente chamados Vênus, Terra, Marte e Maldek.

Nosso destino exato era a lua única do planeta Wayda (Vênus). Estávamos atendendo a um convite transmitido por rádio recebido cerca de 11 anos terrestres antes. Não esperávamos problemas por parte dos habitantes da lua waydiana, mas para evitar intimidar a cultura, aterrissamos numa pequena nave, vestindo-nos com roupas nativas confeccionadas conforme modelos fornecidos pela equipe de primeira fase. Um dos integrantes de nossa equipe de dez pessoas sabia falar e escrever o idioma deles. Dois outros estavam familiarizados com o idioma dos que habitavam o próprio planeta.

A população da lua waydiana era de menos de 100 mil pessoas. Tiravam seu sustento do cultivo de hortaliças. Seu transporte era feito por carros movidos a energia elétrica e tinham telefones. Essa tecnologia não existia no planeta orbitado por essa lua. Wayda fora escolhido como um mundo para o estabelecimento de uma base de operações econômicas de Domphey. Sabia-se que o solo rico do planeta produzia grãos excedentes em abundância.

Fomos calorosamente recebidos pelos waydianos e nos oferecemos para levar alguns deles conosco quando aterrissássemos ali. Os que iriam conosco foram selecionados por sorteio.

Usamos o mesmo tipo de aproximação quando aterrissamos em Wayda, nos arredores da capital mundial de Ansomere. Não desembarcamos logo, e sim esperamos até sermos descobertos.

Certa tarde, um waydiano corajoso veio até nosso veículo e bateu na escotilha. Olhamos uns para os outros achando graça, e nosso líder nodiano Morris disse: “Bem, acho que já é hora de conhecermos os waydianos.” Os primeiros a sair da nave foram dois homens que trouxéramos da lua waydiana, que eram exatamente iguais aos nativos do mundo maior, mas não falavam o idioma do pastor waydiano que batera na escotilha. Sabendo disso, ensináramos nossos aliados a dizer: “Olá, não tenham medo. Esperem, temos alguém que sabe falar sua língua.” Nosso intérprete falou com o pastor de dentro da nave e preparou o waydiano para o fato de que no começo poderíamos lhe parecer estranhos. Quando saímos do veículo, o pastor waydiano não demonstrou sinal de medo ou apreensão. De fato, tratou-nos como se nos conhecesse a vida toda. Ofereceu-se para ajudar-nos no que pudesse. Disse-nos que não poderia deixar seus animais e sugeriu que tomássemos uma trilha próxima que levava à sua

casa. Disse-nos para dizer às suas três mulheres que ele nos mandara e que uma delas deveria nos acompanhar à cidade de Ansomore. Despedimo-nos e ele prometeu-nos tomar conta de nossa espaçonave. Quando o deixamos, estava olhando seu reflexo na fuselagem prateada polida do veículo.

As mulheres do pastor não ficaram mais abaladas emocionalmente com nossa presença do que seu marido. Ficamos esperando enquanto uma de suas mulheres, chamada Gretrama, trocava de roupa e se penteava. Nesse tempo, as outras senhoras da casa nos ofereceram comida e bebida. As crianças da família nos ofereceram brinquedos e vários tipos de animais de criação. Nosso chefe de cerimonial nos recomendou aceitar pelo menos um presente das crianças. Escolhemos uma ave semelhante à galinha terrestre. Acho que as crianças ficaram felizes por escolhermos a galinha, em vez de um de seus brinquedos. Levei a inquieta ave por vários quilômetros até deixá-la escapar nas ruas de Ansomore.

Vários dos waydianos pelos quais passamos na rua perguntaram a Gretrama quem éramos nós. Ela respondia com a afirmação: “São visitantes de outro mundo.” Os que haviam perguntado em geral exclamavam: “É mesmo?” ou “Bem que desconfiei.”

O som dos sussurros dos waydianos contando a outros waydianos quem éramos nos acompanhava enquanto andávamos rumo ao centro da cidade. Se um de nós se virasse para olhar a multidão, paravam de falar, ficavam em silêncio e começavam a pentear os cabelos ou os cabelos de alguém que estivesse por pelo. Três vezes minha ave me foi devolvida. Depois da terceira vez, ficamos com a ave como mascote. Morris chamou o galo de Bralph, nome de um de seus parentes.

Em épocas muito mais antigas, a cidade de Ansomore era uma fortaleza circundada por um muro, mas há muito crescera além de seus limites originais. Fomos recebidos no portão que levava à cidade interna por um homem dirigindo uma carroça de quatro rodas puxada por quatro animais semelhantes a cavalos terrestres, só que essas criaturas tinham quatro orelhas longas e pendentes. Fomos convidados a subir na carroça, o que fizemos. O silencioso condutor nos deixou num edifício grande. Fomos recebidos formalmente por dois nobres anciãos waydianos.

Fomos escoltados a um grande auditório que gradualmente se encheu de waydianos de ambos os sexos. Sentamo-nos em um de dois palcos pequenos, ao lado de um palco maior e mais alto. No palco maior sentaram-se dois waydianos e uma mulher muito jovem.

A jovem chamou o nome da pessoa que estava no palco em frente e nos fez apenas uma pergunta. Ficamos horas respondendo perguntas — muitas vezes a pergunta era a mesma feita anteriormente. Afinal, o Grande Conselho de Wayda nos deu as boas-vindas a seu mundo e jurou nos ajudar no que pudesse.

Pediram-nos que não iniciássemos quaisquer atividades não autorizadas em seu planeta até que todo o povo do mundo fosse avisado de nossa chegada e do que desejávamos fazer enquanto lá residíssemos. O período de aviso durou cerca de três meses terrestres. Passamos o tempo nos familiarizando com os costumes dos waydianos e respondendo a seu interesse infantil em vários de nossos aparelhos eletrônicos. Passamos algum tempo transportando os integrantes do Grande Conselho de lá para cá à lua do planeta, que chamavam de Oote. Também encomendamos telepaticamente vários presentes da Casa de Domphey para os waydianos. Treze dias depois de fazermos nosso pedido, a nave-mãe de Domphey, Lamuma (“a grande mãe”), entrou em órbita ao redor do planeta Wayda.

Eu nunca vira uma espaçonave daquele tamanho. Tinha cerca de 457 metros de diâmetro e cerca de 121 metros de altura. Descobri depois que se tratava de uma espaçonave pequena em comparação com os milhares de outras que eram operadas pelas casas de comércio nodianas. Nós, da equipe de segunda fase, tivemos permissão de ir a bordo da Lamuma e lá ficamos até obtermos permissão para viajar por Wayda e visitar os habitantes das muitas cidades e povoados do mundo. Reuniram-se a nós alguns integrantes da equipe de terceira fase, historiadores e psicólogos que estudavam a reação da cultura à nossa presença e o impacto de nossa tecnologia nas vidas individuais de trabalhadores de várias profissões e seguidores de diversas religiões.

Durante o tempo em que permanecemos a bordo da Lamuma, espaçonaves triangulares de quando em quando se aproximavam da nave-mãe. Ficamos afinal sabendo que se tratava de naves grácianas baseadas nos planetas Maldek e Marte. Depois de terem sua curiosidade satisfeita, os grácianos foram cuidar de sua vida.

Fui afastado de meus deveres de visitar cidades e povoados waydianos e enviado com o nodiano Cyper-Dale ao planeta Marte para observar as atividades de construção grácianas que, segundo se sabia, estavam em andamento na época. Também haviam chegado boatos a Nodia dando conta de que os grácianos e os maldequianos iriam construir algo de tamanho considerável no planeta chamado Sarus (Terra). Sarus não era de interesse real para Domphey porque a Casa de Cre’ator fora a primeira a enviar emissários a Sarus e Maldek.

Marte era outra história. Nenhuma das casas de comércio nodianas tinha qualquer motivo para sujeitar sua gente às atitudes hostis dos vários senhores da guerra marcianos. Uma das principais razões de minha viagem a Marte era descobrir o que os maldequianos e grácianos faziam para obter a cooperação dos senhores da guerra.

Antes de partir de Wayda para Marte lembrei de Sharmarie, o guarda-costas da Senhora Cre’ator, naquele

ensolarado dia na piscina de Senhor Domphey em Vass. Pensei, se todos os marcianos forem como Sharmarie, que motivo havia para se preocupar’?

Na época, não fazia idéia de que Sharmarie fora tirado de seu mundo natal muitos anos antes de as espaçonaves de gracianos, maldequianos e de outras culturas de outros mundos passarem a visitar

o planeta de maneira desenfreada — totalmente contra os desejos de seus habitantes nativos. Sharmarie era uma pessoa rara. Era mais nodiano do que marciano em seus costumes. Sei agora que, durante sua primeira vida, ele nunca retornou a Marte e pereceu na Terra.

Cyper-Dale, outras seis pessoas e eu fomos deixados numa planície relvada no planeta Marte. Estávamos a cerca de cinco quilômetros do canteiro de obras graciano/maldequiano. O local das obras era e é atualmente chamado Graniss pelos marcianos; vocês o conhecem agora por Cidônia. Ficamos em silêncio por algum tempo, à medida que a nave que nos trouxera desaparecia acima de uma camada espessa de nuvens.

Cobrimos nossas provisões de quase uma tonelada e montamos vários abrigos portáteis. Também montamos dois botes que usaríamos para percorrer o canal próximo para ir e vir de Graniss. Passamos uma noite fria e tempestuosa. De manhã, carregamos nossos botes movidos à eletricidade para as margens do canal e os lançamos à água. Comemos comida pronta embalada enquanto prosseguíamos rumo ao sudoeste. Depois de alguns minutos de viagem, ouvimos várias mulheres marcianas gritando para nós e fazendo sinais para que fôssemos à praia. Respondemos acenando-lhes de volta e continuamos nosso caminho.

Eu acabara de mencionar a Cyper-Dale que tinha curiosidade de saber por que os marcianos não utilizavam esses ótimos canais para viajar de um lugar para o outro. Naquele exato momento, ouvi um som sibilante e dois sons surdos. Os sons surdos foram produzidos quando a flecha de um marciano atravessou o músculo de meu antebraço e uma segunda flecha quase atravessou o ombro esquerdo de Cyper-Dale. Na margem esquerda do canal havia cinco arqueiros marcianos, prestes a atirar suas flechas novamente em nossa direção. Gritamos para eles e aqueles de nós que conseguiram ergueram os braços em sinal de rendição. Abaixaram seus arcos e fizeram sinais para que fôssemos à praia. Agarraram cada um de nós e nos jogaram violentamente no chão. Um guerreiro foi até Cyper-Dale, àquela altura inconsciente, e rapidamente tirou a flecha de seu corpo. O marciano então passou a lavar o sangue da flecha no canal. Outro guerreiro olhou por um momento a flecha em meu braço e a seguir em meus olhos. Quebrou a cabeça da flecha da haste e puxou a flecha para fora de meu braço. Confesso que quase desmaiei de dor. Os marcianos nos chutaram algumas vezes e gritaram conosco por algum tempo. Estavam realmente furiosos.

O som de um camelo blaterando alertou-me para o fato de que havia nove animais seguros por mais três guerreiros marcianos. Depois de terem as mãos amarradas para trás com correias de couro, os integrantes de nosso grupo que conseguiam andar foram agrupados por dois de nossos captos montados em camelos.

Os dois que haviam sido feridos foram colocados em nossos botes e puxados. Os botes a princípio deslizaram facilmente na relva, mas quando chegamos ao final da relva e passamos a atravessar um trecho de areia e pedras, o material de fabricação dos botes não resistiu à abrasão. Logo os fundos dos botes estavam em frangalhos. Agarrávamo-nos às vigas metálicas restantes dos botes sempre que os marcianos inventavam de galopar. Acharam engraçado nos ver aos pulos atrás.

Cerca de duas horas depois de nossa captura, entramos novamente em grama e acabamos às margens de outro canal. Então vimos algo inesperado. Atravessando o canal havia uma ponte metálica, uma estrada pavimentada que saía dela ao nosso lado levava a uma plataforma grande de pedra. Nela havia uma espaçonave prateada de formato triangular. Em sua fuselagem havia a imagem de uma serpente emplumada, que descobrimos depois ser o emblema dos gracianos.

Ao lado da plataforma havia várias casas construídas com blocos de arenito. De longe vimos três pessoas sentadas ao redor de uma mesa em frente a uma das casas. Os marcianos chegaram a pleno galope.

As três pessoas eram gracianos, dois homens e uma mulher. Deram pouca atenção a nós no início, pois estavam ocupados consertando um aparelho. Um dos homens levantou os olhos do trabalho e saudou nossos captos no idioma marciano. Depois de desmontar, os marcianos se postaram entre nós e os gracianos. Nós os ouvíamos conversando, mas não conseguíamos entender o que diziam.

A graciana veio até nós e estudou-me brevemente. Falou telepaticamente comigo: “Pensam que você faz parte de nosso grupo de construção. Estão bravos porque é proibido nadar ou atravessar de bote um canal.” Perguntou-me: “Quem são vocês e o que fazem aqui?”

Respondi suas perguntas. Olhou meu braço machucado, então olhou para Cyper-Dale, ainda inconsciente e transpirando bastante. Chamou os gracianos em seu idioma nativo e eles lhe responderam com um aceno, seguido pelo sinal universal de “Dá para esperar um pouco?”

Depois de receberem várias caixas grandes de charutos gracianos e de suas fotos segurando suas gigantescas espadas largas sobre nossas cabeças serem tiradas (para mostrar a seu senhor da guerra que tinham realizado seu trabalho), os marcianos foram embora a galope, ainda puxando nossos botes atrás de si.

Os dois gracianos nos trouxeram padiolas portáteis e puseram Cyper-Dale em uma delas. Os demais de nosso grupo, percebendo que agora estávamos livres, vieram ter comigo para ver o que poderiam fazer e receber instruções. Um dos homens gracianos me disse telepaticamente: “Enquanto estiver aqui e sob nossos cuidados, apenas eu dou instruções e ordens. Aceite isso, ou o devolvo aos marcianos.” Concordei que ele era o chefe. Naquela época, para mim não fazia diferença se ele quisesse ser o supremo soberano do mundo.

A graciana limpou nossos ferimentos e os tratou com ondas sonoras. Ela e um dos homens serviram-nos tigelas de guisado de carneiro marciano quente (ainda sinto o gosto da pimenta-malagueta).

A noite caiu e deram-nos um dispositivo que irradiava calor. Um abrigo, do tipo que se apóia em muros, foi erguido para nós. Depois que anoitecia a área era iluminada por luzes instaladas sob e nas bordas da espaçonave graciana. Quando anoiteceu, duas espaçonaves aterrissaram e várias pessoas saíram delas e entraram nas casas.

Ao amanhecer Cyper-Dale estava desperto e conseguia falar. Abri a porta do abrigo e vi mais de 20 gracianos de frente para o sol já alto, entoando uma oração em uníssono. Depois um graciano que não conhecíamos antes veio a nosso abrigo. Falou telepaticamente comigo e com Cyper-Dale. Perguntou-nos se estávamos em condições de ir com ele ao local de construção. Cyper-Dale não se sentia muito bem, mas aceitei a oferta do graciano. Ele nos disse para não contar a nenhum marciano sobre a capacidade telepática que partilhávamos, pois pensariam que a capacidade era desnatural e provavelmente cortariam fora nossas cabeças para procurar o que quer que tornava possível essa aptidão. Aconselhou-nos a aprender o idioma falado graciano e marciano o quanto antes.

Saímos de carro aéreo para o local de obras, deixando Cyper-Dale e o restante de meu grupo para trás. O vôo durou cerca de dez minutos apenas. Do ar, notei que a estrada pavimentada que saía da ponte não levava ao local, e sim se prolongava por quilômetros atravessando os campos planos, subindo a seguir numa cadeia de montanhas distante, onde se perdia de vista. O graciano, chamado Soakee-Loom, disse-me que a estrada fora construída por seu povo a pedido do senhor da guerra marciano local, Trohawker. A estrada terminava nas montanhas numa pequena casa de arenito, onde nascera o senhor da guerra.

A cidade marciana de Graniss era antiga como a civilização marciana. Era a única cidade que não se situava no ponto de confluência dos canais. Ninguém saberia dizer com certeza quem fundara a cidade, nem quando. Graniss era território neutro, então os senhores da guerra ocasionalmente lá se reuniam para discutir assuntos, fazer acordos e trocar prisioneiros.

Graniss era a capital do senhor da guerra de todos os senhores da guerra, chamado o zone-rex. Um zone-rex marciano conquistava sua posição depois de ser reconhecido como divinamente escolhido. Ou seja, ele possuía as características físicas únicas descritas em documentos antiqüíssimos. Para ser verdadeiramente um zone-rex, cada um dos numerosos senhores da guerra tinha de lhe jurar aliança. O atual zone-rex, um homem por volta dos 20 anos de idade chamado Raneer-Carr, não obtivera a aliança de todos os bar-rex (senhores da guerra). Ele, portanto, pouco podia fazer com relação ao acordo feito com os gracianos e seus sócios, os maldequianos. Eu, claro, ainda imaginava qual seria o acordo.

Graniss era repleta de pastores e soldados marcianos que ali perambulavam, cada um acompanhado de até sete mulheres e um exército de filhos. Esses visitantes tinham permissão de entrar em Graniss apenas mediante uma autorização especial, estando limitados a uma permanência de três dias. Nos limites da cidade havia cerca de 80 gigantescos obeliscos sólidos de arenito nos quais estavam inscritas a história e as façanhas dos últimos 80 zone-rex.

Minha primeira visão de Graniss foi cômica. Entre as multidões de marcianos havia inúmeras pequenas pessoas negras dos planetóides Relt. A princípio, pensei que os marcianos estivessem realizando uma dança estranha, mas logo percebi que para passar por um reltiano, os marcianos às vezes balançavam uma das pernas sobre a pequena pessoa ou estendiam ambas as pernas e remexiam sobre a cabeça da pessoa menor. As crianças marcianas que tentavam copiar as atitudes de seus pais às vezes chutavam um reltiano na cabeça ou nas costas. Testemunhei muitas escaramuças entre jovens reltianos e marcianos. Os pais das crianças continuavam com seus afazeres ou paravam para ver como a briga acabaria. Na maioria das vezes os reltianos levavam a pior e fugiam. O vencedor então dava um grito de guerra que teria azedado leite fresco e feito os obeliscos dos zone-rexes balançar em suas fundações. Nos limites da cidade havia um complexo murado no qual morava o zone-rex. *[Essa área murada em Cidônia foi fotografada pelo veículo espacial Viking da NASA, sendo atualmente denominada Cidadela de Cidônia. W.13.]*

O sítio de obras estava poeirento porque os gracianos e os reltianos estavam nivelando a área antes de iniciar a construção propriamente dita. Para nivelar a planície de Cidônia estavam usando os mesmos métodos usados no planalto de Gizé na Terra. *[Esses métodos foram descritos por Ruke de Parn na Parte 5 - AMALUZ Nº 49 FEVEREIRO/97 desta série.]*

Soakee Loom deu-me uma máscara de proteção contra poeira. Sentia dificuldades em respirar o ar rico em nitrogênio de Marte (naquela época, o nitrogênio de Marte tinha um valor químico diferente do encontrado hoje na Terra). Eu, como vocês, nasci respirando oxigênio. Pelo final do dia estava coberto de pó. Juntamente com o

sangue seco de meus ferimentos manchando minhas roupas, eu devia estar medonho de se contemplar!

Passei aquela noite numa casa de arenito recém-construída de um cômodo ao pé de um dos muros da Cidadela. Pouco antes dormir, ouvi um barulho no telhado. Pensei que estivesse chovendo e que pudesse lavar um pouco da poeira na chuva. Fiquei decepcionado ao descobrir que o som que pensei ser chuva era, na verdade, alguns marcianos que no muro da Cidadela urinando no telhado de minha casa.

De manhã minha moradia estava coberta com todo tipo de lixo e dejetos humanos. Soakee-Loom mandou demolir a casa. Mudei-me para uma pequena caverna que tinha figuras e escritas marcianas nas paredes.

Vários dias depois a poeira baixou e foi aspirada. Naquele dia o zone-rex Rancer-Carr saiu de seu santuário com dois guarda-costas gigantescos. Andaram pela área montados em camelos. Os marcianos caíam ao chão diante dele e os senhores da guerra desembainhavam suas espadas e as cravavam no chão. Os que permaneciam de pé enquanto ele passava eram os que não reconheciam sua autoridade divina, e os que se ajoelhavam com as mãos no punho de suas armas o aceitavam como seu comandante supremo.

Quando o zone-rex veio até nós, refreou sua montaria, e depois de forçar o animal a ajoelhar, desceu e andou rapidamente em nossa direção. Tinha uma expressão séria no rosto, mas falava com suavidade. Soakee-Loom traduziu-me suas palavras, que em essência foram: “O que vocês, seus f.d.p., estão aprontando hoje? Quem é este homem? Nunca vi ninguém parecido ele. É nodiano!” Soakee-Loom saudou o principal senhor da guerra cruzando os braços em frente ao peito. Respondeu a última pergunta de Rancer-Carr dizendo que eu não era nodiano, e sim fora contratado por uma casa de comércio nodiana. Ao ouvir isso, o zone-rex perguntou: “Vonner, Domphey, Cre’ator?”. Repliquei: “Domphey.” Ele então fez sinal para que eu o seguisse até seu camelo. Voltei com ele no camelo para a Cidadela.

O interior do lugar era mobiliado com simplicidade. A mobília e os pisos eram cobertos por peles de carneiro e cobertores de cores vivas. Capachos coloridos de lã cobriam os pisos. As paredes eram cobertas por murais e espadas quebradas e enferrujadas. Um velho marciano chamado Mogent, com poucos conhecimentos do idioma nodiano, reuniu-se a nós. Bateu em seu próprio peito várias vezes e disse: “Palavras de Vonner. Palavras de Vonner.” Naquela noite o zone-rex, Mogent e eu jantamos feijão, carneiro, queijo e pão duro. Meus anfitriões tomaram mais de um galão cada um de uma cerveja nativa que chamavam de drat. Não suportei o cheiro dela.

Por intermédio de Mogent, descobri que o zone-rex queria que eu entrasse em contato telepático com o nodiano Rayatis Cre’ator em seu nome, solicitando que enviasse um representante para conversações. Quando sugeri que ele talvez desejasse falar com um emissário de Domphey, replicou: “Não, acho que só Cre’ator tem cabeça para lidar com os maldequianos.” Quando lhe perguntei:

“Quem são esses maldequianos? Nunca vi nenhum,” tanto o zone-rex como seu tradutor assobiaram como uma cobra.

Mais tarde várias jovens marcianas se reuniram a nós. O zone-rex deixou Mogent e a mim com as damas e partiu com sua única mulher Saara. Era uma mulher quieta de cabelos negros e de grande beleza. Carregava nos braços seu único filho, chamado Sharmack. Posteriormente, tiveram uma menina que chamaram de Catransa.

Mogent me disse que eu poderia escolher qualquer uma das marcianas. Disse a ele que era companheiro de Ivatcala para toda a vida. A princípio pareceu confuso, depois disse: “Escolha uma destas mulheres e finja que é sua mulher. O elohim não vai ligar, e é só isso que importa.” Contei a Mogent de nosso encontro com 62-93, que dissera a Ivatcala que algum dia ela conseguiria se comunicar com os els. Mogent pensou de novo por um instante e disse com tristeza: “É melhor você ir embora, pois os grandes espíritos poderiam contar à sua companheira se você fizer o contrário. Magos para remover nossos feitos da memória do elohim são muito caros.” Não fazia a mínima idéia sobre o que ele estava falando. Soakee-loom avisou-me para me manter longe do zone-rex marciano, pois se dizia que alguns dos senhores da guerra planejavam assassiná-lo. Ele disse: “Previno-o que fique longe. Você já sabe como é ter uma flecha marciana em seu corpo.”

Tentei várias vezes enviar uma mensagem telepática à Casa de Domphey para que transmitissem a solicitação do zone-rex de uma visita de um representante de Cre’ator. Nunca consegui fazer contato. Sei agora que isso se deveu ao ar e à comida marciana.

Os senhores da guerra realmente tentaram seu golpe, mas foi a última coisa que fizeram naquela vida. As fortalezas dos falecidos senhores da guerra foram divididas entre os bar-rexes que apoiavam Rancer-Carr e ele foi proclamado soberano supremo de todo o planeta. Ele permanece nesse cargo atualmente.

Cyper-Dale visitou o local de obras graciano várias vezes em companhia de Tricklelemla, que fora enfermeira graciana. Ele e a dama graciana haviam se apaixonado e ela já estava grávida.

Os gracianos e reltianos haviam começado a esculpir o rosto gigante em Cidônia empregando instrumentos de medição e delineamento de tipo laser. A escultura era na verdade realizada utilizando-se ondas sonoras específicas para pulverizar a rocha e produzir as feições individuais que mais tarde compuseram toda a forma.

Descobri que os maldequianos haviam secretamente prometido a cada senhor da guerra que se opusera a Rancer-Carr uma espaçonave armada com a qual ele poderia assumir sozinho o controle total do planeta. O que me

causava estranheza naquela época era que cada senhor da guerra secretamente sabia seu próprio motivo para concordarem permitir aos grácianos e maldequianos construir suas estruturas perto de Graniss — mas por que nenhum deles desconfiava de os outros senhores da guerra terem concordado com tanta facilidade? Sei agora que cada um recebeu uma história falsa exclusiva engendrada pelos maldequianos. Lamento nunca ter chegado a ouvir qualquer uma dessas histórias.

Treze meses terrestres depois de eu chegar em Marte, uma pequena espaçonave negra marcada com o símbolo da casa de comércio de Cre'ator aterrissou próximo à casa e quartel-general da Cidadela do zone-rex marciano. Compreendi imediatamente que ele encontrara outro telepata para enviar sua solicitação a Rayatis Cre'ator.

A nave de Cre'ator permaneceu lá por vários dias. Fiquei de olho nela e acabei por localizar dois nodianos andando ao redor dela numa excursão de inspeção pré-vôo. Pareciam estar preocupados com a condição operacional da nave. Contei-lhes quem eu era e sobre os demais integrantes de meu grupo. Pedi-lhes que nos levassem com eles quando saíssem do planeta. Disseram-nos que o fariam, mas que ficaríamos muito apertados numa nave tão pequena. Fiquei tão grato que teria me disposto a ir do lado de fora do veículo. Então me ocorreu perguntar a um dos nodianos para onde estávamos indo. Apontou para a grande esfera que pendia no céu marciano, replicando: “Vamos para lá. Para Sarus (Terra).”

Depois eles nos transportaram ao local a que fôramos levados vários meses atrás por nossos captos marcianos. Lá, pegaram outros integrantes de meu grupo. Cyper-Dale decidiu ficar lá com sua companheira gráciana Tricklelemla. Ele foi duplamente afortunado, por ter encontrado uma companheira tão adorável e por ter escapado aos acontecimentos terríveis que se deram depois na Terra.

Na última metade da viagem de Marte para a Terra, a cabina da pequena nave se encheu de fumaça e sua atmosfera rad começou a ficar tóxica. Conseguimos aterrissar na Terra pouco antes de a nave derreter. O operador-chefe nodiano da nave e eu fomos os únicos sobreviventes. Como eu naturalmente respirava oxigênio, a atmosfera rica e carregada de oxigênio da Terra salvou minha vida. Sivmer-Binen, o operador da nave, tossiu e vomitou vários dias, mas finalmente sobreviveu à provação. Não parava de dizer: “Disse a eles que aquela coisa era um lixo inútil imprestável!” [uma tradução bem branda W.13.]. Não havia cadáveres para cuidar— haviam sido carbonizados quando o tubo que continha plasma explodiu, espalhando o material quantíssimo na cabina do veículo.

Sivmer-Binen e eu passamos vários dias procurando sinais de civilização. Demos com um caminho que levava a uma floresta cerrada. Não tínhamos escolha a não ser seguir pelo caminho. Ele calculou que tivéssemos caído a cerca de 643 quilômetros ao sul de seu ponto de aterrissagem planejado. Enquanto caminhávamos, perguntei-lhe se as reuniões com o zone-rex marciano tinham ido bem. Não sabia, pois não comparecera a nenhuma das reuniões. Disse que o único que sabia era seu colega nodiano Neftener-Lype, que perecera quando nossa espaçonave se desintegrou.

Dormimos à beira do caminho e fomos despertados de manhã pelas vozes de dois homens vindo pelo caminho da mesma direção em que viéramos. Quando nos viram, rapidamente colocaram flechas em seus arcos. Pensei: “Oh não, de novo não!” O mais velho dos dois abaixou a arma e empurrou o arco do outro homem para o chão. Eram terráqueos, e percebi que eu tinha de aprender outro idioma. Eu estava totalmente perplexo com suas palavras. O mais jovem dos dois homens tinha cabelos vermelhos e rosto coberto de sardas. O mais velho era barbado e tinha cabelos brancos. Ambos usavam botas até os joelhos, calças de tecido com joelhos de couro e remendos no traseiro e camisas de couro.

Nós os seguimos por cerca de meia hora, afinal chegando a uma casa que tinha algumas partes superiores (cômodos) construídas sobre galhos de árvores gigantescas. Entramos na casa pelo seu nível inferior. As paredes do primeiro cômodo estavam cobertas de prateleiras de livros. Havia lanternas por toda parte. O velho chamou e logo se reuniram a nós vários homens e mulheres idosos. O homem mais velho era Brike Ben-Demus. As demais pessoas da casa eram seus irmãos e irmãs. O jovem ruivo era um neto. Ficamos vários dias com Brike Ben-Demus e sua família. Tentei aprender sua língua. Sivmer-Binen não se esforçou para aprender, dizendo que achava que não iria ficar na Terra tempo suficiente para usar o idioma e não queda encher a cabeça com informações inúteis. (Cerca de cinco meses depois ele estava falando o idioma como um nativo.)

Brike e sua família tinham passado suas longas vidas minerando esmeraldas. Alguns dos níveis superiores da casa continham milhões das pedras, tanto em estado natural como lapidadas e polidas. Essa gente da Terra era considerada muito rica. Uma esmeralda pequena os alimentava e vestia por mais de um ano.

Estávamos fazendo nossa refeição noturna quando ouvimos um toque breve de trombeta. Brike abriu a porta admitindo três homens loiros altos vestidos de casacos de veludo azul. Silenciosamente perscrutaram a sala e seu conteúdo com olhos inexpressivos. Um deles saiu, fechando atrás de si a porta. Os outros dois permaneceram em posição de sentido, de cada lado da entrada. Quando a porta se abriu novamente, duas mulheres e um terráqueo de turbante entraram. Elas, de aparência impressionante, recusaram o convite de Brike para sentar-se. Uma das irmãs de Brike sussurrou em meu ouvido: “Maldequianos. Respondi: “Então eles são assim.” Brike saiu da sala,

retomando com um pequeno baú com suas melhores esmeraldas. Colocou uma de cada vez nas mãos em concha do terráqueo de turbante, que então se ajoelhava diante das mulheres, estendendo as mãos para que elas pudessem ver as pedras. Cada pedra que queriam era colocada em outro baú que haviam trazido. As rejeitadas eram colocadas no chão aos pés de Brike.

Como que assustada, uma das mulheres olhou-me, os olhos a princípio mostrando ódio, e então curiosidade. Tocou o braço de sua companheira e fez sinal em minha direção. Então olharam uma para a outra e sorriram.

Sivmer-Binen começou levantar de sua cadeira. Num abrir e fechar de olhos os krates da porta estavam diante das mulheres com adagas desembainhadas. Eu nunca vira alguém se mover tão rápido. Sivmer-Binen lentamente se sentou. Em nodiano muito precário, o terráqueo que viera com os maldequianos disse a Sivmer-binen: “Sua presença, nodiano, ofende minhas senhoras.” Ele replicou: “E daí?” Os krates passaram a se balançar ritmicamente nos calcanhares. Podia-se ouvir o barulho de uma pena caindo. Sem que se dissesse outra palavra, a sala estava repleta de krates. Fomos amarrados com algemas metálicas e arrastados para um de três canos aéreos enormes, cada qual maior que a espaçonave que nos trouxera à Terra.

Nossos companheiros de viagem eram cerca de 35 krates. Durante o vôo, um deles começou a cantar. Sua voz e a melodia de sua canção eram lindas. Seu líder, sem dizer palavra, deu a cada um de nus, um pedaço de fruta (acho que eram pêssegos).

Depois de aterrissar, marchamos para um túnel curto que atravessava uma colina e dava numa plataforma. Abaixo de nus havia uma construção iluminada por centenas de holofotes. Um refletor de luz suave que caiu sobre nus deu sinal para nossos guardas krates descerem as escadas e se aproximarem do edifício. Aquele mesmo refletor de luz posteriormente brilhou sobre Sivmer-Binen e mim todos os dias e noites que lá passamos. Se nos separávamos por curta distância, a luz se expandia para abarcar nus dois. Se nos distanciávamos muito, ela se separava, transformando-se em dois holofotes. Nunca conseguimos determinar onde estava(m) a(s) fonte(s) dessas luzes. Nossas algemas foram tiradas e nos deram um quarto para dormir. Tínhamos permissão de perambular livres em alguma áreas, onde vimos outras pessoas, constantemente banhadas por seus próprios holofotes. Se tentávamos conversar com eles, nossas luzes ficavam de um azul intenso e já não conseguíamos ouvir nem ver uns aos outros. Mesmo gestos trocados entre nus representavam, como vocês

dizem, uma mancada. Descobrimos com o tempo que estávamos sendo mantidos numa prisão maldequiana de máxima segurança.

Certa vez no fim da tarde, um krates nos conduziu a uma grande sala vazia. No lado extremo da câmara havia um rosto familiar. Era Brike Ben-Demus, o negociante de pedras idoso. Com ele havia um maldequiano vestido num uniforme krates de altíssima patente. Brike sorriu e bateu de leve em nossas costas. O maldequiano nos saudou em nodiano perfeito, dizendo que seu nome era Sant. Ele disse: “Considerem-se afortunados por terem feito um amigo tão importante como Brike Ben-Demus.”

O único traço maldequiano no príncipe Sant era sua aparência física e o fato de ele vibrar a ponta da língua no lábio superior sempre que escutava algo que julgava importante. Ele nos disse ser o único de sua raça que já visitara o planeta Nodia, e planejava voltar lá como convidado de seu amigo nodiano Opatel Cre’ator. Disse que seríamos libertados de nossa prisão, ficando sob seus cuidados, se concordássemos com várias condições: que eram que morássemos no palácio de Her-Rood, o governador maldequiano da Terra, e respondêssemos com sinceridade quaisquer perguntas que nos fossem feitas e não tentássemos sair da Terra pelo menos até 50 dias a contar da última pergunta que eles nos fizessem. Quando concordamos com os termos de Sant, ele ergueu a mão e nossos holofotes desapareceram.

Depois, Sivmer-Binen disse: “Espero que eles queiram o projeto daquele lixo que usamos para vir de Marte para cá. Tenciono elogiar aquele projeto e incentivá-los a construir uma frota de milhares daquelas naves. Os elohins trabalham de modos misteriosos. Sei que me deram a idéia.”

Morar no palácio de Her-Rood era definitivamente puro luxo. Mesmo assim, contávamos os dias depois da última pergunta maldequiana. Muitas vezes, nos mais de dois anos que lá moramos, chegamos a contar 49 dias quando um dos canalhas nos fazia outra pergunta — tal como: “Qual é o nome de sua mãe?” Estávamos numa contagem de 40 dias desde a última pergunta maldequiana quando o planeta Maldek explodiu. Então fomos esquecidos na confusão.

Passamos os restantes seis dias nos mantendo muito discretos. Gritamos de alegria na manhã do 51 dia. Nosso problema seguinte era encontrar uma forma de sair da Terra e voltar às atividades de nossa vida. Estávamos alegres demais para conseguir planejar nossa partida, mas na verdade não fazíamos idéia de como encetar tal plano.

Éramos as únicas pessoas no palácio que tinham sorrisos nos rostos ou de vez em quando sorriam, então nossa ausência de remorso pela destruição de Maldek foi facilmente detectada. O próprio Her-Rood ordenou nossa execução. Foi avisado de que nos matar poderia não cair bem com o embaixador nodiano, Opatel Cre’ator, que chegara recentemente, sendo hospede do príncipe Sant. Her-Rood revogou sua ordem e decidiu nos entregar a Opatel Cre’ator que, ele tinha certeza, nos puniria com rigor pelo fato de não estarmos emocionalmente

devastados. Sívmer-Binen, com um piscar de olhos, em essência disse (como alguém poderia dizer hoje na Terra): “Oh, por favor; radiantíssimo, não me atire naquele espinheiro.”

Encontramo-nos com Opatel Cre’ator e Svimer-Binen o informou que ele fora um operador de espaçonaves na casa de comércio de seu irmão. Opatel disse-lhe que estava contente detê-lo de volta e que suas habilidades seriam muito necessárias no futuro. Quanto a mim, prometeu-me que providenciaria minha reintegração ao amparo da Casa de Domphey assim que possível. Mas por enquanto eu deveria me considerar a serviço da Casa de Cre’ator! Concordei.

No dia seguinte ao nosso primeiro encontro, sobrevoamos o sítio de obras graciano de Miradol (Teotihuacán). No carro aéreo com Sivmer-Binen e eu estavam Opatel Cre’ator e o maldequiano Sant. Um krate maldequiano estava nos controles da nave. Ao sobrevoar a cidade a baixa altitude, conseguimos ver os milhares de cadáveres dos que haviam sido massacrados pelos krates. Avistamos um krate sentado no degrau inferior da pirâmide agora chamada Pirâmide da Lua. Aterrissamos perto dele. Quando nos aproximamos, o jovem tentou se erguer e estender o braço em saudação ao príncipe Sant. O krate ferido não conseguia ficar de pé. Sant saudou o krate, que primeiro inclinou a cabeça, a seguir colocou as mãos sobre os olhos. Sant então foi até ele e cortou sua garganta. Segurou o rapaz com o pé até que seu corpo parou de tremer Jogou longe a adaga Opatel disse a Sant: “Como pôde fazer isso?” Sant replicou: “Ele não queria viver assustado e aleijado.” Opatel disse: “Não estou falando do que acabou de fazer. Conheço seus costumes. Estou perguntando como seu povo pôde fazer isto,” mostrando os arredores como braço. Sant não respondeu oralmente, mas vi lágrimas correndo-lhe pelo rosto.

O mau cheiro dos mortos de Miradol era insuportável. Antes de deixar a base da Pirâmide da Lua, dei uma última olhada no como do jovem krate. Morrera sorrindo.

Quando estávamos no ar, Opatel disse: “Quisera ter meios de queimar e enterrar este lugar” Muito tempo depois isso foi feito.

Sant nos deixou ao lado da espaçonave pessoal de Opatel Cre’ator. Os dois homens fitaram-se em silêncio por cerca de cinco minutos antes de Sant entrar em seu carro aéreo e voar rumo ao sul. Cerca de 14 horas depois a bordo da nave nodiana, chegamos ao planeta Wayda. O mundo estava em ruínas e seu povo triste e confuso.

Durante nossa primeira noite em Wayda, falei telepaticamente com minha companheira ivatcala, que estava em Nodia. Foi a primeira vez que falei com ela em cerca de seis anos terrestres. tocar sua carinhosa essência psíquica outra vez ajudou a recuperar meu espírito exaurido. Disse-me que faria todos os esforços para se reunir a mim.

A seguir entrei em contato como que restava dos integrantes da equipe de terceira fase de Domphey, sendo informado que a ajuda estava a caminho. Despedi-me de Sívmer-Binen, meu companheiro nodiano de longa data, que me entregou um bilhete escrito a mãe em minha língua nativa dizendo: ‘Cuide-se, Nisor de Moor, e que o elohim o proteja’ Estava assinado por Opatel Cre’ator.

Quando a pequena frota de sete naves cargueiras de Domphey chegou, estava sob o comando de meu amigo Morris, que levava nossa equipe de segunda fase para Wayda em nossa primeira visita. Com ele havia vários sumerianos (saturnianos) e traquiano (netunianos). Eu nunca encontrara gente dessas raças, mas gostei deles imediatamente. Quando a última nave cargueira aterrissou, os dois últimos passageiros a desembarcar foram Fan e minha mulher Ivatcala. Fan pôs a mão de Ivatcala na minha, dirigindo-se a nós de sua maneira habitual antes de dizer: “Cuidem um do outro, crianças.” Voltou-se e entrou novamente na espaçonave. Nunca mais a vimos naquela vida.

Nas semanas que se seguiram, tanto Ivatcala como eu trabalhamos providenciando transporte para centenas de milhares de waydianos para, quem diria, o planeta Terra. Cada viagem que fazíamos à Terra era pior do que a anterior. Era terrível observar aquela gente confusa e assustada carregando seus filhos e pertences deixando nossa proteção e segurança. Depois que o portal da nave se fechava, nós chorávamos. Ficavam andando ao redor da nave como crianças perdidas, até serem avisados para se afastar para sua própria segurança.

Ivatcala e eu escoltamos muitos grupos de waydianos e sumerianos de seus mundos natais à Terra. Os sumerianos eram muito mais bem preparados emocionalmente para lidar com as condições ambientais e artificiais do planeta Terra.

Ivatcala e eu passamos certo tempo aprendendo a respeito da recém-formada Federação e do relacionamento da Casa de Domphey com ela. Nos dias que se seguiram, as metrópoles e cidades da Teria começaram a transbordar com todos os tipos de gente de outros mundos. Reuni-me a um grupo constituído pelos nodianos Tasper-Kane e Abdonel, o sumeriano Trome [narrador da parte de Sumer deste livro] e Jaffer Ben-Rob da Terra [narrador da parte da Terra desse livro]. Posteriormente, uma marciana de alta posição conhecida por Leeva juntou-se a nós. Tentamos de todas as maneiras possíveis formar uma aliança entre os vários grupos vindos de outros mundos transferidos para a Terra. A única coisa que tentamos foi fazer com que todos aceitassem um idioma comum. Foi escolhido sumeriano, pois havia mais sumerianos na Terra do que qualquer outro tipo de povo de outros mundos. Tínhamos esperança de que seu número maior significasse mais professores. Os sumeriano- também tinham capacidade maior do que os outros de entender a tecnologia nodiana Os waydianos tinham o mesmo grau de

capacidade mas, infelizmente, seu número decresceu com rapidez. Quanto aos marcianos, depois de darmos um equipamento a um sumeriano ou waydiano, era comum dizermos: “Agora, tome cuidado com isto e não deixe nenhum marciano tocá-lo nem chegar perto dele.”

Tanto Ivatcala como eu tivemos uma oportunidade de sair da Terra e ir para um planetóide do radiar Trake [Netuno]. Como estávamos muito cansados, decidimos ficar na Terra, evitando o processo de conversão de ar com oxigênio em ar rad e então em ar com nitrogênio. Certo dia, estávamos sentados num banco na frente de nossa casinha no que vocês chamam Iraque central, quando houve um relâmpago. Não ouvi o som do trovão que naturalmente devia seguir-se ao relâmpago. Ivatcala de repente tocou-me no braço suavemente e olhou-me nos olhos. Falou em tom baixo e disse: “Querido, ouvi o sino e os acordes de uma harpa. Ouço agora as palavras do elohim. Elas me dizem que estamos prestes a morrer, mas que não devemos temer os acontecimentos por vir, pois tudo dará certo no futuro.”

Imediatamente acreditei nela. Entramos num estado de sonho e andamos e dançamos no vento e na chuva que vieram, rindo ao sermos levantados do chão. As vezes o ar nos levava e imaginávamos que éramos pássaros. Não sentimos dor quando caímos violentamente de volta no chão. Depois de uma colisão final com a superfície, minha vida daquela época chegou ao fim.

Vou contar-lhe várias outras vidas que passei na Terra. Algumas dessas épocas (mas nem todas) devem ser-lhe familiares, bem como aos que lerem suas palavras.

ORA MOY (OLHO DE URSO)

Calculo que a época tenha sido cerca de 5,8 milhões de anos terrestres atrás. Nasci na primavera na terra que faria parte de um local atualmente chamado Tennessee (estado no sudeste dos Estados Unidos). Meu povo morava em povoados e chamava a si mesmo prenpossas (que significa árvores que andam). Éramos mais orientados do que governados por um ancião chamado Harn Sloves (Sapatos Secos). Recebi o nome de Gra Moy porque nasci numa caverna há pouco desocupada por uma urso que estivera hibernando, a qual retornou à entrada da caverna para ver minha mãe dar à luz. Durante todo o trabalho de parto de minha mãe, ela e a urso mantiveram contato ocular. Portanto, puseram-me o nome de Olho de Urso. Minha mãe procurara refúgio na caverna enquanto meu pai, Meko Larm (Sombra de Tartaruga), correria certa distância até nosso povoado para buscar sua mãe para ajudar a minha.

Naqueles tempos, a terra do Tennessee era montanhosa e completamente coberta por florestas. Nossa religião era a mesma de todas as raças primitivas de seres humanos que já viveram na Terra (ou em qualquer outro mundo, aliás). Venerávamos tudo o que nos assustasse ou nos pudesse ajudar a evitar dificuldades físicas.

Nosso povoado ficava próximo a um rio, que já não existe, pelo qual nos deslocávamos em pirogas. O povo que estou descrevendo não era os índios norte-americanos, nem era parecido com eles. Poderíamos ser descritos como japoneses muito altos (os homens tinham cerca de 2,13 metros) de pele negra. Tecíamos, fazíamos cerâmica e trabalhávamos com cobre e ferro. Também tínhamos bestas (arma antiga formada de arco, cabo e corda, usada para atirar pelouros ou setas) e na minha infância alguém inventou os fósforos. Em certas épocas, havia pequenos confrontos com outras tribos, mas a verdadeira guerra inexistia.

Não o sabíamos, mas éramos um povo pertencente a um período que posteriormente seria conhecido como uma das eras douradas. Uma “era dourada” constituía uma condição temporária durante qual a Barreira de Frequência não impedia alguns dos seres humanos da Terra de usar capacidades que atualmente seriam chamadas de extrasensoriais.

A cada era dourada seres de outros mundos vinham à Terra. Havia dois tipos de visitantes. Um tipo vinha na esperança de que a Barreira de Frequência estivesse gradualmente a caminho da extinção e desejava ajudar o planeta e seu povo a retornar ao estado aberto de realidade. O segundo tipo vinha com a mesma esperança de que a Barreira de Frequência estivesse se acabando, mas queria adquirir o controle do mundo antes que os habitantes do planeta se tornassem mentalmente capazes de resistência.

As crianças como eu começaram a exibir habilidades que surpreendiam nossos anciãos. Alguns de nós eram capazes de localizar a caça imediatamente, reduzindo o tempo que em geral se passava caçando. Um menina de nosso povoado conseguia chamar os peixes para fora da água. Muitas crianças tinham visões e sonhos que as confundiam no princípio, mas depois lhes proporcionavam sabedoria e criatividade. Algumas das pessoas mais velhas nos temiam e nos chamavam de os Ferts (monstros).

Minha geração estabeleceu uma tribo dentro de uma tribo. Partilhávamos nossos pensamentos e o que a princípio pensávamos ser sonhos fantásticos, compreendendo mais tarde que eram recordações de vidas que passáramos em outros planetas e na Terra. Descobrimos que as crianças dos povoados vizinhos também estavam tendo as mesmas experiências, então nos unimos a elas e formamos nossa própria comunidade. A maioria de nós trouxe consigo os pais e irmãos menos afortunados, pois nossos pais estavam sendo incriminados por nos gerar. Em muito pouco tempo, nosso povoado dispunha de eletricidade e encanamento.

Tínhamos certeza de que em breve receberíamos a visita de povos de outros mundos, e tínhamos razão. Lembrome de que, numa noite de verão sob o clarão de uma lua quase cheia, um som semelhante a um enxame de abelhas colocou a comunidade em estado de alerta. Ao olharmos para cima, vimos uma espaçonave grande de formato triangular pairando imóvel ao luar. Depois de cerca de 15 minutos foi embora. A comunidade apresentava sentimentos confusos. O fato de a nave ser triangular deixou alguns de nós muito apreensivos. Na época, não sabíamos a razão.

Vários dias depois, ao acordarmos descobrimos que não podíamos ir além de 90 metros para fora de nossa cidade. Fôramos encapsulados num campo de força restrito. Nosso sistema de geração elétrica parou de funcionar. Eu estava muito perturbado com algo que me importunava lá no fundo. Todos os esforços que fizemos para penetrar o campo de força fracassaram e acabamos por nos resignar a esperar para ver o que aconteceria a seguir.

Depois fomos submetidos a um gás inodoro transparente que nos fez cair em sono profundo. Quando nos recuperamos, o campo de força se fora. Alguns de nós com o tempo se lembraram de ter sido levados a bordo da nave triangular e examinados fisicamente e de receber injeções de vários líquidos coloridos. Os seres que fizeram isso eram de pele clara, mais baixos do que nós. Tinham cabelos vermelhos e seis dedos nas mãos, embora seu líder fosse alto e loiro. Depois descobrimos que os ruivos eram de uma raça conhecida como nivers e que seu líder era maldequiano.

Num período de cerca de oitenta anos a contar da explosão de Maldek, os maldequianos compreenderam que a Terra estava virando um inferno. Em espaçonaves de modelo graciano e nodiano que eles obtiveram em grande número, saíram da Terra rumo a lugares diferentes na galáxia. Tenho certeza de que não levou muito tempo para abusarem da hospitalidade recebida. Infelizmente, na maioria das vezes eles tiveram êxito em sujeitar inúmeros sistemas solares às suas regras, contagiando várias culturas com sua diabólica filosofia de vida. Ainda estamos às voltas com os resultados de seus primeiros contatos com outras culturas.

Passaram-se mais de 12 anos até vermos outra espaçonave extraterrestre, e por aquela época muitos de minha geração estavam casados e tinham filhos. Certa noite, outra nave triangular apareceu sobre nossa cidade, então mais duas. De repente elas se separaram e tomaram direções diferentes. Estava anoitecendo e Wayda (Vênus) brilhava no céu. Observamos vários clarões brilhantes de luz em vários pontos diferentes no céu. Vários minutos depois do último clarão, chegou um disco negro e pairou sobre nossa comunidade. Essa nave aterrissou e mais oito pairavam no céu. As naves estavam marcadas com um triângulo prateado, que sei agora ser o emblema da Federação.

Ficaram nas mesmas posições até a aurora. A nave pousada reuniu-se às que estavam pairando e seu local de aterrissagem logo foi novamente ocupado por uma nave negra com várias listras verticais azul-celeste. Três homens usando capacetes transparentes saíram e caminharam em nossa direção, fazendo sinal para que alguém se aproximasse. Um homem de nosso povo deu um passo à frente e de alguma maneira eles conversaram por cerca de uma hora. Os extraterrestres voltaram a seu veículo e partiram em seguida, juntamente com suas naves companheiras flutuantes.

O homem de nossa cidade que conversara com eles nos contou que essas três pessoas chamavam a si mesmas de sumerianos e que outros a bordo dos discos negros pertenciam a várias raças de outros mundos diferentes. Disseram a ele que se opunham aos que haviam nos seqüestrado anos antes e que haviam destruído uma das três naves triangulares que pairavam sobre nossos lares na noite anterior. Os visitantes nos disseram que podíamos ver os dois tipos de naves no futuro e que deveríamos fazer todos os esforços para evitar a gente da nave triangular. Foram embora depois de dizer que retornaram para conversar conosco novamente sempre que possível.

Nos muitos anos que se seguiram, vimos inúmeras naves dos dois tipos, mas não tivemos contato físico com seus operadores. Seus vôos sobre nosso povoado eram freqüentes, tornando-se bem corriqueiros. Quando eu tinha cerca de 60 anos de idade, ouvi dizer que algumas pessoas de minha geração e seus filhos de outra comunidade foram levados e transferidos a outros locais pelos extraterrestres que voavam nesses discos. Essa era apenas uma das muitas histórias que circulavam naqueles dias.

Antes de morrer de pneumonia com a idade de 73 anos, uns jovens de nossa comunidade estabeleceram comunicação telepática com integrantes da Federação. Antes de morrer, tomei mais uma vez conhecimento da destruição de Maldek e do que era a Barreira de Freqüência. Enquanto delirava em meu leito de morte, perguntei a Brauva, minha mulher há mais de 50 anos, se ela ouvia um sino e acordes de uma harpa. Respondeu: “Não, não ouço nada a não ser trovões.” Foram as últimas palavras que ouvi naquela vida.

CRONOPIUS, O ESCRAVO

Nasci no ano em que as cidades de Pompéia e Herculano foram parcialmente destruídas por um grande terremoto. O ano foi 61 ou 62 d. C. Cerca de dois anos depois de meu nascimento. Nero queimou Roma. Nasci de uma garota escrava chamada Melcenta. Era uma das várias garotas escravas que seu amo (depois meu) Filbrius

alugava à noite a viajantes que paravam em sua estalagem e taverna.

A taverna de Filbrius se localizava numa estrada a cerca de 24 quilômetros ao norte da próspera cidade de Pompéia. Filbrius chamou-me de Cronopius em honra de um gladiador romano que uma vez viu lutar na arena em Pompéia. Ele muitas vezes recontava cada talho e corte que alegava ter visto. Outras pessoas presentes se lembravam de que a luta durara menos de dez minutos, mas a versão de Filbrius da batalha durava uma hora. Filbrius era um grande fã de esportes. Ele realmente ficou desolado quando um viajante lhe contou que meu homônimo encontrara seu páreo e fora morto na arena romana alguns meses antes. Acho que Filbrius sacrificou um pato aos deuses para que dessem a Cronopius uma boa acolhida na outra vida.

Passei meus primeiros anos escovando e alimentando os cavalos dos viajantes ricos o bastante para possuí-los. Eu gostava de carruagens e admirava os que bravamente passavam correndo nelas. Não pelo fato de me mandarem fazer as coisas, e de ser bastante espancado por Filbrius, eu realmente não sabia que era escravo.

Certo dia, um grego chamado Criltrenos veio à estalagem e não saía mais. Nunca ficava sem dinheiro. Passava o tempo bebendo, atrás de meretrizes, desenhando e esculpindo. Poucos homens podiam igualá-lo em qualquer dessas atividades. Acabou por comprar um pedaço de terra de frente para a estalagem e nele construiu uma belíssima casa de dois andares. Depois de a construção ser concluída, foi a Roma e retornou com vários belos cavalos e uma mulher grega idosa que ele disse ser sua tia Dimathra.

Dimathra parecia saber mais sobre a profissão de minha mãe do que todas as garotas do lugar juntas. Ficava sentada na estalagem durante horas bebendo galões de vinho enquanto dava conselhos às garotas de Filbrius e lhes fazia as vezes de mãe. Caí-lhe nas graças e um dia comentou que eu parecia grego. Filbrius disse: “Talvez seja meio grego.” Dimathra ofereceu-se para me comprar na hora, mas meu amo se recusou a vender. Dimathra parecia um cão atrás de um osso. Mais ou menos a cada semana o preço oferecido aumentava um pouquinho. Sei agora que Filbrius tinha outros planos para mim. Dimathra irritava Filbrius, mas ele não queria perdê-la como freguesa, nem a seu rico sobrinho, então em geral sorria e recusava suas ofertas.

Acabou por ceder o suficiente para deixar a velha grega me empregar para cuidar de seu zoológico de cães, gatos e diversas aves de terreiro. Esse arranjo foi feito depois de Criltrenos concordar em me enviar algum dia pela estrada a Pompéia e pagar meu treinamento para lutador. Filbrius gostou da idéia, pois os lutadores raramente eram monos durante uma partida de luta. Passou a sonhar em ser o proprietário de um campeão que poderia ganhar muito dinheiro para ele.

Descobri que Dimathra tinha duas religiões. Secretamente era cristã (religião não muito apreciada naqueles tempos), mas publicamente venerava o deus egípcio Osíris. Disse que passou a acreditar que os deuses de seu povo e os de Roma não existiam.

Eu também era fascinado pelo fato de que tanto Criltrenos como Dimathra sabiam ler. Certa vez, estando embriagada, tentou ensinar-me a ler grego. Foi uma tentativa vã de ambas as partes. Confesso que não entendi nada — tudo ainda era grego para mim! Mesmo assim, durante minha ligação com Dimathra, aprendi a falar grego.

Mais ou menos um ano depois de começar a trabalhar para ela, ela comprou-me duas jovens garotas escravas de Roma. Criltrenos ficou descontente com a compra das meninas. Acho que ele pensou que duas garotas escravas era demais. Descobri então que Dimathra possuía fortuna própria, assim como seu sobrinho. Quando eu tinha 12 ou 13 anos, providenciou minha primeira experiência sexual com uma de suas criadas, Remisa. A curvilínea garota do norte da Itália quase me matou.

Criltrenos e Filbrius formaram uma sociedade para fabricar ladrilhos de mosaico colorido e vendê-los aos artesãos de Pompéia, Herculano e, com o tempo, Roma. Criltrenos fornecia a técnica e construiu os fornos necessários. Filbrius fornecia a mão-de-obra. Logo as crianças escravas da casa se tornaram toda a força de trabalho da indústria de ladrilhos, pois nossas mães se afastavam de sua ocupação para cuidar de suas outras obrigações.

Fui selecionado com três outros companheiros para carregar e conduzir a carroça puxada por bois a Pompéia. Criltrenos e Filbrius sempre iam conosco. Filbrius queria ter certeza de estar recebendo sua parcela dos lucros da venda dos ladrilhos. Sei que Criltrenos já era muito rico e nunca teria enganado Filbrius.

Filbrius ficava sempre indeciso entre vigiar Criltrenos negociando os ladrilhos e cuidar de nós para impedir que eu e meus companheiros escravos fugíssemos. Não tínhamos intenção de escapar. Para onde iríamos? Além disso, como todas as outras crianças escravas daqueles tempos, eu acreditava que o campo estava repleto de animais selvagens que nos matariam e devorariam. Para sossegar a cabeça, Filbrius passou a nos amarrar juntos pelo pescoço com uma única corda, que ele então amarrava a algum objeto fixo. Criltrenos achou aquilo ridículo, e às vezes nos dava vários odres de vinho só para observar Filbrius tentando ajuntar uma fileira de meninos escravos bêbados.

No ano de 78 d. C. eu tinha cerca de 17 anos de idade. Fui levado por Criltrenos e Filbrius à região sul da cidade de Pompéia, onde ficava o Fórum, que continha um templo, teatro, sala de concertos, moradia de gladiadores e uma escola de luta romana. O diretor da escola disse a Filbrius para me levar para casa e me

alimentar mais, e então me trazer de volta dentro de um ano. Filbrius não ficou feliz ao ouvir isso. Comprou um códice caríssimo contendo ilustrações de golpes de lutas e decidiu ele mesmo me treinar.

No ano que se seguiu eu ou estava comendo, ou então erguendo ou arremessando alguém a torto e a direito. Os outros meninos escravos ficavam com manchas pretas e roxas da cabeça aos pés.

Filbrius sempre me mandava fazer demonstrações de golpes de luta a seus fregueses. Desafiava qualquer um de meu tamanho e peso a lutar comigo. Caso meu oponente fosse franzino, Filbrius apostava dinheiro. Se meu adversário parecia ter a mínima chance de vencer, Filbrius apostava apenas uma pequena quantidade de vinho. Na verdade, não me lembro de alguma vez ter perdido qualquer uma dessas lutas. Contudo perdi algumas para a criada (escrava de) Dimathra, Remisa. (Mas não se pode chamar nossos jogos de verdadeiras lutas greco-romanas, pois nesse tipo de luta não é permitido usar nem os pés nem as pernas.)

Certa noite no ano de 79 d.C., a estalagem foi sacudida por três terremotos com intervalos de cerca de 45 minutos. O último tremor fez com que a construção começasse a ruir. Nós, da casa, corremos para a estrada onde Criltrenos, Dimathra e seus escravos se reuniram a nos. Ao sul o céu brilhava vermelho.

Criltrenos nos disse que todos iríamos imediatamente embora rumo ao norte. Disse-nos rapidamente ter lido que montanhas como o Vesúvio (perto de Pompéia) às vezes vomitavam fogo e as rochas derretidas e cinzas quentes podiam matar tudo ao redor num raio de quilômetros. Deixamos Filbrius sentado na estrada olhando para o sul, ainda tentando decidir-se a ir ou ficar.

A estrada para o norte seguia a costa. O oceano acabara de entrar no campo de visão quando o Vesúvio entrou em erupção. A onda de choque que se seguiu derrubou muitos de nós. O ar ficou quente e mal conseguíamos respirar. A erupção do Vesúvio durou quase dois dias.

Continuamos em direção ao norte. Eu me revezava ajudando minha mãe e Dimathra. As duas tinham dificuldades em andar tão rápido. Criltrenos me disse que se encontrássemos quaisquer patrulhas militares indo para o sul investigar a situação, eu deveria lhes dizer que era seu filho e que minha mãe era uma de suas escravas. No dia seguinte demos com várias patrulhas. Estavam ocupados em reunir escravos fugitivos, bem como em recolher quaisquer valores abandonados pelos que fugiam do sul.

Levamos cerca de 16 dias para chegar a Roma. Uma semana depois, Dimathra morreu. Criltrenos esculpia e vendia seu trabalho com facilidade. Ajudei-o de todas as maneiras a meu alcance e eu mesmo aprendi um pouco da arte. Ganhei um pouco de dinheiro ensinando luta. Criltrenos vendeu as garotas escravas a uma ‘família boa.’ Com as bolsas recheadas, compramos passagem num navio que ia para a Grécia. O navio primeiro pararia no Egito e a seguir na terra dos hebreus antes de navegar para Corinto.

Durante nossa jornada, passamos pelo lugar no qual antes ficava Pompéia. O Vesúvio ainda estava lançando muita fumaça. Nosso navio também levava cerca de 15 legionários romanos a caminho da terra dos hebreus. Estavam muito infelizes com sua tarefa. Tínhamos uma pequena cabina e os soldados dormiam ao relento no convés.

Nosso navio parou no porto de Alexandria, Egito, durante cerca de dois dias. O porão foi esvaziado de sua carga de passas e reabastecido com peles de crocodilo e um pouco de marfim. Ficamos a bordo do navio durante sua parada no porto. Criltrenos achava que parecíamos gordos demais, podendo ser confundidos com ricos mercadores gregos pelos ladrões egípcios que rondavam as docas.

Quando saímos de Alexandria, uma nova vela impulsionava nosso navio. Os marinheiros romanos, gregos e hebreus estavam muito apreensivos com isso. Havia uma superstição segundo a qual uma viagem realizada com uma nova vela em geral acabava em tragédia, mas nas viagens subseqüentes a idade da vela não tinha importância. Para tranquilizar sua tripulação, o capitão romano pegou um pequeno pedaço da vela velha e mandou costurá-lo na nova. Ouvei um dos marinheiros dizer: “Ele acha que esse truque vai adiantar? Os deuses vão ver através dela, não acha?”

Dias depois, com a terra dos hebreus à vista, nosso navio — com sua nova vela — afundou numa tempestade. Minha mãe e Criltrenos desapareceram. Apenas um marinheiro de ascendência romana e hebréia e eu sobrevivemos nadando até a praia. Ficamos na praia na chuva esperando para ver se mais alguém conseguiria chegar à praia. Enquanto esperávamos, ele disse: “Eu disse a eles que aquele navio era um lixo” [tradução amena - W.B.]. Eu tinha uma sensação angustiante do que vocês denominam déjà vu.

O nome de meu companheiro sobrevivente era Ralno. Nascera nessa terra de mãe hebréia e de um legionário romano que, em 73 d.C., foi um dos que sitiaram a fortaleza zelote de Massada. O resultado daquele sítio foi a tomada, por parte dos romanos, dessa fortaleza natural depois de 960 ou mais hebreus zelotes cometerem suicídio.

Pessoas de sua terra natal que sabiam da outra metade de sua ascendência transformaram Ralno num indesejável. Por isso, ele saiu de casa aos 12 anos e foi ser marinheiro. Eu estava grato por sua companhia, e ele pela minha.

Vivíamos do que a terra oferecia isto é, roubávamos galinhas e saqueávamos pomares na escuridão da noite. Éramos apenas dois entre as centenas dos que viviam daquele modo em todo o país na época. Os fazendeiros

protegiam seu gado com cães de guarda, mas se esforçavam muito pouco para guardar os pomares. Seu raciocínio era que, de qualquer forma, qualquer tropa de soldados romanos que estivesse passando pegaria o que quisesse das plantações. Com o passar do tempo, percebemos que o número de cães de guarda estava diminuindo.

Enquanto estive com Ralno, aprendi muito sobre a religião de sua mãe hebréia. Ele preferia os deuses romanos porque cada um deles estava “encarregado” de diferentes aspectos da vida, ao passo que o deus de sua mãe tinha controle total sobre tudo. Concluiu que a vida era difícil porque um único deus estava sobrecarregado e não era capaz de manter tudo em ordem. Uma vez ele disse que se o deus de sua mãe quisesse recompensar ou punir alguém, simplesmente ouvia suas preces!

Acabamos encontrando trabalho de colhedores de grãos na época da apanha. Nosso pagamento consistia apenas em nossa comida. De nossos colegas de trabalho ouvimos falar daqueles cristãos encrenqueiros. Lembrei-me com carinho de Dimathra, a única cristã que já conhecera.

Ralno viajara para muitas partes do mundo conhecido. Recontou com certo orgulho ter sido um dos que remadores que levaram o general romano Agrícola à terra para se tornar o governador da Bretanha. Ele tinha dois vícios, que eram ir a bordéis e beber vinho. Estava frustrado porque não tinha dinheiro para nenhum dos dois. Chegou ao ponto de passar a traçar planos para roubar e matar, se fosse preciso, para pôr as mãos em alguns siclos. Várias vezes convenceu-me a ajudá-lo a iniciar uma incursão criminosa, mas por alguma razão nenhum rico veio andando pela estrada na calada da noite rolando um barril cheio de ouro. Descartamos a idéia de ser marinheiros, pois as chances de ser contratado para a bordo de um navio eram muito pequenas. Havia muito mais marinheiros do que navios precisando de seus serviços. Tinha certeza de que se voltasse para o mar, seria apenas questão de tempo ele ir para num túmulo aquático. Para sair da pobreza entrou no exército romano. Deu-me algumas moedas que recebera como pagamento de alistamento.

Mais ou menos um dia depois de me despedir de Ralno, fui para os campos para evitar encontrar algum romano que poderia me forçar a entrar em alguma equipe de trabalho. No decorrer de minha jornada, dei com um velho camelo com um fiapo de vida em si. Ele me seguiu. Quando parei de noite, deitou-se a vários metros de mim. O camelo tinha várias marcas estranhas no corpo. Concluí que o animal fora solto por um árabe que achou que ele estava doente e prestes a morrer. Somente um árabe soltaria o camelo. Vários dias depois meu amigo estava quase recuperado. A medida que andava, comecei a falar com meu companheiro quadrúpede. Contava-lhe a história de minha vida quando ele saiu em disparada. Seu destino era uma fila de 12 camelos muito carregados que atravessava nosso caminho rumo ao litoral. Seus donos eram um grupo de hebreus. Os homens me examinaram e decidiram que eu era grego. Não os corriji. Passaram algum tempo resolvendo o que fazer comigo. Pensei que estavam tramando alguma coisa que não queriam que os romanos soubessem. Um deles tirou uma espada curta romana e outro amarrou-me as mãos para atrás. Insistiram que fosse com eles e que não lhes criaria problemas. Quando me revistaram, encontraram as moedas. Quando devolveram as moedas à minha bolsa, senti que pouco tinha com que me preocupar.

Várias horas depois, chegamos a uma pequena enseada onde havia vários barcos abicados. Um navio balouçava nas ondas ao largo da costa. A tripulação grega estava nervosa porque meus captores estavam atrasados. Quando os camelos foram descarregados, vi que as cargas consistiam de espadas, pontas de lança e cabeças de flechas romanas recém-adquiridas de um arsenal romano. Os que guardavam o arsenal estavam agora recebendo novas ordens de Marte, o deus romano da guerra, na outra vida. Os hebreus me entregaram ao capitão grego do navio, que sabia que eu não era grego nativo. Ajudei-os a carregar os botes que levariam o saque ao navio.

Navegamos naquela noite e descarregamos nossa carga em outra praia. Os que receberam a carga faziam parte de um bando multirracial composto em sua maior parte de hebreus, alguns negros e até mesmo um ou dois egípcios. Nosso navio, agora vazio, foi rumo à Grécia. Perguntei ao capitão a idade de sua vela. Ele riu e respondeu: “Já esteve no mar, não é?” Calculei minha partida da Palestina no ano de 81 d.C., quando contava cerca de 20 anos. O Coliseu de Roma foi concluído no ano anterior e descrições dele haviam chegado rapidamente aos confins do império. O imperador Tito morreu posteriormente naquele ano e Dominiciano o substituiu.

Na Grécia arranjei emprego primeiro na construção de navios, depois cortando lenha para construí-los.

Certo outono, quando minha equipe de corte de madeira saiu de uma área, fiquei para trás com um viúvo chamado Scora. Trabalhei tanto como pastor como fabricante de couro. Certo dia acidentalmente me cortei ao raspar uma pele e a ferida infeccionou. Cai de cama com febre e depois de vários dias morri enquanto dormia. O ano era 88 d.C. e eu provavelmente tinha 27 anos.

SEIS TIOS, O TOLTECA

Era por volta do ano de 784 d. C. Nasci no vale do México de Milho Verde e vivi lá com minha mãe, e meu pai, Serpentes de Pedra. Chamava-me Seis Tios. Fazíamos parte do povo por vocês chamado tolteca.

Devo contar-lhes a versão de Sharmarie de por que me chamava Seis Tios. Ele quer que vocês acreditem que

meus pais estavam indecisos quanto a me dar o nome de um de seis tios ricos que, eles esperavam, se lembrariam deles no testamento. Então me chamaram Seis Tios para cobrir todas as possibilidades. Na verdade, contudo, recebi o nome porque meu pai tinha dois irmãos e minha mãe quatro, todos reconhecidos como grandes guerreiros.

Antes de meu nascimento, o povo de minha tribo foi enviado pelos deuses ao sul numa missão. Nosso grupo ultrapassara a capacidade de nossa terra natal (norte do México) de nos prover o sustento. Antes da migração para o sul, consistíamos de inúmeras tribos isoladas que subsistiam principalmente da caça. A agricultura era praticada, mas poucos tinham a ambição de dedicar-se à trabalhosa ocupação. Meus ancestrais daquela época eram simplesmente indolentes, preferindo roubar os outros a se dedicar de corpo e alma a qualquer forma de trabalho.

Por necessidade, às vezes nossos caçadores viajavam grandes distâncias para o norte de nossa terra natal, tendo encontrado ancestrais das tribos que vocês conhecem como hopi, zuni, apache e navajo (todas tribos indígenas norte-americanas). Muitos caçadores nunca retornaram porque foram mortos pela terra inclemente ou pelo povo que molestaram, ou então eram assimilados por outras tribos.

No tempo de meus avós, um grupo de cerca de 12 caçadores há muito tempo desaparecidos retornaram vestidos em roupas feitas de pano. Carregavam armas bem feitas e escudos pintados com desenhos jamais vistos. Contaram a seus parentes que tiveram com vários deuses, vindos a eles do céu dentro de um grande ovo. Descreveram os deuses como gigantes que escondiam os rostos por trás de máscaras que às vezes brilhavam como uma lua cheia (capacetes de sustentação de vida). Os deuses bondosos moram em seu ovo, mas se misturam com eles todos os dias e lhes dão comida e água. Disseram que os deuses construíram para eles uma caverna grande para morarem, que era fresca e confortável.

Durante sua permanência com os deuses, e depois que seus anfitriões começaram a conversar com eles, os caçadores aprenderam muitas coisas. Os deuses trouxeram muitas coisas mágicas para a caverna, algumas cintilavam como estrelas no céu. Os caçadores contaram aos deuses sobre os reveses de seu povo. Eles lhes deram, então, um desenho (mapa) do caminho que deviam percorrer, o qual acabaria por levá-los a uma terra nova e próspera. Disseram-lhes que saberiam o lugar pelo fato de que lá encontrariam “serpentes feitas de pedra.” Os deuses também deram aos caçadores sementes para plantar na nova terra. Depois de partilhar com os caçadores muitas outras formas de conhecimento, os deuses foram embora voando, deixando-os uma vez mais para defender-se por si mesmos.

Os caçadores foram transformados em chefes de nosso povo. Visitaram outras tribos e narraram sua história do encontro com os deuses. Aqueles com quem entraram em contato acreditaram neles e consentiram ser reunidos numa única tribo. Essa nova tribo tinha 12 divisões, cada qual liderada por um dos que tinha encontrado os deuses. Como o destino de nosso povo se chamasse “a terra das sementes de pedra,” vários homens nascidos naquela época foram chamados Serpentes de Pedra, como meu pai. (Mas uma das motivações básicas da mudança da tribo para o sul se baseava na possibilidade de encontrar uma região que tivesse abundância de certos tipos de cactos, tais como agave, que pudessem fornecer-lhe um suprimento inesgotável de bebidas alcoólicas.)

O plano de viagem esquematizado pelos deuses para os 12 chefes foi idealizado de tal maneira, que eles poderiam liderar o povo a certas regiões para se estabelecer por vários anos para praticar agricultura, caçar e pacificamente assimilar quaisquer dos povos locais à tribo, antes de deixar o local e seus nativos em melhores condições do que os haviam encontrado. A primeira colônia se localizava nas praias agora denominado de Golfo do México. O local era chamado Atlan no mapa dos deuses (antigamente uma pequena parte do reino da Era Dourada que vocês chamam Atlântida).

Durante a permanência da tribo em Atlan, surgiu outro grupo dizendo também ter se encontrado secretamente com os deuses. Era uma mentira deslavada. Os impostores contaram que os deuses lhes disseram ter modificado seu plano de assimilação gradual de outros povos à nação tolteca porque era demorado demais. Esse povo, que afinal obteve o controle sobre os toltecas, estabeleceu uma religião que incluía o sacrifício humano. O novo plano era se mudar rapidamente para o sul, derrotar qualquer povo que encontrassem a caminho do local das serpentes de pedra e deixar para trás tropas militares para manter o controle sobre os povos derrotados. Posteriormente, o número de soldados das tropas militares deixadas em Atlan aumentou, e vários séculos depois assumiu uma nova identidade tribal. Chamavam a si mesmos de astecas e depois foram para o sul, para o vale do México, seguindo o exemplo de seus ancestrais toltecas.

Os 12 chefes originais dos toltecas ficaram muito velhos e seus apelos à fidelidade ao plano original dos deuses passaram a não ser atendidos. Nenhum dos 12 chefes originais viveu o bastante para ver a terra das serpentes de pedra.

Quatro anos depois da saída de Atlan, os toltecas vitoriosos entraram na antiga cidade agora chamada Teotihuacán (Miradol). A distância podia-se ver fumaça subindo do vulcão atualmente denominado Popocatepetl. Naquela época a cidade se encontrava em estado muito precário, tendo uma população de cerca de 18 mil pessoas. Não opuseram resistência organizada aos toltecas. Teotihuacán abrigara muitas culturas diferentes durante sua longa existência, as tribos eram atraídas para lá pelos edifícios da cidade que, segundo acreditavam, foram

construídos numa época antiga pelos deuses. As várias culturas que ocuparam a cidade numa época ou outra pereceram de doenças, fome ou vítimas de incontáveis conquistadores, dos quais os toltecas eram apenas os mais recentes. No dia em que os estandartes emplumados dos toltecas foram colocados no topo do edifício atualmente chamado pirâmide de Quetzalcoatl (decorada com serpentes emplumadas esculpidas em pedra), eles começaram a sacrificar a população da cidade. Não pararam até que mais de mil habitantes tinham sido mortos. [Esse banho de sangue foi provavelmente causado pela energia psíquica armazenada em Teotihuacán/Miradol. Veja a nota de rodapé. - W.B.]

Os chefes toltecas realmente tentaram reconstruir alguns dos edifícios da cidade, bem como concluir a construção da Pirâmide do Sol, como é agora chamada, deixada inacabada pelos grácianos depois da matança realizada pelos krates maldequianos logo após o início dos tempos.

Nasci no período de três anos em que os toltecas ocuparam Teotihuacán. Eu era jovem demais para perceber o que estava ocorrendo quando fui aninhado nos braços de minha mãe durante sua fuga da cidade com milhares de outras pessoas. Os que olharam para trás viram quatro veículos espaciais gigantes sobrevoando a cidade. Três eram discos negros; o quarto era prateado de forma triangular e portava o emblema da serpente emplumada.

Os que estavam presentes contaram ter visto a cidade explodir em chamas. Quando os que ousaram retornar ao local foram lá meses depois, encontraram a cidade completamente enterrada sob vários metros de solo. O que agora pareciam colinas cobriam os antigos edifícios de Miradol. Lembro-me agora da afirmação de Opatel Cre'ator no dia em que visitamos Miradol durante minha primeira vida: "Quisera ter os meios de queimar e enterrar totalmente

este lugar." Não fazia idéia de quantas vezes Teotihuacán foi enterrada pela Federação e novamente tirada de baixo da terra por culturas posteriores durante sua longa história.

Durante sua conquista do México, Hernando Cortez, perseguido por dezenas de milhares de astecas, refugiou-se nas ruínas enterradas de Teotihuacán. Não sabia que os montes de solo que o cercavam e a seu bando na verdade continham edifícios antigos. Liderando um ataque encarniçado, Cortez capturou o chefe de guerra asteca Mulher Serpente. O exército asteca debandou e fugiu assustado. Acreditavam que Cortez adquirira poderes mágicos dos deuses na época em que acampou dentro da cidade enterrada.

Depois da conquista, os astecas disseram a Cortez que a cidade de Teotihuacán fora encontrada enterrada quando os astecas chegaram ao vale do México cerca de 200 anos antes. Disseram que a cidade era um lugar "onde os homens iam dormir e despertavam na presença dos deuses."

Após Teotihuacán ser novamente enterrada na época da ocupação tolteca, passou a ser evitada e nunca mais foi ocupada por grande número de povos pré-colombianos. Somente depois da virada do século passado foram feitos esforços efetivos para se descobrir (desenterrar) outra vez o antigo local. Atualmente constitui uma grande atração turística. (Fico imaginando quando a Federação irá sepultá-la novamente.)

Depois que os toltecas saíram de Teotihuacán, espalharam-se, reunindo-se em vários grupos menores. Muitos anos depois, os grupos novamente se reuniram por causa da guerra. A reunificação ocorreu quando eu tinha cerca de 14 anos de idade. O grupo de toltecas ao qual eu pertencia morava numa área atualmente denominada Yucatán. Dividíamos a região com os que vocês denominam maias. Alguns de nossos líderes se casaram com integrantes da aristocracia maia.

Eu tinha por volta de 19 anos e casei-me com uma mulher maia. Não tivemos filhos. Iniciei-me na atividade agrícola, cultivando principalmente milho e coco. Certo dia, quando estava bêbado, caí de uma árvore e fiquei bastante machucado. Meus três companheiros de copo, julgando-me morto, me enterraram vivo.

MINHA VIDA ATUAL

Atualmente vivo no planeta Seron, localizado próximo aos confins da Federação. Vivo aqui há cerca de sete meses terrestres. Tenho cerca de 331 anos terrestres de idade. Sou casado e tenho dois filhos, uma menina e um menino (ambos com mais de 200 anos de idade). Minha mulher é de um planeta chamado Distrá. Levaria cerca de 28 dias terrestres para viajar de minha localização atual até a Terra.

Como mencionei no início de minhas narrativas, sou atualmente o 862 Senhor de Planejamento da Casa de Magail, uma subdivisão da Casa nodiana de Domphey. Ocupo-me muito pouco das atividades comerciais da casa de comércio. Meus deveres se relacionam principalmente com a atuação como intermediário entre seronianos e quaisquer visitantes de outros mundos empregados pela Casa de Magail. Em breve os numerosos tipos de gente de outros mundos serão substituídos por um tipo em particular com o qual os seronianos sejam o mais compatíveis possível. Daí por diante, mesmo essas pessoas de outros mundos irão embora à medida que seus cargos forem gradualmente preenchidos pelos próprios seronianos. Quando isso ocorrer, deixarei este planeta rumo a ainda outro planeta que está bem adiantado na fase quatro de contato com a Federação.

Nasci nesta vida em meu mundo natal de Moor. Os serviços prestados à Casa de Domphey em minha primeira

vida qualificaram-me para o cargo que ocupo atualmente. Tive várias opções de emprego, mas escolhi vir para a fronteira para ajudar no crescimento da casa de comércio e da expansão da Federação.

Manti-me a par das diversas mudanças ocorridas na Barreira de Frequência na Terra. Parece que não vai demorar muito para ela se acabar e seremos capazes de conduzir uma conversa frente a frente.

Até lá, sou Nisor de Moor.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Sou Macshallow-Brunto, 90º Senhor de Planejamento da Federação. Você pergunta por que a Federação queimava e enterrava a cidade de Teotihuacán?

Eis então minha resposta. Quando qualquer acontecimento emocionalmente carregado, tal como um assassinato, ocorre, a energia psíquica liberada pela emoção pode influenciar as moléculas de pedra e madeira nas redondezas de onde se deu o acontecimento. As moléculas atuam de modo semelhante ao revestimento numa fita de vídeo, pois certas condições de campo vital que ocorrem posteriormente (em ciclos) podem interagir com as moléculas que armazenam o registro do acontecimento. O acontecimento pode então se repetir nessas épocas na forma de imagens holográficas, podendo ser vistos por algumas pessoas ou então sentidos por outras. É em virtude desse fenômeno que as pessoas da Terra vêem aparições.

As construções de pedra e madeira são registros muito bons de tais acontecimentos, pois em geral apresentam alguma regra matemática em suas dimensões. Mas quando uma construção é erigida segundo as regras da geometria sagrada, em especial uma construção de pedra, a estrutura fica mais bem harmonizada com a energia psíquica, sendo, portanto, um veículo de armazenamento muito mais eficiente das imagens psiquicamente impressas.

O acontecimento emocionalmente carregado do massacre das pessoas de Miradol em épocas muito antigas foi registrado nas moléculas da assim chamada Pirâmide da Lua, a Pirâmide de Quetzalcoatl e outras edificações do local proporcionadas e construídas pelos grácianos de acordo com as regras da geometria sagrada. Posteriormente, as emoções (energia psíquica) geradas por incontáveis sacrifícios humanos realizados nos arredores foram absorvidas pelas moléculas dessas mesmas edificações. A reprodução desses acontecimentos terríveis no campo vital universal poderia acarretar desmedidos sentimentos de infelicidade a muitas pessoas sensíveis do planeta. Em alguns casos, tais reproduções psíquicas adversas poderiam inspirar violência desenfreada.

Ao queimar e enterrar uma edificação de construção sagrada, os efeitos de qualquer forma de registro akáshico no campo vital pode ser enfraquecido ou totalmente anulado, pois o solo contém ingredientes que interagem com água e luz do Sol, fazendo com que as sementes se transformem em plantas vivas ativas (na vida) no campo vital universal. Uma semente encerra em si muitos fatores relativos à geometria sagrada [veja os números e proporções de Fibonacci (1 .6.8.....) referentes a plantas e animais]. Portanto, o solo que sustenta a vida que encobre uma edificação construída segundo as regras da geometria sagrada pode, na maioria dos casos, suprimir a repetição akáshica de quaisquer acontecimentos passados armazenados nas moléculas da edificação.

Na Grande Pirâmide de Gizé, a remoção de seu cume teve o mesmo resultado que teria se ela fosse enterrada no solo. A ausência do cume da pirâmide distorceu a matriz de energia da construção, destruindo sua capacidade de transmitir qualquer forma de energia (imagens akáshicas).

Reconstruções imprecisas de edificações de Teotihuacán ajudaram a reduzir a capacidade antes perfeita da edificação de reproduzir acontecimentos passados. Portanto, é muito pouco provável que a cidade seja novamente enterrada.

TIXER-CHOCK DE GRACYEA

“Junto a muito outros eles oram e com alegria seus espíritos calculam os prodígios das divisões e múltiplos de um e zero. Eles dizem que esses valores são a base de tudo o que existe. ‘Também acredito que isto seja verdade e para sempre será. Por meio dos números, muitos membros de sua raça se reuniram á consciência do Criador de ‘Tudo Aquilo Que Existe. Nesse estado de consciência, rezo para que eles subtraíam da criação os números do mal e acrescentem os números da vida eterna que podem apenas ser divididos pelo número do amor.

Sou Pris-Batu de Torco.”

Observação: *nunca tive a experiência de me comunicar telepaticamente com um graciano. Fui avisado por meus colegas nodianos que, se por um lado as sessões de comunicação com gracianos não deveriam apresentar dificuldades, elas poderiam ser um tanto confusas, pois os gracianos usam números para explicar coisas e para defender um ponto de vista. Portanto, esta comunicação será monitorada por vários outros extraterrestres que interferirão quando necessário, esclarecendo qualquer coisa que eu não entenda. Ao escrever esta observação, não tenho idéia de quem virá em meu auxílio, nem quando, então iniciarei os parágrafos que tiverem apertes com os nomes do ET e um número que possa ser usado depois para identificar essa pessoa. Uma lista de todo e qualquer extraterrestre que participar dessa maneira, juntamente com o número que lhe for atribuído, estará á disposição no final. - WB.]*

Sou Tixer-Chock de Gracyea. Meu mundo natal de Gracyea é o quarto planeta do sol/estrela que chamamos Lalm. O sistema solar de Lalm contém um radiar grande chamado pela Federação de radiar Bel Nec. Bel Nec, que tem oito planetóides, descreve a sexta órbita solar a partir de Lalm. Foi de um desses planetóides [Morza] que se originou o homem de nome Barco. O planeta Simm é o segundo planeta dos cinco que compõem o sistema solar de Lalm. Incluindo o radiar que acabou de ser mencionado, nosso sol tem cinco corpos orbitantes principais.

Tenho conhecimento de que o povo do planeta Simm e seu relacionamento passado com os maldequianos foram mencionados por outras pessoas em seus textos anteriores. Os simms foram apresentados aos maldequianos por nós, de Gracyea.

Eu, Tixer-Chock, fui a recompensa dada a meus pais pelo seu amor ao elohim e um ao outro. Procurei sempre ser digno dos sentidos de percepção que eles me concederam para contemplar as maravilhas do Criador de Tudo Aquilo Que Existe.

Naquela primeira vida, fui o filho único de Orydebbsa, minha mãe, e de Crax-Milanto, meu pai. Meu avô Itocot-Talan, um dos grandes eruditos de nossa raça, dirigiu a construção da cidade terrestre de Miradol (Teotihuacán). Eu estava com ele em Miradol quando os krates maldequianos nos mataram. Os que morreram conosco naquela época talvez considerem consolador saber que nos três dias seguintes a nossas mortes, o elohim silenciosamente nos pranteou. Isso é verdade e para sempre será.

Você vem a mim com pensamentos e perguntas que me emocionam. Fiquei agitado durante o tempo em que gastei me preparando para este encontro de nossas mentes no campo vital universal.

Em primeiro lugar, dissiparei uma suposição que a maioria dos que não são de meu mundo talvez fizessem. Nós, de Gracyea, não manifestamos originalmente o conhecimento de geometria sagrada no nível molar (tridimensional) de percepção. Esse conhecimento maravilhoso foi transmitido a meu povo, várias centenas de anos antes de minha primeira vida por uma raça proveniente de outro mundo ainda que viajava pelo espaço.

Os grandes professores que nos ensinaram os números e sua relação sagrada com tudo o que é visível e invisível, acharam meus ancestrais laboriosos e pacíficos. Nada pediram a meu povo em troca das inúmeras dádivas de iluminação que lhe deram.

Havia 12 desses sábios antigos que nos convidaram a ir a seu mundo natal quando nos tornássemos capazes de usar o que eles nos ensinaram - construir espaçonaves que conseguissem resistir à viagem. Esses professores, disseram a nossos ancestrais que eles moravam em vários mundos que circundavam um radiar cujo sol central pode ser visto, atualmente, como uma das estrelas mais brilhantes em nossos céus noturnos.

Os antigos nos contaram que quando fôssemos a seu mundo natal, eles ensinariam nosso povo muito mais

coisas maravilhosas. Depois de fazer essa promessa, foram embora de nosso mundo e nunca mais retornaram. Minha raça foi inspirada e altamente motivada por sua promessa e nos apressamos a desenvolver viagens espaciais de modo que pudéssemos encontrá-los uma vez mais e orgulhosamente lhes mostrar que realizáramos o que esperavam de nós.

Quando os professores antigos partiram de Gracyea, o povo começou a construir e construir e construir. Estava obcecado pelo desejo de ver a geometria sagrada expressa em edificações e de desfrutar os efeitos eufóricos e curativos gerados, naturalmente, por tais edificações. A linguagem matemática do Criador de Tudo Aquilo Que Existe tornou-se parte essencial de nossas vidas, permanecendo assim até hoje.

Nossas primeiras aventuras no espaço nos levaram ao planeta Simm. Os habitantes desse mundo estavam, tecnicamente, no estágio no qual os habitantes da Terra se encontravam no início de seu atual século. Simm tinham um governo mundial e seu povo vivia em paz.

Expedições posteriores levaram nossos exploradores espaciais aos outros quatro planetas do sistema Lalm e, também, aos oito planetóides que orbitam o radiar Bel Nec. Descobrimos que os que, como nós, dispunham de conhecimentos avançados tinham a grande responsabilidade de entrar em contato com os que não tinham tanta sorte. Descobrimos que não tínhamos capacidade de transmitir de imediato nosso conhecimento de geometria sagrada a outros seres do sistema, pois eles precisavam de tempo para se recuperar do choque de nossa chegada em seus respectivos mundos e, a seguir, atingir uma compreensão básica de muitas outras coisas antes de conseguirem aprender as relações matemáticas existentes entre uma realidade sólida e outra e o universo como um todo.

Idealizamos um plano de ensino por meio do qual poderíamos criar condições que incentivaríamos os habitantes dos planetas ou planetóides a tanto consciente, como inconscientemente, absorver e entender o poder divino dos números. Fizemos isso construindo, naqueles planetas e planetóides do sistema local, edificações baseadas na geometria sagrada. Levou alguns anos para o povo de Barco deixar de contar “1, 2, 3, 4 e mais de 4.” No início, a maioria dos povos do sistema Lalm simplesmente gostava de construir com as mãos e se maravilhar com sua bela obra, sem compreender que significados poderosos representavam suas estruturas.

Os habitantes daqueles mundos que fisicamente foram aos poucos introduzidos à essência viva do sistema divino de números, tornando-se parte dela, ficaram, como nós de Gracyea, apaixonados por ela. Você [o autor] e outras pessoas da Terra que estão, atualmente, experimentando os mesmos efeitos espirituais em decorrência de seu estudo da geometria sagrada, sabem o que é ser espiritualmente levado a aprender cada vez mais sobre o assunto. Aviso outras pessoas que se dedicam a estudos semelhantes: cuidado, pois uma vez começada, nunca se encerra a pesquisa. O sistema proporciona um fluxo contínuo de conhecimentos que encerram tanto satisfação mental, como uma aceleração do espírito (emoção) decorrentes da compreensão de que o universo não está num estado de caos, e sim foi idealizado e funciona segundo a ordem da geometria sagrada estabelecida pelo Criador de Tudo Aquilo Que Existe. Eu, Tixer Chock, digo que isso é verdade e para sempre será.

Desde que os professores antigos se retiraram da presença de meus ancestrais, empregamos o sistema divino de números, que chamamos sistema *Ra*, em todos os aspectos de nossas vidas. Beneficiamo-nos grandemente de sua aplicação na agricultura e medicina. O mesmo aconteceu com outros povos do sistema solar de Lalm.

Com o tempo, desenvolvemos um sistema de propulsão de espaçonaves movidas a campo que nos permitia sair de nosso sistema solar nativo e viajar a mundos que circundavam outras estrelas/sistemas. Nosso primeiro destino, claro, foi o lar de nossos mestres antigos. Qualquer outro lugar do universo teria de esperar para ser visitado por nós, de Gracyea.

Passsei minha juventude aprendendo arquitetura sagrada e desenvolvendo métodos de construção de grandes edificações em pedra. As pessoas do planeta Simm que adoravam cultivar coisas vinham para Gracyea e administravam fazendas e granjas que forneciam alimentos ao mundo. Nossa vida animal é bem diferente da vida animal da Terra atual. Levaria considerável tempo e espaço para descrevê-la por inteiro, então não o farei durante esta comunicação. E o povo de Barco e outros povos dos mundos Lalm gostavam de construir coisas e armar maquinaria. Todos nos dávamos muito bem.

Gracyea também é famoso como o lar das serpentes emplumadas gigantes. Vocês talvez se surpreendam ao ficar sabendo que esses longos animais de 40 pés são vegetarianos muito tímidos. São os dragões mencionados na antiga ode nodiana que diz: “Vou para um mundo onde os dragões temem as borboletas.” Essa bela e afável criatura passou a representar simbolicamente minha raça.

Com a idade de 22 anos terrestres, casei-me com uma herdeira do tabaco de meu mundo. Na época, poucos podiam se igualar a seu pai em riqueza material. O nome dela era (e é atualmente) Brevracarliss. (Sim, sim, sim, incluirei aqui a invencionice e a brincadeira do marciano Senhor Sharmarie segundo a qual o nome do meio dela era Nicotina. Portanto, tenho permissão de retaliar com uma piadinha graciana: na Terra, existe quem possua os títulos aristocráticos de conde e condessa. Os marcianos também têm os mesmos títulos, mas a maioria deles se exconde! Mas de volta à seriedade de nossa comunicação.)

Brevracarliss e eu tivemos uma filha que chamamos Denbrevra. Deixei minha família em Gracyea quando chegou a hora de me reunir aos 35 outros de minha raça para viajar ao sistema solar dos professores antigos. A viagem durou cerca de 48 horas terrestres.

O SISTEMA SOLAR DE NOSSOS PROFESSORES ANTIGOS

Depois de nossa chegada no sistema solar dos antigos, procuramos um dos rádiores entre os quatro lá existentes, tendo conhecimento, a partir de antigos registros, de que os planetóides natais dos professores circundavam aquele globo resplandecente em particular. Viajamos de planetóide em planetóide naquele radiar e encontramos apenas belas formas de vida planetária, mas nenhum sinal de vida animal ou de qualquer forma de construção humana. Pensando que talvez tivéssemos nos enganado, passamos mais de um ano terrestre secretamente verificando os planetóides dos outros três rádiores. Encontramos a maioria desses planetóides ocupados por humanos, mas nenhum que se encaixasse na descrição dos professores antigos. Passamos, então, a procurar qualquer sinal dos antigos em cada um dos

quatro planetas integrantes daquele sistema solar. [Esse é o sistema solar ao qual pertence a Terra, mas antes da destruição de Maldek. Naquela época, Mercúrio era um planetóide que orbitava Júpiter e Plutão e sua lua, Charon, orbitavam Netuno.]

Durante nossas explorações, localizamos algumas edificações antiqüíssimas (a maioria em ruínas) que haviam sido planejadas e construídas segundo a ordem da geometria sagrada. Essas construções secundárias se localizavam no terceiro planeta do sistema solar. No quarto planeta encontramos várias cidades grandes cujas edificações e traçado eram planejados e construídos segundo a ordem dos números sagrados. Acreditamos que esse belo mundo deve com certeza ser o lar atual dos antigos.

Aterrissamos e entramos em contato com o povo daquele mundo. Atualmente vocês conhecem esse mundo pelo nome de Maldek e seu povo por maldequianos. Estou ciente de que vocês soletram o nome Maldec como Maldek (com k e não c). O som de k no idioma soltec universal apresenta uma característica muito áspera - reparem o modo como é utilizado nas palavras inglesas kick (chutar) e kill (matar), não sendo pronunciado na palavra knife (faca). Soletrar Maldek com k é muito ofensivo para os maldequianos, mas soletrem como bem quiserem. O termo matemático dec-i-mal originou-se do nome “Maldec,” que significa “os que fracionalizaram (decimalizaram) o Uno.”

As construções de Maldek eram muito antigas, mas pelo fato de terem sido construídas de pedra dura e segundo a ordem da geometria sagrada, estavam em boas condições. Achamos estranhos os governantes maldequianos, mas foram amistosos para conosco. Eles nos disseram que também tinham sido visitados pelos professores antigos, que os ajudaram a erguer suas lindas cidades antes de partir do planeta prometendo voltar. (Depois descobriu-se que, quando os professores foram embora de Maldek, o fizeram jurando jamais retornar. O que aconteceu entre esses professores de Urano [planetóides do radiar Hamp] e os maldequianos nunca foi esclarecido naquela minha primeira vida. Tentarei descrever o que aconteceu em algum ponto no decorrer desta comunicação.)

Uma das primeiras coisas que notamos foi a ausência de crianças maldequianas abaixo da idade de maturidade sexual. Acabamos por descobrir que, por ocasião de seu nascimento, a criança maldequiana é visitada por alguém que fala em nome do El daquele planeta. Caso a criança esteja dentro dos padrões estipulados pelo El maldequiano, tem permissão para viver. Caso isso não aconteça, é morta. As que têm permissão para viver são fisicamente vinculadas à consciência do El, onde permanecem em animação suspensa até a maturidade sexual. Saem de sua hibernação totalmente nutridas, crescidas e educadas segundo os costumes de todos os maldequianos que já vieram antes delas. As crianças maldequianas, que raramente despertam de seu sono induzido antes do devido tempo, são consideradas nobres e muito superiores.

Os maldequianos não queriam que crianças de outros mundos nascessem em seu planeta porque a presença viva de tal criança na biosfera do planeta perturbaria o crescimento de seus próprios filhos adormecidos.

O El de Maldek tem sido denominado Lúcifer na Terra (“o que leva a luz”). A desintegração do planeta Maldek tem sido interpretada por culturas antigas da Terra (como a dos babilônios) como “a expulsão do Grande Impostor El Lúcifer e de seus anjos do céu”.

Antes de nossa chegada, as únicas coisas que os maldequianos faziam eram cultivar alimentos, produzir roupas refinadas, exercitar-se e produzir outros maldequianos. Depois de nossa chegada, transferiram o cultivo de alimentos e a fabricação de roupas a gente que não era de seu mundo.

Estávamos felizes de ter encontrado maldequianos capazes de entender o significado e a importância da geometria sagrada. Faltavam-lhes alguns fatores chave que entendíamos muito bem, e imaginávamos por que os professores antigos não os ensinaram a eles. O fato de não terem conhecimento dessas informações impedia que desenvolvessem qualquer forma de viagem espacial de longo alcance.

Fomos escoltados por Maldek durante vários meses terrestres para apreender o que víamos. Depois de ver e sentir os efeitos de seus belos edifícios, concluímos que começaríamos por onde os professores antigos haviam parado, ensinando aos maldequianos o que eles não sabiam a respeito de geometria sagrada. A princípio pensamos que poderíamos trabalhar com os maldequianos para incrementar mutuamente nossos conhecimentos sobre o assunto. Também pensamos que poderíamos trabalhar coletivamente com eles para descobrir o que fora feito dos professores antigos.

Levamos dois maldequianos de volta a nosso sistema solar natal e os transportamos ao planeta Simm, bem como a todos os demais corpos do sistema habitados por humanos. A princípio, os maldequianos preferiram ir a Gracyea para aprender. Depois construíram um local em seu próprio mundo onde, disseram, nossos professores ficariam muito bem acomodados. Num período de cerca de 30 anos terrestres, partilhámos com os maldequianos o sistema de propulsão de nossas espaçonaves, depois do que eles construíram suas próprias naves e entraram em contato com seus vizinhos planetários, tais como o povo de Sarus (Terra). Sem o conhecimento do povo de Gracyea, eles imediatamente iniciaram seu programa de conquista da Terra. Os maldequianos eram muito reservados acerca de seus planos de longo alcance de conquista planetária. Fingiam ter as mesmas metas espirituais que nós, de Gracyea, tínhamos. Respeitávamos suas regras de contato controlado e limitado para proteger da desagregação seu modo de vida particular. Tratávamos somente com os maldequianos selecionados para contato por seus governantes, não tendo nenhum contato com sua população em geral.

Nós, de Gracyea, estávamos felizes por entrar em contato com outras culturas planetárias, partilhando o que sabíamos da vida e aprendendo com elas tudo o que pudéssemos. Nunca tivemos o desejo de governar os outros e não víamos razão para alguém desejar conquistar e controlar o mundo de outra pessoa.

Os maldequianos fizeram uma viagem atrás da outra a Gracyea e ao planeta Simm. Logo começaram a empregar os simms em muitas ocupações subservientes. Ficamos sabendo depois que os simms que foram morar e viver em Maldek recebiam secretamente alimentos acrescidos de substâncias químicas que os esterilizavam, impedindo-os, assim, de gerar filhos durante sua permanência em Maldek e mesmo posteriormente.

Nós, de Gracyea, nada aprendemos de realmente novo em decorrência de nossa associação com os maldequianos. Durante mais de 300 anos terrestres depois de entrarmos, pela primeira vez, em contato com eles, exploramos outros sistemas solares e entramos em contato com outras culturas. Partilhávamos o que quer que essas culturas conseguissem entender de nosso conhecimento de geometria sagrada. Para satisfazer nosso desejo de construir coisas projetadas segundo a ordem dos números sagrados, achamos necessário pedir aos que se beneficiariam das estruturas um pagamento pelos serviços prestados por nossos engenheiros e por nossa mão-de-obra treinada. O pagamento era em geral efetuado na forma de matérias-primas.

Os projetos de construções tornaram mais lentas nossas explorações espaciais porque nosso número limitado, mas crescente, de espaçonaves era empregado, principalmente, no transporte de equipamentos de construção e trabalhadores para lá e para cá nos canteiros de obras em diferentes mundos. Durante aquele período de 300 anos, nós, de Gracyea, fomos felizes. No período em que nos ocupamos de nossa exploração espacial interestelar e de nossas construções, encontramos centenas de outras culturas que tinham atingido alguma forma de viagem espacial, mas nunca encontramos nodianos durante aquele período.

Nós, de Gracyea, sempre fomos capazes de nos comunicar telepaticamente uns com os outros. Os números sagrados passados mentalmente entre nós como formas-pensamento são facilmente compreendidos, mas para aqueles que não possuem referências de nível molar (tridimensional) para tais coisas, as formas-pensamento numéricas basicamente não fazem sentido. Assim, a busca de contatos mentais de longa distância com outras culturas por intermédio do campo vital universal era para nós um desperdício de energia mental. O fato é que simplesmente não conseguíamos nos comunicar mentalmente do jeito delas e elas não conseguiam nos entender.



A CIÊNCIA FÍSICA DO SOM

Tive o privilégio de estudar com meu avô Itocot-Talan, que me ensinou a aplicar o som como método de fazer fendas, dar forma (afinar) e levitar blocos maciços de pedra de várias composições de elementos. Também tornei-me perito na formulação de argamassas e cimentos, que tinham de ser misturados com precisão de modo a

apresentar compatibilidade, em termos de som, com os blocos de pedra usados na construção de uma edificação. Blocos de pedra e argamassa incompatíveis simplesmente não dão bom resultado. Ou seja, não permitem que a edificação mantenha-se em harmonia com o campo vital universal.

Os professores antigos tinham contado a nossos ancestrais da existência do elohim que espiritualmente governa seus respectivos mundos a partir do macro nível de percepção, e do Criador de Tudo Aquilo Que Existe, que proporciona luz a todas as coisas por intermédio das estrelas. Encontramos, então, conforto espiritual na oração ao sol de fosse qual fosse o sistema solar em que estivéssemos na época, sabendo que sua luz abençoada, provedora de vida, era uma dádiva divina a todas as coisas que a absorviam e/ou refletiam.

Nossos sacerdotes, chamados stolfas, passavam vários anos meditando e praticando exercícios mentais que, com o tempo, permitiam-lhes desenvolver a capacidade de levitar um objeto de qualquer massa e peso. Eles conseguem esses vôos mentalmente controlados e dirigidos atuando como um filtro mental. Com suas mentes, somente, são capazes de localizar as frequências adequadas e rejeitar as que não se aplicam a seu trabalho.

Entre o campo gravitacional local do sol e o campo gravitacional do planeta existem todas as frequências envolvidas na atração de uma massa pela outra. As orações dirigidas ao sol nascente e poente, mentalmente, harmonizam pessoas como os stolfas com o campo de pressão gravitacional do sol de manhã, separando-o deles ao cair da noite. Os stolfas conseguem identificar, mentalmente, a frequência necessária e proporcionar a quantidade correta de energia mental sob a forma de onda daquela frequência particular.

Caso o stolfá proporcione muito pouca força vital naquela frequência, o objeto não perderá seu peso. Caso seja aplicada muita energia, a pedra irá se desfazer em pó — como aconteceu com o planeta Maldek. Um estudante graciano primário poderia ter dito aos maldequianos o que aconteceria. Os maldequianos não nos tinham contado de sua intenção de enviar energia vril da Terra para Maldek por intermédio da Grande Pirâmide de Gizé. Eles nos disseram que desejavam construir a pirâmide para finalidades totalmente diferentes. Essas finalidades “benignas” nos haviam interessado e queríamos ser parte de sua manifestação, então cooperamos ativamente.

Eu tinha cerca de 325 anos terrestres e era pai de mais 12 filhos quando os maldequianos propuseram que nós, gracianos, construíssemos um conjunto de edificações e pirâmides sagradas de campo vital compatível, que seriam construídas na Terra e em Marte e, finalmente, em Vênus. Depois de ouvir as razões dos maldequianos de por que queriam fazer isso, admito que estávamos entusiasmados para participar. Tratava-se de um projeto de longo alcance que, calculava-se, levaria 25 anos terrestres.

A CHEGADA DOS NODIANOS

A chegada nodiana no sistema solar local e seu contato com o povo de Vênus (Wayda) frustrou os planos maldequianos de construir uma pirâmide em Vênus naquela época. Os maldequianos temiam a presença nodiana e devem ter queimado seus circuitos mentais tentando imaginar o que fazer com eles. Nós, de Gracyea, admirávamos os êxitos técnicos dos nodianos, mas inicialmente os achamos muito exigentes em relação a certas coisas às quais não dávamos importância.

Embora nada soubéssemos sobre os nodianos anteriormente àquela época, eles pareciam saber bastante sobre nós e nosso planeta natal Gracyea. No primeiro encontro físico entre os nodianos e nós, um representante nodiano saudou nosso representante com eloquência em nosso idioma de números e jurou pela luz do sol (assim como nós) ser sempre não-agressivo em nossas relações. Esse primeiro encontro aconteceu em Gracyea algumas semanas apenas antes da destruição de Maldek, e depois disso nos tornamos os mais íntimos dos amigos. Gracyea atualmente integra a Federação e nossas construções sagradas abrigam representantes de Nodia em muitos mundos, bem como em seu planeta.

Basicamente, os maldequianos alegavam que as construções por eles propostas na Terra, Marte e Vênus faziam, originalmente, parte de um “plano” que fora transmitido a eles pelos professores antigos de Urano antes de estes os deixarem a ponderar sozinhos o motivo. Como os professores antigos deixaram por conta do povo de Gracyea o desenvolvimento de espaçonaves e outras coisas úteis, prontamente demos por certo que eles haviam feito a mesma coisa com os maldequianos.

Os maldequianos nos disseram que eles sempre tiveram conhecimento do “antigo plano,” mas queriam ter certeza de que nossas culturas conseguiriam se dar bem. Além disso, os professores lhes haviam dito que povos de outros mundos com os quais tinham entrado em contato viriam ajudá-los a cumprir o plano divino. Também nos disseram que quando as construções estivessem concluídas, os professores retornariam. Nós, de Gracyea, acreditávamos em tudo o que eles diziam — afinal, por que mentiriam sobre coisas tão sagradas? Estávamos muito felizes de ser parte do plano dos professores antigos e fazíamos tudo o que estava a nosso alcance para concretizá-lo.

Fui um dos representantes de minha raça que visitou os planetas Terra e Marte para primeiro determinar as localizações adequadas para a construção, preparando-as a seguir para as obras. Em Marte a região que vocês

conhecem como Cidônia era perfeita, o que era comprovado pelo fato de os professores antigos terem construído lá em eras passadas. O local chamado Cidadela, onde residia o zone-rex marciano naquela primeira vida, fora construído por gente de Urano. Foram eles que ensinaram os primeiros marcianos a selecionar seu governante supremo e quem os colocou no caminho do desenvolvimento espiritual superior.

O PROJETO DE CONSTRUÇÃO DE MARTE

Lembro-me de que era uma manhã chuvosa quando nossa nave aterrissou em Marte. Fomos saudados por quatro bar-rexes (senhores da guerra marcianos), cada qual acompanhado por mais de cem soldados. Esses príncipes subiram a bordo de nossa nave trazendo um acordo escrito assinado e selado que haviam celebrado com os maldequianos, segundo o qual os grácianos estariam totalmente livres para construir o que bem quisessem numa planície próximo da cidade de Graniss (Cidônia). O acordo estava redigido nos idiomas dos maldequianos, marcianos e no nosso, dos grácianos, e estávamos cientes de que os maldequianos não estariam presentes no planeta Marte durante o período de construção.

[Alloiss-Mabray’: “Em verdade, os maldequianos consideravam os marcianos grosseirões perigosos, com capacidade primitiva de raciocínio e não queriam que os marcianos os investigassem ativamente, nem buscassem seus propósitos subjacentes. Tinham razão em pensar que sua presença física entre os marcianos acabaria por causar problemas. A crença maldequiana de que eram uma raça superior vinha à tona na presença dos marcianos. Se fosse de seu interesse, os maldequianos podiam ser diplomaticamente tolerantes com as pessoas, tais como os ‘civilizados’ grácianos ou os brilhantes habitantes da Terra, mas os marcianos eram definitivamente outra história.”]

Choveu por mais dois dias e o exército marciano acampou ao redor de nossa espaçonave. Eles se ocupavam contando histórias, bebendo e lutando na lama. Eram muito espalhafatosos e discutiam entre si, mas não havia violência, pois estavam no terreno neutro que circundava o quartel-general do zone-rex.

Exploramos o local de construção proposto. Nossas explorações nos conduziram aos muros da antiga cidadela que fora construída há muito tempo pelos professores do radiar Hamp (Urano). Fora construída com o que considerávamos material mole. Ao longo de sua história, ela sobrevivera às abrasivas tempestades de areia, ventos e chuvas marcianos apenas em razão de seu projeto sagrado, que produziu forças antagônicas que protegeram a estrutura. (O mesmo tipo de forças antagônicas atualmente protegem as Grandes Pirâmides de Gizé, Egito, embora elas tenham sido parcialmente desmanteladas.)

Fomos recebidos nos portões da Cidadela por guardas do zone-rex, que carregavam montantes. O zone-rex nos dera de presente vários odres grandes de uma bebida alcoólica chamada drat, juntamente com uma mensagem dizendo que não deveríamos voltar a menos que ele nos chamasse.

Passamos vários dias “afinando” a área e, a seguir, ficamos vários dias em nossa espaçonave fabricando os diapasões necessários para cortar e levitar as pedras locais. Depois de essas tarefas serem concluídas, visitamos a cidade marciana de Graniss para esperar por outras pessoas de nosso mundo natal trazendo mais equipamentos de construção e mão-de-obra dos planetóides do radiar Relt (Júpiter).

Por ordem do zone rex, nenhum marciano deveria nos auxiliar fisicamente em nosso projeto de construção. Embora Rancer-Carr na época não fosse aceito como zone rex por todos os senhores de guerra marcianos, era fácil para o marciano comum aceitar seu decreto proibindo-os de nos fornecer qualquer forma de trabalho físico. (De qualquer forma, os morosos marcianos só teriam atrapalhado.)

Durante nossa visita à cidade neutra de Graniss, conseguimos travar conversas com alguns marcianos. Perguntamos-lhes se sabiam dos professores antigos que tinham construído a Cidadela na planície vizinha. Ficamos surpresos ao ouvir que os marcianos acreditavam que alguns dos professores nunca tinham deixado Marte e moravam em cavernas na montanha sagrada por eles chamada Daren. (Essa montanha é hoje vulcânica, sendo chamada de Monte Olympus pelos habitantes da Terra atual.) Contaram-nos que tinham certeza disso, porque apenas alguns anos antes, vários dos professores, vestidos em mantos púrpura e usando máscaras de prata vieram ter na mina de cobre. Falaram a centenas de mineiros e convocaram de suas fileiras um jovem que proclamaram zone rex. Esse jovem era Rancer-Carr.

Foi muito frustrante saber que a apenas alguns quilômetros havia um homem que encontrara e falara com os professores, mas que não falaria conosco! Pensamos que ele, talvez, não entendesse que toda a nossa raça fora abençoada por aquele remoto encontro com aqueles que também o haviam sagrado governante divino de seu povo. Enviamos a ele uma mensagem, numa tentativa de informá-lo de nosso respeito mútuo pelos professores. Sua resposta foi: “Vão embora até que eu seja declarado zone rex por todos os bar-rexes. Então, conversaremos sobre os professores.”

AS ESPADAS NA PEDRA

Levantamos vôo e aterrissamos na montanha sagrada, cuja base tem cerca de 595 quilômetros de diâmetro (cerca do tamanho do estado do Arizona — pouco maior que o estado do Rio Grande do Sul). Havia muitas estradas e caminhos que levavam ao pico da montanha. Por que e como esses caminhos foram construídos era um mistério para nós. O cume (na época coberto de neve) tem cerca de 15,8 quilômetros de altura. Era e é impossível a qualquer um respirar nessa altitude. Os marcianos viviam em declives nas altitudes mais baixas. Havia desfiladeiros estreitos, aparentemente sem fundo, nos quais os marcianos atiravam os corpos de seus veneráveis mortos. Faziam isso há mais tempo do que qualquer um deles conseguia se lembrar.

Fincados nas paredes rochosas que bordejavam os caminhos que levavam a esses cemitérios havia inúmeros montantes. Algumas dessas armas foram forjadas e colocadas em suas bainhas de pedra milhares de anos antes de nossa visita à montanha. Essas armas eram, antigamente, empunhadas por guerreiros marcianos e tinham sido colocadas na pedra por xamãs durante o funeral de seus donos originais. Por mais que tentássemos, não conseguimos desalojar nenhuma das espadas da pedra. Podiam-se ver jovens marcianos e marcianas escalando as paredes rochosas numa tentativa de tirar uma espada em particular da pedra.

Durante nossa visita à montanha, nunca vimos ninguém capaz de remover uma espada de seu antigo local de repouso. Depois encontramos marcianos que tinham conseguido e que, cheios de orgulho, reivindicavam um parentesco espiritual com o guerreiro ao qual a arma originalmente pertencera. Essa prática marciana constituía, obviamente, a base da história de Excalibur, a espada que fez de Arthur, rei da Inglaterra, depois que ele a arrancou de uma pedra, onde fora colocada pelo mago Merlin.

Não fomos bem recebidos pelos marcianos que encontramos na montanha sagrada. Entoamos em alto som uma saudação numérica na esperança de que se os professores realmente morassem na montanha, nos escutariam e entrariam em contato conosco fisicamente. Nossos esforços apenas atraíram irados marcianos a nosso acampamento; ameaçaram agir com violência a menos que fôssemos embora.

Depois de alguns desses encontros, retornamos à cidade de Graniss. Vários dias depois, chegaram de Gracyea nossas naves de suprimentos e vários dias depois chegou o primeiro contingente de nossos trabalhadores dos planetóides do radiar Relt. Passamos nosso trabalho e conhecimentos aos engenheiros-chefes que ficariam encarregados da construção de Cidônia, desejando-lhes sorte em sua associação com os marcianos. Saímos, então, de Marte rumo ao planeta Terra.

TRABALHO EM MIRADOL (TEOTIHUACÁN)

Na Terra, encontramos meu avô Itocot-Talan, que tinha mais de 1200 anos terrestres de idade. Reuni-me a ele e outras pessoas de minha raça no local por vocês atualmente chamado Teotihuacán e que chamávamos, naquela época como agora, de Miradol.

Uma das diferenças entre a Terra e Marte era que havia maldequianos por toda parte. Em Miradol, quando lá cheguei pela primeira vez, havia inúmeras tendas brancas grandes que abrigavam várias centenas de maldequianos, estando cerca da metade desse número de tendas repleta de simms e de gente da Terra. Vários cryberantes (que depois esculpiram a Grande Esfinge de Gizé) chegaram a Miradol cerca de duas semanas depois.

Vários dias depois de minha chegada em Miradol, os maldequianos solicitaram uma audiência com meu avô e eu para se informarem sobre o que estava então ocorrendo em nosso canteiro de obras em Marte. Durante aquele encontro, os maldequianos escutaram atentamente o que eu tinha a dizer sobre nosso projeto conjunto de construção, mas quando aludi a minhas experiências com os próprios marcianos, pediram licença abruptamente e se retiraram.

Notei que um homem alto e magro estranhamente ataviado fazia parte da equipe pessoal de meu avô. Estava sempre imaculadamente limpo. Evitava fisicamente os maldequianos, mas de vez em quando era visto conversando em particular com meu avô. Meu avô viu que eu estava curioso acerca do estranho ser de outro mundo e de sua relação com nossos projetos de construção. Meu avô contou-me que esse homem, Brockmel, era nativo de um dos planetóides do radiar Trake. Fui instruído a atender quaisquer das solicitações de informações feitas por Brockmel, mas a não lhe fazer perguntas. Descobri depois que, após o cair da noite, o traquiano enviava mensagens telepáticas ao quartel-general da Casa de Cre'ator localizada no planeta Nodia.

Vários dias depois Brockmel foi encontrado morto em seus aposentos, “vítima de algo que ingerira.” Meu avô recusou a solicitação maldequiana de cremar o corpo de Brockmel. Em vez disso, mandou o cadáver ser fisicamente examinado por médicos grácianos e enviado ao planetóide natal de Brockmel em nossa próxima espaçonave que estivesse de partida. A necropsia revelou que Brockmel não morrera em consequência de algo que comera e sim de veneno injetado em seu pescoço por uma “naja de uma presa.” Naquela época, como agora, não

existiam najas nos arredores de Miradol.

Passei vários meses em Miradol afinando os materiais de construção locais e produzindo diapasões compatíveis com os materiais.

O PROJETO NO EGITO

Meses depois, realizei o mesmo tipo de trabalho na terra de Mir, no local onde as três Grandes Pirâmides acabaram por ser erguidas. Fui a Mir em companhia do engenheiro chefe do projeto de construção de Mir, Tarvmole-Bixor, e de seu assistente, BoinkalixRalsever. Estávamos também acompanhados por seis maldequianos, um dos quais era o general krates Rolander-Crobe. Ao chegar, fomos recebidos por SomileRallee, o comandante de cerca de 45 krates. Por ordem de Rolander, os krates se dispersaram em grupos para avisar ao povo local que ficasse longe do planalto de Gizé até segunda ordem.

Visitei o vilarejo de Pankamerry, localizado a leste do planalto. Lá encontrei-me com o líder do vilarejo, de nome Cark Ben-Zobey, para combinar a construção de armazéns temporários e a limpeza e nivelamento da área vizinha ao vilarejo, onde nossas espaçonaves carregadas poderiam aterrissar. Depois passei semanas afinando as formações rochosas naturais do planalto e as das redondezas imediatas. Meus cálculos indicavam que não haveria material local suficiente para construir as três pirâmides propostas. Esse fato tornava necessário que eu buscasse outras fontes de material em depósitos de calcário situados rio acima (para o sul). A escassez não era de pedras para o núcleo e sim de calcário fino o bastante que pudesse ser cortado e polido, destinado às pedras de revestimento. A menor das três pirâmides teve de ser construída com outros tipos de pedra (granito e basalto) de maneira que pudéssemos dispor de bastante calcário fino para cobrir os lados das duas estruturas maiores. [Estima-se que as quatro faces da Grande Pirâmide antes eram cobertas por cerca de 22 acres de calcário fino proveniente de uma região a montante do Nilo agora chamada Turah. - W.B.].

Enquanto pude dizer a meus companheiros maldequianos que havia os tipos certos de material em quantidade suficiente nos arredores para as pirâmides, eles foram muito corretos. O problema seguinte a deixá-los infelizes foi que seria necessário certo tipo de mão-de-obra e que não poderíamos garantir que conseguiríamos contratar reltianos em número suficiente. Os reltianos eram ideais por serem pequenos e fortes, e tamanho era importante, pois a quantidade de passagens tinham de ser mantida no mínimo. Passagens maiores em algumas áreas das pirâmides teriam afetado a afinação geral da estrutura. Nada poderia alterar o fato de que as pirâmides tinham de ser sólidas em certos locais para atingir a massa necessária para ficar em harmonia com a energia vril que acabaria por ser atraída a seu interior, sendo lá concentrada. Os reltianos também possuíam o controle emocional apropriado, assegurando-nos que eles não poderiam enviar vibrações mentais contrárias que interfeririam nos processos de raciocínio dos stolfas quando estivessem levitando mentalmente pesados blocos de pedra.

O problema da mão-de-obra trouxe à tona uma característica maligna dos maldequianos que nós, de Gracyea, nunca observáramos em nossa associação de mais de 300 anos. Sugeriram que os reltianos fossem levados contra a vontade, trazidos à Terra e forçados a trabalhar como escravos. Por sorte dos reltianos os maldequianos respiravam oxigênio e não nitrogênio. Do contrário, eles teriam sido cercados por um exército de krates impiedosos e trazidos à Terra acorrentados.

Outro fato que salvou os reltianos desse destino foi que os maldequianos precisariam de espaçonaves gracias para transportar os escravos para a Terra. Quando deixamos bem claro que não tomaríamos parte nesse empreendimento, os maldequianos recuaram, alegando que tinham sugerido escravizar “bondosamente” os reltianos inferiores porque eles estavam tão assombrados com a santidade e importância dos projetos de construção. Disseram que teriam libertado os escravos reltianos, recompensando-os muito bem por ocasião da conclusão do trabalho. Eu mesmo chamei a atenção de nossos sócios maldequianos para o fato de que nenhum escravo reltiano poderia proporcionar o estado mental adequado para auxiliar nossos stolfas levitadores de pedras.

Os maldequianos finalmente concordaram em deixar a nosso cargo o recrutamento da mão-de-obra reltiana. Saímos da terra de Mir descontentes com eles. Não tínhamos muita certeza de que as pirâmides poderiam ser construídas em Mir até que as edificações fossem concluídas em Marte e os reltianos que trabalhavam lá pudessem ser convencidos a ir para a Terra. Sabemos agora que os maldequianos, que tinham um prazo final secreto para a conclusão das pirâmides de Mir, estavam esperando até que o problema da mão-de-obra fosse resolvido. Nós, de Gracyea, cogitamos romper nosso acordo com os maldequianos, mas nossa palavra era e é nosso juramento sagrado. Uma vez que concordamos sob a luz do sol com qualquer coisa, ficamos comprometidos eternamente. Então, decidimos continuar nossa associação com os maldequianos e deixar o futuro de nosso relacionamento nas mãos do elohim — como deveria ser o costume de todos os humanos que se enredam em situações que não consigam resolver honrosamente.

Como vocês sabem agora, a maioria dos reltianos que veio à Terra trabalhar nos projetos de construção, em sua maior parte receberam ordens de fazê-lo de seus chefes tribais que, de acordo com nosso acordo com eles,

esperavam que seu povo fosse devolvido por nós a seus planetóides natais dentro de cinco anos terrestres. Como Maldek explodiu, essa parte de nosso acordo com os reltianos não foi cumprida. Portanto, nós, de Gracyea, ainda hoje nos consideramos em dívida para com eles e acertaremos nossas contas com essa boa gente assim que possível. Investimos em prol deles em certos projetos comerciais supervisionados pela Federação e pelas três maiores casas de comércio nodianas. Atualmente, cada reltiano individualmente é riquíssimo pelos padrões físicos do estado aberto, em especial os que, não por sua própria culpa, foram fisicamente aprisionados na Barreira de Freqüência da Terra e experimentaram inúmeras vidas duras e miseráveis no planeta malfadado.

Nós, de Gracyea, também preparamos um novo lar planetário, no final da Barreira de Freqüência, onde os reltianos podem residir juntos como um único povo até que seus planetóides natais tenham recuperada de alguma forma sua habitabilidade. Nós, de Gracyea, faremos o possível para propiciar tal recuperação.

MIRADOL E OS MAIAS

Quando estávamos ocupados na construção de Mirado! (Teotihuacán), também construímos estruturas em várias localidades vizinhas. Essas estruturas eram receptores de energia do campo vital universal que apoiariam de forma harmônica as finalidades das edificações que estávamos construindo tanto em Mirado!, como no planalto de Gizé. A maioria dessas edificações periféricas eram piramidais. Por insistência nossa, elas foram posteriormente recuperadas e copiadas pelo povo por vocês conhecido como maia. Tínhamos esperança de que eles construíssem certas coisas segundo a ordem da geometria sagrada que pudessem amenizar os efeitos da Barreira de Freqüência.

Por meio da utilização de vários métodos ao longo de um período de cerca de dois séculos, ensinamos os maias o que eles conseguiram aprender sobre astronomia e matemática. Seus líderes interpretaram mal muitos de nossos ensinamentos. Sua dependência de drogas e álcool causou o desmoronamento de sua cultura. Suas características genéticas, que no início de nosso contato com eles tínhamos em alta conta, começaram a se degradar rapidamente. O resultado dessa degeneração genética autocriada foi o que é atualmente chamado o gene maia. Essa desastrosa condição biológica deveu-se, em parte, aos efeitos da Barreira de Freqüência, mas deveu-se principalmente ao estilo de vida dos maias. Dentro de cerca de duas gerações, eles passaram de uma raça de elevada inteligência a uma raça de hostil e estúpida. Pode-se apontar os maias como outro erro graciano.

Ficamos contentes de os descendentes dos maias clássicos terem levado praticamente à extinção o gene maia nocivo. A cruel conquista européia da América Central e a aceitação forçada do cristianismo pelo povo da região teve um papel na instituição de certa disciplina que acarretou modificações biológicas positivas nos maias da atualidade.

Siga direito o calendário maia — ainda representa algo de valor que nós, de Gracyea, demos ao povo da Terra. Nossos alunos, os maias, usaram o calendário para determinar a posição de corpos planetários centenas de milhões de anos passados, de modo que pudessem projetar e localizar com precisão suas edificações. Suas projeções das posições planetárias até o presente estão incorretas em apenas cerca de 33 segundos padrão, ou cerca de 32,8 segundos naturais de tempo. Essa inexatidão, deve-se, em sua maior parte, aos movimentos do terreno que ficava sob seus observatórios durante o necessário período de observação de 18 anos.

Como muitos de nós, de Gracyea, começávamos a nos sentir mal depois de passar qualquer período de tempo com os maldequianos, solicitamos que especialistas médicos de nosso mundo natal viessem à Terra e fossem ao fundo da questão. Minha mulher Brevracarliss e vários de nossos filhos crescidos chegaram em Mirado! com esses especialistas médicos. Nossas misteriosas doenças desapareceram antes que nosso pessoal médico tivesse oportunidade de realizar quaisquer exames.

Certa tarde, quando eu supervisionava a colocação de blocos de pedra na estrutura que vocês atualmente chamam de Pirâmide da Lua, uma espaçonave nodiana aterrissou a cerca de alguns metros. Vários maldequianos se aproximaram dela (havia poucos, se é que havia, krates lotados em Miradol naquela época). Os nodianos e maldequianos se reuniram por cerca de 30 minutos, então os nodianos retornaram à sua nave e foram embora. Nunca mais vi um nodiano ir a Mirado! novamente.

Eu estava feliz por estar com minha mulher e Olhos novamente, e construímos uma pequena casa ao norte do canteiro de obras principal. Outras famílias de Gracyea também moravam perto. Logo éramos cerca de cem mil. Quando o tempo frio chegou à região, os maldequianos e cryberantes se foram em busca de climas mais aprazíveis. O trabalho prosseguiu com lentidão porque as pessoas dos planetóides Relt foram fisicamente afetadas pelo tempo, com o qual não estavam acostumadas. Em essência, nós, de Gracyea, e a gente dos planetóides Relt fomos, para nossa felicidade, deixados em paz em todos os invernos que passamos na Terra.

Nunca sai de Miradol durante aquela vida, nem mesmo para viajar a Mir para observar os progressos na construção das três Grandes Pirâmides, embora eu tenha realmente visto “videoteipes” mostrando o avanço desses projetos, bem como daqueles em andamento na época no planeta Marte.

Cerca de dois meses antes de a Grande Pirâmide de Gizé ser indevidamente usada pelos maldequianos (para

transmitir a energia vril criativa da Terra a seu planeta natal), a florescente cidade de Mirado! era rodeada por milhares de tendas brancas que abrigavam mais de dez mil krates maldequianos. De seus acampamentos podia se ouvir, a princípio, os sons de suas conversas e os zunidos altos quando eles se exercitavam. Mas durante os dois dias que antecediam o solstício de verão, seus acampamentos ficavam totalmente silenciosos e escuros à noite. Ninguém sabia o que eles estavam fazendo no escuro, embora especulássemos que estivessem todos meditando.

A PIRÂMIDE DO SOL E O SISTEMA RA

Para cumprir o cronograma de construção, concluímos às pressas o primeiro nível da estrutura que vocês atualmente chamam de Pirâmide do Sol. Sua base media 763,407 pés *Ra vermelhos*, assim como a Grande Pirâmide de Gizé. O número 763,407 é muito importante. Na qualidade de medida linear, contém 229,0221 unidades *rams vermelhas* que equivalem a 916,884 polegadas *Ra vermelhas*. No corpo de 763,407 há também 72,9 unidades *pi vermelhas*. (O *pi vermelho* equivale a 3,141592... [A linha sobre o número indica que ele é infinito] e 0,729 é o 27 número da Tabela *Ra* de Noves e o recíproco da constante de estrutura fina do elemento hidrogênio: $729 = 27 \times 27$.) O número 763,407 também contém em si 45 unidades *ankh vermelhas* (*pi vermelho* $1,62 = 5,08938$, ou *ankh vermelho*). O número 763,407 também contém 216 unidades *hunab vermelhas* de 1,0602875 unidades cada (216 é o 8 número na Tabela *Ra* de Noves: $21 = 8 \times 27$). Como frequência, 10,602875 ciclos por segundo natural [cpsn] é aquela gerada mais comumente por um ser humano em meditação. O número sagrado de 763,407 também contém 141,4213652 unidades *phi vermelhas* (1,4142 13562 é a raiz quadrada do número 2).

O número também contém 360 unidades *rac 1* ($0,6317250 = \text{rac } 1$), 400 unidades *rac 3* ($0,57255525 = \text{rac } 3$), 500 unidades *rac 5* ($0,4580442 = \text{rac } 5$). Há também 364,5 ($27 \times 13,5$) unidades *rac 2 vermelhas* no número 763,407. O valor de *rac 2 vermelho* é 0,6283 185 e o número 364,5 é o valor do sistema *Ra* atribuído à constante de Balmer para o hidrogênio. O número 364,5 é empregado em equações simples para determinar matematicamente os comprimentos de ondas de linhas espectrais visíveis do elemento hidrogênio. *Rac* significa “cúbico *Ra*.” (Cúbico: antiga medida de comprimento com cerca de 50 cm.)

Em Teotihuacán (Miradol) uma linha projetada do centro da Pirâmide da Lua até o assim chamado Caminho dos Mortos tem exatamente 763,407 *rams vermelhos* de comprimento, até o ponto em que o mesmo bulevar era dividido em duas partes por uma linha que podia ser projetada a partir do centro da Pirâmide do Sol, O mesmo bulevar tem 48 *hunabs* de largura, então $48 \times 1,0602875 = 50,8938$ (10 unidades *ankh vermelhas*).

A “plataforma” sobre a qual repousa o Templo da Inscrição na cidade maia de Palanque apresenta as seguintes dimensões: comprimento, 91,60884 *rams vermelhos*, ou $12 \times 7,63407$ *rams vermelhos*; altura, 9, 160884 *mams vermelhos*, ou $1,2 \times 7,63407$ *rams vermelhos*. A altura do chão do Templo das Inscrições acima do nível da praça é de 76,403 pés *Ra vermelhos*.

Como frequência de som, o valor 763,407 ciclos por segundo natural de tempo é a terceira oitava do tom musical *Ra G*. Portanto, tudo o que estiver relacionado de forma precisa com as dimensões de 763,407 *rams vermelhos*, pés *Ra vermelhos* ou polegadas *Ra vermelhas* também terá uma relação de campo vital universal harmônica com o tom de *Ra G*. Metade da primeira oitava de *Ra G* é 95,425875 ciclos por segundo natural de tempo. O número 95,425875 é o valor *Ra* para a constante de Hubble, que é a constante astronômica (padrão cósmico) utilizada para determinação de distâncias entre as estrelas. Há exatamente 9 *hunabs vermelhos* (1,0602875) no número 95,425875. Lembrem-se de que 10,602875 cpsn é a frequência média de ondas cerebrais alfa produzida durante a meditação, e $95,425875$ (valor *Ra* da constante de Hubble) $\times 10,602875 = 485,65853971$, que era a altura original da Grande Pirâmide em pés *Ra vermelhos*. O valor *Ra* verde de sua altura era 486 pés *Ra verdes*. O número 486 é o 18 número da Tabela *Ra* de Noves, bem como o comprimento de onda da segunda linha espectral visível do hidrogênio (Balmer M4), que tem cor azul. Caso o número verde de 486 seja considerado um número vermelho (ou um fator principal ômega) e dividido pelo comprimento da base da pirâmide de 768,407 pés *Ra vermelhos*, o resultado é 1,5707962963 (metade de *pi vermelho*). Deixarei a cargo de algum integrante de Cre'ator contar aos outros sobre os formatos matemáticos *Ra* e suas relações entre si. Eu, Tixer-Chock, digo que o que contei a você acerca dos números sagrados é verdade e para sempre será.

A NOITE EM QUE MALDEK SE ESFACELOU

Era noite em Miradol quando os maldequianos enviaram a energia criativa sagrada da Terra a seu planeta natal de Maldek. Quando seu mundo se esfacelou, as construções concluídas de Miradol emitiram um guincho ensurdecido quase intolerável para aqueles, entre nós, não nativos da Terra. Para os maldequianos, o tom era esmagador. Eles andavam de um lado para o outro trombando nas coisas e gemendo, parecendo coletivamente uma bebê chorão. As mulheres e fêmeas de animais dos arredores eram atormentadas pelo som e sentiram um impulso primitivo de ajudá-los. Na maioria dos casos, tivemos de impedir fisicamente nossas mulheres de ajudá-los.

Durante toda a noite, as ruas de Miradol ficaram apinhadas de fêmeas de animais selvagens a caminho dos acampamentos maldequianos. Os céus sobre as tendas maldequianas estavam repletos de pássaros e morcegos fêmeas.

Ao alvorecer, tudo estava calmo novamente. Meu avô ItocotTalan nos explicou, a nós de Gracyea, o que acontecera ao planeta Maldek. Tentávamos conceber um plano para sair da Terra e voltar para casa. Não conseguimos chegar telepaticamente à nossa gente em Mir, mas chegamos aos grácianos de Marte. Eles relataram que suas construções concluídas também emitiram Lima guincho alto quando Maldek explodiu. Dissemos aos grácianos em Marte para manter nossa espaçonave estacionada lá e começar a sistematicamente buscar quem estava na Terra, levando-nos para casa.

Por volta do meio-dia do dia seguinte à destruição de Maldek, os krates cercaram a cidade de Miradol e atacaram, matando quem atravessasse seu caminho. Eles executaram sua matança utilizando espadas, lanças e machados e lançaram venenos líquidos de seus injetores digitais, que tinham a forma de najas. Também usaram gás venenoso que matava todos instantaneamente, exceto eles mesmos. A matança durou dois dias e duas noites. Nós, de Gracyea, desconhecíamos a guelra e a matança de outros seres humanos. No segundo dias, havíamos idealizado um modo de usar soma para desorientar os krates e matá-los ou feri-los enquanto estivessem num estado de confusão. Realmente tentamos apenas ferí-los. Descobrimos depois que na verdade não fez qualquer diferença, pois os krates matavam sctms feridos, mesmo os que eu classificaria como levemente feridos, que poderiam ter se recuperado depois de tratados com sons harmonizantes.

Nossa área residencial no norte só foi atacada muito tempo depois, e minha mulher e filhos tiveram tempo suficiente para se embrenhar na floresta densa. Fiquei sabendo depois que minha família e outras pessoas de nossa colônia se reuniram aos grácianos que moravam em vários de nossos canteiros de obras periféricos, acabando por viajar para o sul e entrando na região agora denominada América do Sul. Lá viveram como fugitivos dos maldequianos até que alguns foram resgatados por nossa gente de Gracyea e Marte. Outros, inclusive minha família, pereceram quando ocorreu a primeira catástrofe na Terra, um efeito secundário retardado da destruição de Maldek.

Fui capturado pelos krates juntamente com meu avô. Fomos mantidos por um resgate de 30 espaçonaves grandes. Meu avô notificou telepaticamente Gracyea das exigências maldequianos, mas acrescentou que nem ele, nem eu desejávamos que nosso povo sequer cogitasse pagar por nossa libertação. Ganhamos tempo dizendo aos maldequianos que nosso povo estava considerando suas exigências (o que estavam fazendo, para não tornar nossa afirmação uma mentira detectável). Os maldequianos acabaram por estabelecer um prazo final e o tempo ia e vinha. Fomos então levados ao palácio do então governador maldequiano da Terra, Her-Rood, onde fomos amarrados em postes e queimados vivos em sua presença. Neta meu avô, neta eu jamais experimentaríamos morte física. Meu avô me disse, enquanto estávamos amarrados nos postes: “Eles vão nos queimar. Faça o que puder, filho, para cheirar bem mal.”

MELTH-NAKHEFRA LOUCO, O EGÍPCIO

Entre uma vez mais na vida física na Terra em 2535 a.c. Nasci em uma família nobre que servia Khufu, então rei do Egito. Minha mãe, Solmara, era a prima do rei, assim como era filha da irmã da mãe dele. Fui chamado Melth-Nakhefra. O nome de meu pai era Semnaftut-Kanutra. Ele era o principal professor de aritmética e arquitetura do rei e sua corte. Ele servira o pai de Khufu, Rei Snofru, antes dele. Ele aprendeu aritmética e arquitetura com os escribas do avô materno de Khufu (meu bisavô materno), Rei Hu. Eu freqüentava as aulas de meu pai lado a lado com o príncipe Khafre e seu sobrinho Djenifre-Ptah (em geral chamado Rededef).

Acredita-se que Khafre (Quéfrem) foi o primeiro filho de Khufu, mas de fato Khafre era o meio irmão mais novo de Khufu por parte da segunda mulher de seu pai Snofru. Rededef era filho de Khufu e Myva, a terceira de suas quatro esposas, que era uma linda Líbia loira. As três primeiras mulheres de Khufu lhe deram apenas filhas, em número de oito. Myva era mãe de outra das filhas do rei, de nome Tertmís.

A essência psíquica de Khufu não era da Terra. Não era um bom rei; de fato, não era rei em absoluto. Khufu passou a maior parte de sua vida em estupor alcoólico, deixando os assuntos domésticos e assuntos de estado a cargo de um homem chamado Ameth-Thuth, que governava com mão de ferro no nome “divino” de Khufu. Era um homem pequeno e atarracado, sempre estrábico. No final de sua vida ficou totalmente cego.

O primeiro rei verdadeiro daquela Quarta Dinastia foi Snofru, o pai de Khufu. Tanto Khafre como seu filho Menkare, que sucedeu Khufu no trono depois de Djenifre-Ptah, se deram progressivamente melhor como reis porque o vizir (regente) Ameth-Thuth morreu no início do reinado de Khafre. Levou algum tempo para o país se recuperar dos efeitos nefastos dos anos de controle de Ameth-Thuth. Sua morte deixou os governantes das províncias (nomes) sem qualquer líder atento, e eles se tornaram muito corruptos e rebeldes. Khafre passou a maior parte de seu reinado reivindicando militarmente o controle dos nomes. Ele adorava ação e, depois de sua vitória

total, ficava infeliz por não haver mais ninguém disponível com quem lutar. Ele interessou-se por construção naval; seu plano era construir uma frota para transportar seus exércitos a locais distantes, onde poderiam proporcionar-lhe seu esporte favorito — guerra. O Egito tinha escassez dos materiais para a construção de tal frota, então ele nunca realizou seu sonho. Mesmo assim, construiu algumas embarcações marítimas bem boas que transportavam tripulações sabe-se lá para onde. De cinco viagens de exploração, não sei de nenhuma que tenha retornado ao Egito.

A PIRÂMIDE INCLINADA E A PIRÂMIDE VERMELHA EM DAH-CHUR

Imediatamente depois da morte de Khufu, sua mulher Líbia, Myva, começou a andar com o regente Ameth-Thuth, fazendo-o ignorar suas outras quatro mulheres. Essa união colocou Rededef (filho de Myva) no trono do Egito. Rededef foi o único rei da Quarta Dinastia, além de Snofru, que tentou construir uma pirâmide. Ele fez esse esforço no lugar atualmente denominado Abdu Roash, localizado ao norte de Gizé, no deita do Nilo. Seu pai Khufu fora enterrado no que hoje se chama Pirâmide Inclinada situada em Dah-Chur. Essa pirâmide inclinada foi em parte construída pelo rei Hu da Terceira Dinastia. A seção superior da estrutura (que apresenta um ângulo mais agudo do que a seção inferior) foi condoída pelo rei Snofru antes de meu nascimento. Snofru também foi enterrado na Pirâmide Inclinada. Conheço bem a estrutura, e sei que os restos mortais de Snofru e de Khufu ainda repousam lá. Snofru era, na verdade, o arquiteto chefe do rei Hu. Snofru casou-se com a filha mais velha de Hu, Hetepheres, tornando-se, por ocasião da morte de Hu, o primeiro rei da Quarta Dinastia.

A Pirâmide Vermelha do norte de Dah-Chur também foi construída por Snofru, segundo as instruções do rei Hu, para servir de tumba. O boato de que o corpo de Khufu foi enterrado na Grande Pirâmide foi iniciado pela mãe de Khufu, rainha Hetepheres (irmã de minha avó, que sobreviveu a seu filho Khufu praticamente oito anos.) O raciocínio dela fazia sentido na época. A gente comum via as três Grandes Rens (pirâmides) de Gizé, bem como a Grande Esfinge, com reverência e considerável respeito supersticioso. Poucos se aproximavam delas, e ninguém jamais se atreveu a entrar em uma por medo de enfurecer os antigos deuses que as tinham construído. Rededef, Khafre e Menkare tiveram um papel no alastramento do temor das Grandes Pirâmides da população, ao trazerem trabalhadores a Gizé para restaurá-las e construir vários templos nos arredores.

Rededef iniciou sua construção em Abdum Roash e incumbiu Khafre, meu colega nos estudos de aritmética, para supervisionar as restaurações em Gizé. Uma das tarefas de Khafre era descobrir as entradas originais das pirâmides. Posteriormente, tonei-me parte dessa busca. Alguma coisa dentro de mim que sabia “me disse” saber onde elas ficavam.

Casei-me com a princesa Tertmis, o que fez de Rededef meu cunhado. Depois de nosso casamento, fiquei obcecado por números, astronomia e arquitetura quando os sacerdotes do deus Sol *Ra* anunciaram que essa divindade desejava que a terra do Egito fosse coberta por templos nos quais o povo pudesse adorá-la. Não foi necessário nada além da notícia de que o deus Sol desejava que algo fosse construído para me lançar numa nova vida que acabou fazendo com que os outros se referissem a mim como Melth-Nakhefra Louco. Fiquei tão enredado em meus estudos, que me esquecia de que era casado e à vezes não conseguia me lembrar do nome de minha mulher. Se não fosse pelo fato de Khafre exigir que Tertmis me alimentasse e cuidasse de mim, teria definhado e morrido. Khafre gostava de minha divina insanidade e não me considerava louco. Tinha certeza de que eu estava sob o encanto do deus *Ra* e estava agindo tão bem como se esperaria de uma pessoa sob a influência de deus tão poderoso.

Nós, a gente daquela época, no antigo Egito, conhecíamos a roda desde o tempo de Imhotep, ruas para nós não se tratava de um engenho prático. Os veículos com rodas mais antigos atolavam na areia e ninguém conseguia construir um eixo de madeira que não se quebrasse quando a carroça estivesse muito carregada.

Antes de sua morte, minha tia-avó, rainha Hetepheres, mandou escavar para si uma tumba em Gizé, mandando colocar nela vários de seus móveis pessoais. Quando ela morreu, no entanto, Rededef a enterrou com seu marido e filho na Pirâmide Inclinada em Dah-Chur. Sua tumba em Gizé permaneceu vazia, sendo posteriormente vedada (escondida com entulho) até sua descoberta em tempos modernos.

Khafre forneceu vários de seus barcos e Rededef os desmanchou e os colocou em poços que datavam da construção das pirâmides de Gizé. Eles foram originalmente utilizados como latrinas reltianas até que outro tipo de instalação fosse construída em Gizé. Conhecendo os reltianos daquela época, tenho certeza de que eles nunca usaram aquelas latrinas.

Rededef conseguiu vários blocos grandes de pedra que antigamente faziam parte de uma construção graciana em ruínas, um quartel-general outrora localizado perto da terceira pirâmide, e usou os blocos daquela construção para cobrir os poços. Ele enterrou os barcos por ordem do sumo sacerdote de *Ra*. Nunca fiquei sabendo porque o sumo sacerdote o incentivou a enterrar esses barcos; isso só eles sabiam. Talvez simplesmente não quisessem que

alguns ótimos poços fossem desperdiçados. (Que diabo, de qualquer forma, eram barcos de Khafre.)

No mesmo dia em que Rededef morreu (em Gizé) de febre, minha mulher Tertmis me presenteou com um filho. Confesso que não me lembrava de ter gerado a criança nem mesmo o filho que ela me deu dois anos antes. Por ocasião da morte de Rededef (que não tinha filhos nem filhas), a filha viva mais velha de Khufu, Benranefitt, deveria ter-se tornado rainha, mas Myva conspirou com Ameth-Thuth para colocar Khufu e a filha dela, Tertmis, (minha mulher) no trono. Antes de conseguirem isso, Khafre assumiu o controle do exército, deteve-os imediatamente e se proclamou rei. Os sacerdotes de Amon o apoiaram em sua conquista. Menos de um ano depois, Ameth-Thuth, anteriormente grão-vizir do rei Khufu, morreu. Foi enterrado numa tumba do tipo mastaba numa região atualmente chamada Saqqara Sul. Posteriormente, o rei Shepseskaf, o filho de Menkare e sua primeira mulher, rainha Kharnerernebty II, invadiu a tumba mastaba de Ameth-Thuth, removeu o corpo de Ameth-Thuth e reformou a tumba para si mesmo, sendo depois sepultado lá.

Em razão de nosso relacionamento, Khafre não considerou minha mulher nem sua mãe culpadas de qualquer coisa realmente séria e, com a morte de Ameth-Thuth, não as tinha na conta de uma ameaça. Myva sossegou e aceitou ser sogra daquele “escriva louco,” Melth-Nakhefra.

Postei-me diante da Grande Pirâmide muitas vezes e meditei sobre suas dimensões externas. De vez em quando, eu experimentava lampejos mentais que sei eram séries de números e equações que eu aprendera muitas, muitas vidas antes em meu mundo natal de Gracyea com um homem muito velho que sempre se esvanecia de minha memória com as palavras de despedida: “Lembre-se, filho, tente cheirar mal.”

Certa noite, eu estava sentado perto de uma fogueira na base da terceira pirâmide de Gizé. Meus companheiros junto à fogueira eram um jovem escriba e dois escravos enviados por minha mulher para me encontrar e me dar um pouco de vinho e uma cesta de comida. Meus amigos prostraram-se de rosto no chão ao ouvir uma voz feminina vinda da escuridão chamando meu nome. Logo a luz da fogueira iluminou quatro soldados armados carregando a liteira de minha tia-avó Hetepheres, a nobre idosa rainha do Egito. Passamos várias horas conversando, eu sentado no chão ao lado de sua liteira. Seu propósito ao me procurar era perguntar-me se minha insanidade era uma infelicidade que eu não conseguia tolerar. Ela disse que se fosse esse o caso, mandaria os sacerdotes de Amon me sacrificar, dando-me veneno. Disse a ela que não poderia ser mais feliz. Deu-me um beijo de boa noite e foi-se embora.

Khafre pôs em mim sua fé para localizar as entradas das pirâmides de Gizé. Perambulava pela região dia e noite, acompanhado por vários escribas e escravos incumbidos de registrar meus pensamentos e providenciar meu bem-estar. A morreu pedido, tanto os escribas quanto os escravos tornavam medidas. Fui fisicamente impelido a reunir pedaços de diferentes tipos de escombros que havia por lá. Eu batia os pedaços ovais uns nos outros, produzindo som. Embora eu não soubesse conscientemente por que fazia isso, subconscientemente eu estava à procura de uma frequência que se relacionasse ao material. Descobri que isso aumentava minha capacidade auditiva. Logo meus assistentes adotaram o hábito de bater pedras umas nas outras. Quando lhes perguntei por que faziam aquilo, replicaram: “Faz-nos sentir calmos e às vezes acaba com o desejo de comer.”

A matemática egípcia da época era bem primitiva. Lidávamos principalmente com adição e subtração de números que raramente ultrapassavam 1000. A multiplicação era efetuada por meio de duplicação e divisão pela metade. A única fração do sistema que tinha seu próprio hieróglifo único era $2/3$. Eu sabia subconscientemente que o criador do símbolo especial da fração $2/3$ o fizera com um propósito, pois ao ser escrito em forma decimal é expresso como 0,666666. Como você [o autor] sabe, o número 0,666... é o 18 repitan ($18/27$) do que você denomina o sistema *Ra* de matemática e o número primo do nível molar de realidade. (O termo “repitan” significa uma seqüência de números que se repetem seguidamente. [Exemplo, 0,037037037... ($1/27$) ou $1/0,81 = 1,234567m901234567m90$ ou $8/0,81 = 9,8765432m098765432m0$. [Nota do autor: reparem que os resultados das divisões $1/0,81$ e $8/0,81$ ($9 \times 9 = 81$) são, respectivamente, uma seqüência crescente de números na qual falta o 8 da série (μ) e uma seqüência decrescente de números na qual falta o número 1. Essas seqüências numéricas são também denominadas, respectivamente, seqüências *Ra mais* e *Ra menos*.]

Anteriormente, Tixer-Chock chamou a atenção para o fato de que o número 0,729 (27×27) era o recíproco da constante de estrutura fina ($1/729 = 0,001371742112$) do elemento hidrogênio. Repitans *Ra* e seqüências mais e menos em todos os casos são múltiplos da constante de estrutura fina do hidrogênio, como nos seguintes exemplos: $0,037.../0,001371742112 = 27$; $1,234567m0.../0,001371742112 = 900$; $9,8765432m0.../0,001371742112 = 7200$ e $0,666.../0,001371742112 = 486$. Lembre-se de que o número 4860 Angstroms *Ra* é o comprimento de onda das segundas linhas espectrais visíveis de hidrogênio e que antes a altura da Grande Pirâmide de Gizé era de 486 pés ras verdes. O primeiro repitan *Ra* (0,037...) ao quadrado também equivalente ao valor de 0,001371742112 (constante de estrutura fina) - W.H.B.]

O repitan 0,666 inverte o padrão numérico repitan de 17 repitans que o precede. (Dá-se um padrão quando os primeiros três números dos 27 repitans *Ra* dispõem-se em blocos de três, tal como o repitan 0 ou 0,000... sobre o repitan 1 ou 0,037... que, por sua vez, é colocado sobre o repitan 2, ou 0,074. O número 0,666 deve ser posto

sozinho em um bloco (com mais nenhum repitan) para que os padrões exibam o inverso que acabamos de mencionar.

O criador do hieróglifo egípcio especial de 2/3 (0,666) deve ter sido um antigo colega vindo de Gracyea que ficou fisicamente em apuros, como eu fiquei, na Barreira de Frequência da Terra.

A pé, de camelo e barco, eu e meu pequeno grupo de assistentes viajamos por toda a terra dos dois remos (Alto e Baixo Egito) visitando e medindo todas as construções erguidas durante dinastias anteriores ou nos tempos pré-históricos. Por acaso eu estava em Dah-Chur perto da Pirâmide Inclinada quando um cortejo fúnebre real chegou com o corpo de minha tia-avó Hetepheres. Com o grupo do funeral estava Khafre, então rei do Egito, e seu jovem filho, príncipe coroado Menkare. A mãe de Menkare (rainha Daamutyty) morrera ao lhe dar à luz. Sem o meu conhecimento até aquele momento, minha mulher Tertmis e sua mãe Myva haviam se tornado as babás do jovem príncipe, criando-o com meus dois filhos.

Reuni-me ao grupo de pranteadores, minha mulher veio ter comigo e me disse que eu estava cheirando mal porque, já há algum tempo, não tomava banho, Por alguma razão desconhecida eu recebi isso como elogio; Ao me vem; Khafre perguntou que progresso eu estava fazendo na localização das entradas das pirâmides de Gizé. Ele agora tinha certeza de que as pirâmides continham muitas maravilhas deixadas pelos deuses. Entre elas, ele tinha certeza, existia um papiro que descreveria como viver para sempre. Disse a ele que esperava voltar a Gizé logo em breve com as informações que ele queria. Depois de nossa conversa, ele mandou um escravo trazer-me uma trouxa, que desamarrei e desembrulhei. Nela havia vários papiros e “papéis” contendo estranhos símbolos que depois traduzi como sendo números. Havia também vários discos de metal finamente sulcados com o tamanho aproximado de uma moeda. Entre esses tesouros havia um vidro de veneno e uma carta que dizia: “Espero que estas coisas tragam felicidade a você. Elas são do tempo de Imhotep. Meu marido, rei Snofru, tentou muitas vezes entendê-las. Caso elas façam com que você fique mais louco do que é atualmente, deixo-lhe metade da poção que tornei durante os últimos dolorosos minutos de minha vida. Que nos encontremos novamente na presença dos deuses. Hetepheres, filha de Hu, o filho de Ra.”

Em Saqqara visitei o antigo templo que anteriormente fora a residência terrena de Imhotep, amado do deus Amon. Sentei-me em seu interior e absorvi o conhecimento geométrico que ele irradiava e trocava com o campo vital universal, tanto consciente como inconscientemente. Sei agora (outra vez) que a estrutura era uma das edificações periféricas construídas pelo meu povo, os grácianos, para inclinar em sete graus certas linhas magnéticas de força da malha magnética da Terra que, por sua vez, reduziriam certos efeitos magnéticos indesejáveis nos arredores do planalto de Gizé. Por essa mesma razão algumas edificações de apoio foram construídas a quilômetros de distância de Miradol (Teotihuacán). Outra edificação de apoio que ruiu quando Maldek explodiu foi a assim chamada pirâmide de Maydum [também Medum e Maidum]. Todos os reis egípcios depois de Zoser até Snofru tentaram reconstruir a pirâmide de Maydum. O rei Hu e Snofru fizeram os maiores esforços de reconstrução, mas desistiam da estrutura quando de tempos em tempos ela desmoronava novamente devido até aos terremotos mais leves.

Meu pequeno grupo de cinco, inclusive eu mesmo, dependia do comandante local do exército para nos fornecer alimentos e outros suprimentos. Em raras ocasiões, conseguíamos também obter temporariamente uma mão-de-obra do exército para nos ajudar a deslocar alguma coisa. Foi durante uma visita ao quartel-general da pequena fortaleza localizada perto da Pirâmide de Degraus em Saqqara que percebi um grupo de homens que, embora cativos, estavam sendo tratados com respeito. Esses homens eram viajantes da terra que vocês chamam de Babilônia. Foram presos por entrar no templo em ruínas e tentarem medir seu interior. Mesmo sob guarda eles continuaram a olhar a pirâmide e o templo a distância e calcular seu tamanho. Essas estimativas eles registravam em papiros e no chão em todas as direções a seu redor. Seu líder era um homem chamado Hamnarelbuti. Tiveram a felicidade de o comandante local do exército não ser um religioso devoto, ou teriam sido mortos por seu sacrilégio.

Fui inicialmente atraído pelo grupo de babilônios quando os ouvi cantando na direção do sol poente. Reuni-me a seu grupo e me senti bem escutando seus cânticos estranhos. Ao amanhecer reuni-me novamente a eles para repetir o atual. Minha presença suscitou um sorriso em seus rostos. À noite eles faziam observações das posições das estrelas e dos planetas. Eu também estudara as posições das luzes celestes e em várias ocasiões vi por cima de seus ombros rolos de mapas estelares cartas que haviam trazido de sua terra natal. Mandei os guardas embora e tomei esses estudiosos sob minha custódia.

Quando fiz isso, fiz-lhes sinal que me seguissem ao templo no qual tinham interesse tão grande. Quando perceberam que estavam livres e poderiam medir o templo, ficaram agitados e ofertaram preces de júbilo aos céus. Entre o grupo de 12 babilônios, havia um homenzinho magro de pele escura. Num relance se pensaria que era escravo. Sei agora que ele viera da terra que vocês chamam atualmente de Índia. Eu tinha tornado as medidas das edificações em Saqqara muitos meses antes, mas a princípio elas foram inúteis a meus colegas, que falavam um idioma diferente e usavam uma forma diferente de escrita. Esse problema foi solucionado até certo ponto quando o sumo sacerdote de Ra me enviou Crubbo, um velho sacerdote/escriva que sabia falar, mas não escrever nem

traduzir, o idioma escrito dos estudiosos estrangeiros. Iniciamos nossas colaborações concordando em usar símbolos matemáticos para 1 a 10 que foram apresentados por Bhafdat, o homem da Índia. Isso foi difícil para os babilônios, que usavam um sistema sexagesimal o qual, admito, era um sistema melhor do que o então usado no Egito.

[Nota do autor: o sistema babilônico numérico sexagesimal utiliza base 60, que é ainda usada atualmente para medir tempo (1 hora = 60 minutos, 1 minuto = 60 segundos) e na medição dos graus de um círculo.]

Crubbo, o escriba/sacerdote de Amon, e Bhafdat, o “homem do oriente,” acotovelando-se e depois de ver meus registros e os dos babilônios, proclamaram que as construções mais antigas do Egito, inclusive das Grandes Rens (pirâmides), foram construídas segundo a ordem do sistema decimal (1 a 10) no qual o nove era o número chave. De alguma forma eu sabia que eles tinham razão.

Foi Bhafdat que nos contou sobre a existência do maior de todos os números —pi (3,141592...) e outros assim chamados números irracionais, tal como a raiz quadrada de dois. Fiquei imaginando por que ele não contara essas coisas a seus amigos babilônios antes. Foi então que descobri que Bhafdat não viera ao Egito com os babilônios, e sim fora preso perambulando nos arredores dos monumentos de Saqqara vários dias depois de os babilônios serem presos. Depois de nos passar seus conhecimentos matemáticos, Bhafdat desapareceu misteriosamente. Perguntamos a Crubbo se ele sabia o que fora feito dele. Contou-nos que Bhafdat entrara num fosso (passagem) que corria na direção da Pirâmide de Degrans construída por Imhotep, o amado do deus Amon. Quando Crubbo nos levou ao local onde vira Bhafdat entrar na passagem, não foi possível encontrá-la.

Vários dias depois, meu pai veio ter comigo e me disse que minha mãe morrera e que ele a enterrara próximo da pirâmide de Maydum (sul de Saqqara). Acompanhando meu pai havia um jovem que me olhava sem parar. Perguntei a meu pai quem era o jovem, ao que ele replicou: “Seu idiota, é seu filho Bredef-Karnut. Trouxe-o a você para que seja educado, corno eduquei você nos mistérios dos números. Estou velho e cansado e em breve me reunirei aos deuses...” Meu pai nos deixou, indo para o norte alguns dias depois. Nunca mais o vi.

Nosso grupo de estudiosos aumentava e diminuía de tamanho muitas vezes devido às idas e vindas de jovens enviados pelos sacerdotes de Anion quer para aprender conosco, quer para nos espionar. Eles não desejavam que aprendêssemos a entrar nas pirâmides sem seu conhecimento.

Em Gizé construímos vários modelos em pequena escala das edificações da região. Com o passar do tempo, meu grupo de egípcios e o grupo de estudiosos babilônios tornaram-se capazes de se comunicar muito bem uns com os outros.

Várias vezes o rei Khafre e seu filho Menkare nos visitaram em Gizé. O rei estava impaciente, mas jurou seu total e contínuo apoio durante nossos estudos e investigações das pirâmides.

Certa manhã, depois de uma noite de grande expectativa, vários babilônios e eu fomos para a face norte da Grande Pirâmide. Esperando-nos lá estavam Crubbo e o sumo sacerdote de Amon. Havia, claro, muito mais pessoas presentes.

Um mastro com um flâmula branca exibindo um escaravelho negro bordado tremulava ao vento. O mastro localizava-se na base da pirâmide alinhado com a linha apótema da estrutura (uma linha vertical baixada do centro de qualquer face de uma pirâmide do cume até a base).

Foi-me dada a honra de medir exatamente 7,29 unidades sagradas (*rams verdes*) do local do mastro até o oeste. Lembre-se de que $0,729(27 \times 27 = 729)$ é o recíproco da constante de estrutura fina do hidrogênio. No ponto por mim medido colocamos outra bandeira bordada com a cabeça de um carneiro, que representava o deus Amon *Ra*.

Uma escada coberta de peles de carneiro e larga o bastante para sustentar três homens ombro a ombro foi encostada no lado inclinado da pirâmide pela equipe de Amon. Subi pela escada, lentamente batendo nas pedras de revestimento à medida que subia. Várias vezes fui impelido para cima à medida que extensões da escada eram acrescentadas abaixo de mim.

Pouco antes dos 17 metros a partir da base da pirâmide, encontrei o que estava procurando — uma das entradas há muito perdidas para o interior da Grande Pirâmide. A porta tipo alçapão era realmente indistinguível das pedras de revestimento que a circundavam. Quando tive certeza de ter encontrado a entrada e de saber como abri-la, chamei os que estavam lá embaixo. O rei Khafre e Hamarelbuti, o babilônio, reuniram-se a mim na escada.

Mesmo depois de tantos anos o alçapão se ergueu com facilidade, deslizando em trilhos ou sulcos entalhados nos lados da pedra da entrada. Quando a porta atingiu a extremidade dos trilhos o fez com uma pancada, arremetendo de volta diversas vezes, cada vez com menos força até atingir o repouso.

O interior estava escuro, mas conseguimos discernir uma pequena antecâmara logo na entrada. Esperamos por algum tempo que luminárias fossem levadas escada acima. Luminárias em punho, entramos no compartimento (agora inexistente), que tinha então uma profundidade de 7,85398 14 *rams vermelhos* (1/4 *pi vermelhos* 10) e 3 *rams vermelhos* de largura. Essa câmara estava vazia. Em sua extremidade sul havia uma passagem medindo 1,06 metros de largura e 1,34 metros de altura. Essas dimensões equivalem a 1,0602875 *rams vermelhos* de largura (1,060660172 *rams verdes* ou 1,0610329754 *rams azuis*), 1,332864854 *rams vermelhos* de altura (1,333 *rams*

verdes ou 1,333801976 rams azuis). A largura de 1,0602875 *rams vermelhos* da passagem se chama uma unidade hunab e era utilizada em larga escala nas construções e no traçado da cidade de Miradol (Teotihuacán). (O valor 10,602875 cpsn é a frequência de onda cerebral alfa mais frequentemente gerada por um ser humano em meditação.)

Quando a altura e a largura em *rams verdes* dessa passagem são multiplicadas (uma pela outra), o resultado é 1,414213562 *rams verdes* quadrados. Os que estão familiarizados com números devem reconhecer imediatamente o número 1,414213562 como a raiz quadrada de 2. Os que gostam de argumentar que os egípcios, na época da Quarta Dinastia, não conheciam os números irracionais, tais como pi e a raiz quadrada de 2, estariam corretos. Mas nós, construtores das Grandes Pirâmides de Gizé, conhecíamos esses números milhares de milênios antes da época de Khufu e seus descendentes, e os professores do radiar Hamp (Urano) precederam a nós de Gracyea no conhecimento desses números sagrados em muitos milhares de anos.

As paredes da antecâmara eram feitas de blocos retangulares polidos de calcário cortados e moldados segundo a ordem da proporção phi. Eles tinham 27 polegadas *Ra vermelhos* de comprimento e 16,2 polegadas *Ra vermelhas* de altura. Acima da entrada da passagem inclinada para baixo havia a pedra triangular que ostenta o que é atualmente chamado tetragrama.”

[Nota do autor: o tetragrama consiste de um “V”, seguido de uma linha oval e de uma linha horizontal encaixadas entre duas linhas horizontais mais longas de comprimento igual. Essa pilha de três linhas é seguida por uma oval com duas barras verticais atravessando-a. Trata-se de símbolos grácianos que dizem: “Desça (flecha apontando para baixo) esta passagem aberta (primeira oval) até chegar a três degraus (três linhas horizontais), onde há uma passagem selada (oval com barras verticais).”

Seguindo-se pela assim chamada passagem descendente da Grande Pirâmide podem-se encontrar três degraus localizados diretamente sob a entrada da assim chamada passagem ascendente. Essa passagem selada foi descoberta pela primeira vez pelos árabes no século nove.

A pedra de formato triangular sobre a entrada da passagem descendente (na qual está entalhado o tetragrama) tem uma base de 3,181980514 *rams verdes* e altura de 1,6495387 *rams verdes*. A face da pedra apresenta, portanto, uma área de 2,6244 *rams verdes* quadrados. Há 26244 *Ra verdes* ângstrons no comprimento de onda da linha espectral infravermelha da Faixa M6 do elemento hidrogênio. Há também 262440 pés *Ra verdes* quadrados na seção transversal diagonal da Grande Pirâmide. Reação do marciano Sharmarie a essas informações: “Puxa vida, que coincidência!”

Khafre, Hamarebuti e eu olhamos para baixo na escuridão da passagem descendente. A luz de nossas luminárias refletia algum objeto metálico localizado próximo da parede direita afastada da passagem. Inclinando-nos, abrimos caminho para baixo até esse local, onde encontramos uma balaustrada de cerca de 14,5 metros de comprimento fixada na parede. [Nota do autor: atualmente ainda se pode ver os dez orifícios nos quais a balaustrada descrita por Tixer-Chock se encontrava fixada.]

A balaustrada era composta de seis seções, cada qual feita de uma liga metálica diferente e destacáveis umas das outras. Em cada uma das seções dela achavam-se inscritas as unidades de medida prescritas pelos números sagrados usadas para determinar as dimensões das Grandes Pirâmides. Posteriormente, essa balaustrada foi removida por Khafre e enterrada com ele em Dah-Chur.

Creio que nos reuniremos mentalmente outra vez, e prosseguirei com minha narrativa daquela época no Egito. Sou, sob a luz do Sol, seu criado, integrante de Cre’ator. Saiba que o que eu, Tixer-Chock, disse sobre os números sagrados é verdade e para sempre será.

Os Faraós não construíram as Grandes Pirâmides, tampouco suas mãos moldaram as feições da Esfinge de Gizá. Como poderia a ignorância primitiva criar tais prodígios? Pensem bem nas palavras de Tixer-Chock e de outros que podem corrigir esses mal-entendidos engendrados por ignorância ainda maior. Desejam saber a verdade acerca dessas coisas? Caso não desejem, parem de ler.

Sou Penn-Dranell de Nodia.

O rei Khafre do Egito, Hamarebuti, o Babilônio, e eu (Tixer-Chock, na época chamado Melth-Nakhefra) considerávamos nos aprofundar mais na passagem descendente da Grande Pirâmide. Eu estava disposto, mas meus companheiros hesitavam. Reinou silêncio total; tínhamos de falar alto para ser ouvidos, pois a energia de baixa frequência de palavras faladas baixo era absorvida pelas paredes da passagem e da antecâmara, para onde retornamos depois.

Hamarebuti gritou na direção do fundo da passagem: “Há alguém aqui?” Suas palavras e as risadas que se seguiram não produziram eco. Foi o rei Khafre que insistiu em que continuássemos a explorar com cautela e respeito pelos antigos deuses que haviam

construído a pirâmide. O rei então se dirigiu à multidão que esperava do lado de fora lá embaixo, na base da estrutura. Ordenou que vários soldados subissem pela escada e se reunissem a nós. Solicitei que meus assistentes também se juntassem a nós com mais candeeiros, archotes e instrumentos de medida.

A temperatura dentro da pirâmide me era agradável, mas os dois soldados carregando os candeeiros que nos precediam na passagem descendente, embora vestidos com o mínimo de roupas, suavam muito.

Depois medi a passagem descendente e descobri que seu comprimento total era de 106,02874 *rams vermelhos*. Como vocês devem se recordar, a unidade linear de 1,0602875 *rams vermelhos* chama-se atualmente um hunab, em homenagem ao deus asteca das medidas, Hunab-Ku. Como foi mencionado anteriormente, a maioria das construções de Teotihuacán (Miradol), no México, e algumas de Palenque, México, foram proporcionadas segundo a ordem da unidade hunab de medida. Recordo-lhes também que a onda cerebral alfa mais frequentemente gerada pelo ser humano em meditação é 10,602875 ciclos por segundo natural de tempo (cpsn).



O rei Khafre, Hamarebuti e eu seguimos os soldados pela passagem descendente abaixo. Por nossa vez, éramos seguidos por meus quatro assistentes e Crubbo, o escriba/sacerdote de Amon. No final da passagem descendente demos com uma passagem horizontal que continuava para o sul. Essa passagem é atualmente chamada passagem horizontal subterrânea. Ela apresenta várias características, inclusive um nicho localizado em sua parede leste, cuja profundidade é 38,88 polegadas *Ra verdes*. A distância desde a entrada da passagem até o ponto do eixo vertical a partir do ápice é 7,63407 *rams vermelhos*. A base da Grande Pirâmide tem 763,407 pés *Ra vermelhos* de comprimento, assim como a Pirâmide do Sol em Teotihuacán.

Desejaria poder continuar a descrever as relações entre números sagrados materializadas nas características da passagem horizontal subterrânea da Grande Pirâmide. Mas os números sagrados envolvidos teriam de ser individualmente identificados, de modo que suas relações uns com os outros pudessem ser plenamente apreciadas. Seria necessário um tempo bem prolongado para descrever os significados únicos desses números. Assim, mencionarei apenas as relações de números sagrados em certas características da pirâmide quando puder ser breve.

Há 3388 Angstroms *Ra verdes* (relacionados com a profundidade do nicho anteriormente mencionado) no comprimento de onda da linha espectral M8 Balmer do hidrogênio (comprimento de onda = $364,5 \times m^2/m^2 - 4$, em que 364,5 (27 x 13,5) é a versão *Ra* da constante Balmer do hidrogênio e m é igual

a 8). (Aliás, $m^3=656$, [81 x 8 6561], $m^4=486$ [18 x 27= 486] e assim por diante.)

Nosso grupo de exploradores entrou, então, no que atualmente se chama câmara subterrânea. Naquela época, seu aspecto era o mesmo do atual. Suas irregularidades faziam

com que parecesse inacabada. Creio ter sido Ruke de Parn quem lhes contou que sua aparência se devia ao fato de que as seções de seu piso eram cortadas conforme a necessidade para afinar a estrutura total com o campo vital universal. Esses cortes de afinação de diferentes profundidades conferiam à câmara uma aparência inacabada. Como sabem, dizem que existem várias marcas de mesmo tamanho e forma no teto dessa câmara. Essas marcas de formato estranho foram feitas por um pulverizador de ultra-som segurado por Somarix-Tol, o graciano encarregado da afinação da Grande Pirâmide.

Para além da câmara subterrânea há uma passagem sem saída. As dimensões dessa passagem são 4,14213562 *rams verdes* de comprimento ($\sqrt{2}$ vezes 10), 0,074074... *rams verdes* de largura (2/27 ou segundo repitan) e 0,763675324 *rams verdes* de altura, o que equivale ao atualmente famoso valor de 0,763407 *rams verdes*.

Durante dias procuramos outras passagens ocultas na Grande Pirâmide, mas não conseguimos encontrar nenhuma nos três primeiros meses. Acabamos por conseguir acesso a outras áreas de todas a três Grandes Pirâmides. Tenho conhecimento de que isso não foi conseguido por mais ninguém desde então.

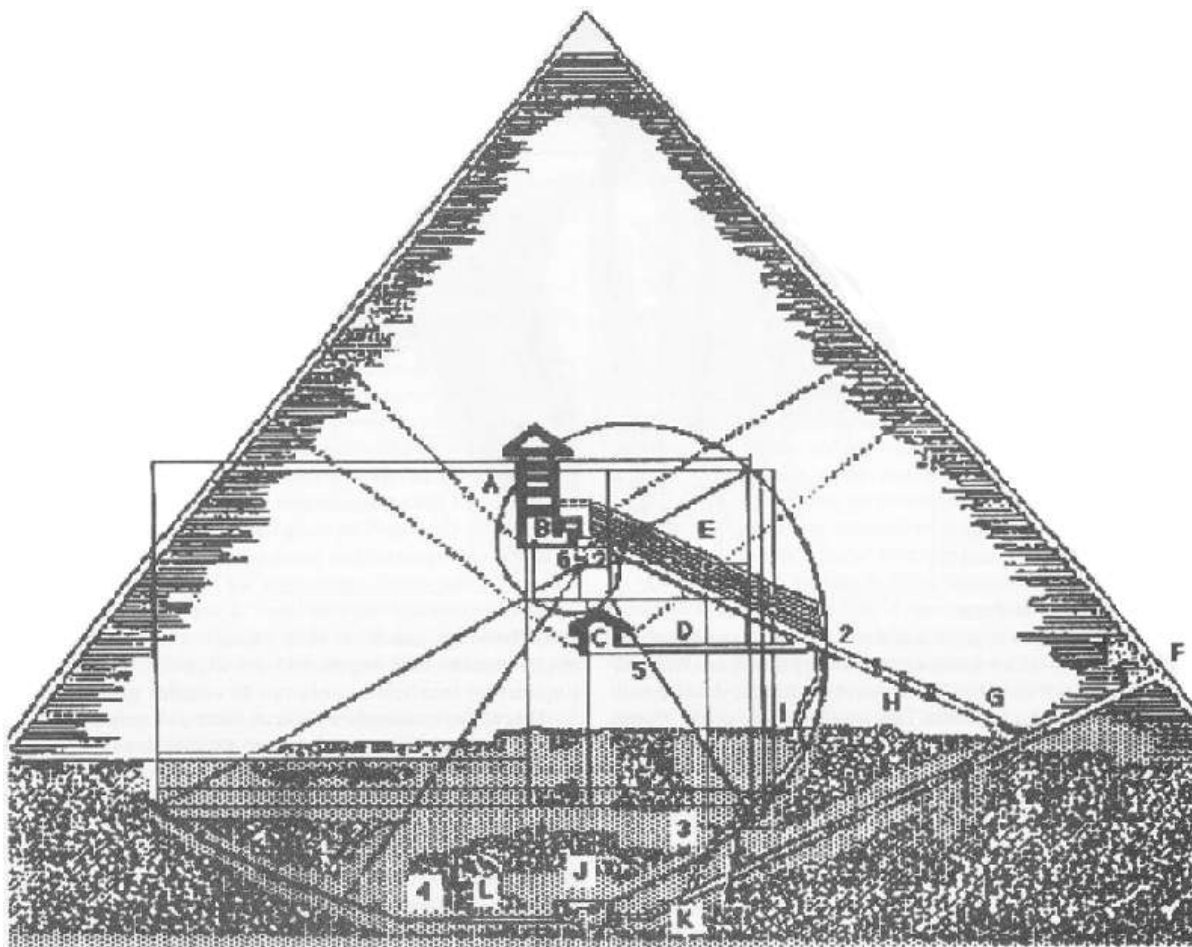
A passagem descendente apresenta inúmeras características que por muito tempo confundiram os que as perceberam ao longo dos anos: (1) um bloco de pedra assentado verticalmente (não obliquamente no ângulo de inclinação da passagem) e (2) imediatamente depois desse bloco especial de alvenaria, uma linha entalhada na parede da passagem. É possível responder agora por que os construtores se deram ao trabalho de criar essas características. A distância da entrada original até a linha entalhada na parede é 12,15 *rams verdes*. O comprimento

da linha entalhada é de 1,215 *rams verdes* e sua largura é de 0,01215 *rams verdes*. Há 1215 Angstrons *Ra verdes* na linha espectral mais intensa do elemento hidrogênio. A altura da passagem é 1,333 *rams verdes*. Quando se divide o comprimento da linha entalhada pela altura do bloco assentado verticalmente, a proporção resultante é 0,109739369, ou o valor *Ra* da constante Rydberg do hidrogênio. (Sharmarie, o Marciano, diz novamente: “Puxa, mais uma coincidência!”)

Ao percutir as paredes da passagem descendente (para localizar possíveis áreas ocultas posteriores), descobri uma área de alvenaria que não tinha as características encontradas em mais nenhuma parte das paredes da passagem. Esse trabalho de restauração ficava na parede oeste da passagem, localizando-se a 6,561 *rams verdes* a partir do fundo da passagem. O número 6581 é o produto de 81×81 , e há 6561 Angstrons *Ra verdes* na linha espectral M3 Balmer do hidrogênio.

Um dos maiores blocos de restauração tinha uma inscrição gravada numa forma de escrita que não conseguíamos entender totalmente. O único símbolo que reconhecemos foi o cartucho (assinatura) “Imhotep, amado do deus Amon.” Um escriba copiou a inscrição (tirando uma impressão) que depois estudamos em nossos alojamentos localizados próximo da segunda pirâmide.

Estávamos estudando a cópia da inscrição quando Hamarebuti, o Babilônio, retornou a nosso quartel-general depois de um período doente do que, na época, chamávamos febre Gizé. Foi esse tipo de enfermidade que tirara a vida do rei anterior, Rededef. Depois de examinar a inscrição, Hamarebuti declarou que a escrita desconhecida era de seus ilustres ancestrais, os sumérios. Um integrante de seu grupo, chamado Armonamuri, leu a inscrição e Crubbo, o escriba/sacerdote de Amon, traduziu-a para o idioma do Egito. Eles levaram vários dias fazendo isso, pois os símbolos eram muito pequenos e os dois tradutores eram velhos e não enxergavam direito. Resolvemos o problema mandando que outro escriba ampliasse cada símbolo, um de cada vez, de modo que pudessem ser claramente vistos. Esperamos pacientemente pela conclusão da tradução, e que Crubbo informasse o sumo sacerdote de Amon primeiro. Foi um rei Khafre muito impaciente, juntamente com seis soldados portando espadas, que interrompeu a reunião de cinco dias do sumo sacerdote e de Crubbo. O sumo sacerdote foi-se embora apressadamente de Gizé e Khafre me trouxe a tradução. Colocou-me os rolos nas mãos e disse, sorrindo: “Conte-me o que dizem, meu louco amigo.”



Pelo que me recordo, a inscrição traduzida dizia basicamente o seguinte: “Saudações a vocês, deuses que moram além das nuvens. Aquele que veio da Suméria trouxe suas divinas ordens a mim, seu servo. Conforme suas instruções, afastei os perigos restantes da Grande Ren. Minha obra repousa além desta pedra. Que ela o agrade. Senti partir a alma daquele que aqui se encontrava aprisionado. Cuidado; ele poderá algum dia, por vontade e misericórdia do elohim, caminhar novamente feito carne. Imhotep.”

[Deixamos Tixer-Chock neste ponto para inserir informações que corroboram a narrativa de sua vida no Antigo Egito, fornecendo dados matemáticos referentes à Grande Pirâmide que jamais foram divulgados amplamente, exceto em minha série de quatro livros, *The Rods Of Amon Ra*.]

Esta ilustração [Figura li reproduz a seção transversal mediana da pirâmide e de suas passagens e câmaras conhecidas. Sobrepos uma espiral logarítmica de Fibonacci a essas características, muito reveladoras.

Figura 1:

A, as cinco câmaras de descarga, cada qual construída com inúmeros blocos de granito pesando cada um 70 toneladas.

As câmaras de descarga se localizam sobre a assim chamada Câmara do Rei (**B**). O único objeto nessa câmara é uma caixa confeccionada de granito de cor chocolate de um tipo encontrado apenas no estado de Minnesota — que eu conheça! — (no norte dos Estados Unidos). A parede sul é composta de 37 blocos de pedra, a parede norte de 27 blocos. As paredes leste e oeste, cada qual contém 18 blocos. (A importância dos números 27, 37 e 18 será explicada logo mais).

C é a assim chamada Câmara da Rainha. Essa câmara possui um nicho grande em sua parede oeste.

D é a passagem horizontal que leva à Câmara da Rainha.

E é a Grande Galeria.

F é a entrada da passagem descendente.

G é o início da passagem ascendente que anteriormente estava tampada e intransitável, até que os tapumes foram rodeados por túneis.

H mostra as três pedras circundantes. Cada uma dessas pedras, antes sólidas, possuem uma abertura quadrada escavada que tixer-chock explicará quando sua narrativa for retomada.

I é uma cavidade natural chamada Gruta. Em sentido ascendente e descendente a partir do Gruta há um poço que se inicia no ponto 2 e termina no ponto K na ilustração. Foi no ponto K que Tixer-Chock encontrou a inscrição de Imhotep.

J é a câmara subterrânea que, segundo Tixer-Chock, foi escavada no leito rochoso aos poucos, conforme a necessidade de afinação da pirâmide ao campo vital universal.

O formato do campo de força produzido pela Grande Pirâmide é uma espiral logarítmica de Fibonacci, vista na forma do chifre de um carneiro e da concha do náutilo. A energia vril transmitida a Maldek a partir da pirâmide a princípio concentrou-se nesse formato de espiral. Reparem que o topo da espiral (**1**) fica à mesma altura do teto em ponta da câmara de descarga superior, acima da Câmara do Rei.

Seguindo a espiral, a partir da parte inferior, indo para a direita, descobrimos que ela intercepta a passagem ascendente no local em que esta se abre na Grande Galeria. Reparem que Imhotep cavou o poço exatamente dentro da espiral e que ele se vira abruptamente para baixo no ponto **3**, onde cruza a espiral. A espiral atinge seu ponto mais baixo no piso da passagem sem saída (**4**) antes de se voltar para cima.

Uma linha traçada a partir do centro da espiral até o canto inferior direito do Retângulo Dourado apenas tangencia a beirada do telhado da Câmara da Rainha, atravessando a denominada “escadaria misteriosa” (**5**) na passagem que conduz à Câmara da Rainha.

Num relancear de olhos, pode-se ver que as passagens e câmaras conhecidas da Grande Pirâmide foram construídas e situadas de maneira a corresponder ao formato de uma espiral de Fibonacci.

O centro da espiral (**6**), localizado logo abaixo da grande escadaria, é o único ponto na espiral que não pode ser fisicamente visto por ninguém na atualidade. Volto a tixer-chock para que ele possa descrever como atingir esse ponto da pirâmide e o que se pode esperar encontrar lá.

Removemos o trabalho de alvenaria que Imhotep utilizou para vedar o fundo do poço. Quando o poço foi aberto, houve uma rajada de ar que, pte seguida de um aroma doce de flores. Esse agradável cheiro acabou por se dissipar. Subimos no poço e emergimos na base da Grande Galeria. Sei agora por que Imhotep cavou o poço e a que se referia quando escreveu: “Senti partir a alma daquele que aqui se encontrava aprisionado.”

Ele cavara o poço exatamente dentro da ainda ativa espiral para abrandar ainda mais seus efeitos deletérios — que podem ser observados nas fissuras que ele produziu no leito rochoso embaixo da pirâmide. A escavação no poço pode ter impedido que o vórtice de energia vril ainda ativo causasse a destruição da Terra, como acontecera com Maldek.

Segue-se breve narrativa do dia em que Maldek explodiu, feita por Kevinar-Kale da Terra.

“Segundo nosso costume, reunimo-nos no telhado do templo para orar e fazer música. Estávamos na idade em que as mulheres nos honravam caminhando à nossa volta sem véu. Lá embaixo a praça estava repleta de visitantes provenientes de diversos mundos que vieram para ouvir as palavras dos Vigilantes. Eles se decepcionariam naquela

dia, pois os Radiantes [maldequianos] tinham todos partido para se reunir na terra de Mir para ver a Grande Pirâmide que haviam erguido por amor da glória.

“No dia anterior, uma legião de anciãos alegremente paramentados da raça Vigilante chegara vindos de seu mundo, chamado Maldek. Eu próprio observei servos simms entrando e saindo da espaçonave dos maldequianos com o propósito de providenciar seu conforto. Ao crepúsculo, observei, com minha mulher Dovinta, quando sua nave prateada se ergueu, a princípio parecia uma estrela móvel, então sumiu da vista no horizonte a leste. Era o dia do solstício de verão, e haveria muitas festividades e folguedos noite adentro. Nós, do templo, não nos participaríamos da folia, e sim conversariamos e desfrutaríamos o céu estrelado até o amanhecer.

“Próximo da décima primeira hora da noite, uma grande luz apareceu no céu ao norte e nossos espíritos foram transpassados por lanças de agourenta e esmagadora apreensão. A luz ficou maior e mais intensa e pássaros voavam em círculos, afugentados de seus ninhos pelos sons ensurdecedores de outros animais e talvez pelo sons silenciosos feitos pelas almas dos homens.

“Ao alvorecer, os únicos sons ouvidos eram as vozes interrogativas dos que se reuniam lá embaixo. Ouvi-os perguntar em diversos idiomas: O que originou a grande luz? O que significava ela? Tratava-se de um presságio? Então o sumo sacerdote Savacanopy falou aos que haviam se reunido e os aconselhou a entrar no templo ou procurar um local tranqüilo e rezar, esperando o retomo dos Vigilantes, pois eles eram sábios nos mistérios do céu. Quando ele se ia embora, ouvi-o murmurar uma prece, pedindo a Deus permissão para chorar.

“Antes do pôr-do-sol, meus filhos Somencar e Adthro entraram em nossa casa. Tinham estado longe durante vários meses a serviço dos Vigilantes na terra de Mir. Relataram-me uma estranha história. Os anciãos de Maldek tinham se reunido a outros de sua raça no local em que se erguia a Grande Pirâmide. Com eles haviam trazido feixes de hastes de madeira adornadas de jóias que chamavam varas vril, bem como recipientes contendo água e solo de seu mundo natal. Havia também recipientes com solo e água da Terra, nosso mundo natal, armazenados lá numa tenda branca. Um jovem Vigilante, vestido num traje que exibia estranhos símbolos, caminhou em meio a seus confrades, recebendo deles abraços e beijos.

“Somencar também me contou que ele foi um dos que levaram os recipientes contendo solo e água para dentro da pirâmide, dispondo-os, conforme fora instruído, nos 27 pares de fendas existentes nas bordas da Grande Galeria. Os recipientes continham alternadamente água de Maldek, solo da Terra, água da Terra, solo de Maldek. Dois dos anciãos Vigilantes ficaram lado a lado, cada qual ao lado de uma fenda, segurando sua vara vril dentro de seu respectivo recipiente. O jovem Vigilante subiu a galeria e sussurrou no ouvido de cada um. Desconhece-se o que ele comunicou.

“Na hora exata do solstício de verão, cada par de anciãos Vigilantes, sem remover as varas de seus recipientes, inclinou-os na direção uns dos outros até se tocarem. Quando isso foi feito, a Terra tremeu violentamente e um pilar vermelho de fogo rodopiante se ergueu do topo da pirâmide. Os que estavam no plano circundante ficaram aterrados e gritaram por Deus. Eles também viram surgir no céu uma grande luz. A pirâmide tornou-se muito quente, afugentando os que estavam reunidos a seu redor. Durante várias horas mais, o pilar de fogo continuou estendendo-se em direção ao céu e então gradualmente regrediu. Posteriormente foi encontrado um círculo de Vigilantes mortos na tenda branca. Tinham tirado as roupas e as próprias vidas.

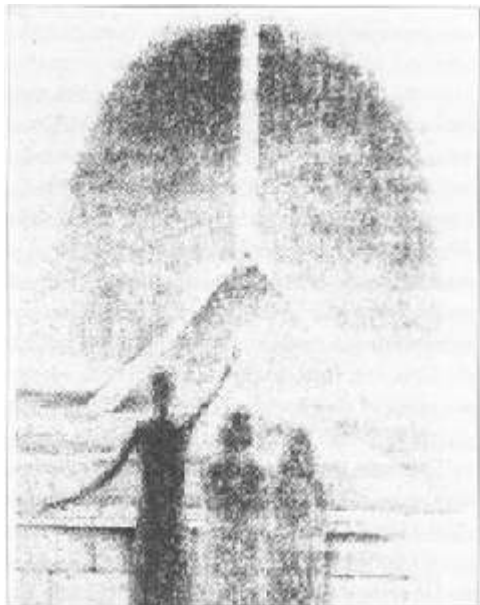
“Meus filhos me contaram que Crennamer, o negociante que fez muitos negócios com os construtores das pirâmides de Mir, veio ter com eles, oferecendo-se para levá-los para casa à minha presença. Crennamer disse a meus filhos que um pesaroso e lacrimoso Vigilante lhe contara terem destruído seu mundo natal por engano. Crennamer disse que isso deveria ser verdade, pois todos sabiam que os Vigilantes eram sábios nos mistérios do céu.

“Tanto Somencar como Adthro desconfiavam que foi Crennamer que forneceu aos Radiantes as poções venenosas que lhes tirou as vidas.

“Vivi praticamente mais 14 anos depois que o mundo chamado Maldek explodiu, abalando os alicerces estelares. Nesse período a Terra foi palco de tremendos acontecimentos cataclísmicos na forma de terremotos, erupções vulcânicas e grandes inundações. Fui poupado da perda da razão, ao passo que os que viveram mais tempo não foram tão afortunados.

“Àquela altura da vida eu não sabia por que os Vigilantes fizeram o que fizeram nem de que maneira cometeram seu erro terrível. Mesmo depois de muitas vidas desde aquela, lembro-me daquele tempo e rezo a Deus, pedindo permissão para chorar.

“Sou Kevinar-Kale.”



[Nota do autor: A página 266 do livro *The Wars of God and Men* (As Guerras de Homens e Deuses) de autoria de Zecharia Sitchin traz sua tradução erudita de um antigo manuscrito sumério descrevendo a escavação de um poço na Grande Pirâmide que libertou o semideus Marduk de seu aprisionamento na estrutura. Ao ler o que se segue, tenham em mente o poço, o vórtice de energia vril espiralante e o jovem maldequiano (Marduk) mencionado da narrativa de Kevinar-Kale. — W.B.]

Sitchin: Dalat biri iqa buni ilani: “Um poço portal que os deuses cavarão.” [Refere-se ao poço escavado na Grande Pirâmide por Imhotep muito depois, seguindo as instruções dos deuses. — W.B.]

Sitchin: Shunu itasrushu ina biti etarba: “Seu vórtice que será por eles dissipado, sua morada na qual eles reentrarão.” [Diz que quando o poço foi cavado até o centro do vórtice de energia vril, sua força foi diminuída ou seus efeitos foram totalmente cancelados “dissipados”). Indica também que a essência psíquica do jovem maldequiano chamado Marduk poderia também ter sido encarcerada pelo vórtice de energia na forma de espiral anteriormente gerado pela pirâmide. — W.B.]

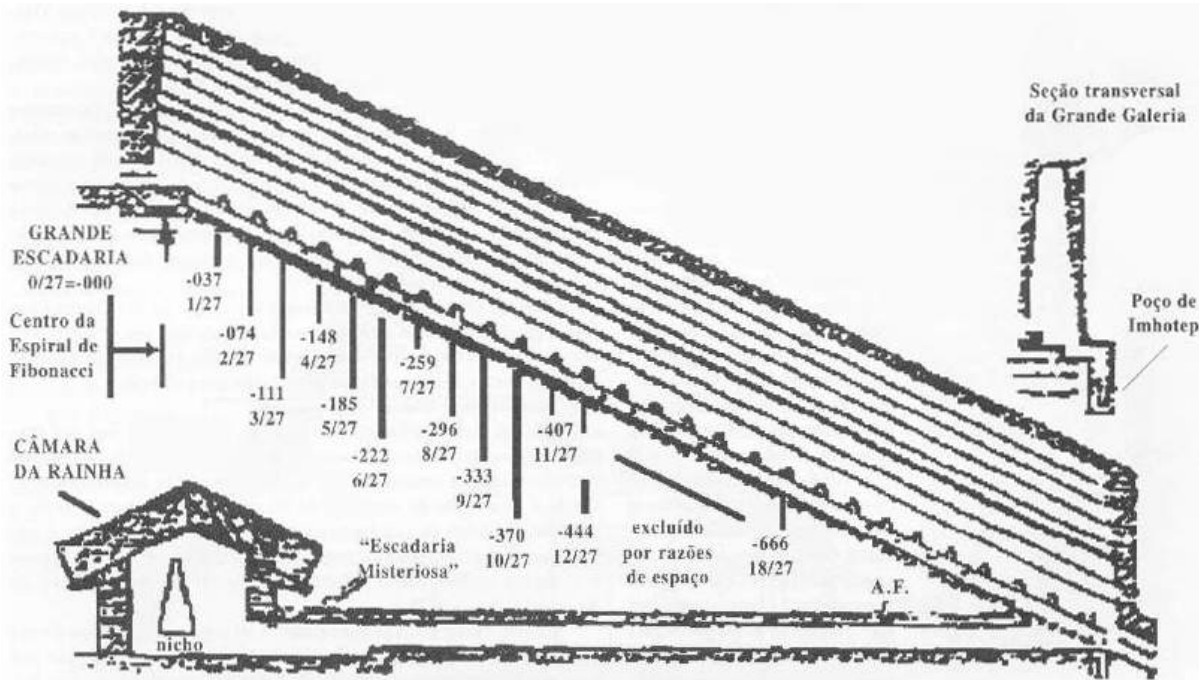
Sitchin: Shunu hurrate ina libbi dalti uptafshu: “No oco eles perfurarão em espiral.” [O “oco” no qual os escavadores do poço “perfurarão em espiral” poderia significar ou o centro do vértice de energia ou a área oca natural na superfície do leito rochoso chamada Gruta. O oco de um vértice poderia ser considerado semelhante à calmaria do centro de um furacão ou tornado. — W.B.]

Sitchin: Quabu ina libbi uppushu: “Aproximando-se do centro eles abrirão caminho.” [No ponto em que os escavadores penetraram no vértice de energia vril em forma de espiral gerado pela Grande Pirâmide, os grilhões psíquicos de energia vril foram rompidos e a essência psíquica de Marduk libertou-se mais uma vez. — W.B.]

A ilustração a seguir [Figura 2] apresenta um dose das várias características-chave da Grande Pirâmide.

Sou Tixer-Chock. Começamos pelo fato de que a passagem horizontal que conduz à Câmara da Rainha tem 38,17035 *rams vermelhos* de comprimento ($38,17035 \times 2 = 76,3407$). Esse comprimento é também igual a 127,2345 pés *Ra vermelhos* ou 12 unidades de 10,602875 pés *Ra vermelhos*. Ao se dividir a distância de 5,4 *rams verdes* da “escadaria misteriosa” que dá na câmara pelo comprimento de 38,1837665 *rams verdes* da passagem total, o resultado é 0,141421362, ou a raiz quadrada de 2×10^{-1} . Estou ciente de que atualmente acredita-se na Terra que o conhecimento de números irracionais, tais como a raiz quadrada de dois, tem origem na época dos gregos clássicos. Nós, de Gracyea, introduzimos esse conhecimento da raiz quadrada de dois no projeto da Grande Pirâmide. O conhecimento dos números irracionais foi posteriormente redescoberto pelos gregos. O povo da Quarta Dinastia do Egito ignorava por completo os números irracionais. Ninguém melhor do que eu para saber — vivi naqueles tempos, sendo considerado por meus contemporâneos especialista em matemática.

[O ponto A.F., localizado próximo ao início da passagem que dá na Câmara da Rainha, significa “Achado francês.” No início de 1987, uma equipe francesa de arqueólogos usando equipamentos de ultra-som localizou o que denominou uma cavidade oca embaixo e para o oeste da passagem horizontal que leva à Câmara da Rainha. Foi descoberta exatamente no ponto em que uma linha ascendente originada no canto direito inferior do Retângulo Áureo (mostrado na Figura 1) intercepta a passagem. Como anteriormente eu partilhara as informações acerca das características internas da pirâmide e sua relação com a espiral de Fibonacci com o Dr. Ahmed Kadry, na época diretor da Organização Egípcia de Antiguidades (OEA), ele me convidou para falar num simpósio realizado no Cairo entre 14 e 17 de dezembro de 1987. Posteriormente, solicitaram-me que escrevesse um artigo para a publicação oficial da OEA sobre quaisquer métodos que eu pudesse conceber para atingir a cavidade francesa sem destruir a pirâmide. Foram concebidos métodos simples para entrar nas câmaras secretas da Grande Pirâmide, mas, pelo que sei, ainda não foram implementados. Retorno agora a Tixer-Chock, que descreverá minha característica preferida da Grande Pirâmide — a Grande Galeria - W.B.]



27/27).

Figura 2. Seção Transversal da Grande Galeria. A Grande Galeria com seus 27 (28) pares de fendas e sete tetos com 37 lajes sobrepostas. Os sete tetos representam os sete períodos da tabela periódica de elementos (órbita de elétrons K a Q). O último par de fendas representa o repitan 0,999 ou 0,037 x 27 (não

A Grande Galeria tem 157,0796296... pés *Ra vermelhos* de comprimento. Ao se dividir seu comprimento pelo comprimento de 127,2345 pés *Ra vermelhos* da passagem horizontal que leva à Câmara da Rainha, o resultado é 0,1234567m90 (seqüência *Ra* mais, m indicando o número 8 que falta). Aliás, quando se divide comprimento de 125,6637037 pés *Ra vermelhos* da passagem ascendente pelo comprimento de 127,2345 pés *Ra vermelhos* da passagem horizontal que vai dar na Câmara da Rainha, o resultado é 0,98765432m09 (seqüência *Ra* menos, m indicando o número 1 que falta.) Seguindo-se o comprimento das bordas (banquetas) da Grande Galeria, uniformemente espaçados uns dos outros, há pares de fendas (27 ao todo). Essas são as fendas, mencionadas por Kevinar-Kale, nas quais foram colocados recipientes de solo e água da Terra e de Maldek. Esses 27 pares de fendas representam os 27 repitans *Ra* — 1/27, 2/27, 3/27 e assim por diante. Pode-se também considerar o comprimento da Grande Galeria como sendo 1884,9555 polegadas *Ra*. Quando se divide o comprimento em polegadas *Ra vermelhas* da galeria por 50893,8 (ankh vermelho x 104), o resultado é 0,037037 (primeiro repitan *Ra*).

A distância entre cada par de fendas, dispostas ao longo da rampa, é 69,813168724 polegadas *Ra vermelhas*. Quando se divide essa distância pelo ankh vermelho, o resultado é 13,717421125, ou a constante de estrutura fina do hidrogênio multiplicada várias vezes pela potência 10.

A Grande Galeria possui sete tetos que anteriormente consistiam de um total de 37 lajes de pedra sobrepostas. Para começo de assunto, bastaria um teto para uma tumba, não é? As 27 fendas representam os 27 repitans *Ra* que são múltiplos da constante de estrutura fina do hidrogênio. Esses repitans também representam fatores matemáticos relacionados a coisas como quarks e outras partículas/forças dentro dos núcleos dos átomos. Por outro lado, os sete tetos da Grande Galeria representam os sete períodos da tabela periódica de elementos (camadas orbitais de elétrons K a Q).

As 37 lajes revelam a existência de um conjunto muito importante de números no sistema sagrado de matemática. Esses números, relacionados à dinâmica dos elétrons, compreendem a relação chamada Tabela *Ra* de

Figura 3

Tabela *Ra* de Noves

(1) 0,027	(10) 0,270	(19) 0,513	(28) 0,756
(2) 0,054	(11) 0,297	(20) 0,540	(29) 0,783
(3) 0,081	(12) 0,324	(21) 0,567	(30) 0,810
(4) 0,108	(13) 0,351	(22) 0,594	(31) 0,837
(5) 0,135	(14) 0,378	(23) 0,621	(32) 0,864
(6) 0,162	(15) 0,405	(24) 0,648	(33) 0,891
(7) 0,189	(16) 0,432	(25) 0,675	(34) 0,918
(8) 0,216	(17) 0,459	(26) 0,702	(35) 0,945
(9) 0,243	(18) 0,486	(27) 0,729	(36) 0,972
		(37) 0,999	

Noves. Os números da Tabela *Ra* de Noves encontram-se relacionados na Figura 3. A relação de 37 números tem esse nome porque quando cada um é somado horizontalmente, o total é sempre nove, por exemplo, 27 ($2 + 7 = 9$), 54 ($5 + 4 = 9$), 81 ($8 + 1 = 9$) e assim por diante. Lembrem-se, há 37 blocos de pedra na parede norte e 27 na parede sul da Câmara do Rei, ressaltando a importante relação entre os números 27 e 37. Foram encontrados 18 blocos nas paredes leste e oeste da Câmara do Rei. A mensagem matemática aqui é que os números 18 e 2×18 (36) são também importantíssimos no sistema *Ra* de matemática.

Descobriu-se um 28 par de fendas na Grande Escadaria localizada no topo da Grande Galeria. Esse par de fendas representa o repitan *Ra* 0,000... As fendas repitan 0,000... da Grande Escadaria estão situadas diretamente acima do centro da espiral de Fibonacci mostrada na Figura 1. Isso identifica a Grande Escadaria como uma característica muito importante da Grande Pirâmide.

Depois de subir o poço chegamos à base da Grande Galeria. Quem quer que tenha escavado o poço até esse preciso local sabia exatamente para onde estava indo. Ou seja, trabalhou a partir de projetos de construção muito precisos. Essa abertura superior do poço fica a exatamente 40 *rams verdes* do início da Grande Galeria, o ponto no qual o vórtice de energia espiralou para cima (veja Figura 1, #2).

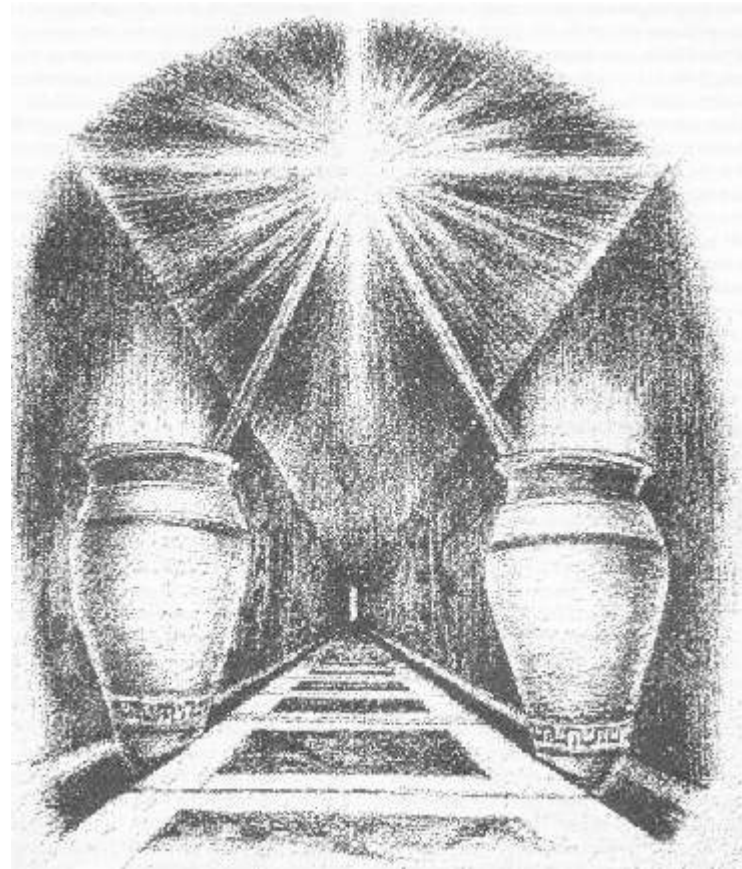
Subimos a Grande Galeria e a Grande Escadaria, mas nosso caminho estava bloqueado por inúmeras barreiras de pedra (denominadas, na literatura sobre o assunto, portas levadiças) colocadas em fendas e apoiadas no piso da antecâmara. Com grande esforço físico levantamos as pedras, sustentando-as com blocos. Entramos então na Câmara do Rei. Estava vazia, exceto pela caixa de granito chamada arca. Sua capacidade foi projetada de modo a igualar certo número de unidades de peso atualmente chamadas qedet pesado (cerca de 9,1125 gramas na escala de medida m.g.s [metros/gramas/segundos]). Esse é exatamente o peso de um qedet pesado em gramas *Ra verdes*.

A unidade de qedet pesada foi determinada pelo peso do elétron, que é 9,1125 gramas *Ra verdes* $\times 10^{-28}$. O recíproco de 0,91125 é 1,09739369, ou a versão *Ra* da constante Rydberg de hidrogênio.

A tampa do arca estava quebrada em pedaços pequenos, colocados dentro dela. A passagem ascendente fora vedada durante a construção da pirâmide, permitindo que a estrutura ressoasse adequadamente.

Não há mistério em como as pessoas entravam e saíam da estrutura antes de Maldek explodir. Outras entradas haviam se perdido, então foram descobertas por nós, da Quarta Dinastia, e perdidas novamente. Devido ao sigilo impingido pelos sacerdotes de Amon, um número limitado de pessoas conhecia as localizações das entradas ocultas das pirâmides e da Esfinge. Agindo como se estivessem em missão sagrada, um grupo de sacerdotes mais jovens trabalhou durante anos vedando as passagens com entulho e as entradas com calcário local empilhado numa base de argamassa. Quando investiguei por que tinham feito isso, o sumo sacerdote de Amon replicou estar agindo sob as ordens diretas dos deuses do céu. Ele acrescentou que, em épocas futuras, os deuses revelariam esses segredos novamente aos habitantes da Terra. Naquele tempo eu não sabia que eu, Tixer-Chock, desempenharia um papel, na época presente, na realização dessa antiga profecia.

Durante nossas explorações da passagem ascendente, notamos várias marcações nas paredes da passagem logo antes tanto da primeira como da segunda pedra circundante (veja a Figura 1,H). Mesmo sem equipamentos sofisticados para nos assegurar que não estávamos numa empresa baldada, decidimos dar um empurrão nas paredes entre as pedras circundantes. Surpresa, a parede se deslocou para dentro! Entendam, as pedras circundantes, formadas de uma única peça, suportam o peso do teto da passagem, de modo que as paredes não sustentavam peso nenhum. Admito que foram necessários vários escravos fortíssimos para fazer com que a parede se mexesse. Por várias razões, talvez fossem necessários macacos hidráulicos para levar a cabo essa tarefa atualmente. Os sacerdotes de Amon empregaram mais de uma adaga [vejam ilustração 3] para bloquear as inúmeras portas e passagens que ainda permaneciam escondidas no interior das maiores pirâmides de Gizé.



O rei Khafre, Hamarebuti e eu nos esgueiramos pela porta parcialmente aberta. Crubbo, o sacerdote/escrita, era gordo demais para passar pela abertura estreita. Ele instou os escravos a empurrar mais a parede para aumentar o tamanho da porta. Sem que Crubbo visse, o rei Khafre calçou a porta de pedra com sua adaga e, sorrindo para nós, disse a Crubbo para seguir com os escravos assim que pudesse. Khafre devia ter um pouco de ADN marciano em sua linhagem. Cerca de dez horas depois, Crubbo saiu da pirâmide e nos encontrou sentados sob o pátio do rei, comendo e conversando sobre o que descobríamos por trás da porta secreta da passagem ascendente. Crubbo ficou confuso por termos saído da pirâmide sem passar por ele.

Sentimos prazer em descrever a Crubbo nossa jornada e aventuras daquela tarde. Não tivemos de enfeitar em nada nossa narrativa para manter o ar de pasmo em seu rosto. Várias vezes ele perguntou por onde saíramos da pirâmide de modo que ele pudesse retornar e ver por si próprio os prodígios que descrevêramos. Enquanto conversávamos, ordenou que um mensageiro ficasse a postos com um camelo. Sabíamos que quando lhe disséssemos o que ele queria saber, o sumo sacerdote de Amon estaria em Gizé dentro de um dia. Deliberadamente adiávamos contar-lhe por onde saíramos.

Naquela noite, reuniram-se a nós três jovens nobres. Um era o príncipe Menkure, filho do rei Khafre. Não reconheci os outros dois até que um deles me disse: “Pai, mamãe e vovó querem saber se você algum dia se curará da loucura? Quero saber quando nos ensinará números.” Desde então, até o dia em que morri naquela vida, meus filhos raramente saíram de perto de mim. Na manhã seguinte, meus filhos e o príncipe Menkure estavam com nosso grupo de exploradores de pirâmides quando andamos cerca de 1,6 quilômetros a leste rumo à entrada remota de uma passagem que acabava se comunicando com várias outras passagens localizadas sob o planalto de Gizé. Em geral, no ponto em que as passagens se reuniam havia uma câmara pequena. Quatro passagens saem de uma câmara ligeiramente maior. Essas passagens levam ao interior da Esfinge, da Grande Pirâmide e das outras duas pirâmides grandes. Não tínhamos explorado essas passagens e câmaras na véspera, pois nossas experiências na Grande Pirâmide tinham nos exigido bastante, tanto física como emocionante. O ar estava abafado no interior da pirâmide, deixando-nos tontos. Agora que expuséramos a estrutura interior ao ar externo, decidimos deixar que o lugar arejasse. Isso foi durante o outono.

Crubbo estava conosco, juntamente com seu pequeno exército de escravos, que o levavam numa liteira, carregando alimentos e óleo para candeeiros numa segunda liteira. Ao ver os grandes recipientes de óleo de candeeiro, nós, que já passáramos por aquele caminho, rimos. Sabíamos que uma surpresa aguardava Crubbo, e mal podíamos esperar.

Os candeeiros foram necessárias até atingirmos a primeira câmara pequena. Quando entramos na sala, ela foi automaticamente iluminada pela luz de um tubo de 10 centímetros de comprimento disposto verticalmente num canto. Crubbo molhou suas saias e os escravos fugiram por onde haviam vindo! Crubbo se recuperou do choque e arriscou-se a tocar o tubo. Quando ele se aproximou do tubo, ele ficou mais brilhante. Quando o tocou, ele se apagou.

Fizemos todos os esforços para fazer com que o tubo brilhasse novamente (chegamos até a entoar algumas palavras mágicas), mas nada! O rei Khafre nos proibiu de tocar quaisquer um desses geradores de luz que sabíamos (do dia anterior) que encontraríamos ao longo de nosso caminho. Em algumas câmaras, os tubos de luz funcionavam e em outras não. Abrimos um desses tubos, quebrando-o, e ele verteu gotas de um líquido prateado que escorreu pelo chão até que elas desapareceram entre as rachaduras. O líquido era, claro, o elemento que vocês chamam mercúrio. Nós, daquela época no Egito, nunca o víamos.

Crubbo bufava e ofegava. Ele não considerara que a jornada de 1,6 quilômetros pelas passagens seria tão cansativa fisicamente. Aumentando seus tormentos, quando os escravos fugiram, levaram consigo seus suprimentos de comida e vinho. Em companhia de um dos guardas do rei Khafre, ele retornou à entrada da passagem.

Agora contarei a vocês o que o rei Khafre, Hamarebuti e eu descobrimos no interior da Grande Pirâmide no dia anterior, depois de deixar Crubbo preso na passagem ascendente.

A luz de candeeiros continuamos para o sul, descendo pela passagem alta o bastante para que caminhássemos eretos. Depois de cerca de 18 metros, a passagem acabava. A nossa direita (oeste) havia um lance íngreme de degraus ladeados por pilares de pedra de cerca de 90 centímetros de altura, que funcionavam como apoios para as mãos à medida que galgávamos os degraus. No topo havia outra passagem do mesmo tamanho que se estendia uns sete metros para o oeste. A medida que nos aproximávamos de seu final, nossa presença acionou um dos tubos de luz atlante. A princípio ficamos assustados, mas nos consideramos sortudos, pois a passagem terminava numa plataforma além da qual havia uma queda brusca e escarpada de 157,296296 pés *Ra vermelhos* (50 unidades pi vermelhas). À direita e à esquerda da plataforma havia passarelas de cerca de 90 centímetros de largura que corriam para o norte e sul. Pegamos a passarela que ia para o sul, tomando muito cuidado para não cair no negro vazio lá embaixo. Essa vasta área vazia era a principal câmara de ressonância da Grande Pirâmide.

No final da passarela, três degraus levavam a uma sala oval, que também tinha um tubo de luz que

automaticamente se acendeu. O piso dessa sala estava coberto por símbolos gravados, dispostos em vários círculos concêntricos. No centro do círculo mais interno havia um mapa estelar, que apresentava em seu centro as estrelas atualmente denominadas Cinturão de Orion na Terra. Seguimos por uma rampa que conduzia para cima e para o leste. Lá entramos numa câmara lindamente construída, com paredes de calcário branco muito polidas. Suas paredes eram desprovidas de inscrições, mas em seu centro havia uma “bacia” de pedra apoiada firmemente num pilar de cerca de 1,2 metro de altura. Na circunferência da base circular do pilar havia gravadas as imagens de quatro serpentes emplumadas, cada qual segurando na boca a cauda da que estava na frente. Quando vi essas gravações emocionei-me até as lágrimas. Na época não sabia porque ficara tão afetado emocionalmente. Sei que a câmara era uma capela na qual Gracyea ia para ver o Criador de Tudo Aquilo Que Existe. E nosso costume, naquela época e atualmente, construir tal capela sagrada em cada edificação que erguemos. As dimensões da câmara são 3 1,41592 pés *Ra vermelhos* (10 unidades *Ra vermelhas*) x 16,9646 pés *Ra vermelhos* (5,08938 *rams vermelhos* ou 1 unidade ankh vermelha) x 16,2 pés *Ra vermelhos* (phi maior ômega x 10).

Uma câmara diminuta medindo apenas 8,4823 x 8,4823 x 8,4823 pés *Ra vermelhos* está centralizada nas linhas de eixo verticais e horizontais da pirâmide — isto é, no centro da espiral de energia vril de Fibonacci quando ela estava ativa. O lugar estava muito silencioso durante nossa primeira visita. Suas paredes estavam incrustadas de sal e manchas cor de ferrugem (sangue seco preservado) espalhadas por toda parte. Era como se um animal ou ser humano tivesse explodido em partes microscópicas que se impregnaram nas paredes da câmara.

Uma passagem de cerca de 4,5 metros de comprimento sai da câmara na direção leste, terminando num poço vertical descendente. Logo no início dessa passagem, em sua parede sul, há um lance íngreme de degraus. No topo desses degraus, há uma pequena plataforma localizada cerca de 1,80 metro sob a Grande Escadaria, situada na extremidade superior da Grande Galeria. A profundidade do poço no final da passagem é de cerca de 2,40 metros, apresentando apoios para mãos e pés em sua parede oeste. Na parte inferior, ele se comunica com uma passagem gradativamente ascendente que corre para o leste, acabando por se nivelar e se ligar com a câmara subterrânea central e com a passagem que leva à saída/entrada que descrevi anteriormente.

A Grande Escadaria é feita de um pedaço sólido de calcário que, na verdade, é uma porta alçapão que dá para a plataforma e escadas abaixo. A assim chamada antecâmara e suas “portas levadiças” deslizantes (anteriormente apoiadas em trilhos verticais existentes nas paredes da câmara) se localizam imediatamente ao sul da Grande Escadaria. As portas levadiças deslizantes não tinham por função vedar a Câmara do Rei, sendo sim usadas como contrapesos móveis que erguiam e abaixavam a Grande Escadaria, que repousa em saliências de pedra (vergalhões giratórios) inseridas na alvenaria de cada lado da laje (leste e oeste). A folha de granito de duas partes anteriormente atuava como um prendedor de tesoura que segurava firmemente as intrincadas linhas dos contrapesos (portas levadiças móveis) do alçapão (Grande Escadaria). Quando as linhas estavam presas, o alçapão permanecia aberto, permitindo acesso às partes internas da Grande Pirâmide. O símbolo atualmente encontrado na assim chamada “almofada” da folha de granito na verdade conta toda a história. Ele tem forma de T, símbolo universal do equilíbrio (harmonia).

Atualmente, é impossível que a Grande Escadaria gire até se abrir, pois é mantida em sua posição horizontal por blocos de alvenaria que agora compõem as partes inferiores da parede norte da antecâmara. Hoje em dia, a Grande Escadaria e o piso da antecâmara estão ligeiramente fora de esquadro. Isso indica que a Grande Escadaria girou diversas vezes em seus eixos no passado devido a terremotos e, pelo menos da última vez, não voltou a uma posição perfeitamente nivelada. Os blocos de alvenaria que a mantinham firme, impedindo que se abrisse, foram assentados pelos atlantes, seguindo as ordens dos deuses celestes; sendo as portas levadiças removidas pelos sacerdotes de Amon, que foram orientados a fazê-lo pelos mesmos poderes celestiais.

As demais câmaras que encontramos abertas em todas as três Grandes Pirâmides de Gizé estavam vazias, mas suas paredes e pisos estavam cobertos de inscrições. Em uma das passagens que levavam à Terceira Pirâmide (terceira em tamanho) foi encontrada uma inscrição pintada em via de se desbotar, dizendo: “No 160 anos do reinado de Zoser, Rei do Alto e Baixo Egito, Imhotep aqui caminhou com o rei. Saibam que o rei não temia este lugar nem suas magias.”

Descrever as câmaras de ressonância vazias das pirâmides, cujas paredes contêm fileiras intermináveis de inscrições, não seria útil a ninguém agora. Sei que haverá uma época, no futuro próximo, em que alguém perfurará a superfície do planalto de Gizé e entrará nas passagens subterrâneas existentes abaixo. Encontrarão agora, claro, água do Nilo. O nível dos lençóis freáticos se elevou consideravelmente desde a época da Quarta Dinastia. Os que tiveram êxito em entrar nas passagens, ganhando acesso ao interior das pirâmides, também encontrarão passagens que foram vedadas pelos sacerdotes de Amon “seguindo instruções dos deuses celestes.” Sei que eles estavam em missão sagrada quando esconderam essas coisas dos vivos da época e dos que viveram desde então.

Nas câmaras sob a Esfinge, a morte aguarda na forma de vírus e bactérias provenientes de substâncias biológicas contidas nas esferas de vidro que descrevi anteriormente. Esses vírus e bacilos (formas de vida assim como nós) são mutações geradas por distorções da Barreira de Frequência no campo vital universal na época da

explosão de Maldek. Várias dessas formas de vida microscópicas ainda existem em estado de animação suspensa. Cuidado — elas se tornarão ativas novamente na presença de outras formas de vida que podem atuar como hospedeiros. Vamos dar graças ao elohim pelo fato de o atual estado da Barreira de Frequência não ser propício a várias cepas de bactérias que anteriormente existiam sob a Esfinge. A única ameaça desse tipo com a qual se deve de fato preocupar atualmente são os bacilos que vocês chamam antraz. No decorrer de todas as eras, quem tinha pouca imunidade a certas bactérias (por exemplo o rei Rededef) morreu do que se denomina em geral febre de Gizé. O marciano Senhor Sharmarie contou sobre a enfermidade de tremores da qual padeciam os que moravam próximo ao planalto de Gizé quando a terra do Egito se chamava Toray.

Entrem nas câmaras sob a Esfinge usando de cautela biológica. Nelas estão milhares de esferas de vidro quebradas de diversas cores. Também encontrarão o único escrito remanescente do reino da Atlântida.

Fiquei mais dois anos explorando as passagens e câmaras subterrâneas das Grandes Pirâmides e da Esfinge. Muitos escravos e sacerdotes/ trabalhadores mal alimentados morreram da febre de Gizé. Nenhum integrante da família real nem da minha família foi tão infeliz. Naquela época, as pirâmides nos inspiravam a construir nas redondezas templos para nos servir de tumbas.

Encontrei grande conforto ao visitar o interior dessas edificações antigas, mas com o correr do tempo, os tubos de luz atlante gradualmente começaram a falhar. Os sacerdotes de Amon os removeram, pondo-os numa câmara que construíam a sudestado planalto. Acreditavam que os tubos de luz haviam sido criados por seu amado Imhotep, que algum dia retornaria para fazê-los funcionar novamente.

Acabei por abandonar a exploração das pirâmides de Gizé, dedicando-me ao estudo de suas dimensões e procurando entender por que os deuses as tinham construído. Reuni-me à minha mulher Tertmis, cuja mãe, Myva, insistia que seu falecido marido, rei Khufu, ainda governava a terra (e antes ela achava que o louco eu era!). Tertmis e eu nos reaproximamos e desfrutamos (como ela bem merecia) os nobres títulos e pensões que recebi do rei Khafre por meus serviços. Meus dois filhos se tornaram governantes de terras ao sul no reinado do rei Menkure.

Vivi até a idade de cerca de 70 anos, morrendo naturalmente certa noite contemplando o pôr-do-sol com Tertmis às margens do Nilo.

MAIS DADOS MATEMÁTICOS RA

Neste ponto, eu [Wes Bateman] tentarei transmitir alguns dados matemáticos Ra básicos aos que por ventura desejem estudar o assunto.

Uma unidade de medida *ram vermelho* (metro Ra) tem 1,0053745898 metros de comprimento. Para determinar o equivalente em *rams vermelhos* de uma dimensão expressa em metros (1 metro = 3,280839895 pés ingleses), simplesmente multiplique o número de metros por 0,994654142.

Depois de converter qualquer outro tipo de unidade de medida em *rams vermelhos*, simplesmente divida o resultado por *pi vermelho* (3,141592, *ankh vermelho* (5,08938), *hunab vermelho* (1,0802875) ou o valor vermelho da raiz quadrada de dois (1,41371666). Na maioria dos casos, esses números-chave se dividem exatamente no resultado em *rams vermelhos*, confirmando que a conversão foi efetuada com precisão. As vezes, pode haver uma pequena discrepância de mais ou menos alguns milionésimos de ponto decimal, em razão de a medida relatada ter sido arredondada ou tomada de forma inexata para começar.

Há 5 formatos matemáticos Ra, atualmente chamados *vermelho*, *verde*, *azul*, *ômega maior* e *ômega menor*.

O tamanho de qualquer dimensão em qualquer formato nunca é maior do que o tamanho de uma unidade *ra vermelha* (tais como um *ram vermelho* [metro Ra], pé *ra vermelho* ou polegada *ra vermelha*). Há 3,333 (3 1/3) pés *ra vermelhos* ou 40 polegadas *ra vermelhas* num *ram vermelho*. Há, obviamente, 12 polegadas *ra vermelhas* num pé *ra vermelho*. Uma unidade verde, azul, ômega maior e ômega menor constitui apenas uma divisão diferente (menor) de uma única unidade vermelha. Há cinco valores para *pi*, cinco para *ankh*, cinco para o *hunab* e assim por diante. Relacionarei os cinco valores para *pi* e deixarei a cargo de vocês, leitores, a determinação matemática das proporções existentes entre eles: *pi ômega maior* = 3,125, *pi vermelho* = 3,14 1592, *pi verde* = 3,142696806, *pi azul* = 3,143801408 e *pi ômega menor* = 3,160493829. (Os glifos em plantações encontrados nas searas inglesas são expressões matemáticas do formato ômega menor.)

Quando “Ra-dimensionadas” (convertidas em unidades Ra de medida), as pirâmides e edificações de Gizé, das cidades mexicanas de Teotihuacán e Palenque e da antiga cidade boliviana de Tiahuanaco — além das edificações existentes em Cidônia, no planeta Marte — mostraram terem todas sido construídas segundo a ordem do sistema Ra sagrado de matemática e projetadas segundo as mesmas unidades de medida idealizadas a partir desse sistema. (Sharmarie: “Mais uma coincidência?”) Existem milhares de cálculos registrados em meu trabalho de 22 anos (série de mil páginas intitulada *The Rods of Amon Ra*) provando que isso é verdade.

Encerrarei o assunto da Grande Pirâmide com os seguintes maravilhosos dados matemáticos. Deixarei a você, leitor, a determinação de como essa matemática foi estruturada no corpo dessas antigas construções e de como

pode ser revelada por meio do estudo de seus detalhes dimensionais.

Ao se dividir os 2550916,802 *rams verdes* cúbicos do volume da Grande Pirâmide pelos 52488,00 *rams verdes* quadrados da área da base da pirâmide, o resultado é 48,6. Há 486 pés *ra verdes* na altura física da estrutura. O número 486 é o 18 número da Tabela Ra de Noves (18 x 27), e há 4680 Ângstrons *ra verdes* no comprimento de onda da linha espectral de hidrogênio M4 Balmer. Quando se divide os 25509 16,802 *rams verdes* cúbicos do volume da Grande Pirâmide pelos 166707,449664 *rams verdes* quadrados da área da seção transversal mediana da pirâmide, o resultado é 152,6814, ou duas vezes o importante número 763,407 dividido por 10.

Ao se dividir os 2550916,802 *rams verdes* cúbicos do volume da Grande Pirâmide pelos 236619,6 *rams verdes* quadrados da área da seção transversal diagonal da pirâmide, o resultado é 108. O número 108 é o 14 número da Tabela Ra de Noves (4 x 27).

Quando se divide os 2550916,802 *rams verdes* cúbicos do volume da Grande Pirâmide pelos 85030,56007 *rams verdes* quadrados encontrados nas áreas combinadas dos quatro lados da estrutura (faces baseadas no “apoteagma fantasma”), o resultado é simplesmente 30. (Para uma explanação do termo *apotegmas fantasmas*, veja *The Rods of Amon Ra*).

Quando se considera o volume da Grande Pirâmide 94478400,080 pés *verdes ra* cúbicos e se divide esse valor pelo número total de pés *ra verdes* quadrados dos quatro lados (faces) da pirâmide com 944789 pés *ra verdes* (com base no apoteagma fantasma), o resultado é exatamente 100.

As dimensões e o projeto das edificações da antiga cidade mexicana de Teotihuacán (a graciana Miradol) são fornecidos por Hugh Harleston, Jr. em *The Secret of the Mexican Pyramids* (O Segredo das Pirâmides Mexicanas) de autoria de Peter Tompkins. Harleston acreditava que a unidade hunab de medida ficava em torno de 1,059 metro. Sabemos atualmente que seu tamanho é exatamente 1,0602875 *rams vermelhos* ou 1,0659861104 metros, diferença de apenas 6,9 milímetros a mais do que a estimativa original de Harleston. Lembrem-se, há 100 pés *hunab vermelhos* no comprimento da passagem descendente da Grande Pirâmide e 216 *rams hunab vermelhos* na base da Grande Pirâmide. Observem no mapa de Teotihuacán que há também 216 *hunabs* na base da assim chamada Pirâmide do Sol. O número 216 é o 8 número da Tabela Ra de Noves. (Sharmarie: “Por falar em coincidências!”)

Há várias outras características cujas dimensões consistem de módulos de unidades hunab. Comprovou-se que o assim chamado Caminho dos Mortos apresenta largura de 48 *hunabs* ou 50,8938 *rams vermelhos* (50 *ankhs vermelhos*). Lembrem-se, há exatamente 45 *ankhs vermelhos* nos 229,022 1 *rams vermelhos* do comprimento da base da Grande Pirâmide de Gizé e da Pirâmide do Sol em Teotihuacán. Observem também que o quadrado, formado por muros, que circunda a assim chamada Pirâmide de Quetzalcoatl, tem, segundo Harleston, exatamente 378 *hunabs* de comprimento em cada um de seus lados. O número 378 é o 14 número da Tabela Ra de Noves.

Antes de prosseguir com minha narrativa das outras duas vidas passadas que passei na Terra, responderei aqui o que foi falsamente dito por outras pessoas da Terra que alegam saber quem construiu as grandes Pirâmides de Gizé e quem destruiu, e de que maneira, o planeta Maldek. Sob a luz do Sol, digo que esses acontecimentos se deram *apenas* na forma descrita por mim e outros, tais como Sharmarie de Marte, Trome de Sumer, Churmay de Wayda, Ruke de Parn, Thaler de Trake, JafferBen-Rob da Terra e Nisor de Moor, os quais todos falaram com sinceridade dessas coisas antes desta minha narrativa. Aos que afirmam que o que digo não é verdade, que contestem os números sagrados, aos quais apenas nós lhes chamamos a atenção. Quem, além dos que construíram as pirâmides, saberia mais sobre elas? Eu, TixerChock, digo sob a luz do Sol, que o que disse é verdade e o que você [W.B.] disse sobre os números sagrados é verdade e para sempre assim será. Que os que dizem o contrário jurem também, se ousarem ofender o elohim.

SILMIKOS, O GREGO

Por vontade e plano sagrado do elohim, eu, TixerChock, nasci no ano de 532 a.C. na terra que vocês chamam atualmente de Grécia. O nome de minha mãe era Mermatha e de meu Kaltros. Meu pai era soldado e morreu em batalha quando eu tinha cerca de seis anos de idade. Meu nome era Silmikos. Naquela vida, eu tinha uma irmã chamada Osypala. Durante os primeiros 13 anos daquela vida minha mãe, irmã e eu moramos com meus avós maternos. Vivíamos da agricultura.

Minha mãe viúva acabou por se casar novamente com outro fazendeiro, cuja mulher morrera. Seu nome era Aknostros. Ele era medianamente rico, possuindo vários escravos. Aknostros não tinha filhos e desenvolvemos um bom relacionamento.

Um dos escravos de Aknostros se chamava Sepore. Naquela época, ele tinha por volta de 39 anos de idade e lhe faltava a orelha direita; também tinha um braço seco. Falava com sotaque estrangeiro, alegando ser de descendência egípcia. Por volta dos 25 anos de idade ele fora capturado, juntamente com outros marinheiros, que integravam a tripulação de uma frota de navios gregos de ataque. Suas deficiências o impediam de trabalhar nas

galés, colocando nele um preço que meu padraço podia bancar.

Sepore era empregado como contador por meu padraço. Sabia fazer cálculos numéricos de cabeça com muita rapidez; eu ficava maravilhado com sua capacidade. Quando anotava números, o fazia por meio de símbolos que somente ele conhecia. Sua habilidade fenomenal com números era conhecida em todo o país. Muitas pessoas ricas se ofereciam para comprá-lo ou alugá-lo de meu padraço, mas Aknostros não podia passar sem ele.

Certo dia, no início da primavera, um grupo de soldados gregos e vários romanos bem vestidos chegaram a nossa fazenda portando uma ordem do governador local, que fora orientado por autoridade superior de Atenas a levar o escravo Sepote sob custódia depois de pagar a meu padraço considerável soma de prata. Os romanos e o oficial encarregado das tropas ficaram algum tempo regateando com Aknostros e Sepore.

Ficou acertado que Sepore seria devolvido a Aknostros em dois anos e eu iria com ele para cuidar que ele não fosse maltratado de forma alguma. Aknostros, depois de ouvir para onde Sepore estava indo, agarrou a oportunidade de fazer com que eu recebesse ensinamentos de contabilidade, de modo a um dia ser capaz de substituir Sepore, se necessário. Eu tinha uns 16 anos de idade naquela época.

Três dias depois, Sepore e eu subimos num carro de boi acompanhados por um carroceiro e dois soldados, que andavam ao lado da carroça. Fomos tratados com considerável respeito por nossa escolta. Eu nunca estivera longe de casa, então estava muito agitado. Meu padraço me disse que Sepore e eu seríamos levados para a costa litorânea, de onde navegaríamos para uma cidade no norte da Itália chamada Crotone. [*Cróton* é também o nome de uma planta, e o *cróton bug* é um tipo de barata pequena. - W.B.] Em Crotone, moraríamos por dois anos na casa de um estudioso desconhecido com quem os governantes de Atenas e Roma estavam de alguma forma em dívida.

Estávamos a meio caminho rumo à costa quando um integrante de nossa escolta mencionou o nome Pitágoras de Samos. Ao ouvir o nome, Sepore despejou uma enxurrada de palavras em seu idioma materno. Em grego, pediu ao guarda que repetisse o nome. Bateu-me nas costas e disse repetidas vezes: “Sabia que se ainda estivesse vivo, Pitágoras se lembraria de mim. Louve os deuses do Olimpo, Silmikos. Estamos a caminho do paraíso.”

Durante nossa viagem para a Itália, Sepore contou-me que aprendera sobre números ao viajar, com Pitágoras e vários outros gregos, para a terra da Pérsia (Babilônia). Depois de passar mais de um ano com os estudiosos de matemática da Pérsia, ele alistara-se, em troca de alto pagamento, para escoltar alguns dos estudiosos persas ao Egito, onde estudariam as dimensões das Grandes Pirâmides. Quando saiu da Pérsia, Sepore deixou para trás seu amigo Pitágoras ainda às voltas com o estudo dos números.

Sepore relatou que ele e seus patrões persas nunca chegaram ao Egito, pois no caminho foram atacados por bandidos. Os persas foram mortos no ataque e Sepore, ferido (com uma orelha a menos), foi deixado, por o julgarem morto, na terra atualmente chamada Líbano, ou talvez Síria. Vários dias depois, os bandidos retornaram e o encontraram ainda vivo. Decidiram cuidar dele e levá-lo consigo para o litoral. Lá os bandidos se reuniram a vários colegas pertencentes ao ramo marítimo de sua raça, que eram piratas libaneses. O plano de seus captores era vendê-lo como escravo caso ele se recuperasse fisicamente.

Durante a longa e sofrida recuperação de seus ferimentos, contou Sepore, ele navegou pelo Mar Mediterrâneo, acompanhando os piratas quando eles atacavam e saqueavam barcos de pesca e pequenos cargueiros. Foi durante um ataque a um desses cargueiros, ancorado na baía de uma ilha, que os piratas foram surpreendidos por duas galés de guerra gregas que vieram rapidamente do outro lado da ilha, capturando-os sem luta. A tripulação pirata e Sepore foram levados ao continente da Grécia e vendidos como escravos, a esta altura meu padraço Aknostros comprou Sepore por menos do que teria pago por dois bodes. Depois de descobrir a habilidade extraordinária de Sepore com números, ele percebeu que naquele dia fizera um bom negócio no mercado de escravos.

PITÁGORAS DE SAMOS

Sepore e nossos viajantes chegaram a Crotone pelo meio da tarde, três dias depois de desembarcar na Itália. A casa de Pitágoras de Samos era uma pequena estrutura de madeira de quatro cômodos, mas nos fundos estava sendo erigida uma edificação de pedra de tamanho considerável. A nova construção fervilhava de jovens gritando ordens uns aos outros. Trabalhadores se sentavam por lá com sorrisos nos rostos. O barulho cessou e os trabalhadores de um pulo se levantaram quando vários homens vieram andando na direção da construção. Um dos homens, embora obviamente grego, usava as vestimentas dos persas, e de sua orelha direita pendia uma grande argola de ouro. Era Pitágoras de Samos.

Andou até Sepore e balançou a cabeça, não acreditando na condição física em que ele se encontrava. Chamou um dos jovens que estava por ali e lhe ordenou gentilmente que nos trouxesse vinho e comida. Pelo restante daquela tarde, Pitágoras ouviu a narrativa de Sepore acerca do que acontecera depois que ele saíra da Pérsia rumo ao Egito. Pitágoras disse a Sepore: “Você vai conseguir concluir sua jornada. Prometo-lhe que navegaremos para o

Egito antes do término do prazo em que concordei em devolvê-lo a seu dono. Mas talvez os deuses proporcionem um novo plano para o seu futuro.”

Das 7:00 horas até as 10:30 horas da manhã, mais ou menos, um grupo de jovens ouvia Pitágoras falar sobre matemática, música e astronomia e de como todas as coisas eram números. Desde aquela primeira manhã, tornei-me o aluno mais dedicado de Pitágoras. Trinta e sete anos depois, eu estava a seu lado quando ele morreu no primeiro dia de janeiro do ano de 480 a.C.

Das 10:30 até o meio dia, Pitágoras se ocupava de suas pesquisas e experimentos. Almoçava apenas pão, legumes e frutas, quando as conseguia. Era vegetariano, recomendando a prática a seus amigos, mas exigindo que seus alunos comessem o que ele comia. Era considerado uma honra sentar-se com ele durante o almoço e ouvir o que quer que tivesse a dizer informalmente sobre números e religião. Era homem de pensamento profundo, e suas dissertações eram fascinantes. Dormia das 14:00 horas, mais ou menos, até as 16:30 horas. Quando se levantava, tomava um copo grande de vinho e então saía para ver o progresso que fora feito na construção. Passava, então, cerca de uma hora dizendo a seus alunos e supervisores de construção o que deveriam realizar na obra no dia seguinte. Sempre fechava sua lista de instruções com a recomendação: “Se chover amanhã, fiquem em casa; se for feriado, não se embebedem demais.”

Por volta das 5 horas da tarde Pitágoras jantava apenas com os que ele considerava seus alunos mais brilhantes e seus amigos mais interessantes. Por volta das 19:00 horas, rezava durante uma hora em reclusão. Recolhia-se então, encerrando a noite. Acreditava que a alma é imortal e deixa o corpo físico por ocasião da morte. Acreditava, erradamente, que a alma encarnava em todas as formas de vida animal até que tivesse experimentado a vida na forma de todas as criaturas.

A construção da edificação atrás da casinha de Pitágoras estava sendo financiada por um grupo de ricos mercadores e proprietários de terras aristocratas romanos que pagavam Pitágoras por seu projeto e continuavam a paga-lo mensalmente em troca de sua supervisão da construção. Sua intenção era usá-la como um lucrativo teatro. Secretamente, Pitágoras não tinha pressa de concluir a construção. Quando uma parte dela foi finalmente coberta, Pitágoras a usou como escola.

Seus alunos vinham de toda parte. Habitantes da região pagavam sua taxa de ensino com produtos e gado; estrangeiros pagavam pequenas taxas em ouro e prata com dois anos de antecedência. Pelos padrões da época, Pitágoras era um homem muito rico, mas dividia tanto sua riqueza como seu conhecimento com os que considerava investigadores sérios da verdade. Ao longo dos anos, teve milhares de seguidores aos quais ensinava as coisas básicas, mas transmitia informações secretas a apenas cerca de 50 dos integrantes de sua equipe docente especial. Sua escola atraía tanto comércio para a área, que os que originalmente financiaram a construção do teatro o deram a ele quando ouviram rumores de que ele planejava mudar sua escola para outra região.

O logotipo de escola pitagórica de matemática era, como sabem, a estrela de cinco pontas, ou pentagrama. O símbolo foi criado juntando-se dois Triângulos Dourados de tal forma que eles formavam a estrela de cinco pontas. O Triângulo Dourado é proporcionado segundo a ordem tanto de valores inteiros como decimais de *phi* (1,618033989 e 0,618033989).

Basicamente, Pitágoras ensinava e demonstrava que as cordas vibram produzindo tons harmoniosos quando as proporções dos comprimentos das cordas são números inteiros, e que essas proporções podem ser aplicadas a outros instrumentos. Pitágoras percebeu que qualquer triângulo cujos lados estivessem na proporção de 3:4:5 era um triângulo retângulo (fato percebido pelos egípcios já na Segunda Dinastia). O teorema de Pitágoras afirma que o quadrado da hipotenusa de um triângulo retângulo é igual à soma dos quadrados dos outros dois lados, mas essa proposição não se originou com ele. Ele adquiriu esse conhecimento na Pérsia, onde estudara durante vários anos; os persas obtiveram a informação dos egípcios. Gosto de acreditar que esse conhecimento matemático foi transmitido aos persas por meu então amigo e colega Hamarebuti, que estava com o rei Khafre e eu muitos séculos antes, quando exploramos as conhecidas Grandes Pirâmides de Gizé.

Pitágoras fora muito influenciado pela crença babilônica na astrologia e ensinou seus alunos as relações numéricas periódicas dos corpos celestes. Ele denominava esferas celestiais as estrelas e planetas que, segundo ele, produziam uma harmonia por ele chamava a música das esferas. Nós, do estado aberto de perfeição, chamamos essa atividade de macronível “canção do elohim” coletiva. [A palavra “uni-verso” significa “uma canção.” - W.B.] Pitágoras estava convencido de que o universo funcionava segundo a ordem de três proporções musicais básicas, que são 4:3, 3:2 e 2:1. Pitágoras também sabia que a própria Terra era uma esfera que orbita o Sol. Foi devido a suas previsões astrológicas que ele caiu nas graças das classes dirigentes de Atenas e Roma. De tempos em tempos recorriam a ele para consultar as estrelas em seu nome sempre que não conseguiam chegar a uma decisão sobre algo por si mesmos.

Certa tarde, durante o jantar, Pitágoras, depois de um período de profunda e silenciosa reflexão, decidiu revelar a nós, de seu círculo íntimo, uma descoberta matemática que fizera naquela manhã. Era evidente para todos os presentes que essa descoberta o estava perturbando. Depois de certa hesitação, passou a nos contar o que viera a

saber no início daquele dia. Sua descoberta foi que existiam números “irracionais” (como o valor numérico infinito de pi, que não pode ser expresso com exatidão na forma de fração). Essa descoberta tornava necessário que os gregos da época reconsiderassem por completo tudo aquilo em que acreditaram anteriormente a respeito de matemática.

A própria crença de Pitágoras, segundo a qual números inteiros e suas proporções poderiam justificar todos os fatores geométricos, foi destruída. Ele fizera sua descoberta ao verificar que a proporção da diagonal de um quadrado em relação a seu lado era um valor irracional.

Alguns dos presentes à mesa realmente começaram a chorar. Outros, como eu, começaram a estudar os cálculos escritos feitos por Pitágoras naquela manhã. As palavras “não, não pode ser verdade” foram repetidas vezes sem conta. Fui o primeiro a afirmar que sentia nas profundezas de minha alma que havia um modo de contornar a questão dos números irracionais, revalidando nossas crenças anteriores. Minhas palavras fizeram com que Pitágoras dissesse: “Também penso assim. Busquemos esse modo. Talvez encontremos a resposta no Egito.” Disse então a Sepore: “Tome providências para que todos nesta mesa viajem para a terra das pirâmides. Até descobrirmos a resposta, vamos guardar para nós o que descobrimos sobre esses números infinitos.” Pitágoras então nos deixou e foi dormir. Ha! A notícia da descoberta dos números irracionais correu rapidamente entre os estudiosos da Itália, chegando à Grécia, pois a maioria dos estudiosos da Itália na época era grega.

Pitágoras teve de se haver com visitantes de todo tipo vindos a Crotona para ouvir o que ele tinha a dizer sobre números irracionais. O clero de ambos os países proclamaram que os deuses criaram os números irracionais para atormentar as mentes de homens como Pitágoras e seus colegas, que se julgavam mais inteligentes do que os próprios deuses. Foram realizados milhares de sacrifícios aos deuses para agradecer-lhes por nos colocar todos nós, hereges, em nosso devido lugar.

Certa manhã, Pitágoras falou a sua classe e vários visitantes. Durante sua apresentação, declarou que, por enquanto, não podia se ocupar mentalmente dos números irracionais, mas que sabia como e por que eles existiam. Então prosseguiu dizendo: “O universo foi criado por um deus, e antes da criação do universo o número 1 representava o limite máximo. O Criador tragou (inspirou) o nada (vazio representado por zero). Essa ação produziu todas as coisas que existiam e que jamais existirão.” Com coisas ele queria dizer aquilo com que as pessoas serão capazes de se relacionar por meio de seus cinco sentidos. Todas essas coisas conhecidas e desconhecidas eram individualmente descritíveis por intermédio dos números (como os filhos dos números 1 e 0). Ele comparou os símbolos 1 e 0, respectivamente, aos órgãos genitais masculinos e femininos. Na época, ele se divertia ao ver sua platéia ficar mais interessada no que ele dizia quando fazia tal comparação.

O cruzamento dos números 1 e 0 necessariamente produzia números irracionais. Os números irracionais, por sua vez, descrevem o ilimitado. Os números irracionais, por conseguinte, na verdade descreviam o Criador e os propósitos do Criador, ao passo que os demais números se relacionam apenas a coisas que compõem partes fracionárias da unicidade infinita do Criador.

Certo de que os sacerdotes em meio à multidão gritariam que ele blasfemava ao afirmar a existência de um deus apenas (o que eles fizeram), Pitágoras preparara uma declaração segundo a qual Zeus (Júpiter) detinha a distinção de poder ser descrito como o número 1, ou o valor irracional de pi, e os deuses menores podiam ser descritos por meio de outros números inteiros e irracionais. Essa explanação satisfez os sacerdotes e plantou as sementes da numerologia, bem como a noção de números pares e ímpares, números masculinos e femininos, e números de sorte e de azar.

Eu, tixerchock, digo-lhes que existe certa verdade em tudo o que Pitágoras disse naquele dia.

Nossa viagem ao Egito só foi iniciada quando as circunstâncias se mostraram propícias em relação às estrelas. Enquanto esperávamos pela hora certa de partir de Crotona rumo ao Egito, também esperamos um homem chamado Philolaus chegar do norte e se encarregar da escola. Era um velho amigo de Pitágoras, no qual ele confiava. Chegou com sua família, formada de mulher e duas filhas. A filha mais velha se chamava Valbra, e tinha cerca de 17 anos, já sendo viúva. Seu marido, com quem estivera casada por dois anos, morrera em consequência de uma doença. Depois da chegada de Valbra em Crotona, desenvolvemos um relação amorosa que levou ao casamento. Quando nós, pitagóricos, partimos para o Egito, ela estava comigo como esposa.

A VIAGEM PARA O EGITO

Antes de sair da Itália, Pitágoras contratou os serviços de 290 soldados veteranos da fortaleza próxima a Crotona. Pitágoras rejeitou vários navios, dizendo serem inadequados para o alto-mar, antes de escolher um que fora construído recentemente no Egito e era tripulado por egípcios. O navio não navegou diretamente para o Egito. Primeiro atravessou o mar Mediterrâneo até a costa da África e então bordejou a costa rumo ao leste. Navegando ao longo da costa, de vez em quando passávamos por grandes galés italianas, de grande calado, pois seus porões estavam repletos de cereais egípcios e outras mercadorias do leste. Muitos desses navios hasteavam galhardetes

identificando o proprietário da embarcação, bem como sua carga e destino.

Nosso navio egípcio navegou diretamente para a foz do rio Nilo, atracando cerca de 4,8 quilômetros rio acima, na praia oeste. Sepore atuava como nosso intérprete. Dava gosto vê-lo interagir com sua própria gente. Pitágoras providenciou que ele fosse vestido com as roupas mais finas, para que pudesse sentir-se orgulhoso e dar boa impressão. Suas duas primeiras tarefas foram obter-nos vários jumentos e contratar diversos carregadores. Enquanto esperávamos que Sepore concluísse sua tarefa, ficamos num pequeno povoado próximo ao local em que desembarcávamos.

A terra do Egito não estava tumultuada externamente, mas se encontrava num estado de confusão. Os cushitas do Sudão, que governaram durante a 25ª e a 26ª Dinastias, tinham recentemente sido humilhados por sua derrota nas mãos dos assírios, que ainda tentavam planejar o que fazer com a terra agora que a controlavam. Conquistadores vão e vêm, mas os sacerdotes dos deuses do Egito sempre permaneciam intactos guiando o povo nos tempos difíceis.

Cerca de quatro dias depois de nossa chegada, fomos visitados por um grupo de egípcios encabeçados por um sacerdote eunuco da deusa egípcia Ísis. Era um homem muito sábio e velho de nome Dthermas. Apresentou-se em grego e entregou a Pitágoras um rolo de papiro no qual havia desenhado, em cores vívidas, um mapa da área que tinha como centro as Grandes Pirâmides de Gizé.

Quando nos afastamos das margens do Nilo, Dthermas e seu grupo nos acompanharam. Sepore ficou sabendo, por meio de Dthermas, que seríamos recepcionados nas pirâmides por outros sacerdotes estudiosos egípcios. Nós, pitagóricos, ficamos no Egito cerca de seis meses em busca de todo tipo de informações matemáticas nas quais nunca pensáramos, por nossa conta, anteriormente.

Aprendemos a série aditiva atualmente chamada seqüência Fibonacci e sua relação com as formas físicas da natureza. Nós, pitagóricos, todos concordamos que manteríamos essas informações secretas em nosso grupo. Quando tocamos no assunto de números irracionais com os nossos colegas egípcios mais instruídos, eles responderam que não faziam idéia do que estávamos falando. Não consigo me lembrar daquele tempo sem me repreender por não perceber, na época, que a resposta a como adequadamente contornar ou utilizar os números irracionais no mundo tridimensional já existia, diante de meus olhos, na geometria da Grande Pirâmide de Gizé. Explicarei a que me refiro posteriormente em minha narrativa histórica.

Enquanto estávamos na área das pirâmides fomos levados à maior das três, entrando pela mesma porta alçapão que pessoalmente redescobri há vários milhares de anos, quando vivi como “Melth-Nakhefra, o louco” durante os reinados dos reis egípcios Khufu, Rededef e Menkure. A antecâmara, logo na entrada da pirâmide, ainda estava intacta. À luz de archotes, seguimos nosso caminho até a câmara subterrânea. Eu agora tinha um pressentimento de que algo estava errado em relação à pirâmide. Sei agora o que subconscientemente senti na época — que a estrutura já não absorvia o som, o que se verificava pelo fato de que nossas palavras faladas ecoarem para fora de suas paredes.

Quando nós, gregos e italianos, saímos do Egito, deixamos para trás 12 pitagóricos com a tarefa de continuar em busca das informações matemáticas e médicas secretas que sentíamos existir, mas nos passaram despercebidas durante nossa visita. Pitágoras deixou Sepore encarregado dos 12 que ficaram para trás. Deu também a Sepore a maior parte do ouro e prata que restava em nosso cofre. Quando perguntei a Pitágoras como ele explicaria o fato de Sepore não ser devolvido a meu padraсто, conforme o acordo de dois anos, replicou: “Sepore? Sepore? Ah, sim, aquele sujeito. Sempre fico imaginando o que foi feito dele. Acho que terei de efetuar algum tipo de restituição monetária a seu padraсто, pois ele (Sepore) já não está sob minha custódia.”

Depois de sair do Egito, fomos primeiro para a Grécia, onde Pitágoras desejava encontrar um estudioso grego chamado Altranmis e propor-lhe algumas questões a respeito de coisas que aprendêramos no Egito. Durante sua permanência na Grécia, Pitágoras e todos os que haviam viajado com ele pararam para visitar minha família. Pitágoras providenciou e bancou uma festa de três dias à qual compareceu toda a gente que morava num raio de quilômetros ao redor. Minha mãe e irmã, bem como meu padraсто Aknostros, estavam muito felizes por me ver novamente e conhecer minha mulher Valbra, agora grávida de vários meses.

Pitágoras foi ter com meu padraсто Aknostros, providenciando financeiramente a prorrogação do acordo de Sepore por mais cinco anos. Depois de receber uma arca cheia de ouro de Atenas, despedimo-nos de minha família e retornamos ao navio, partindo rumo à Itália. De vez em quando, recebíamos mensagens cifradas de Sepore. Depois de cerca de três anos, nunca mais ouvimos falar dele ou de qualquer um dos 12 colegas pitagóricos.

Passei minha vida estudando e ensinando em Crotone. Pitágoras casou-se com uma grega chamada Estrelmis. Não tiveram filhos, mas Valbra e eu tivemos dois filhos e uma filha. Minha vida em Crotone era amena e intelectualmente estimulante.

Certa manhã, Pitágoras não veio à escola, mas veio sua mulher, em busca de Philolaus e de mim. Disse-nos que Pitágoras não conseguia levantar-se da cama. Nosso mestre estava desperto e sorriu quando entramos no quarto. Sem nada dizer, estendeu os braços em nossa direção, agarrando-nos as mãos. Quando fechou os olhos, o aperto

ficou mais fraco. Desse modo cessou Pitágoras de Samos de viver entre nós. Pitágoras estava, na verdade, com 81 anos (9 x 9) quando morreu. Eu tinha cerca de 52 anos na época.

Nós, da equipe administrativa e docente da escola, não sabíamos o que fazer sem Pitágoras a nos guiar. Como meu sogro Philolaus tinha adquirido experiência na direção dos assuntos da instituição quando fomos ao Egito muitos anos antes, foi eleito o administrador-chefe. Com o tempo, administrar a escola tornou-se uma tarefa pesada demais para ele ou qualquer um de nós do grupo íntimo original. Fechamos a escola, mas permanecemos juntos, escrevendo tudo de que nos lembrávamos acerca do que Pitágoras nos dissera e ensinara. Mesmo os assuntos antes considerados secretos foram registrados por escrito.

Certa manhã, logo depois de alimentar nossas galinhas, lembro-me de me sentar ao lado do fogo segurando uma sacola com comida de galinha. Peguei um punhado de grãos e o atirei no fogo. O fogo soltava labaredas a cada vez que jogava nele grãos e palha. Comecei a jogar os grãos no fogo num ritmo constante e vi nas chamas números que pareciam ter um significado. Quando parei de alimentar o fogo com grãos, as chamas continham apenas zeros. Valbra entrou na casa enfumaçada e disse:

“O que está fazendo, seu velho maluco?” Respondi: “As pirâmides do Egito explicam como os mortais conseguem lidar com números irracionais. É melhor eu ir dizer a Pitágoras; ele exultará ao ouvir isso.” Essas foram minhas últimas palavras. Morri naquela vida como Silmikos, o Grego, no mês de dezembro do ano de 469 a.C.. Estava com 63 anos de idade.

[Foi dito anteriormente neste texto que o sistema Ra de matemática consiste de cinco formatos conhecidos. A pessoa que usar qualquer dos formatos do sistema se defrontará, em certos cálculos, com fatores que apresentam valores irracionais. Quando isso ocorrer, o matemático precisa apenas converter o número irracional em um de seus representantes racionais existentes em pelo menos um dos demais formatos. Pode-se, então, prosseguir com os cálculos de forma racional e precisa. A mudança de um formato Ra para outro pode ser feita sempre que necessário. Por exemplo, pi verde (3,14269680) é um número irracional, mas seu representante no formato ômega maior apresenta o valor racional simples de 3,125, ou 3 1/8. - W.B.]

PÁSSARO DA FUMAÇA DOS MAIAS

Contarei a vocês minha curta vida como Pássaro da Fumaça dos maias, pois foi durante essa vida que testemunhei a aterrissagem de uma espaçonave vinda de outro mundo e nela fui embora da Terra.

Foi por volta de 404 e o local se chamava “o poço onde os deuses vêm beber.” O local posteriormente transformou-se na cidade maia de Chichen Itza. Recebi esse nome porque minha mãe entrou em trabalho de parto enquanto assava um pássaro numa chapa. Meu pai encontrou seu jantar queimado e fumegante, transformado num carvão. Considerou isso um sinal de que os deuses queriam que eu, seu filho recém-nascido, fosse chamado Pássaro da Fumaça.

Fui um jovem magricela que aprendeu o ofício de pedreiro com meu pai. Tanto ele como eu estávamos a serviço do rei sacerdote, Língua de Jaguar. Durante o último ano daquela vida (meu nono ano) trabalhei na construção do primeiro observatório astronômico primitivo erigido na cidade. Esse observatório acabou sendo reconstruído, e podem-se ver atualmente as desse observatório posterior.

Ao fim de um dia de trabalho, eu não me sentia muito bem, então meu pai me carregou nas costas, saindo da cidade, rumo à casa de uma mulher famosa por ter o dom de curar os doentes.

Quando tomamos o caminho para a floresta, uma luz brilhante apareceu sobre nossas cabeças. Meu pai correu mais adiante, tentando nos esconder. A luz saiu do campo de visão, mas depois se irradiou pelas árvores. Desmaiei. Quando acordei, meu pai não estava comigo. De pé, acima de mim, havia um homem usando um capuz emplumado. Ele sabia que eu não entenderia suas palavras, então nada disse. Em minha mente ouvi: “Vá dormir, Tixer-Chock; seu tempo na Terra se acabou. Levaremos você para casa agora.” Dormi e morri.

Quando nasci mais uma vez numa forma humana, foi em meu mundo natal de Gracyea, onde moro atualmente. Calculo minha idade atual em cerca de 1582 anos terrestres. Eu, Tixer-Chock, afirmo que o que foi dito aqui sobre os números sagrados é verdade e para sempre será.

DOY, UMA MULHER DE MALDEC

“A história do planeta Maldec: Promessas quebradas, sonhos desfeitos, corações partidos, mundos despedaçados, espíritos vergados. E agora somos nós que devemos recuperar tudo isso. Sou Molacar de Vitron.”

[Nota do autor: Em sinal de respeito, a partir deste artigo, a ortografia de Maldec será a constante. WB.]

Despertei na semi-escuridão e levantei-me da cama. Toquei um controle e as cortinas se abriram, deixando a luz do sol inundar o quarto. Na varanda abaixo havia várias pessoas tomando o café da manhã. Eu sabia quem eram, embora nunca as tivesse visto em forma física.

Vesti uma túnica amarela que pendia de um gancho em forma de pescoço de cisne, e abri a porta. Este era o quarto no qual eu dormira sem parar, durante mais de treze anos terrestres, e do qual nunca saíra.

Reuni-me a meu pai Nass-Kolb, mãe Orma e irmã mais velha Sibrette na varanda. Segundo o costume de nosso povo, o pai da pessoa recém-desperta (se disponível) era o primeiro a falar ao novo integrante da família. Meu pai sorriu-me, perguntando: “Você está bem, Doy?” Respondi: “Sim, estou bem, Pai.” Com essas palavras, comecei minha vida física no planeta Maldec.

Quando fui dormir, umas quinze horas depois, foi em um quarto novo. No dia seguinte, minha mãe e eu conversamos sobre o que eu precisaria em termos de roupas. Pelo meio da tarde do segundo dia depois de meu despertar, fui visitada por BrigStura, emissário do conselho regente, que examinou-me fisicamente e perguntou se eu tinha alguma mensagem de nosso deus (o el que vocês chamam Lúcifer e nós chamávamos Baal) para transmitir ao Conselho. Eu não tinha mensagem nenhuma.

Meu pai recentemente voltara do planeta Sarus (Terra), onde a construção das Grandes Pirâmides fora praticamente concluída. Tinha conhecimento de que toda nossa família estaria retornando com ele à Terra para presenciar a colocação do spiel (cume) de astrastone na maior das três estruturas. Estava presente quando aquela pedra foi posta em seu devido lugar.

Naquele dia, acompanhada de uma escolta de quatro krates e dois criados simms, perambulei pelo planalto de Gizé, assimilando as visões e olhando os diferentes tipos de pessoas de outros mundos que circulavam lentamente pelo local. Alguns tinham uma essência psíquica apenas tolerável e outros causavam uma estática desagradável em minha wa (harmonia emocional). Lembro-me de pensar na época, por que pessoas tão repulsivas conspiraram o universo físico? Eu admirava meus acompanhantes krates, que tinham sido treinados para tolerar raças de outros mundos, algumas das quais, pensei na época, eram o supra-sumo da feiúra física e psíquica. Aqueles entre os que estiverem lendo este artigo que nutrirem sentimentos hostis em relação a quem não pertencer à sua própria raça ou religião talvez me concedam sua solidariedade e compreensão (apreciação) em relação a como me sentia naquela época. Posso apenas dizer que meus fortes sentimentos em relação a outras raças formavam um contraste extremo com a alegria e segurança que sentia na presença de minha própria gente. Minhas observações de povos de outro mundos acabaram sendo influenciadas pela curiosidade. Essas observações poderiam ser facilmente comparadas àquelas que vocês fariam numa visita ao jardim zoológico. Sim, nós, de Maldec, daqueles tempos antigos, considerávamos os seres humanos que não fossem de nosso mundo meros animais.

Do mesmo modo que vocês ordenhariam uma vaca para obter alimento para nutrir o poder físico, não víamos diferença alguma em ordenhar emocionalmente animais humanos inferiores para obter sua essência psíquica, a qual nos propiciava a expansão do alcance de nosso poder psíquico. Na verdade, era emocionante fazer parte de um grupo de nossa própria raça que coletivamente sentia-se superior e tinha como meta aumentar ao máximo sua superioridade. A palavra de seu idioma que teria descrito todo e qualquer maldequiano dos tempos anteriores à Barreira de Frequência seria “fanático,” que significa alguém fortemente parcial em relação a seu próprio grupo racial, religioso ou político, sendo totalmente intolerante com quem é diferente.

Até a época em que os professores dos planetóides do radiar Hamp (Urano) vieram a Maldec para nos ensinar matemática sagrada, as coisas eram muito diferentes para os maldequianos. Vivíamos em paz em nosso meio, em nosso belo mundo que tinha quatro vezes o tamanho de Terra. O planeta tinha vários oceanos e um sistema de rios e grandes lagos de água doce. A água e as terras cobertas de florestas fervilhavam de vida animal. Nós, de Maldec,

somos monógamos e naquela época, como agora, respiramos oxigênio.

O primeiro homem e a primeira mulher de nossa espécie foram os únicos que não amadureceram até idade da puberdade em estado de animação suspensa, embora todos os maldequianos que vieram posteriormente o tenham feito. Os recém-nascidos primeiro eram embrulhados com vários tipos de cobertas e carregados a toda parte durante vários anos nas costas dos pais, que depois os depositavam, sem ninguém para cuidar deles, em cavernas naturais até que despertassem. Com o desenvolvimento da civilização, foram designados assistentes para as “cavernas de despertar,” e numa fase bem posterior do desenvolvimento da cultura, os que ainda deveriam se tornar parte da vida tridimensional permaneciam sob os cuidados de seus pais ou parentes.

Nossos modos e atitudes hostis para com outras raças só vieram a se materializar no nível molar [terceira dimensão] de percepção quando ocorreu um desentendimento entre os elohins em níveis superiores do campo vital universal. Acredito que esse grande desentendimento polarizou os elohins em duas facções: os que seguiriam o plano mestre original do Criador de Tudo Aquilo Que Existe e os que empregariam seu direito divino de livre-escolha para desenvolver o nível molar (cinco sentidos) de percepção como bem quisessem e interagir com ele. O el de Maldec fazia parte da segunda facção. Todos os maldequianos nascidos a partir daquela época entraram no universo tridimensional preparados para implementar o plano de nível molar de conquista universal idealizado pelo el/deus por vocês denominado Lúcifer. De uma plataforma de controle total do universo físico era possível lançar atividades que poderiam provocar mudanças nos níveis superiores do campo vital universal. A construção, por nós, das Grandes Pirâmides na Terra era uma pequena parte do plano de conquista e controle do universo físico. Estávamos cientes de que havia pessoas originadas de eis que compartilhavam o programa de Lúcifer com as quais algum dia nos uniríamos, quando as encontrássemos no estado de vida tridimensional. Posso dizer-lhes que existem milhões multiplicados por muitos outros milhões destas culturas que já se uniram e estão fanaticamente determinadas a conquistar o universo físico e os que a elas se opõem. Esta aliança é às vezes chamada Confederação, ou Forças da Escuridão.

DARMINS E OS PROFESSORES URANIANOS

Os maldequianos nascidos anteriormente ao grande desentendimento dos elohins eram chamado darmins, que significa aproximadamente, os “não-ordenados.” Era raro uma pessoa ter dois pais darmins, como Serp-Ponder, o krate que ajudou Jaffer Ben-Rob e sua família a fugir da execução juntamente com os cryberantes que esculpiram a Esfinge de Gizé. Com o tempo, os darmins foram esterilizados por ordem do conselho regente de Maldec, que proclamou estar agindo segundo as ordens divinas do el do planeta. O darmins não resistiram.

Os grandes professores do sistema do radiar Hamp (Urano) chegaram em Maldec vários milhares de anos terrestres antes de meu nascimento. O mundo, naquela época, era habitado principalmente por darmins. Os darmins eram motivados pelo desejo de adquirir riqueza pessoal e adoravam as coisas materiais, mas consideravam emocionante adquirir essas coisas usando seu conhecimento e por meio do trabalho físico, se necessário. Um darmin nunca quebraria sua palavra. Foram essas características honestas que atraíram os grandes professores para nosso mundo.

Durante o período em que os grandes professores de Urano residiram em maldec, despertaram cada vez mais quains (os ordenados). Eles exigiram muitas coisas dos professores — coisas que os carinhosos professores não estavam prontos para oferecer antes do tempo. Certo dia, um quain chamado Ordo-Sambilth exigiu que seu professor, Frocent de Urano, lhe contasse (ensinasse) algo sobre os números sagrados. O professor replicou que esse assunto seria tratado dali a mais ou menos um mês. Num acesso de fúria, Ordo-Sambilth estrangulou o uriano. A reação dos urianos a esse crime foi fazer as malas e deixar o planeta Maldec para nunca mais voltar. Durante a preparação para sua partida, os urianos foram atacados por vários quains, desejosos de obter qualquer material escrito sobre números sagrados que não tivesse sido transmitido anteriormente.

Os urianos, agindo em autodefesa, mataram dois dos quains atacantes. Mais nenhum uriano foi morto ou ferido. O ato de matar outro ser humano teve um efeito devastador nos essencialmente afáveis urianos, que coletiva-mente se sentiam envergonhados até o fundo de suas almas. Durante sua permanência em Maldec, haviam entrado em contato com outras raças, tais como os. graciosos. Depois que esses outros grupos exploradores voltaram para casa e tomaram conhecimento dos acontecimentos passados em Maldec, também ficaram arrependidos. Os urianos posteriormente recusaram-se a procriar como penitência por suas ações em Maldec. Atualmente, no máximo 18 urianos vivem em cornos físicos no nível molar (tridimensional) do campo vital universal no planeta Simcarris, que orbita o sol/estrela por vocês chamado Thurbal na constelação de Draco, ou o Dragão. Simcarris também é o lar atual de Trome de Sumer (Saturno) e Churmay de Wayda (Vênus), que narraram a vocês algumas de suas vidas passadas na Terra.

CONQUISTA MALDEQUIANA

Depois da partida dos grandes professores de Maldec, foi formada a ordem militar dos krates e nossos líderes mundiais começaram a idealizar planos para a conquista do sistema estelar local. Esse plano foi colocado em operação no primeiro dia em que os viajantes espaciais grácianos chegaram a Maldec e de boa vontade ofereceram-se para transportar nossos exploradores e emissários aos outros dois mundos do sistema solar onde se respirava oxigênio, Sarus (Terra) e Wayda (Vênus).

O plano de conquista de nosso líder era de longo alcance e, como o amável povo de Wayda teria oferecido apenas a resistência mínima, foi colocado em segundo lugar na lista depois de Sarus, cujo povo, previa-se, se tornaria hostil quando, com o passar do tempo, o laço fosse apertado. Ou seja, a Terra faria o papel de nosso campo de provas, e as várias reações esperadas do povo da Terra nos forneceriam dados que ajudariam no desenvolvimento de métodos que poderiam depois ser empregados para submeter mais raças de outros mundos a nosso controle.

Tínhamos certeza de que outros seres de nossa espécie estavam fazendo a mesma coisa em outros sistemas solares localizados nos quatro cantos do universo, e ansiávamos pelo dia em que nos uniríamos a eles. Devo dizer que ficamos muito desapontados ao descobrir que os eruditos grácianos e os altamente técnicos nodianos não tinham as mesmas metas que nós. Foi conduzido um estudo secreto para determinar o porquê desse fato e para descobrir se eles tinham algum ponto fraco que pudéssemos explorar em nosso benefício.

EDUCAÇÃO MALDEQUIANA

Antes de continuar com a narrativa de minha primeira vida no nível tridimensional (molar) do campo vital universal, gostaria de contar-lhes sobre Doy de Maldec (meu nome naquela época). Em primeiro lugar, não tenho nenhuma reserva quanto a descrever-me ou a meu povo, os maldequianos, bem como suas atitudes de primeira vida. Tampouco hesito um segundo sequer em descrever nossas ações passadas, pois o que foi executado pelas forças da luz ou da escuridão não pode ser desfeito, e essas ações ainda podem ser modificadas pelas mesmas forças para melhor ou pior. Claro que o significado dos termos “melhor” ou “pior” depende do lado da roda universal da vida em que reside a consciência da pessoa.

Depois de passarem tormentos e angústias tremendos muitos maldequianos (tanto darmins como quains), inclusive eu, opuseram-se ao malévolos programa psíquico de nosso el, mudando nossa consciência para o lado oposto da roda, e ao agir assim uniram-se às forças da luz. Cuidado, pois existem maldequianos (em número maior que nós, convertidos) que ainda acreditam na superioridade racial e praticam os costumes antigos. Eles podem ser encontrados atualmente em meio aos mundos das forças sombrias que saqueiam certas partes do universo e lançam um olhar curioso sobre o planeta Terra.

Especulou-se que a construção da Grande Pirâmide e a destruição de Maldec foram permitidas pelo Criador de Tudo Aquilo Que Existe para desvincular o el de Maldec dos recém-nascidos maldequianos, salvando-os de qualquer doutrinação malévola.

Nós, de Maldec, não mais passamos um período em estado de animação suspensa depois do nascimento físico, pois nosso planeta natal já não existe. Esse fato criou mudanças no campo vital universal que impedem nosso el de manter e doutrinar os recém-nascidos maldequianos.

Depois da destruição de Maldec, todos os recém-nascidos maldequianos (os que nunca haviam experienciado vida humana) passaram a ser chamados chaire-salbas (os que percorrem um caminho desconhecido). Existem aproximadamente 35.000 desses maldequianos atualmente morando em vários mundos diferentes localizados em outros sistemas solares. A Federação está atualmente assentando os chaire-salbas, num único grupo, numa lua de Urano, de forma que possam constituir uma sociedade civilizada que poderá ser a base de uma nova cultura maldequiana composta de todos os tipos de maldequianos desejosos de seguir o caminho das forças de luz.

[O mundo onde serão finalmente plantadas as sementes dessa nova cultura maldequiana será descrito perto do final deste texto. - W.B.]

MEMÓRIA ROM

Naquela vida, passei apenas aproximadamente 19 dias terrestres em meu planeta natal de Maldec (depois de meu despertar) e nunca mais lá voltei a qualquer tempo antes de sua destruição. A maior parte do que sei atualmente sobre a cultura humana antiga, características físicas e vida animal de meu mundo natal foi obtida de roms (gravações) mentais criados pelo pessoal de Opatel Cre'ator no tempo em que ele era embaixador de Maldec

e da Terra. A arte de elaboração de roms era muito primitiva naqueles tempos, e as visões e sons registrados de Maldec eram acompanhados pela desconfiança “legítima” de certo(s) produtor(es) nodiano(s) de roms. As opiniões dos nodianos acerca dos maldequianos daquela época eram bastante depreciativas. Minha primeira experiência com esses sentimentos e opiniões nodianos gravados me deixou furiosa. Atualmente, minhas visões seriam muito, mas não totalmente, semelhantes às desses antigos fabricantes de roms. Mas suas visões e as minhas seriam hoje influenciadas por muitos acontecimentos e outros desdobramentos ocorridos desde a criação dessas gravações rom.

A pessoa conectada a um rom mental fica sujeita ao conteúdo do rom a tal ponto que o receptáculo das informações mentais na realidade representa a pessoa (é a pessoa) criadora do rom. Somente depois do término da leitura do rom, a pessoa consegue refletir sobre o conteúdo do rom com seus próprios sentimentos e conhecimentos. Digo isso para acrescentar que quem quer que estivesse lendo uma gravação rom de quaisquer de minhas vidas anteriores ouviria, veria, sentiria o cheiro e o gosto, teria as sensações físicas e reações emocionais exatamente como eu as experimentei em qualquer época de qualquer vida.

Durante uma sessão de leitura de rom de quaisquer de minhas vidas, o leitor de rom seria Doy de Maldec e de maneira alguma o próprio leitor. Uma vida de 200 anos requer aproximadamente quatro minutos terrestres para ser experienciada mentalmente, embora o leitor de mm tivesse a impressão de ter vivido aquela vida e experienciado 200 anos. A maioria das pessoas, depois de ler e experienciar um rom mental correspondente à primeira vida de um quain maldequiano, ficaria emocionalmente devastada depois. O significado do mal supremo e os meios necessários à perpetuação de sua existência no universo talvez fossem demais para uma pessoa da luz lidar mental e psiquicamente. A pessoa que estiver experienciando uma gravação rom da primeira vida de um quain necessariamente se depara com motivações e acontecimentos influenciados pelo programa psíquico do el maldequiano, Baal (Lúcifer). Do ponto de vista de vocês, seria como apertar a mão do diabo e concordar com tudo o que ele dissesse, prestando-lhe fanática e alegremente toda sua atenção e serviço espiritual. Sabiam que as forças da escuridão querem sua alma e querem que vocês representem para elas e lhes forneçam toda sua energia criativa (força vital) por toda a eternidade?

[A palavra “live”(em inglês viver) soletrada de trás para frente é e-v-i-l (mal em inglês). Quando a pessoa “viveu” (“lived” em inglês) em oposição ao plano mestre do Criador de Tudo Aquilo Que Existe, poderia ser chamada d-e-v-i-l (diabo em inglês).—W.B.I

No dia seguinte à colocação do topo da Grande Pirâmide, minha irmã e minha mãe foram embora da Terra rumo a maldec e eu fiquei para trás com meu pai, Nass-Kolb, integrante do conselho de planejamento, cuja tarefa era dar consultoria aos órgãos administrativos maldequianos e guarnições militares situados em várias regiões da Terra. Seu trabalho incluía, na época, certificar-se de que toda nossa gente sabia o que fazer depois de a pirâmide atingir seu objetivo, ou seja, transmitir a energia vril de reserva de Terra a Maldec. Esperava-se que o povo nativo da Terra tivesse várias reações hostis a esse acontecimento. Calculou-se que depois de um curto período, a perda da energia vril da Terra faria com que o povo nativo da Terra ficasse fisicamente cansado e confuso. Os terráqueos que executavam certos serviços não conseguiriam trabalhar, teriam, portanto, de ser substituídos imediatamente por darmins e simms. Esperava-se também que houvesse muitas mortes entre a gente da Terra em decorrência de choque psíquico, pois poderiam ser desligados da consciência de seu el de origem. Meu pai e seus colegas estavam muito preocupados com os fatores desconhecidos que poderiam influenciar o resultado.

Fiquei para trás com meu pai para me aclimatar melhor à vida tridimensional. Eu acordara apenas há pouco mais de três semanas terrestres. Meu pai julgou que seria bom para mim observá-lo às voltas com seu trabalho, bem como interagir com quem tinha uma parte importante em nosso grandioso projeto. Ele queria que eu experimentasse a emoção de fazer parte de um grande acontecimento histórico maldequiano.

Durante várias semanas meu pai e eu viajamos num carro aéreo graciano a muitos lugares da Terra. Em cada lugar jantamos e fomos entretidos pelo governante ou chefe militar local. Fomos tratados de forma ainda mais grandiosa no palácio do sumo governante maldequiano da Terra, Her-Rood. Nossa visita a seu palácio poderia ser comparada a comparecer a um circo de 300 acres. Foi minha primeira experiência com emoção e riso incessante.

MARDUK DE MALDEC

A última parada em nossa viagem foi o palácio do príncipe Sant (era príncipe porque despertou no quarto ano depois de seu nascimento). Em uma grande vila localizada na propriedade do príncipe Sant residia o deus vivo de Maldec, Marduk. Marduk despertou e assumiu a vida tridimensional depois de dormir apenas sete meses. Na infância ficou aos cuidados de Mishemoo, filha do governante supremo de Maldec, o rei sacerdote Miccorcu. A própria Mishemoo teve dois filhos nobres chamados Dei ver e Dovey. (Como sabem, apenas os homens maldequianos que despertassem antes da puberdade eram considerados parte da realeza, recebendo um único nome.) A realeza feminina era concedida a mulheres que dessem à luz tais filhos. O maldequiano era considerado

aristocrata se tivesse tal príncipe em sua linhagem ancestral. Tanto minha mãe como pai tinham príncipes reais em sua ascendência.

Marduk teria um dos papéis mais importantes na transferência da energia vril da Terra a Maldec por intermédio da Grande Pirâmide de Mir (Egito). Por essa razão, estava na Terra esperando o dia em que cumpriria seu dever sagrado. Marduk estava naquela época com aproximadamente quinze anos terrestres de idade. Com Marduk morava o príncipe Andart, também com quinze anos, e que deliberadamente atuava como adversário mental de Marduk. Pode-se dizer que Andart era o equivalente ao que vocês chamam advogado do diabo. A tarefa de Andart era defender as forças da luz, mantendo a mente de Marduk aguçada em relação à sua missão “divina.” Esses dois jovens na verdade levavam adiante o mesmo debate tridimensional até certo ponto ainda existente no nível de macropercepção entre os eIs da escuridão e os eis da luz.

O príncipe Andart era um darmin não esterilizado que despertara em seu oitavo ano. A norma era não esterilizar um príncipe darmin. Achei-o o homem mais bonito que já vira. (Príncipe Sant ficava em segundo lugar, bem perto.)

Meu pai e eu fomos recebidos por Marduk, e foi durante esse encontro que vi príncipe Andart pela primeira vez. Ficou sentado numa cadeira lendo um livro pelo tempo em que permanecemos em sua companhia. Em várias ocasiões levantou os olhos de sua leitura e sorriu-me. Meu pai e eu ajoelhamo-nos num joelho diante de Marduk até que ele nos disse para nos erguer e sentar. Se não fôssemos maldequianos de sangue aristocrático, teríamos ficado de quatro com as testas tocando o chão.

Marduk parecia ter apenas dois humores. Sorriu às vezes e nos perguntou se estávamos sendo bem tratados. Meu pai respondeu-lhe afirmativamente, acrescentando, contudo, algumas frases lisonjeiras. Marduk levantou ambas as mãos, sinal para meu pai parar de falar. Foi então que Marduk tornou-se duro; nenhum músculo de seu rosto se movia e suas palavras eram realmente como punhais. Os vários tons (frequências) que compunham suas palavras realmente machucaram fisicamente as articulações de nossos corpos. Vi o único guarda-costas krate de Marduk e meu pai tremendo, enquanto lágrimas lhes corriam pelos rostos. As únicas outras duas pessoas presentes naquele momento eram Andart e eu, e não fomos tão afetados emocionalmente. De fato, Andart não foi nem um pouco afetado.

A resposta de Marduk aos elogios de meu pai foi: “NassKolb, não desperdice meu tempo, aborrecendo-me com lisonjas que já ouvi milhares de vezes. Se deseja agradar-me, prepare-se bem para o que temos de fazer.” Marduk então ficou tranqüilo e falou suavemente: “Nass-Kolb, vi que sua filha, Doy, tem um coração suficientemente duro para ser um general krate. A presença dela me agrada. Quando partir, deixe-a aqui para me assistir. Ela me acompanhará quando eu for para a terra de Mir. Vocês dois podem sair de minha presença.”

Meu pai partiu rumo à terra de Mir uma hora depois de nosso encontro com Marduk. Ocupava-me perambulando pelas veredas da propriedade. Elas me conduziam por jardins de flores e outros tipos de belas paisagens. Estava sentada observando um castor a nadar quando ouvi sinos repicando, anunciando que o jantar seria servido em aproximadamente 45 minutos. No caminho de volta ao palácio, vi uma grande espaçonave negra pousada num pedaço de gramado. Tinha pelo menos duas vezes o tamanho da nave graciana que trouxera minha família e eu de Maldec. Em vários pontos da fuselagem da nave havia triângulos prateados com lados esquerdos duplos. (Depois fiquei sabendo que esse tipo de triângulo era o logotipo oficial da casa de comércio nodiana de Cre’ator.)

DOY E PRÍNCIPE ANDART

Do outro lado do gramado, da direção da nave, vinham caminhando príncipe Andart e um homem de cabelos brancos e pele escura vestindo roupas negras de corte militar. Preso à sua túnica havia um pequeno triângulo prateado com o lado esquerdo duplo. De seu pescoço pendia uma jóia que emitia profusamente todas as cores do espectro visível. Eu sabia que a jóia era um pedaço facetado de astrastone, o mesmo tipo de material com o qual o cume da Grande Pirâmide de Mir fora modelado.

Os dois homens caminharam até mim. Príncipe Andart apresentou-me a seu companheiro, Opatel Cre’ator, embaixador do planeta Nodia em Maldec e na Terra. Sabia quem era o nodiano, pois o vira de longe no dia em que foi assentado o topo da Grande Pirâmide de Mir. Enquanto caminhávamos rumo ao palácio, príncipe Andart segurou-me a mão. Senti um pequeno e suave fluxo de sua essência psíquica entrar em minha alma. Era costume um homem de minha raça dar certa quantidade de sua força vital a uma mulher na qual ele verdadeiramente tivesse um interesse romântico. (Significa consideravelmente mais do que dar flores ou bombons, posso assegurar.) Caso tivesse tirado minha mão da dele, tudo estaria encerrado em relação àquele assunto e permaneceríamos apenas amigos, a menos que, em algum momento futuro, eu devolvesse a energia, quando ele teria o direito de me recusar.

Não tirei minha mão da dele, olhamo-nos brevemente e sorrimos. O nodiano que caminhava conosco conhecia bem nossos costumes, estando bem a par do que acontecera entre meu amor e eu.

O laço psíquico nos tornou radiantes. Qualquer integrante de nossa laça poderia, só de olhar qualquer um de nós, imediatamente reconhecer que estávamos apaixonados. Nenhum homem nem mulher de nossa raça jamais se aproximaria separadamente de nós com qualquer interesse romântico a menos que nosso amor um ao outro viesse de alguma maneira a se acabar. Príncipe Sant foi o primeiro a me felicitar por meu novo relacionamento com Andart. Disse, sorrindo: “Então existe um príncipe darmin para a pequena Doy — e eu estava seriamente pensando em pegar sua mão durante o jantar. O que fará naqueles períodos intermináveis em que seu marido estiver ocupado a discutir com Marduk?”

Pensei por um momento. Talvez consiga descobrir sobre o que eles discutem. Talvez possa ajudar meu amor, Andart, a defender com êxito sua causa. Quando me ocorreu esse último pensamento, tive um ataque de ansiedade fortíssimo e senti náuseas. Isso acontecia toda vez que eu ficava curiosa em relação ao lado de Andart na argumentação. Quando Andart ficou sabendo disso, abraçou-me com força e disse:

“Pense somente como nos sentimos quando nosso amor flui entre nós, e você poderá compreender que um universo repleto de gente que se ama seria um lugar muito melhor para nele se viver.” Eu disse em voz alta: “As raças inferiores de gente não seriam capazes de produzir, expressar e sentir a forma mais elevada de amor como nós, de Maldec.” Andart replicou então: “Sim, Doy, todos os gêneros humanos do universo têm capacidade de expressar o amor em sua plenitude. Essa capacidade foi concedida a todos os povos do universo pelo Criador de Tudo Aquilo Que Existe. Não se preocupe com esses assuntos universais, trazendo, assim, a ira de Baal a si.” Eu disse então: “Deixarei que você se ocupe dessas coisas, meu amor; eu sem dúvida morreria se ficasse tão violentamente doente outra vez.”

Enquanto Andart e eu conversávamos, vi príncipe Sant ainda sentado à mesa de jantar nos observando. Ficou sentado durante algum tempo, balançando a ponta da língua contra o centro do lábio superior, como toda a gente de nossa raça faz ao pensar profundamente. Então levantou-se de repente da mesa e apressadamente saiu da sala de jantar, sua pesada cadeira tombou e chocando-se contra o chão com um estrondo. Concluí, pela sua expressão, que ele, como eu, estivera pensando em coisas que desagradaram o el de Maldec.

A TERRA DE MIR

Era um lindo dia de verão quando Marduk, Sant, Andart e eu embarcamos em dois grandes carros aéreos gracianos para fazer uma visita à terra de Mir. Marduk disse, sorrindo:

“Andart e Doy não me acompanharão na nave na qual viajarei. Não os tolero. Gostaria que eles se odiassem, assim seria divertido observá-los.” Então: “Alguém aqui realmente odeia alguém?” Várias mãos se ergueram no ar — até a de Andart. Marduk riu e disse: “Sim, sim, Andart, eu sei que você me odeia. Ótimo, seu ódio é tão bom.” Ele apontou então uma mulher da Terra com a mão erguida e disse: “Você, venha ser minha acompanhante em nosso vôo rumo a Mir e à glória.”

A mulher ficou tão emocionada que desfaleceu. Ela não foi com Marduk, mas, de qualquer maneira, ele nunca tencionou que ela fosse com ele.

Pouco antes de subirmos a bordo de nossos carros aéreos, a espaçonave negra nodiana de Opatel Cre’ator sobrevoou silenciosamente acima de nossas cabeças, pairando durante cerca de 30 segundos. Então ela subiu e foi-se embora a uma velocidade tremenda, levando seus ocupantes nodianos de volta a seu distante mundo natal. Marduk fitou a nave e disse: “Lá se vão os amigos nodianos do príncipe Sant. Quando e se os virmos novamente, as coisas serão diferentes.”

Nosso vôo para a terra de Mir foi sossegado. Durante o primeiro dia completo de nossa permanência em Mir, Andart e eu vagamos ao longo das margens do rio atualmente chamado Nilo (denominado naquela época Sa pela gente da região) e por ali fizemos piquenique. Afastamo-nos das atividades que estavam em andamento perto e ao redor das três Grandes Pirâmides. Os gracianos ainda estavam às voltas com o transporte de seus equipamentos e de alguns trabalhadores reltianos (jupiterianos) remanescentes para sua cidade de Miradol (Teotihuacán, México). Divertimo-nos a observar o reltianos correndo para cá e para lá catando vaga-lumes e os estalando em suas bocas. Quando abriam as bocas emitiam um brilho luminescente. Tentei pôr um vaga-lume em minha boca para divertir Andart, mas imediatamente me arrependi. Tinham gosto terrivelmente amargo.

No segundo dia, logo depois da aurora, recebemos a visita de um mensageiro krate que informou Andart que Marduk solicitava sua presença na grande tenda branca na qual ele estava se preparando para o grandioso acontecimento. Voltamos ao local das pirâmides e Andart foi ver Marduk.

EXPERIMENTO COM ENERGIA VRIL

Cerca de três horas depois, Andart voltou sorrindo para nossa tenda. Contou-me que Marduk estava hesitando bastante em prosseguir com o plano de enviar a energia vril de reserva da Terra a Maldec dali a uns dois dias. Andart disse que fizera o possível para encorajar Marduk a continuar conforme o plano, pois ele (Andart) pessoalmente não acreditava que o plano funcionaria, e um malogro humilharia um pouco Marduk e os governantes quains de Maldec.

Creiam-me, Andart não pensou por um momento que seu incentivo conduziria à subsequente tragédia. Andart deixou Marduk ainda ponderando o fato de que levaria vários anos para Maldec (deslocando-se constantemente na órbita solar) atingir novamente a melhor posição (em relação à Grande Pirâmide) para receber a energia vril de reserva pertencente à Terra. Quando observamos os anciãos de Maldec chegarem no local das Grandes Pirâmides e vimos suas varas vril pessoais sendo descarregadas e levadas à tenda de Marduk, soubemos que Marduk decidira-se a prosseguir com o plano.

Perguntei a Andart: “Acha que dará certo, ou será um fracasso? Espero que funcione, você não?” Andart disse então:

“Doy, não sei se terá êxito ou não, e realmente não me importo com o que vai acontecer. Estou apreensivo com o fato de que nós, de nossa raça, talvez tenhamos proporcionado uma arma física que nosso el, Baal, poderia usar para atacar e ferir outro el. Ora essa, que os deuses lutem se quiserem, mas deixem a nós, humanos, fora disso.” Quando passei a considerar o que Andart dissera, uma onda de náusea tomou conta de mim.

Andart e eu visitamos meu pai na véspera do grande acontecimento. Ficou contente de nos ver e muito feliz por termos nos tornado companheiros. Meu pai também estava nervoso com o que estava a ponto de acontecer no dia seguinte. Nossa visita o confortou, afastando até certo ponto sua mente da possibilidade de que ele poderia ter negligenciado algo durante as incontáveis inspeções das pirâmides ordenadas por Marduk e conduzidas por ele e seus colegas. Disse-nos várias vezes:

“Os graciosos dizem que tudo está em ordem com as estruturas, e eu não consigo imaginar o que mais fazer.”

Andart e eu estávamos à margem oriental do Nilo juntamente com vários graciosos, que planejavam partir rumo

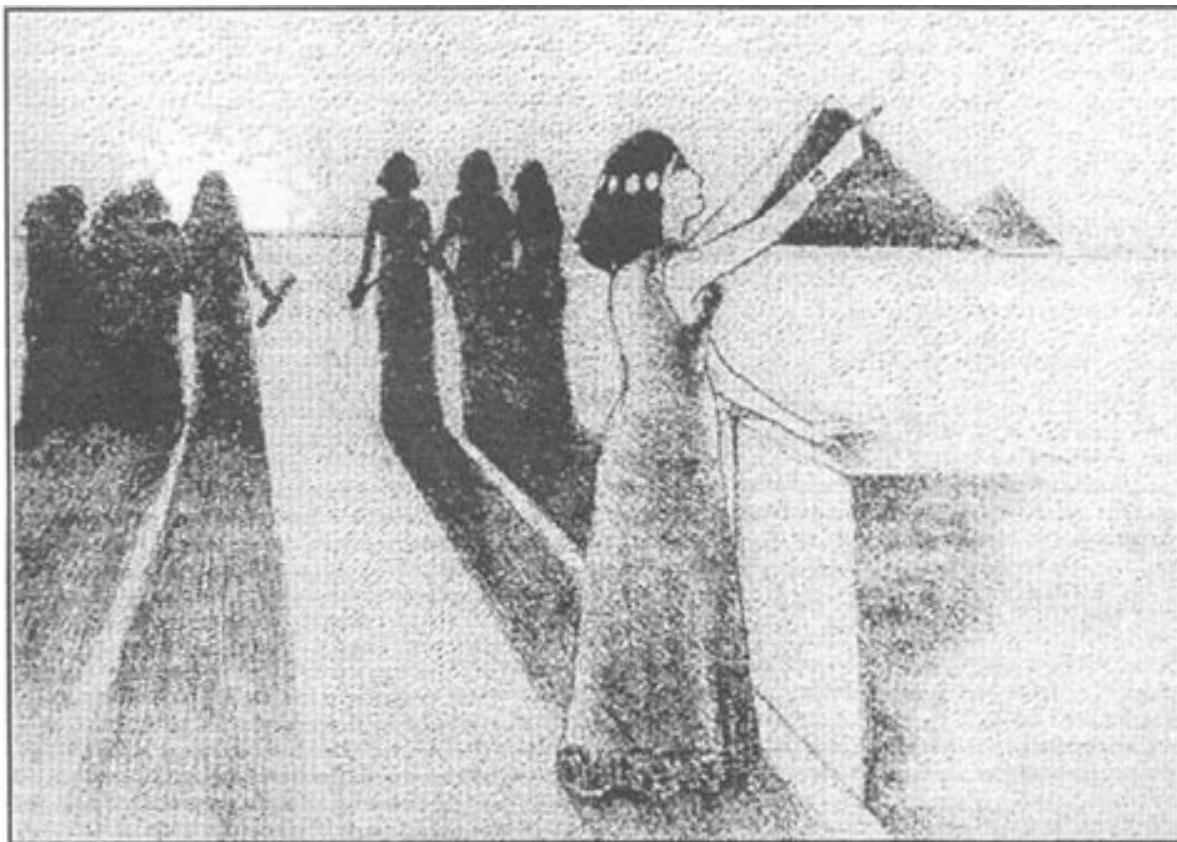


Ilustração de Michael Byrne

a Miradol mais tarde naquele dia. Um jovem piloto graciano de carros aéreos nos perguntou o que nós, maldequianos, estávamos fazendo com as pirâmides do outro lado do rio. Perguntou se era um tipo de cerimônia espiritual. Andart respondeu: “Pode-se dizer que sim, mas de um tipo que, tenho certeza, você não entenderá.” Ele acabara de completar sua frase quando um pilar de fogo arremessou-se em direção ao céu a partir do ápice da Grande Pirâmide.

Tudo era silêncio, e o pilar de fogo era bonito de se contemplar; Eu estava exultante e fiquei repetindo: “Funciona, funciona!” Minha alegria terminou quando o solo em baixo de nossos pés começou a tremer violentamente. Vimos as pessoas fugindo das pirâmides; algumas saltaram no rio. O ar estava impregnado do cheiro de enxofre queimando. Então, surgiu um grande clarão de luz ofuscante no céu. Andart e eu caímos de

joelhos tremendo. Nós dois queríamos morrer e acabar com a tristeza existente nos profundos recessos de nossos espíritos. Os grácianos tentaram nos auxiliar e confortar, mas estavam totalmente confusos em relação ao que tinha acontecido

DEPOIS DA EXPLOSÃO

A confusão dos grácianos durou pouco, pois seus telepatas ficaram sabendo, a partir de uma fonte, que Maldec explodira. Durante alguns minutos, os grácianos ficaram mais apreensivos com o fato de que uma de suas estruturas periféricas (hoje chamada pirâmide de Meidum) estava desmoronando. Ficaram perambulando em círculos, gritando números uns aos outros e aos céus. Acabaram por voltar sua atenção a nós, maldequianos, que rolávamos pelo chão, gemendo.

Uma médica gráciana veio até nós, tocou-nos as testas com um diapasão, e nós desmaiamos. Nosso sono estava repleto de visões e sons horríveis. Várias horas depois, despertamos numa clareira na parte central do continente por vocês chamado África. Os grácianos contaram-nos novamente o que acontecera a Maldec e nos informaram que eles haviam rapidamente saído da área do planalto de Gizé porque os krates estavam matando todos em quem punham os olhos. Disseram-nos que tinham aterrissado neste lugar para tomar fôlego e decidir o que fazer a seguir. Tinham resolvido descansar por algum tempo e então voar para Miradol para se reunir à sua gente. Pensei em minha mãe e irmã que estavam em Maldec quando o planeta se espatifou. Também pensei em meu pai e cheguei até mesmo a imaginar o que fora feito de Marduk.

A única coisa que Andart disse foi: “Não se desespere e chore, Doy. Se começar a chorar, chorará até morrer.” Fiquei sabendo depois que meu pai foi um dos que tomaram veneno depois de descobrir que Maldec já não existia, e Marduk explodiu em pedaços microscópicos assim como o planeta no qual anteriormente viviam as pessoas que o imaginavam um deus infalível.

Ao amanhecer do dia seguinte reunimo-nos a nossos benfeitores grácianos e voamos com eles para Miradol. Nossa nave foi telepaticamente alertada para o fato de que o krates estavam matando todo mundo na cidade. Andart pediu para ser levado a Miradol, na esperança de que com sua autoridade real ele conseguisse parar a matança. O chefe dos grácianos, de nome Baxer-Tolrn, respondeu: “Príncipe Andart, sei que você é bem-intencionado, mas minha resposta a seu pedido é não. Diga-me urna coisa, vocês, maldequianos, algum dia vão parar com essas idéias malucas’?”

Baxer-Tolrn concordou em secretamente nos deixar perto do palácio do sumo governante maldequiano, Her-Rood. Os homens grácianos não nos dirigiram nenhuma palavra de despedida, mas urna de suas mulheres beijou Andart na bochecha e me deu um abraço caloroso.

CAOS NA PROPRIEDADE DE HER-ROOD

Demoramos três horas para chegar aos portões da propriedade de Her-Rood. Os guardas krates do portão pediram-nos que esperássemos na casa da guarda. Ofereceram-nos bebidas alcoólicas fortes, que nós aceitamos.

Vários minutos depois, um pequeno carro aéreo aterrissou ao lado da casa da guarda. Dele saltou um oficial krates que, ao entrar no edifício, saudou Andart e nos pediu que o seguíssemos, entrando no carro aéreo. Levou-nos ao palácio central. Quando deixamos o krates, ele estava tremendo e chorando. Voltei-me para consolá-lo quando Andart me tocou no ombro, dizendo: “Você não pode ajudá-lo, Doy. Se um de seus camaradas não o matar, acabando com seu sofrimento, logo ele esgotará toda sua essência psíquica, morrendo de qualquer maneira.”

Havia milhares de pessoas sentadas e perambulando pelo palácio de Her-Rood. Algumas dessas pessoas estavam chorando até morrer e outras, ignorando as lamentações, continuavam a rir e galhofar. De quando em quando, víamos krates tirar a vida de um amigo ou camarada. Corpos humanos cobriram os gramados e os saguões. Pisamos ou caminhamos em cima de vários cadáveres para chegar à sala de reuniões central do palácio. Na sala esperamos com outras pessoas cujos sapatos estavam, como os nossos, cobertos de sangue. Um oficial krates nos reconheceu e veio para o nosso lado. Sussurrou-nos para segui-lo. Seguindo-o, passamos por uma porta e entramos num saguão sem corpos. Afinal chegamos a um cômodo no qual estavam sentados vários krates de alta patente e o próprio Her-Rood.

Her-Rood estava bêbado e falava de maneira incoerente. Tentava convencer todos os presentes que Maldec não explodira. O general krates de patente mais elevada da sala se chamava Hantbo-Crob. Veio até nós e disse: “Príncipe Andart, devido à ausência do príncipe Sant e à condição óbvia do Governador Her-Rood, nós, do conselho militar~ solicitamos que você assuma corno sumo governante da Terra.” Andart pensou por um momento

e então começou a rir. Disse então:

“Um graciano perguntou-me recentemente se nós, maldequianos, algum dia parariamos de propor idéias malucas. Acho que não, senhor. Acho que não. O que acontecerá quando Her-Rood ficar sóbrio ou Sant aparecer”? O que gostaria que eu fizesse, matasse-os”? O general krate imediatamente replicou: “Mandarei matá-los a seu comando. Precisamos que alguém com sangue real assuma o comando agora.

Andart disse então: “Sou a pessoa de mais alta linhagem entre todos aqui. Atuarei como regente temporário de Her-Rood até que ele possa assumir de novo o controle. Se lhe derem qualquer tipo de tóxico ou o ferirem de qualquer forma, crucificarei todos os que participarem de tais ações. Vocês, generais, não estão pensando com clareza. Vocês precisarão de todos os três que temos sangue real para estabelecer qualquer tipo de ordem normal.” O general ergueu-se, fez uma saudação e disse: “Comande-nos, príncipe Andart.”

O COMANDO DO PRÍNCIPE ANDART

A primeira ordem de Andart foi “Parem a matança em Miradol imediatamente.” O general Hantbo-Crob respondeu: “A matança em Miradol parou, meu senhor. Não há mais ninguém para matar.”

Andart disse então: “Procure príncipe Sant e o traga para cá. Remova todos os cadáveres do palácio e das áreas circunvizinhas. Mande seus soldados realizar suas eutanásias a pelo menos oito quilômetros do palácio. Ponha Her-Rood na cama com um guarda para protegê-lo. Providencie aposentos para minha esposa e mim. Encontre-me um ou mais desses traquianos que fazem espionagem para os nodianos. Não os fira; quero que entrem em contato telepático com os nodianos para nós.”

Foram necessários mais de três dias para retirar os cadáveres do palácio e de seu terreno. Andart e eu éramos mantidos informados a cada hora quanto ao estado de Her-Rood. Durante a noite de nosso quarto dia como os únicos governantes supremos da Terra, príncipe Sant e seu amigo nodiano Opatel chegaram num carro aéreo graciano de sua propriedade. Foi durante essa visita que Opatel tomou sob sua proteção Nizor de Moor e o operador nodiano de espaçonaves Sivmer-Binen.

Sant informou-nos que vários anciãos maldequianos não tinham cometido suicídio, sendo diversos deles de hierarquia real mais elevada que Andart e ele. Disse que devíamos esperar a chegada deles dentro de dois dias. As ordens deles para Sant foram: “Diga àquele darmin, Andart, para imediatamente parar de dar ordens como um príncipe quain. Coloque Her-Rood de volta no comando, não importa quais sejam suas condições físicas e mentais. Estamos declarando lei marcial. Rolander e seu irmão Sharber devem ser considerados os generais krate de mais alta patente.”

Não demorou nada para Her-Rood voltar a se embriagar. Passava o tempo principalmente supervisionando execuções, como as dos gracianos Itocot-Talan e seu neto Tixer-Chock.

Os anciãos de Maldec não apareceram no palácio de Her-Rood, como nos disseram, mas Rolander e Sharber sim. Assumiram o controle de todas as divisões do governo e começaram a reorganizá-las. Sant ficou encarregado de tratar com os nodianos e qualquer cultura de outro mundo que pudesse ter interesse na Terra ou em nossas severas medidas de recuperação. Andart foi incumbido da tarefa de não perder de vista os milhões de seres de outros mundos (marcianos, sumerianos, waydianos e traquianos) que os nodianos estavam despejando no planeta. Seu trabalho resumia-se, na verdade, apenas a contar as pessoas e verificar onde estavam morando.

A POLÍTICA MALDEQUIANA PARA OS SERES DE OUTROS MUNDOS

Com o correr do tempo (aproximadamente dois anos) as coisas praticamente voltaram a ser como eram antes da explosão de Maldec. Certo dia, Andart e eu fomos convidados para um banquete realizado em honra dos nodianos Opatel Cre’ ator e da esposa de seu irmão Rayatis, Aranella Cre’ ator. Era uma mulher de maneiras majestosas e muito bela, e escutou atentamente tudo o que foi dito naquela noite por Rolander, Sharber e Her-Rood. Durante o banquete, um krate veio lhe oferecer uma almofada, sendo asperamente empurrado pelo guarda-costas dela, o marciano Sharmarie. O marciano estava a ponto de espancar o krate com a pistola até a morte por ter se aproximado sem a permissão de sua patroa. A Senhora Cre’ ator rapidamente fez um sinal para o marciano que, acanhado, guardou sua arma no coldre e então passou a bater no krate com a almofada e a chutá-lo no traseiro até que ele saiu correndo da sala. Não fora pelo desejo de Rolander e de Sharber de não ofender os visitantes nodianos, Sharmarie teria sido atacado por tantos krates quantos fossem necessários para matá-lo. (Sharmarie acrescenta: Não havia número suficiente deles num raio de 160 quilômetros daquele lugar para dar conta do recado!”)

Em várias ocasiões, a Senhora Aranella visitou-me enquanto seu cunhado, Opatel, e Andart discutiam a situação da imigração de seres de outros mundos. O conselho regente maldequiano da Terra queria que a imigração de

outros mundos parasse. Os nodianos mantinham-se firmes na opinião de que nós, maldequianos, causáramos o problema em

primeiro lugar, sendo responsáveis por cuidar das pessoas agora sem lar do sistema solar. Os nodianos passaram, então, a nos ameaçar com medidas punitivas se de qualquer forma feríssemos deliberadamente os imigrantes. Essas ameaças não caíram bem com o conselho regente. Afinal de contas, eles tinham ouvido apenas o embaixador nodiano Opatel Cre'ator fazendo essas ameaças em nome de seu meio-irmão desconhecido, Rayatis Cre'ator, bem como de outros dois nodianos invisíveis chamados Tare Vonnor e Carlus Domphey. Quem esses homens pensavam que eram”?

Príncipe Sant, que visitara Nodia, fez o máximo para convencer o conselho regente a não subestimar os nodianos nem o que eles poderiam fazer. A resposta oficial do conselho regente ao príncipe Sant foi: “Se estes nodianos só tomarem medidas sérias depois de buscar uma luz afirmativa de orientação divina do Criador de Tudo Aquilo Que Existe, então veremos se receberão essa orientação divina para nos atacar. Não acreditamos na existência de luzes de orientação divina. Acreditamos que os nodianos usam este mito apenas para justificar suas ações perante os outros. Caso as coisas não dêem certo em relação ao que fizerem aos outros, sempre podem dizer: ‘O Criador de Tudo Aquilo Que Existe nos disse para fazer isto.’ Como acreditamos que os nodianos são oportunistas arrogantes que buscam apenas riqueza material, continuaremos a conduzir nossos assuntos na Terra como bem quisermos.”

SENHORA CRE'ATOR VISITA DOY

Num dia em que meu marido Andart estava viajando para longe de casa, a Senhora Cre'ator veio visitar-me acompanhada apenas por Sharmarie, seu protetor marciano. Durante sua visita, conversamos sobre nossos respectivos mundos natais e sobre nossas próprias histórias pessoais de vida. Pouco tinha a dizer sobre meu mundo natal de Maldec, pois o deixara logo em seguida a meu despertar. Contei-lhe sobre minha mãe e irmã que pereceram quando Maldec foi destruído. Contudo, mesmo assim, eu pouco tinha a dizer sobre elas, pois vivera fisicamente em sua presença durante algumas semanas apenas. Ela nada disse quando lhe falei que respeitava a coragem de meu pai de tirar a própria vida depois que seus sonhos foram despedaçados junto com o mundo em que nascera.

Ela me contou que nascera de pais pobres, mas fora selecionada pelo sábio nodiano Lincore para ir estudar, juntamente com outras crianças nodianas escolhidas, em sua escola especial. Foi na escola de Lincore que ela conheceu seu futuro marido Rayatis Cre'ator, também uma criança de origem humilde. Na escola de Lincore, foi treinada para ser artista musical. Exerceu essa profissão por pouco tempo. Lembro-me de ter contado a Aranella que o povo da Terra frequentava escolas, mas nós, maldequianos, despertávamos sabendo ler e escrever nosso idioma nativo, e muitos de nós também despertávamos possuindo conhecimentos especiais com os quais outros de nossa espécie não despertavam. Posteriormente, os que não tinham esses conhecimentos aprendiam associando-se aos que os tinham. Contei-lhe também que minha irmã Sibrette despertara com o conhecimento pleno de representação e canto. Disse que eu acreditava que elas teriam gostado muito uma da outra se tivessem se conhecido.

A Senhora Cre'ator perguntou-me, então, com que propósito de vida eu despertara. Era uma pergunta que ninguém jamais me fizera, nem eu mesma. Tentei pensar, mas só consegui responder: “Não faço a menor idéia.” Enquanto ela descrevia sua filha Falashakena, Sharmarie resmungou a meia voz. Aranella disse ao marciano: “Você a ama e sente falta dela como eu. Admita.” Sharmarie respondeu com profunda sinceridade na voz. “Sim, eu a amo e sinto falta dela agora que ela se transformou numa jovem inteligente.”

Perguntei por que sua filha não viera com ela para a Terra. Contou-me que sua filha e o meio irmão mais velho, Dreyfas, quase nunca saíam do lado do pai. Os dois estavam sendo preparados para, algum dia, assumir o império comercial em rápida expansão do pai. Ao ouvir isso, Sharmarie disse: “Que os els de luz nos protejam a todos.”

Atrevi-me, então, a fazer à Senhora Cre'ator duas perguntas que estavam me martelando a cabeça. “Senhora Cre'ator, seu marido, Trare Vonnor e Carlus Domphey atacariam a Terra e travariam guerra conosco, os maldequianos?” Respondeu que o fariam imediatamente, sem qualquer hesitação caso recebessem uma luz afirmativa de orientação divina para assim proceder. Essa resposta levou à minha segunda pergunta, que foi: “Você me contaria sinceramente se existem luzes de orientação divina e se elas podem ser recebidas por seres humanos?” Replicou que as luzes de orientação divina eram uma realidade, podendo, contudo, ser alcançadas apenas por pessoas especiais que tivessem a capacidade de perceber a vontade divina do Criador de Tudo Aquilo Que Existe. Disse que Lincore, antigamente seu professor, tinha adquirido essa capacidade excepcional há muitos anos.

A TEMPESTADE

Andart não voltara para casa. A partir do amanhecer do oitavo dia de sua ausência, o céu começou a escurecer, fato acompanhado de raios e trovões. A eletricidade foi interrompida e eu não tinha nenhuma luz. Chamei os criados, mas eles não responderam a meus pedidos constantes. Acabei encontrando algumas velas e sentei-me num divã, fitando por uma janela a tempestade violenta. Passaram-se horas e então ouvi uma batida alta na porta de meu apartamento. A princípio pensei que Andart voltara para casa. Quando abri a porta, de pé diante de mim estava o marciano Sharmarie. Perguntou se Senhora Cre'ator estava comigo. Ficou muito desapontado ao descobrir que não estava.

Pouco tempo depois, o encharcado e preocupado marciano disse: “Venha comigo, Senhora Doy. Muitas partes do palácio estão desmoronando. Logo não será seguro ficar em qualquer lugar aqui.” Não queria partir e provavelmente desencontra-me de Andart quando ele voltasse para casa, mas quando um grande galho de árvore atravessou voando a janela caindo na sala, resolvi partir. O vento e a chuva agora entravam na sala.

Sharmarie e eu andamos pelos corredores escuros do palácio chamando a Senhora Cre'ator e Opatel. Nossos gritos eram inúteis, pois eram abafados por outras vozes que na escuridão chamavam amigos e pessoas queridas, e convocavam criados a vir em seu auxílio. Logo começamos a bater e tropeçar em pessoas que tinham caído. Afinal alcançamos uma área do palácio com janelas que deixavam os clarões dos raios iluminar temporariamente nosso caminho.

Ao se aproximar da entrada principal, Sharmarie pediu que parássemos para esperar que caíssem mais alguns raios. Pensou ter vislumbrado, à luz de um raio, a Senhora Cre'ator em meio à multidão. Tinha razão. Na escuridão, ela estivera sem saber caminhando em nossa direção. Quando ela foi iluminada novamente, vimos que estava ao alcance da mão. Sem dizer palavra, Sharmarie colocou-nos as duas embaixo dos braços, carregando-nos para fora do edifício, onde nos colocou no chão, protegendo-nos com o corpo do vento e da chuva.

A Senhora Cre'ator perguntou a Sharmarie se ele sabia onde se encontrava Opatel. Ele respondeu-lhe não saber onde estava o cunhado dela, e sugeriu que ele poderia estar em sua espaçonave. Notamos que havia um grande carro aéreo estacionado em frente ao palácio. Corremos até ele, reunindo-nos à multidão que tentava embarcar. Como demonstrou Sharmarie, é impossível ignorar um marciano aos berros brandindo uma pistola. Ele logo tomou a si a tarefa de selecionar quem teria permissão de permanecer ou embarcar no carro aéreo. Depois de expulsar vários krates do veículo e de afastar outro tanto deles do cano, mandou a Senhora Cre'ator e a mim para a frente do carro com ordens de guardar-lhe um lugar.

Assim que sua seleção pessoal de passageiros foi concluída, fechou a porta. Depois de ir para a frente do carro, gritou ao piloto terráqueo que levantasse vôo. Por ordem de Sharmarie, o piloto voou para o lugar em que a espaçonave de Opatel Cre'ator estacionara. Quando chegamos ao local, descobrimos que a nave se fora. Ficamos voando durante horas, até o exausto piloto já não conseguir manter o controle da nave que estava sendo atingida e muito avariada por escombros voadores de todo tipo. Ao aterrissar, a Senhora Cre'ator e Sharmarie decidiram sair da nave e procurar algum outro tipo de abrigo. Decidi ficar a bordo do carro aéreo. Estava assustada demais para me mexer.

Depois que meus amigos partiram, o carro começou a girar em cima da lama. As luzes elétricas do carro se apagaram. Então tudo, coisas e gente, que havia dentro do carro caiu para a parte de trás do veículo, fazendo essa parte tombar na beirada de um precipício muito alto. O carro aéreo chocou-se várias vezes contra a rampa do precipício antes de bater no solo rochoso do fundo. Na hora do impacto final do carro aéreo com o solo, meu pescoço se quebrou e eu morri instantaneamente.

SANZA.BIX DE GRACYEA

Sou Sanza-Bix. Tinha por volta de oitenta anos terrestres de idade (mas tinha a aparência de um homem da Terra entrando na casa dos vinte anos) quando nossa espaçonave aterrissou no planeta Maldec. Mais de 300 anos de vôos espaciais (milhares deles) entre os planetas Gracyea e Maldec precediam nosso vôo. Eu nunca visitara Maldec. Durante a jornada a partir de Gracyea, que durou aproximadamente

12 dias terrestres, meus companheiros e eu recapitulamos inúmeras vezes nossos planos para a construção de edificações de projeto sagrado no planeta por vocês chamado Marte. Devíamos nos reunir a nossos colegas maldequianos e fazer os arranjos finais para iniciar a fase marciana de nosso projeto.

Talvez lhes interesse saber que um de nossos propósitos ao construir as pirâmides na Terra, Marte e Vênus era usar as estruturas acabadas para transportar pessoas (corpo e alma) e produtos instantaneamente de um planeta a outro, eliminando, assim, espaçonaves e o tempo gasto em viagens interestelares.

Os maldequianos nos falaram a verdade quando disseram que fora o desejo de nossos professores comuns, o uranianos, estabelecer essa forma de transporte, usando portões estelares, entre os povos de vários sistemas solares

visando ao benefício de todos. Sabe-se agora que os uranianos haviam concluído com êxito uma dessas conexões por meio de portão estelar* com o terceiro planeta do sistema solar/estelar Bantavalia. Essa conexão ficou desestruturada depois que eles, repentinamente, romperam relações com os maldequianos, recolhendo-se a um estado no qual não mais reproduzirão sua própria espécie, nem terão qualquer relação com outras raças (com exceção raramente os nodianos). Embora nossa intenção fosse concluir o projeto de portão estelar anteriormente proposto pelos antigos professores de Urano, os maldequianos tinham outros planos, que não nos revelaram, de construir pirâmides na Terra, Marte e Vênus.

Não temam o cometa que se aproxima, nem seu companheiro, pois eles são os objetos da divina restauração.

- Brime de Rorfa

Fui um dos 36 grácianos que chegaram a Maldec durante minha primeira vida. Permanecemos a bordo de nossa nave até que Karyo-Belum, à época o embaixador gráciano em Maldec, entrou em contato fisicamente conosco. Dentro de uma hora Karyo-Belum chegou juntamente com seu assistente gráciano, Halp-Donax, e dois maldequianos (um era darmin, o outro quain). O quain Ottannor-Micdin foi designado nosso guardião e guia. Os dois pequenos aéreos

carros grácianos tiveram de fazer aproximadamente 15 viagens para

levar a nós e nossos pertences pessoais a residência que nos foi designada. Cada viagem de ida e volta levava mais que uma hora.

A residência era uma bela estrutura de mil anos de idade que fora construída pelos uranianos. Estendia-se sobre e sob mais de 12 hectares de terra. Podia-se transpor montes de capim ceifado e, de repente, dar com uma parte do edifício que parecia estar irrompendo ou nascendo do subterrâneo. De vez em quando, encontrava-se uma clarabóia no topo de um monte. Essas clarabóias consistiam de uma membrana transparente que se expandia e contraía lentamente. Durante sua expansão a membrana silenciosamente expelia qualquer molécula de gás dispensável ao ambiente vital dentro do edifício.

Ao entrar na estrutura, encontramos uma variedade do que vocês chamariam animais selvagens que podiam vagar livres pelo edifício. Esses grandes felinos, canídeos, paquidermes e várias outras espécie (todos animais de Maldec) não exibiam nenhuma forma de comportamento agressivo para com as pessoas ou entre si — ou seja, contanto que estivessem dentro do edifício. Contudo, quando estavam ao ar livre apresentavam seus comportamentos agressivos naturais. Vários dos animais de Maldec eram semelhantes aos da Terra atual, só que tinham aproximadamente duas vezes o seu tamanho. A única criatura maldequiana de que tenho notícia nunca existiu na Terra:

tinha pelagem com pequenas manchas brancas e azuis. Parecia um cruzamento entre um coelho e um dinossauro de língua bifurcada. Dava saltos e tinha cerca de 1,2 metro de altura. Nosso guardião e guia maldequiano, Ottannor-Micdin, como qualquer outro de sua raça, não entrava no edifício. Deixou-nos na entrada depois de nos entregar aos cuidados de um simm chamado Pallobey. Sempre apreciei a companhia dos simms. Seu planeta natal, como vocês sabem, localiza-se no mesmo sistema solar /estelar (Lalm) que o meu planeta natal de Gracyea.

Aproximadamente 200 simms e 500 grácianos moravam naquela antiga maravilha arquitetônica uraniana. Os corredores, saguões e aposentos de nossa residência eram construídos tanto de materiais naturais como sintéticos. Alguns blocos de material sintético absorviam os gases desprendidos pelas membranas da clarabóia descrita anteriormente. Outros produziam luz quando tocados. Alguns produziam ar frio ou aquecido. Ao se tocar uma pedra sintética emoldurada por esmeraldas naturais, podia-se ouvir uma linda música, mas apenas a pessoa que tocara na pedra a ouvia. Pensamentos simples podiam aumentar o volume ou interromper a música. Quem me dera saber agora a composição dessas pedras sintéticas, e de onde vinha aquela música. Confortante. Nós, grácianos, fazíamos nossas comidas com os simms em qualquer das várias salas de jantar. A comida era obtida, preparada e servida pelo simms.

Nós, grácianos, cada qual tinha um quarto e banheiro privativos. O interior desses aposentos, bem como todos os demais cômodos ou corredores do edifício podiam ter seu tamanho aumentado ou diminuído. No centro da maioria dos cômodos havia um bloco de pedra sintética que batia mais ou menos na cintura. Encaixados no bloco havia vários diapasões. Ao se fazer soar um ou mais deles, as paredes de pedra, que chegavam a pesar 100 toneladas, silenciosamente se deslocavam para cima, para baixo ou para os lados. O conhecimento dos tons corretos permitia que a pessoa ampliasse ou reduzisse o tamanho de um cômodo. Muitas vezes me perdi quando um corredor no qual passara anteriormente já não existia, pois alguém deixara lá uma parede, fechando o corredor. Acabei aprendendo o que significavam os antigos símbolos uranianos de “siga nesta direção”.

Era verão nesta latitude e todas as manhãs (de um dia de 34 horas) nós, grácianos, reuníamos numa grande tenda verde com vários maldequianos que eram nosso elo com seus líderes. Durante nossas reuniões discutíamos o que seria necessário para dar início a nossas construções em Marte. Depois de aproximadamente dois meses e meio

terrestres, concluímos que estávamos prontos para começar.

Como presente de despedida nós, grácianos, fomos levados por nosso guardião maldequiano, Ottannor-Micdin, a uma excursão aérea monitorada a alguns dos antigos edifícios uranianos que pontilhavam a superfície do planeta. Mais de 30% desses edifícios estavam vazios — ou seja, os maldequianos não entravam neles. Diziam ser sua maneira de demonstrar respeito e reverência aos que os construíram. Os restantes 70% dos edifícios eram usados pelo maldequianos. Descobrimos depois que os quains não conseguiam tolerar as vibrações benignas originadas do campo vital universal atraídas por alguns dos edifícios. Também ficamos sabendo (tarde demais) que os edifícios utilizados pelos maldequianos tinham sido remodelados de forma imperceptível mesmo a olhos altamente treinados. Os maldequianos tencionavam alterar todos os antigos edifícios de seu planeta.

Quando deixamos Maldec, todos os grácianos, exceto nosso embaixador, Karyo-Belum e seu assistente, partiram rumo a dois destinos separados — Terra e Marte. Essa foi minha primeira e última visita ao planeta Maldec. Foram necessários cerca de oito dias terrestres para alcançar o planeta Marte, dada a velocidade por ele atingida em sua órbita solar.

Nossa viagem a partir de Maldec finalmente terminou quando nós, grácianos, em número de 334, aterrissamos na planície marciana por vocês chamada Cidônia. Fomos saudados por dois integrantes de nossa raça, um dos quais tinha um olho preto. Os dois portavam escudos marcianos. Disseram que passaram a carregar os escudos para desviar as pedras atiradas às vezes pelas crianças marcianas contra eles. Mostraram uma pilha de escudos ali perto, aconselhando-nos, a cada qual de nós, a pegar um. Os escudos eram presente do zone-rex marciano Rancer-Carr.

Ao entardecer, o topo dos muros do complexo de edificações por vocês denominado Cidadela (a sede do zone-rex) era iluminado por tochas que ardiam até o amanhecer. Os que chegaram antes de nós, os recém-chegados grácianos, disseram-nos para tirar da cabeça qualquer pensamento de entrar na Cidadela. Ficamos, obviamente, muito decepcionados ao ficar sabendo que não éramos bem-vindos para observar e estudar os numerosos edifícios antigos uranianos existentes dentro por trás de seus muros.

Nós, grácianos, passamos nossa primeira noite em Marte a bordo de nossa espaçonave. Quando nos levantamos ao amanhecer para contemplar o sol nascente e fazer nossas preces, reparei numa solitária figura parada a considerável distância ao lado de um camelo ajoelhado. Quando concluímos nossas orações, vi o homem montar seu camelo e conduzi-lo rumo à Cidadela. Quando se aproximou, os grandes portões se abriram e dois guardas marcianos ajoelharam-se numa perna enquanto seguravam firme com ambas as mãos o punho de grandes espadas de folha larga fincadas no solo diante deles. Não nos foi difícil concluir que o cavaleiro montado no camelo era Rancer Carr, o zone-rex do planeta Marte.

Entre os grácianos que chegaram primeiro em Marte estava Tixer-Chock que, juntamente com vários outros, já concluía a “afinação” dos materiais naturais da região, tendo fabricado os diapasões dos quais, nós, os construtores, precisaríamos como ferramentas para cortar, desbastar e polir, deslocar e assentar os blocos de construção em suas respectivas edificações. Quando Tixer-Chock foi-se embora para a Terra, aconselhou-nos com veemência a não visitar a montanha sagrada marciana de Daren e usarmos de toda nossa diplomacia com os marcianos. O procedimento para resolver qualquer problema com os marcianos locais era enviar Gike-Nex, nosso colega que falava marciano, aos portões da Cidadela para gritar nossas inquietações. Se dentro de uma hora saísse da Cidadela um cavaleiro montado num camelo e viesse na direção da cidade de Graniss, poderíamos ter certeza de que o zone-rex estava fazendo algo em relação a nosso problema. Se não saísse nenhum cavaleiro da Cidadela, considerávamos isso um sinal de que o zone-rex esperava que cuidássemos da situação como pudéssemos.

Cerca de um mês terrestre depois de minha chegada em Marte, nossa mão-de-obra reltiana (vinda dos planetóides de Júpiter) começaram a chegar em várias fases.

Depois que os reltianos e todo nosso equipamento de construção foram acomodados na planície de Cidônia, iniciamos nosso trabalho. Em honra de nossos antigos professores uranianos começamos a esculpir a face daquele que fora o chefe dos primeiros professores a vir a nosso planeta natal, Gracyea. Seu nome era Sormel. Nossa esperança era que esse monumento agradasse os professores e os trouxesse de volta a nós de onde quer que se encontrassem. Queremos que eles vejam que nós, seus alunos, estávamos levando adiante seu plano divino. O zone-rex marciano aprovou esse monumento aos professores. Os maldequianos secretamente não aprovavam, mas nada podiam fazer a esse respeito na época. Se o plano maldequiano para as pirâmides tivesse sido bem-sucedido, eles provavelmente teriam destruído uma boa parte de Cidônia ou de algum modo a teriam desfigurado. Tenho certeza de que teria sido uma emoção diabólica a qual eles não conseguiriam resistir.

Foi na época em que estávamos esculpindo a grande face do professor Sormel que conheci Nisor de Moor, que viera a Marte de Wayda (Vênus) na qualidade de representante da casa de comércio nodiana de Domphey. Vi, com meu amigo Soakee-Loom, Nisor indo embora de Marte numa espaçonave evidentemente em mau estado de funcionamento pertencente à casa de comércio nodiana de Cre’ ator.

Nosso trabalho em Marte teve início aproximadamente 18 meses terrestres antes de começarmos a construção

das pirâmides de Mir (Egito) e da cidade de Miradol (Teotihuacán, México) na Terra. Muito pouco tínhamos a concluir em Marte quando Maldec foi destruído. Era noite em Cidônia quando se deu a tragédia. Durante o trágico acontecimento vários de nossos edifícios que tinham sido construídos segundo a ordem da geometria sagrada emitiram sons ensurdecedores. Nuvens de pó elevaram-se acima da região, tornando muito difícil enxergar mais que uns poucos metros à frente. De manhã, todos sabiam o que acontecera.

Comunicamo-nos telepaticamente com nossa gente na Terra, apenas para descobrir que ela estava sendo massacrada pelos krates maldequianos. Dispúnhamos de apenas quatro espaçonaves em Marte, que foram imediatamente enviadas à Terra juntamente com todos os carros aéreos que tínhamos para ajudar nossa gente no que fosse possível. A maior parte de nossa frota espacial local estava baseada em Maldec.

Ao meio-dia daquele dia, o zone-rex convocou-nos a nós, grácianos, para uma reunião na Cidadela. Depois de entrar no complexo, demos com a visão de uma espaçonave negra exibindo os símbolos das casas de comércio nodianas de Cre' ator e Vonnor. A nave aterrissara em algum momento durante a noite, sem que víssemos. Numa plataforma de pedra no centro do complexo, encontrava-se o zone-rex marciano Rancer-Carr, e cinco nodianos. Um nodiano que falava nosso idioma nos contou que logo chegariam a Marte espaçonaves provenientes de Nodia para levar os grácianos que desejassem retornar a nosso planeta natal. Informaram-nos que sentiam não poder ajudar nossa gente na Terra nem levar a qualquer de nós para lá.

Nos dias que se seguiram, chegaram naves nodianas, conforme prometido. Fui um dos grácianos que se encontravam a bordo do primeiro “pássaro negro” (como chamávamos as espaçonaves nodianas) que saiu de Marte. Nunca passei toda uma vida no planeta Terra, portanto não serei de nenhuma ajuda para descrever épocas passadas da Barreira de Frequência no planeta.

Vários outros fatos poderiam interessar quem vem acompanhando as várias narrativas de acontecimentos passados na Terra depois da destruição de Maldec. O marido de Doy de Maldec, conhecido como príncipe Andart em sua primeira vida, foi identificado durante uma recente corporificação na Terra como coronel Klaus von Stauffenberg. Sabe-se que o coronel von Stauffenberg foi responsável pela colocação e detonação de uma bomba no lugar em que se encontrava Adolf Hitler. Essa tentativa de assassinato fracassou e Stauffenberg (Andart) foi posteriormente capturado e executado. Parece que Andart ainda estava tentando parar a matança.

COMENTÁRIOS ACERCA DO COMETA HALE-BOPP

Antes de concluir, tratarei de um acontecimento muito importante atualmente em andamento em seu sistema estelar local. Faço isto a pedido de Doy de Maldec. Ficamos sabendo que muitas pessoas na Terra estão cientes de que um cometa (Hale-Bopp) e um corpo com aproximadamente quatro vezes o tamanho da Terra (chamado o “companheiro”) está viajando rumo às órbitas dos três planetas interiores existentes em seu sistema solar. Eu, SanzaBix, tomei conhecimento de que, desde que o cometa e seu companheiro foram pela primeira vez avistados da Terra e seu curso foi determinado, criou-se muita apreensão e especulação em torno desses dois corpos. Desejo tratar dos relatórios elaborados a partir de várias fontes da Terra, segundo os quais o corpo do companheiro é uma grande espaçonave cheia de seres viventes.

Em primeiro lugar, simplesmente não é assim, pois nenhuma espaçonave com dimensões superiores a 800 quilômetros já foi construída por qualquer cultura de qualquer mundo em qualquer sistema solar existente em qualquer dos milhões de galáxias já visitadas por exploradores originários de algum ponto da Federação. Uma nave dessas, construída num sistema solar visitado pela Federação, teria sido detectada milhões de vezes por diferentes culturas quando viajassem de seu ponto de origem a seu sistema solar. Nunca foram relatadas quaisquer detecções desse tipo.

Um nave-mãe de mais de 800 quilômetros de comprimento não pode se aproximar demais de um planeta sem que sua massa e forças de propulsão provoquem problemas climáticos e de marés no planeta. Naves desse tamanho, em geral, entram num sistema solar e se deixam atrair naturalmente pelo sol central, mas antes de se aproximarem demais de qualquer planeta que poderiam fazer em pedaços, as naves são fisicamente propelidas de volta por seus operadores até as fronteiras exteriores do sistema, onde uma vez mais se deixam naturalmente atrair de volta ao centro do sistema pela força gravitacional do sol do sistema. Um desses ciclos operacionais, constituídos de um período de propulsão natural e de um período de reversão com uso dos motores da nave, pode ser programado para durar vários anos. Algumas naves-mães menores podem assumir uma órbita ao redor de um sistema radiar como Saturno. Pensem nisto — se uma nave-mãe com um diâmetro de 800 quilômetros pode abalar de forma drástica as funções naturais de um planeta, imaginem o que uma nave com 160.900 quilômetros de diâmetro faria ao clima e às marés de um planeta muito menor que ela. Eu poderia dar muitas razões (mas há pouco espaço) que imediatamente dispersariam até mesmo a mais vaga noção de que o assim chamado companheiro é

uma espaçonave construída e controlada por humanos inteligentes, lagartos ou coelhos cor de laranja gigantes.

Então, perguntam vocês: “Se o companheiro não é uma espaçonave seguindo o rastro do cometa Hale-Bopp, o que é, e por que às vezes desaparece e em outros momentos reaparece?” O companheiro é a manifestação tridimensional da substituição planetária do planeta destruído anteriormente chamado Maldec. Na verdade está-se observando um ato de restauração divina. A manifestação divina deste novo mundo teve início em níveis superiores (invisíveis) do campo vital universal. Os ciclos de surgimento e desaparecimento do companheiro têm relação com o processo criativo aparentemente necessário ao nascimento cósmico do novo mundo. Ou seja, o novo planeta periodicamente sai do nível tridimensional do campo vital universal onipresente, que a tudo impregna, entrando em seus níveis superiores e, então, retornando uma vez mais ao nível tridimensional visível do campo vital universal.

Como sabem, os cometas são compostos de gases congelados. Em alguns tipos de cometas, os gases são iguais aos que compõem as atmosferas de vários tipos de planetas habitados. Quando os cometas se aproximam de um sol, esses gases congelados começam a degelar. No caso do cometa Hale-Bopp, os gases degelarão transformando-se na atmosfera do novo Maldec.

Esta é a sexta vez, desde a destruição de Maldec original, que o cometa Hale-Bopp e seu companheiro se materializaram em seu sistema solar. Nas duas ocasiões anteriores, ele desapareceu ao cruzar a órbita do Maldec original quando se ia na direção do sol, afastando-se, contudo, dele. O surgimento tridimensional mais recente desses corpos deu-se 13.005.623,8 anos terrestres atrás.

Nós, do estado aberto de percepção, esperamos que o novo Maldec neste momento manifestado permaneça no nível tridimensional do campo vital universal, assumindo a mesma órbita ao redor do sol do planeta Maldec original. Se isso ocorrer agora ou em qualquer época futura, os planetas e rades do sistema solar vão se rearranjar em suas posições orbitais originais, depois que os planetas e planetóides do sistema solar uma vez mais voltarem à vida, proporcionando estabilidade a suas almas nativas.

A presença do cometa e de seu companheiro a esta altura da história, bem como a possibilidade de restauração divina de todo o sistema solar, parece promissora, pois o companheiro tem aparecido com mais frequência atualmente do que jamais o fez em aparecimentos anteriores, e também porque trata-se da primeira aparição do companheiro desde o nascimento do Cristo. Não foi profetizado? “Haverá um sinal nos céus anunciando o segundo advento do Filho do homem.”

Eu, Sanza-Bix de Gracyea, verti para a forma escrita estas palavras. Doy de Maldec logo virá ter com vocês. Que nossos caminhos separados uma vez mais se encontrem e criem coisas boas e poderosas como fazem os caminhos dos números mais sagrados.

Sou Doy de Maldec e agora moro no planeta Nodia, onde atualmente sirvo como um dos nove embaixadores representantes da gente de Maldec na Federação. Narrei minha primeira experiência de vida na Terra e estou pronta a contar-lhe várias vidas por mim passadas na Terra depois disso. Estou contente por você outra vez estar bem fisicamente, integrante de Cre’ator, de forma que possamos continuar com o que concordamos fazer juntos.

TAMTA DOS BENFYVEES DA AUSTRÁLIA

O nome de meu pai era Fronk e de minha mãe era Salta. Por ordem de nascimento, fui seu quarto e último filho. Meu nome era Tamta. Sanza-Bix calculou para mim que esta vida que vou contar aconteceu uns 29 milhões de anos atrás. [Sharmarie: Conhecendo Sanza-Bix, ele pode ter errado por um dia ou dois, a mais ou a menos.] Calcula-se que a população humana da Terra na época era de aproximadamente 4,75 milhões. Sessenta e cinco por cento dessa população moravam na massa de terra por vocês chamada Austrália. Naquele tempo, o continente era um terço maior do que é hoje, assim como o continente da América do Sul, cuja massa de terra adicional estendia-se para o oeste. Partes da Antártica, atualmente cobertas pelo mar, ligavam-se à região sudoeste da América do Sul. Pode-se dizer que a América do Sul e a Antártica formavam na época uma única massa de terra. O Oceano Pacífico não era tão profundo quanto é hoje. Grande parte da água da Terra estava congelada em montanhas de gelo nos pólos geográficos do planeta. Havia então várias cadeias de ilhas por todo o Pacífico. A maioria dessas ilhas distava menos de 320 quilômetros umas das outras. Naquela época, aproximadamente 128 quilômetros separavam a Austrália da ilha de Bornéu. Viajando de barco, fazendo paradas, era possível viajar com bastante facilidade de ilha a ilha, a partir da Austrália até a América do Norte e do Sul. Sei que várias dessas ilhas ainda existem atualmente, estando, contudo, muito reduzidas em tamanho. Vocês as chamam Ilha de Páscoa, ilhas Cocos e as Galápagos. Não tenho intenção de lhes dar uma aula de geografia antiga, e sim apenas estabelecer claramente que a superfície de Terra de hoje é muito diferente da daquela minha vida.

Naquele época, a Austrália e as cadeias de ilhas que corriam em todas as direções a partir daquele continente

representavam aproximadamente 70% da massa de terra que veio a ser denominada o continente original de Mu. Quando Mu apresentava seu tamanho máximo, tinha uma população de cerca de 65 milhões de pessoas. No decorrer de um período de cerca de 2800 anos, os antepassados experimentaram várias diminuições progressivas dos efeitos prejudiciais da Barreira de Frequência. Ou seja, o povo de Mu original viveram no que é agora chamada uma das raras eras douradas. Durante essa era dourada em particular, os efeitos da Barreira de Frequência eram tão pequenos que espaçonaves vindas do planeta Nodia e de outros lugares aterrissavam periodicamente na Terra, e a casa de comércio de Cre'ator com efeito mantinha uma base no planeta. A base de Cre'ator era na verdade operada por gente nascida na Terra, pois, embora a Barreira de Frequência fosse muito fraca, depois de alguns meses ela perturbava em certo grau as pessoas do estado aberto.

Pessoas de fora do mundo normalmente iam embora da Terra antes de experimentarem fortes dores de cabeça e diminuição de suas capacidades mentais, sintomas sempre acompanhados por sonhos aterrorizantes. Esses efeitos inevitáveis ocorriam ainda mais rapidamente aos nascidos na Terra que talvez tivessem viajado a um planeta de estado aberto. Tais nativos da Terra ficavam completamente loucos em menos de quatro dias. Sua única esperança de recuperação era retornar o quanto antes à Terra.

Durante essa era dourada específica foram travadas quatro grandes batalhas no sistema solar entre as forças da luz e as forças da escuridão. Em cada caso a Federação impediu os invasores, de tomar posse física da Terra. Uma descrição dos efeitos secundários desses conflitos tomaria muito espaço deste texto. Mas posso dizer que desde aquele tempo até o presente a Federação fez todos os esforços para impedir que tal estado de guerra ocorresse novamente nas vizinhanças do planeta Terra.

Aproximadamente duzentos anos depois do último conflito no espaço, a Terra passou a sofrer mudanças geológicas. As temperaturas começaram a subir e o planeta começou a oscilar em seu eixo. O gelo dos pólos começou a derreter e os níveis dos oceanos se elevaram consideravelmente. Acompanharam esses acontecimentos grandes modificações mentais e físicas nas pessoas que viveram naquela época. Afinal, já não era mais possível às pessoas do estado aberto visitar o planeta nem nele viver.

Três mil anos depois, as mudanças geológicas extremas na Terra cessaram e começou a se desenvolver uma nova era dourada. Foi durante esse período que eu, Doy de Maldec, nasci, tornando-me conhecida como Tamta dos benfyvees.

O grupo de cerca de 350 mil pessoas que eu integrava chamava a si mesmo de benfyvees, que significa "descendentes dos deuses". Esse grupo fora formado várias centenas de anos antes de meu nascimento num lugar que hoje seria o sudeste da cidade de Perth. Os primeiros de nossa espécie se agruparam porque possuíam capacidades mentais muito superiores às da maioria das pessoas que viviam na Terra na época. Nosso relacionamento com os demais tipos de seres da Terra não era bom. Eles, em sua maior parte, nos temiam e evitavam entrar em contato conosco. De alguma forma, sobreviveram ao longo do tempo poucos conhecimentos de Mu antigo e das batalhas dos deuses, conhecimentos que formaram a base das várias histórias e lendas dessa gente, que pensava que de alguma maneira tínhamos relação com os horrendos acontecimentos ocorridos no passado misterioso.

Tomáramos conhecimento, por intermédio de comunicação telepática com pessoas de outros mundos, da Barreira de Frequência e sua história. Além disso, compreendíamos que a qualquer hora nossas capacidades mentais superiores poderiam se perder, até mesmo as de nossos descendentes.

Possuíamos a tecnologia para gerar eletricidade, e à noite iluminávamos as ruas de nossa única cidade, Murphakit. Nossas embarcações próprias para o alto-mar eram impulsionadas por velas e pela força elétrica gerada pelo vento e pelo sol.

A JORNADA DE 22 ANOS

Nossa sociedade era totalmente comunista e meu pai Fronk integrava o conselho regente composto por cerca de 100 membros. Quando eu tinha dezesseis anos, toda minha família, juntamente com cerca de mais 500 benfyvees, demos início a uma viagem de

navio ao redor do mundo. O propósito dessa viagem era aprender mais sobre o planeta e seus recursos naturais para nos ajudar a determinar se havia um lugar mais satisfatório para viver. Não havia nenhum prazo em relação a essa jornada.

Durante essa viagem, visitamos várias ilhas e continentes, e no final da viagem eu me casara com um homem chamado Ramcace, de quem tive um filho que chamamos Jercaro. Em várias ocasiões descemos à terra e percorremos seu interior com o fim de encontrar e explorar as ruínas de antigas cidades construídas por diversas culturas que tinham vindo e ido desde a destruição de Maldec. Percorri as alamedas da cidade por vocês chamada Tiahuanaco [Bolívia] e as ruas de Teotihuacán (a graciana Miradol). Também visitei a base da Grande Pirâmide de

Gizé quando seus quatro lados de calcário muito polidos ainda brilhavam como espelhos. Foi também na terra atualmente chamada Egito que morri junto com vários de meus companheiros benfyvees de viagem. Nossas mortes seguiram-se a um período de tremor físico incontrollável e febre. Eu tinha aproximadamente trinta e oito anos na época, portanto estivéramos viajando há mais de 22 anos.

Os primeiros dezesseis anos de minha vida como benfyvee foram dedicados à minha educação em nossos costumes e tradições. Fui educada em arqueologia e antropologia. Meu marido fora treinado em arqueologia e física. Praticamente todo benfyvee era arqueólogo. Na época, acreditávamos, corretamente, que podia-se aprender e reinventar mais, com maior rapidez, estudando os artefatos de culturas terrestres anteriores. Naquele tempo, o mundo estava repleto de coisas (instrumentos e veículos) que já não funcionavam. Na maioria dos casos, não fazíamos idéia de qual teria sido a finalidade de vários desses antigos aparelhos. Quando pedíamos a nossos contatos extraterrestres que nos contassem o propósito de certos aparelhos antigos e como os instrumentos realmente funcionavam, em geral a resposta era a afirmação: “Vocês terão de entender sozinhos. Ajudá-los violaria a principal diretriz da Federação e o plano mestre do Criador de Tudo Aquilo Que Existe.”

Mesmo sem ajuda do estado aberto, conseguimos reproduzir, ou pelo menos entender, alguns desses aparelhos provenientes de várias épocas que constituíam, para nós, nosso passado antiqüíssimo. Lembrem-se de que os artefatos dos quais falo; até mesmo os que um habitante da Terra hoje consideraria altamente técnicos e muito além de sua compreensão, espalhavam-se pela superfície do planeta. Muitos destes instrumentos foram fabricados por culturas que existiram separadas por milhares e até mesmo milhões de anos.

Sei que vocês farão a pergunta: “Para onde foram todos esses edifícios e aparelhos de alta tecnologia?” Há várias razões que comprovam essa evidência, que mostram sem dó vida a existência, em várias épocas na Terra, de muitas culturas antigas possuidoras de excepcional tecnologia. 1) Os efeitos da Barreira de Freqüência contribuíram para sua decadência. 2) Os efeitos dos elementos, com o passar do tempo, provocaram erosão natural e deterioração. 3) As mudanças geológicas cobriram muitos deles com terra, lava ou água. 4) A razão principal do desaparecimento de artefatos de alta tecnologia na Terra é que a Federação ou os destruiu no local em que anteriormente se encontravam, ou fisicamente os removeu da Terra ao longo de um período de vários milhões de anos.

Por que a Federação faria isso? Bem, seus integrantes consideravam essas coisas potenciais causadoras de problemas. As pessoas de Terra que contavam com a assistência telepática dos integrantes do lado escuro conseguiam obter as referências necessárias sobre um aparelho que poderia lhes proporcionar uma vantagem militar superior sobre os demais habitantes da Terra. Imaginem como seria o mundo hoje se os nazistas houvessem desenvolvido a bomba atômica primeiro. Os integrantes do lado escuro do estado aberto estavam ajudando os nazistas a desenvolver aviões de guerra a jato e espaçonaves movidas a campo quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao final.

Mesmo depois de milhões de anos, muitos aparelhos e artefatos antigos escaparam à detecção da Federação, permanecendo ainda em algum grau intactos à grande profundidade abaixo da superfície do planeta. [Objetos feitos à máquina, tais como para-fusos de metal, foram encontrados em depósitos de carvão, que segundo se calcula, contam milhões de anos. Nos anos de 1960 e 1970, foram publicados vários livros de bolso relacionando vários artefatos antigos que os cientistas não sabiam explicar. - W.B.]

Apenas edifícios projetados e construídos segundo a ordem da geometria sagrada foram poupados dos canhões sônicos da Federação. A Federação não permitirá que a principal diretriz seja violada e fará tudo em seu poder para impedir que as forças transgressoras da escuridão de qualquer forma a violem. A antiga cidade subterrânea de Trelba Sye e o que nela havia permaneceram inalterados pela Federação de forma que, algum dia, poderão ser usados como prova física para apoiar o que lhes contamos.

Em minha primeira vida, eu e meu marido Andart visitamos Trelba Sye e a cidade subterrânea de Shalmalar, “a cidade do mar dormente.” Nossas razões para fazer essas visitas diziam respeito aos deveres que na época a ele cabiam como chefe maldequiano da imigração de seres de outros mundos.

No início de minha jornada e explorações da Terra, que duraram 22 anos, velejamos rumo ao leste e paramos em numerosas ilhas em busca de antigos artefatos. A gente dessas ilhas ficaram boquiabertos diante de nossas quatro embarcações, a maior tinha quase 153 metros de comprimento; as outras três tinham por volta de 91 metros de comprimento. Durante essas visitas às ilhas, descobrimos as ruínas de muitas estradas bem construídas que desapareciam à beira do oceano, reaparecendo em outra ilha. Com isso quero dizer que várias seções dessas antigas estradas já naquele tempo estavam assentadas no leito do oceano a profundidades de vários metros. As próprias ilhas tinham originalmente sido colinas sobre as quais antigamente corria a estrada ligando um ponto a outro.

Encontramos alguns artefatos antigos nessas ilhas, mas não era fácil convencer os nativos a se desfazer deles. Eles consideravam muitas dessas coisas relíquias sagradas. Fico triste ao contar que lhes oferecemos bebidas alcoólicas fortes deles desconhecidas, conseguindo assim empacotar seus tesouros e fugir em nossos navios antes

que eles ficassem sóbrios.

Desde o início de nossa viagem, nossa frota era ocasionalmente cercada por vários tipos de espaçonaves do estado aberto. Posso dizer-lhes agora (embora não soubesse na época) que eram veículos espaciais saturnianos (sumerianos) fornecidos pela Federação e pelos grácianos. Também sei agora que algumas das espaçonaves por nós avistadas, em especial no Egito, eram naves operadas por pessoas cuja consciência residia no lado escuro do campo vital universal.

Existe um ditado universal: “Onde há mel, há abelhas.” De maneira semelhante, quando uma era dourada aparece estar se desenvolvendo na Terra, lá se poderá encontrar a Federação e também os que praticam os modos do lado escuro. Em várias ocasiões, testemunhamos a subida de naves sumerianas vindas das profundezas do oceano, desprendendo milhões de gotas de água que se formavam como prismas, cintilando com todas as cores do espectro visível. Era muito bonito de se ver. Visitas de espaçonaves do estado aberto de todos os tipos ocorriam pelo menos a cada semana de nossa viagem de 22 anos.

ILHA DE PÁScoa

Acabamos por chegar à ilha atualmente chamada Ilha de Páscoa. Naquele tempo, esse lugar era salpicado pelas inúmeras estátuas hoje lá encontradas, mas era possível ver apenas os topos dessas esculturas. Estou ciente de que acredita-se que o trabalho de esculpir, deslocar e erguer essas estátuas é atribuído aos antepassados dos atuais nativos. A verdade é que eles são responsáveis pela colocação de alguns dos chapéus de pedra existentes em algumas das estátuas antes de as desenterrarem dos locais de sepultamento nos quais elas permaneceram por um bom tempo antes de a ilha ser finalmente outra vez povoada por gente do mar do Pacífico sul.

Essas estátuas já contavam vários milhões de anos quando nós, benfyvees, descobrimos seus topos projetando-se a 30, 60 centímetros acima do nível do solo. Na época, não fazíamos idéia de como eram grandes, e não nos demos ao trabalho de desenterrar uma para determinar seu verdadeiro tamanho. Como nada mais encontramos na Ilha de Páscoa que nos interessasse, partimos depois de uma permanência de apenas três dias.

Em certas partes, a costa da América do Sul chegava a estender-se a cerca de 1930 quilômetros a oeste. Os limites do atual continente e suas antigas extensões ocidentais são agora representadas pela chamada Fossa das Marianas, com aproximadamente 3960 metros de profundidade. [Vários anos atrás, a imprensa noticiou que uma expedição científica que estava tirando fotos subaquáticas no fundo da Fossa das Marianas registrou uma edificação com várias colunas de estilo grego integrante de sua estrutura. Depois desse relato inicial nada mais foi dito sobre a fotografia ou as imagens que continha. - W.13.]

Naqueles tempos, as montanhas andinas eram bem mais baixas do que hoje. Elas gradualmente se elevaram à sua altitude atual à medida que a parte ocidental do continente começou a se desprender e afundar sob as ondas de um Oceano Pacífico montante. O que vocês atualmente sabem sobre movimentos de placas tectônicas e as várias interações entre as placas explica muito bem como gradualmente a costa ocidental da América do Sul afundou e as montanhas andinas se elevaram.

A América do Sul era então, como agora, de grande interesse científico para a Federação. Durante os quase seis anos e meio que nós, benfyvees, passamos explorando a parte ocidental do continente, chegamos a ver 50 espaçonaves de estado aberto voando em formação tanto de dia como de noite. Esses vôos eram realizados principalmente por sumerianos, ocupados com a remoção de certas espécies vegetais e animais da Terra e reintrodução de certas dessas espécies que, segundo tinham concluído, conseguiriam novamente sobreviver no planeta. Certa ocasião, vimos dois discos negros pousados no topo de uma colina. Fiquei muito apreensiva com sua presença. Embora não conseguisse imaginar o porquê, senti um pouco de medo da gente das estrelas e desejei nunca encontrar fisicamente alguém de sua espécie.

TIAHUANACO (BOLÍVIA)

Foi durante os seis anos, mais ou menos, em que vagamos pela América do Sul que me casei e tive meu filho Jercaro. Quando visitamos pela primeira vez a cidade chamada Tiahuanaco (na atual Bolívia ocidental) — era chamada então Prycobra pelos seus cerca de 400 habitantes — havia três mulheres para cada homem. Uma estranha doença estava exterminando os homens maduros a uma velocidade alarmante. Felizmente, essa doença não afetou nenhum dos homens de nosso grupo. Em Prycobra demos com uma galeria subterrânea repleta de aproximadamente 50 bastões de madeira quebrados, cobertos de pontas de metal que anteriormente fixavam refinadas pedras preciosas.

Quando vi pela primeira vez esses objetos, meu coração disparou. Sei agora que foi para Prycobra que os anciões maldequianos foram depois da explosão de Maldec e de lá emitiram ao príncipe Sant suas ordens, segundo

as quais meu marido, príncipe Andart, deveria transmitir seu posto temporário de alto governante maldequiano da Terra. Foi também a partir desse local que emitiram aos generais krates Sharber e Rolander suas ordens de matar os grácianos e todos os seres de outros mundos que tivessem qualquer relação com a construção da Grande Pirâmide de Mir. Os bastões de madeira que achamos tinham sido as varas vril pessoais dos anciões maldequianos. Vinte e oito pares dessas varas vril tinham sido usados para enviar a energia vril de reserva da Terra a Maldec. Sabe-se atualmente o que aquela energia fez ao planeta Maldec.

Entre as varas vril quebradas encontravam-se os restos petrificados do punho de madeira de uma espada larga marciana. Como essa peça foi parar entre as varas vril quebradas ainda não sei. Menciono esse fato porque o punho ficara petrificado, mas não a madeira com a qual as varas vril tinham sido feitas. Quando apanhei um pedaço de uma vara vril, uma descarga de eletricidade atravessou-me o corpo. Foi necessária toda a força de um homem benfyvee que estava perto de mim para tirar o bastão de minha mão. Os habitantes da cidade queriam as varas e o metal que nelas havia, por isso lhes demos os bastões.

Como vocês devem se lembrar da narrativa de minha primeira vida na Terra, Andart, eu e vários generais de krate fomos informados de que os anciões maldequianos viriam ao palácio de Her-Rood dentro de alguns dias e assumiriam o governo da Terra, contudo eles nunca chegaram, tampouco foram vistos novamente.

PERU

Deixamos Prycobra e seus problemas e fomos para o lugar atualmente chamado Planície de Nazca (localizada no atual Peru). Em Nazca observamos pequenas espaçonaves sumerianas descerem a alguns metros do solo, pairar durante um ou dois minutos e, de repente, alçar vôo em várias direções. Nazca era na época, como agora, um ponto central chave da antiga malha magnética da Terra. Posteriormente, foram feitas gravuras da planície de Nazca, representando animais e linhas que corriam em várias direções. Tanto as imagens dos animais como das linhas direcionais desenhadas pelos sumerianos desempenharam um papel importante na navegação, por parte desse povo, para certos pontos da antiga malha magnética do planeta, embora não fosse possível detectar a presença da antiga malha magnética com nenhum equipamento do estado aberto existente naquela época.

O uso de animais para localizar certos pontos na antiga malha funcionou muito bem. As imagens e linhas de Nazca foram desenhadas de modo a corresponder à programação de ADN (memória biológica) de certas espécies de animais, naquele tempo utilizadas para localizar certos pontos na malha magnética do planeta da mesma maneira como são usados cães para farejar o local de ocultação de contrabando ou o pombo-correio voltar a seu ninho. (Quando um pequeno imã é preso à cabeça do pombo antes de ele ser solto, o pássaro passa a voar em círculos até ficar exausto.) Os salmões e as enguias exibem suas próprias habilidades únicas ao navegar utilizando-se das linhas da malha magnéticas da Terra. As enguias saem dos fiordes noruegueses para desovar no mar de Sargaços no Caribe, para onde sua memória celular as instrui para ir, embora o(s) rio(s) nos quais seus antigos antepassados outrora desovaram já não existam, em razão de mudanças geológicas ao longo de muitos anos.

Vários dos edifícios (ou partes de edifícios restaurados) e estradas atribuídos aos incas foram construídos por culturas bem mais antigas, milhões de anos antes da existência da cultura inca.

Passamos mais dois anos explorando a parte oriental de América do Sul, a qual nos era consideravelmente mais interessante do que o continente da América do Norte. Durante certo período, a área hoje coberta pela floresta tropical amazônica tinha quase duas vezes seu atual tamanho. As plantas e animais da floresta viviam sossegados, longe dos humanos. Os sumerianos (saturnianos) haviam reintroduzido na região muitas plantas pré-Barreira de Frequência. Uma dessas plantas se ressentiu até mesmo dos fracos efeitos da Barreira de Frequência da época, sofrendo mutação que a fazia atingir um tamanho de cerca de dez centímetros e produzir uma fruta semelhante ao coco. Pássaros comiam esses frutos sem qualquer efeito prejudicial, mas quando o suco da planta era exposto ao ar, sofria uma alteração química. Quando esse extrato bioquímico entrava em contato com outras plantas, fazia com que elas produzissem o mesmo tipo de fruta, juntamente com as flores que lhes eram próprias, mas o suco desses frutos de segunda geração não apresentavam as mesmas propriedades bioquímicas dos frutos da planta original. A razão pela qual recordo esse extrato vegetal é que quando ela entrava em contato com certos metais e tipos de pedra, provocava sua liquefação. Se a pessoa trabalhasse rapidamente, conseguiria fazer um quadrado numa pedra, alisando quaisquer protuberâncias irregulares. Depois de aproximadamente 15 minutos, a pedra quente esfriava, mantendo a forma na qual fora esculpida. Nós, benfyvees, estávamos cientes de que esse era o método empregado por algumas culturas anteriores para moldar e encaixar muitos dos blocos usados em suas edificações. Alguns dos blocos moldados dessa maneira podem ser vistos nas paredes de várias estruturas erroneamente atribuídas aos incas. Essa planta aparece de vez em quando em pequenas nesgas da floresta tropical amazônica, mas nem sempre produz frutos que liquefazem metal e pedra.

Na época em que nós, benfyvees, encontrávamo-nos nos arredores do local onde cresciam essas plantas, havia

muito pouca gente vivendo ali. Essas poucas pessoas não tinham nenhuma ambição de construir qualquer coisa de pedra e não faziam nenhuma idéia absolutamente de que poderiam ter usado o suco do fruto para modelar rocha. [Os conquistadores espanhóis informaram que em pelo menos uma ocasião as fivelas e esporas de suas botas viraram líquido depois pisar num canteiro de plantas malcheirosas. Também contaram que o ouro (mas não a prata) era um dos metais que permaneciam inalterados pela ação do suco do fruto. - W.B.]

TEOTIHUACÁN E OS MASEMORS NO MÉXICO

Viajamos para o norte por terra até Teotihuacán (Miradol). Durante essa fase de nossa jornada, encontramos muitos objetos provenientes de civilizações anteriores, em especial do tempo em que Mu atravessava uma era dourada. O nome “Um,” no idioma universal da alma humana, significa “mãe” e a expressão “Mu Ma” quer dizer “a maior forma de energia vril que pode ser expressa ou emitida a partir de uma fonte fêmea pura” (energia da deusa).

Também encontramos muitas edificações construídas pelos grácianos nos tempos pré-Barreira de Frequência. Várias dessas edificações tinham sido soterradas pela Federação ou por ocorrências naturais, tais como erupções vulcânicas e inundações. Em Teotihuacán, encontramos uma tribo de cerca de 3500 pessoas ativamente cavando os montes que continham os antigos edifícios grácianos construídos segundo a ordem da geometria sagrada. Essa tribo chamava a si mesma os masemors. Tinham desenvolvido um alfabeto e em sistema de numérico, sendo obcecados por manter registros muito precisos de sua história. Ficamos cerca de um ano e meio com eles e aprendemos seu idioma. Grande parte da história da tribo estava repleta de narrativas de encontros com os “deuses do céu.” Contavam sobre crianças geradas pelos deuses que depois se tomavam seus líderes. O fato de seus líderes serem mais altos que o integrante médio da tribo e apresentarem pele mais clara comprovava essa história.

Os masemors tinham reproduzido instrumentos musicais que tinham sido fabricados primeiro por uma cultura anterior que lá vivera antigamente. À noite, as melodias vindas de suas flautas, apitos e instrumentos de corda davam origem a uma brisa claramente criada pela música sagrada e sua interação com as edificações grácianas descobertas lá existentes. Observamos que esse vento sagrado” fazia com que os ramos das árvores enraizadas nos montes a serem escavados balançassem ao ritmo da música sagrada. Enquanto a música tocava, os animais da floresta circunvizinha permaneciam sossegados e nós, humanos, entrávamos num estado de euforia. A música dos masemors era de um tipo atualmente chamado música Ra, composta de tons musicais (frequências) reveladas pela geometria sagrada corporificada na Grande Pirâmide de Gizé e outras edificações grácianas antigas. [Sanza-Bix: A música é típica da quarta dimensão (o micronível de percepção, que é um nível mais elevado do campo vital universal), pois requer tempo para ser completamente expressa desde o início até o fim.]

Durante nossa permanência com os masemors, nenhum morador da cidade adoeceu de qualquer forma. De fato, os masemors não sabiam o que era doença. O mais velho deles tinha por volta de 350 anos de idade (sua água continha muito pouco, senão nenhum, deutério). Por ano, nasciam apenas aproximadamente duas crianças na tribo dos masemors, mas nós, dos benfyvees, tivemos um aumento notável em nossa taxa de natalidade enquanto moramos na antiga cidade! Quando

estávamos prontos para partir, o chefe da tribo nos trouxe quatro adolescentes masemor (dois meninos e duas meninas), pedindo que os levássemos conosco, o que fizemos.

A REGIÃO DE BIMINI E SEU TEMPLO SAGRADO

Viajando rumo ao leste, chegamos à costa. Naquele tempo, a Flórida e a maioria das ilhas caribenhas, tais como Cuba e Haiti, ainda faziam parte da mesma massa de terra. A ilha de Bimini também era parte dessa massa de terra; ou seja, na época não era uma ilha. Havia dois fatos importantes em relação à região de Bimini: 1) havia várias fontes artesianas naturais nascidas nas profundezas da Terra e que definitivamente não continham deutério algum. 2) havia lá uma cidade originalmente construída pelo povo nativo da Terra pré-Barreira de Frequência. Embora os palácios e edificações de pedra não tivessem sido construídos segundo a ordem da geometria sagrada, eram muito atraentes. A população da cidade transbordara para cabanas circunvizinhas feitas de praticamente qualquer coisa em que seus construtores conseguissem por as mãos. As ruínas dessa cidade foram escavadas muito depois pelo povo da era dourada do reino da Atlântida. O assim chamado muro de Bimini ou estrada de Bimini é tudo o que resta atualmente desse antigo local. Conta-se que de vez em quando as fontes artesianas naturais isentas de deutério borbulham do leito oceânico. Esse fato deu origem às lendas da região sobre a assim chamada fonte da juventude.

Nessa de antiga cidade da Terra ficava o “templo mais sagrado da Terra, o Senhor Deus El do planeta Terra.”

Durante nossa visita a esse templo, descobrimos que ele se encontrava em ruínas e despojado de seus telhados de ouro e cobre. Foi de um dos telhados desse templo que Kevinar-Kale da Terra e seus amigos viram aparecer no céu o grande clarão de luz quando meu mundo natal de Maldec explodiu.

Acampamos durante cerca de dois meses na orla oriental da antiga massa de terra enquanto esperávamos que nossos navios e suas tripulações nos localizassem. Haviam navegado desde o Pacífico até o Atlântico sul atravessando uma rede de vias fluviais que ligavam as duas principais massas de água salgada. Essas vias fluviais faziam então parte das massas combinadas de terra da Antártica e América do Sul. Nossos navios tinham concluído a navegação dessas vias fluviais anos atrás, tendo navegado até o que se tornaria a Índia para deixar outros de nossos exploradores benfyvee. Cumpriram essa tarefa sabendo que nos iriam nos buscar numa data e lugar predeterminados. Depois disso nosso destino seria as antigas localidades no continente da África, que é bem maior. De fato, o que é atualmente chamado Índia e a ilha de Madagascar eram na época parte de África. Contávamos nos reunir aos demais integrantes de nosso grupo na terra atualmente denominada Egito. Nossa frota de navios estava atrasada uma semana, pois tivéramos de permanecer ancorados para reparar alguns danos provocados por uma tempestade.

ÁFRICA E OS BORMIANOOS TELEPATAS

Quando chegamos à África, descobrimos que ela era habitada por grande variedade de povos. Alguns eram tão primitivos mentalmente que nós, benfyvees, apenas os considerávamos um tipo de criatura que talvez fosse bom para comer. Foi a primeira vez durante nossas viagens em que nos armamos para nos proteger.

Já no primeiro dia de nossa chegada na África, avistamos espaçonaves do estado aberto voando por ali constantemente, dia e noite. Não era raro encontrar até cinco desses veículos pousados no solo. Sempre que aparecia um disco negro da Federação, era evidente a ausência dos outros tipos de espaçonaves.

Demos com quatro homens loiros vestidos de mantos verdes idênticos. Eram telepatas e falavam nosso idioma benfyvee. Sem que se fizessem apresentações, dirigiram-se a vários de nós usando nossos nomes. Disseram-nos que eram gente do estado aberto, vinda de um planeta chamado Borm e conseguiam tolerar apenas até certo ponto a Barreira de Frequência. Contaram que estavam na Terra para realizar certos estudos biológicos e geológicos em nome da Federação. Disseram também que só teriam de partir da Terra várias semanas depois de nosso encontro, pois calculavam que aquela altura começariam a sentir-se mal. Pediram e receberam nossa permissão para examinar fisicamente os quatro jovens masemor que trouxéramos conosco de Miradol (Teotihuacán). Foi com os bormianos que ficamos sabendo que as duas meninas masemor estavam grávidas.

Os bormianos achavam a coisa mais natural do mundo derrubar um humano primitivo à força de dardos tranqüilizantes, examiná-lo, e então deixar o espécime dormindo até acabar o efeito da droga, ao despertar encontrava a seu lado um pacote de doces vitaminados contendo vários tipos de medicamentos.

Nós, benfyvees, a pedido dos bormianos, doamos amostras de nosso ADN. Um dia depois, disseram-nos que todos em nosso grupo eram darmins maldequianos, menos eu, que era um quain maldequiano. Ouvíramos a história da destruição de Maldec de nossos pais, que tinham recebido telepaticamente as informações de gente do estado aberto. Mas esta foi a primeira vez em que ficamos sabendo que nossa ascendência de ADN mais antiga se iniciara no planeta Maldec. Ninguém, exceto eu, reagiu com sentimentos hostis ao ouvir isso. Percebendo meus sentimentos, um dos quatro bormianos veio me confortar. Acalmou-me tanto com palavras físicas como mentais. Quando nos despedimos, sentia-me novamente bem. Antes de se voltar para ir embora, ele disse:

“Desejo-lhe sucesso, Doy de Maldec, agora na pessoa de Tamta dos benfyvees. Espero que o Criador de Tudo Aquilo Que Existe a abençoe durante esta vida e todas as suas vidas ainda por vir.”

Quando chegou a hora de os bormianos irem embora, convidaram-nos a comparecer a sua partida. Viajamos aproximadamente 32 quilômetros, desde o lugar em que nos encontramos com os bormianos pela primeira vez até um local onde encontramos uma plataforma de pedra circular de cerca de 2 metros de altura e 23 metros de diâmetro. Dentro de três horas um disco negro exibindo marcas chamuscadas na fuselagem aterrissou na plataforma. Os bormianos envergavam trajes com chapas transparentes. Antes de entrar na nave, um deles disse:

“Desejamos-lhes sucesso. Tomem cuidado com os que operam as espaçonaves triangulares que trazem o símbolo de um homem com um braço quebrado.” À medida que o pássaro negro lentamente se erguia da plataforma, fiquei pensando em como seriam realmente os mundos do estado aberto. Quando a espaçonave subitamente desapareceu de minha visão, senti uma profunda sensação de solidão.

VOLTANDO PARA “CASA” NO EGITO

Cerca de dois anos depois, viajamos rumo ao norte para a terra atualmente chamada Egito, na época denominada “Ethromal, a terra das pirâmides”. Quando chegamos às pirâmides, fomos recebidos por nosso grupo que explorara o país ao leste, atualmente chamado Índia. Tinham chegado apenas alguns dias antes de nós.

Nós, dos benfyvees, adorávamos o país de Ethromal e as antigas edificações que salpicavam sua paisagem. O leito do Nilo era várias centenas de metros mais profundo do que hoje, de modo que o planalto arborizado no qual localizavam-se as pirâmides elevava-se proporcionalmente acima do nível do rio. Decidiu-se quase imediatamente que encontráramos o lugar para onde todos os benfyvees deveriam emigrar.

Começamos a construir uma cidade a oeste das pirâmides e enviamos uma mensagem a nossos navios ancorados no sul longínquo. A mensagem contendo uma descrição histórica de nossa longa viagem e de nossa decisão de morar permanentemente na terra de Ethromal seria levada de volta à nossa pátria pela frota. Sabíamos que poderia demorar até seis ou sete anos para vermos mais emigrantes de nossa terra.

Como tantos que vieram antes e depois de nós, ficamos maravilhados pelas pirâmides. Passávamos muito tempo tentando descobrir um modo de entrar em seu interior sem danificá-las.

Um rude, mas pacífico, grupo de caçadores percorria as florestas e pescava nos numerosos lagos na época existentes nas imediações das pirâmides. Com o tempo, passamos a negociar com os brutos que, na presença de uma mulher benfyvee, se comportavam como filhotes. A população local somava aproximadamente 9 mil pessoas; o que de mais próximo tinham de uma religião era a adoração dos deuses que por lá voavam no ventre dos pássaros de metal. Ficaram muito surpresos quando descobriram que não caíamos de joelhos como eles toda vez que uma espaçonave do estado aberto passava voando acima de suas cabeças.

A primeira onda de cerca de 20 mil emigrantes benfyvees começou a chegar quando prevíamos. No prazo de um ano, muitos de nós adoeceram gravemente e começaram a morrer. Não adoeci imediatamente; vivi para ver meu filho e depois meu marido falecerem. Os sintomas de sua enfermidade, assim como da minha, eram, no princípio, semelhantes aos da malária, seguia-se paralisia, acompanhada no fim por ataques convulsivos.

Pouco antes de passar a sofrer os ataques que acabaram por me matar, lembro-me de fitar a Grande Pirâmide. Oscilava entre o ódio por ela e o desejo de tornar-me uma parte amorosa dela e compreender tudo o que representava. Toda vez que sentia ódio pela pirâmide, uma voz que parecia emanar de sua forma sagrada sussurrava suavemente: “Descanse, Doy de Maldec. Saiba que a amo. Sou o Criador de Tudo Aquilo Que Existe.”

RARLA DE ROMA

Nasci no ano li para Vadius Gromius e sua mulher Aprela na cidade de Roma. Deram-me o nome de Rarla. Meu pai era armeiro da Guarda Pretoriana de elite do imperador Tibério. Também exercia as funções de agente do correio da guarda, providenciando a entrega de cartas pessoais dos soldados a suas famílias e amigos. As cartas endereçadas a qualquer soldado eram primeiro entregues em nossa casa antes de serem levadas ao palácio imperial três vezes por semana por meu pai.

Éramos considerados uma família rica porque possuíamos cerca de 18 escravos. Apenas seis eram homens que trabalharam para meu pai em sua oficina de fabricação de armaduras e armas. Os outros seis escravos eram meninas que trabalhavam dentro de nossa casa. Aprendi ler com minha mãe, que aprendera com sua mãe antes dela. Eu adorava observar o preparo de comida, mas eu mesma nunca tentei cozinhar. Era sinal de aristocracia a mulher recitar receitas de pratos que haviam provado e a cujo preparo tinham assistido. Eu desejava tanto ser uma dama aristocrática e percorrer Roma numa liteira, observando o que se passava nos vários mercados.

Como presente de décimo quinto aniversário, meu pai providenciou a realização de meu sonho. Arranjou para que minha mãe, ele e eu fôssemos carregados numa liteira de um extremo a outro de Roma num giro completo. Foram necessários todos os escravos que ele possuía ou conseguiu emprestar para executar tarefa tão hercúlea. Guardas montados e cavalo, que tanto conduziam os carregadores da liteira como tiravam de nosso caminho os pedestres, mandavam escravos que seguiam correndo substituir os que estavam a ponto de desmaiar. Fiquei sabendo depois que esta excursão de liteira através da cidade era objeto de uma grande aposta feita por meu pai com alguns de seus amigos. Também descobri depois que, semanas antes da “grande corrida de liteira,” todo homem livre e todo escravo de Roma que tinha meios estava apostando se a liteira alcançaria ou não seu pretendido destino a tempo.

Meu pai ganhou a aposta, e para comemorar levou-me (minha mãe não quis ir) no dia seguinte a uma luta privada de gladiadores. Logo descobri por que mamãe não quis assistir tal competição. Novamente foram apostadas grandes somas de dinheiro no resultado das contendidas. Três pares de homens lutaram uns com os outros até a morte. Até mesmo os três vencedores ficaram muito feridos. Como recompensa por sua vitória, foram mortos por setas vindas da platéia. Naquela noite bebi vinho até desmaiar.

O imperador Tibério tornara-se recluso, residindo na ilha de Capri. No ano 28 eu contava 17 anos quando,

subitamente, foram convocadas novas tropas da Guarda Pretoriana para substituir seus colegas que protegiam o imperador em Capri. A ordem repentina deixou com que grande volume de correspondência e armadura não fosse entregue. Esse fato tornou necessário que meu pai fosse a Capri para entregar a correspondência e toneladas de objetos pessoais deixados para trás pelos soldados substitutos.

Todo o pessoal de nossa casa, inclusive os escravos, saíram de Roma e foram a Capri. Meu pai notou que, no trajeto de nossa viagem, nunca encontramos nenhum dos pretorianos substituídos marchando de volta a Roma. Quanto mais nos aproximávamos de Capri, mais encontrávamos grandes grupos de legionários (soldado de linha romano). Nossos carregamentos de correspondência e armaduras foram revistados muitas vezes antes de recebermos permissão para prosseguir.

Este mistério foi solucionado quando o capitão do navio que nos levaria à ilha de Capri contou a meu pai que uma grande força militar liderada por um nobre romano realizara um atentado contra a vida do imperador. A maior parte da Guarda Pretoriana do imperador foi morta defendendo-o. Os assassinos invasores foram derrotados quando uma guarnição de legionários de linha baseada no continente veio para socorrer o imperador. A princípio ordenou-se que o atentado contra sua vida fosse mantido em segredo, mas a notícia acabou vazando. -

Em Capri apenas uns poucos integrantes da guarnição pretoriana original ainda estavam vivos, e sua coragem fez com que o imperador os promovesse oficiais. Entre esses oficiais recém-promovidos havia um jovem chamado Geonius. Pouco mais de um ano depois (em 30) ele se tornaria meu marido.

Minha vida em Capri começou quando o imperador encarregou meu pai que era o mestre dos escribas que copiassem à mão centenas de proclamações imperiais a serem despachadas e cuidassem de todas as mensagens que chegassem. Meu pai conseguiu esse trabalho porque o homem que o realizava antes dele fora morto na recente invasão malfadada.

No ano 32, eu tinha uma filha de um ano de idade a quem dei o nome de minha mãe. Foi nesse ano que Caio Júlio César Germânico, de 20 anos de idade, veio morar como imperador Tibério. Esse sujeito também era chamado Calígula. [O nome Calígula foi um apelido dado a ele pelos soldados de seu pai, Germânico César. Significa “coturno militar.” - W.B.] Embora Tibério tivesse ordenado a morte da mãe de Calígula, Agripina I, e de seus dois irmãos mais velhos durante um expurgo, Calígula caiu nas graças do velho imperador, que ainda tinha sentimentos de gratidão pelo apoio militar dado pelo pai de Calígula durante várias tentativas de golpe. Como Calígula se parecia fisicamente com o pai e tinha seu nome, creio que esse fato o salvou do mesmo destino de sua mãe e irmãos. Quando Tibério morreu, Calígula proclamou-se imperador e começou a matar todos os parentes de Tibério que poderiam algum dia reivindicar o trono imperial. Alguns acreditavam que Calígula ficou mentalmente desequilibrado devido a uma enfermidade por ele sofrida em 37, mas garanto-lhes, esse sujeito sempre foi louco. Não há necessidade de recontar aqui as loucas, cruéis e horríveis torturas por ele ordenadas.

De fato, naquela vida meu pai era carinhoso com a família, mas exultava ao assistir a homens matarem-se uns aos outros em combates de gladiadores. Em 40, Calígula mandou decapitar meu pai, porque suspeitava que ele fazia parte de uma conspiração para derrubá-lo. Falsamente acusou meu pai de alterar o conteúdo de despachos militares por ele enviados a seus comandantes que estavam lutando no que é hoje a Alemanha. Como os alemães tinham derrotado os soldados romanos, que estavam seguindo as divinas instruções militares de Calígula (emitidas de boa distância), na cabeça de Calígula, a única razão possível para sua derrota era a alteração de suas ordens feita por alguém antes de elas serem despachadas. Desse modo, meu pai estava bem no topo da lista dos bodes expiatórios de Calígula.

Em 41 fiz trinta anos. Calígula tinha 29 quando meu marido, Geonius, juntamente com vários outros oficiais da Guarda Pretoriana, mataram-no a golpes de espada. A Guarda Pretoriana então proclamou o tio de Calígula, Cláudio I, imperador do Império Romano. Cláudio não foi um governante tão ruim, mas o sucessor que escolheu era praticamente Calígula reencarnado. Seu nome era Nero. Nero era filho adotivo de Cláudio e filho de sangue de Agripina II (irmã de Calígula), a segunda de duas esposas de Cláudio. É verdade que quando Agripina teve certeza de que Nero sucederia a Cláudio, envenenou seu marido para apressar a coroação de Nero.

Nero tornou-se imperador aos 17 anos de idade, eu tinha quarenta e três. Minha filha de 23 anos de idade também casou-se com um soldado pretoriano e teve dois filhos. Nero, seguindo o conselho de sua mãe Agripina e do companheiro dela, Burrus, o prefeito (comandante supremo) da Guarda Pretoriana, ordenou que todos os soldados pretorianos que participaram do assassinato de Calígula fossem passados à espada juntamente com suas famílias. Agripina e Burrus não queriam que nenhum desses soldados tivessem a idéia de fazer a mesma coisa a seu fantoche, Nero.

Quando chegou minha vez de ser executada, olhei o rosto do jovem pretoriano pronto para me golpear com sua espada. Durante vários segundos, ele hesitou. Nesse intervalo seus trajés mudaram diante de meus olhos. Transformou-se num belo jovem loiro que levava nos dedos indicadores as cobras douradas dos krates maldequianos reais. Lágrimas lhe corriam pela face. Quando eu recuperei os sentidos meu carrasco pretoriano

também estava derramando lágrimas. Quando sua espada atingiu-me, não senti nenhuma dor.

SAPEENA DOS SÊNECAS

Contarei a breve vida que passei na Terra como Sapeena dos Sêneca (tribo de índios norte-americana). Falo dessa vida porque foi a última que experienciei em seu planeta e a última vez que vivi sob a influência da antinatural Barreira de Frequência.

Eu tinha aproximadamente sete anos de idade quando meu pai, Tartaruga Negra, foi para a guerra em companhia de nossos aliados casacas vermelhas, os britânicos. Isso aconteceu no inverno de 1775, durante a Revolução Americana. Meu pai nunca retornou daquela guerra e, em 1777, com idade de nove ou dez anos, morri numa saraivada de balas de mosquete ianques.

Éramos membros de uma divisão da tribo indígena norte-americana chamada Sêneca. Os sênecas eram uma das cinco nações integrantes da Liga Iroquesa — formada pelas seguintes nações: oneida, cayuga, onondaga, mohawk e Sêneca. Essas nações tinham em comum culturas semelhantes e o mesmo idioma (iroquês). Nosso grupo de sênecas morava próximo às margens do rio Genesee, localizado no atual estado de Nova York.

Em criança, passei muito tempo deitada de costas, às vezes com outras crianças, esquadrinhando milharais ou outra plantação, à procura de minha mãe, atarefada a trabalhar ali por perto com outras mulheres de nossa tribo. Meus primeiros anos daquela vida foram repletos de perplexidade. Mesmo depois de aprender a andar e falar, eu existia num estado de completa confusão. Meu estado alienado da realidade era bastante óbvio a todos a meu redor. Meu comportamento estranho fazia com que curandeiros curiosos vindos de toda parte me seguissem e observassem todos os meus movimentos. Todos eles concluíram que eu fora tocado pelo Grande Espírito — concluíram que eu era louco.

Embora eu fosse bem-alimentado e cuidado, não conseguia resistir a pegar comida ou coisas dos outros. Se qualquer coisa desaparecia, a pessoa a quem pertencia o objeto simplesmente vinha à minha casa para reavê-la. Eu nunca escondia nada do que pegava. Colocava, para quem quisesse ver qualquer objeto que tivesse “emprestado” numa pilha ao lado de nossa casa. Não era castigado por meus atos, pois acreditavam que se eu fosse punido o Grande Espírito ficaria muito bravo com quem ministrasse o castigo. As pessoas que me viam vindo corriam para mim e me davam algo na esperança de que eu me fosse embora antes de queimar completamente sua casa.

Eu contava cerca de cinco anos de idade quando duas canoas cheias de homens brancos vindos do norte foram ter às margens do Genesee. Um dos homens brancos que vieram à nossa aldeia vestia um traje negro. Era conhecido pelo nome de padre Pierre. Sua missão em nossa aldeia era tentar o que outros colegas seus tinham já tentado muitas vezes: converter-nos, aos sênecas, à religião cristã.

Quando o padre Pierre ouviu falar de Sapeena, o louco, fez-me uma visita. Falou em iroquês muito bom quando nos sentamos com minha mãe próximo a meu monte de objetos empilhados. Perguntei-lhe se me trouxera um presente. Depois de pensar um momento, tirou de uma bolsinha uma medalha com a imagem de um santo e a deu para mim. Segurei-a na mão durante todo o encontro. Pouco depois fiquei sabendo que ele informou a nosso chefe que eu não fora tocado pelo Grande Espírito, estava sim, em vez disso, possuído pelo demônio. Ofereceu-se para expulsar de mim o espírito mau, e o chefe lhe deu permissão para tentar. [Sharmarie: “O chefe era provavelmente uma velha alma marciana e pensou: Que diabos, o que custa tentar?”]

Meu exorcismo foi um grande acontecimento em minha aldeia. Centenas de membros de meu povo se reuniram ao redor minha casa e começaram a bater em tambores. Quando padre Pierre chegou, disse-lhes que parassem de tocar. O padre trouxe consigo uma estatueta de metal da Virgem Maria, um crucifixo de madeira, velas e o que parecia ser um estoque inesgotável de água benta. Depois de purificar nossa casa com fumaça e água benta, passou a rezar em latim. Logo dei por mim rezando com ele na mesma língua. Quando percebeu que eu estava rezando com ele em latim fluente, entrou em estado de choque e começou a rezar pedindo a proteção dos anjos em seu idioma materno, o francês. Pensei em ajudá-lo um pouco, então repeti tudo o que ele disse em francês. O pobre homem primeiro pensou que eu tinha jeito para a imitação, então me testou, fazendo várias perguntas em francês, latim, celta e alemão. Ficou mais admirado ao descobrir que meu conhecimento desses idiomas era até mesmo mais extenso que o seu. Desistiu de tentar expulsar o diabo de mim, resignando-se a escutar-me falar em francês o que eu sabia sobre a vida e morte de Jesus Cristo. Depois de mais de duas horas, perguntou-me se eu já encontrara Satanás (o diabo). Respondi que tinha certeza que sim, sob muitas formas — uma vez como Marduk e uma vez como Calígula.

Padre Pierre pediu que eu fosse com ele a um lugar chamado Montreal, mas o chefe negou-lhe o pedido. Quando o chefe lhe perguntou se eu estava tocado pelo Grande Espírito ou possuído pelo diabo, o padre Pierre respondeu-lhe francamente, dizendo ainda não saber qual era o caso. Meu povo considerou a rápida partida de padre Pierre de nossa aldeia um tipo de vitória — uma vitória pela qual eu, Sapeena, era responsável. Os presentes

que eu recebia agora eram acompanhados de pedidos de orientação e ajuda espiritual de toda sorte. Cada um dos chefes das cinco nações vinham a mim em busca de “poderes de batalha” que, presumiam eles, eu poderia lhes conferir.

Uma das condições que nossos chefes acabaram impondo aos comandantes britânicos em troca de sua ajuda militar era que os comandantes viessem me visitar ou me mandassem um presente valioso. Em breve reuni uma coleção bem grande de cachimbos de barro, colheres, cobertores e a imagem do rei Jorge III pintada em praticamente tudo que se possa imaginar.

O único comandante britânico a me visitar pessoalmente foi o coronel St. Leger que passou por nossa aldeia em busca de mais de nossos guerreiros para completar suas fileiras. Falamos em inglês. Observou que algumas das palavras inglesas que eu falei eram arcaicas, não fazendo parte do idioma inglês há várias centenas de anos. Coronel St. Leger tinha o hábito de olhar desgostoso para seu relógio de bolso quebrado a cada cinco minutos, mais ou menos. Eu já tinha visto um relógio, mas nenhum tão bonito. Pedi-lhe que me deixasse segurá-lo. A caixa era de ouro maciço. Quando lhe devolvi o relógio, estava funcionando perfeitamente. Colocou-o no ouvido, sorriu e disse: “Obrigado, Sapeena. Pensei que o único lugar onde poderia mandar consertar este relógio fosse Londres. Como você se sai com cavalos rebeldes?”

Antes de o coronel St. Leger ir-se embora de nossa aldeia, deu-me uma caixa de música quebrada com um navio pintado na tampa. Quando a deu para mim, disse: “Não a dou a você porque está quebrada. Não sei consertá-la, nem consigo encontrar quem saiba. Talvez sua magia a recupere. O coronel montou seu cavalo e eu abri a caixa, que imediatamente passou a tocar a melodia de um tipo de cantiga de marujos. Ele riu alegremente e repetiu várias vezes: “Veja só, Sapeena, veja só, sua bruxinha.”

Tanto minha mãe como eu sentíamos falta de meu pai. Não o víamos há mais de um ano e um meio. Certa manhã, despertamos e encontramos seus mocassins cheios de penas do lado de fora da entrada de nossa casa. Tinham sido colocados ali por um de seus camaradas para nos informar que ele estava morto.

Como a maioria de nossos homens estava longe lutando contra os ianques, decidiu-se que nosso bando se dividiria em vários grupos para viajar a outras aldeias sênecas localizadas mais ao norte e oeste, pois mais gente significava mais segurança. Minha mãe e eu fazíamos parte de um grupo de cerca de 20 pessoas que partiu rumo ao Canadá sob a liderança de um velho mestiço chamado Louis. No quarto dia de nossa jornada, fomos localizados por uma tropa de cerca de 15 ianques armados. Abriam fogo contra nós. Encontrávamo-nos numa clareira sem nenhum lugar onde pudéssemos nos esconder. Minha mãe e eu fomos atingidas e caímos mortas quando tentávamos correr para a floresta. Isto pôs fim à minha vida como Sapeena dos sênecas.

Segundo meus cálculos, no ano terrestre de 1827, passei novamente a viver no plano tridimensional do campo vital universal. Nasci então de pais maldequianos darmins no planeta Nodia. Tenho atualmente aproximadamente 170 anos terrestres de idade.

Desejo profundamente que minhas narrativas de algumas de minhas vidas passadas na Terra serão valiosas a quem as ler. Agradeço a Sanza-Bix de Gracyea e a você, um integrante de Cre’ ator, por me ajudar a registrar minhas recordações.

Sou Doy de Maldec.

*Grande parte da tecnologia empregada atualmente na propulsão de espaçonaves interestelares e intergalácticas foi desenvolvida a partir de estudos de fatores de campo vital universal que teriam harmoniosamente feito parte da função de elos de portão estelares gerados por pirâmides.

Comentários Finais

A série “Através de Olhos Alienígenas” continuará em futuros números da Amaluz. Muitas (mas nem todas) as narrativas extraterrestres a serem ainda apresentadas procederão de pessoas que nunca passaram nenhuma vida na Terra que tenha sido influenciada pela Barreira de Frequência. Essas pessoas narrarão sobretudo o que aconteceu na Terra ao longo da história da Barreira de Frequência e como esses acontecimentos afetaram suas vidas pessoais e as de outras pessoas do estado de existência mental aberto irrestrito.

Estes colaboradores extraterrestres apresentarão tanto suas opiniões pessoais como as opiniões de funcionários de Federação sobre o estado de coisas hoje na Terra e o que provavelmente acontecerá no futuro próximo. Vão nos contar o que sabem sobre a Federação e os planos do lado sombrio para o planeta e descreverão bases extraterrestres na Terra e em outros locais do sistema solar, revelando em detalhes o que exatamente os governos da Terra sabem sobre extraterrestres e suas atividades passadas e em andamento em todo o mundo.

Milhares de pessoas que leram Knowledge from the Stars, Dragons and Carriages (Conhecimento Vindo das Estrelas, Dragões e Carruagens) e os artigos “Através de Olhos Alienígenas” na revista entraram em contato comigo, dizendo: “Já sabia que estes acontecimentos do passado remoto da Terra eram verdadeiros. Não sei como eu sabia. Consegue explicar isto?”

A resposta é bastante simples. Esses leitores têm recebido as mesmas mensagens telepáticas que eu, Wes Bateman, venho recebendo há mais de 35 anos, mas num nível mais subconsciente. Os meus textos apenas organizam os fatos numa ordem completa, levando-os à atenção consciente da pessoa. Quando isso é feito, estabelece-se um vínculo entre a consciência e a memória subconsciente. Meus amigos, vocês se surpreenderão ao descobrir que sabem mais que imaginam que sabem sobre extraterrestres e sua relação com a história da Terra e do sistema solar local.

Em razão das muitas solicitações de informações mais detalhadas, decidiu-se pela publicação de dois boletins que serão chamados The Path (O Caminho) e The Scarab (O Escaravelho). The Path estará disponível, por meio de assinatura, apenas às pessoas plenamente familiarizadas com o material encontrado nos livros e artigos mencionados acima. Esse boletim conterá mensagens extraterrestres atualizadas relativas a acontecimentos mundiais e outros assuntos únicos de interesse. O boletim The Scarab estará disponível, por meio de assinatura, apenas a quem possuir uma cópia numerada (cópia registrada) de minha série de quatro livros The Rods of Amon Ra.

O assinante deve possuir os livros mencionados acima de forma a conseguir entender o conteúdo dos boletins, que se baseará nas informações fornecidas nesses livros.

Ondas FEB (frequência extremamente baixas) naturais geradas por raios na forma de pulsações de luz logo estarão disponíveis ao vivo pela Internet. A primeira fonte do sinal de FEB localizar-se-á em São Francisco (Estados Unidos). As fontes de sinal serão ampliadas de forma a serem originadas a partir de Sedona, Arizona; Las Vegas, Nevada; Pagosa Springs, Colorado; Cairo, o Egito e Teotihuacán, México. Foram produzidos protótipos dos diapasões Ra, bem como amostras de música Ra.

Para obter informações sobre os boletins, sinais FEB da Internet, diapasões Ra e música Ra, queira escrever para meu endereço ou e-mail constantes neste artigo.

Quero agradecer todas as pessoas que me enviaram seu amor e energias curativas durante o tempo em que estava me “sentindo abatido.” Estou me sentindo muito bem agora, e sei que seus esforços amorosos em meu benefício tiveram papel preponderante em minha plena recuperação.

- Wes Bateman.

Comentários do “montador” deste livro

Meus parabéns por ter adquirido estes textos que a tanto custo foram montados e que, espero, sejam de grande utilidade no despertar de sua consciência para a realidade maior que existe ao nosso redor.

Estas histórias são uma compilação dos textos publicados pela revista Amaluz (www.amaluz.com.br). Quando esta publicação decretou falência, fui até lá para adquirir as últimas revistas em estoque, tendo já em mente a intenção de montar este livro com os diversos capítulos publicados em mais de 20 revistas. Cada revista foi cuidadosamente escaneada e o texto obtido foi corrigido (talvez ainda restem alguns errinhos que me tenham escapado).

Infelizmente não foi possível obter todos os capítulos publicados pela revista, mas acredito que o que está neste livro deve ser o bastante para que o leitor possa ter aquela curiosa sensação de que as histórias deste livro “não são novas”.

O sr. Wesley Bateman publicou recentemente todos estes textos em um único livro, chamado Through Alien Eyes (vide capa abaixo) que, por enquanto, encontra-se à disposição apenas em inglês e pode ser comprado em qualquer site de livrarias internacionais, como a *Amazon.com*.

Boas lembranças...

